



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA

---

MARIGILDA ANTÔNIO CUBA

**ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO DO TERRITÓRIO  
INCARACTERÍSTICO**

**Volume I**

---

Londrina  
2015

MARIGILDA ANTÔNIO CUBA

**ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO DO TERRITÓRIO  
INCARACTERÍSTICO**

**Volume I**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, área de concentração - Linguagem e Significação, da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor.

Orientadora: Profa. Dra. Aparecida Negri  
Isquerdo

Londrina  
2015

**Catálogo elaborado pela Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central da  
Universidade Estadual de Londrina**

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)**

C962a Cuba, Marigilda Antônio.  
Atlas linguístico topodinâmico do território incharacterístico / Marigilda  
Antônio Cuba. – Londrina, 2015.  
2 v. : il.

Orientador: Aparecida Negri Isquero.  
Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de  
Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação  
em Estudos da Linguagem, 2015.  
Inclui bibliografia.

1. Atlas linguístico topodinâmico – Teses. 2. Língua portuguesa – Variação  
– Teses. 3. Território incharacterístico – Teses. 4. Dialetologia pluridimensional  
– Teses. I. Isquero, Aparecida Negri. II. Universidade Estadual de Londrina.  
Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Estudos  
da Linguagem. III. Título.

CDU 806.90(81)-087.9

MARIGILDA ANTONIO CUBA

**ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO DO TERRITÓRIO  
INCARACTERÍSTICO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Área de concentração - Linguagem e Significação, da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientador: Profa. Dra. Aparecida Negri  
Isquerdo  
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul –  
UFMS

---

Prof. Dr. Cléo Vilson Altenhofen  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul –  
UFRS

---

Prof. Dr. Abdhack Rasky  
Universidade Federal do Pará – UFPA

---

Profa. Dra. Vanderci de Andrade Aguilera  
Universidade Estadual de Londrina – UEL

---

Profa. Dra. Fabiane Cristina Altino  
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Londrina, 13 de abril de 2015

*Ao meu amor, meu marido, Marcos Cuba, companheiro de tantos anos e de todas as horas, que tantos caminhos percorreu comigo e tantas descobertas fizemos juntos. “Deus mudou o teu caminho até juntares ao meu e guardou a tua vida separando-a para mim. Para onde fores, irei; onde repousares, repousarei. Teu Deus será o meu Deus. Teu caminho o meu será”. (Rute1:16-17).*

## AGRADECIMENTOS

Um trabalho dialetológico é sempre resultado da união de muitas forças, portanto, é impossível listar todos os que contribuíram para este resultado. Contudo, expressarei minha gratidão aos que contribuíram diretamente para sua realização.

Agradeço a todos que caminharam comigo e, em especial:

A Deus, acima de tudo, que me presenteou com pessoas e momentos tão especiais;

Ao meu amado esposo Marcos Cuba, parte integrante de meu sucesso, pela companhia nas viagens, pelo auxílio com a Informática, na busca aos informantes, pela companhia, amor e respeito ao meu projeto de vida. Sem seu apoio incondicional este trabalho não seria possível.

Aos meus amados filhos, Alex e Luciano, que são o sustentáculo das minhas realizações, e dos quais, por tantas vezes, abdiquei da companhia em prol desta pesquisa;

Às minhas noras queridas, Andréia e Estefânia, pelo incentivo, carinho e compreensão;

À orientadora, Professora Dra. Aparecida Negri Isquierdo, por ter me guiado pelos caminhos da Dialetologia no Mestrado e no Doutorado, pelo carinho, amizade e paciência que sempre a mim dedicou;

Ao professor Dr. Cléo Vilson Altenhofen, pelas oportunas observações e sugestões, por ocasião do SEDATA, do Exame de Qualificação e por ser sempre tão gentil quando consultado;

Aos professores Dra. Vanderci de Andrade Aguilera, Dr. Felício Wessling Margotti e Dr. Abdelhak Rasky, pelas importantes contribuições no Exame de Qualificação;

Aos membros da Banca Examinadora da defesa da Tese por terem nos concedido a honra de avaliar o produto desta pesquisa;

À equipe de transcritoras, Amanda Chofard, Anna Carolina Chierotti e Mariana Spagnolo Alves da Silva, pelo profissionalismo com que se dedicaram às transcrições dos inquéritos;

Ao Ângelo Franco do N. Ribeiro, pela dedicação com que elaborou o modelo de carta-base que deu origem às outras cartas linguísticas;

À professora Me. Luciene Gomes Freitas Marins, pela criação do designer e cartografia dos dados;

A cada um dos informantes que fomentou esta pesquisa, pela disponibilidade com que se colocou à nossa frente. Sem eles, não seria possível o trabalho dialetológico;

À CAPES, pelo incentivo financeiro por meio da concessão da bolsa que viabilizou a realização da pesquisa;

Há muitos mais a quem agradecer. A todos aqueles que, embora não nomeados, participaram com suas presenças afetivas, o meu reconhecido e carinhoso muito obrigada!

Todos vocês são coautores deste trabalho.

CUBA, Marigilda Antônio. **Atlas linguístico topodinâmico do território incaracterístico**. 2015. 2v. Tese (Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

## RESUMO

Até meados do século XX, a área compreendida entre a fronteira boliviana do Brasil com Mato Grosso e entre este Estado com Amazonas, Pará e o então Estado de Goiás era mata fechada e praticamente inabitada, fatores que levaram o linguista brasileiro Antenor Nascentes, em 1953, a considerar essa região como incaracterística do ponto de vista linguístico, na sua proposta de divisão dos falares brasileiros em seis subfalares, reunidos em dois grupos: o do norte (amazônico, nordestino e baiano) e o do sul (fluminense, mineiro e sulista). Nessa divisão considerou como “território incaracterístico”, a zona entre a fronteira boliviana (rios Verde, Guaporé, Mamoré até Abunã) e a fronteira de Mato Grosso com o Amazonas e o Pará, cuja área abrange, atualmente, localidades da região Centro-Oeste (norte de Mato Grosso e oeste de Goiás) e Norte (leste de Rondônia e oeste de Tocantins). Essa área, nas décadas de 40 e 50, sofreu uma grande urbanização, devido a Projetos de povoamento do Oeste do País, como a Marcha para o Oeste, a transferência da capital federal para Brasília, a abertura de rodovias pavimentadas, a mecanização da agricultura, dentre outros fatores, que provocaram um intenso direcionamento dos fluxos migratórios para essas áreas. Do mesmo modo, os modernos meios de transporte e a tecnologia da informação colaboraram para tornar possível a busca de caracterização dessa área. Considerando esse contexto, subsidiada pelos pressupostos teóricos da Dialetoлогия pluridimensional e relacional, com foco em sua vertente topodinâmica, esta Tese tentou, por meio da elaboração do Atlas Linguístico Topodinâmico do Território Incaracterístico – ALTTI, documentar e descrever as variedades do português falado na área conhecida como território incaracterístico na denominação de Nascentes (1953). Foram objetivos específicos deste estudo i) identificar as variedades e variantes que compõem o português falado nessa região e que, sabemos, provêm, em grande parte, de migrações de áreas linguísticas distintas do português brasileiro; ii) descrever o produto variável do contato intervietal entre essas variedades migradas no estágio atual; iii) verificar se há mudanças linguísticas em andamento, produto do contato intervietal, evidenciadas na fala dos informantes das diferentes localidades que compõem a rede de pontos e; iv) fornecer dados linguísticos que poderão contribuir para o aprimoramento do ensino/aprendizagem da língua portuguesa. O estudo desenvolveu-se em onze localidades: duas em Rondônia – Guajará-Mirim (RO1) e Ji-Paraná (RO2); sete em Mato Grosso – Aripuanã (MT1), Guarantã do Norte (MT2), Luciara (MT3), Juara (MT4), Sinop (MT5), Diamantino (MT6) e Nova Xavantina (MT7); uma em Tocantins – Formoso do Araguaia (TO1); uma em Goiás – Pilar de Goiás (GO1), escolhidas considerando-se: i) distribuição geográfica (dentro e nos limites do traçado de Nascentes (1953)); ii) fatores motivadores da colonização e povoamento da localidade; iii) grupos migratórios responsáveis pelo povoamento; iv) aspectos da sociologia da localidade. Em cada localidade, foram inquiridos dois homens e duas mulheres, de 18 a 30 anos, nascidos na localidade, com escolaridade até o Ensino Médio e dois homens e duas mulheres, de 55 a 70 anos, vindos de outros Estados da Federação, com escolaridade até o Ensino Médio, já que havia, sempre que possível, dois informantes com o mesmo perfil, atendendo, assim, à pluralidade simultânea de informantes, critério adotado para a pesquisa. O Atlas Linguístico, produto da Tese, contém 07 cartas introdutórias e 103 cartas linguísticas divididas em 16 fonéticas, 69 lexicais, 12 morfossintáticas e 06 sintéticas. Os dados nos levam a propor a existência uma área multivietal que mostram, de modo geral, o contato entre duas principais frentes migratórias: uma mais nortista, que se estende a leste e a oeste do “território incaracterístico”, e outra mais sulista, sobretudo, paranaense e rio-grandense que avança, sobretudo, para o centro da área de estudo.

**Palavras-chave:** Atlas linguístico topodinâmico. Variedades do português. Território Incaracterístico. Migração. Dialetoлогия pluridimensional.

CUBA, Marigilda Antônio. **Topodinâmico linguistic atlas uncharacteristic territory**. 2015. 2v. Tese (Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

### ABSTRACT

Until mid XX century, the area that included the border of Brazil and Bolivia with Mato Grosso and this state with Amazonas, Pará and Goiás state that was at this period closed forest and practically uninhabited, factors that brought the Brazilian linguist Antenor Nascentes, at 1953, to consider this region like uncharacteristic of the linguistic perspective, in his proposal of division of Brazilians speaks in six sub speaks, reunited in two groups: the north (Amazon, Northeast and of Bahia) and the south (of Rio de Janeiro, Minas Gerais and southern). In this division he considered like “uncharacteristic territory”, the zone between the Bolivian border (rivers Verde, Guaporé, Mamoré until Abunã) and the border of Mato Grosso with Amazonas and with Pará, whose area, currently, include, locALTTles of the center-west region (north of Mato Grosso and west of Goiás) and the North (east of Rondônia and West of Tocantins). This area, in the 40s and 50s, underwent a major urbanization, due to projects such as the March to the West, the transference of federal capital to Brasília, the opening of paved highways, the agricultural mechanization, among other factors, that generated intense targeting of migratory flows for these areas. Likewise, the moderns transportation facilities and the information technology became possible the search for the characterization of this area. Considering this context, subsidized for the theoretical assumption of multidimensional dialectology and relational, and his top dynamic tendency, this thesis tried, across the preparation of Linguistic Atlas of Territory Uncharacteristic (NASCENTES, 1953) – ALTTI, document and describe the varieties of Portuguese speaks in this geographical area. Was objectives of this study I) identify which population groups more influenced the speaks of investigated communities, in the history course, since there are settling migrants from several regions of Brazil; II) verify if have linguistics changes in course, highlighted in the informants speaks from deferent locALTTles that composed network points and; check for linguistic changes in progress, highlighted in the speech of informants from different locALTTles that make up the points network; III) provide linguistic data that may contribute to the improvement of teaching / learning Portuguese language. The study was developed in eleven locALTTles: seven in Mato Grosso (Aripuanã, Diamantino, Guarantã do Norte, Juara, Luciara, Nova Xavantina and Sinop), two in Rondônia (Guajará-Mirim and Ji-Paraná), one in Tocantins (Formoso do Araguaia) and in Goiás (Pilar de Goiás), chosen considering: I) Geographical distribution (inside and in the limits of Nascentes Tracing (1953); II) motivating factors of colonization and settlement of the locality; III) migratory groups responsible for settlement; IV) sociology aspects of locality. In each location, were interviewed two men and two women, aged 18 to 30 years, born in the locality, with schooling through high school and two men and two women, 55-70 years old, coming from other States, with schooling up to elementary school, since there was, wherever possible, a main informant and a secondary, thus meeting, the simultaneous plurality of informants, criterion for the search. The Linguistic Atlas, product of Thesis, contains 15 phonetic letters, 69 lexical letters and 15 morphosyntactic letters. The data lead us to propose the existence of two dialect areas in the region used as search space, show that, in general, the contact between two main fronts migratory: a Northeastern extending from east and in the west of the "uncharacteristic territory" and other from Parana and Rio Grande do Sul, advancing, especially, to the center of the study area.

**Key Words:** Topodinâmico linguistic atlas uncharacteristic territory. Varieties of the portuguese language. Uncharacteristic territory. Migration. Dialectology multidimensional.

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> - Distribuição das etnias indígenas na área pesquisada .....	30
<b>Quadro 2</b> - Dimensões de análise consideradas na pesquisa pluridimensional .....	88
<b>Quadro 3</b> - Dimensão e parâmetros da pesquisa, segundo o modelo pluridimensional .....	103
<b>Quadro 4</b> - Fatores sociogeográficos na escolha da rede de pontos do ALTTI .....	108
<b>Quadro 5</b> - Estrutura do questionário fonético do ALTTI.....	113
<b>Quadro 6</b> - Estrutura do questionário lexical do ALTTI .....	114
<b>Quadro 7</b> - Estrutura do questionário morfossintático do ALTTI .....	114
<b>Quadro 8</b> - Estrutura do questionário metalinguístico do ALTTI .....	115
<b>Quadro 9</b> - Perfil dos informantes do ALTTI.....	116
<b>Quadro 10</b> - Perfil total da amostra da pesquisa.....	134
<b>Quadro 11</b> - Variantes fonéticas com marcas mais nortistas e mais sulistas.....	141
<b>Quadro 12</b> - Variantes lexicais com mais nortistas e mais sulistas.....	142
<b>Quadro 13</b> - Cartas fonéticas do ALTTI analisadas .....	147
<b>Quadro 14</b> - Dimensão diatópica das vogais pretônicas abertas no ALTTI .....	152
<b>Quadro 15</b> - Variantes para a subárea semântica astros e tempo.....	179
<b>Quadro 16</b> - Perfil dos informantes de RO1 .....	276
<b>Quadro 17</b> - Perfil dos informantes de RO2.....	277
<b>Quadro 18</b> - Perfil dos informantes de MT1 .....	277
<b>Quadro 19</b> - Perfil dos informantes de MT2 .....	277
<b>Quadro 20</b> - Perfil dos informantes de MT3 .....	277
<b>Quadro 21</b> - Perfil dos informantes de MT4 .....	278
<b>Quadro 22</b> - Perfil dos informantes de MT5 .....	278
<b>Quadro 23</b> - Perfil dos informantes de MT6 .....	278
<b>Quadro 24</b> - Perfil dos informantes de MT7 .....	279
<b>Quadro 25</b> - Perfil dos informantes de TO1 .....	279
<b>Quadro 26</b> - Perfil dos informantes de GO1.....	279

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> - Realizações das vogais médias pretônicas anteriores e posteriores no ALTTI .....	150
<b>Tabela 2</b> - Vogais pretônicas e a distância da sílaba tônica registrada no ALTTI.....	151
<b>Tabela 3</b> - Realização das vogais pretônicas diante da sílaba tônica no ALTTI.....	151
<b>Tabela 4</b> - Contextos de ocorrência das variantes para róticos em coda interna no ALTTI.....	164
<b>Tabela 5</b> - Distribuição diatópica dos róticos em coda interna no ALTTI .....	165

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1</b> - Síntese diatópica das vogais pretônicas anteriores e posteriores no ALTTI .....	153
<b>Gráfico 2</b> - Contextos de realização do ditongo /ey/ registrada no ALTTI .....	155
<b>Gráfico 3</b> - Variação diatópica da realização do ditongo /ey/ no ALTTI .....	156
<b>Gráfico 4</b> - Distribuição dos róticos em início de sílaba ou em início de palavra por contexto na carta 006 do ALTTI .....	160
<b>Gráfico 5</b> - Distribuição diasssexual dos róticos em início de palavra ou em início de sílaba no ALTTI .....	162
<b>Gráfico 6</b> - Distribuição diageracional dos róticos em início de palavra ou em início de sílaba no ALTTI .....	163
<b>Gráfico 7</b> - Distribuição diatópica de variantes para <i>pernilongo</i> no ALTTI .....	187
<b>Gráfico 8</b> - Dimensões diageracional e diasssexual das variantes para <i>criança do sexo masculino</i> no ALTTI .....	194
<b>Gráfico 9</b> - Distribuição diageracional e diasssexual para <i>cambalhota</i> no ALTTI .....	197
<b>Gráfico 10</b> - Distribuição diageracional e diasssexual das variantes mapeadas no ALTTI para <i>bolinhas de vidro</i> .....	199
<b>Gráfico 11</b> - Distribuição diageracional e diasssexual das variantes mapeadas para <i>geleia</i> no ALTTI .....	203
<b>Gráfico 12</b> - Distribuição diageracional e diasssexual para <i>menos/menas</i> no ALTTI .....	212
<b>Gráfico 13</b> - Distribuição diatópica das variantes mais Sul e mais Norte no ALTTI .....	215
<b>Gráfico 14</b> - Região de origem dos informantes GII do ALTTI .....	280
<b>Gráfico 15</b> - Região de origem dos pais dos informantes GI (ambos os sexos) do ALTTI .....	280
<b>Gráfico 16</b> - Distribuição dos informantes GI conforme a profissão exercida .....	281
<b>Gráfico 17</b> - Distribuição dos informantes GII conforme a profissão exercida .....	282

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - Divisão dialetal proposta por Nascentes (1953) .....	21
<b>Figura 2</b> - Principais rios que compõem as bacias hidrográficas brasileiras .....	32
<b>Figura 3</b> - Rota da rodovia BR 163 .....	39
<b>Figura 4</b> - Rota da rodovia BR 364 .....	40
<b>Figura 5</b> - Rota da rodovia BR 158 .....	41
<b>Figura 6</b> - Mapa da cultura de soja no Brasil de 1970 a 2003.....	44
<b>Figura 7</b> - Migrações internas ocorridas no Brasil nas décadas de 70 a 90.....	45
<b>Figura 8</b> - Migrações internas ocorridas no Brasil no início do século XXI .....	46
<b>Figura 9</b> - Delimitação da área em estudo .....	47
<b>Figura 10</b> - Maria Fumaça – símbolo da história de Guajará-Mirim-RO.....	48
<b>Figura 11</b> - Ponte do rio Machado que divide a cidade de Ji-Paraná em dois distritos .....	50
<b>Figura 12</b> - Prefeitura Municipal de Aripuanã-MT .....	51
<b>Figura 13</b> - Placa em homenagem aos gaúchos – Guarantã do Norte-MT.....	53
<b>Figura 14</b> - Rua dos Karajás – Luciara .....	54
<b>Figura 15</b> - Avenida principal de Juara-MT .....	56
<b>Figura 16</b> - Colonizadora SINOP .....	57
<b>Figura 17</b> - Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição – Diamantino-MT .....	59
<b>Figura 18</b> - Pedra fundamental da criação de Nova Xavantina-MT .....	60
<b>Figura 19</b> - Projeto de irrigação do rio Formoso .....	62
<b>Figura 20</b> - Vista panorâmica de Pilar de Goiás-GO .....	63
<b>Figura 21</b> - Espaço variacional e disciplinas da variação.....	86
<b>Figura 22</b> - Rede de pontos do ALTTI.....	105
<b>Figura 23</b> - Mapa 3 do ADDU (2000) .....	118
<b>Figura 24</b> - Estrada de acesso a Luciara/MT .....	122
<b>Figura 25</b> - Travessia de balsa pelo rio Araguaia – São Felix do Araguaia/MT .....	123
<b>Figura 26</b> - Acesso a Juara/MT.....	126
<b>Figura 27</b> - Rodovia MT 070 no trecho que liga Castanheiras/MT a Aripuanã- MT .....	127
<b>Figura 28</b> - Carta-base do ALTTI .....	138
<b>Figura 29</b> - Carta do perfil dos informantes do ALTTI .....	140

<b>Figura 30</b> - Carta linguística 001 do ALTTI - Realização da vogal média anterior em posição pretônica .....	149
<b>Figura 31</b> - Carta linguística 002 do ALTTI – Realização da vogal média posterior em posição pretônica.....	149
<b>Figura 32</b> - Carta linguística 003 do ALTTI – Realização do ditongo /ey/ .....	155
<b>Figura 33</b> - Carta linguística 006 do ALTTI - /R/ em início de sílaba ou vocábulo .....	159
<b>Figura 34</b> - Carta linguística 007 do ALTTI - /R/ em coda silábica interna .....	164
<b>Figura 35</b> - Carta 097– síntese fonética – dimensão diatópica .....	168
<b>Figura 36</b> - Carta 098– síntese fonética – dimensão diageracional .....	169
<b>Figura 37</b> - Carta 099– síntese fonética – dimensão diassexual .....	169
<b>Figura 38</b> - Carta linguística 016 do ALTTI – Variantes para <i>córrego</i> .....	172
<b>Figura 39</b> - Carta linguística 017 do ALTTI – Variantes lexicais para <i>ponte</i> .....	173
<b>Figura 40</b> - Carta linguística 019 do ALTTI – Variantes lexicais para <i>chuva com bolinhas de gelo</i> .....	175
<b>Figura 41</b> - Carta linguística 022 do ALTTI – Variantes lexicais para <i>neblina</i> .....	177
<b>Figura 42</b> - Carta linguística 023 do ALTTI – Variantes lexicais para <i>estrela matutina</i> .....	179
<b>Figura 43</b> - Carta linguística 026 do ALTTI – Variantes lexicais para <i>mexerica</i> .....	180
<b>Figura 44</b> - Carta linguística 027 do ALTTI – Variantes lexicais para <i>penca</i> .....	182
<b>Figura 45</b> - Carta linguística 028 do ALTTI – Variantes lexicais para <i>bananas duplas</i> .....	183
<b>Figura 46</b> - Carta linguística 029 do ALTTI – Variantes lexicais para <i>extremidade da inflorescência da bananeira</i> .....	184
<b>Figura 47</b> - Carta linguística 030 do ALTTI – Variantes lexicais para <i>mandioca</i> .....	184
<b>Figura 48</b> - Carta linguística 032 do ALTTI – Variantes lexicais para <i>libélula</i> .....	185
<b>Figura 49</b> - Carta linguística 033 do ALTTI – Variantes lexicais para <i>pernilongo</i> .....	186
<b>Figura 50</b> - Carta linguística 044 do ALTTI – Variantes lexicais para <i>osso do joelho</i> .....	189
<b>Figura 51</b> - Carta linguística 047 do ALTTI – Variantes lexicais para <i>calcanhar</i> .....	191

<b>Figura 52</b> - Carta linguística 050 do ALTTI – Variantes lexicais <i>criança do sexo masculino</i> .....	192
<b>Figura 53</b> - Carta linguística 060 do ALTTI – Variantes para <i>cambalhota</i> .....	196
<b>Figura 54</b> - Carta linguística 061 do ALTTI – Variantes para <i>bolinhas de vidro</i> .....	198
<b>Figura 55</b> - Carta linguística 061 do ALTTI – Variantes para estilingue .....	200
<b>Figura 56</b> - Carta linguística 070 do ALTTI – Variantes para <i>geleia</i> .....	202
<b>Figura 57</b> - Carta 100 - síntese lexical – Dimensão diatópica.....	205
<b>Figura 58</b> - Carta 101 - síntese lexical – Dimensão diageracional.....	206
<b>Figura 59</b> - Carta síntese lexical – Dimensão diassexual .....	206
<b>Figura 60</b> - Carta linguística 092 do ALTTI – Variantes para tu/você .....	209
<b>Figura 61</b> - Carta linguística 096 do ALTTI – Variantes para menos/menas.....	210
<b>Figura 62</b> - As duas frentes dialetais existentes na área pesquisada .....	219
<b>Figura 63</b> - Território multivarietal .....	220

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ADDU	Atlas Linguístico Diatópico e Diastrático do Uruguai
ALAM	Atlas Linguístico do Amazonas
ALERS	Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil
ALF	Atlas Linguístico da França
APFB	Atlas Prévio dos Falares Baianos
ALGR	Atlas Linguístico Guarani- Românico
ALiB	Atlas Linguístico do Brasil
ALiMAT	Atlas Linguístico do Mato Grosso
ALiSPA	Atlas Linguístico Sonoro do Pará
ALTTI	Atlas Linguístico do Território Incaracterístico
ALMA-H	Atlas Linguístico-Contatual das minorias alemãs na Bacia do Prata: hunsrückisch
ALMESEMT	Atlas Linguístico da Mesorregião Sudeste de Mato Grosso
ALMS	Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul
ALPB	Atlas Linguístico da Paraíba
ALPR	Atlas Linguístico do Paraná
ALS	Atlas Linguístico do Sergipe
ALTOSP	Atlas Linguístico Topodinâmico do Oeste de São Paulo
COTREL	Cooperativa Triticola Erechim Ltda
EMBRAPA	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
EALMG	Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais
HGI	Homem da geração I
HGII	Homem da geração II
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPHAN	Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
MGI	Mulher da geração I
MGII	Mulher da geração II
NR	Não respondida

NURC	Norma Urbana Culta
PAC	Projeto de Assentamento de Colonos
SINOP	Sociedade Imobiliária Noroeste do Paraná
VARISUL	Projeto Variação Linguística Urbana na Região Sul do Brasil

# SUMÁRIO

## Volume I

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	20
<b>1 O ESPAÇO DA PESQUISA: OS PROCESSOS MIGRATÓRIOS QUE MODIFICARAM O “TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO”</b> .....	28
1.1 Os caminhos do ouro e do extrativismo vegetal .....	34
1.2 A modernização no campo e uma nova migração .....	37
1.3 Uma visão pontual das localidades pesquisadas .....	47
1.3.1 Guajará-Mirim-RO (RO1) .....	47
1.3.2 Ji-Paraná-RO (RO2).....	49
1.3.3 Aripuanã-MT (MT1).....	50
1.3.4 Guarantã do Norte-MT (MT2).....	52
1.3.5 Luciara-MT (MT 03).....	53
1.3.6 Juara-MT (MT 04) .....	55
1.3.7 Sinop-MT (MT 05) .....	56
1.3.8 Diamantino-MT (MT 06) .....	58
1.3.9 Nova Xavantina-MT (MT 07).....	59
1.3.10 Formoso do Araguaia-TO (TO 01) .....	61
1.3.11 Pilar de Goiás-GO (GO 01).....	62
1.4 Síntese da contextualização do espaço da pesquisa .....	64
<b>2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS: A DIALETOLOGIA E OS ESTUDOS DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA</b> .....	66
2.1 A variação e a mudança lingüística.....	67
2.1.1 Espaço, comunidade de fala e territorialidade .....	70
2.2 A questão da norma nos estudos da variação.....	73
2.3 Dialeto, falares e variedades: alguns pressupostos.....	75
2.4 Percursos trilhados pelos estudos dialetais .....	78
2.4.1 A geolinguística monodimensional.....	81
2.4.2 A geolinguística bidimensional.....	81
2.4.3 A geolinguística pluridimensional.....	82
2.4.4 Variáveis espaciais e sociais da difusão lingüística.....	88

2.4.4.1	Dimensão diatópica.....	89
2.4.4.2	Dimensão diageracional.....	90
2.4.4.3	Dimensão diassexual.....	91
2.4.4.4	Dimensão diastrática.....	92
2.4.4.5	Dimensão dialingual.....	93
2.4.4.6	Dimensão diafásica.....	93
2.4.4.7	Dimensão diarreferencial.....	95
2.4.5	Estudos dialetológicos no Brasil.....	95
2.4.5.1	As contribuições de Antenor Nascentes para os estudos dialetais brasileiros.....	98

### **3 PRINCÍPIOS E CAMINHOS METODOLÓGICOS DA ELABORAÇÃO**

	<b>DO ALTTI.....</b>	<b>102</b>
3.1	Dimensões e parâmetros de análise da pesquisa.....	102
3.1.1	A dimensão diatópica: o espaço físico da pesquisa.....	103
3.1.1.1	Fatores definitórios para a escolha da rede de pontos.....	105
3.1.2	A dimensão diageracional.....	109
3.1.3	A dimensão diassexual.....	110
3.2	O instrumento de coleta de dados do ALTTI.....	110
3.2.1	O questionário fonético-fonológico – QFF.....	111
3.2.2	O questionário semântico lexical – QSL.....	112
3.2.3	O questionário morfossintático – QMS.....	113
3.2.4	Temas para estudo semidirigido.....	114
3.2.5	O questionário metalingüístico.....	114
3.3	Procedimentos das entrevistas.....	116
3.3.1	A pesquisa de campo.....	119
3.4	O registro dos dados.....	134
3.5	Etiquetagem dos áudios.....	134
3.6	A representação cartográfica dos dados.....	135
3.6.1	Procedimentos metodológicos para a padronização das cartas lingüísticas.....	135
3.6.2	A carta-base do ALTTI.....	136
3.6.3	Características do anverso das cartas lingüísticas.....	138
3.6.3.1	Características das cartas-síntese.....	140
3.6.4	O verso das cartas lingüísticas.....	143

<b>4</b>	<b>ALGUMAS TENDÊNCIAS NAS VARIEDADES DO PORTUGUÊS FALADO NO “TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO” REGISTRADAS NO ALTTI.....</b>	<b>146</b>
4.1	Variáveis fonéticas .....	146
4.1.1	O comportamento da vogal média pretônica anterior e posterior .....	147
4.1.2	A realização do ditongo /ey/ .....	154
4.1.3	O comportamento dos róticos no universo da pesquisa .....	158
4.1.3.1	O uso dos róticos em início de sílaba ou de vocábulo .....	159
4.1.3.2	O uso dos róticos em coda silábica interna .....	163
4.1.4	Síntese da análise fonética .....	167
4.2	Variáveis lexicais .....	170
4.2.1	Acidentes geográficos .....	171
4.2.2	Fenômenos atmosféricos .....	174
4.2.3	Astros e tempo .....	178
4.2.4	Flora e fauna .....	180
4.2.5	Corpo humano .....	188
4.2.6	Ciclos da vida .....	192
4.2.7	Jogos e brincadeiras infantis .....	195
4.2.8	Alimentação e cozinha .....	201
4.2.9	Síntese da análise lexical .....	205
4.3	Variáveis morfossintáticas .....	207
4.3.1	Pronome tu/você – sujeito .....	207
4.3.2	Pronomes indefinidos Menas/ menos .....	210
4.4	A qual variedade se assemelha este território? .....	213
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>217</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>222</b>
	<b>APÊNDICE A – Modelo da planilha da base de dados .....</b>	<b>236</b>
	<b>ANEXO A – Ficha do informante .....</b>	<b>237</b>
	<b>ANEXO B – Questionário lingüístico .....</b>	<b>239</b>

# SUMÁRIO

## Volume II

<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	263
<b>1 METODOLOGIA</b> .....	265
1.1 A rede pontos.....	265
1.2 O perfil dos informantes .....	266
1.3 O questionário lingüístico.....	272
1.4 A representação cartográfica .....	273
1.4.1 As cartas fonéticas.....	274
1.4.1.1 Notação fonética .....	275
1.4.2 As cartas lexicais .....	278
1.4.3 As cartas morfossintáticas .....	278
1.4.4 As cartas síntese .....	278
<b>CARTAS INTRODUTÓRIAS</b> .....	279
<b>CARTAS LINGÜÍSTICAS</b> .....	287

[...] Meu País, esta parte de mim fora de mim  
constantemente a procurar-me. Se o esqueço  
(e esqueço tantas vezes)  
volta em cor, em paisagem  
na polpa da goiaba.  
na abertura de vogais  
no jogo divertido de esses e erres  
e sinto  
que sou mineiro carioca amazonense  
coleção de mins entrelaçados [...]  
(Carlos Drummond de Andrade, 1973)

## INTRODUÇÃO

Até o final do século XIX, o Brasil desconhecia seu próprio interior. A extensa área do território que não abrigava o litoral era representada praticamente na literatura, como, por exemplo, em *Os Sertões* (1902), nas notícias sobre a marcha da Coluna Prestes ou a respeito de algumas expedições como a de Marechal Rondon (1890-1906) e, ainda assim, como um lugar longínquo e aterrorizante. Na virada do século XIX para o século XX, entretanto, foram surgindo diversos ciclos econômicos que mudaram o panorama demográfico do interior brasileiro. A partir dessa fase, levas de trabalhadores, vindos, sobretudo, das regiões Norte e Nordeste do País se embrenharam pelos cerrados e pela floresta amazônica, modificando o cenário da Região central do Brasil.

Esse processo migratório que se deu, sobretudo, internamente, no Brasil, no último século, tem motivado pesquisas que buscam identificar e registrar as variações da língua portuguesa em diferentes pontos do País, em seus aspectos fonético-fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos e lexicais.

Um dos estudiosos do português brasileiro e um dos inspiradores desta tese foi Antenor Nascentes (1886-1972) que, em sua obra *O Linguajar Carioca* (1953), propôs a divisão dos falares brasileiros em dois grandes grupos, com uma subdivisão em seis subfalares, com base em diferenças de pronúncia. Segundo Nascentes (1953, p.25), é possível distinguir dois grupos dialetais brasileiros – os do Norte e os do Sul – levando-se em consideração dois traços fundamentais: a abertura de vogais pretônicas, nos dialetos do Norte (pégar, córrer, televisão) e a cadência da fala (“cantada” no Norte e “descansada” no Sul).

Considerou como perímetro incaracterístico, em termos linguísticos, por ser praticamente despovoada<sup>1</sup>, a área

[...] entre a parte da fronteira boliviana (rios Verde, Guaporé, Mamoré até Abunã), a fronteira de Mato Grosso com Amazonas e Pará (rio Madeira, Juparaná, Uruguatás, Tres Barras, Cariaí, Xingu, Fresco e Aquiui e a serra do Estrondo) (NASCENTES, 1953, p. 26).

Atualmente, essa faixa de território cobre localidades da Região Centro-Oeste (norte de Mato Grosso e oeste de Goiás) e da Região Norte (Rondônia e oeste de Tocantins), conforme ilustra a figura 01.

**Figura 01:** Divisão dialetal proposta por Nascentes (1953)



**Fonte:** Nascentes (1953, p.18)

<sup>1</sup> A área era habitada por populações indígenas que se concentravam em alguns pontos desse território.

A delimitação dessa zona incharacterística merece algumas ressalvas: em 1953, a densidade demográfica dessas áreas era muito baixa e a floresta densa limitava o acesso, dificultando as pesquisas de campo. A partir dessa época, o panorama da Região mudou de forma significativa, tendo passado, nas décadas de 40 e 50, por importantes transformações. Nesse período, houve intensa urbanização do interior do País, motivada, em especial, pela “marcha modernizadora do oeste<sup>2</sup>”, que desencadeou inúmeros fluxos migratórios para as áreas apresentadas como mais promissoras. A transferência da capital federal para Brasília, em 1960, a abertura de rodovias pavimentadas no norte de Mato Grosso, Rondônia, norte de Goiás e Tocantins e os avanços tecnológicos para a pecuária e a agricultura possibilitaram a ocupação das terras do cerrado, do pantanal mato-grossense e do sul da bacia amazônica. A criação de novos Estados (Mato Grosso do Sul e Tocantins) e a transformação de Territórios em Estados (Amapá, Roraima e Rondônia) refletem esse momento histórico.

Em termos de pesquisas linguísticas, a partir da década de 60 do século XX surgem os primeiros trabalhos de cunho geolinguístico no Brasil. O pioneiro *Atlas Prévio dos Falares Baianos – APFB* (ROSSI et al., 1963) motivou a elaboração de outros atlas linguísticos, dentre os quais citamos, aqui, os estaduais: o *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais – EALMG* (RIBEIRO et al., 1977); o *Atlas Linguístico da Paraíba – ALPB* (ARAGÃO; MENEZES, 1984); o *Atlas Linguístico de Sergipe – ALS* (FERREIRA et al., 1987); o *Atlas Linguístico do Paraná – ALPR* (AGULERA, 1994); o *Atlas Linguístico de Sergipe II – ALS II* (CARDOSO, 2002); o *Atlas Linguístico Sonoro do Pará – ALISPA* (RAZKY, 2004); o *Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul – ALMS* (OLIVEIRA, 2007) e o *Atlas Linguístico do Ceará – ALECE* (BESSA, 2010); além do *Atlas Linguístico-etnográfico da Região Sul do Brasil – ALERS* (KOCH; ALTENHOFEN; KLASSMANN, 2002), que cobre os três Estados da Região Sul: Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Há, ainda, atlas estaduais concluídos aguardando publicação, como o *Atlas*

---

<sup>2</sup> A marcha para o Oeste foi um programa criado na década de 40 do século XX, pelo governo de Getúlio Vargas, para incentivar o progresso e a ocupação do Centro-Oeste, por meio de absorção dos excedentes populacionais que faziam pressão no Centro-Sul do País. (SIQUEIRA, 2002, p. 138)

*Linguístico do Amazonas* – ALAM (CRUZ, 2004), o *Atlas Linguístico do Paraná II* (ALTINO, 2007) e outros em diferentes fases de execução: o *Atlas Geossociolinguístico do Pará*, o *Atlas Linguístico do Mato Grosso*; o *Atlas Linguístico do Maranhão*; o *Atlas Linguístico do Rio Grande do Norte*; o *Atlas Linguístico do Acre*, o *Atlas Linguístico do Espírito Santo* e o *Atlas Linguístico de Rondônia* (ISQUERDO; TELES, 2014, p. 38). Muitos outros atlas de menor domínio têm sido produzidos como dissertações de mestrado e teses de doutorado em diferentes programas de pós-graduação no Brasil.

Um marco nas pesquisas linguísticas no Brasil foi o lançamento dos dois primeiros volumes do Atlas Linguístico do Brasil em 2014, fruto de um projeto de pesquisa iniciado em 1996, que tem por meta a realização de um atlas linguístico nacional da língua portuguesa do Brasil. Sediado na UFBA (Universidade Federal da Bahia), o Projeto ALiB é coordenado por um Comitê Nacional formado por pesquisadores de instituições de Ensino do Brasil. Os dois primeiros volumes com dados das capitais brasileiras foram publicados em 2014. O volume 1 – Introdução – destaca a metodologia utilizada e o volume 2 – Cartas Linguísticas 1 – apresenta alguns dados fonéticos, lexicais e morfossintáticos de 25 capitais brasileiras. Na área compreendida como “território incaracterístico”, o ALiB contempla as localidades de Aripuanã, Diamantino e São Félix do Araguaia, em Mato Grosso, e Guajará-Mirim, em Rondônia (CARDOSO et al., 2014).

Ressalve-se que, até o momento, não há atlas linguístico estadual concluído na área contemplada neste estudo. Os projetos de atlas linguísticos de Mato Grosso – ALiMAT, de Goiás – ALiNGO, de Rondônia – ALiRO e de Tocantins - ALiTETO estão em diferentes fases de construção. Mato Grosso possui um atlas regional concluído: o *Atlas Linguístico da Mesorregião Sudeste de Mato Grosso* (CUBA, 2009), produzido como dissertação de mestrado (inédito).

Quanto à metodologia desses trabalhos, os primeiros, como o APFB, o EALMG e o ALPB privilegiavam a fala de homens adultos, rurícolas, analfabetos e sedentários – o HARAS, como os identifica Zágari (1998, p. 35). O ALS e o ALPR consideraram pessoas de ambos os sexos e os mais recentes, como o ALISPA, o ALMS, o ALAM e o ALiB entrevistaram falantes de

ambos os sexos, de mais de uma faixa etária e/ou duas classes socioculturais diferentes.

Ressalta-se, sobremaneira, a importância do Projeto ALMA-H (Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata - *Hunsrückisch*<sup>3</sup>), desenvolvido no Brasil, o único que não se ocupa especificamente com o português e sim com uma língua minoritária de imigração alemã, o *hunsrückisch*. Nota-se, pois, que os atlas linguísticos brasileiros vêm se desenvolvendo sob perspectivas e metodologias distintas, conforme as tendências de cada época.

No que diz respeito à escolha das localidades a serem inquiridas, a combinação de critérios como a antiguidade e o grau de isolamento de um lugar em relação a outros mais dinâmicos era fundamental. Durante muito tempo, a Geolinguística centrou-se nessa perspectiva de estudo, o que, de certa forma, desconsiderava a dinâmica da vida moderna. Todavia, em virtude do processo migratório que vem caracterizando o País nas últimas décadas, algumas regiões, como é o caso da área considerada incaracterística por Nascentes (1953), só podem ser estudadas geolinguisticamente, pelo viés topodinâmico, que considera, além dos informantes nascidos no local, aqueles que migraram e trouxeram consigo as marcas linguísticas de seus lugares de origem.

Considerando esse contexto e tomando como ponto de partida a divisão dialetal proposta por Antenor Nascentes (1953), subsidiada pelos pressupostos teóricos da Dialetoлогия Pluridimensional e Relacional, em sua vertente topodinâmica, surgiu a proposta de elaboração do Atlas Linguístico Topodinâmico do Território Incaracterístico – ALTTI que, por sua vez, representa um primeiro passo para uma descrição linguística mais ampla de uma área ainda pouco estudada do ponto de vista geolinguístico. Se, por um lado, já dispomos de vários estudos dialetológicos regionais e o ALiB, de amplitude nacional, capazes de registrar a língua falada em muitas regiões

---

<sup>3</sup> É um macroprojeto desenvolvido em conjunto pela Universidade de Kiel (Alemanha) e Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Brasil), sob a coordenação de Harald Thun (Kiel) e Cléo V. Altenhofen (Porto Alegre). Os pressupostos teórico-metodológicos que fundamentam a elaboração do ALMA orientam-se pela dialetoлогия pluridimensional e relacional (Thun 1996). No Brasil, projeto ocupa-se com o *Hunsrückisch* – definido como uma coine de contato com o português derivada historicamente do contínuo dialetal de base francônio-renana e francônio-moselana do alemão como língua de imigração trazida ao Rio Grande do Sul a partir da primeira metade do séc. XIX (<http://www.ufrgs.br/projalma/oqueeh/apresentacao.html>)

brasileiras, por outro, ainda padecemos de ausência de dados linguísticos que nos permitam responder a questões como: a) *que português é falado numa Região que recebeu migrantes de vários lugares do País?* b) *Quais variedades estão sendo construídas nesse espaço?* c) *será que os processos de imigração recentes, em especial a sulista, estão sendo determinantes para a configuração da norma linguística atual?* d) *Qual é a relação de prestígio/estigma existente entre essas variedades linguísticas?* e) *A quais subfalares brasileiros se assemelham essas variedades?*

Desta feita, o objetivo geral deste estudo foi documentar e descrever, por meio da elaboração do Atlas Linguístico Topodinâmico do Território Incaracterístico – ALTTI, as variedades do português falado na área conhecida como território incaracterístico na denominação de Nascentes (1953). Foram objetivos específicos deste estudo i) identificar as variedades e variantes que compõem o português falado nessa região e que, sabemos, provêm, em grande parte, de migrações de áreas linguísticas distintas do português brasileiro; ii) descrever o produto variável do contato intervareietal entre essas variedades migradas no estágio atual; iii) verificar se há mudanças linguísticas em andamento, produto do contato intervareietal, evidenciadas na fala dos informantes das diferentes localidades que compõem a rede de pontos e; iv) fornecer dados linguísticos que poderão contribuir para o aprimoramento do ensino/aprendizagem da língua portuguesa, na medida em que um atlas linguístico é uma rica fonte de pesquisa para a língua falada.

Um trabalho geolinguístico visa a documentar dados que permitem apontar como as influências externas à língua podem modificar, ou até mesmo, interagir com os falares locais. Fornece, ainda, subsídios confiáveis para a descrição e o estabelecimento da norma linguística veiculada em determinado espaço geográfico. Sob essa perspectiva, Altenhofen (2004, p. 140) define atlas linguístico como:

Um instrumento de análise que se apresenta em um mapa geográfico de variantes e comportamentos relativos ao uso variável da língua, com o objetivo de fornecer uma visão macro-areal que permita observar relações e tendências dessa variação no espaço.

Logo, com os subsídios do ALTTI, aliados aos fluxos migratórios que marcaram diversos momentos da história das localidades que compõem a rede de pontos do atlas (em MT: Aripuanã (MT1), Guarantã do Norte (MT2), Luciara (MT3), Juara (MT4), Sinop (MT5), Diamantino (MT6) e Nova Xavantina (MT7);

em RO: Guajará-Mirim (RO1) e Ji-Paraná (RO2); em GO: Pilar de Goiás (GO1) e; em TO: Formoso do Araguaia (TO1), nossa hipótese para este estudo é a de que essa área possui uma pluralidade linguística, conseqüente dos ciclos migratórios, mantida pelos falantes da segunda faixa etária que preservam a variedade trazida de seus lugares de origem<sup>4</sup> e pelas mulheres, que, geralmente, são responsáveis pela apropriação da variante falada no lugar de destino<sup>5</sup>.

Os resultados evidenciados podem servir, não somente de suporte para pesquisadores de língua, em estudos comparativos com outros estudos brasileiros, como também de parâmetro para outras pesquisas, nessa e em outras áreas, visto que um atlas documenta traços inovadores e conservadores da língua, fruto do contato entre diferentes falantes em diferentes momentos da história.

A tese está estruturada em dois volumes. No primeiro, são descritos os caminhos percorridos para a elaboração do atlas linguístico e, no segundo, as cartas que compõem o Atlas Linguístico. O primeiro volume se estrutura em quatro capítulos, além desta introdução, das referências, dos apêndices e dos anexos.

O primeiro capítulo apresenta uma visão panorâmica do espaço físico da pesquisa, sobretudo, os principais fatores sócio-históricos que colaboraram com o desenvolvimento ocupacional, salientando as rotas e motivos de migração responsáveis pelo povoamento do “território incharacterístico”.

O segundo capítulo trata dos fundamentos teóricos que embasaram a pesquisa, sobremaneira os princípios teóricos da Dialetoлогия, em suas vertentes mono, bi e pluridimensional, enfatizando o método geolinguístico topostático/topodinâmico e relacional; e a Sociolinguística, de quem a Dialetoлогия tem recebido contribuições, sobretudo quanto à metodologia de pesquisa de campo e à seleção das variáveis. Esse capítulo aborda, ainda, uma síntese da obra de Antenor Nascentes, grande inspirador deste trabalho.

---

<sup>4</sup> Naro (2003, p. 47) afirma que, com a aposentadoria, o indivíduo relaxa o monitoramento sobre seu comportamento linguístico, fazendo com que se aproxime do nível de uso das variantes linguísticas que tinha na juventude, antes de fazer o movimento em direção ao mercado de trabalho.

<sup>5</sup> Isso ocorre, geralmente, porque elas são mais suscetíveis à inovação linguística do que os homens, sobretudo, com relação às variantes de prestígio (LABOV, 1976, p. 184)

O terceiro capítulo disserta sobre os fundamentos teórico-metodológicos que nortearam o estudo, discutindo o instrumento utilizado na recolha dos dados (questionário linguístico), os critérios adotados para a definição da rede de pontos e a caracterização do perfil dos informantes, além dos procedimentos adotados para a transcrição, o levantamento, a sistematização e a representação cartográfica dos dados linguísticos documentados.

Na sequência, o capítulo quatro, ocupa-se da descrição e análise dos fenômenos linguísticos observados que confirmam ou refutam as hipóteses de trabalho. Por fim, são apresentadas as considerações finais, as referências utilizadas como fonte para a pesquisa, os apêndices e os anexos que contêm o questionário linguístico e o modelo da ficha do informante.

O volume II, por sua vez, apresenta o produto final da pesquisa, o Atlas Linguístico Topodinâmico do Território Incaracterístico. Esse volume contém a apresentação, na qual se insere a especificação da metodologia da pesquisa e, na sequência, as cartas linguísticas que compõem o atlas propriamente dito.

## 1 O ESPAÇO DA PESQUISA: OS PROCESSOS MIGRATÓRIOS QUE MODIFICARAM O “TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO”

Neste capítulo é apresentada uma visão panorâmica da área em estudo, destacando os motivos de migração responsáveis pelo povoamento do território incaracterístico, bem como aspectos históricossociais mais relevantes relativos às localidades investigadas.

A Dialetoлогия Pluridimensional e Relacional incorporou à pesquisa novos leques temáticos da vida moderna como, por exemplo, as migrações e os contatos linguísticos (RADTKE; THUN, 1996, p. 26).

Nos estudos sobre migrações<sup>6</sup>, duas vertentes são complementares: a Teoria do Desenvolvimento Econômico, divulgada, sobremaneira, por Lewis (1963) e Singer (1980), e a Teoria da Modernização, de cunho sociológico, cujos maiores postulados derivam de Germani (1970) e Duhran (1984). A Teoria do Desenvolvimento Econômico entende que as migrações são eficientes mecanismos de transferência da população de regiões agrícolas, densamente povoadas e com uma produtividade baixa do trabalho, para os setores urbanos e industriais da economia capitalista, nos quais o progresso técnico intrínseco garante uma produtividade muito mais elevada. Já a Teoria da Modernização preconiza que as migrações transpõem o excedente populacional das áreas tradicionalmente agrícolas da sociedade para as cidades, principalmente para as de maior porte, onde predomina um arranjo social e cultural moderno, baseado nos padrões históricos da sociedade ocidental.

Conforme Singer (1980, p. 39), no lugar de destino estariam os fatores de atração como, por exemplo, demanda por força de trabalho, também entendida como “oportunidades econômicas”. Para o autor, “as migrações internas são sempre historicamente condicionadas, sendo o resultado de um processo global de mudança, do qual elas não devem ser separadas”.

---

<sup>6</sup> Este estudo não pretende se aprofundar nas teorias da migração. Sobre o assunto ver Lewis (1963), Singer (1980), Germani (1970).

No Brasil, as migrações internas sempre estiveram ligadas a novas oportunidades de trabalho e à aquisição de renda. A título de exemplificação, podemos citar a mineração que, no século XVIII, motivou a ida de nordestinos e paulistas para Minas Gerais e Mato Grosso; a coleta do látex (borracha natural), em fins do século XIX e começo do século XX, quando nordestinos procuraram a Amazônia e conquistaram o Acre, que antes pertencia à Bolívia; as novas fronteiras agrícolas que impulsionaram as migrações sulistas rumo às regiões Centro-Oeste e Norte do País, nas décadas de 70 a 90 do século XX; além dos Projetos de povoamento, provenientes de vários programas federais e estaduais<sup>7</sup>, que povoaram o interior do Brasil a partir do Governo Vargas<sup>8</sup>.

A área do “território incaracterístico”, por exemplo, é de povoação recente e possui uma pluralidade geofísica, social e cultural que lhe confere um *status* particular no estudo das variedades do português brasileiro. Destacam-se, precipuamente, as áreas indígenas, que representam grandes espaços demográficos; os rios, montanhas, zonas de cerrado e de florestas; a fronteira internacional com a Bolívia; a divisão administrativa dos Estados que compreendem essa área (Goiás, Mato Grosso, Rondônia e Tocantins); as construções de malhas rodoferroviárias; os projetos de colonização; dentre outros fatores que, conseqüentemente, atraem levas de migrantes e propagam a difusão de variedades linguísticas.

É sabido que a história do Oeste brasileiro desde cedo foi marcada por disputas entre índios e europeus. No princípio, a defesa do Oeste foi realizada por tribos indígenas, que tentavam evitar a sua ocupação por espanhóis e portugueses, desencadeada a partir do início das grandes navegações, por volta do século XVI, conquistas oficializadas pelos Tratados de Tordesilhas e de Madri (DIÉGUES JUNIOR, 1960, p. 49-51). Logo, essa área não era um imenso vazio como muitas vezes se apregoa.

As línguas indígenas não fizeram parte do *corpus* desta pesquisa, posto que o objetivo foi o de descrever e analisar as variedades do português falado na área investigada. Entretanto, não se pode ignorar a presença dos ancestrais

---

<sup>7</sup> Dentre esses programas, destacam-se a construção de Brasília, a Marcha para o Oeste, a criação dos Territórios Federais (Amapá, Rio Branco (atual Roraima), Guaporé (atual Rondônia, Iguazu e Ponta Porã), em 1943, e a colonização do norte do Paraná.

<sup>8</sup> Getúlio Dornelles Vargas foi presidente do Brasil durante dois mandatos: 1930 a 1945 e de 1951 a 1954.

donos da terra, os índios, nessa Região. Dos estimados 5 milhões de indígenas que ocupavam o País na época do descobrimento, hoje são cerca de 730 mil e, desses, a grande maioria ocupa os Estados do Norte e do Centro-Oeste do Brasil e se distribuem nas seguintes etnias: Apiaká, Kayabi, Munduruku, Arara, Xavante, Cinta Larga, Bakairi, Paresi, Kayapó, Enawenê-Nawê, Myky, Bororo, Nambikwara, Aweti, Juruna, Kalapalo, Kamayurá, Kuikuro, Matipu, Nahukwá, Mehinaku, Suyá, Tapayuna, Trumái, Txicão, Waurá, Yawalpiti, Rikbaktsa, Irantxe, Panará, Karajá, Tapirapé, Umutina, Zoró e Chiquitano<sup>9</sup>.

No espaço geográfico contemplado por este estudo há a presença de diversas etnias indígenas, espalhadas em grandes extensões de reservas demarcadas, como demonstra o quadro 1.

**Quadro 1:** Distribuição das etnias indígenas na área pesquisada

Etnia	UF	Município
Apiaká, Kaiabi	MT	Juara
Arara	MT	Aripuanã, Colniza
Ava-Canoeiro	TO	Formoso do Araguaia
Cinta Larga	MT	Aripuanã, Juína
Gavião	RO	Ji-Paraná
Isolados	MT	Colniza
Javaé	TO	Formoso do Araguaia, Sandolândia
Kaiabi	MT	Tabaporã, Nova Canaã do Norte, Juara
Kanoé, Kujubim	RO	Costa Marques, Guajará-mirim
Karajá	MT	São Félix do Araguaia, Luciara, Cocalinho
	GO	Aruanã, Santa Terezinha
Kayapó	MT	São Jose do Xingu, Peixoto Azevedo, São Felix do Xingu
Kisêdjê, Kayapo	MT	Nova Ubiratã, Canarana, Feliz Natal, Gaúcha do Norte, Marcelândia
Krenák	MT	Luciara, Canabrava do Norte
Makuráp	RO	Guajará-Mirim
Nambikwára	MT	Comodoro, Nova Lacerda, Vila Bela da Santíssima Trindade
Negarotê	MT	Comodoro
Pakaa Nova	RO	Guajará-Mirim
Panará	MT	Matupá, Guarantã do Norte
Paresí	MT	Diamantino, Tangará da Serra, Barra do Bugres, Conquista d'Oeste
Rikbaktsa	MT	Juara
Sakurabiat	RO	Alto Alegre dos Parecis
Suruí	RO	Cacoal, Espigão D'Oeste
Uru-Eu-Wau-Wau	RO	Guajará-mirim, São Miguel do Guaporé, Nova Mamoré
Wauja	MT	Gaúcha do Norte
Xavante	MT	Bom Jesus do Araguaia, São Félix do Araguaia, Nova Xavantina

Fonte: <http://www.funai.gov.br/index.php/indios-no-brasil/terras-indigenas> acesso em 29/12/2014

<sup>9</sup> Fonte: IBGE – Censo demográfico de 2010, disponível em <http://indigenas.ibge.gov.br/> acessado em 15/07/2014.

O norte de Mato Grosso, por exemplo, abriga os territórios dos povos Apiaká, Kayabi, Panará, Cinta Larga e Arara. Esses últimos viveram diversos conflitos decorrentes do povoamento das áreas que compreendem os municípios de Guarantã do Norte, Matupá e Peixoto de Azevedo. No Oeste do Mato Grosso, há várias etnias indígenas, destacando-se os Paresi, no Leste desse Estado destacam-se, dentre outras tribos, os Xavante e os Karajás, ambos na Região do Araguaia. Esses últimos, têm seu território localizado às margens do rio Araguaia, de Aruanã (GO) até Xambioá (TO), passando por Luciara(MT), São Felix do Araguaia (MT) e Cocalinho (MT), inclusive na Ilha do Bananal. (MORENO; HIGA, 2005, p. 102-118).

O Parque Nacional do Xingu, localizado em Mato Grosso, regularizado em 1969, por proposta dos irmãos Vilas Boas, abriga cerca de 3.100 índios de quatro troncos linguísticos: Tupi, Aruak, Karib e Jê. Um dos grandes desafios dos povos do Parque Nacional do Xingu reside na ocupação territorial de seu entorno, pois, a Leste do Parque estão algumas fazendas cujos donos desmatam grande quantidade de área para formação de pastagens; a Oeste, os madeireiros gradativamente prosseguem em direção ao Parque; e ao Sul, avançam as fazendas de soja, cuja cultura se espalhou por todo o Estado e requer áreas extensas de terras que são totalmente desmatadas para o plantio. Essa proximidade entre as duas sociedades gera conflitos permanentes e a prática de comércios ilegais, tais como o pedágio cobrado pelos índios e a venda de drogas e bebidas alcoólicas pelos brancos. Nesse contexto, tanto as línguas indígenas quanto a língua portuguesa sofrem interferências externas, pois, nesses contatos comerciais, os índios utilizam a língua portuguesa e dentro da aldeia, juntamente com os seus, falam sua língua nativa<sup>10</sup>.

Essa porção do território brasileiro tem sua organização do espaço marcada também por paisagens peculiares, tanto naturais como aquelas decorrentes da evolução socioeconômica e cultural. Se, por um lado, há áreas ricas em vegetações nativas do cerrado e da floresta amazônica, por outro, há imensas extensões de cultivos, como soja, algodão e fazendas de gado. Desse

---

<sup>10</sup> Segundo Rodrigues (2002, p. 18), as línguas indígenas faladas no Brasil são agrupadas em dois troncos linguísticos (Tupi e Macro-Jê) e em famílias, classificadas como Tupi-Guarani, Karib, Aruák, Arawá, Tukano, Maku, Yanomani, além das famílias menores ao Sul da Amazônia, das línguas isoladas e das línguas gerais.

ponto de vista, para a compreensão da área investigada e o seu consequente crescimento, torna-se necessária uma discussão acerca de fatores que influenciaram o processo de ocupação, iniciando pelos aspectos naturais (rios e solo), que foram e continuam sendo os principais desencadeadores do desenvolvimento do interior do Brasil.

Os quatro Estados envolvidos na pesquisa são banhados por duas importantes bacias hidrográficas: a bacia Amazônica, cujos rios principais são Madeira, Tapajós, Xingu e Guaporé; e a Tocantina, que recebe o rio Araguaia, conforme mostra a figura 2.

**Figura 2:** Principais rios que compõem as bacias hidrográficas brasileiras



Fonte: <http://www.brasil-turismo.com/mapas/hidrovias.htm> acessado em 16/12/2014

Nessa área, os rios sempre foram importantes vias de comunicação, tendo possibilitado a conquista e a ocupação. Na garimpagem de metais preciosos (ouro e diamante), os cursos de água eram utilizados como guias na ocupação de áreas garimpeiras, na exploração e no beneficiamento dos minerais. As margens dos rios fertilizam o solo para o cultivo agrícola e o curso

de alguns são utilizados como vias de transporte, fato que possibilitou, durante o Império, a criação de núcleos urbanos como Cuiabá, Vila Bela e Vila Boa de Goiás. A própria delimitação do território incharacterístico apontada por Nascentes (1953) é norteada por rios:

O perímetro compreendido entre a parte da fronteira boliviana (rios Verde, Guaporé, Mamoré até o Abunã), a fronteira de Mato Grosso com Amazonas e Pará (rios Madeira, Juparaná, Uruguatás, Três Barras, Cariaí, Xingu, Fresco e Aquiqui e a serra do estrondo), é praticamente despovoado e, portanto, incharacterístico (NASCENTES, 1953, p. 26)

Além da importância hidrográfica, outro elemento primordial na consolidação do interior do Brasil na faixa oeste brasileira são as fronteiras internacionais. No caso desta tese, tem maior relevância a fronteira com a Bolívia, que ganhou expressão pela sua grande dimensão e por articular a comunicação dos dois países por meio dos Estados de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Rondônia. Os limites fronteiriços entre Bolívia e Brasil foram delimitados em 1867, com a assinatura do Tratado de Ayacucho<sup>11</sup>. Posteriormente, o conteúdo desse tratado foi ampliado e renegociado por meio do Tratado de Petrópolis<sup>12</sup>, em 1903. O isolamento e as dificuldades na implementação de um povoamento estável e duradouro tornaram essa área pouco aproveitada no desenvolvimento de atividades econômicas. A construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré – EFMM (1868-1912), a partir da qual surgiram os dois primeiros povoados de Rondônia: Guajará-Mirim e Porto Velho<sup>13</sup>, que pertenciam, respectivamente, ao Estado de Mato Grosso e

---

<sup>11</sup> O Tratado de Ayacucho foi assinado em 1867, no período da Guerra do Paraguai (1864-1870). A Bolívia concedeu ao Brasil, por meio desse tratado, um vasto território que percorria a margem esquerda do rio Madeira, entre Calama e o rio Madeira em Vila Murinho, hoje Vila Nova do Mamoré. Antes do tratado, a margem esquerda referente ao trecho citado no rio Madeira, era então boliviana (OLIVEIRA, 2005, p. 16).

<sup>12</sup> Tratado de permuta que resultou na entrega do território do Acre, efetivamente ocupado pelos seringueiros brasileiros durante a corrida em busca de extração da borracha da floresta amazônica. Em troca, o Brasil cedia as terras na foz do rio Abunã e na bacia do rio Paraguai, se comprometendo a permitir a navegação nos rios brasileiros até o oceano Atlântico. A Bolívia, por sua vez, adquiria o direito de abrir alfândegas em Belém, em Manaus, em Corumbá e em outros pontos da fronteira. O mesmo se passava com o Brasil em território boliviano. O estado brasileiro tinha ainda de construir uma linha de caminho de ferro, que ficou pronta em 1912, desde o porto de Santo Antônio, no rio Madeira, até Guajará-Mirim, no Mamoré, com um ramal até o território boliviano (OLIVEIRA, 2005, p. 16).

<sup>13</sup> A EFMM garantiu para o Brasil a posse da fronteira com a Bolívia e permitiu a colonização de vastas extensões do território amazônico, a partir da cidade de Porto Velho/RO, fundada em 4 de julho de 1907. Embora concluída em 1912, ficou desativada até a 2ª Guerra Mundial, quando voltou a ter grande valor estratégico para o Brasil, operando para suprir o transporte de borracha, utilizada no esforço de guerra aliado. Em 25 de maio de 1966, depois de 54 anos de

ao Estado do Amazonas e a distribuição da linha telegráfica que deu origem às cidades de Vilhena, de Pimenta Bueno e de Jaru (Rondônia) são fatores que contribuíram para o desenvolvimento ocupacional dessa fronteira.

Alguns episódios e momentos sociais do mesmo modo foram importantes para a transformação populacional da Região estudada. Moreno e Higa (2005) postulam que o processo de produção dessa área compõe-se de duas fases distintas:

a primeira, de características pré-capitalistas, foi centrada no extrativismo mineral e posteriormente vegetal, com o desenvolvimento paralelo da agricultura de subsistência e da pecuária extensiva, o que perdurou, aproximadamente, até a metade do século XX; a segunda e atual refere-se à inserção da Região na economia de mercado, caracterizada pela disseminação de projetos de colonização e modernização agropecuária. Um traço comum permeia as duas fases: os fluxos migratórios que dinamizaram esse território (MORENO; HIGA, 2005, p. 21).

As autoras afirmam, ainda, que o processo de ocupação dos então estados de Mato Grosso e de Goiás, iniciado nos séculos XVI e XVII, só foi efetivado no início do século XVIII com a descoberta de ouro nas minas de Cuiabá. Posteriormente, com a decadência dessas minas, a população se dirigiu para as proximidades do rio Guaporé, incentivando expedições para o Norte do Brasil, via Mato Grosso.

### 1.1 Os caminhos do ouro e do extrativismo vegetal

Os Estados do Centro-Oeste brasileiro foram efetivamente ocupados a partir do início do século XVI e XVII, com a exploração das minas de ouro em Mato Grosso e, em menor escala, em Goiás.

Em Mato Grosso, a primeira povoação originada da atividade mineradora foi Cuiabá, fundada em 1719 pelo bandeirante Pascoal Moreira Cabral, após a descoberta de ouro no rio Coxipó-Mirim. Essa cidade passou a ser uma das mais populosas do Brasil da época, desenvolvendo também localidades próximas, como a Vila Bela da Santíssima Trindade/MT, fundada em 1752, que se tornou capital da Capitania de Mato Grosso, tendo em vista a necessidade de oposição ou resistência a uma possível expansão dos

---

atividades, a Estrada de Ferro Madeira-Mamoré foi substituída pela rodovia BR 364, que liga Porto Velho a Guajará-Mirim.

castelhanos, da Bolívia para o leste de Mato Grosso. No Estado de Goiás, o ouro foi descoberto em 1726, no sopé da Serra Dourada, no rio Vermelho, por bandeirantes que saíram de São Paulo, comandados pela Bandeira de Raposo Tavares. Dessa estratégia culminou a fundação da capitania de Goiás, em 1744 (DIÉGUES JUNIOR, 1960, p. 276).

Além do ouro, a exploração do diamante foi outro promotor do povoamento da área estudada, dando origem, em 1728, ao arraial de Diamantino-MT, na confluência do rio do Ouro com o rio Paraguai. Desenvolveu também a Região do rio Araguaia, em cujo vale depois se estabeleceu a pecuária, motivando povoações como São Félix do Araguaia-MT, além de Regiões mineradoras no Sul de Goiás, alcançadas com a travessia do rio Araguaia através de Santa Rita do Araguaia-GO, Ponte Branca-MT, Barra do Garças-MT, Araguaína-TO e Torixoréu-MT, antigo porto para abastecimento da Região (BRUNO, 1967, p. 33).

Embora as lavras de metais preciosos no Centro-Oeste tenham sido de curta duração, não possibilitando a instalação de polos urbanos e administrativos de controle das minas, como ocorreu em Minas Gerais, o garimpo levou para essa faixa de terra levadas de migrantes, em sua maioria, nordestinos, fugitivos da seca e da falta de oportunidades em suas terras de origem, no período de 1750 a 1890.

Bruno (1967, p. 33) esclarece que, em Goiás, a mineração de ouro praticamente desapareceu por volta de 1820 e só foi retomada entre 1918 e 1922, com os serviços de implantação e exploração da Mina do Chapéu do Sol, em Crixás, que tiveram curta duração. No Norte desse Estado, onde fora mais intensa a decadência da atividade mineratória, a navegação no rio Tocantins deu algum impulso ao povoamento até o Maranhão, constituindo, em suas margens, alguns novos núcleos e fazendas de gado. Ao mesmo tempo, a porção sul conseguiu manter alguns poucos núcleos mais consolidados, como os centros administrativos e comerciais, privilegiados pela localização estratégica nas rotas mercantis.

O mesmo autor afirma que, se por um lado, a mineração promoveu o surgimento dos primeiros povoamentos na Região, por outro, foram a pecuária e a extração vegetal, sobretudo, a borracha, que fixaram essa população. A borracha, a despeito de fatores adversos como a decadência da mineração, as

distâncias consideráveis em relação à costa e as dificuldades impostas pelos indígenas selvagens que ocupavam quase toda a área, ainda no final do século XIX e início do século XX, fomentou a economia do País e transformou a geografia espacial e humana da área investigada neste estudo, sobretudo a que compreende o Norte de Mato Grosso.

Em terras mato-grossenses, a borracha foi explorada no norte do Estado, nas encostas dos rios Paraguai, Juruena, Arinos, Paranatinga, Alto Tapajós, Guaporé, Sangue, Sacre, Arinos e Teles Pires e Juparaná. No início do século XX, novamente massacrados pela seca e pelas dificuldades de acesso à terra, outra leva de nordestinos juntou-se aos nortistas buscando na exploração da borracha uma alternativa de sobrevivência. Segundo Moreno e Higa (2005, p. 28), em Mato Grosso, a exploração da borracha não deu origem a novos núcleos urbanos, mas contribuiu para o fortalecimento de localidades como Diamantino, Rosário Oeste, Cuiabá e Corumbá<sup>14</sup>, visto que estimulou a implantação de empresas de importação de borracha.

Em Goiás, essa atividade não teve o mesmo *glamour*. O produto que trouxe milhares de nordestinos para a Região do vale do Araguaia, na sua porção goiana, foi o cristal de rocha. No entorno dos garimpos surgiam povoados que, à medida que iam se estruturando, ganhavam áreas urbanas, moldadas por comércios, zonas boêmias, circundadas por roças e pastagens que lhes davam suporte econômico. Em poucos anos os povoados foram se transformando em sedes de municípios, dentre os quais: Xambioá, Cristalândia, Pium, Dois Irmãos, Ananás, Araguaçu, Formoso do Araguaia, Dueré e Arapoema, municípios que atualmente pertencem ao Estado de Tocantins.

Com a decadência do ciclo da borracha em Mato Grosso (incluindo Rondônia) e do cristal de rocha em Goiás (incluindo Tocantins), no início do século XX, a maioria dos trabalhadores não voltou para suas terras de origem, permanecendo na Região atuando na lida com o gado ou na lavoura de cana-de-açúcar e de algodão até a metade do mesmo século, período em que acontecimentos, como os mencionados na sequência, traçaram outro perfil de trabalhadores para essa Região.

---

<sup>14</sup> Na atualidade, Corumbá pertence ao estado de Mato Grosso do Sul.

A Revolução de 1930, que marcou o fim da República Velha, delineou um novo panorama para a história do Oeste brasileiro. A modernização industrial estimulava a demanda por alimentos e criava maiores vínculos com áreas de produção agrícola. Visto que essa área era um extenso campo a ser explorado, muitos projetos oficiais e particulares começaram a ser desenvolvidos, a partir dos anos de 1930, impulsionando um intenso processo de transformação econômica nessa área que passa a ser caracterizada como fronteira capitalista recente. Esses projetos serão apresentados na sequência.

## 1.2 A modernização no campo e uma nova migração

Segundo Siqueira (2002, p. 232), o resultado das mudanças inauguradas nos anos 30 do século XX foi a integração das regiões brasileiras na mesma divisão de trabalho. No caso da área em pauta, outros ciclos migratórios ocorreram propiciados por fatores políticos, econômicos e sociais, tais como a Marcha para o Oeste (1943); a fundação de Brasília (1960); os novos eixos de transportes (1960); os Projetos de Colonização, adotados para a ocupação da Amazônia, dentre eles, o povoamento de Rondônia, por meio de distribuição de terras (1970); a divisão administrativa de Mato Grosso (1977) e de Goiás (1988) que deram origem, respectivamente, aos Estados de Tocantins e de Mato Grosso do Sul.

Em 1943 foi criada, pelo governo de Getúlio Vargas, a expedição Roncador-Xingu, liderada pelos irmãos Leonardo, Cláudio e Orlando Villas Boas, com o objetivo de desencadear um movimento colonizador<sup>15</sup>, nos territórios mato-grossense e amazônico. Essa expedição, juntamente com a Fundação Brasil Central, foi responsável pela criação de povoados como Xavantina, que mais tarde se tornaria o município de Nova Xavantina-MT.

---

<sup>15</sup> “A expressão colonizador é utilizada desde as grandes navegações, quando os portugueses chamavam de colonos os habitantes da Colônia. Com o passar dos séculos, essa nomenclatura tomou outra conotação. Nos séculos XVIII, com a descoberta das minas de ouro e diamante, os colonos eram os habitantes nativos do Brasil que deveriam acatar as ordens da Coroa portuguesa. Já no século XX, com a cultura do café, colono passou a ser o trabalhador livre (imigrante ou brasileiro) em contraposição à escravidão. A partir da década de 1970, a colonização ganhou outro sentido: as terras que se situavam em Mato Grosso e Amazônia eram vistas como “espaços vazios”, inabitados, sendo necessário abrir a fronteira, atraindo para esse território, elementos que, fugindo dos problemas enfrentados em suas regiões de origem, migrassem em direção ao espaço aberto à moderna colonização” (SIQUEIRA, 2002, p. 234).

A partir de meados da década de 60, empreendimentos como a abertura e a pavimentação de estradas foram imprescindíveis para a consolidação desses e de outros núcleos. Destacam-se, aqui, a BR 163, a BR 364 e a BR 158.

A BR 163, representada na sequência, na figura 3, é uma rodovia longitudinal que liga Tenente Portela-RS a Santarém-PA, logo, integra as regiões Sul, Centro-Oeste e Norte do Brasil. Essa rodovia possibilitou a formação de frentes de exploração de madeira no extremo norte de Mato Grosso, seguida da expansão da agropecuária, que vêm respondendo pelo incremento populacional dos municípios de Sinop, Guarantã do Norte, Alta Floresta, Aripuanã, Juara, dentre outros.

**Figura 3:** Rota da rodovia BR 163

Fonte: <http://www2.transportes.gov.br/bit/02-rodo/1-rodo/co-rodo.pdf> acesso em 14/06/2014

A BR 364, conforme figura 4, é uma rodovia diagonal que se inicia em Limeira-SP, no km 153 da SP-330, passando por Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso, Rondônia e Acre, terminando em Rodrigues Alves, no extremo Oeste deste último Estado, trata-se de uma rodovia de fundamental importância para o escoamento da produção das regiões Norte e Centro-Oeste do País. Essa rodovia, que liga os Estados do Centro-Oeste aos do Norte (Rondônia e Acre) e a São Paulo, desencadeou o surgimento, ao longo do seu traçado, de

importantes núcleos populacionais, como, por exemplo, Diamantino-MT e Ji-Paraná-RO.

**Figura 4:** Rota da rodovia BR 364



**Fonte:** <http://www2.transportes.gov.br/bit/02-rodo/1-rodo/co-rodo.pdf> acesso em 14/06/2014

Outra estrada essencial para o desenvolvimento da Região investigada é a BR-158, representada na figura 5, que começa em Santana do Livramento-RS e termina em Altamira-PA, passando por Barra do Garças-MT e Nova Xavantina-MT. Dessa última, por meio de estradas estaduais não-pavimentadas, tem-se o acesso a Luciara-MT.

**Figura 5:** Rota da rodovia BR 158



**Fonte:** <http://www2.transportes.gov.br/bit/02-rodo/1-rodo/co-rodo.pdf> acesso em 14/06/2014

O asfaltamento das estradas e as facilidades de aquisição de terras, proporcionadas pelas políticas de incentivos fiscais, serviram de atrativo não apenas para a fixação de grandes empresas situadas na Região Sudeste (os seus maiores beneficiários), como também para colonos do Sul do Brasil.

Para dar andamento à estratégia de desenvolvimento regional e consolidar a nova política de integração nacional, o governo militar sancionou,

em 1966, a Lei nº 5.173 que criava o Plano de Valorização Econômica da Amazônia, que tinha como objetivo promover o desenvolvimento e o auto-sustento da economia da Região amazônica, de forma harmônica e integrada à economia nacional. Para elaborar e coordenar a execução dessa política de expansão, foi criada a Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM), com três áreas de ação: políticas de incentivos fiscais; disponibilização de terras e construção de infraestrutura (SIQUEIRA, 2002, p. 231).

Assim, dentre os fatores que viabilizariam a implantação do Plano de Valorização Econômica da Amazônia estavam os Projetos de Colonização, que tinham como objetivos básicos mobilizar a força de trabalho necessária para a viabilização dos grandes projetos agropecuários e equacionar os conflitos sociais no campo, que à época ganhavam repercussão política nas regiões Nordeste e Sul. Para cumprir a função de povoar os “vazios demográficos” e também de disponibilizar mão-de-obra para os grandes empreendimentos agropecuários, os projetos, inicialmente, ocuparam as áreas de mata da Região Norte de Mato Grosso onde se situam os municípios de Sinop, Alta Floresta, Colíder, Matupá, Peixoto de Azevedo, Aripuanã e o Norte de Goiás – Ceres, Mundo Novo, dentre outros. Essa porção do Estado concentra grandes extensões de terras devolutas.

Configurando-se, pois, como fronteira de recursos, essa área atraiu grandes fluxos migratórios, oriundos, principalmente, de Estados da Região Sul e de São Paulo. Esses migrantes, guiados em parte pelas colonizadoras e em parte pela possibilidade de cultivo da soja nos cerrados, fixaram-se e desenvolveram novas atividades produtivas em vários pontos da Região, selecionadas estrategicamente segundo seus interesses sociais, econômicos e políticos.

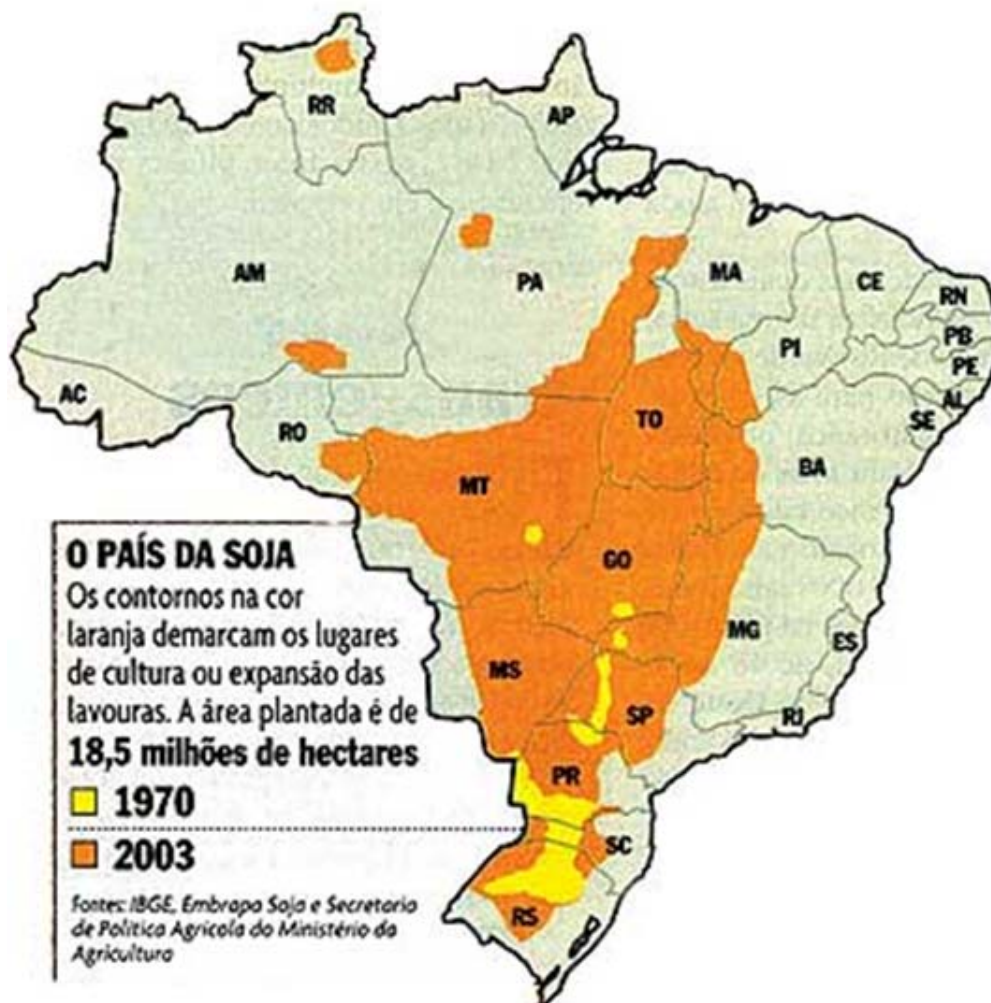
Cunha et al. (2004, p. 90) afirmam que o desenvolvimento ocupacional do Centro-Oeste passou por três fases intrinsecamente relacionadas ao ciclo da soja. A primeira ocorreu no final dos anos 60 do século XX, com a chegada das primeiras sementes de soja, trazidas por sulistas, para o Sul de Mato Grosso, hoje MS. Esse período é considerado como de adaptação de espécies desse grão no cerrado. Esses agricultores traziam o capital para a aquisição da terra e os mecanismos modernos de manejo do solo. A segunda fase

inaugurou a primeira metade da década de 80 do mesmo século, com a consolidação do sistema de produção do grão dominado pelas empresas de commodities, instaladas em Rio Verde/GO, Rondonópolis/MT, Tangará da Serra/MT, dentre outras. Já a terceira fase teve início em 1985, com o deslocamento de indústrias esmagadoras de grãos para Goiás e Mato Grosso.

Entretanto, embora houvesse terra farta e barata no Centro-Oeste, na década de 70, o solo não era muito propício à plantação de soja. A falta de tecnologia para a exploração dos solos de baixa fertilidade natural e de elevada acidez tornava essas terras pouco atrativas aos empreendimentos agrícolas, mas adequada a projetos de pecuária de corte em sistema extensivo, atividade não muito valorizada pelos colonos que migravam do Sul. Esse quadro foi alterado com o desenvolvimento de tecnologias, por empresas como a EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária e a Fundação Mato Grosso, para o uso agrícola do cerrado com a monocultura em larga escala, inicialmente com a cultura do arroz e, posteriormente, da soja. Esses projetos de melhoramento do solo e da semente incentivaram seu cultivo desses tipos de cultura na Região.

Depois da soja adaptada ao solo centroestino, o seu cultivo rapidamente se expandiu até o Norte do País e, em 2003, a área de soja plantada era de 18,5 milhões de hectares, como demonstra a figura 6.

**Figura 6:** mapa da cultura de soja no Brasil de 1970 a 2003



Fonte: <https://www.embrapa.br/soja> (consultado em 07/06/2014)

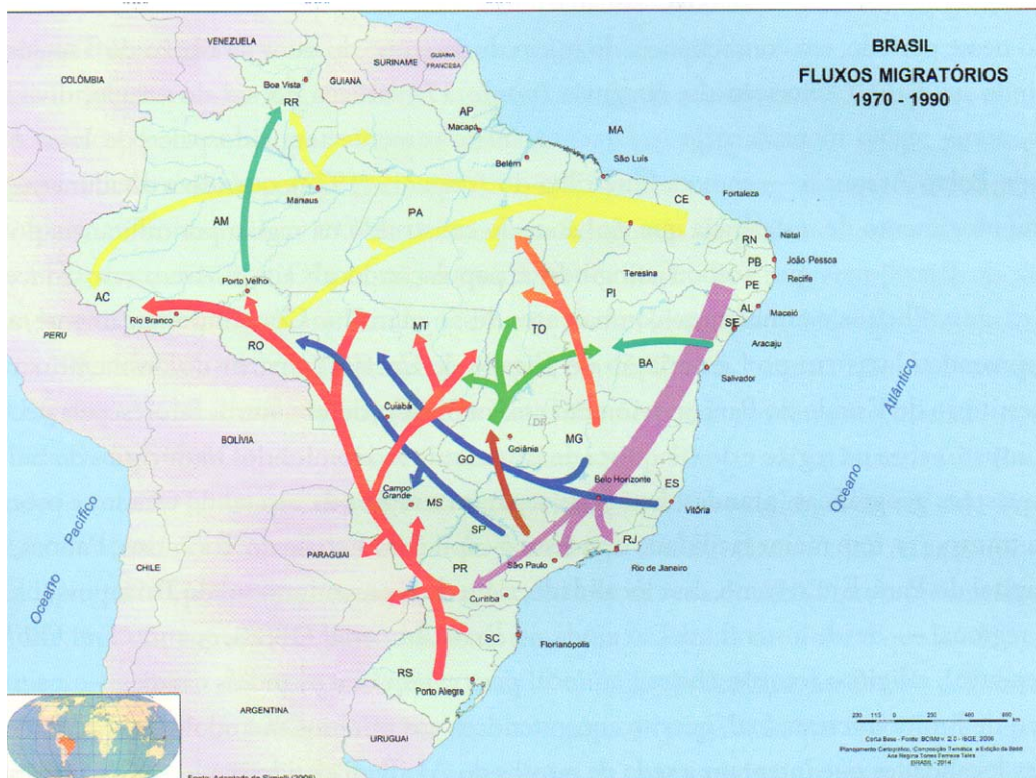
Embora a cultura da soja tenha dinamizado a ocupação humana nos Estados contemplados pela área geográfica delimitada para esta tese, muitos desses migrantes que ali se fixaram não têm conseguido permanecer na “terra prometida”. Isto decorre, dentre outros fatores, de promessas não cumpridas pelas empresas colonizadoras, do processo de concentração fundiária e dos poucos incentivos concedidos à agricultura. Em razão disso, trabalhadores rurais e urbanos têm retornado aos seus locais de origem e, quando não conseguem retornar, buscam outras alternativas de trabalho, geralmente subempregos.

Acresce-se, ainda, o fato de a tecnologia de ponta que modernizou a agricultura nos últimos anos exigir pouca e qualificada mão-de-obra nem

sempre encontrada entre os primeiros migrantes que desbravaram o Oeste brasileiro no final do século XIX.

A figura 7 mostra os fluxos migratórios ocorridos no Brasil entre as décadas de 70 e 90 do século XX que provocaram intenso povoamento nas regiões Norte e Centro-Oeste.

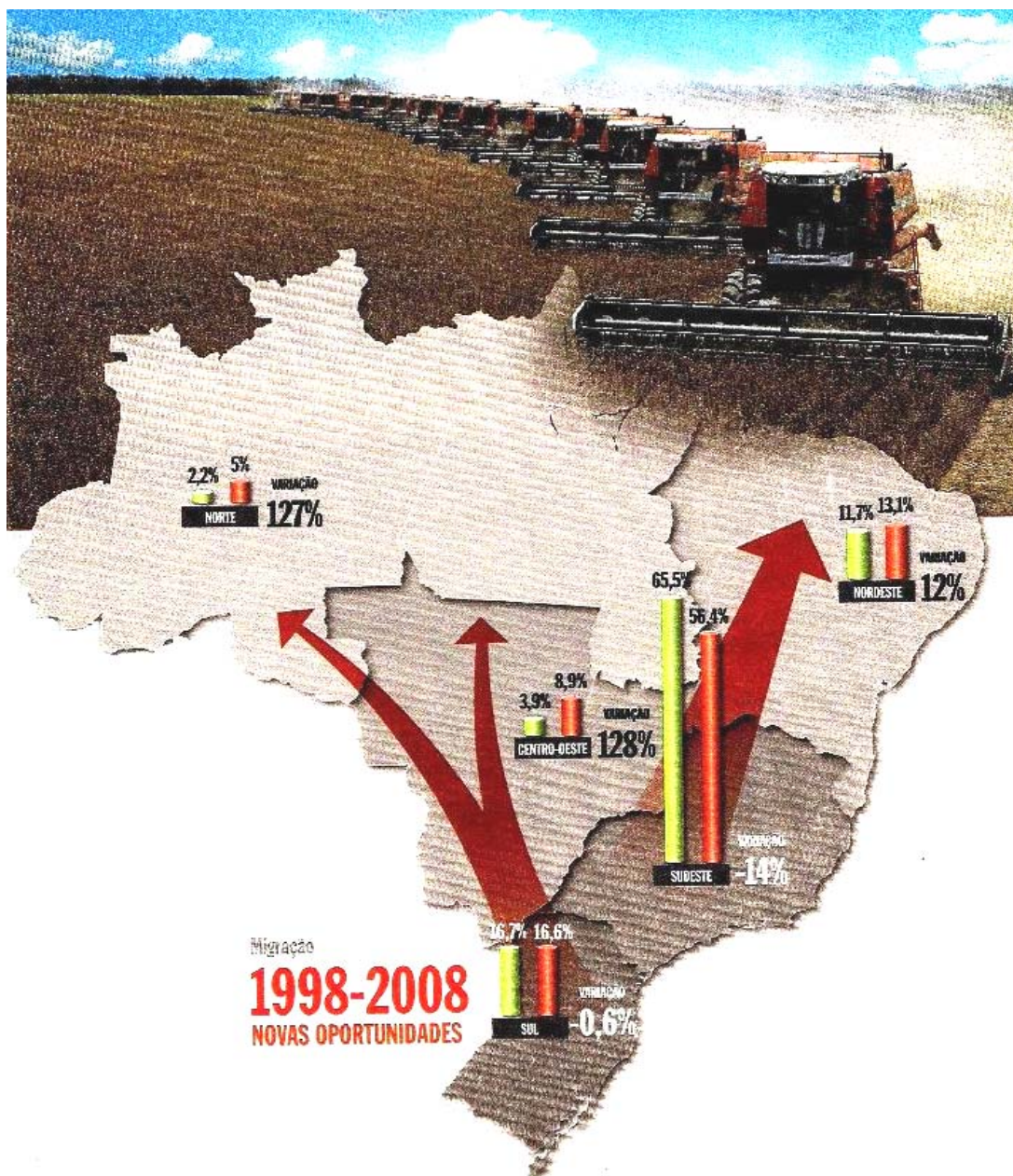
**Figura 7:** Migrações internas ocorridas no Brasil nas décadas de 70 a 90



**Fonte:** adaptado de Isquierdo e Teles (2014, p. 50-51)

Todavia, esses trabalhadores, sem dinheiro para adquirir terras e sem especialização para manusear máquinas agrícolas de precisão, foram em busca de riquezas em outros lugares, transferindo o domínio e o cultivo dessas terras para gaúchos, paranaenses e paulistas que, mais qualificados e motivados pela abertura de novas fronteiras agrícolas, migraram para essas localidades nas últimas décadas do século XX e início do século XXI, como ilustra a figura 8.

Figura 8: Migrações internas ocorridas no Brasil no início do século XXI



Fonte: Revista Veja, 23 de julho de 2008, p. 72.

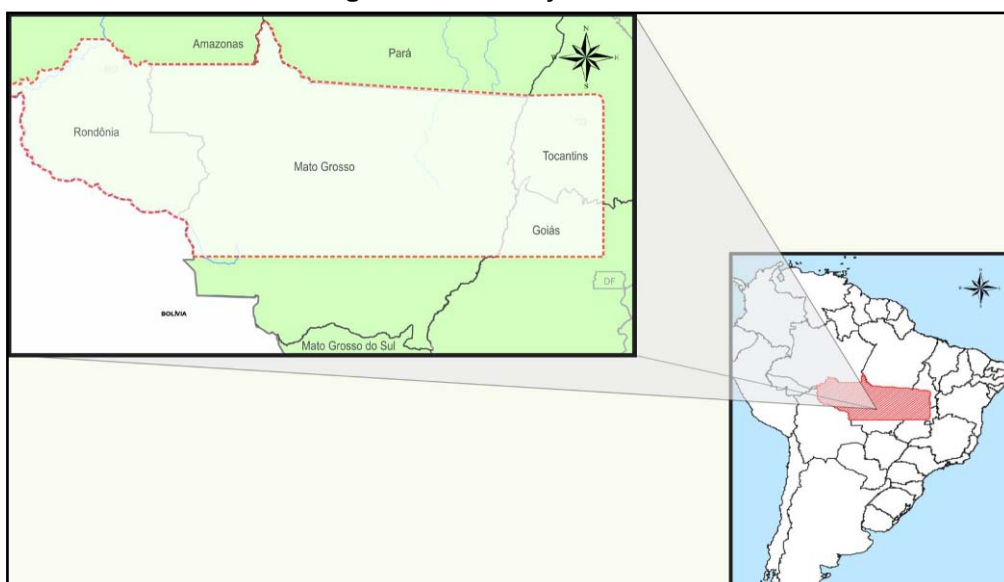
Frente a esse contexto, consideramos que o norte de Mato Grosso, o oeste de Goiás, de Tocantins e o Estado de Rondônia já não são espaços vazios. Ao contrário, as onze localidades selecionadas para este estudo, apresentadas a seguir, são produtos dessa colonização que se deu, em grande parte, a partir da década de 70 do século XX, vinda, sobremaneira, do Sul e do Sudeste do País.

### 1.3 Uma visão pontual das localidades pesquisadas

Embora as transformações econômicas e sociais na área analisada tenham sido geradas quase sempre pelos mesmos fatores, a organização produtiva e populacional no território incharacterístico aconteceu de forma diferenciada em cada um de seus municípios e Estados.

Das 11 localidades pesquisadas neste estudo (conforme figura 9) algumas se destacam no cenário nacional como polos agropecuários, enquanto outras se sobressaem pela importância histórica.

**Figura 9\_ Delimitação da área em estudo**



© Cuba (2015)

A seguir são pontuados alguns aspectos histórico-geográficos relativos às localidades investigadas.

#### 1.3.1 Guajará-Mirim-RO (RO 01)

Guajará-Mirim fica a 335 km de Porto Velho, capital de Rondônia, é o segundo maior município do Estado em extensão territorial (24.856 km<sup>2</sup>) e o oitavo em população (41.933 habitantes). A extração do látex e a construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, em 1912, foram fatores decisivos para o seu povoamento.

**Figura 10:** Maria Fumaça – símbolo da história de Guajará-Mirim-RO<sup>16</sup>



**Fonte:** acervo pessoal da pesquisadora

Do ponto de vista econmico, além da agricultura de subsistência familiar, a população desenvolve atividades extrativistas com base na floresta, principalmente a extração da castanha. O município sedia, ainda, a única Zona Franca do Estado, a área de Livre Comércio de Guajará-Mirim, que recebe turistas e compradores de mercadorias importadas e vindas de Manaus.

Por sua característica populacional ímpar no Estado, ou seja, uma população tipicamente amazônica com forte presença da miscigenação com imigrantes bolivianos, sem a influência das imigrações ocorridas ao longo da BR-364, o guajaramirense  reconhecidamente considerado o guardião da história do Estado. Destacam-se, nessa honraria, os inúmeros registros dos primórdios de sua colonização, devido, sobretudo,  saga dos pioneiros construtores da lendária Estrada de Ferro Madeira-Mamoré,  presença marcante da igreja católica na colonização de todo o Vale do Guaporé e às inúmeras construções que retratam a história de uma época em que o município concentrava toda a riqueza da Região, baseada na extração da borracha e da castanha.

---

<sup>16</sup> As imagens que ilustram as localidades investigadas, apresentadas neste tpico, fazem parte do acervo de fotografias da autora do trabalho, tiradas por ocasião da realização dos inquéritos.

### 1.3.2 Ji-Paraná-RO (RO 02)

Ji-Paraná pertence à Mesorregião Leste rondoniense e está distante 292 km da capital Porto Velho. A sua população (128.026 habitantes, distribuídos em uma área de 6.896.782 km<sup>2</sup>) é formada por migrantes vindos de várias partes do País, atraídos pelas promessas de uma nova fronteira agrícola.

Por volta de 1879, a Região, antes ocupada pelas tribos dos jarus e urupás, sofreu o processo de povoamento por nordestinos, fugitivos da seca, que se estabeleceram ali, movidos pela extração da seringa. Em 1910, Cândido Rondon constrói a primeira linha telegráfica que liga Cuiabá a Porto Velho, atraindo trabalhadores de Mato Grosso e do Nordeste. Com o fim do ciclo da borracha e o término das obras telegráficas, o município entra em decadência, voltando a receber novos colonos, vindos, sobretudo, do Oeste do Paraná, na década de 1960, com a construção da BR-29, atual BR-364.

Foi decisiva, também, nesse momento, a atuação da colonizadora Calama S.A. Silva (1991, p. 119) postula que, em 1968, o Instituto Brasileiro de Reforma Agrária – IBRA, atual Instituto Nacional de Reforma Agrária - INCRA, acelerou o fluxo de migrantes vindos do centro-sul. O Projeto de Colonização Ouro Preto, dois anos mais tarde, foi marco do surto desenvolvimentista da Região. Em 1977, com a emancipação política decretada, o município recebeu oficialmente o nome de Ji-Paraná. Em 1981, em consequência da elevação do Território de Rondônia a Estado, foram estabelecidos novos limites para a cidade, dividindo sua sede administrativa em dois setores urbanos distintos, conhecidos como primeiro distrito (zona norte) e segundo distrito (zona sul), separados pelo rio Machado que corta a cidade.

Atualmente, Ji-Paraná é o segundo maior município do Estado. As principais atividades econômicas do município são as indústrias de pequeno e médio porte, como frigoríficos e laticínios, a prestação de serviços de transporte interestadual da empresa de transportes União Cascavel, uma das maiores transportadoras do Brasil que liga o Norte ao Sul do País com diversas linhas de ônibus interestaduais, além do comércio e da produção agrícola que é comercializada no próprio município, em uma Feira do Produtor.

**Figura 11:** Ponte do rio Machado que divide a cidade de Ji-Paraná em dois distritos



**Fonte:** acervo pessoal da autora

### 1.3.3 Aripuanã-MT (MT 01)

Aripuanã possui uma área de 24.603,13 km<sup>2</sup> e uma população de 18.581 habitantes. Faz parte da Mesorregião norte mato-grossense, liga-se a outros municípios por meio da rodovia MT 183 e está a 878 km distante da capital Cuiabá. A vegetação predominante é a floresta amazônica e os principais rios que banham o município são: Aripuanã, Roosevelt, Guariba, Canamã, Capitari, Furquim e Rio Branco<sup>17</sup>.

---

<sup>17</sup> Fonte: <http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=510140&search=mato-grosso|aripuanã|infograficos:-historico> acesso em 17/12/2014

**Figura 12:** Prefeitura Municipal de Aripuanã/MT

**Fonte:** acervo pessoal da pesquisadora

O município foi criado em 31 de dezembro de 1943, porém, em 1879 começou o primeiro ciclo migratório para a Região, com a penetração de seringueiros nordestinos, os chamados “soldados da borracha”, via Pará e Amazonas. O segundo ciclo migratório aconteceu nas décadas de 50 a 70 do século XX, com grupos de pessoas vindas, em sua maioria, dos estados do Paraná e do Mato Grosso do sul, atraídos pela propaganda de terras baratas e férteis.

O processo de povoamento se intensificou na década de 80, em decorrência da abertura de estradas, mesmo em condições precárias e sem pavimentação, e a intensificação das rotas migratórias para o Norte de Mato Grosso.

Nesse período, Aripuanã recebe um volume de migrantes interestaduais muito elevado, vindos, sobretudo, do Paraná. Entretanto, a partir da década de 90, o número de imigrantes diminuiu significativamente chegando a ser um dos menos populosos de Mato Grosso, na última década do século XX. Atualmente, a base econômica do município está alicerçada, principalmente, na indústria moveleira e na pecuária.

A partir da década de 80, o número de imigrantes diminuiu significativamente e o grau de urbanização está entre os menores do País nesse período.

#### 1.3.4 Guarantã do Norte-MT (MT 02)

O município de Guarantã do Norte está localizado na Mesorregião Norte de Mato Grosso, a 690 km de Cuiabá, a capital do Estado. O município, que faz divisa estadual com o Pará, reúne uma população estimada em 33.326 habitantes, fixados em uma área de 4.734.585 km<sup>2</sup>.

Esse município tem a sua história intrinsecamente ligada à abertura da BR 163 e ao Projeto de Assentamento de Colonos de Peixoto de Azevedo – PAC, cujo objetivo era assentar agricultores desapropriados de terras no Rio Grande do Sul, no local da barragem do Rio Jacuí.

No ano de 1970, a abertura da BR-163 proporcionou a penetração e o povoamento de todo o norte mato-grossense. Em 1980, teve início o Projeto de Assentamento de Colonos – PAC Peixoto de Azevedo. Tratava-se de assentamento de agricultores desapropriados de terras no Rio Grande do Sul, situado no local da barragem do Rio Jacuí. O INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – e a Cotrel – Cooperativa Tritícola Erechim Ltda – uniram-se para trasladar os gaúchos sem-terra para o norte de Mato Grosso. Ao mesmo tempo o INCRA de Mato Grosso se preparava para socorrer famílias brasileiras migradas para o Paraguai, os brasiguaios, que haviam perdido arrendamento de terras e não tinham para onde ir.

Em 1981, formou-se o PAC – Braço Sul para assentar os migrantes brasiguaios e sem-terra do Vale do Jacuí. O INCRA procedeu ao registro das terras dos gaúchos e dos brasiguaios, resolvendo o problema fundiário. Fundou-se então o povoado de Cotrel, cuja denominação não permaneceu, pois Lei nº 4.378, de 16 de novembro de 1981, criou o distrito já com o nome de Guarantã. A nova denominação surgiu por consenso entre a diretoria da Cotrel e do INCRA (FERREIRA; SILVA, 2008, p. 92). Entretanto, mesmo com o nome modificado, a prefeitura homenageia a empresa que deu origem ao município e os primeiros migrantes com uma grande placa na entrada da cidade.

**Figura 13:** Placa em homenagem aos gaúchos – Guarantã do Norte-MT



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora

Atualmente, a economia desse município, que tem como base a pecuária, abriga uma das maiores bacias leiteiras da Região, com uma produção de cerca de 22 milhões de litros de leite por ano; e a agricultura, que registrou em 2010 mais de 120 mil toneladas de milho, feijão e, em escalas menores, a fruticultura<sup>18</sup>.

### 1.3.5 Luciara-MT (MT 03)

Luciara está localizada a 1.167km da capital, na Mesorregião Nordeste Mato-grossense e na Microrregião do Norte Araguaia. Possui uma população de 2.229 habitantes distribuídos em uma área de 4.145.262 km<sup>2</sup>.

O povoamento dessa localidade teve início a partir da metade do século XX, quando, atraídos por recursos de projetos colonizadores, um grupo de homens, liderado por Lucio Pereira da Luz, lançou-se nas matas da Região, vivendo por algum tempo da pesca, da caça e da cata de ovos de tartaruga, até arrancharem-se num lugar chamado Mato Verde, primeiro nome da futura cidade de Luciara, e trazerem para lá novas famílias (FERREIRA; SILVA, 2008, p. 117).

<sup>18</sup><http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=510410&search=mato-grosso|guaranta-do-norte>

A lei estadual nº 1940, de 11 de novembro de 1963, criou o município, cujo desenvolvimento econômico e social se deu de forma lenta. As pequenas transformações chegaram com a construção da rodovia BR 158 que alavancou o comércio e os serviços públicos, somados ao turismo e à atividade pesqueira.

O município é banhado pelo rio Araguaia, rico em peixes e com belas praias fluviais, tem duas fases significativas: a cheia de dezembro a abril e a seca nos demais meses do ano. Está localizada, também, no município de Luciara, a Ilha do Bananal, a maior ilha fluvial do mundo (25.000 km<sup>2</sup>), uma planície alagada na maior parte do ano, rica em fauna e em flora.

**Figura 14:** Rua dos Karajás – Luciara



**Fonte:** Acervo pessoal da pesquisadora

Outra população, a dos índios Karajás, reside na zona urbana de Luciara. O território do grupo é definido por uma extensa faixa do vale do rio Araguaia, na Ilha do Bananal, que mede cerca de dois milhões de hectares, e suas 29 aldeias estão preferencialmente próximas aos lagos e afluentes do rio Araguaia e do rio Javaés, assim como no interior da ilha, como a aldeia de São Domingos, demarcada com 5.705 hectares (FERREIRA; SILVA, 2008, p. 117).

### 1.3.6 Juara-MT (MT 04)

Juara possui uma área de 21.387.334 km<sup>2</sup> e uma população de 32.769 habitantes. Localizada na Mesorregião Norte mato-grossense e Microrregião de Arinos, fica a 507 km de Cuiabá.

O processo populacional da Região aconteceu no começo do século XX, quando os primeiros homens brancos, em sua maioria nordestinos, chegaram à Região habitada por povos indígenas Kayabí, com o intuito de explorar os seringais às margens do rio Arinos. Em um segundo momento, na década de 1970, a Região norte de Mato Grosso passou por um intenso processo migratório em que pessoas oriundas de diferentes Estados brasileiros ali chegavam em busca de novas perspectivas de trabalho. Nesse contexto, os olhares voltaram-se para a vasta Floresta Amazônica que se encarregou de motivar outras propostas de subsistência e desenvolvimento econômico – o extrativismo de madeira –, sobretudo da cerejeira e do mogno. Assim, as serrarias e laminadoras passaram a compor o cenário econômico do município de Juara, o que atraiu novos investidores e trabalhadores sulistas, sobretudo, paranaenses (MORENO E HIGA, 2005, p. 53).

Em 1976, a Colonizadora Sociedade Imobiliária da Bacia Amazônica (SIBAL), instala-se no município de Juara, na época, distrito de Porto dos Gaúchos-MT, na área onde foi implantado o primeiro bairro da cidade, hoje centro da cidade. A lei estadual de 14 de julho 1981 criou o município e, em 4 de julho de 1985, por meio da Lei Estadual nº. 4.060, Juara foi alçada à condição de comarca, instalada oficialmente em 29 de novembro de 1986. O acesso entre Juara e Porto dos Gaúchos era feito através de balsa pelo Rio Arinos até a construção da primeira ponte de madeira que foi inaugurada em 14 de dezembro de 1989. À época construiu-se também uma estrada com 50 km de extensão que demarcava as respectivas divisas, atualmente designada como MT 338.

Juara recebeu, na década de 70, um grande contingente de migrantes interestaduais que vinham, sobretudo, do Paraná com destino, principalmente, a zona rural: 25,4% buscavam a área urbana enquanto 74,6% se fixavam na área rural. Somando-se a esse elemento, considera-se o fato de a maioria dos migrantes estar à busca de terra como modo de subsistência (projetos de

colonização), o que justifica esse alto índice de migração para a zona rural nesse período. Já na década de 80 o município tem um aumento bastante acentuado na migração para a zona urbana, seguindo a tendência de urbanização que viveu todo o Estado neste período (FERREIRA; SILVA, 2008, p. 107).

**Figura 15:** Avenida principal de Juara-MT



**Fonte:** acervo pessoal da pesquisadora

Atualmente, Juara tem sua economia baseada na extração de madeira, na pecuária e na agricultura. A primeira figura como a atividade principal agregando mão-de-obra da população local para sua extração e beneficiamento.

### 1.3.7 Sinop-MT (MT 05)

O município de Sinop possui uma área de 3.942,231 km<sup>2</sup>, faz parte da Mesorregião Norte Mato-grossense e da Microrregião de Sinop e está localizado a 472 km de Cuiabá, a capital do Estado. Os seus habitantes somam 113.099, segundo o Censo do IBGE de 2010.

O processo de ocupação da área onde, atualmente, está localizado o Município, teve início em 1972, quando ali chegaram as primeiras famílias de

pioneiros, provenientes do Paraná e do Rio Grande do Sul, trazidas pela Colonizadora Sinop S.A., que adquiriu de terceiros aproximadamente 500 mil hectares de terra, na BR-163 (Cuiabá-Santarém), e criou a Gleba Celeste. O projeto da colonizadora consistia na fundação de quatro novas cidades: Vera (fundada em 1972), Sinop e Santa Carmem (fundadas em 1974) e Cláudia (fundada em 1978) (FERREIRA; SILVA, 2008, p. 215).

**Figura 16:** Colonizadora SINOP



**Fonte:** Arquivo pessoal da pesquisadora

Em 24 de julho de 1976, pela lei n. 3.754, de 1976, assinada pelo governador José Garcia Neto, Sinop foi elevada à categoria de Distrito de Chapada (atualmente Chapada dos Guimarães). Em 1979, pela lei n. 4.156, de 1979, assinada pelo governador Frederico Campos, Sinop foi elevada à categoria de município.

O município sustentou-se, por muito tempo, da extração e do beneficiamento da madeira, pois a acidez do solo inviabilizava o desenvolvimento da agricultura. A fixação dos migrantes, em sua maioria sulista (paranaense, gaúcho, catarinense ou o “gaúcho cansado<sup>19</sup>”), se consolidou com o desenvolvimento da cultura da soja, possível por meio de

---

<sup>19</sup> Expressão usada pelos mato-grossenses para designar os filhos dos rio-grandenses-do-sul que nasceram em Santa Catarina ou no Paraná, mas que têm origem étnica de família do extremo sul do País.

técnicas de manejo do solo e de tratamento corretivo. Quase quatro décadas após a sua fundação, Sinop continua atraindo migrantes oriundos de todas as regiões do Brasil, que ali chegam seduzidos por notícias de uma terra próspera e promissora.

#### 1.3.8 Diamantino-MT (MT 06)

Diamantino localiza-se a 200 km da capital Cuiabá, na Mesorregião Norte Mato-grossense e na Microrregião de Parecis. Possui uma área de 7.630,21 km<sup>2</sup> e sua população está estimada, segundo o censo de 2010, em 20.341 habitantes.

De acordo com Ferreira (2001, p. 125), a história do município está ligada à história do descobrimento das minas de Cuiabá, por Paschoal Moreira Cabral e Miguel Sutil, quando, em 1728, poucos anos depois da fundação de Cuiabá, garimpeiros encontraram pedras diamantíferas, cuja extração era privativa da Coroa Portuguesa. Tal achado levou o governo a fechar todos os garimpos da Região. Todavia, apesar disso, a mineração clandestina continuou. Em 1811 foi criado o Destacamento Diamantino do Paraguai para inibir o garimpo ilegal, que assegurou a fixação do povoado de Diamantino. No dia 9 de agosto de 1811, a Resolução Régia criou a Paróquia de Nossa Senhora da Conceição do Alto Paraguai Diamantino.

Elevado à categoria de vila com a denominação de Alto Paraguai Diamantino, foi desmembrado de Cuiabá em 23/11/1820 e elevado à categoria de município, por lei estadual nº 772, de 16/07/1918. A alteração toponímica de Alto Paraguai Diamantino para Diamantino ocorreu em 04/08/1906 (FERREIRA; SILVA, 2008, p. 80).

**Figura 17:** Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição – Diamantino-MT



**Fonte:** Arquivo pessoal da pesquisadora

Com a boa fase econômica dos ciclos da borracha e do garimpo, o município elevou significativamente seu orçamento, configurando-se, por um longo período, como um dos mais rendosos da Província. Posteriormente a esse avanço econômico e com o declínio do garimpo, sofreu inúmeras emancipações políticas e a consequente fragmentação de seu território.

Em meados da década de 80 do século XX, o município chegou a ingressar na era do plantio de soja no cerrado; no entanto, as características do solo e o relevo de planaltos fizeram com que os sojicultores vendessem suas terras e subissem mais para o norte do Estado, onde havia chapadões e um solo mais propício ao cultivo daquele grão. Para Diamantino, então, são legadas poucas fazendas de soja, restando para a Região a criação de gado. Com a estagnação do crescimento, pouco se tem feito para a preservação do rico patrimônio histórico da cidade sede do município.

#### 1.3.9 Nova Xavantina-MT (MT 07)

O município localiza-se na Mesorregião Nordeste de Mato Grosso e na Microrregião de Canarana, distante da capital, Cuiabá, 600 km. Cercada pela Serra do Roncador, a cidade é cortada pelo rio das Mortes. Atualmente possui

uma área de 5.526.733 km<sup>2</sup> e uma população estimada em 19.475 habitantes, em sua maioria mato-grossense e goiana<sup>20</sup>.

Em meados do século XVII já se registravam ocupações de bandeirantes à caça de índios e ouro na Região. Esses primeiros colonizadores formaram a vila de Araés, às margens do rio das Mortes, onde havia grande quantidade de ouro de lixiviação<sup>21</sup>. Entretanto, com o fim desse minério, o povoado ficou, por mais de três séculos, praticamente despovoado, até 1943, com a penetração da expedição Roncador-Xingu por aquelas matas onde é atualmente Nova Xavantina. A expedição lançou a pedra fundamental de Xavantina, na margem direita do rio das Mortes, no dia 14 de abril de 1944. O nome homenageava ao povo indígena xavante.

**Figura 18:** Pedra fundamental da criação de Nova Xavantina-MT



**Fonte:** Arquivo pessoal da pesquisadora

A Região passou por várias atribulações, pois, com o fim da Segunda Guerra Mundial (1945) e a vitória dos aliados, os projetos de desenvolvimento do sertão brasileiro ficaram em segundo plano, fato que levou nordestinos e goianos que habitavam a área desde a época áurea do garimpo, sem recursos e apoio do governo, a abandonarem a Região.

<sup>20</sup> Fonte: <http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=510625&search=mato-grosso|nova-xavantina|infograficos:-historico>

<sup>21</sup> Processo de extração do ouro por meio da separação de certas substâncias, como os sais nelas contidas.

Em 1978, com a abertura da rodovia BR 158 e a construção da ponte sobre o rio das Mortes, migrantes vindos da Região Sul do País desbravaram e transformaram as terras férteis da Região em paisagem de boi, milho e feijão. Em 03 de março de 1980 foi criado o município, pela lei estadual nº 4.176 e nomeado de Nova Xavantina.

Atualmente, a principal atividade econômica do município é a pecuária extensiva. Nova Xavantina também preserva as belezas naturais com um grande potencial para o ecoturismo ainda inexplorado, como o rio das Mortes.

### 1.3.10 Formoso do Araguaia-TO (TO 01)

Formoso do Araguaia está localizado a uma distância de 284 km de Palmas, a capital do Estado, na Mesorregião Ocidental do Tocantins e na Microrregião de rio Formoso. Possui 18.428 habitantes e uma área de 13.423.256 km<sup>2</sup>, configurando-se como o maior município em extensão territorial do Estado do Tocantins.

Em meados do século XVIII, a procura pelo ouro levou alguns portugueses às margens do rio Formoso. Expulsos pelos índios Javaés, esses homens abandonaram o local, ficando a Região praticamente desabitada até 1949, quando foram descobertas minas de cristal e formado um povoado.

Em 25 de setembro de 1963, o distrito alcançou sua emancipação, com o nome Formoso do Araguaia, desmembrando-se de Cristalândia. A partir de 1979 foi implantado o Projeto Rio Formoso, de agricultura irrigada em terras contínuas, o maior da América Latina, quando se iniciaram os experimentos de plantação de arroz por paulistas e goianos. Dessa atividade pioneira, nasceu a evidência de que a Região apresentava condições muito favoráveis para o cultivo de arroz irrigado, dependendo apenas de obras para possibilitar a drenagem no período das águas e irrigação no período das secas. Em detrimento disso, intensificaram-se as ocupações de terras, principalmente por pessoas vindas de Goiás e do Maranhão, o que aumentou o número de assentamentos na Região<sup>22</sup>.

---

<sup>22</sup>Fonte: [www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=170820&search=tocantins|formoso-do-araguaia](http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=170820&search=tocantins|formoso-do-araguaia)

**Figura 19:** Projeto de irrigação do rio Formoso



**Fonte:** Arquivo pessoal da pesquisadora

Hoje, o município de Formoso do Araguaia possui 5 Projetos de assentamentos com uma área de 53.813,271 hectares de terras e 575 famílias assentadas. As principais culturas são o arroz, o milho, a mandioca e a melancia. Nos assentamentos, com pequenas áreas plantadas, toda a produção do agricultor familiar é consumida e comercializada no próprio município.

#### 1.3.11 Pilar de Goiás-GO (GO 01)

A cidade de Pilar de Goiás está localizada no Vale de São Patrício-GO, na Mesorregião Centro-Goiano e na Microrregião de Ceres, distante da capital Goiânia a 250 km. Possui uma área de 906.648 km<sup>2</sup> e uma população de 2.733 habitantes.

**Figura 20:** Vista panorâmica de Pilar de Goiás-GO



**Fonte:** Arquivo pessoal da pesquisadora

Fundada em 1741 como Arraial de Nossa Senhora do Pilar<sup>23</sup>, teve seu apogeu no período da mineração do ouro, quando ganhou casarões e igrejas de arquitetura colonial. Com o fim da mineração, o arraial passou décadas isolado e chegou a ter apenas 270 moradores em 1950. O conjunto urbano e arquitetônico da localidade foi tombado pelo IPHAN – Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – em 1954, e hoje restam algumas construções e bens preservados, como a Casa de Câmara e Cadeia (considerada a menor casa desse tipo no Brasil); os famosos Sinos de Pilar, fabricados no século XVIII; a Casa da Princesa ou Casa dos Dutra – vulgarmente conhecida como Casa da Princesa, na qual a Princesa Isabel residiu por cerca de seis meses, no auge da mineração; a Gruta dos Escravos, a Igreja de N. Senhora das Mercês (também chamada de Igreja dos Pardos), dentre outras construções imponentes<sup>24</sup>.

---

<sup>23</sup> Segundo relato do informante HGII, um bandeirante fez uma promessa à Nossa Senhora do Pilar de que, se naquela região brotasse água para que ele pudesse trabalhar, como forma de gratidão daria um sino de ouro para a igreja que seria construída naquela vila. A promessa foi atendida e foi construído um sino de 900 quilos em cuja liga foi gasta uma arroba de ouro. Esse sino é famoso em todo o mundo. A partir daí, a então vila de Papuã passou a se chamar arraial de Pilar de Goiás.

<sup>24</sup> Fonte: [www.cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=521690&search=goias|pilar-de-goias|infograficos:-historico](http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=521690&search=goias|pilar-de-goias|infograficos:-historico)

Considerada a construção mais luxuosa do ciclo do ouro em Goiás, a Casa da Princesa impressiona pelas pinturas de portas e tetos. Destacam-se também as janelas pelo requinte de sua talha com floreios na parte superior. Representa a mais importante obra arquitetônica não religiosa do barroco do século XVIII da província de Goiás. Pertence hoje ao IPHAN e abriga o museu histórico da cidade, conhecido como Casa da Princesa.

A Igreja de Nossa Senhora das Mercês ou Igreja dos Pardos possui talha barroca no altar-mor, em madeira, assim como um púlpito e coro também em madeira, torre sineira lateral com escada exterior que é típica das igrejas menores do século XVIII. Erguida pela irmandade dos pardos e, dentre as três igrejas mais importantes de Pilar de Goiás, é a única que preserva maior originalidade e integridade. A igreja da irmandade dos pretos não existe mais e a de Nossa Senhora do Pilar ou da irmandade dos brancos, na atualidade, é apenas um espaço com restos arquitetônicos do que sobrou da antiga igreja e palco de uma das principais atrações turísticas do município, a Festa de Nossa Senhora do Pilar e as Cavalhadas<sup>25</sup>.

Depois de três séculos do apogeu do ciclo da mineração, a pacata Pilar de Goiás vive a expectativa de um novo ciclo do ouro, com a instalação da mineradora canadense Yamana Gold, em 2013, que emprega 551 funcionários. Com um investimento de R\$ 170 milhões, o projeto tem como tarefa a extração de ouro em mina subterrânea.

#### 1.4 Síntese da contextualização do espaço da pesquisa

Mattos e Silva (2001, p. 166) argumenta que a colonização do Brasil foi marcada por vários momentos, como a chegada dos primeiros colonizadores, no início do século XVI, a corrida do ouro, no final do século XVII, a vinda da Família Real em 1808. Com isso, a autora chama a atenção para o fato de não ter sido somente o português quinhentista o trazido para o Brasil. Nesse processo, ocorreu, em diversos momentos de sua história, grande ocupação do território por nordestinos, nortistas e sudestinos que contribuíram sobremaneira com as variedades regionais da língua portuguesa faladas nessa Região;

---

<sup>25</sup> Fonte: <http://www.pilar.go.gov.br>

dentre um contingente de migrantes havia descendentes de alemães (teuto-gaúchos), de italianos (italo-gaúchos), de portugueses (luso-gaúchos) de russos, de turcos etc. Somados a esses migrantes, juntam-se os indígenas que circulam em áreas urbanas e os que, por não terem suas terras demarcadas, migram de uma aldeia para outra. Além disso, há quilombolas remanescentes nos quatro Estados envolvidos na pesquisa (em Goiás, 33, em Mato Grosso 73, em Rondônia 05 e em Tocantins 16)<sup>26</sup>.

Pelo exposto neste capítulo, o contexto linguístico que convencionamos delimitar como “território incaracterístico” é marcado pelo contato multivarietal (ALTENHOFEN, 2014, p. 98), visto que as migrações sempre estiveram presentes na Região. Na contemporaneidade, as migrações ainda fazem parte da rotina dessas sociedades, uma vez que a mobilidade de um lugar (topos) para outro é predominante. Dessa forma, exemplos de comunidades topostáticas, em que a população nasce, vive e morre na mesma localidade constituem uma raridade (THUN, 1998).

Assim, para estudar esse mosaico de culturas e de variedades linguísticas em contato, esta tese encontra seu aporte teórico-metodológico na Dialetoologia Pluridimensional e relacional que tem fornecido as ferramentas mais adequadas para organizar esse aparente caos, como veremos no capítulo seguinte.

---

<sup>26</sup>Fonte:<http://uc.socioambiental.org/territ%C3%B3rios-de-ocupa%C3%A7%C3%A3o-tradicional/territ%C3%B3rios-remanescentes-de-quilombos>

## 2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS: A DIALETOLOGIA E OS ESTUDOS DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

O contexto sócio-histórico e cultural das onze localidades pesquisadas e apresentadas no capítulo anterior evidencia a importância do diálogo entre várias disciplinas para o estudo da variedade linguística da área do “território incharacterístico”. Neste capítulo, tratamos de algumas áreas do conhecimento, relacionadas às ciências da variação e mudança linguística, em especial, a Dialetoologia/Geolinguística e a Sociolinguística.

Platão (439-347 a.C) foi o primeiro pensador ocidental a refletir sobre os problemas da linguagem como objeto de um estudo sistematizado. Para esse filósofo, a linguagem é imposta aos homens pela natureza ou se origina do poder de julgamento dos homens. Nessa perspectiva, o nome é a manifestação do objeto por meio de sílabas e de letras e representa a ideia fundamental da coisa, seu *eidos*. Aristóteles (384-322 a.C), por sua vez, postula que a linguagem surgiu por convenção ou por acordo entre os homens; assim delinea que os signos escritos representam os signos falados que, por sua vez, concebem impressões na alma e essas impressões são a aparência das coisas reais. As impressões e as coisas, para ele, seriam as mesmas para todos os homens e o que as difere é a interpretação por meio da palavra.

Nessa atmosfera da Atenas do final do século IV a.C, emerge uma primeira reflexão sobre a variação linguística na perspectiva diatópica. Segundo Brandão (1991, p. 07), os gregos conheciam quatro variantes regionais de sua língua: o *eólio*, o *jônico*, o *dórico* e o *ático*. Os romanos, por seu turno, classificavam sua língua, o latim, em *sermus urbanus* (a língua falada pelo povo da cidade) e *sermus plebeus* ou *sermus rusticus* (a língua falada pelos marinheiros, artesãos etc.).

Todavia, apesar de as preocupações com a língua e suas variações já existirem naqueles momentos da história, somente no século XIX é que ocorreram grandes avanços nos estudos da linguagem. A classificação das línguas, sua evolução histórica, os estudos sobre a distribuição geográfica das línguas indo-europeias e a reconstrução da língua comum de que provinham todas as línguas definiram o contorno geral dos estudos linguísticos que dominaram a segunda metade daquele século e o início do seguinte. A partir

daí, a relação entre língua, espaço e sociedade se tornou objeto de estudo das ciências da variação linguística.

## 2.1 A variação e a mudança linguística

Sabe-se que a língua se constitui pela complexa relação entre seus elementos e pela sua dinamicidade. Dessa forma, a variação linguística pode estar relacionada a fatores como o tempo, o espaço, o nível cultural e a situação em que um indivíduo se manifesta linguisticamente, já que na língua falada “coincidem o sistemático, o cultural, o social e o histórico” (COSERIU 1988, p. 62). Subjacente às palavras de Coseriu está o pressuposto de que as línguas se caracterizam por sua natureza inerentemente variável e por sua inter-relação com a sociedade. Não obstante, são justamente as alterações que revelam o caráter dinâmico da língua e a mantêm viva.

As formas em variação recebem o nome de "variantes linguísticas" que, conforme Tarallo (2006, p. 08), “são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de variável linguística”. Berruto (2010), por seu turno, postula que a variável

[...] is one point of the system of a language (a phonetic/ phonological unit, a morphological item, a syntactic structure, a construction, a semantic unit and so on) that admits and shows different realizations, with the same referential meaning, in correlation with extralinguistic (geographical, social, situational) factors and properties (BERRUTO, 2010, p. 229).<sup>27</sup>

As variáveis linguísticas podem ser de caráter dependente e independente. A variável dependente é o fenômeno que se objetiva estudar neste trabalho, por exemplo, os róticos em início de sílaba ou de vocábulos. As variantes são as formas que estão em competição: no espaço aqui estudado coexistem, por exemplo, as fricativas e as vibrantes. O uso de uma ou outra variante é influenciado por fatores linguísticos (estruturais) ou sociais

---

<sup>27</sup>“É um aspecto do sistema de uma língua (unidade fonético-fonológica, um item morfológico, uma construção da estrutura sintática, uma unidade semântica, e assim por diante), que admite diferentes realizações, com o mesmo significado referencial, em correlação a outros fatores extralinguísticos (geográfico, social, situacional)” (TN = tradução nossa).

(extralinguísticos), fatores esses que constituem as variáveis explanatórias ou independentes.

Para a determinação de uma variável linguística, Labov (2008, p. 26) considera que haja, primeiramente, um item que seja frequente, que ocorra tão reiteradamente no curso da conversação natural espontânea que seu comportamento possa ser mapeado a partir de contextos não-estruturados e de entrevistas curtas. Além disso, deve ser estrutural, pois, quanto mais integrado o item estiver num sistema mais amplo de unidades funcionais, maior será o interesse linguístico intrínseco deste estudo. E, por fim, a distribuição do traço deve ser altamente estratificada, visto que é ela que orienta o percurso da variação e que fornece os elementos para a análise da mudança linguística.

Enfim, podemos resumir que à variável corresponde algum elemento da língua que pode se realizar de diferentes maneiras e à variante cada possibilidade de realização de uma variável.

Além das variações que ocorrem no sistema linguístico, as línguas podem sofrer, também, processos distintos de transformação: uma variante pode conviver com outra, e aí, ambas coexistirão no mesmo espaço linguístico; ou, uma subsistirá em prejuízo da outra, produzindo em longo prazo a mudança linguística.

Para Labov (1972, p.63), “nem tudo o que varia sofre mudança; toda mudança linguística, no entanto, pressupõe variação”. Segundo o autor, as variações sofrem dois processos distintos de transformação. O primeiro diz respeito à estabilidade e contemporização ou coexistência com duas variantes de igual valor semântico que convivem no mesmo espaço linguístico. O segundo refere-se à mudança em progresso, mediante a luta pela sobrevivência entre variantes, seguidas da morte de alguma delas.

O mesmo autor supracitado (1994, p.34) esclarece que a mudança linguística é sempre orientada pelas condições sociais da comunidade de fala. Os rumos que a inovação tomará dependerão das condições de encaixamento da mudança na comunidade de fala, ou seja, se duas formas coocorrerão (se são usadas ao mesmo tempo) ou se concorrerão (se as duas competirem entre si). Entretanto, a variação e a mudança não ocorrem sem uma seleção das formas linguísticas disponíveis na língua que são aceitas pela comunidade de fala.

É possível captar mudanças em curso tanto em amostras do passado (tempo real) quanto na língua em uso (tempo aparente), pois a língua é constituída por variações e alterações que cruzam períodos de tempo (LABOV, 1994, p. 63). Segundo essa perspectiva, se uma mudança estiver em curso, possivelmente haverá uma correlação significativa entre a idade dos informantes e o fenômeno estudado.

Observando-se o comportamento linguístico de falantes em diversas faixas etárias analisa-se a mudança em tempo aparente, enquanto o recontato com os mesmos informantes ou a utilização de uma nova amostra representativa de trabalhos anteriores permite observar se a variante inovadora aumentou a frequência na comunidade com o passar do tempo “real”.

Para Chambers e Trudgill (1994, p.211), o estudo em tempo real tem várias vantagens, dentre elas, o fato de o investigador poder retornar para obter mais dados, preencher lacunas ou corrigir falhas.

Um exemplo, no Brasil, de estudo em tempo aparente e em tempo real, é o *Atlas Geossociolinguístico de Londrina: um estudo em tempo real e tempo aparente*<sup>28</sup> (ROMANO, 2012), que engloba essas duas perspectivas, pois, conforme o autor,

É um estudo em tempo aparente à medida que consideramos a faixa etária como uma importante variável extralinguística e, trata-se de um estudo em tempo real (estudo tendência), por voltarmos à mesma comunidade e coletarmos novos dados, que foram comparados aos resultados obtidos pelo EALLO (1985/86) (ROMANO, 2012, p. 45)

O ALTTI – Atlas Linguístico Topodinâmico do Território Incaracterístico, produto desta tese, é um trabalho em tempo aparente, posto que seu *corpus* foi coletado considerando variáveis linguísticas como a faixa etária dos informantes.

Ademais, contemporaneamente, os instrumentos para a análise e descrição das línguas são muitos. Saussure (2006) já defendia que “o ponto de vista é que cria o objeto”; dessa forma, é possível estudar os fatos linguísticos por meio de diversos olhares. Todavia, independentemente do ponto de vista

---

<sup>28</sup> O Atlas Geossociolinguístico de Londrina, com base nas cartas do Esboço de um atlas linguístico de Londrina - EALLO (AGUILERA, 1987), cuja tarefa principal foi registrar aspectos fonéticos e lexicais deste município coletados no biênio de 1985 e 1986, e em novos dados coletados, buscou contemplar tanto a perspectiva pluridimensional da variação linguística (THUN, 2005) como as mudanças em tempo real (real time) e tempo aparente (apparent time) (LABOV, 1996).

adotado para se estudar a linguagem, esse autor postula que “o fenômeno linguístico apresenta perpetuamente duas faces que se correspondem (língua e fala) e das quais uma não vale sem a outra” (SAUSSURE, 2006, p.15).

Neste estudo, em que o ponto de vista é a variação, a definição de alguns conceitos é essencial. O espaço, por exemplo, foi, durante muito tempo, relegado a segundo plano nos estudos variacionistas, quando não negligenciado. No entanto, os estudos dialetais modernos trouxeram novas perspectivas espaciais ao analisar e descrever o comportamento linguístico de áreas geográficas, sobretudo, em áreas multivarietais.

### 2.1.1 Espaço, comunidade de fala e territorialidade

Em se tratando de estudos linguísticos, o espaço<sup>29</sup> se relaciona com a distribuição dos recursos linguísticos, já que a dinâmica interna da língua reflete sua variação no espaço em que ela é produzida (JOHNSTONE, 2010, p.9). O espaço pode ser considerado, ainda, como uma entidade física e geográfica em um contexto construído socialmente, como ressalta Berruto (2010, p. 227), ao postular que os principais fatores da estrutura social de uma comunidade linguística acontecem em quatro níveis nos quais a língua varia: no tempo (com o passar do tempo); no espaço (conforme a distribuição geográfica); na estratificação social (de acordo com a classe social) e em situações sociais (de acordo com a situação comunicativa na qual está inserida).

Altenhofen (2014, p. 71), por exemplo, partindo do princípio de que fronteiras políticas e fronteiras linguísticas dificilmente coincidem, pontua que as línguas variam internamente e de *status*, podendo ser “a) língua majoritária ou minoritária, b) central ou periférica, ou ainda c) língua oficial ou marginal”. Para o linguista, por meio da variação línguas muito distintas ocupam territórios e constituem territorialidades.

Por territorialidade entendo, aqui, o espaço de uso real ou potencial de uma variedade ou variante linguística. O território é, em contrapartida, a base físico-geográfica, a área onde se constituem territorialidades distintas. Consequentemente, a territorialização

---

<sup>29</sup> Por espaço geográfico se compreende, tradicionalmente, uma porção específica da superfície da Terra, diferenciada pela forma como o homem imprimiu suas marcas, ou como simples referência à localização (SANTOS, 2006, p. 178).

refere-se à ação de ocupar territórios e definir aí territorialidades, que, como veremos, podem ocorrer em diversos níveis, desde o situacional até o geográfico (ALTENHOFEN, 2014, p.75).

Nesta tese o espaço em estudo é marcado pela heterogeneidade, pois recebeu e continua recebendo povos vindos de diversos lugares, que trazem consigo suas variedades linguísticas que, com o tempo, passaram a fazer parte do repertório local ou foram rejeitadas pela comunidade de fala. Além disso, por ser essa área ser de povoamento recente, ainda é divergente. O processo de coineização ainda não se concluiu porque requer tempo para isso, já que a geração II, em grande parte, ainda é de migrantes não nascidos no lugar.

Dentre os linguistas que se debruçaram sobre o conceito de comunidade de fala, destacam-se, nesta tese, Bloomfield (1926), Gumperz (1968), Labov (1972) e Guy (2000). Toma-se, inicialmente, a definição de Bloomfield (1926, p. 42), segundo o qual comunidade de fala “é um grupo de pessoas que interage por meio da fala”. A partir desse conceito amplo, Gumperz (1968, p.384) a define como um grupo de falantes que compartilha um conjunto de normas e regras para o uso da língua. Para esse autor, deve haver diferenças linguísticas específicas entre os membros de uma comunidade de fala e os que estão fora dela. Nesse sentido, essa definição abrange o aspecto social da língua, da comunicação, mas limita a tendência natural para a interação das variedades linguísticas.

Já para Labov (1972, p. 120), uma comunidade de fala é aquela que compartilha normas e atitudes sociais perante uma língua ou variedade linguística. Para esse estudioso, a comunidade de fala não é definida por nenhum acordo marcado quanto ao uso dos elementos da língua, mas, sobretudo, pela participação em um conjunto de normas compartilhadas. Guy (2000, p. 19), por seu turno, salienta que a comunidade de fala se constitui a partir de três critérios: i) os falantes devem compartilhar traços linguísticos que sejam diferentes de outros grupos; ii) devem ter uma frequência de comunicação relativamente alta entre si; iii) devem ter as mesmas normas e atitudes em relação ao uso da linguagem e; iv) devem constituir uma territorialidade de uso de sua variedade e de interação entre os membros, que nem sempre é especialmente delimitável e exclusiva. Para o linguista, os limites entre uma comunidade de fala e outra devem ser vistos em termos de

diferenças gramaticais e não, simplesmente, diferenças na frequência de uso de determinada variável.

Vale ressaltar que a densidade de comunicação relativamente alta em um grupo significa que os falantes têm mais acesso e exposição aos usos linguísticos de outros membros do grupo. Logo, têm mais acesso ao que outros membros da comunidade estão fazendo com a linguagem, o que cria a possibilidade de adquirir deles certos traços linguísticos; já o nível relativamente baixo de comunicação com não-membros torna menos provável que se adquiram usos de fora da comunidade de fala. Em outras palavras, “a comunidade de fala é o domínio no qual os processos sociolinguísticos de acomodação e convergência ocorrerão” (GUY, 2000, p.20). Dito sucintamente, fala-se como as pessoas com as quais se fala. Talvez isso explique o conservadorismo linguístico em algumas localidades pesquisadas, como Aripuanã, Luciara e Guajará-Mirim, afastadas fisicamente dos grandes centros.

Entretanto, a mera exposição a um traço linguístico não é suficiente para propiciar a sua acomodação e a sua aquisição. No espaço contemplado por este estudo, os falantes de localidades maiores e de maior contato com a capital, como Sinop e Ji-Paraná, cujas populações são formadas, em sua maioria, por gaúchos e paranaenses, não mostram sinais de absorção total das variedades sulistas.

De tal modo, compartilhamos da teoria de Guy, mas salientamos que o fato de haver integração numa comunidade de fala não significa que nela deva haver homogeneidade. Pelo contrário, há diversidade dentro da própria comunidade de fala, já que a língua se constitui por várias redes de socialização ligadas a padrões de uso, de interpretações linguísticas e de normas.

Tomando por base a dicotomia saussuriana língua e fala, Hjelmslev (1975 [1943], p.84) defende que a língua pode ser concebida a partir de três perspectivas: i) como sistema – a língua considerada na sua forma totalmente pura, definida independentemente de sua realização social e de sua manifestação material; ii) como uso – um conjunto de hábitos adotados em dada comunidade e definido pelas manifestações observadas na socialização da fala; iii) como norma – definida por determinada realização social, mas

independente do detalhe da manifestação, refere-se às estruturas correspondentes às ideias.

Salientamos que na Região investigada por este estudo, o fonema /r/, por exemplo, ocorreu em vários contextos, como em *rosa*, *calor*, *dormindo*, entre outros. Em cada um desses contextos, porém, os róticos podem ser realizados por meio de diversos alofones: [ˈrɔzɐ], [ˈxɔzɐ], [kaˈloɾ], [kaˈloh], [duhˈmĩdu], [durˈmĩdu].

Depreendemos, pois, que a funcionalidade da norma, sob a perspectiva de Hjelmslev (1975), deve-se ao caráter distintivo dos fonemas. Da mesma forma, em *mata/lata*; *rato/mato* constata-se um caráter funcional, isto é, a alternância dos fonemas acarreta mudança não só do significante, mas também do significado.

Embora essas ponderações sejam de grande valia para explicar a complexidade do fenômeno da linguagem, o modelo de Hjelmslev (1975), guiado por critérios exclusivamente linguísticos, sugere uma concepção estática da linguagem que será dinamizada a partir de outros estudos, como os de Eugênio Coseriu (1979; 1982; 1988), para quem uma língua histórica nunca é um único sistema, mas um conjunto de diferentes sistemas. Para esse estudioso, a língua apresenta, fundamentalmente, três aspectos da variação, ou seja, varia no espaço (variação diatópica), varia socioculturalmente (variação diastrática) e varia no aspecto expressivo (variação diafásica). Esse autor defende uma posição mais dinâmica também em relação à norma.

## 2.2 A questão da norma nos estudos da variação

A norma, para Coseriu, é “variável, segundo os limites e a índole da comunidade analisada”, e contém aquilo que no falar concreto é a repetição de modelos anteriores. É ela que impõe ao indivíduo as formas aceitas pela comunidade e o condicionante que limita a liberdade de expressão. Desse modo, “norma é realização ‘coletiva’ do sistema” (COSERIU, 1979, p.74).

Na verdade, os conceitos de “Sistema” e “Norma” não se opõem entre si, mas se complementam. Para Coseriu,

El sistema es «sistema de posibilidades, de coordenadas que indican los caminos abiertos y los caminos cerrados de un hablar «comprensible» en una comunidad; la norma, en cambio, es un «sistema de realizaciones obligadas, consagradas social y culturalmente: no corresponde a lo que «puede decirse», sino a lo que ya «se ha dicho» y tradicionalmente «se dice» en la comunidad considerada. El sistema abarca las formas ideales de realización de una lengua, [...]; la norma, en cambio, corresponde a la fijación de la lengua en moldes tradicionales; y en este sentido, precisamente, la norma representa en todo momento el equilibrio sincrónico («externo» e «interno») del sistema<sup>30</sup> (COSERIU, 1979, p.50).

Cada vez que é utilizado o sistema, ocorre a recriação da língua. Se desconsideradas as peculiaridades de cada falante, há uma série de elementos comuns à comunidade linguística. Essas facetas já não são mais individuais e singulares, mas comuns no coletivo da fala. A esses elementos comuns a todos os falantes da mesma comunidade, pode-se chamar de norma social. Todavia, cada indivíduo tem a sua norma. Assim, a norma individual constitui um campo intermediário que compreende aquilo que é repetição, que são elementos constantes no falar do próprio indivíduo, eliminando o que é puramente ocasional e momentâneo, o que, até do ponto de vista do indivíduo considerado, é originalidade expressiva absoluta, elemento totalmente inédito.

Por meio de um exemplo do campo do léxico, é possível autenticar as afirmações de Coseriu (1979). Embora o sistema possibilite várias formas para denominar a parte de trás do pé, é norma no Rio Grande do Sul o uso da variante *garrão*<sup>31</sup>. Nesta pesquisa, constatou-se que todos os informantes da segunda faixa etária que migraram do Rio Grande do Sul para a área investigada usam a mesma variante, como ficou explícito nas respostas fornecidas para a pergunta 34 do QSL (*e esta parte do pé? - mostrar*), embora haja oscilação na pronúncia: [ga'xãw] ou [ga'rãw]. A variante lexical *calcanhar*, mais usada no restante do Brasil, convive harmoniosamente com *garrão* na área geográfica, aqui estudada, assim como, a *macaxeira* e a *mandioca* se espalham pelo Brasil e todos compreendem que nomeiam o mesmo referente.

---

<sup>30</sup> O sistema é sistema de possibilidades, de coordenadas que indicam os caminhos abertos e os caminhos fechados de um falar compreensível numa comunidade; a norma, em troca, é um sistema de realizações obrigatórias, consagradas social e culturalmente: não corresponde ao que se pode dizer, mas ao que já se disse e tradicionalmente se diz na comunidade considerada. O sistema abrange as formas ideais de realização duma língua [...] a norma, em troca, corresponde à fixação da língua em moldes tradicionais; e neste sentido, precisamente, a norma representa, a todo o momento, o equilíbrio sincrónico (externo e interno) do sistema.

<sup>31</sup> Cf. carta 183 do Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS) (2011, p. 451).

Merece destaque, ainda, nesta discussão sobre norma linguística<sup>32</sup>, o trabalho de Dante Lucchesi (2002) que aborda a questão da norma no universo linguístico brasileiro. Esse estudioso apresenta uma visão da realidade linguística do Brasil como um sistema bipolarizado, constituído por dois subsistemas: a norma culta e a norma popular. Para esse autor, a norma culta é advinda dos modelos transmitidos ao longo dos séculos nos meios da elite colonial e inspirados na língua da metrópole portuguesa. A norma popular, por sua vez, “é representada pela maioria da população alijada de seus direitos elementares e mantida na exclusão e na bastardia social” (LUCCHESI, 2002, p.87).

Subjacente a essa definição de norma<sup>33</sup> apresentada por Lucchesi está a ideia de variedades *standard* (variedades padrão), ou seja, “a variedade linguística de prestígio social, usada como norma institucionalizada numa comunidade, quase sempre associada aos usos escritos literários ou mais formalizados” (CALVET, 2002, p. 168) e *substandard* (variedades coloquiais ou não-padrão) compreendida por Bellman (1999, p. 22) como uma área na qual estão inseridas todas as variedades linguísticas que estão abaixo da variedade nomeada como *standard*, ou melhor, como língua-padrão.

### 2.3 Dialeto, falares e variedades: alguns pressupostos

Assim como o conceito de norma, o de dialeto pode ser concebido de diferentes formas, não sendo, pois, unânime a sua concepção entre os estudiosos. Uma das definições mais recorrentes para o termo, na literatura especializada, está calcada em critérios especificamente políticos, por isso concebe dialeto como um subsistema da língua, não reconhecido pelo Estado e, geralmente, sem tradição literária, como postula Coseriu (1982). Outros estudiosos, como Chambers e Trudgill (1994) enunciam que entre língua e

---

<sup>32</sup> Sobre conceitos de norma linguística, consultar também Alain Rey (1972), Luís Fernando Lara (1976), Manoel Alvar (1996), dentre outros.

<sup>33</sup> Neste trabalho, foi adotado o conceito de norma na perspectiva de Coseriu, para quem, resumidamente, a norma constitui um primeiro grau de formalização, com estruturas que são normais e tradicionais na comunidade de fala. Desta maneira pode-se inferir que norma é aquilo que em uma comunidade linguística é “normal” para seus falantes, considerando, ainda, que a norma de uma comunidade não é passível de alterações sem que haja concordância de grande parte dos integrantes do grupo.

dialeto não há distinção substancial, uma vez que o comportamento da variedade não-oficial é quase sempre igual ao da padrão.

Para Leite de Vasconcelos (1987 [1901], p. 27), por exemplo, dialeto pode ser definido como “as diferenças locais de uma língua admitindo dentro dos dialetos os subdialetos e dentro destes as variedades”. Esse pesquisador classificou as variedades da língua portuguesa, segundo seu domínio geográfico, em dialetos continentais, insulares e de ultramar e considera que o dialeto continental resulta da evolução do latim vulgar, enquanto os insulares e ultramares provêm da evolução do português continental no período colonial.

Segundo o autor,

La langue nationale du Brésil est Le portuguais, qui transporté dans um milieu si différent de celui de son origine, y a éprouvé beaucoup de modifications... Si j'appelle dialecte, par exemple, Le portugais de Trás-os-Montes, à plus forte raison jê dois Donner ce nom au portugais du Brésil, ou brasilien (LEITE DE VASCONCELLOS, 1987, p. 132).<sup>34</sup>

O conceito de dialeto brasileiro, empregado por Leite de Vasconcellos, não se limita a uma determinada variedade da língua portuguesa, falada no Brasil, mas compreende um conjunto de variedades geográficas e sociais, com uma dimensão histórica, ou seja, o termo *dialeto brasileiro* refere-se ao produto da evolução do português continental em determinado meio ultramarino, a partir da colonização.

É sabido, entretanto, que essa posição não mais se sustenta numa nação<sup>35</sup> como o Brasil, cujo povo se vê como um ente singular frente aos demais e cuja produção literária é intensa e reconhecida mundialmente. Assim como não se sustenta a visão de Coseriu (1982, p. 12), para o qual dialeto é um subsistema subordinado a outra língua, de ordem superior, como se fosse um subgrupo de um grupo maior. Contrapondo-se a Coseriu, Chambers e Trudgill (1994, p. 19) postulam que todos os usuários de uma língua falam ao menos um dialeto e que não há nenhum sentido supor que um dialeto qualquer seja linguisticamente superior a outro.

---

<sup>34</sup> A língua nacional do Brasil é o português, que transportado em meio muito diverso do da sua origem, tem sofrido muitas modificações. Se chamo dialeto, por exemplo, ao português de Trás-os-Montes, com mais forte razão ao português do Brasil, ou brasileiro, devo dar este nome (TN).

<sup>35</sup> Toma-se a ideia de nação como etnia, na visão de Darcy Ribeiro (1995), em sua obra “O povo brasileiro”.

Dentre os estudiosos brasileiros, Ferreira e Cardoso (1994, p. 15) entendem o termo *dialeto* como as várias influências internas e externas sofridas pela língua nos seus aspectos socioculturais, espaciais, estilísticos. As autoras relacionam o termo dialeto com isoglossa, que é “uma linha virtual que marca o limite, também virtual, de formas e expressões linguísticas”, isto é, através de uma linha, desenhada numa determinada Região, demarcam-se áreas onde ocorrem certas variantes linguísticas que não ocorrem nas outras.

A partir desse conceito de isoglossa, pode-se definir dialeto como um conjunto de isoglossas que formam uma relativa homogeneidade dentro de uma comunidade linguística em confronto com outras. (FERREIRA; CARDOSO, 1994, p. 16). Essa definição de isoglossa, entretanto, nascida com a dialetologia no final do século XIX, não se sustenta mais porque as línguas e comunidades de fala atuais são topodinâmicas, em virtude da grande mobilidade das populações recentes.

Como exposto, o termo dialeto é complexo e carece de maiores reflexões, pois ora é entendido como variedade de uma língua compartilhada por um grupo de falantes e ora como uma variedade da língua, falada em um determinado local ou Região. Numa tentativa de esclarecer melhor o termo, Berruto (2010) defende que

[...] dialect is a category sensitive to the different sociolinguistic situations and to the particular characteristics of linguistic repertoires, and can mean somewhat different things in different situations (Britain 2004). While, for example, in the USA dialects are simply spoken varieties of English with some differences in pronunciation and lexicon (cf. Chambers and Trudgill [1980] for a general Anglo-Saxon perspective, and Wolfram and Schilling-Estes [1998] for the USA), in Germany as well as in Italy dialects are mostly spoken regional linguistic systems with a noticeable structural distance from (Standard) German and (Standard) Italian, and with an autonomous history and development<sup>36</sup> (BERRUTO, 2010, p. 230).

Em decorrência da polissemia do termo *dialeto*, alguns linguistas preferem utilizar o termo *falar* para definir as variedades geográficas, sociais, estilísticas de uma língua. Dentre esses, Antenor Nascentes (1953), reconhecendo a polêmica entre portugueses e brasileiros sobre a noção do

---

<sup>36</sup> “Dialeto é uma categoria sensível às diferentes situações sociolinguísticas e as características particulares de repertórios linguísticos e pode significar coisas um pouco diferentes em situações diversas. Enquanto, por exemplo, nos EUA dialetos são simplesmente variedades do inglês falado com algumas diferenças fonéticas e lexicais; na Alemanha, bem como na Itália, dialetos são sistemas linguísticos regionais com certa distância perceptível das variedades *standards* do alemão e do italiano” (TN)

termo *dialeto*, adota o termo *falar* ao se referir ao português brasileiro. Silva Neto (1957, p. 23), por sua vez, conceitua o *falar* como um feixe de traços distintivos caracterizados, por um lado, pelas discrepâncias da língua comum e, por outro, pela consciência que une os membros do grupo e os distingue dos grupos vizinhos. Já Cintra (1983, p. 129) usa *dialeto* para variantes que definem uma zona maior e reserva *falar* para variedades que ocupam apenas uma localidade.

Por fim, outros estudiosos, como Fishman (1995) vinculado à Sociologia da Linguagem, adota o termo *variedade linguística*. De acordo com esse autor, o termo variedade, trazido da Sociolinguística, é utilizado frequentemente por tratar-se de uma designação não valorativa; indica apenas o *status* linguístico da diferença ao ser comparada com outras variedades. Já os dialetos, na concepção desse estudioso, são aquelas variedades que inicialmente e basicamente representam origens geográficas divergentes (FISHMAN, 1995, p. 48-50). Faraco (2008), por seu turno, também defende que não existe língua para além ou acima do conjunto de suas variedades constitutivas: “a língua é próprio conjunto de variedades” (FARACO, 2008, p. 33). Neste trabalho, considerando o emprego polissêmico de dialeto e a restrição geográfica do termo falar, adotamos a noção de variedade linguística.

#### 2.4 Percursos trilhados pelos estudos dialetais

No século XIII, Dante Alighieri já se ocupava com o problema da variação linguística. Em *De Vulgari Eloquentia* (1302), Alighieri classificou catorze dialetos italianos e distribuiu as línguas românicas em três grupos, tomando como critério de classificação o advérbio de afirmação utilizado: línguas de *si*, *d'oc* e *d'oil*. Concebe, paralelamente, a existência de duas línguas: o vernáculo, aprendido pela criança durante a infância, pelo contato com a sua ama; e outra que ele chama de gramática, adquirida através de um estudo cuidadoso e não pelo contato humano, como o vernáculo. Da primeira, fazem uso todos os homens e mulheres e a segunda é possuída pelos romanos, pelos gregos e alguns outros povos. Para Alighieri, a gramática é artificial, pois é demasiadamente lógica e perfeita, contrastando com as

irregularidades e múltiplas manifestações do vernáculo, que é natural, tem várias manifestações e pronúncias (MORAES, 2013, p. 28).

Entretanto, apesar dessa classificação de Alighieri, até o final do século XVIII, a preocupação da Linguística era estritamente filológica, isto é, os estudos da língua tinham como primazia a correta interpretação dos textos, sobretudo, dos textos sagrados. Os neogramáticos defendiam o ponto de vista de que as leis fonéticas deveriam explicar-se por leis puramente naturais, embora admitissem a influência da analogia. Contrapondo a essas ideias naturalistas, no final daquele século os dialetos começaram a se tornar objeto da atenção dos linguistas, o que fez despontar um novo ramo das ciências da linguagem, a Dialetologia, que se dedica ao estudo da variedade e diversidade de usos em uma perspectiva diatópica.

Cardoso (2010, p. 35-37), referenciando Pop (1950), destaca dois trabalhos significativos, nesse período, para a construção da Dialetologia. O primeiro trata de um inquérito, feito em 1807, a pedido do Ministério do Interior Francês, com o objetivo de chamar a atenção para a necessidade de se estudarem os *patois* franceses, em via de descaracterização, pelo processo de nivelamento cultural. Essa pesquisa obedecia a uma metodologia bem definida, já que se pedia ao informante a tradução da parábola do Filho Pródigo para o uso da língua regional. O segundo trabalho que Cardoso destaca é o *Atlas ethnographique du globe* (1826), idealizado por Adrien Balbi, no qual também constam dados comparativos entre o português do Brasil e o português de Portugal, enviados por visconde de Pedra Branca.

Esses primeiros trabalhos dialetais priorizavam os sons e a gramática. O material recolhido em algumas localidades era comparado com os de outros dialetos por meio de consultas a glossários e gramáticas daquela língua. Tornava-se, pois, necessário um método mais específico para se fazer esse estudo comparativo. Esses estudos, mesmo incipientes, levariam a uma nova maneira de se olhar o dialeto; surgia a Geolinguística ou Geografia Linguística que consiste em representar, segundo Coseriu (1982),

[...] o registro em mapas especiais de um número relativamente elevado de formas linguísticas (fônicas, lexicais ou gramaticais) comprovadas mediante pesquisa direta e unitária numa rede de pontos de um determinado território, ou que, pelo menos, tem em conta a distribuição das formas no espaço geográfico correspondente à língua, às línguas, aos dialetos ou aos falares (COSERIU, 1982, p. 79).

O conjunto desses mapas linguísticos vai constituir o atlas linguístico.

Chambers e Trudgill (1994 [1980], p. 37) concebem a Geolinguística como “una metodología o más exactamente un conjunto de métodos para recopilar de un modo sistemático los testimonios de las diferencias dialectales”<sup>37</sup>. Os autores salientam, também, que a Geolinguística avançou com relação aos estudos anteriores por apresentar uma metodologia definida e descrever de um modo sistemático os testemunhos das diferenças dialetais.

Nesse contexto em que havia uma preocupação com o resgate de dados e a documentação dos diferentes estágios da língua, merece destaque o trabalho de Georg Wenker (1852-1911), que teve como propósito comprovar a validade das leis fonéticas dos neogramáticos nos dialetos alemães. Wenker realizou pesquisas em aproximadamente quarenta mil pontos em território alemão. Para isso, planejou o *Atlas Linguístico da Alemanha Setentrional e Central*, do qual apenas seis cartas foram publicadas em 1881. O método de pesquisa para a realização desse atlas consistiu no envio de questionários a religiosos e a professores da extensa área rural estudada. O mérito da tentativa de realização desse atlas deve-se ao fato de ser o primeiro a ser planejado ainda sob os postulados da neogramática (CHAMBERS; TRUDGILL, 1994, p. 40).

Se Wenker abre caminho para uma pesquisa diatópica ampla, permitindo a comparação de fatos entre uma Região e outra, o mérito de consolidar definitivamente o novo método da Dialetologia, a Geolinguística, recai sobre Jules Gilliéron que, em 1887, inicia a coleta de dados para o *Atlas Linguistique de la France* (ALF) (1902-1910). O resultado desse trabalho possibilitou a constatação da complexidade da evolução linguística, provando que a língua falada está, muitas vezes, distante da modalidade escrita. Gilliéron é considerado o fundador da Geolinguística, pois teve o mérito de iniciar a aplicação do método com rigor científico. Mais de um século depois da elaboração do ALF, inúmeros atlas linguísticos são elaborados na Europa, na América, na Ásia e em outras partes do mundo, ainda que indiretamente, respaldados no trabalho de Gilliéron.

---

<sup>37</sup> Uma metodologia, ou mais exatamente, um conjunto de métodos para recolher de um modo sistemático os testemunhos das diferenças dialetais (TN).

#### 2.4.1 A geolinguística monodimensional

Os primeiros trabalhos geolinguísticos eram estritamente voltados para a dimensão espacial, predominantemente rural, o que lhes conferia o *status* de monodimensionais. Tinham uma dimensão estritamente diatópica, ou seja, os informantes se restringiam a homens adultos, rurícolas, analfabetos e sedentários – o HARAS, como os identifica Zágari (1998, p. 35). Essa tendência é chamada hoje de Dialetologia tradicional. Esses atlas contemplavam exclusivamente a variação linguística no espaço geográfico, ocultando as variações entre falantes de uma mesma localidade. Além disso, a coleta de dados, feita exclusivamente por meio de questionários, impedia a apuração de outras informações linguísticas como, por exemplo, difusão, prestígio, atitudes e identidade. Todavia, a Dialetologia tradicional representava a realidade da época: mais topostática, isto é, pouca mobilidade populacional, menor densidade demográfica e migratória nos centros urbanos, transporte lento e caro, além de não haver tendências turísticas como hoje.

Segundo Altino (2007, p. 31), no Brasil, podem ser classificados de atlas linguísticos monodimensionais, uma vez que consideram apenas a dimensão diatópica: o *Atlas Prévio dos falares Baianos* – APLB (ROSSI et al., 1963), o *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais* – EALMG (RIBEIRO et al., 1977) e o *Atlas Linguístico da Paraíba* – ALPB (ARAGÃO; MENEZES, 1984).

#### 2.4.2 A geolinguística bidimensional

Em um segundo momento, surgem os Atlas linguísticos que são denominados bidimensionais por incluírem, além da dimensão diatópica, outra dimensão, como, por exemplo, o controle dos informantes, segundo a idade ou o sexo. Thun (1998) esclarece que já no *Atlas Linguístico-Etnográfico da Itália e da Suíça Meridional* – AIS (1928-1940) pode-se observar a dimensão diastrática. Outro exemplo de atlas linguístico bidimensional é o MRhSA-Mittelrheinischer Sprachatlas/ Atlas Linguístico da Renânia Central (G.

Bellmann e seus colaboradores), pois considera sistematicamente, em mapas separados, dados de duas gerações distintas.

No Brasil, o Atlas Linguístico de Sergipe – ALS (FERREIRA et al., 1987), o Atlas Linguístico do Paraná – ALPR (AGUILERA, 1994) e o *Atlas Linguístico-etnográfico da Região Sul do Brasil* – ALERS (KOCH; KLASSMAN; ALTENHOFEN, 2002) têm essa característica. O ALS, elaborado por um grupo de pesquisadoras da Universidade Federal da Bahia<sup>38</sup> e publicado em 1987, em cada uma das localidades foram entrevistados um homem e uma mulher de 35 a 52 anos, analfabetos ou com o mínimo de escolaridade, que responderam a um questionário de 700 perguntas. O ALPR, por seu turno, é produto de tese de doutorado de Vanderci de Andrade Aguilera e publicado em 1994. Para esse trabalho foi aplicado um questionário de 325 questões a dois informantes em cada localidade, um homem e uma mulher, de 30 a 60 anos, naturais da Região linguística, analfabetos ou com o mínimo de escolaridade. Já o ALERS contrasta o português de monolíngues e bilíngues, isto é, considera a dimensão dialingual ao lado da diatópica. Além disso, considera assistematicamente a fala das mulheres.

#### 2.4.3 A geolinguística pluridimensional

Chambers & Trudgill (1994, p. 54) destacam que, logo nos primeiros Atlas, a Dialetoлогия vislumbrava dar um tratamento às variáveis que se revelam como condicionadoras da fala, no interior das relações dinâmicas da sociedade.

De fato, na Península Ibérica, a pluridimensionalidade tornou-se explícita a partir de três trabalhos: i) na monografia de O. Winkelmann – *Untersuchungen zur Sprachvariation des Gaskognischen im Val d’Aran* (1989) – em que são distinguidos bidimensionalmente a diatopia e a diageracionalidade (trabalha com três faixas etárias); ii) na tese de doutorado de Boller (1995), que desdobra a diatopia, comparando duas áreas não contíguas e iii) no *Atlas Linguístico e Etnográfico de Castilha-La Mancha*, de Fernandez e Mouton (2003), no qual são introduzidas duas importantes

---

<sup>38</sup> O ALS I foi realizado por Carlota Ferreira, Jacyra Mota, Judith Freitas, Nadja Andrade, Suzana Cardoso e Vera Rolembeg, orientadas pelo professor Nelson Rossi.

inovações: a dimensão diassexual em todos os 161 pontos e, nas localidades urbanas, quatro dimensões suplementares (idade, nível cultural, estilo, bairro). Os casos apontados, dentre outros, têm demonstrado indícios de uma nova tendência dos estudos dialetológicos e motivado a ampliação dos campos de verificação, fortalecendo, cada vez mais, a pluridimensionalidade (THUN, 2005, p. 66).

Assim, a partir do que se denominou como crise ou divisão da Geolinguística românica e pela necessidade de dados reais que evidenciassem outros níveis de variação, nasce a Dialetoлогия Pluridimensional, consolidada no final do século XX e discutida por Edgar Radtke e Harald Thun, em 1996, em Simpósio intitulado “Novos caminhos da geolinguística românica”. As principais características dessa nova Dialetoлогия são o alargamento de seu campo de observação e uma análise mais profunda dos dados obtidos.

Atualmente, os atlas linguísticos que contemplam mais de duas dimensões de análise enquadram-se na categoria dos atlas pluridimensionais. Suas cartas linguísticas apresentam outros dados além dos diatópicos; vêm, por exemplo, acompanhadas dos comentários feitos pelo pesquisador ou pelo próprio informante, no momento da entrevista, e buscam analisar os diversos fatores (social, etário, sexual...) que influenciam na fala.

Thun (2005, p. 63) pondera que o aparecimento de novas cidades e o crescimento desmesurado de outras fizeram dos centros urbanos fontes irradiadoras de cultura, alterando o panorama linguístico e impulsionando a Dialetoлогия a tomar novos rumos. O autor argumenta o seguinte a esse respeito:

Foi o afastamento da burguesia do mundo rural que causou nos dialetólogos acadêmicos do século passado a ilusão de uma uniformidade da vida e cultura dos camponeses à qual se amolda como síntese e peça de conservação de museu, o atlas linguístico estritamente diatópico (THUN, 2005, p. 63).

Ademais, essa Dialetoлогия, voltada unicamente para os aspectos diatópicos da variação, sofreu muitas críticas em relação aos seus postulados metodológicos baseadas no fato de que, geralmente, a pesquisa era feita somente na fala rural e de classes menos escolarizadas, dialetos puros e

genuínos, cujas variedades são mais conservadoras (ALTENHOFEN, 2006, p. 161-162). Essas críticas levaram a mudanças no método da disciplina.

Consequentemente, a Dialetoлогия foi ultrapassando o campo meramente diatópico e não registra, como há alguns anos, apenas resultados monodimensionais. Embora tenha a dimensão areal como enfoque primário, atualmente os estudos dialetológicos não se ocupam apenas das questões diatópicas, mas, contempla, ainda, outras dimensões<sup>39</sup> que se fizerem necessárias para descrever e analisar fatores de ordem sociocultural que determinam as variações e mudanças linguísticas.

Concomitantemente aos caminhos traçados pela Dialetoлогия, surgem, na primeira metade do século XX, alguns movimentos teóricos, como a Sociologia da Linguagem, a Etnografia da Fala, a Antropolinguística e a Sociolinguística, que buscam explicar a variação observada na modalidade falada da língua como um produto social, cultural e geográfico, contrapondo-se ao modelo gerativista, cujo postulado é de uma comunidade linguística homogênea, baseada no falante ideal.

Merece destaque, aqui, a Sociolinguística, surgida a partir dos trabalhos de William Labov sobre mudanças em progresso no inglês da ilha de Martha's Vineyard (1963). Essa nova área de estudo teve por mérito conceber a língua como uma estrutura inerentemente variável e a variação como passível de descrição sistemática, em função de restrições linguísticas e não linguísticas (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 1968, p. 96). Desse novo ramo da linguística se beneficia a Dialetoлогия à medida que passa a controlar variáveis na documentação estudada.

Com efeito, Dialetoлогия e Sociolinguística têm como objetivo comum o estudo da diversidade linguística dentro de uma perspectiva sincrônica concretizada nos atos de fala. Se por um lado, a Sociolinguística volta sua atenção para os aspectos linguísticos e sociais, uma vez que, segundo Labov (1976, p. 47), é impossível compreender o progresso de uma mudança na língua fora da vida social da comunidade em que ela se produz, por outro lado,

---

<sup>39</sup>“Dimensão é o agrupamento de dois ou mais parâmetros que se encontram em posição opositiva, na maioria das vezes binária, de parâmetros definitórios como “geração dos jovens”, “homens”, “estilo de leitura”, etc. Parâmetro, por sua vez, é toda variável (linguística ou extralinguística), analisada com sistematicidade, que se considera individualmente, como, por exemplo, geração II, homens, leitura” (THUN, 2005, p. 71).

a Dialetoлогия se ocupa da tarefa de descrever os diversos falares num espaço geográfico, demarcando, dessa forma, seus limites (DUBOIS, 2006, p. 185), não deixando, porém, de analisar fatores de ordem sociocultural que determinam as variações e mudanças linguísticas. Como pondera Lope (1978),

La dialectología puede, evidentemente, beneficiarse mucho con las aportaciones de la Sociolingüística como de hecho ya se ha estado beneficiando. El progreso metodológico que ha establecido la Sociolingüística con su rigurosa y detenida consideración de factores sociológicos antes sólo superficialmente habrá de tener ahora muy en consideración (LOPE, 1978, p. 40)<sup>40</sup>.

De tal modo, contemporaneamente, a Dialetoлогия Pluridimensional descreve a variação linguística no plano horizontal (diatopia ou arealidade) projetada num plano vertical (diastratia ou socialidade) e relacional, já que arealidade e socialidade<sup>41</sup> ordenam o uso da língua; logo, não podem ser dissociadas (BELLMANN, 1999, p. 7). Da mesma forma, a variação linguística se manifesta por, pelo menos, três dimensões: a dimensão diatópica, a diastrática e a diafásica, que se subdividem em subtipos variacionais, como a dimensão diageracional e a diassexual (THUN, 1989, p. 28).

A Geolinguística moderna é, pois, a disciplina encarregada de “registrar, num espaço mais ou menos extenso, a coexistência de formas entre as quais o grupo de falantes faz a escolha de uma “candidata” eleita para substituir uma forma velha” (THUN, 2009, p. 533). O autor acrescenta, ainda, que a Geolinguística torna-se uma ciência social, ao ocupar-se do uso coletivo de signos sonoros e das suas agrupações. Igualmente, ao se associar à Sociolingüística, registra, cada vez mais, o mundo atual, urbano, móvel e de comunicação intensa (RADTKE; THUN, 1996, p. 35).

Essa nova perspectiva de estudo da variação linguística é demonstrada no esquema de Thun (figura 21), no qual o autor demonstra que a Dialetoлогия Pluridimensional não renuncia ao seu caráter diatópico, mas abre outras dimensões e possibilidades com o fim de realizar uma descrição completa e

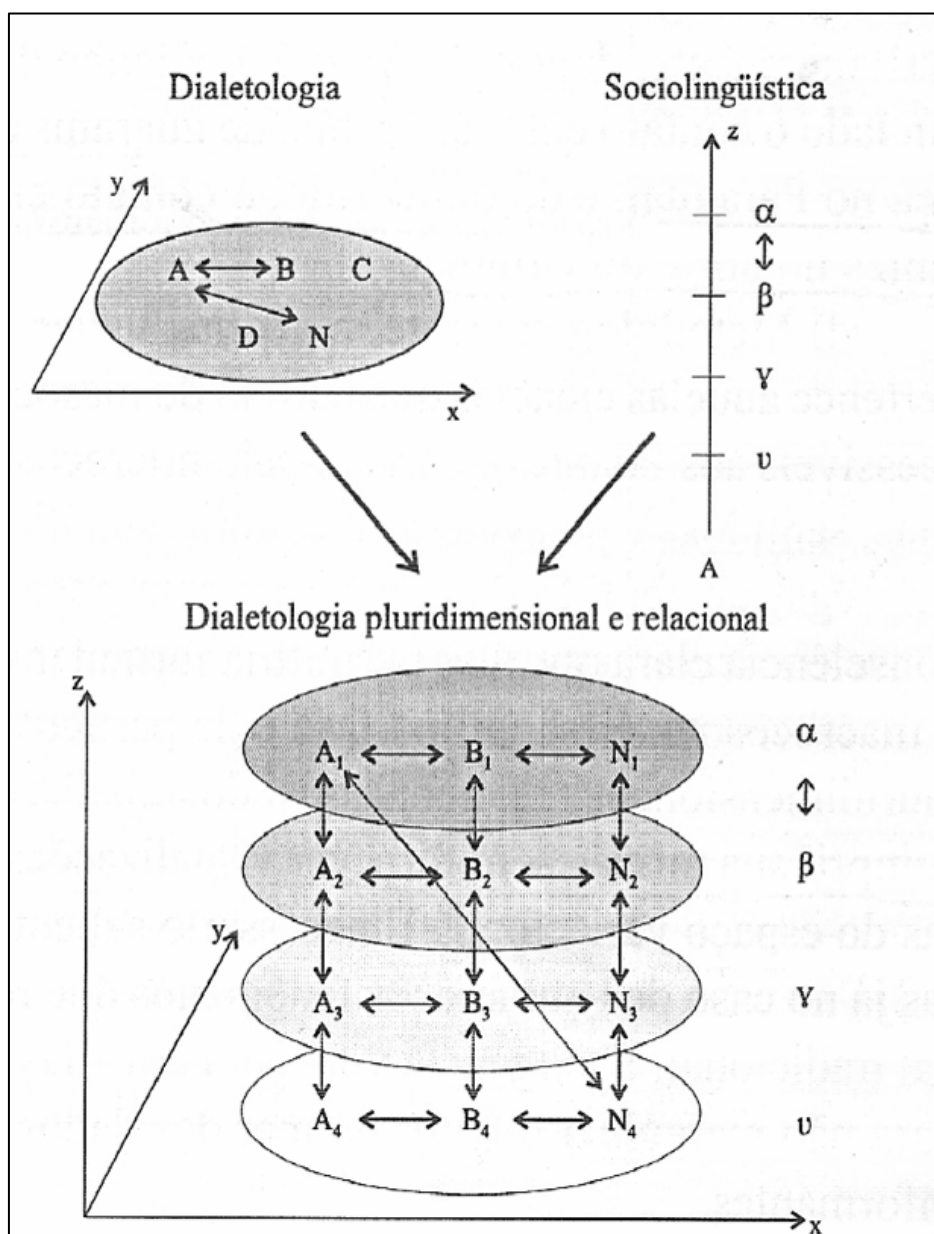
---

<sup>40</sup>“A Dialetoлогия pode, evidentemente, beneficiar-se muito com as contribuições da Sociolingüística, como de fato já tem se beneficiado. O progresso metodológico que tem estabelecido a Sociolingüística com seu rigor e minuciosas considerações de fatores sociológicos, antes só superficialmente atendidos pela Dialetoлогия, é contribuição de primeira magnitude, que a atividade dialetológica haverá de ter agora em muita consideração” (TN).

<sup>41</sup> Por arealidade, entende-se um traço que se relaciona com as características de distribuição, no espaço, dos recursos linguísticos de uma língua isolada. Socialidade, por sua vez, refere-se à quantidade de contrastes linguísticos que podem ser identificados para cada localidade pesquisada da referida projeção horizontal (BELLMANN, 1999, p. 7).

ordenada do polimorfismo linguístico e de sua relação com os falantes. Em texto anterior, o autor já afirmara que uma das tarefas fundamentais da Dialetoologia relacional é “investigar sistematicamente o conhecimento que possuem os falantes sobre as formas linguísticas não utilizadas por eles em um discurso atual, mas que fazem parte do seu saber linguístico” (THUN, 1989, p. 37).

**Figura 21** Espaço variacional e disciplinas da variação



**Fonte:** Thun (1998b, p. 705)

O esquema mostra a interface entre a Dialetologia e a Sociolinguística, que deu origem à Geolinguística pluridimensional, analisa relações de todos os tipos, não só os que unem os pontos da mesma superfície ( $A \leftrightarrow B$ ) ou os que ligam os grupos de um mesmo eixo ( $a \leftrightarrow b$ ), mas estuda, ainda, os vínculos entre os pontos de uma superfície e os pontos análogos de outra superfície ( $A_1 \leftrightarrow B_1$  e  $A_2 \leftrightarrow B_2$ ) e as relações entre os pontos diagonais ( $A_1 \leftrightarrow B_2$ ). Isso significa que esse modelo é norteado pelo princípio da pluridimensionalidade da análise da variação linguística, no que busca combinar a dimensão diatópica (horizontal), antes interesse primordial da Dialetologia tradicional, com dimensões sociais (verticais), tradicionalmente enfocadas pela Sociolinguística.

O esquema permite, por exemplo, examinar, simultaneamente, por um lado, o contato entre um grupo que nasceu e se criou na área geográfica investigada e, por outro, um grupo que migrou de outra Região, verificando as influências que um grupo produz sobre o outro e ir além, como comparar os grupos de homens e mulheres, geração I e geração II, classe alta e classe baixa, entre outras possibilidades.

Thun (2000, p. 196) autentica que somente a Dialetologia Pluridimensional, que se distingue da Dialetologia tradicional “pela arealização complexa, pela desarealização e pela quantificação”, pode responder a duas questões para as quais a Geolinguística<sup>42</sup> tradicional e a Sociolinguística não têm encontrado resposta:

i) até que nível social, idade, estilo etc. estende-se um fenômeno linguístico identificado numa área entre os locutores de um mesmo nível social, de uma mesma faixa etária ou expressando-se num mesmo estilo?; (ii) Até que área chega um fenômeno constatado em uma ou várias camadas sociais que convivem num mesmo lugar, em vários grupos etários, em vários estilos, etc.? (THUN, 2000, p. 196).

Essa nova Dialetologia, segundo Altenhofen (2006, p. 163), “ampliou o leque temático, incorporando à pesquisa novas questões características do mundo atual”, como, por exemplo, as migrações e os contatos linguísticos. Na Dialetologia tradicional, os grupos de instabilidade demográfica eram excluídos, já que se priorizavam os informantes sedentários, nascidos e criados na

---

<sup>42</sup> Harald Thun, em cujos postulados esta pesquisa está fundamentada, afirma que “não parece inútil, pois, esboçar as perspectivas da geolinguística transformada em Dialetologia pluridimensional e relacional e apresentar alguns de seus resultados” (THUN, 1998, p. 704). Corroborando Thun, neste trabalho doravante nomear-se-á Dialetologia Pluridimensional à Geolinguística que considera não apenas a arealidade, mas também a socialidade.

localidade, de preferência com pais e cônjuges da mesma localidade. Entretanto, com os crescentes processos migratórios e aberturas de novas fronteiras econômicas, as populações atuais se configuram dinâmicas, possibilitando, ao pesquisador, não somente investigar informantes sedentários, mas também aqueles que migram e levam consigo toda uma bagagem cultural que, juntando-se ao nativo, constituirá uma nova realidade linguística no local de destino.

#### 2.4.4 Variáveis espaciais e sociais da difusão linguística

Como já assinalado ao longo deste capítulo, à dimensão diatópica da Dialetoologia Pluridimensional, somam-se outras que permitem vir à tona os cenários sociais que regem as especificidades da variação. Essas dimensões são: diageracional (idade), diassexual (sexo), diastrática (classe social/escolaridade), dialingual (línguas em contato), diafásica (estilos de fala), diarreferencial (identidade metalinguística) entre outras que levam a uma análise mais profunda dos fenômenos da variação linguística. Essas dimensões estão resumidas no quadro 2, no qual cada dimensão pressupõe uma relação opositiva, na maioria dos casos binária, entre parâmetros definitórios.

**Quadro 2** \_ Dimensões de análise consideradas na pesquisa pluridimensional

<b>Dimensão</b>	<b>Parâmetro</b>
<b>Diatópica</b>	Topostática (informantes nascidos na localidade)
<b>Diatópica-cinética</b>	Topodinâmico (Informantes vindos de outros lugares)
<b>Diastrática</b>	Ca = classe socioculturalmente alta Cb = classe socioculturalmente baixa
<b>Diageracional</b>	GI (geração mais jovem) GII (geração mais velha)
<b>Diassexual</b>	Homens Mulheres
<b>Dialingual</b>	Duas línguas em contato
<b>Diafásica</b>	Respostas ao questionário Leitura Conversa livre
<b>Diarreferencial</b>	Fala objetiva Fala metalinguística

**Fonte:** elaborado pela autora

#### 2.4.4.1 Dimensão diatópica

Sobre o leque de possibilidades desse novo modelo de análise, Thun esclarece, ainda, que para a Dialetoologia Pluridimensional,

Son de igual interés las variedades mixtas, los fenómenos de contacto lingüístico entre lenguas contiguas o superpuestas de minorías y mayorías, formas regionales, la variación diafásica (o estilística), el comportamiento lingüístico de los grupos topodinámicos (demográficamente móviles) contrastando con el de los grupos topostáticos (poco móviles em el espacio), la actitud metalingüística de los hablantes comparada con su comportamiento lingüístico, y otros parámetros más<sup>43</sup> (THUN, 1998b, p. 704)

Subjacente às ponderações de Thun está o conceito de atlas linguístico topodinâmico. Segundo o autor, o mundo moderno leva a um movimento pendular que provoca a mudança de comportamentos linguísticos dos falantes.

Altenhofen também chama a atenção para as situações de contato linguístico, a partir dessa distinção feita por Thun (1998b), para compreender as migrações (topodinâmica) e a experiência local (topostática). O autor presume a existência, lado a lado, de comunidades de fala mais ou menos estáveis (por isso topostáticas), que mantêm territorialidades próprias e separadas e comunidades de fala com forte mobilidade e interação entre os falantes (portanto, topodinâmicas), que mantêm um intercuro permanente de elementos da língua, “como no caso das áreas de fronteira, ou de contextos mais urbanizados” (ALTENHOFEN, 2008, p.130).

Se a diatopia coloca-se como possibilidade de registrar as variedades linguísticas nas suas peculiaridades regionais e de identificar o fenômeno da variação no interior dos processos dinâmicos de uso da língua em determinadas áreas geográficas, os parâmetros topostático e topodinâmico, referenciais da diatopia, “pretendem medir as consequências linguísticas da

---

<sup>43</sup> “São de igual interesse as variedades mistas, os fenômenos de contato linguístico entre línguas contíguas ou superpostas de minorias e de maiorias, formas regionais, variações diafásicas (ou estilísticas), o comportamento linguístico dos grupos topodinâmicos (demograficamente móveis) contrastado com o dos grupos topoestáticos (pouco móveis no espaço), a atitude metalingüística dos falantes comparada com seu comportamento linguístico, e outros parâmetros mais” (TN).

mobilidade demográfica pelo contraste de alguns grupos topodinâmicos com grupos topostáticos” (THUN, 1998a, p.372) existentes na área investigada.

Ainda conforme Thun, para que se produza um atlas linguístico topodinâmico é necessário que haja um grupo com história de migração, com um período de estabilidade residencial de um mínimo de dois anos; o grupo tem que estar disperso no território, deve haver a probabilidade de variação linguística e, sobretudo, deve haver grupos estáticos (THUN, 1998a, p. 379).

Como exemplo de atlas linguístico topodinâmico, podemos citar a chamada Trilogia Rio Platense que abrange três projetos parciais: o ADDU – *Atlas Linguístico Diatópico Y Diastrático del Uruguay*, o ALGR – *Atlas Linguístico Guarani-Românico* e o ALMA-H – *Atlas Linguístico Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsrückisch*, cujo objetivo é “evidenciar uma análise pluridimensional e relacional da variação linguística no espaço antropogeográfico do Rio da Prata”. Tem como perspectiva estudar o contato entre as línguas dos conquistadores (espanhol e português), as dos vencidos e entre a minoritária e a dos conquistadores (baixo alemão e alto alemão) (THUN, 2005, p. 69).

No Brasil, o *Estudo Geolinguístico da Fala do Oeste do Paraná* (BUSSE, 2010), produzido como tese de doutorado e o *Atlas Linguístico Topodinâmico do Oeste de São Paulo* (SANTOS-IKEUCHI, 2014), elaborado como produto de dissertação de mestrado, ambos defendidos na UEL – Universidade Estadual de Londrina, são pioneiros nessa metodologia.

#### 2.4.4.2 Dimensão diageracional

A dimensão diageracional possui uma inquestionável relevância, visto que forma, juntamente com a diatópica, os pilares do modelo pluridimensional. A comparação entre a fala da geração II (mais velhos) e da geração I (mais jovens) sinaliza uma mudança linguística em tempo aparente (THUN, 2009, p. 537). A análise de mais de dois grupos etários pode apontar situação de mudanças em progresso quando o uso da variante inovadora for mais frequente entre os mais jovens.

A preocupação com essa dimensão não é recente. Rousselot, em 1891, já considerava indispensável conhecer a idade dos falantes observados

“para que se pudessem comparar as divergências existentes entre o falar dos informantes da primeira faixa etária e dos informantes da segunda faixa etária, e determinar o seu ponto de origem” (apud POP, 1950, p. 43).

Silva-Corvalán (1989, p. 75-76) argumenta que a variável faixa etária pode revelar três atitudes com relação à língua: identidade de grupo; autocorreção por parte dos grupos geracionais mais ativos na vida pública e mudança linguística em progresso. Chambers e Trudgill (1994, p. 218) também postulam que o indivíduo está, durante sua vida, exposto a sucessivos grupos de referência e socialização. Na infância, suas variedades são desenvolvidas sob influência da família e dos amigos; na adolescência, sofrem aceleração sob pressão de redes densas e, na fase adulta, a standardização tende a se intensificar e permanecer relativamente estáveis para o resto da vida. É no período da adolescência que as pessoas comumente sentem necessidade de, por um lado, distinguirem-se dos adultos e, por outro, aproximarem-se de companheiros da mesma idade ou um pouco mais velhos. Nesse processo de busca da identidade, formas já existentes na comunidade de fala podem ser tomadas como marcas identitárias, havendo predileção por aquelas que fogem à língua padrão.

#### 2.4.4.3 Dimensão diassexual

Segundo Labov (1976, p. 181), o discurso cuidado das mulheres resulta no emprego menor de variantes estigmatizadas, o que aponta para uma maior sensibilidade aos valores sociais de uso da língua. Em certas sociedades, a fala feminina pode assumir certo grau de conservadorismo, haja vista o papel da mulher nas atividades domésticas, enquanto os homens assumem um papel proeminente na inovação linguística, por estarem ligados a atividades de maior mobilidade geográfica. Radtke e Thun (1996<sup>44</sup>, p. 238) sancionam que a dimensão diassexual pode responder a perguntas como: o comportamento das mulheres é mais inovador ou mais conservador do que o dos homens ou a essa diferença seria produzida pela distribuição dos papéis sociais desempenhados por cada um? Para que haja essas respostas é

---

<sup>44</sup> O texto original foi publicado em 1991.

preciso que os atlas atuais representem essa dimensão de maneira explícita e contrastiva em seus mapas.

O fator sexo só foi incorporado ao conjunto de variáveis sociais para a seleção das informantes mulheres muito recentemente, quando as pesquisas geolinguísticas se voltaram para a descrição da fala em centros maiores, nos quais as mulheres também são personagens da história. No Brasil, essa dimensão desponta no ALS (1987) e, a partir daí, é considerada na maioria dos trabalhos geolinguísticos elaborados no País.

#### 2.4.4.4 Dimensão diastrática

A dimensão diastrática visa à diferenciação das classes sociais. Entretanto, devido à complexidade dessa classificação, estudiosos como Chambers e Trudgill (1994, p. 98) instruem que essa análise deve ser feita a partir de parâmetros como renda salarial, nível de escolaridade, ocupação etc. Sua relevância repousa na oposição entre norma culta e norma popular.

Na atualidade, o ADDU e o ALiB são exemplo de atlas que ilustram o tratamento dessa dimensão, visto que mantêm sob controle cartográfico duas categorias socioculturais: grupos socialmente altos e grupos socialmente baixos, distribuídos em duas faixas etárias. A esse respeito, Thun, Forte e Elizaincín (1989) proclamam que

Al tomar en cuenta la dimensión diastrática, el ADDU combina la geografía lingüística tradicional y la sociolingüística y proporciona material para poner a prueba la conocida y tradicional hipótesis que sostiene que em América Latina la “dialectalización vertical” es más importante que la dialectalización horizontal (THUN, FORTE E ELIZAINCIN, 1989, p. 35)<sup>45</sup>.

O ALiB, por sua vez, atende ao apelo pluridimensional e tem, entre seus 200 informantes das capitais, 100 de nível fundamental e 100 de nível universitário.

---

<sup>45</sup> “Ao considerar a dimensão diastrática, o ADDU combina a geografia linguística tradicional e a sociolinguística e fornece material para pôr à prova a conhecida e tradicional hipótese que sustenta que na América Latina a dialetalização vertical é mais importante do que a dialetalização horizontal” (TN).

#### 2.4.4.5 Dimensão dialingual

Essa dimensão é de grande relevância para os estudos dialetológicos da atualidade, sobretudo, os voltados para áreas de fronteira ou para lugares com grande imigração, pois os contatos linguísticos, resultantes da mobilidade humana, são responsáveis por uma série de processos de reconfiguração das variedades e línguas presentes. Conforme Radtke e Thun (1996, p. 241), o fato de que é preciso documentar não somente a coexistência de línguas e variedades, mas também a mútua influência que exercem umas sobre outras provavelmente só seja negado por aquele que ainda sonha com dialetos puros.

A abundância dessas mobilizações espaciais pode resultar na variação e mudança linguística, além do bilinguismo.

#### 2.4.4.6 Dimensão diafásica

Pop (1950, p. 42) revela que o ato de fala está intrinsecamente vinculado ao momento de sua realização, à postura do falante diante do interlocutor e ao tipo de uso que se faz da língua, ou seja, nas respostas a um questionário, em uma narração, uma opinião etc.

A esse respeito, Chambers e Trudgill (1994, p. 50) ponderam que

[...] las entrevistas pueden ser llevadas a cabo por diferentes encuestadores y bajo circunstancias enormemente variadas, y dar sin embargo como resultado un núcleo común de datos lingüísticos. La ventaja más inmediata del cuestionario es que asegura que los resultados de todas las entrevistas realizadas en la encuesta sean comparables<sup>46</sup>.

Thun (1996) afirma que há alternâncias de estilos durante situações reais de interação social, por isso, normalmente, são selecionados três estilos de fala, a saber: leitura (L), respostas às perguntas dos questionários (R) e a conversação livre ou dirigida (C). Durante a leitura, o informante está mais tenso e tem maior controle sobre sua fala, durante as respostas ao questionário ele pode se sentir um pouco mais livre, mas ainda está muito atento às

---

<sup>46</sup> “As entrevistas podem ser conduzidas por pesquisadores diferentes e sob diferentes circunstâncias e mesmo assim mostrar uma base comum de dados. A vantagem imediata do questionário é, assim, medir os resultados de todas as entrevistas conduzidas e seus dados poderem ser comparados” (TN).

respostas e, finalmente, durante a conversação livre ou dirigida obtém-se o maior grau de espontaneidade.

No ADDU (2000, p. 11), lê-se que “toda fala é fásica, isto é, se realiza dentro de um estilo e, enquanto houver situações comunicativas e intenções expressivas diferentes, haverá variação fásica”. Mais uma vez, o ADDU ilustra que “a variação diafásica se apresenta, por conseguinte, como mais elementar do que os demais tipos de variação e exatamente por essa razão geral é digna de ser estudada pela Dialetologia, ciência da variação linguística” (ADDU, 2000, p. 11).

No Brasil, Antenor Nascentes já antecipava a dimensão diafásica quando propôs, em 1958, a elaboração de atlas regionais como ponto de partida para a elaboração do atlas linguístico do Brasil, ele sugeriu, também, a utilização de um questionário básico, que fomentasse uma pesquisa sistemática e homogênea; ou seja, o questionário linguístico dos projetos de natureza geolinguística deve conter questões que buscam apurar a variação diatópica do português falado nos pontos de inquérito, com vistas ao estabelecimento e à caracterização de áreas dialetais. A partir dessa proposta de Nascentes (1958), os dialetólogos têm envidado esforços para estruturarem questionários que melhor atendessem os objetivos do atlas a ser produzido.

Dentre as contribuições recentes para a elaboração do instrumento de coletas de dados, destacam-se as orientações de Altenhofen (2004), segundo as quais o questionário linguístico deve:

- i) Abarcar a multiplicidade de aspectos envolvidos no contato linguístico (escolha de tipos de variáveis diferentes);
- ii) Possuir a amplitude possível e necessária para não sobrecarregar nem comprometer os levantamentos dos dados;
- iii) Englobar as questões mais relevantes, sobretudo, aquelas com significado coletivo, sem, no entanto, comprometer a abrangência e representatividade do *corpus*;
- iv) Incorporar a interdisciplinaridade, na interface com os estudos de áreas afins como a História, a Antropologia, a Sociologia, dentre outras;
- v) Ser adequado metodologicamente, utilizando as técnicas apropriadas para a obtenção dos dados;

vi) Permitir um número significativo de comparações com os dados e os resultados de outros estudos (ALTENHOFEN, 2004, p.140).

O questionário linguístico relaciona-se à dimensão diafásica à medida que se confrontam as respostas obtidas com ocorrências do mesmo fenômeno, registradas em elocução espontânea, no discurso livre, ou a propósito de outras questões do questionário, no decorrer do inquérito. As conversas livres ou discursos semidirigidos, por seu turno, permitem uma comparabilidade, ao menos parcial, se considerarem-se as histórias, por exemplo.

#### 2.4.4.7 Dimensão diarreferencial

Essa dimensão relaciona-se com a maneira como os falantes percebem a sua variedade linguística e a do outro. Por meio de questões metalinguísticas, o informante vai desnudando suas atitudes linguísticas, comentando sobre como vê a sua variedade linguística e a do outro. Esses comentários, segundo THUN (1998b, p. 711), são indicadores importantes de conflitos sociolinguísticos e de aceitação dos estrangeirismos.

A postura do informante com respeito à língua muito tem a dizer com relação a variedades linguísticas, sobretudo, as estigmatizadas. Ademais, o rigor da pesquisa dialetológica exige que o pesquisador se detenha sobre a língua viva, produzida nas relações constituídas nos grupos sociais.

Dessa forma, a Dialetologia Pluridimensional oferece, a partir de seus princípios teórico-metodológicos que cruzam as dimensões diatópicas e socioculturais, citadas neste tópico, a possibilidade de descrever a dinamicidade e o movimento da língua.

#### 2.4.5 Estudos dialetológicos no Brasil

Ferreira e Cardoso (1994, p. 37-39) dividem a história dos estudos dialetais no Brasil em três grandes fases. A primeira compreende o período entre 1826 a 1920 e reúne trabalhos que originaram dicionários e vocabulários, como, por exemplo, o capítulo em *Introduction à l'Atlas Ethnographique Du Globe*, escrito por Domingos Borges de Barros, Visconde de Pedra Branca (1826), no qual apontava características da língua no novo mundo. A segunda

fase tem início com o trabalho de Amadeu Amaral, *O Dialeto Caipira* (1920), cuja preocupação é descrever as peculiaridades da variedade linguística de São Paulo. Enquadram-se, também nessa fase, trabalhos como *O Linguajar Carioca*, de Antenor Nascentes (1922); *A Língua do Nordeste*, de Mário Marroquim (1934); *O Vocabulário Pernambucano*, de Pereira da Costa (1937); *A Língua do Brasil*, de Gladstone Chaves de Melo (1946), dentre outros. Já a terceira fase é marcada pelo Decreto 30.643, de 20 de março de 1952 que, no seu Art. 3º, institui como principal finalidade da Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa a “elaboração do Atlas linguístico do Brasil”, além de *O Linguajar Carioca* (1953). Nessa fase iniciam-se os trabalhos de natureza geolinguística, com as pesquisas do *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (ROSSI, 1963). A esse primeiro atlas seguem-se outros, de caráter regional, o que consolida o desenvolvimento dos estudos geolinguísticos no Brasil.

Mota e Cardoso (2006, p. 22) consideram a retomada do Projeto ALiB, em 1996, como marco de uma quarta fase dos Atlas Linguísticos brasileiros, na sequência da periodização proposta por Cardoso e Ferreira (1994). As autoras se pautam no aumento significativo de trabalhos dialetológicos produzidos após o início do Projeto ALiB e na incorporação de novos princípios metodológicos, como a consideração das dimensões diageracional, diassexual, diastrática, dialingual, dentre outras, nas pesquisas geolinguísticas. Segundo as autoras, essa nova fase da Dialetologia se faz notar, ainda, pela ampliação do campo de estudo para além da fonética e do léxico, considerando a variação morfossintática (iniciada com o ALERS), pragmática, metalinguística etc. na produção de atlas linguísticos, pela diversificada representação cartográfica dos dados e por sua relação com outras ciências, como, por exemplo, a Etnolinguística.

Nesse contexto, considerando a produção na área nos anos subsequentes à proposta de Mota e Cardoso (2006), podemos aventar que a Geolinguística brasileira está inaugurando uma quinta fase, com os novos atlas linguísticos pluridimensionais e relacionais que consideram, na dimensão diatópica, além do parâmetro topostático, o parâmetro topodinâmico. Os trabalhos produzidos sob a perspectiva topodinâmica da língua consideram os movimentos migratórios, sobretudo os internos, ocorridos no Brasil, nas últimas décadas do século XX e no início do século XXI.

Segundo essa proposta, temos, no Brasil, a título de exemplificação, o *Estudo Geolinguístico da Fala do Oeste do Paraná* (BUSSE, 2010), que analisa a fala de: a) dois homens e duas mulheres de 45 a 65 anos, oriundos dos estados de Santa Catarina, Rio Grande do Sul, São Paulo, Minas Gerais, Espírito Santo e Bahia e da Região Norte do Paraná e b) dois homens e duas mulheres de 18 a 35 anos, nascidos na localidade, filhos e netos de colonizadores, que se deslocam para a cidade em função do trabalho ou dos estudos. Esses informantes se dividem, ainda, em analfabetos ou com Ensino Fundamental incompleto e com Ensino Fundamental completo e Médio incompleto. Além desse trabalho, inserem-se, nessa fase, o *Atlas Linguístico Topodinâmico do Oeste de São Paulo* (SANTOS-IKEUCHI, 2014) que estuda a fala de dois homens e duas mulheres, de 18 a 35 anos e dois homens e duas mulheres de 40 e 60 anos, nascidos na localidade, com pais vindos do Nordeste brasileiro e, por fim, o ALTTI.

Já Romano (2012) apresenta uma proposta de dividir a Geolinguística<sup>47</sup> brasileira em dois momentos. Segundo essa proposta, o primeiro momento tem como marco inicial a publicação do primeiro atlas linguístico estadual, o APFB, em 1963 e se estende até 1996, ano em que o projeto ALiB deu início às suas atividades com o esforço de dialetólogos de todo o País. O autor salienta que:

Os atlas linguísticos desenvolvidos ou projetados neste período seguem pressupostos metodológicos anteriores aos do ALiB, portanto divergem quanto à metodologia, ora priorizando a diatopia (EALMG, APFB), ora incluindo outras dimensões da variação, como a diageracional (ALPR, ALS) (ROMANO, 2012, p. 67).

O mesmo autor argumenta que o segundo momento da Geolinguística brasileira vai de 1996 até os dias atuais. “Os trabalhos deste período já apresentam influência dos pressupostos metodológicos do ALiB, caminhando para uma visão pluridimensional da variação” (ROMANO, 2012, p. 68).

Em suma, a Geolinguística no Brasil não teria se desenvolvido sem o compromisso de tantos estudiosos que se debruçaram sobre a complexa tarefa de descrever a variação linguística no Brasil. Na sequência deste capítulo, destinamos um espaço para tratar da obra de Antenor Nascentes, sobretudo, a

---

<sup>47</sup> Vale ressaltar que Romano se atém aos trabalhos de cunho geolinguísticos, enquanto as demais propostas consideram o conjunto de trabalhos com viés dialetológico como um todo, em especial Ferreira e Cardoso (1974).

do Nascentes dialetólogo, por ser a sua proposta de divisão dialetal do Brasil uma das fontes inspiradoras deste estudo.

#### 2.4.5.1 As contribuições de Antenor Nascentes para os estudos dialetais brasileiros

Antenor de Veras Nascentes (1886-1972), nascido no Rio de Janeiro, bacharelou-se em Ciências e Letras pelo Ginásio Nacional (1902), atualmente Colégio Pedro II, onde foi, posteriormente, professor de Espanhol e de Português, e em Direito pela Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro (1908). A partir de 1937 ocupou a cadeira de Filologia Românica da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Estudioso da Língua Portuguesa, ao publicar seu primeiro livro, em 1914, *Ligeiras Notas sobre Redação Oficial*, dava início a uma vasta produção voltada para diversos campos do saber, como afirma Hampejs (2003, p. 135), ao dividir a obra de Antenor Nascentes, sob três aspectos: i) dialetólogo ou inovador da filologia brasileira; ii) lexicógrafo e etimólogo; iii) escritor, publicista e musicólogo. Como destaca o autor,

As obras filológicas de Antenor Nascentes são pioneiras e inovadoras. Pioneiras por ser ele iniciador de vários estudos que, até então, não foram empreendidos ou apenas o foram deficientemente. Inovadoras por estudarem a língua viva e os fenômenos dialetais (HAMPEJS, 2003, p. 137).

Sem tirar o mérito da extensa bibliografia de Nascentes, neste trabalho destacam-se *O Linguajar Carioca (1922)*, *O Linguajar Carioca – 2ª edição completamente refundida (1953)* e as *Bases para a Elaboração do Atlas Linguístico do Brasil (1958)*, porque, além de ser de leitura imprescindível para os estudos dialetológicos no Brasil, são obras norteadoras para esta tese.

*O Linguajar Carioca (1922)* foi publicado cem anos após a proclamação da Independência do Brasil, numa década conhecida como um período entre guerras, notabilizada pelos inúmeros avanços tecnológicos, conquistas da civilização e reviravoltas na ciência. Os estudos dialetais brasileiros nessa época não fugiam a essa configuração e caracterizaram-se por acontecimentos que se constituem verdadeiros marcos da história da Dialetologia no Brasil. A obra se divide em estudos sobre a fonologia, a morfologia, a sintaxe e o léxico

do linguajar carioca. Além disso, apresenta um capítulo introdutório sobre o *dialecto brasileiro*, um *vocabulário carioca* e encerra com uma observação final na qual declara ser esse um “ligeiro esboço que outros podem melhorar”.

No capítulo introdutório, Nascentes admite a existência, no Brasil, de quatro subdialetos: o *nortista* (Amazonas, Pará, litoral dos Estados, do Maranhão até a Bahia); o *fluminense* (Espírito Santo, Rio de Janeiro, sul de Minas e zona da mata, Distrito Federal); o *sertanejo* (Mato Grosso, Goiás, Norte de Minas, sertão dos Estados litorâneos desde o Maranhão à Bahia) e o *sulista* (São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Triângulo Mineiro).

Já em *O Linguajar Carioca* (1953), uma das obras na qual nos pautamos para realizar este trabalho, retifica a posição de Leite de Vasconcelos com relação à denominação *dialecto*, argumentando que, “com o progresso da ciência, não é mais possível hoje em dia aceitar a denominação dada por Leite de Vasconcelos”. Para Nascentes, o conceito de “falar” é mais amplo do que o conceito de “dialecto” visto que dialecto “define-se por um conjunto de particularidades tais que seu agrupamento dá impressão de fala distinta das falas vizinhas, a despeito do parentesco que as une” (NASCENTES, 1953, p. 16). Passa, então, a denominar as várias formas do português brasileiro de “falar brasileiro”.

Propõe, na introdução dessa obra, com base em observações colhidas em suas viagens pelo Brasil, desde sua primeira edição de *O Linguajar Carioca*, uma divisão da fala brasileira em seis subfalares – o amazônico, o nordestino, o baiano, o fluminense, o mineiro e o sulista – reunidos em dois grupos, o do norte e o do sul, como já foi elucidado na introdução deste trabalho. Excluiu de sua classificação, por ser quase despovoado, portanto, *incharacterístico*, em termos linguísticos, o vasto território compreendido entre a fronteira boliviana (rios Verde, Guaporé, Mamoré até Abunã), a fronteira de Mato Grosso com Amazonas e Pará, (rios Madeira, Juparaná, Uruguatás, Três Barras, Cariaí, Xingu, Fresco e Aquiqui e a Serra do Estrondo) (NASCENTES, 1953, p. 25-26).

A base da proposta de Nascentes pauta-se em diferenças de pronúncia. Segundo o autor (1953, p.25), é possível distinguir dois grupos dialetais brasileiros – os do Norte e os do Sul – levando-se em consideração

dois traços fundamentais: a) a abertura de vogais pretônicas, nos dialetos do Norte (*pégar, córrer, televisão*) e; b) a cadência da fala (“cantada” no Norte e “descansada” no Sul).

A terceira obra de Antenor Nascentes, aqui destacada, *As Bases para a Elaboração do Atlas Linguístico do Brasil* (1958), atende aos apelos da Comissão de Pesquisas Filológicas da Casa de Rui Barbosa que propõe a elaboração de um atlas linguístico do Brasil. Nessa obra, o autor sugere um questionário de caráter geral, considerando que cada Região teria seu questionário suplementar especial, e uma lista provisória dos pontos de inquérito. Esse questionário abrangia a terra, o homem, a família, o nascimento, as indústrias, religião, festas e divertimentos populares, animais, plantas, casamento, morte, fórmulas de saudação, habitação. Em 1961, no segundo volume de *As Bases* acrescentou 236 perguntas sobre assuntos gramaticais, da flora e da fauna. Quanto à rede de pontos<sup>48</sup>, o autor listou 606 localidades por estado da Federação, conforme as divisões política e regional do Brasil à época e nominadas de acordo com os topônimos então adotados (NASCENTES, 1958, p. 5-18).

A respeito da divisão dialetal proposta por Antenor Nascentes em 1953, ainda não foi de todo avaliada porque ainda não temos todo o País mapeado linguisticamente. Entretanto, como mostram os dados do *Atlas Prévio dos Falares Baianos*, do *Atlas Linguístico de Sergipe I e II* e do *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais*, quando conjugados, “pelo menos ao que se refere à linha divisória entre o falar do Norte e o falar do Sul, com base na realização das vogais médias pretônicas, ela se confirma” (FERREIRA; CARDOSO, 1994, p. 42).

O Atlas linguístico do Brasil, publicado em 2014 também ratifica essa divisão, no que diz respeito aos falares do Norte e os do Sul, por meio de algumas cartas fonéticas - vogais pretônicas abertas ao Norte e fechadas ao Sul (carta F01V1 e V2), o /r/ em coda silábica – maior realização de fricativa

---

<sup>48</sup> Ana Regina Torres Ferreira Teles, arquiteta e engenheira agrimensora, Mestre em Geografia, docente na UFBA – Universidade Federal da Bahia e membro da Comissão de Informatização e Cartografia do Projeto ALiB - Atlas Linguístico do Brasil (Coordenação de Cartografia), tem se dedicado a estudar essa proposta de Nascentes, na tentativa de georreferenciar as localidades sugeridas pelo autor, já que no mapa dialetal não há informações que permitam resgatar e identificar as localidades sugeridas pelo dialetólogo, visto que Nascentes as situa, em sua maioria, por meio de rios e serras.

glotal ao Norte e retroflexo ao Sul (carta F04 C3-C6) e algumas lexicais (carta L01 – *granizo* ao Norte e *pedra* ao Sul, carta L03 – neblina – *neve* ao Norte e *neblina* ao Sul, carta L07 – extremidade da inflorescência da bananeira – *mangará* ao Norte e *umbigo/coração* ao Sul, dentre outras). As cartas morfossintáticas não mostraram diferenças relevantes entre as regiões.

Influenciado, pois, pela paixão de Antenor Nascentes pela língua viva, este estudo descreve e analisa, sessenta anos depois da publicação de *O Linguajar Carioca*, as variedades linguísticas na área em que Nascentes considerou linguisticamente incharacterística em 1953. Para tal, outros procedimentos, além da exaustiva pesquisa bibliográfica, foram necessários. A metodologia utilizada para a pesquisa é explanada no próximo capítulo.

### 3 PRINCÍPIOS E CAMINHOS METODOLÓGICOS DA ELABORAÇÃO DO ALTTI

A produção do *Atlas linguístico Topodinâmico do território incaracterístico* – ALTTI – ancorou-se nos pressupostos teórico-metodológicos da Dialetologia Pluridimensional, que visa a combinar a Dialetologia areal (diatópica) com a Sociolinguística, e verificar “até que nível se estende um fenômeno linguístico identificado numa área, entre os locutores de um mesmo grupo social” (THUN, 2005, p.68). Essa metodologia incorpora ao seu programa macrolinguístico dimensões areais e não areais, organizadas a partir de parâmetros que explicitam a realidade da fala nas localidades investigadas. Neste trabalho foram abordadas as dimensões diatópica, diageracional, diassexual, diafásica e diarreferencial, cujos pressupostos metodológicos são apresentados neste capítulo.

#### 3.1 Dimensões e parâmetros de análise da pesquisa

Para a elaboração do ALTTI foram consideradas cinco das dimensões propostas por Thun (1998a): a diatópica (diatópico-cinética), a diageracional, a diassexual, a diafásica e a diarreferencial<sup>49</sup>.

De modo geral, procuramos analisar e comparar adicionalmente, entre um ponto e outro (dimensão diatópica), a fala de homens e mulheres (dimensão diassexual) de diferentes faixas etárias (dimensão diageracional) com competência metalinguística para perceber e “julgar” variantes distintas da língua (dimensão diarreferencial), conforme a sua posição social, e com competência para empregar mais de um estilo de fala, conforme a situação (dimensão diafásica) (ALTENHOFEN, 2004, p. 139). Sob essa perspectiva, os critérios adotados para a rede de pontos, o perfil dos informantes e a elaboração do instrumento de coleta de dados, elucidados a seguir,

---

<sup>49</sup> Tradicionalmente estudada pela Sociolinguística, a dimensão diastrática, de importância notória, cujos parâmetros definem a classe sociocultural dos informantes, atualmente é valorizada em vários atlas, como no Projeto ALiB e no ADDU, nos quais é analisada sob o critério da escolarização (geralmente Ensino Fundamental e Ensino Superior). Neste trabalho, essa dimensão não foi considerada. Com relação ao grau de instrução, na ocasião das entrevistas todos os informantes GI e a maioria dos informantes GII tinham o Ensino Médio completo, mas não haviam iniciado um curso Superior.

contemplam a conjugação dessas dimensões e parâmetros, como mostra o quadro 3.

**Quadro 3:** Dimensões e parâmetros da pesquisa, segundo o modelo pluridimensional

<b>Dimensão</b>	<b>Parâmetro</b>	<b>Critério</b>
<b>Diatópica/ Cinética</b>	Topostático	Informante da geração I, nascido na localidade.
	Topodinâmico	Informante da geração II, migrado para a localidade há mais de dez anos.
<b>Diageracional</b>	Geração I	De 18 a 30 anos
	Geração II	De 55 a 70 anos
<b>Diassexual</b>	Homens	Células de 02 Homens com o mesmo perfil
	Mulheres	Células de 02 Mulheres com o mesmo perfil

**Fonte:** Elaborado pela autora, adaptado de Thun (1998a, p. 379)

Desta forma, foram combinadas dimensões de ordem linguística, espacial e social. Na sequência, são retomadas essas dimensões e parâmetros e estabelecidas as devidas relações com as opções metodológicas adotadas na tese.

### 3.1.1 A dimensão diatópica: o espaço físico da pesquisa

De modo geral, a questão da escolha das localidades a serem investigadas em trabalhos dialetológicos traduz-se como uma decisão que demanda muitos questionamentos, seja na escolha dos espaços geográficos, seja pelo modo de registrar os dados ou pela forma de tratá-los, levando-se em consideração, sobretudo, os objetivos do atlas a ser confeccionado. Um desses questionamentos enfrentados pelos dialetólogos diz respeito à amplitude dos atlas.

Rossi (1967, p. 94-96), por exemplo, distingue os atlas entre os de grande e os de pequeno domínio, em função da área investigada. No entanto, o próprio autor alerta para o fato de que os conceitos de pequeno e grande domínio devem ser cuidadosamente pensados, pois na maioria das vezes há uma “grande extensão espacial e poucos fatos a colher ou muitos materiais, mas área pouco extensa”. Partindo dessa premissa, Alinei (1994, p.21) registra, com base na área que recobrem, quatro tipos de atlas: i) regionais, ii) nacionais, iii) de grupos linguísticos, iv) continentais. O autor abandonou a ideia

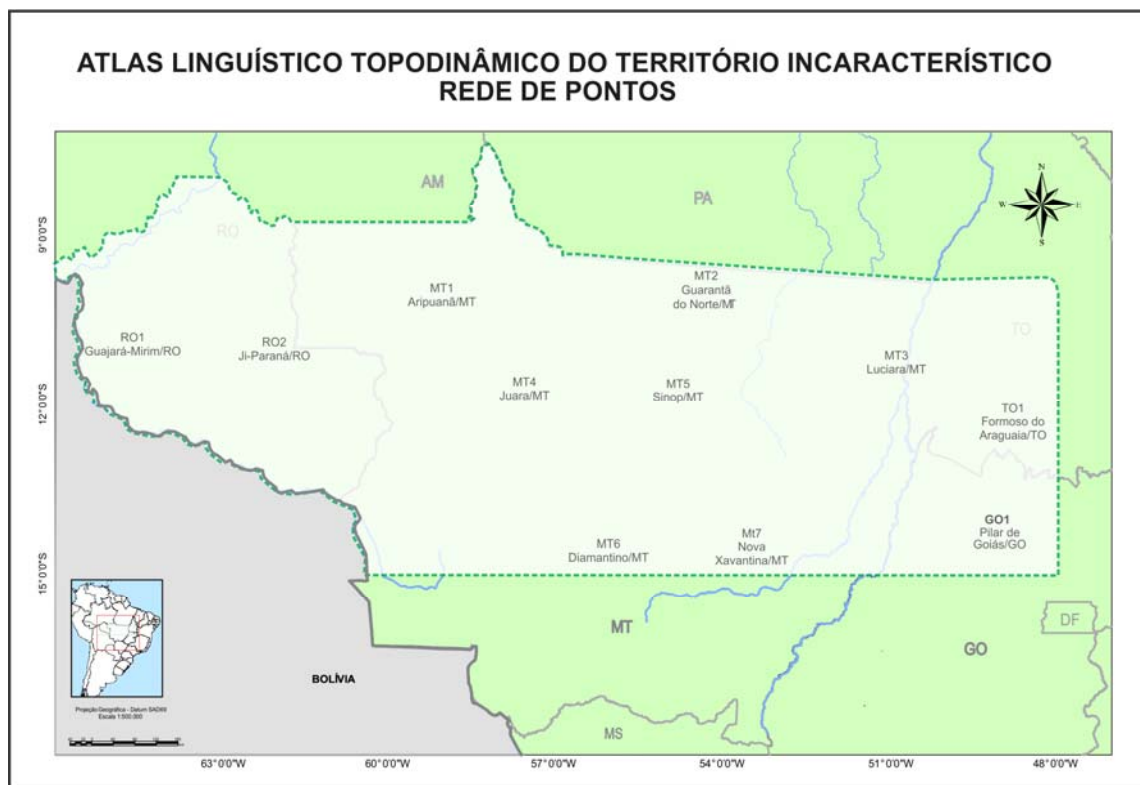
de proporção, já que grande ou pequeno domínio abarca noções não só geográficas, mas também e, principalmente, políticas. Considerando essa classificação de Alinei, podemos entender que o *Atlas linguístico-etnográfico da Região Sul do Brasil*, o *Atlas Linguístico do Brasil*, o Projeto ALMA-H (*Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata – Hunsrückisch*) e o *Atlas linguistic Român* são alguns dos que ilustram, respectivamente, esses tipos de atlas. Vale ressaltar que, para Alinei, enquanto os atlas nacionais definem-se pela extensão geopolítica, os regionais se destinam a detalhar o conhecimento de regiões específicas.

Isquerdo (2006, p.04-06), corroborando a afirmação dos autores supracitados, ensina que a rede de pontos relaciona-se diretamente com a amplitude da área geográfica, isto é, ela deve ser proporcional ao domínio do atlas. Um atlas de maior domínio, como os atlas nacionais, tende a ter sua rede de pontos menos densa, ao contrário dos atlas regionais, que devem contemplar uma rede de pontos mais densa. A autora argumenta que a seleção cautelosa das localidades para a pesquisa geolinguística “assegura a representatividade da documentação da variação espacial da língua” e garante a homogeneidade necessária ao mapeamento dessas variações.

Dadas as proporções do “território incaracterístico”, a questão da densidade da rede de pontos neste estudo torna-se particularmente complexa, pois, embora a área analisada seja de aproximadamente 770.000 km<sup>2</sup>, sua densidade demográfica é muito baixa, como já ficou esclarecido no capítulo I desta tese. Além disso, este não é um atlas nacional como o ALiB. Ao contrário, o ALTTI configura-se como um atlas regional, de pequeno domínio, cuja rede de pontos se constituiu a partir de reflexões e tomada de decisões provocadas por variáveis como o tempo, as dificuldades de deslocamento e os recursos financeiros de que se dispunha.

Para a escolha das 11 localidades investigadas (ilustradas na figura 22), alguns fatores foram considerados.

Figura 22: Rede de pontos do ALTTI



Fonte: Elaborado pela autora

### 3.1.1.1 Fatores definitórios para a escolha da rede de pontos

Para a definição da rede de pontos, primeiramente, considerou-se o traçado de Antenor Nascentes, apresentado em *O Linguajar Carioca* (1953, p. 26), para o “território incaracterístico”, que, atualmente, compreende o norte de Mato Grosso, o oeste de Goiás, o oeste de Tocantins e o Estado de Rondônia. Esse traçado foi atualizado de acordo com os dados contemporâneos disponíveis no IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) e com subsídios fornecidos pela Profa. Ana Regina Teles (UFBA) para este estudo.

A partir dessa atualização, foram estabelecidos os seguintes critérios para a escolha da rede de pontos: i) distribuição geográfica (dentro e nos limites do traçado de Nascentes (1953); ii) fatores motivadores da colonização e povoamento da localidade; iii) grupos migratórios responsáveis pelo povoamento; iv) aspectos da sociologia da localidade.

No que tange à distribuição geográfica, as localidades situadas dentro dos limites do traçado de Nascentes foram selecionadas por critérios que também orientam outros trabalhos geolinguísticos. Brandão (1991, p.29), por

exemplo, orienta que o território seja dividido em hexágonos de semelhantes dimensões e seja estabelecido um ponto de inquérito em cada célula. Esse critério, considerado para a elaboração do ALTTI, explica os sete pontos em Mato Grosso e apenas dois em Rondônia, um em Tocantins e um em Goiás, visto que algumas localidades situadas dentro desses hexágonos possuem baixa densidade demográfica, outras se situam em áreas de preservação permanente ou de reservas indígenas; logo, embora formassem as pontas do hexágono, não foram selecionadas, fato que justifica os espaços vazios, sobretudo, nas Mesorregiões Norte e Nordeste de Mato Grosso. Todavia, esses vazios não impediram a cobertura harmoniosa de toda a área investigada, uma vez que o objetivo da rede de pontos foi cobrir o “território incaracterístico”. A respeito das áreas de fronteiras, foram selecionadas localidades limítrofes com o Amazonas (Aripuanã), o Tocantins (Luciara), o Pará (Guarantã do Norte) e a Bolívia (Guajará-Mirim).

Outro fator de grande relevância na seleção da rede de pontos de um atlas linguístico pluridimensional topodinâmico, como é o caso do atlas, produzido para esta tese, é o processo ocupacional do espaço na variação linguística de determinado grupo social. Conforme Altenhofen (2006, p. 169), na seleção dos pontos, devem ser considerados, também, aspectos como “a ordem de chegada dos grupos na área em estudo e a origem desses falantes, a idade da localidade, a rota de ocupação, os contatos linguísticos entre os falantes de variedades distintas, etc.”. Isquierdo (2008) reitera esse pensamento, ao ponderar o seguinte:

As características iniciais do povoamento do Brasil somadas às migrações internas tão características no território brasileiro determinam modos singulares de cultura que se refletem na norma linguística dos brasileiros que habitam os 26 Estados da Federação, gerando formas próprias de ver o mundo e de representá-lo por meio da linguagem (ISQUERDO, 2008, p. 20).

Logo, uma análise rigorosa do processo de colonização e povoamento que deu origem à localidade foi imprescindível nessa etapa do estudo. A área investigada passou por vários ciclos econômicos que foram aos poucos modificando sua paisagem social. O garimpo do ouro e diamante e a exploração da borracha, até o final do século XIX e início do século XX; as políticas de ocupação dos espaços vazios do Centro-Oeste e da Amazônia,

além dos Projetos de Colonização e modernização no campo, na segunda metade do século XX, trouxeram para essa Região levas de trabalhadores de várias partes do País. O quadro 4, a seguir, demonstra essa dinâmica.

**Quadro 4:** Fatores sociogeográficos na escolha da rede de pontos do ALTTI

Fatores sociogeográficos envolvidos no processo de migração da rede de pontos do ALTTI											
Ponto	Localidade	População	Ano de colonização	Data de fundação	Colonizadores		Migrações - década de 60 a 80		Migrações - década de 80 a 2000		Motivo da escolha do ponto
					Colonizadores	Razões do povoamento	Migrantes	Razões da migração	Migrantes	Razões da migração	
RO1	Guajará-Mirim-RO	41.933	1.890	12/07/28	Paraenses	Extração de borracha e Estrada de Ferro Madeira-Mamoré	Paraenses e cearenses	Extração de borracha	Capixabas e paranaenses	Zona franca e extração de castanha	Limite de Nascentes - rio Mamoré
RO2	Ji-Paraná-RO	128.026	1.879	11/10/77	Nordestinos	Extração de borracha	Várias regiões do Brasil	Extração de borracha	Paranaenses e nordestinos	Agropecuária	Limite de Nascentes - rio Juparaná e fronteira entre Brasil e Bolívia
MT1	Aripuanã-MT	18.581	1.879	31/12/43	Nordestinos e nortistas	Extração de borracha e madeira	Paranaenses e sul mato-grossenses	Extração madeira	Paranaenses	Extração madeira	Fronteira entre AM e MT
MT2	Guarantã do Norte-MT	31.642	1.970	13/05/86	Nordestinos	Construção da BR 163	Gaúchos e brasiguaios	Projetos de assentamento	Gaúchos e paranaenses	Agropecuária	Fronteira entre PA e MT
MT3	Luciara	2.279	1.960	11/11/61	Goianos	Lavoura	Tocantinenses	Lavoura	Gaúchos	Lavoura	Fronteira entre MT e TO
MT4	Juara-MT	32.769	1.910	23/09/81	Nordestinos	Extração de madeira	Paranaenses	Extração de madeira	Paranaenses	Agropecuária	Destaque na microrregião
MT5	Sinop-MT	113.099	1.971	17/12/79	Paranaenses	Extração de madeira	Gaúchos	Extração de madeira	Gaúchos e paranaenses	Agropecuária	Destaque na microrregião
MT6	Diamantino-MT	20.341	1.728	16/07/18	Nordestinos	Garimpo	Nordestinos	Garimpo	Gaúchos e paranaenses	Agropecuária	Destaque na microrregião
MT7	Nova Xavantina-MT	19.475	1.943	03/03/80	Mato-grossenses e goianos	Garimpo	Gaúchos e paranaenses	Garimpo	Gaúchos e paranaenses	Agropecuária	Limite de Nascentes - Foz do Araés
TO1	Formoso do Araguaia-TO	18.428	1.949	28/09/63	Goianos e maranhenses	Garimpo	Maranhenses e goianos	Garimpo	Goianos e paulistas	Lavoura	Destaque na microrregião
GO1	Pilar de Goiás-GO	2.733	1.741	05/10/53	Nordestinos	Garimpo	Paulistas e mineiros	Garimpo	Paulistas e mineiros	Extração de ouro e lavoura	Limite de Nascentes - Pilar

Fonte: Elaborado pela autora

Em virtude, pois, dos fatores de povoamento e de colonização do espaço físico da pesquisa, a dimensão diatópica se dividiu em topostática e topodinâmica, visto que a maioria das localidades é de povoamento recente. Assim, para responder às características do parâmetro topostático, entrevistamos jovens nascidos na localidade, cujos pais vieram de outras regiões do País e, para atender ao apelo topodinâmico, pessoas de 50 a 65 anos, vindos de outros Estados há mais de dez anos, já que, conforme Thun (1996, p. 212), “la acomodación lingüística a los hábitos del nuevo ambiente necesita cierto tempo para sedimentarse y después de algunos años no avanza más, según parece”<sup>50</sup>.

Além da dimensão diatópica, fatores sociais, como idade, sexo, escolaridade, profissão, têm se constituído em aspectos importantes da variação. Atendendo, pois, às exigências da Dialetologia Pluridimensional e Relacional, algumas dimensões e parâmetros estiveram em pauta recobrando o espaço social desta pesquisa.

### 3.1.2 A dimensão diageracional

Partindo dos pressupostos teóricos da dimensão diageracional, nos subsidiamos na fala dos migrantes e de seus descendentes para a análise da difusão do português no espaço da pesquisa.

Em virtude, pois, das características multiculturais do território investigado e da topodinâmica do ALTTI, na definição dos parâmetros que atendem à dimensão diageracional, foram definidas as seguintes faixas etárias:

- a) Para atender ao apelo topostático da pesquisa foram entrevistados informantes da geração I – GI (18 a 30 anos) – nascidos na localidade, filhos de migrantes.
- b) Para atender ao apelo topodinâmico, foram entrevistados informantes da geração II – GII (55 a 70 anos) - migrantes, ainda ativos econômica e socialmente, e que tenham migrado há mais de 15 anos para a localidade pesquisada.

---

<sup>50</sup> A acomodação lingüística aos hábitos do novo ambiente necessita de certo tempo para sedimentar-se e depois de alguns anos não avança mais, segundo parece (TN).

### 3.1.3 A dimensão diassexual

Considerando as dimensões voltadas para a escolha dos informantes, foram tomados para esta pesquisa, em cada localidade, dois homens e duas mulheres jovens (GI) e dois homens e duas mulheres da geração mais velha (GII), já que havia, sempre que possível, um informante principal e um secundário, atendendo, assim, à pluralidade simultânea de informantes<sup>51</sup>, uma inovação nos trabalhos geolinguísticos e que tem em Radtke e Thun (1996) seus precursores.

A pesquisa considerou 08 informantes por localidade, exceto em Guajará-Mirim, na qual só foi possível entrevistar um homem jovem, pois a maioria deles trabalha e estuda na capital, Porto Velho, e em Diamantino, onde, por ser uma localidade muito antiga, não foi possível confrontar a fala de dois homens de 55 a 70 anos, vindos de outros Estados. Conseqüentemente, são 86 informantes no total da amostra.

### 3.2 O instrumento de coleta de dados do ALTTI<sup>52</sup>

O questionário do Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB, um atlas urbano, foi o norte para a recolha dos dados da pesquisa. A decisão de utilizar esse instrumento se deu, também, por ser mais abrangente do que outros modelos utilizados em atlas regionais, já que busca apurar os fatos linguísticos reveladores de diferenças variacionais em todo o País.

O instrumento de coleta de dados do ALiB é constituído por três questionários: 01 questionário fonético-fonológico (QFF), com 159 perguntas, além de questões de prosódia; 01 questionário semântico-lexical (QSL), com 202 perguntas que recobrem 14 áreas semânticas; 01 questionário morfossintático (QMS), com 49 perguntas; além de 04 questões de pragmática; 04 temas para estudos semidirigidos; 06 perguntas metalinguísticas e 01 texto para leitura.

Para esta tese, entretanto, houve uma grande redução desse material. Primeiramente, foram descartadas as questões de prosódia, as de pragmática

---

<sup>51</sup> A pluralidade de informantes será discutida na seção 3.2 deste capítulo.

<sup>52</sup> Conforme anexo 1.

e o texto para leitura. Sob o olhar dos fatores histórico-geográficos que compuseram a área estudada, foram previamente analisados alguns atlas como o ALERS, o ALPR, os ALS I e II, o ALPB, dentre outros que recobrem regiões de origem da maioria da população desta área pesquisada. A partir daí, procuramos elencar as perguntas do questionário do ALiB que também fizesse parte do referencial desses outros trabalhos. Foram eliminadas, também, algumas perguntas que cobrem conceitos relacionados a referentes que não fazem parte da realidade da Região, como, por exemplo, “onda de mar”, perguntas relacionadas estritamente ao mundo rural e outras que, mesmo nesses atlas regionais, não tiveram produtividade. Ademais, “o princípio da pluridimensionalidade multiplica consideravelmente a quantidade de dados e os cruzamentos que se pode e deve fazer entre uma e outra dimensão” (ALTENHOFEN, 2004, p. 144). Reduziu-se, pois, a quantidade de perguntas do questionário, priorizando a análise e discussão dos dados.

Em suma, o instrumento de coleta de dados do ALTTI compreende as seções seguintes:

- 01 Questionário Fonético-Fonológico (QFF) com 63 questões;
- 01 Questionário Semântico-Lexical (QSL) com 72 perguntas;
- 01 Questionário Morfossintático (QMS) com 18 questões;
- 04 temas para discursos semidirigidos;
- 13 perguntas metalinguísticas.

A exemplo do ADDU (2000), um pequeno encarte com figuras cuja numeração corresponde ao número das perguntas, acompanha os questionários.

### 3.2.1 O questionário fonético-fonológico – QFF

O QFF teve o propósito de apurar fenômenos que apontam para algumas variedades que estão presentes também em outros atlas linguísticos, o que permitiu, posteriormente, a comparabilidade e a averiguação de estabilidades ou mudanças em curso. Logo, visto que as variáveis deveriam apontar oposições regionais do português brasileiro, sobretudo, as oposições entre a fala sulista e a nortista, o questionário fonético-fonológico foi estruturado conforme mostra o quadro 5:

**Quadro 5:** Estrutura do questionário fonético do ALTTI

Nº da pergunta no QFF	Variável a ser pesquisada	Contextos de ocorrência da variável
1, 2, 3, 5, 12, 26, 35, 41, 62	Vogal média anterior em posição pretônica	Terreno, prateleira, televisão, travesseiro, fervendo, remando, desvio, pernambucano, perfume
7, 10, 11, 14, 22, 42, 45, 46, 50, 63	Vogal média posterior em posição pretônica	Torneira, gordura, colher, tomate, borboleta, correio, advogado, procissão, coração, dormindo
2, 4, 5, 7, 17, 25, 44, 58	Monotongação/ditongação dos ditongos /a – ey – ow/	Prateleira, caixa, travesseiro, torneira, manteiga, peixe, companheiro, loura
13, 21, 29	Realização da consoante /l/ em posição final	Sal, mel, sol
2, 14, 28, 35, 48, 56	Palatalização de /t,d/ antes da vogal anterior /i/ ou depois da semivogal anterior /y/	Prateleira, tomate, dia, desvio, dente, tio
1, 18, 24, 42	/R/ em início de sílaba ou de vocábulo	Terreno, rosa, rato, correio
7, 10, 12, 22, 41, 62	/R/ em coda silábica medial	Torneira, gordura, fervendo, borboleta, pernambucano, perfume.
11, 32, 54	/R/ em coda silábica externa - presença versus ausência em nomes	Colher, calor, mulher
33, 34, 51, 59	Ditongação de sibilante	Três, dez, costas, voz
8, 15, 35, 40, 51	/S/ em coda silábica, em posição interna.	Fósforo, casca, desvio, rasgar, costas
12, 26, 63	Apagamento de /d/ no grupo /nd/, nas formas de gerúndio	Fervendo, remando, dormindo.
11, 20, 54, 55, 60, 61	Realização das laterais palatais	Colher, abelha, mulher, família, sandália, braguilha
QFF 9, 19, 36, 57	Rotacismo - /l/ >/r/	Almoço, planta, bicicleta, alta
QFF 6, 8, 16, 49	Paroxitonização de proparoxítonas	Lâmpada, fósforo, abóbora, fígado
QFF 27, 37, 45	Vocalização de consoante muda	Aftosa, pneu, advogado

**Fonte:** Elaborado pela autora

### 3.2.2 O questionário semântico lexical – QSL

Um dos objetivos do questionário semântico-lexical é descrever a realidade linguística da área investigada, no seu aspecto lexical. Dessa forma, o QSL abrange diversas áreas semânticas que compõem o universo biossocial dos informantes. Para a instrumentalização da pesquisa, o QSL se estruturou da seguinte forma:

**Quadro 6:** Estrutura do questionário lexical do ALTTI

Área semântica	Subárea semântica	Número de questões no ALiB	Número de questões no ALTTI
<b>A natureza</b>	Acidentes geográficos	6	2
	Fenômenos atmosféricos	15	6
	Astros e tempo	17	3
	Flora <sup>53</sup>	25	6
	Fauna	25	3
<b>Homem</b>	Corpo humano	32	14
	Ciclos da vida	15	4
	Convívio e comportamento social	11	4
	Religião e crenças	8	4
	Jogos e diversões infantis	13	7
	Habitação	8	3
	Alimentação e cozinha	12	8
	Vestuário e acessórios	6	4
	Vida urbana	9	4
<b>Total de questões</b>		<b>202</b>	<b>72</b>

Fonte: Elaborado pela autora

### 3.2.3 O questionário morfossintático – QMS

Com a intenção de apurar variantes nas construções sintáticas e morfológicas, foi elaborado um questionário semântico lexical (QMS), seguindo as orientações que norteiam o Atlas Linguístico do Brasil. As questões voltaram-se para a identificação de alguns fenômenos como flexão e concordância nominal, dentre outros, como informa o quadro 7.

<sup>53</sup> No ALiB essa subárea está agrupada em atividades agropastoris.

**Quadro 7:** Estrutura do questionário morfossintático do ALTTI

Classe gramatical	Flexão gramatical	Número de questões no ALiB <sup>54</sup>	Número de questões no ALTTI
<b>Artigo</b>	Diante de nomes próprios	2	2
<b>Substantivo</b>	Gênero	7	7
<b>Pronome</b>	Pessoais sem preposição	4	4
	Pessoais com preposição	2	2
	Possessivos	3	2
	Indefinidos	1	1
<b>Total de questões</b>		<b>19</b>	<b>18</b>

**Fonte:** elaborado pela autora

### 3.2.4 Temas para estudo semidirigido

O instrumento de coleta de dados do ALTTI contém, ainda, quatro perguntas que orientam discursos semidirigidos. Mota (2006, p. 41), ao analisar o questionário linguístico do ALiB, ensina que essa parte do questionário tem como finalidade “registrar elocuições mais espontâneas, destituídas do grau de tensão e formalidade que, muitas vezes, ocorre nas respostas às indagações do inquiridor, em outros trechos da entrevista”. Acrescentamos, ainda, a importância desses discursos para o estudo da variação diafásica. Isso posto, embora os conteúdos dessas narrativas não sejam mapeados, esses dados podem confirmar variantes ou servirem de fonte de dados para as perguntas que não foram respondidas. Além disso, as narrativas possuem uma imensurável riqueza linguística e etnográfica que poderão motivar outros trabalhos futuros.

### 3.2.5 O questionário metalinguístico

O questionário metalinguístico tem a finalidade de trazer subsídios para uma análise referencial e relaciona-se com a maneira como os falantes

---

<sup>54</sup> O questionário do ALiB possui outras questões que apuram variações em outras classes gramaticais como: adjetivo, número, verbo e advérbio, que não foram consideradas neste estudo.

percebem a sua fala e a do outro. Os informantes são solicitados a falar sobre a língua que falam; se há línguas diferentes ali; como eles se enxergam diante da fala do outro etc. como mostra o quadro 8, às 6 perguntas metalinguísticas do questionário do ALiB foram acrescentadas 7, perfazendo um total de 13 perguntas, das quais 7 são direcionadas a todos os informantes, 4 somente aos informantes topodinâmicos e 2 somente aos informantes topostáticos. A partir das respostas a essas perguntas, é possível analisar as atitudes dos falantes em relação à língua de seu grupo, o que pensam sobre seus lugares de origem, se estão transmitindo alguns costumes às novas gerações, se essas gerações jovens conhecem o passado de seus pais, se falam alguma língua indígena, já que a Região abarca grande contingente de aldeias indígenas.

**Quadro 8:** Estrutura do questionário metalinguístico do ALTTI

Nº	Contextos	Informante	Equivalência no ALiB
1.	Como se chama a língua falada naquela localidade.	Todos	Sim
2.	Há alguém ali que fala diferente?	Todos	Sim
3.	Exemplos do modo como falam essas pessoas que falam diferente.	Todos	Sim
4.	Em outros lugares do Brasil, fala-se diferente dali?	Todos	Sim
5.	Exemplos do modo como se falam em outros lugares do Brasil.	Todos	Sim
6.	Como era a cidade antigamente (se falavam diferente)	Todos	Sim
7.	Que língua se fala na localidade de origem do informante.	Topodinâmico	Não
8.	Qual a comida e/ou bebida regional típica do lugar de origem do informante.	Topodinâmico	Não
9.	Como eram as diversões no lugar onde morava, se tem saudades dessas diversões e se há esse tipo de diversão na localidade.	Topodinâmico	Não
10.	Como o informante mata a saudade do lugar de onde veio.	Topodinâmico	Não
11.	De onde vieram os pais do informante, como são as conversas entre pais e filhos com relação às diversões e como mantêm na localidade as tradições da família.	Topostático	Não
12.	Como costuma participar das atividades com as quais seus pais matam a saudade do lugar de onde vieram.	Topostático	Não
13.	O informante conhece e/ou fala algum indígena?	Todos	Não

**Fonte:** elaborado pela autora

O quadro 9 mostra o perfil geral dos informantes na ocasião das entrevistas.

**Quadro 9:** Perfil dos informantes do ALTTI<sup>55</sup>

HGII	HGI
Dois homens de 55 a 70 anos, vindos de outros Estados da Federação, com escolaridade até o Ensino Médio completo ou não.	Dois homens de 18 a 30 anos, nascidos na localidade, com escolaridade até o Ensino Médio completo.
MGII	MGI
Duas mulheres de 55 a 70 anos, vindas de outros Estados da Federação, com escolaridade até o Ensino Médio completo ou não.	Duas mulheres de 18 a 30 anos, nascidas na localidade, com escolaridade até o Ensino Médio completo.

**Fonte:** Elaborado pela autora

### 3.3 Procedimento das entrevistas

Os inquéritos foram realizados *in loco*, quando possível na residência de um dos entrevistados ou de alguém conhecido de ambos, ou em igrejas, escolas e hotéis. No início de cada entrevista eram preenchidas as fichas do informante e da localidade. Essas fichas resultaram da adaptação dos modelos utilizados pelo Projeto ALiB, publicados no Questionário Linguístico (COMITÊ NACIONAL, 2001). Para a gravação foram utilizados dois gravadores digitais Panasonic RR-US571, um microfone e um fone de ouvido. O trabalho em cada ponto de inquérito durou, aproximadamente, um dia e meio. Cada entrevista tem, em média, 1 hora e 15 minutos de gravação, totalizando 46 horas de áudios gravados.

Foram realizados, para este estudo, 44 inquéritos. Em cada um, buscamos a pluralidade de informantes, reunindo dois entrevistados com o mesmo perfil (exceto em Diamantino e em Guajará-Mirim, pelos motivos já expostos).

Radtke e Thun (1996) sublinham que a pluralidade de informantes na entrevista significa “trabalhar com informantes secundários para um controle parcial das informações do primeiro, ou para aproveitar conhecimentos especiais”. Essa técnica, segundo os autores, pode ser aplicada por meio da pluralidade simultânea (de “uma só via”) ou por meio da pluralidade sucessiva (“de várias vias”). O primeiro caso pressupõe a presença de dois ou mais informantes do mesmo perfil, na mesma entrevista. Esses informantes se

<sup>55</sup> Uma visão geral do perfil dos informantes será apresentada no volume II desta tese.

complementam e se corrigem entre si, de modo que o inquiridor possa registrar não só as divergências, mas também o consenso. Na pluralidade sucessiva, aplica-se o questionário completo também a dois ou mais informantes com o mesmo perfil, porém, entrevistando-os separadamente (RADTKE; THUN, 1996, p. 143).

As entrevistas com pluralidade de informantes aumentam, segundo Thun (1998b, p. 706) “la representatividad, la frecuencia de comentarios metalingüísticos, la probabilidad de poder aislar, posteriormente, parámetros no previstos para la encuesta pero que se revelan como importantes em la fase del procesamiento de los datos”<sup>56</sup>. A tentativa de pluralidade dos informantes, preferencialmente a pluralidade simultânea de no mínimo dois informantes, ajuda a obter respostas mais completas e mais seguras.

Altenhofen<sup>57</sup> ensina que os dois informantes não se distinguem a princípio. Eles são “apenas o sinal de que há convergência ou divergência de variantes na respectiva célula, o grupo entrevistado”. Se eles convergem na resposta, é sinal de que há uma situação linguística mais estável; se divergem, verifica-se o contrário, ou seja, instabilidade e variação no próprio grupo.

Adotamos, pois, nesta pesquisa a pluralidade simultânea, ou *de uma via só*. Nas entrevistas, foram reunidos dois participantes, ambos com o mesmo perfil estabelecido de acordo com os parâmetros adotados, sendo um deles o informante principal e o outro secundário. Essa experiência foi importante para que pudéssemos autenticar as mudanças em curso ou a estabilidade das variantes.

Outra técnica utilizada pela Dialetoлогия Pluridimensional e Relacional é a da *sugêrencia*<sup>58</sup> que, consoante Thun (1989, p.38; 1996, p.256), é um método que se emprega com a finalidade de completar os dados obtidos espontaneamente. É indicada para investigar sistematicamente o conhecimento que possuem os falantes sobre as formas linguísticas não utilizadas por eles num discurso atual, mas que fazem parte do seu saber linguístico.

---

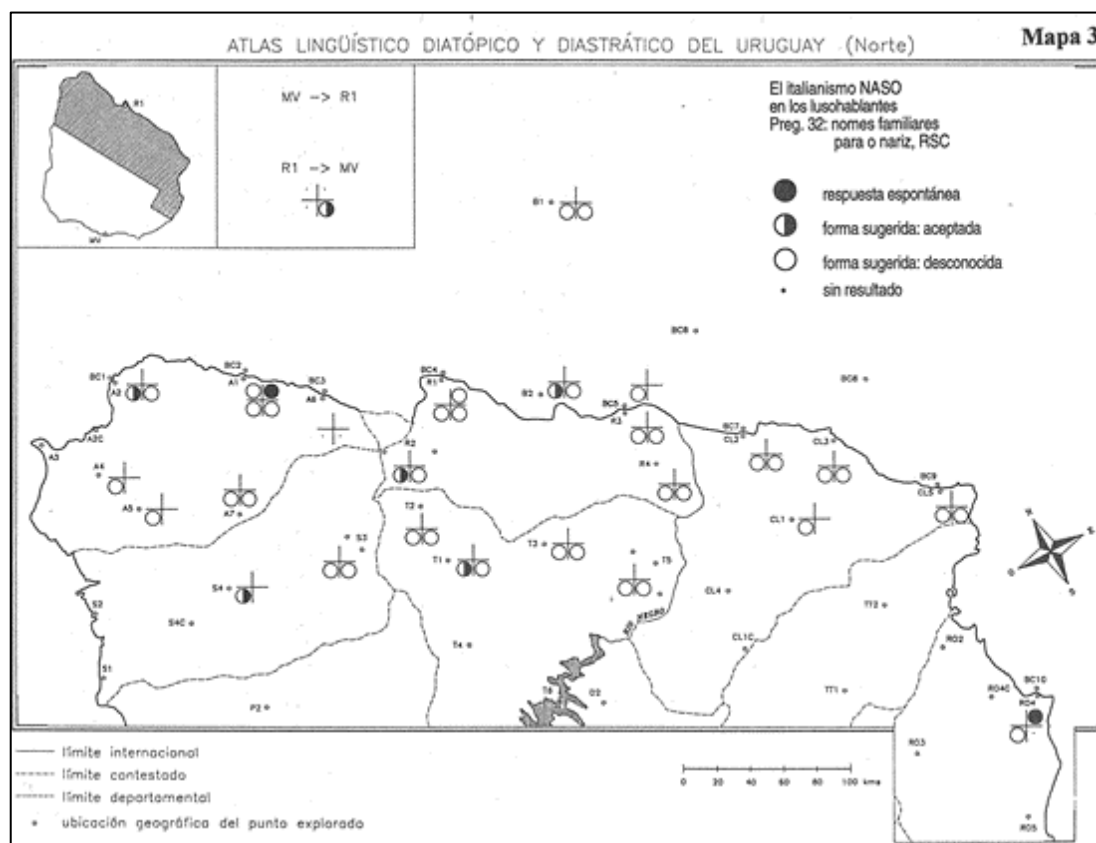
<sup>56</sup> “A representatividade, a frequência de comentários metalingüísticos, a possibilidade poder separar, posteriormente, parámetros não previstos na entrevista, mas que se revelam importantes na fase de processamento de dados” (TN).

<sup>57</sup> Trecho de uma mensagem de correio eletrônico, enviada em 2013, como resposta a indagações da pesquisadora.

<sup>58</sup> Termo usado por Harald Thun (1989, p.38; 1996, p.256).

Como exemplo de sugerência podemos citar parte da entrevista com o informante jovem de Guajará-Mirim. Para a pergunta 15 do QSL (*como se chama aquela parte roxa que fica debaixo do cacho de bananas?*), esse jovem respondeu que não sabia. Ao ser perguntado se conhecia *umbigo* ou *coração*, disse já ter ouvido falar *coração*. Deduz-se, então, que esse informante sabe que outros falantes dali usam a variante *coração*. Da mesma forma, os informantes que usam a variante *doce* ou *geleia* para a pergunta 58 do QSL (*pasta feita de frutas para passar no pão, biscoito*), quando perguntado se conhecem *chimia*, a maioria responde que “*sim, mas é mais o pessoal que veio do Sul*”. O ADDU (2000), conforme o mapa representado na figura 23, registra essa variante conhecida, mas não usada pelo informante, como relacional (o saber dos outros).

**Figura 23:** Mapa 3 do ADDU (2000)



**Fonte:** Thun (1998b, p. 727)

Nesta pesquisa, já que havia dois informantes na célula e um sempre completava o outro, utilizamos essa técnica somente quando não obtínhamos a

resposta espontânea. Em face disso, ela não aparece no mapeamento dos dados.

### 3.3.1 A pesquisa de campo

Nascentes (1958, p. 7), quando elaborou *As Bases para o Atlas Linguístico do Brasil*, 05 anos após escrever *O Linguajar Carioca – 2ª edição completamente refundida*, expunha as dificuldades enfrentadas na elaboração de um atlas linguístico, sobretudo, em um país tão vasto como o nosso. Segundo esse estudioso, a coleta de dados deveria ser feita por homens porque as mulheres teriam dificuldades de locomoção e de alojamento. Esse raciocínio era justificável numa época em que quase não havia rodovias pavimentadas e as viagens se tornavam longas e perigosas.

Passados 60 anos da segunda edição de *O Linguajar Carioca*, melhores condições de transporte, malhas rodoviárias e aeroviárias mais amplas e melhores acomodações amenizaram a dura tarefa de registrar a fala dos habitantes das localidades escolhidas nesta pesquisa. Logo, julgamos oportuno historiar alguns momentos vivenciados no trabalho de campo.

Em todas as localidades inquiridas, chamou-nos a atenção a receptividade dos moradores. Diante deles estava uma mulher ou um casal<sup>59</sup> desconhecidos, se apresentando como pesquisadores, com o intuito de falar sobre seus cotidianos, desenterrar histórias que gostariam de esquecer (os relatos levavam a lembranças nem sempre alegres) e ainda receber outras pessoas da localidade que seriam participantes na entrevista. Essas pessoas nos recebiam com um carinho quase familiar, nos ofereciam água, café, comida e conversavam conosco por todo o tempo necessário. Alguns nos confiavam seus filhos para ir a outras residências procurar informantes, andavam conosco de carro pela cidade e no final do trabalho eram eles quem nos agradeciam.

---

<sup>59</sup> Nas segunda e terceira viagens contamos com a ajuda de um auxiliar (esposo da pesquisadora), que dirigia o carro (quase sempre viajávamos à noite), nos ajudava na busca aos informantes, tirava cópias de documentos, fotografava a localidade e entretinha as crianças enquanto entrevistávamos suas mães.

Mas, se, por um lado, os moradores nos recebiam com tanto carinho, por outro, nós também não estávamos imunes ao contato humano que se estabelecia com os informantes, levando-nos, muitas vezes, a nos emocionar com as histórias de vida daquelas pessoas que colaboraram com a pesquisa. Essa experiência corrobora as palavras de Cintra (1983, p.9):

*No duro e doloroso tempo em que vivemos, quando, uma tão premente necessidade de acção, chego a pôr em causa, para mim próprio, o direito àquela tranquila investigação sobre as palavras, que é em princípio a vida do filólogo, penso frequentemente na minha experiência dialectológica e encontro nela motivos para prosseguir – e animar outros a prosseguir. Recordo paisagens e, enquadramentos nelas, homens e mulheres. Diversos como cenários em que se situam, contavam-me histórias diversas também. Ao fim de dois ou três dias sentiamo-nos por vezes verdadeiros amigos, quase irmãos. Eu não tinha podido dar-lhes senão um pouco de atenção, de simpatia. Eles tinham me dado uma lição magnífica, decisiva para o meu modo de sentir e de pensar a partir daquele momento. Atrás dos falares que tinha vindo estudar, era toda uma humanidade humilde, mas digna, vivendo intensamente os sentimentos simples, lutando corajosamente pela sobrevivência, com que a dialectologia me tinha posto em contato. Se mais nada, no vasto terreno da linguística, conservasse um dia interesse para mim, creio que esta experiência seria só por si suficiente para me obrigar a reconhecer e afirmar que vale a pena o ramo de estudos para que a vida me conduziu.*

Devido à extensa área pesquisada, a realização dos inquéritos aconteceu em quatro etapas, e para tanto foram percorridos um total de 10.290 km (ida e volta). Na primeira, foram percorridos 1.898 km (ida e volta), no Mato Grosso, e inquiridos os informantes de três localidades: Sinop, Guarantã do Norte e Diamantino. Na segunda viagem foram vencidos 2.543 km (ida e volta) para realizar os inquéritos em Nova Xavantina-MT, Luciara-MT, Formoso do Araguaia-TO e Pilar de Goiás-GO. Em uma terceira viagem, foram realizadas as entrevistas em Juara-MT e Aripuanã-MT, num percurso de 2.495 km e, em uma última, Guajará-Mirim e Ji-Paraná, ambas em Rondônia, numa distância de 3.354 km. Com exceção das localidades rondonienses, que foram feitas por via aérea, as outras foram realizadas por via terrestre, em uma camionete S10.

Iniciamos os inquéritos no dia 04 de outubro de 2012. Saindo de Rondonópolis-MT, após uma viagem de 8 horas, com chuva, percorrendo uma das rodovias mais movimentadas e perigosas do Brasil, as rodovias BR 364 e BR 163, num total de 633 km, chegamos a Sinop-MT (MT5), a primeira localidade a ser investigada. Na recepção do hotel já se iniciou o trabalho de

campo e após uma breve explanação de que estávamos ali para fazer uma pesquisa sobre alguns hábitos da cultura local, o recepcionista e seu amigo se prontificaram a ser os informantes da segunda faixa etária. Desta feita, antes mesmo de desfazer as malas, já estávamos de gravadores e questionários em mãos, em frente aos primeiros entrevistados.

A pluralidade de informantes, um dos critérios da metodologia, dificultou um pouco o trabalho, já que deveriam ser dois de cada perfil e a maior preocupação era como promover esse encontro, já que nem sempre as pessoas selecionadas se conheciam. Essa angústia nos levou, no dia seguinte, a procurar o CEJA – Centro de Educação de Jovens e Adultos – daquela cidade. Contando com a gentileza e o apoio da diretora da escola, ali foram inquiridas as mulheres da segunda faixa etária, as jovens e os homens jovens.

No dia 06 de outubro, chegamos a Guarantã do Norte-MT (MT2), a 250 km de Sinop, e, ainda na zona urbana da rodovia BR 163, entramos em uma loja de rações e contatamos as primeiras informantes, jovens, e que nos apresentaram aos informantes da segunda faixa etária, moradores do mesmo bairro. Houve certa dificuldade em encontrar os informantes jovens do sexo masculino, pois, no domingo, 7, haveria eleições municipais e a maioria dos moradores, sobretudo, os jovens, estavam envolvidos com o evento. Assim, somente no outro dia, à tarde, entrevistamos os dois jovens. Terminado o trabalho nessa localidade, saímos no dia 8 de outubro de 2012, rumo a Diamantino-MT (MT6), distante 615 km de Guarantã do Norte.

Por ser Diamantino uma das cidades mais antigas de Mato Grosso, nela foi difícil encontrar informantes da geração II vindos de outras localidades. Portanto, o Centro de Convivência de Idosos foi nossa primeira parada. Ali entrevistamos as duas mulheres, vindas do Rio Grande do Sul e somente no outro dia, depois de muita procura, encontramos um homem com essa faixa etária, vindo de Pernambuco e, nesse caso, tivemos que abrir mão da pluralidade de informantes. Os quatro jovens foram entrevistados na Escola Estadual de 1º e 2º Graus Elza Martins de Queiroz Oliveira, na qual estudavam.

No dia 11 de outubro de 2012, à noite, após um percurso de 557 km, pela rodovia MT 070, chegamos a Nova Xavantina-MT (MT7), no dia seguinte, começamos os inquéritos. Era feriado e a cidade estava quase deserta, mas contatamos um rapaz que foi conosco até a casa de um amigo para, juntos,

fazermos o inquérito. A seguir, entrevistamos duas informantes GII que tomavam chimarrão<sup>60</sup> em frente a um comércio de importados; depois, os dois informantes GII em um supermercado e, por fim, as duas jovens vizinhas, indicadas pelos últimos informantes, na residência de uma delas. Às 18 horas do mesmo dia já havíamos terminado os trabalhos em Nova Xavantina e seguimos até Luciara-MT (MT3).

Entre as duas cidades há uma distância de 517 km que foram percorridos pelas BRs 158 e 242. No entroncamento entre essas duas rodovias (a última sem pavimentação e que leva a Luciara) encontram-se Alto Boa Vista – um vilarejo – e o Posto da Mata, um pequeno ponto comercial que funciona também como ponto de parada de caminhoneiros. Passamos a noite ali, pois nos perdemos e tivemos que voltar até esse ponto da estrada.

**Figura 24:** Estrada de acesso a Luciara/MT



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora

No sábado, 13 de outubro, chegamos a Luciara bem cedo e contamos com o auxílio de um jovem indígena, morador da zona urbana, que reuniu os informantes em sua residência e depois dos trabalhos concluídos nos levou para conhecer sua aldeia, às margens do rio Araguaia, onde moram seus pais. Inquirimos primeiramente as mulheres da geração II, depois as mulheres da geração I, seguidas dos homens da geração I e dos homens da geração II. Às

---

<sup>60</sup> Entre os informantes da geração II vindos da região Sul do Brasil, a maioria usa mate. Os jovens, por sua vez, preferem a variante chimarrão, como se constatou com as respostas à pergunta metalinguística 8.

16 horas e 45 min, saímos de Luciara com as informações de que precisávamos.

Segundo nossa rota, a próxima localidade era Formoso do Araguaia-TO. Para irmos de Luciara-MT até lá tínhamos duas opções: voltar, no sentido Cuiabá, 550 km até Cocalinho-MT e atravessar o rio Araguaia pela ponte ou voltar 94 km até São Felix do Araguaia-MT, atravessar o rio Araguaia em uma balsa e a Ilha do Bananal de carro. Optamos pela travessia de balsa, pois era o caminho menor e mais rápido, embora essa tenha se configurado como a maior aventura da pesquisa de campo.

Chegamos a São Félix do Araguaia por volta das 17h e 30 min, quando a última balsa já estava saindo. Após uma travessia que demorou aproximadamente 30 minutos aportamos do outro lado do rio e nos deparamos com um grupo de índios (Karajá, Javaé e Xambioá) que sempre habitaram a Região da bacia do rio Araguaia, nos Estados de Goiás, Mato Grosso, Pará e Tocantins. Esses índios abriram um estreito caminho no meio da ilha do Bananal e cobram pedágio dos motoristas.

**Figura 25:** Travessia de balsa pelo rio Araguaia – São Felix do Araguaia/MT



**Fonte:** Arquivo pessoal da pesquisadora

A Ilha do Bananal, como já foi descrito no capítulo 2, é a maior ilha fluvial do mundo, com cerca de vinte mil quilômetros quadrados de extensão (1.916.225 hectares), cercada pelos rios Araguaia e Javaés. Localizada na divisa entre Tocantins, Mato Grosso e Goiás, é composta pelas Terras Indígenas Parque do Araguaia, Inãwébohona e Utaria Wyhyyna/Iròdu Iràna.

As estradas que dão acesso ao interior da Ilha são a rodovia BR-242 (mais conhecida neste trecho como Transbananal), a Transaraguaia (extensão

não-oficial da TO-255), além de uma estrada sem nome e sem pavimentação que liga a Aldeia Santa Isabel do Morro ao extremo sul da ilha, margeando o rio Araguaia e o rio Caracol. Após o pagamento do pedágio, fomos informados pelos índios que deveríamos atravessar a ilha por aquela pequena estrada, a única que cobre o trecho e pela qual viajamos por mais de cinco horas, em total escuridão, entre terríveis atoleiros, pequenos riachos, bichos, bancos de areia e muito medo, até que avistamos muitas luzes ao longe. Quando nos aproximamos daquelas luzes, descobrimos que teríamos que atravessar o rio Javaés que, naquela época do ano estava com pouquíssima água, mas muita lama, e que aquelas luzes eram olhos de jacarés. Assim, depois de muitas derrapagens, vencemos a travessia do rio e chegamos a uma pequena vila, na qual ninguém quis falar conosco. Soubemos depois, por moradores de Formoso do Araguaia, que eles têm muito medo dos índios, considerados, por eles, muito perigosos. De qualquer maneira, estávamos saindo da ilha e comemoramos muito quando os pneus do carro tocaram uma estrada asfaltada e vimos uma placa. Estávamos em solo tocantinense!

Chegamos a Formoso do Araguaia-TO (TO1), aproximadamente, às 23 horas e, no dia seguinte, inquirimos, primeiramente, os dois rapazes. Um deles nos levou à casa de uma amiga que, juntamente com a vizinha, nos deu a entrevista. Entretanto, uma das moças era muito tímida, o que nos fez encerrar a entrevista e, voltando ao hotel, entrevistar as cozinheiras. Ainda de manhã, já estavam prontos dois inquéritos e as mulheres da segunda faixa etária já contatadas. Após almoçarmos na residência de uma das informantes da segunda faixa etária, fomos à casa de sua amiga para fazer a entrevista. Chegando lá, o filho dessa senhora mostrou-se muito desconfiado; pediu-nos o documento de identidade que foi fotografado e guardado. Ele ficou o tempo todo perto, tornando o ambiente um pouco tenso, mas, diante do resultado, valeu a pena. A última entrevista, com os dois informantes da segunda faixa etária, aconteceu no hotel em que estávamos hospedados, com o recepcionista e um vendedor de frutas que tinha um ponto de vendas em frente ao hotel.

De Formoso do Araguaia, viajamos 450 km até Pilar de Goiás-GO; dessa vez, mais tranquilos, pois a rodovia era muito boa. Chegamos às 23 horas em Pilar e passamos a noite em um dormitório, em péssimas condições de higiene e sem ventilação. Porém, pela manhã, ao abrir as portas, nos

surpreendemos com a beleza da cidade. Lindas montanhas contornam as construções antigas e uma moderna mineradora de diamantes.

Ali, a vida segue tranquila e até os badalos do sino da antiga igreja são lentos, como se não fizesse muita diferença o passar das horas. Uma multidão se reúne bem cedo na praça central à espera do ônibus que os levam ao garimpo.

Percorremos as ruas estreitas à procura de informantes, até que um funcionário da prefeitura nos indicou alguns moradores que poderiam atender aos perfis desejados. Desse modo, chegamos à residência do informante da segunda faixa etária que telefonou a um amigo que concordou em nos ajudar, indo até nós. Depois desse primeiro inquérito, fomos à casa de uma senhora muito simpática para entrevistá-la, juntamente com uma vizinha. Ali também fomos informados sobre os jovens (dois rapazes que trabalham em um cartório) e as jovens (vendedoras de uma loja de móveis). Esses dois últimos inquéritos foram feitos à tarde, no local de trabalho dos entrevistados, enquanto os primeiros se realizaram nas residências dos informantes. Tudo ocorreu numa tranquilidade compatível com a calma da localidade. Nesse mesmo dia, saímos de Pilar de Goiás às 19 horas, encerrando, assim, outra etapa dos inquéritos.

Nosso próximo itinerário foi Juara e Aripuanã, ambas em Mato Grosso. Para essa empreitada, saímos de Rondonópolis em 01 de novembro de 2012, chegando a Juara (MT4) no dia seguinte, depois de um percurso de 854 km.

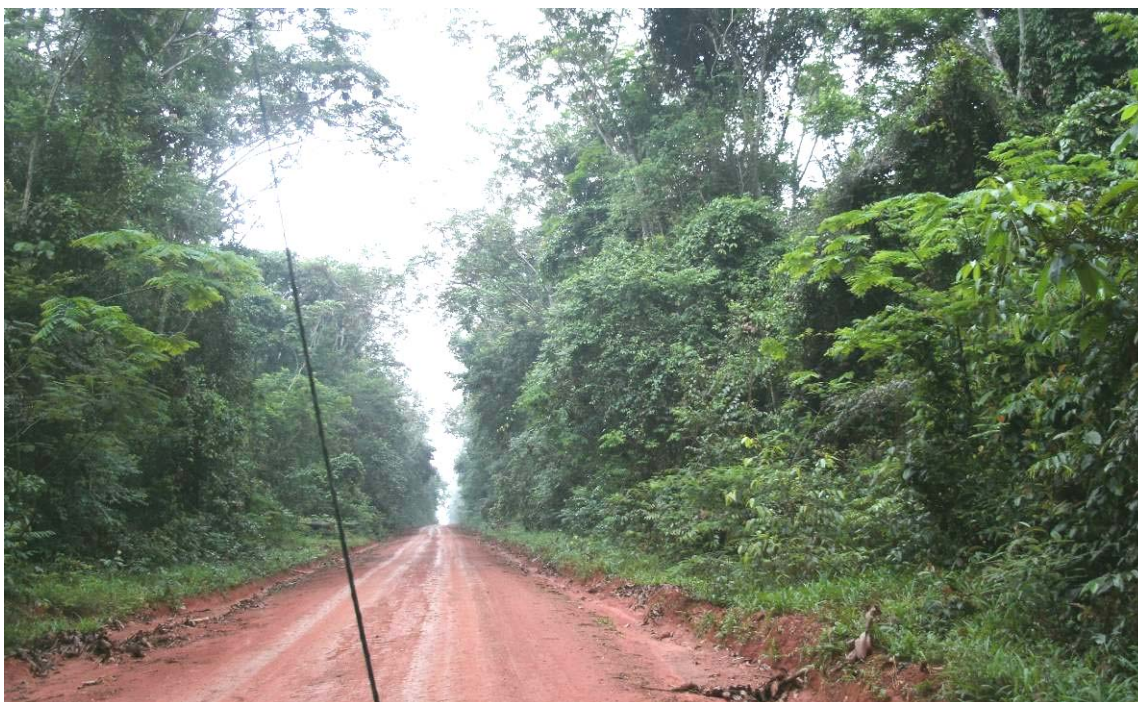
**Figura 26:** Acesso a Juara/MT

**Fonte:** arquivo pessoal da pesquisadora

O primeiro inquérito foi com dois jovens, muito extrovertidos, em uma mercearia. Em seguida, fizemos a entrevista com os homens da geração II, na residência de um dos informantes, que nos recebeu sob uma frondosa árvore, juntamente com seu vizinho. Nesse local, passamos a tarde e, entre bolos e sucos, inquirimos, ainda, as duas mulheres da segunda geração, também residentes daquele bairro. No início da noite, fomos até a residência de uma jovem que convidou uma amiga para a última entrevista.

Ao final dos trabalhos, voltamos para Juína, onde pernoitamos, para, no dia seguinte, seguir a viagem para Aripuanã-MT (MT1), nossa próxima localidade a ser investigada e cujo acesso é feito somente por estradas sem pavimentação asfáltica. O trajeto de 450 km foi realizado em cerca de 5 horas, pela rodovia MT 070 que liga as cidades de Juína, Juruena, Castanheira e Aripuanã. A estrada, entre florestas e caminhos difíceis e tortuosos, é dona de rara e exótica beleza natural, embora estivesse bastante escorregadia devido às pedras soltas e à chuva fina que caía.

**Figura 27:** Rodovia MT 070 no trecho que liga Castanheiras/MT a Aripuanã/MT



**Fonte:** Arquivo pessoal da pesquisadora

Chegamos a Aripuanã por volta de meio-dia e, como era feriado, não poderíamos contar com estudantes nem com trabalhadores comerciais. Perguntamos a um vendedor ambulante onde poderíamos encontrar os moradores mais antigos da cidade e ele nos apontou uma casa na esquina da mesma rua, na qual, segundo ele, morava um dos pioneiros da localidade.

O proprietário da casa nos ofereceu a varanda para a entrevista dos homens e mulheres GII e os jovens que eles próprios nos indicaram, todos seus amigos. Saindo dali, já no entardecer, fomos até a residência de uma das duas jovens que respondeu ao último inquérito encerrado às 20 horas.

Findo o trabalho, procuramos um hotel, mas não havia vagas. Devido às chuvas torrenciais que dentro de alguns dias começariam a cair na Região, muitos viajantes se apressavam a levar as mercadorias que abastecem a cidade nesse período chuvoso que vai de novembro a janeiro. Desse modo, voltamos para Juína, mas, desta vez, por outra rodovia, também de chão batido, porém mais movimentada. Entretanto, assim que iniciamos o percurso, vieram também os problemas. Havia muitas pontes de madeira, pelas quais era muito difícil passar. Parávamos várias vezes, a cada poucos quilômetros, para pedir informação sobre o caminho e muitos caminhoneiros nos aconselhavam a

esperar o dia clarear, pois eles próprios não se arriscavam a andar por lá à noite. Decidimos seguir em frente, afinal, essa seria nossa última aventura com a finalidade de fazer inquéritos, pois agora só faltavam os dois pontos de Rondônia que seriam feitos posteriormente, via aérea.

Em 09 de novembro de 2012 partimos para Guajará-Mirim e Ji-Paraná, ambas em Rondônia. Esse percurso foi realizado de ônibus – de Rondonópolis a Cuiabá; de avião – de Cuiabá a Porto Velho; de ônibus – de Porto Velho a Guajará-Mirim; novamente de ônibus de Guajará-Mirim a Ji-Paraná; de avião até Cuiabá e finalizada de ônibus até Rondonópolis.

Chegamos a Guajará-Mirim (RO1) em 10 de novembro de 2012, domingo, pela manhã e já encontramos os primeiros informantes, os homens da segunda faixa etária, em uma igreja evangélica, após o culto matutino. Os dois colaboraram indicando as jovens, que foram inquiridas à tarde, e nos doaram materiais sobre a história da cidade. Terminando essa entrevista, fomos até a igreja católica nos encontrar com as duas informantes da segunda faixa etária, com as quais já havia agendado na padaria onde tomara café da manhã. Chovia muito naquela tarde e tivemos que interromper o trabalho várias vezes por causa do medo que uma delas sentia dos relâmpagos e trovões. Essas interrupções nos fizeram perder um dos informantes jovens, pois, ao chegar à sua residência, ele havia viajado. Depois de muita procura, como já estava com as passagens aéreas compradas e marcadas para dali a dois dias, na segunda-feira decidimos entrevistar apenas um rapaz, pois não achara outro com o mesmo perfil. Ressalte-se que a maioria dos jovens dessa localidade estuda e trabalha em Porto Velho ou em Ji-Paraná.

A última localidade, Ji-Paraná (RO2), conhecíamos bem, pois já havíamos morado ali por algum tempo. Chegando na manhã do dia 12 de novembro, o primeiro destino foi o Centro de Ensino de Jovens e Adultos – CEJA, no qual já havíamos ministrado aulas. Os informantes da geração I foram os alunos e os da geração II, tanto homens como mulheres, eram funcionários da escola. Às 17 horas do mesmo dia, todos os inquéritos estavam prontos.

Durante a viagem de volta, os pensamentos eram para cada uma das pessoas que tão gentilmente nos auxiliou. Sentia ao mesmo tempo alívio e uma

vontade enorme de continuar o contato com aquele povo humilde e solidário que tão calorosamente nos recebeu em cada ponto da rede.

Após o término dos inquéritos, ao ouvir novamente as gravações, percebemos que os primeiros, realizadas em Sinop, estavam com muito ruído, devido, provavelmente, à qualidade da gravação, o que prejudicaria substancialmente as transcrições fonéticas. Voltamos, pois, àquela localidade, em janeiro de 2013, e refizemos os quatro inquéritos. Dessa vez, informados por um funcionário de um restaurante, chegamos à residência de um ex-prefeito que, juntamente com um amigo comerciante, nos concedeu a entrevista. Esses homens nos indicaram as mulheres da geração II que, por sua vez, nos recomendaram alguns jovens que poderiam atender ao perfil procurado. Com a colaboração dos próprios informantes, foi possível concretizar o trabalho em um só dia.

O trabalho de campo propiciou um grande aprendizado e muitas reflexões, sobretudo, a respeito dos laços afetivos que se formam a partir de um curto espaço de tempo em que ficamos frente a frente com o informante. São histórias que ficam e pessoas que farão parte de nossa história de vida.

Isso posto, o quadro 10 apresentado nas páginas seguintes, exhibe o perfil total da amostra.

Quadro 10: Perfil total da amostra da pesquisa

LOCALIZAÇÃO		DADOS DA ENTREVISTA		DADOS PESSOAIS				NATURALIDADE		DADOS DA CHEGADA NA LOCALIDADE			PERFIL SOCIAL E EDUCACIONAL	
UF	Cidade	Data	Duração	Perfil	Nome	Data Nascimento	Idade	Naturalidade	UF	Ano	Data chegada	Tempo moradia	Escolaridade	Profissão
RO1	Guajará Mirim-RO	11/11/12	01:35:53	HGII	IR	02/05/1958	55	Ibiporã	PR	1987	25/04/1987	26	Médio	Empresário
			01:35:53		LPS	10/01/1959	54	Vitória	ES	1987	03/01/1987	26	Fundamental	Lavrador
		12/11/12	01:24:51	MGII	JSB	20/11/1950	62	São Luiz	MA	1964	16/11/1964	48	Fundamental	Aposentada
			01:24:51		FOP	07/04/1947	66	Humaitá	AM	1968	01/04/1968	45	Fundamental	Aposentada
			01:12:11	HGI	ITO	17/06/1994	18	Guajará Mirim	RO			18	Médio	Comerciante
		11/11/12	00:52:10	MGI	KA	08/11/1991	21	Guajará Mirim	RO			21	Médio	Padaria
00:52:10	MMT		30/09/1986		26	Guajará Mirim	RO			26	Médio	Doméstica		
RO2	Ji-Paraná-RO	13/11/12	00:52:02	HGII	DS	25/07/1953	59	Concordia	SC	1975	20/07/1975	37	Médio	Aposentada
			00:52:02		JR	23/10/1946	66	Mandaguari	PR	1973	16/10/1973	39	Fundamental	Porteiro
			00:54:38	MGII	MCPS	01/06/1956	56	Recife	PE	1978	27/05/1978	34	Médio	Merendeira
			00:54:38		ABS	25/10/1945	67	Dourados	MS	1983	16/10/1983	29	Médio	Auxiliar escritório
			00:50:12	HGI	EO	16/10/1994	18	Ji Paraná	RO			18	Médio	Estudante
			00:50:12		AF	18/05/1994	19	Ji Paraná	RO			19	Médio	Entregador
			00:51:12	MGI	MCCA	26/05/1994	18	Ji Paraná	RO			18	Médio	Estudante
			00:51:12		CAS	17/12/1991	21	Ji Paraná	RO			21	Médio	Estudante
MT1	Aripuanã-MT	03/11/12	01:16:31	HGII	ACS	07/07/1956	56	Patrocínio	MG	1976	02/07/1976	36	Médio	Madeireiro
			02:16:31		PT	07/02/1949	64	Birigui	SP	2000	26/01/2000	13	Fundamental	Lavrador
			01:12:56	MGII	IB	23/05/1947	65	Turvo	SC	1999	10/05/1999	13	Médio	Do lar
			02:12:56		ATT	03/12/1954	58	Itauna	PR	2000	21/11/2000	12	Fundamental	Feirante
			00:56:01	HGI	ARM	19/11/1988	24	Aripuanã	MT			24	Médio	Técnico educacional
			01:56:01		JRVA	31/08/1991	21	Aripuanã	MT			21	Médio	Estudante
			00:56:20	MGI	EFA	21/10/1988	24	Aripuanã	MT			24	Médio	Assistente social
			01:56:20		CPS	02/10/1992	20	Aripuanã	MT			20	Médio	Estudante

LOCALIZAÇÃO		DADOS DA ENTREVISTA		DADOS PESSOAIS				NATURALIDADE		DOS DA CHEGADA NA LOCALIDA			PERFIL SOCIAL E EDUCACIONAL	
UF	Cidade	Data	Duração	Perfil	Nome	Data Nascimento	Idade	Naturalidade	UF	Ano	Data chegada	Tempo moradia	Escolaridade	Profissão
MT2	Guarantã do Norte-MT	07/10/12	01:22:03	HGII	AF	18/10/1945	67	Sananduva	RS	1985	08/10/1985	27	Fundamental	Lavrador
			01:22:03		CZ	19/07/1955	57	Sta Helena do Pr	PR	1981	12/07/1981	31	Fundamental	Lavrador
			01:11:55	MGII	TZ	19/09/1957	55	Três Passos	RS	1981	13/09/1981	31	Médio	Do lar
			01:11:55		EA	01/04/1956	57	Sananduva	RS	1982	26/03/1982	31	Fundamental	Do lar
		06/10/12	00:43:23	HGI	LN	12/08/1994	18	Guarantã do Norte	MT			18	Médio	Mecânico
			00:43:23		AMN	18/10/1993	19	Guarantã do Norte	MT			19	Médio	Pedreiro
			01:20:41	MGI	AS	19/09/1990	22	Guarantã do Norte	MT			22	Médio	Estudante
			01:20:41		APT	18/06/1984	28	Guarantã do Norte	MT			28	Médio	Aux. administrativo
MT3	Luciara	13/10/12	01:02:58	HGII	JRR	20/03/1943	70	Campos Lindos	TO	1971	13/03/1971	42	Médio	Serralheiro
			01:02:58		EE	02/04/1947	66	Sto Angelo	RS	2000	19/03/2000	13	Médio	Agropecuaria
			00:58:39	MGII	MFM	02/02/1950	63	Pium	TO	1970	28/01/1970	43	Fundamental	Do lar
			00:58:39		ISPC	22/11/1957	55	Formoso do Araguaia	TO	1967	20/11/1967	45	Fundamental	Do lar
			00:47:28	HGI	JFGS	23/06/1991	21	Luciara	MT			21	Médio	Mecânico
			00:47:28		DP	16/04/1991	22	Luciara	MT			22	Médio	Vendedor
			00:55:57	MGI	YAM	07/02/1993	20	Luciara	MT			20	Médio	Do lar
			00:55:57		DDF	25/10/1987	25	Luciara	MT			25	Médio	Do lar
MT4	Juara	02/11/12	01:20:15	HGII	GM	18/05/1954	59	Cascavel	PR	1982	11/05/1982	31	Fundamental	Doméstica
			01:20:15		BMC	16/03/1953	60	Cruz do Oeste	PR	1981	09/03/1981	32	Médio	Mestre obras
			01:09:35	MGII	MVSR	31/08/1951	61	Montes Claros	MG	1993	20/08/1993	19	Médio	Do lar
			01:09:35		EC	16/06/1956	56	Rondon	PR	1985	09/06/1985	27	Médio	Do lar
			00:44:42	HGI	AJL	27/03/1990	23	Juara	MT			23	Médio	Pedreiro
			00:44:42		WVDS	03/10/1994	18	Juara	MT			18	Médio	Vendedor
			00:42:00	MGI	TS	28/10/1992	20	Juara	MT			20	Médio	Babá
			00:42:00		JNI	20/04/1989	24	Juara	MT			24	Médio	Do lar

LOCALIZAÇÃO		DADOS DA ENTREVISTA		DADOS PESSOAIS				NATURALIDADE		DADOS DA CHEGADA NA LOCALIDADE			PERFIL SOCIAL E EDUCACIONAL	
UF	Cidade	Data	Duração	Perfil	Nome	Data Nascimento	Idade	Naturalidade	UF	Ano	Data chegada	Tempo moradia	Escolaridade	Profissão
MT5	Sinop-MT	23/02/14	01:28:47	HGII	GSM	11/11/1943	70	Passo Fundo	RS	1975	03/11/1975	38	Médio	Corretor imobiliário
			01:28:47		FF	26/04/1953	61	São Paulo das Missões	RS	1976	20/04/1976	38	Médio	Comerciante
			01:09:57	MGII	LC	11/02/1959	55	Imparendi	RS	1966	09/02/1966	48	Fundamental	Do lar
			01:09:57		NH	13/05/1948	66	Santo Cristo	RS	1981	05/05/1981	33	Médio	Massagista
		22/02/14	00:59::11	HGI	TRD	03/10/1992	21	Sinop	MT			21	Médio	Auxiliar de produção
			00:59::11		EAM	07/01/1992	22	Sinop	MT			22	Médio	Vendedor
		23/02/14	00:44:58	MGI	FMS	10/06/1993	21	Sinop	MT			21	Médio	Vendedor
			00:44:58		VMS	10/02/1995	19	Sinop	MT			19	Médio	Vendedor
MT6	Diamantino-MT	09/10/14	00:50:12	HGII	AAM	09/05/1943	69	Oricuri	PE	1980	29/04/1980	32	Médio	Comerciante
		08/10/12	00:58:17	MGII	AHH	26/03/1943	70	Lajeado	RS	1987	15/03/1987	26	Fundamental	Aposentada
			01:58:17		EMP	12/07/1946	66	Sto Angelo	RS	1986	02/07/1986	26	Fundamental	Pensionista
			00:57:08	HGI	AS	12/03/1985	28	Diamantino	MT			28	Médio	Vendedor
			01:57:08		LEOB	09/10/1986	26	Diamantino	MT			26	Médio	Vendedor
			00:58:17	MGI	PFRS	26/11/1993	19	Diamantino	MT			19	Médio	Estudante
			01:58:17		JSL	04/03/1984	29	Diamantino	MT			29	Médio	Doméstica
MT7	Nova Xavantina-MT	12/10/12	00:49:10	HGII	RBS	06/09/1947	65	Dourados	MS	1980	28/08/1980	32	Médio	Aposentado
			00:49:10		CJS	06/04/1949	64	Santa Maria	RS	1986	28/03/1986	27	Médio	Comerciante
			00:57:12	MGII	SR	21/04/1956	57	Loanda	PR	1979	16/04/1979	34	Fundamental	Aposentada
			00:57:12		NSP	25/12/1947	65	Jeruá	RS	1987	15/12/1987	25	Fundamental	Aposentada
			00:48:49	HGI	DJB	26/06/1993	19	Nova Xavantina	MT			19	Médio	Garçom
			00:48:49		DFV	24/03/1993	20	Nova Xavantina	MT			20	Médio	Estudante
			01:02:17	MGI	HNL	02/10/1992	20	Nova Xavantina	MT			20	Médio	Secretaria
			01:02:17		DKFA	21/04/1983	29	Nova Xavantina	MT			29	Médio	Cabelereira

LOCALIZAÇÃO		DADOS DA ENTREVISTA		DADOS PESSOIS				NATURALIDADE		DADOS DA CHEGADA NA LOCALIDADE			PERFIL SOCIAL E EDUCACIONAL	
UF	Cidade	Data	Duração	Perfil	Nome	Data Nascimento	Idade	Naturalidade	UF	Ano	Data chegada	Tempo moradia	Escolaridade	Profissão
GO1	Pilar de Goiás-GO	15/10/12	01:12:45	HGII	AP	19/09/1947	65	Cláudio	MG	1959	16/09/1959	53	Fundamental	Lavrador
			01:12:45		NDB	11/08/1944	68	Carmo do Paranaíba	MG	1974	04/08/1974	38	Médio	Aposentado
			01:15:24	MGII	EMC	18/11/1954	58	Cruzeiro da Fortaleza	MG	1969	14/11/1969	43	Fundamental	Do lar
			01:15:24		LC	09/08/1936	76	Patrocínio	MG	1989	27/07/1989	23	Fundamental	Aposentada
			00:48:47	HGI	TSP	20/12/1989	23	Pilar de Goiás	GO			23	Médio	Técnico informática
			00:48:47		JRC	23/10/1992	20	Pilar de Goiás	GO			20	Médio	Vendedor
			00:52:48	MGI	DML	15/05/1992	20	Pilar de Goiás	GO			20	Médio	Vendedor
			00:52:48		RS	22/07/1991	21	Pilar de Goiás	GO			21	Médio	Babá
TO1	Formoso do Araguaia-TO	14/10/12	01:16:29	HGII	BSL	12/11/1951	61	Arari	MA	1980	04/11/1980	32	Médio	Vendedor
			01:16:29		EAS	23/03/1953	60	Anápolis	GO	1984	15/03/1984	29	Médio	Comerciante
			01:09:28	MGII	LGP	27/07/1943	69	Riachão	MA	1955	24/07/1955	57	Fundamental	Aposentada
			01:09:28		ILV	19/02/1950	63	Campo Maior	PI	1980	12/02/1980	33	Fundamental	Aposentada
			00:51:39	HGI	IMT	20/06/1992	20	Formoso do Araguaia	TO			20	Médio	Pedreiro
			00:51:39		DMR	03/04/1993	20	Formoso do Araguaia	TO			20	Médio	Eletricista
			00:46:21	MGI	TCP	24/04/1992	20	Formoso do Araguaia	TO			20	Médio	Não trabalha
			00:46:21		JP	11/04/1994	19	Formoso do Araguaia	TO			19	Médio	Do lar

Fonte: Elaborado pela autora

### 3.4 O registro dos dados

É importante transcrever o material colhido por meio dos inquiridos com rigor metodológico para que se possa guardar um material sistematizado e adequado a consultas futuras. No caso desta pesquisa, foram seguidas as normas adotadas pelo Projeto ALiB para a transcrição dos dados, aprovadas pelo Comitê Nacional de Coordenação do Projeto que integram o anexo da Ata da XXIV reunião do Comitê Nacional (Salvador- BA, 8 a 19 de abril de 2008). Os dados coletados foram transcritos fonética e grafematicamente.

As transcritoras foram Amanda Chofard, Anna Carolina Chierotti e Mariana Spagnolo, que atuam ou atuaram no Projeto ALiB, na UEL (Universidade Estadual de Londrina). A revisão final ficou sob nossa responsabilidade. Para a transcrição fonética foi utilizado o Alfabeto Fonético Internacional da Associação Internacional de Fonética (IPA) e as normas adotadas pelo Projeto ALiB. Optamos por transcrever foneticamente toda a unidade lexical e não apenas o fenômeno. Por exemplo, para a questão 01 do QFF – *Onde se constrói uma casa? (o que é preciso para construir uma casa?)* foram transcritas as ocorrências [te'xẽnu] e/ou [tẽ'xẽnu] e não apenas o fenômeno [ɛ e u] ou [e e u].

A transcrição grafemática também seguiu os critérios do ALiB. Todo o material foi transcrito, inclusive as narrativas e as questões metalinguísticas, embora essas últimas não tenham sido mapeadas neste momento. Na fala do informante foram preservadas marcações de elementos de linguagem oral, como superposições, ruídos, truncamentos, comentários do inquiridor, pausas, risos etc. Igualmente, a fala do inquiridor, quando transcrita, ocorreu sem preocupações com convenções ortográficas, já que não havia interesse em estudar o desempenho linguístico do inquiridor.

### 3.5 Etiquetagem dos áudios

As respostas dos informantes, depois de transcritas e arquivadas no computador, em arquivo do *Word*, foram transpostas para um banco de dados, organizado no programa Excel, e que reúne as variantes recolhidas por meio

dos 44 inquéritos realizados nas onze localidades que formam a rede de pontos da pesquisa. Essa sistematização dos *corpora*, além de fornecer uma síntese dos fatos linguísticos recolhidos, já que geram relatórios e gráficos, conforme diferentes categorias e necessidades, teve a finalidade de facilitar o acesso aos dados, na fase de elaboração das cartas linguísticas.

Uma planilha registra os resultados do questionário fonético-fonológico; outra, o corolário do questionário semântico-lexical e uma terceira, os dados morfossintáticos. Quando houve divergência nas respostas dos informantes, todas foram elencadas na tabela, separadas por células, figurando, em primeiro lugar, o informante 1 e, em segundo, o informante 2<sup>61</sup>.

### 3.6 A representação cartográfica dos dados

O objetivo geral desta tese foi mapear os dados em um atlas linguístico. Dessa forma, após um cotejo entre as onze localidades, foi necessário elaborar uma escala de frequência da variação das variantes, partindo das mais produtivas para as menos produtivas. A partir dessa escala, iniciou-se o processo de elaboração das cartas introdutórias e das cartas linguísticas que compõem o Atlas Linguístico Topodinâmico do Território Incaracterístico, apresentado no volume II desta tese.

#### 3.6.1 Procedimentos metodológicos para a padronização das cartas linguísticas

O ALTTI está composto de 7 mapas introdutórios (1 mapa da divisão dialetal do Brasil, segundo Nascentes (1953); 1 mapa contextual, mostrando o território incaracterístico inserido no mapa do Brasil; 1 mapa hidrográfico do Brasil; 1 mapa das três principais rodovias que cortam esse espaço geográfico; 1 mapa das principais rotas migratórias no território incaracterístico; 1 mapa da ordem de chegada dos migrantes na Região investigada e 1 mapa da rede de pontos) e 102 cartas linguísticas, que contemplam as variantes apuradas, agrupadas da seguinte forma:

---

<sup>61</sup> Uma mostra dessas planilhas fará parte do apêndice do volume I da tese.

a) 96 cartas analíticas, subdivididas em:

- ✓ 15 cartas fonéticas, elaboradas a partir das respostas às perguntas do QFF que apuraram 16 variáveis fonéticas<sup>62</sup>. Dessas variáveis, somente não foi cartografado o /R/ em coda silábica externa - presença *versus* ausência em verbos – porque em todos os contextos houve apagamento.
- ✓ 69 cartas lexicais, produzidas como resultado de 72 perguntas do QSL. Apenas as perguntas de número 3, 18 e 54 não geraram cartas porque não produziram variações lexicais.
- ✓ 12 cartas morfossintáticas, elaboradas a partir das respostas às 18 perguntas do QMS que apuraram 14 variáveis morfossintáticas.

b) 06 cartas-síntese

- ✓ Essas cartas propõem medir a intensidade de um traço ou marca regional. No contexto desta tese, elas foram elaboradas após a análise das cartas analíticas, no que tange às variantes que mostram influências de processos migratórios na área considerada com Nascentes (1953) como “território incaracterístico”.

As cartas linguísticas apresentadas no Atlas seguem a ordem das perguntas no questionário linguístico: cartas fonéticas, lexicais, morfossintáticas e, por fim, as cartas-síntese.

### 3.6.2 A carta-base do ALTTI

Um atlas linguístico se define como um conjunto de cartas geolinguísticas e “de dados sobre determinado assunto, sistematicamente organizados e servindo de referência para a construção de informações de acordo com a necessidade do usuário” (TELES; RIBEIRO, 2006, p. 212). As autoras acrescentam que a qualidade de um mapa é determinada pela exatidão, complementariedade e atualidade, condições dadas pela precisão, exatidão e fidelidade.

Neste trabalho, todavia, não foi possível reproduzir exatamente o território considerado incaracterístico por Antenor Nascentes no momento de sua divisão dialetal, visto que muitos critérios adotados por ele, na ocasião,

---

<sup>62</sup> Conforme quadro 11 deste capítulo.

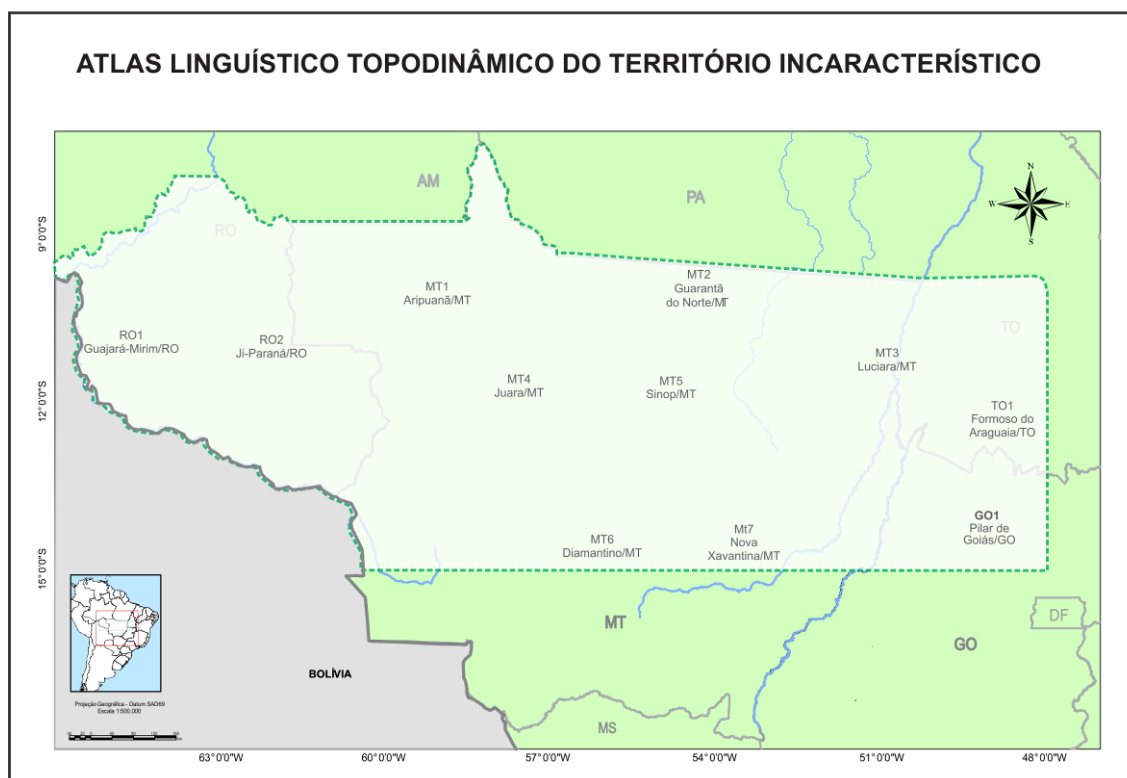
como, por exemplo, a localização e os nomes dos rios, não são totalmente passíveis de resgate. Os rios Juparaná e Uruguatás, citados pelo autor em *O Linguajar Carioca*, tiveram seus nomes mudados. Igualmente, entre 1953 e os dias atuais, a divisão política do Brasil sofreu várias alterações não contempladas por Nascentes, como a divisão dos Estados de Mato Grosso e de Goiás que geraram, respectivamente, Mato Grosso do Sul e Tocantins; a transformação de territórios em Estados, bem como o redesenho de algumas fronteiras em decorrência de áreas em litígio. Como não foi possível uma reprodução fidedigna de seu traçado, procuramos resgatar as informações contidas no mapa dialetal dentro dos traçados dos mapas atuais, considerando os parâmetros em termos de limites descritos por Nascentes (1953).

Para representar o espaço delimitado por Nascentes como incharacterístico, em um mapa atual, foram necessários planejamento e elaboração. Logo, foi construída uma base a partir da Base Cartográfica do IBGE, considerando os limites políticos territoriais entre os estados de Goiás, Mato Grosso, Rondônia e Tocantins.

A autoria dessa carta-base é de Ângelo Franco do N. Ribeiro, cartógrafo e Técnico de Laboratório de Geoprocessamento na FCH/UFMG. Nela constam a escala, a orientação geográfica e outras informações pertinentes ao contexto, como, por exemplo, alguns rios que circundam o “território incharacterístico”, descritos em *O Linguajar Carioca* (1953, p. 18), quando foi possível localizá-los em mapas atuais.

A edição dos dados linguísticos ficou a cargo da professora da UFMS, Luciene Gomes Freitas Marins, que, por sua vez, utilizou o programa computacional Corel Draw X5. A figura 28 apresenta um modelo dessa carta

**Figura 28:** Carta-base do ALTTI



**Fonte:** Elaborado por Ângelo Franco do N. Ribeiro

O atlas em tela possui informações no anverso e no verso de cada carta.

### 3.6.3 Características do anverso das cartas linguísticas

Na parte superior do anverso da carta, destacam-se o título do atlas – *Atlas Linguístico do Território Incaracterístico* e, abaixo do título, o número e o nome da carta. Dentro da moldura central, em plano maior, está o mapa linguístico e, em forma de encarte, o mapa da América Latina. Fora da moldura, à direita, situa-se a legenda, representando as quatro variantes com maior percentual de ocorrências, e padronizada nas cores vermelho, azul, amarelo, verde para representar a produtividade das variantes, em ordem decrescente, além da cor cinza para indicar outras variantes com baixo percentual e ausência de cor para indicar a ausência de respostas. Abaixo da legenda, figura o gráfico de ocorrências, focando as dimensões diatópica, diageracional e diassexual. No rodapé da carta constam o número da pergunta que a originou e os contextos de ocorrência do fenômeno (no caso das cartas

fonéticas e morfossintáticas) ou o conceito (no caso das cartas lexicais). Para representar as ocorrências, na legenda, foi considerada a forma culta da unidade lexical em questão, conforme registros em dicionários de língua portuguesa. Assim, se o informante respondeu *burca* para a pergunta 48 – que nome se dá às coisinhas redondas, de vidro, com que os meninos gostam de brincar? – essa variante foi computada na legenda junto com *búrica*, a forma dicionarizada e a variante *burca*, registrada em forma de notas no verso da carta antecedente.

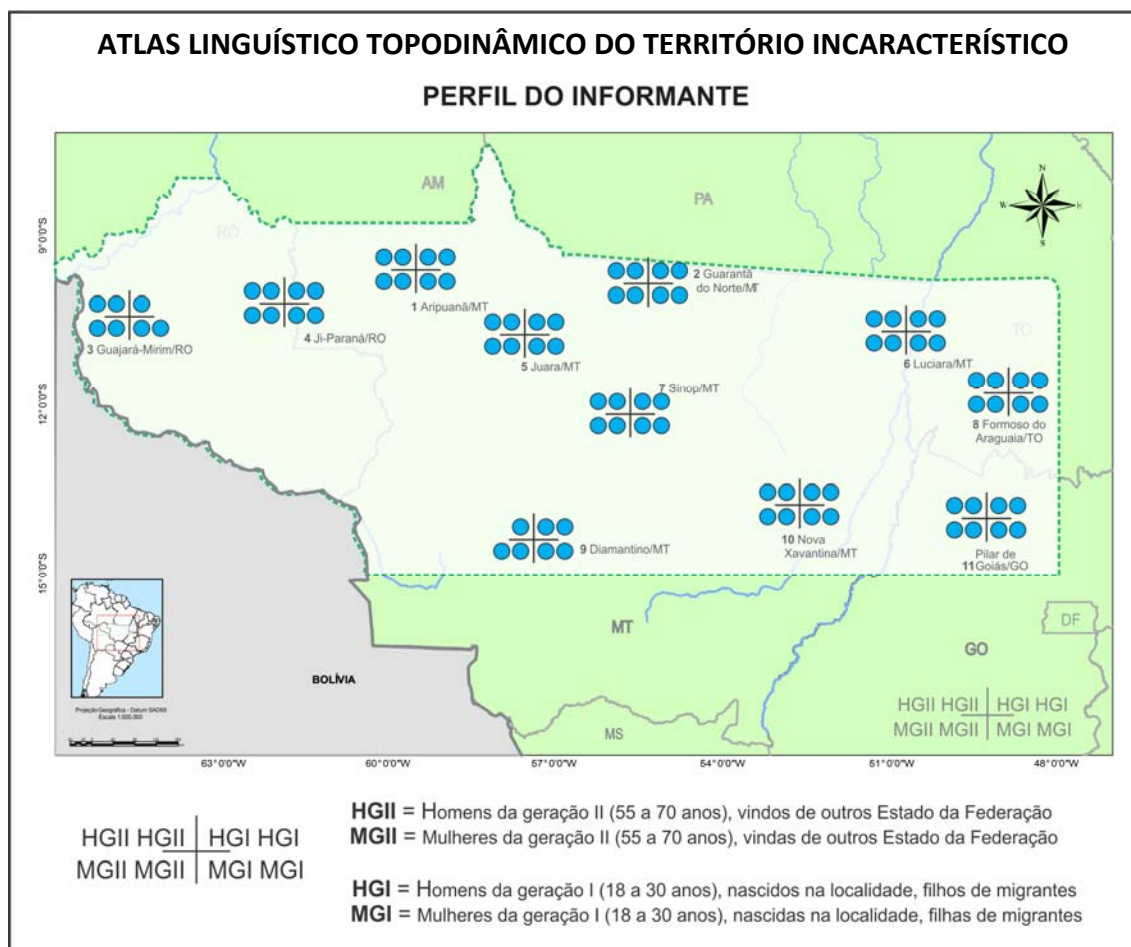
Visto que esta tese é de natureza geolinguística, numa perspectiva pluridimensional, buscamos as orientações de Thun (1998b) para contemplar os aspectos de natureza diassexual e diageracional. Os registros foram apresentados por meio de símbolos<sup>63</sup> específicos, neste estudo representados por círculos, visualizados no diagrama em forma de uma “cruz”, uma convenção que tem sido adotada nos atlas linguísticos pluridimensionais para distribuição das variantes, segundo o perfil dos grupos estudados.



Dessa forma, os símbolos registrados sobre a linha horizontal indicam os informantes masculinos, das duas faixas etárias, e os indicados sob essa linha as informantes femininas, de ambas as faixas etárias. Os dados situados à esquerda da linha vertical referem-se aos informantes da segunda faixa etária e os dispostos à direita, da primeira faixa etária. Visto que a pesquisa foi realizada com dois informantes de cada perfil, para fins meramente didáticos, o que está representado perto da cruz é o informante 1 e o que está mais afastado é o informante 2. A figura 29 esclarece essa metodologia.

<sup>63</sup> Símbolo, no contexto desta cartografia, é utilizado como forma representativa.

**Figura 29:** Carta do perfil dos informantes do ALTTI



**Fonte:** Elaborada pela autora e editada por Luciene G. F. Marins

### 3.6.3.1 Características das cartas-síntese

As cartas-síntese tiveram a finalidade de medir a intensidade de marcas mais sulistas ou mais nortistas<sup>64</sup>, definidas a partir de consultas a atlas regionais e estaduais, além de artigos publicados. Para a elaboração dessas cartas, adotamos os critérios relacionados a seguir.

As cartas-síntese fonéticas foram elaboradas a partir das cartas fonéticas analíticas 001, 002, 004, 005a, 005b, 006 e 007, que, a nosso ver, denotam marcas regionais, e consoante três dimensões: síntese da produtividade das variantes fonéticas, segundo a dimensão diatópica (carta 097); síntese da produtividade das variantes fonética, segundo a dimensão

<sup>64</sup> Sulistas e nortistas sob a perspectiva da divisão dialetal de Antenor Nascentes (falares do sul e falares do norte)

diageracional (carta 098) e síntese da produtividade dessas variantes, segundo a dimensão diasssexual (carta 099).

Essas cartas foram tomadas para esse fim por serem bastante representativas de marcas regionais. As cartas 001 e 002, por exemplo, representam o lema fonético da divisão dialetal de Antenor Nascentes (1953), quando dividiu o falar brasileiro em seis subfalares, reunindo-os em dois grupos a que chamou do norte e do sul.

O que caracteriza esses dois grupos é a cadência e a existência de pretônicas abertas em vocábulos que não sejam diminutivos nem advérbios em mente. Basta uma singela frase ou uma simples palavra para caracterizar as pessoas pertencentes a cada um destes grupos (NASCENTES, 1953, p. 25).

Da mesma forma, é sabido que, por um lado, a palatal (carta 04) velarizada predomina sobre a semivogal na Região Sul do País (conforme a carta 37 do ALERS) bem como, a vibrante e o tepe na realização dos róticos e a despalatalização do /d/ e /t/ diante de /i/ (cartas 005a e 005b) é bastante comum na fala gaúcha. Por outro, o apagamento dos róticos em coda silábica interna é tendência entre os falantes do Norte e Nordeste. Desta feita, dividimos as variantes fonéticas em mais nortistas e mais sulistas. O parâmetro considerado para essa classificação, além das ponderações de Nascentes (1953) foi a ocorrência da variante em outros atlas regionais e estaduais consultados<sup>65</sup>. O quadro 11 mostra as variáveis fonéticas consideradas.

**Quadro 11** – Variantes fonéticas com marcas mais nortistas e mais sulistas

Variável linguística	QFF	Carta	+Norte	+Sul
Vogal pretônica anterior	1, 3, 12,26,35,41,62	001	Aberta	Fechada
Vogal pretônica anterior	7, 10, 22, 42, 50, 63	002	Aberta	Fechada
Realização do /l/ final	13, 21, 29	004		Palatal
Realização do /t/ e /d/ antes de /i/	28, 56	005a		Despalatalizada
Realização do /t/ e /d/ antes de /i/	14, 48	005b		Despalatalizada
Róticos em início de sílaba	1, 18, 24, 42	006		Vibrante/tepe
Róticos em coda silábica medial	7, 10, 12, 22, 41, 62	007	Apagamento	Vibrante/tepe

Fonte: Elaborado pela autora com base no corpus do ALTTI

<sup>65</sup> Esses atlas estão elencados no item 3.5.4 deste capítulo.

As cartas-síntese lexicais foram elaboradas de acordo com o seguinte paradigma: síntese da produtividade das variantes lexicais, segundo a dimensão diatópica (carta 100); síntese da produtividade das variantes lexicais, segundo a dimensão diageracional (carta 101) e síntese da produtividade dessas variantes, segundo a dimensão diassexual (carta 102). O cálculo da distribuição foi feito a partir dos 3.818 itens lexicais do *corpus* do ALTTI. Desses, tomamos, para a elaboração das cartas-síntese lexicais, o montante de 528 variantes, ou seja, 13,8% do total. As variáveis lexicais consideradas se encontram no quadro 12.

**Quadro 12:** Variedades lexicais com marcas mais nortistas e mais sulistas

QSL	Carta	Variável	+ Norte	+Sul
1	16	Córrego/ corgo	Igarapé	Sanga
2	17	Ponte/ pinguela	Ponte	Pinguela
3	18	Temporal/tempestade	Tormenta	Temporal
4	19	Chuva de granizo	Chuva de granizo	Chuva de pedra
6	20	Garoa	Chuvisqueiro	Garoa
7	21	Orvalho/sereno	Neblina/ neve	Sereno/ orvalho
8	22	Nevoeiro/ cerração	Neblina/ neve	Sereno/ cerração
12	26	Tangerina	Tangerina	Bergamota; Mexerica
13	27	Penca	Palma	Penca
15	29	Umbigo da banana	Mangará	Umbigo
16	30	Mandioca	Macaxeira	Mandioca
19	32	Libélula	Cambito	Não há
20	33	Pernilongo	Carapanã	
34	47	Calcanhar	Não há	Garrão
37	50	Menino	Não há	Guri; Piá
38	51	Menina	Não há	Guria
47	60	Cambalhota	Tiuba	Não há
48	61	Bolinha de gude	Peteca	Bolita; Burca
49	62	Estilingue	Baladeira	Bodoque
50	63	Pipa	Não há	Pandorga
58	70	Geleia	Não há	Chimia
60	72	Canjica	Não há	Munguzá
72	84	Bar	Não há	Bolicho

**Fonte:** Elaborado pela autora com base nos dados do ALTTI

Embora tenha rompido com o padrão de cartas do atlas, o modelo que melhor se adaptou à proposta das cartas-síntese foi o de pizza, já que precisávamos mostrar mais de uma variedade linguística em um mesmo perfil de informantes e a distribuição dessas variedades separadamente dificultaria a visualização, dado o limitado espaço do mapa.

Para este fim, para cada variável linguística selecionada se fez uma apreciação geral das variantes registradas por meio da aplicação do questionário e a identificação das variantes quanto à sua vinculação com a variedade mais sulista ou mais nortista, conforme os quadros 11 e 12 deste capítulo.

Considerando o total de ocorrências para cada variável, seguimos escalas proporcionais a esses números. Assim, elegeram-se 03 (três) intervalos para analisar o grau de uso das variáveis [+ sulistas] ou [+ nortistas], selecionadas em cada grupo, para exemplificar a manutenção dessas variedades trazidas com os migrantes. Essas escalas estão representadas nas cartas síntese da seguinte maneira: a) símbolo totalmente preenchido, b) símbolo com 50% de preenchimento, c) símbolo com 25% de preenchimento.

Quanto ao posicionamento dos símbolos, nas cartas-síntese diatópicas, a cruz foi retirada totalmente, pois a intenção foi mostrar as marcas regionais na localidade, independentemente do perfil do informante. Nas cartas diageracionais foi conservado o traço vertical, que separa os parâmetros faixa etária I e II da dimensão diageracional e nas cartas diassexuais foi preservado o traço horizontal da cruz, que no ALTTI separa os parâmetros homem e mulher da dimensão diassexual.

Para representar as variantes, utilizamos círculos preenchidos com cores diferentes para mostrar a característica regional da variante: vermelho para + sulistas e azul para + nortistas<sup>66</sup>.

#### 3.6.4 O verso das cartas linguísticas

No verso de cada carta linguística há informações sobre a carta subsequente. No verso das cartas fonéticas e das morfossintáticas, constam as

---

<sup>66</sup> Uma amostra dessas cartas e a explicação detalhada de sua metodologia encontram-se no capítulo 4 e no volume II da tese.

perguntas que deram origem à carta, além de notas com informações significativas para a compreensão dos dados mapeados. No verso das cartas lexicais, além da pergunta que a gerou, consta uma tabela com o registro de outras variantes citadas pelos informantes e que foram agrupadas no item *outras* da legenda da carta, um gráfico dessas ocorrências e notas destinadas a explicações e reproduções da fala dos informantes, quando relevantes.

Vale ressaltar que uma carta linguística não é um fim para um atlas linguístico, mas sim, um instrumento de análise para o pesquisador e um meio de clarificar os resultados da pesquisa para os leitores do trabalho. Na análise dos dados, além de lançarmos um olhar crítico sobre as cartas e as respostas ao questionário linguístico adotado para a coleta de dados, com o objetivo de elucidar influências sofridas pela língua em decorrência dos constantes fluxos migratórios que caracterizam a Região estudada, embasamos os critérios de definição, ainda, em estudos realizados sobre as mesmas variáveis, como, artigos científicos publicados e em Atlas Linguísticos brasileiros, como, o EALMG - Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais (RIBEIRO et al., 1977), ALPB - Atlas Linguístico da Paraíba (ARAGÃO; BEZERRA DE MENEZES, 1984), o ALS I - Atlas Linguístico de Sergipe (FERREIRA et al., 1987), o ALPR - Atlas Linguístico do Paraná (AGUILERA, 1994), o ALERS - Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (KOCH; ALTENHOFEN; KLASSMANN, 2002), o ALAM – Atlas Linguístico do Amazonas (CRUZ, 2004), o Atlas Linguístico de Sergipe II (CARDOSO, 2005), o ALMS - Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul (OLIVEIRA (org.), 2007), o ALMESEMT – Atlas Linguístico da Mesorregião Sudeste de Mato Grosso (CUBA, 2009) e o ALTOSP – Atlas linguístico Topodinâmico do Oeste de São Paulo (SANTOS-IKEUCHI, 2014). Esses atlas adotaram metodologia própria segundo seus objetivos. Conseqüentemente, não há nenhuma carta que seja comum a todos eles.

Em síntese, este capítulo discutiu a metodologia que norteou a pesquisa que deu origem à tese. A partir do *corpus* coletado e organizado e das dimensões e parâmetros escolhidos, o estudo apresenta uma primeira descrição das variedades linguísticas na área do território encaracterístico. A seguir, com base nesses pressupostos teórico-metodológicos que fundamentaram o estudo, ressaltamos aspectos do conjunto do falar da área

geográfica estudada, de acordo com os resultados obtidos em uma amostra de cartas.

Não constituiu objetivo desta pesquisa interpretar todos os dados obtidos por meio das cartas fonéticas, lexicais e morfossintáticas. No entanto, mostrou-se pertinente ressaltar alguns aspectos que se destacaram e a sua relação com os objetivos e as hipóteses formuladas. Ressaltamos, pois, no capítulo seguinte, um panorama de alguns traços que caracterizam a fala da área geográfica investigada.

#### 4 MACROTENDÊNCIAS DO PORTUGUÊS FALADO NO “TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO” APONTADAS PELO ALTTI

Sem perder de vista os objetivos deste trabalho, voltamo-nos às indagações de tese: *que variedades do português são faladas nessa Região que recebeu migrantes de vários lugares do País? A quais variedades se assemelham? Qual é a relação de prestígio/estigma existente entre essas variedades linguísticas?*

Considerando, ainda, os objetivos estabelecidos para este estudo, especialmente os voltados para a identificação de marcas de influências interculturais e linguísticas na fala dos habitantes dos municípios estudados, decorrentes do contato entre povos oriundos de diferentes regiões brasileiras que ali se fixaram, neste capítulo agrupamos e analisamos algumas variáveis fonéticas, lexicais e morfossintáticas que evidenciam essas relações.

Sabe-se que um atlas linguístico se torna um rico material para inúmeros trabalhos posteriores. Portanto, cabe ressaltar que neste capítulo não tivemos o propósito de esgotar todos os aspectos envolvidos no contexto pesquisado e que, por sua complexidade, extrapolam o âmbito de uma tese, mas, sim, discutir resultados alcançados a partir de uma amostra selecionada, segundo o critério da representatividade da variedade de origem dos migrantes que povoaram a Região.<sup>67</sup>

##### 4.1 Variáveis fonéticas

Para esta tese, foram elaboradas, a partir das respostas a perguntas do QFF, 15 cartas fonéticas, que versam sobre a realização das vogais médias pretônicas, realização do ditongo /ey/, realização da palatal // em final de palavra, realização de /t, d/ antes da vogal anterior /i/, variação dos róticos, ditongação de sibilante, /S/ em coda silábica em posição interna, assimilação

---

<sup>67</sup> Os dados são analisados com o auxílio da ferramenta Excel e não com o auxílio de pacotes de programas Varbrul (Conjunto de programas computacionais de análise multivariada, especificamente estruturado para acomodar dados de variação sociolinguística usados, geralmente, para maiores quantidades de dados). Para os propósitos desta tese, a análise em percentuais mostrou-se suficiente, uma vez que vem subsidiada pelas cartas linguísticas, que dão a distribuição das variantes no espaço pluridimensional.

em /d/ no grupo /nd/, nas formas de gerúndio, realização da lateral palatal, realização de // >/r/, realização de proparoxítonas, epêntese.

Neste capítulo, são discutidos aspectos mais relevantes observados nessas cartas, sobretudo, os que mostram a dinâmica de ocupação e a influência linguística que marcou os diferentes ciclos migratórios por que passou a área pesquisada. Para tanto, selecionamos cinco cartas, conforme o registrado no quadro 13.

**Quadro 13:** Cartas fonéticas do ALTTI analisadas

Nº da carta	Título	Perguntas no questionário
1	Realização da vogal média anterior em posição pretônica	QFF 1, 3, 12,26,35,41,62
2	Realização da vogal média posterior em posição pretônica	QFF 7, 10, 22, 42, 46, 50, 63
3	Realização do ditongo /ey/	QFF 2, 5, 7, 17, 25, 44
6	/R/ em início de sílaba ou de vocábulo	QFF 1, 18, 24, 26, 40, 42
7	/R/ em coda silábica medial	QFF 7, 10, 12, 22, 41, 62

**Fonte:** Elaborado pela autora

#### 4.1.1 O comportamento das vogais médias pretônicas anteriores e posteriores

Considerando o fator tonicidade e de acordo com sua posição na palavra, Câmara Junior (1985) agrupa as vogais do português brasileiro em três categorias: i) tônica: sete vogais - / a, e, ε, i, o, ɔ, u /; ii) pretônica: cinco vogais - /a, e, i, o, u/; iii) átona final: três - /a, i, u/.

Quanto à realização das pretônicas, vale lembrar que três pronúncias têm sido registradas no português do Brasil: a) pronúncia elevada, na qual as médias /e/ e /o/ são pronunciadas na forma [i] e [u]: dʒiz'viu, tu'matʃi; b) pronúncia média fechada, quando /e/ e /o/ permanecem na forma [e] e [o]: des'viu, to'matʃi; b) pronúncia abaixada, na qual /e/ e /o/ são produzidas na forma média aberta [ɛ] e [ɔ]: tɛ'levizãw, kɔra'sãw.

A variação na abertura do [e] e do [o] pretônicos, como já elucidado na introdução e no Capítulo 2 deste trabalho, é o traço que tem servido para a identificação regional dos falares brasileiros, inclusive, por Antenor Nascentes (1953) quando propôs uma divisão dialetal do Brasil.

A partir da década de 70 do século XX, vários linguistas estudam o comportamento das vogais médias pretônicas e os atlas linguísticos, mesmo

com metodologias e enfoques diferentes, têm sido grandes aliados nessas pesquisas. Destacam-se, aqui, alguns estudos sobre essa variável, realizados a partir de *corpora* geolinguístico.

Cardoso (1986), em artigo intitulado *Tinha Nascentes razão? (Considerações sobre a divisão dialetal do Brasil)*, analisa dados do *Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB)* e do *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais (EALMG)*, a respeito da pertinência da realização aberta ou fechada das vogais pretônicas e considera a divisão de Nascentes (1953) que inclui, no falar baiano, as áreas correspondentes aos estados de Sergipe e Bahia; parte norte e noroeste de Minas Gerais e a faixa leste do estado de Goiás. A autora confirma, nesse estudo, a demarcação da fronteira entre o falar baiano, o mineiro e o fluminense, traçada por Nascentes.

Razky, Lima e Oliveira (2012) analisaram essas variáveis no *corpus* do Atlas Linguístico Sonoro do Pará (ALiSPA). Os resultados revelam preferência pela pronúncia fechada dessas vogais visto que as variantes [o] e [e] foram as que se mostraram mais frequentes no Estado do Pará, seguidas, respectivamente, por [ɔ] (26%) e [u] (23%), para a média posterior; e [ɛ] (35%) e [i] (23%), para a média anterior. Os autores concluíram que os resultados impõem uma revisão da proposta de Nascentes (1953), “uma vez que demonstram que o Pará, possuindo norma de pronúncia fechada das vogais médias pretônicas, não pode ser agrupado aos estados do Nordeste brasileiro, como imaginava Nascentes” (RAZKY; LIMA; OLIVEIRA, 2012, p. 310).

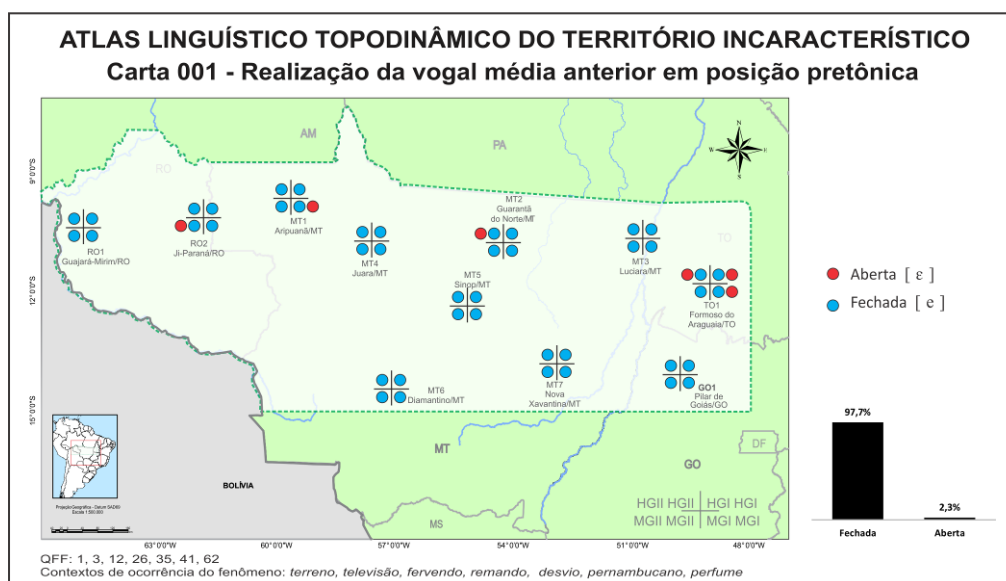
O estudo de Leite e Callou (2004, p. 39), *Como falam os brasileiros*, de cunho sociolinguístico, faz um estudo comparativo em cinco grandes capitais brasileiras, com o objetivo de estabelecer limites entre os falares do norte e do sul. Essas autoras buscam os limites relativos, obtendo, no tocante às pretônicas médias abertas [ɛ] e [ɔ], os seguintes percentuais: “60% em Salvador, 47% em Recife, 5% no Rio de Janeiro, 0% em São Paulo e 0% em Porto Alegre”.

De suma importância é o Atlas Linguístico do Brasil (CARDOSO et al., 2014), no qual as cartas F01 V1 e F01 V2 descrevem essa variável nas capitais

do País. Esse atlas apresenta que 65% das ocorrências são pretônicas fechadas e 35% abertas no cômputo das capitais brasileiras.

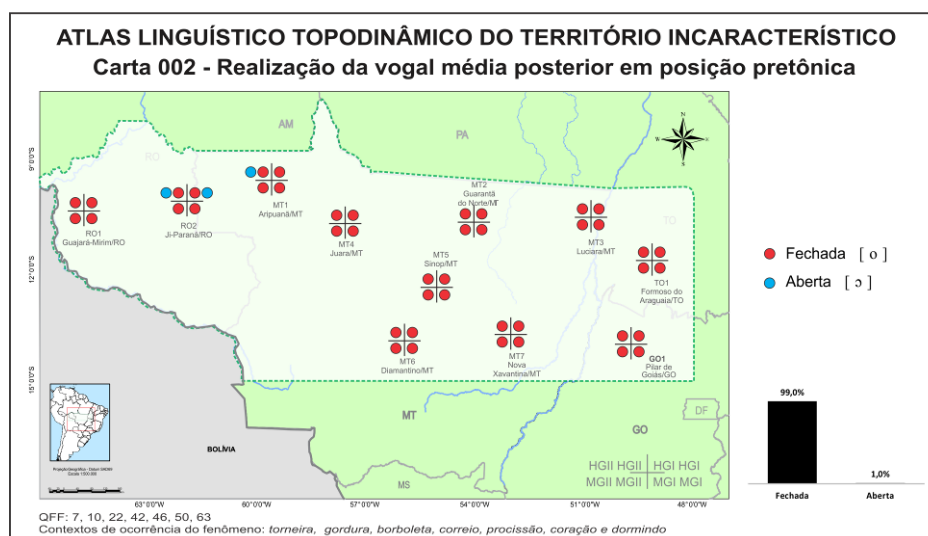
Para este estudo, observamos as cartas 001 – *realização da vogal média anterior em posição pretônica* (figura 30) e 002 – *realização da vogal média posterior em posição pretônica* (figura 31).

**Figura 30:** Carta linguística 001 do ALTTI – Realização da vogal média anterior em posição pretônica



© Cuba (2015)

**Figura 31:** Carta linguística 002 do ALTTI – Realização da vogal média posterior em posição pretônica



© Cuba (2015)

Devido à natureza da proposta (pretônicas abertas e fechadas), as duas cartas foram analisadas em conjunto, conforme explicita a tabela 1 que correlaciona a carta fonética, o contexto, a natureza da vogal e os percentuais de ocorrências.

**Tabela 1** – Realizações das vogais médias pretônicas anteriores e posteriores no ALTTI

Carta 01 - Vogal média pretônica anterior					Carta 02 - Vogal média pretônica posterior				
Contexto	Realizações				Contexto	Realizações			
	[e]	[ɛ]	[i]	N R		[o]	[ɔ]	[u]	NR
t(e)rreno	13	4	0	9	t(o)rreira	45	0	2	0
t(e)l(e)visão	40	2	0	2	g(o)rdura	17	0	28	2
f(e)rrendo	46	0	0	1	borb(o)leta	37	0	13	2
r(e)mando	43	1	0	1	c(o)rreio	45	0	0	0
d(e)svio	12	0	36	2	pr(o)cissão	36	0	5	4
p(e)rnamucano	45	0	0	1	c(o)ração	41	3	0	0
p(e)rfume	44	0	0	0	d(o)rmindo	16	0	27	0
<b>Total</b>	<b>243</b>	<b>7</b>	<b>36</b>	<b>16</b>		<b>237</b>	<b>3</b>	<b>75</b>	<b>8</b>

Fonte: Elaborado pela autora, com base no *corpus* do ALTTI

Observa-se que, nos contextos apresentados, predominam as vogais médias pretônicas fechadas, sendo, dentre as pretônicas anteriores, o percentual de fechamento de 94,2% e dentre as posteriores, de 99,1%, considerando os alteamentos. Embora haja poucas ocorrências de vogais pretônicas abertas no cômputo geral da amostra examinada, nota-se que há uma tendência de abertura maior nas pretônicas anteriores (*terreno, televisão e remando*).

Dentre os fatores linguísticos que concorreram para a variação das vogais pretônicas<sup>68</sup>, abordamos as seguintes variáveis: i) distância da tônica; ii) vogal tônica; iv) harmonização vocálica (processo no qual as vogais médias em posição pretônica assimilam a altura da vogal imediatamente seguinte). Foram consideradas variáveis extralinguísticas as dimensões diatópica, diageracional e diassexual.

<sup>68</sup> São vários os fatores que podem interferir na atuação das vogais médias pretônicas. Entretanto, não é nosso objetivo o aprofundamento nos aspectos estruturais do fenômeno.

Com relação à distância da tônica, atribuímos distância 1 para a vizinha da tônica e 2 para a mais distante. Os resultados expostos na tabela 2 apontam para uma maior ocorrência de abaixamento quando em distância 1, tanto para as anteriores quanto para as posteriores.

**Tabela 2:** Vogais pretônicas e a distância da sílaba tônica registrada no ALTTI

Distância com pretônica anterior			Distância com pretônica posterior				
Variável	[e]	[ε]	[i]	Variável	[o]	[ɔ]	[u]
Distância 1	172	5	131	Distância 1	266	4	106
Distância 2	85	2	0	Distância 2	77	0	4
Total	257	7	131	Total	343	4	110

**Fonte:** Elaborado pela autora com base no *corpus* do ALTTI

Visto que a vogal tônica exerce papel crucial na regra de alçamento da pretônica, observamos o comportamento da variável em questão, classificando-as em alta (*desvio*) e média (*torneira*). Os dados apontam para maior utilização da regra de manutenção da pretônica anterior mediante a presença de vogal tônica média, enquanto o abaixamento da posterior é mais produtivo na vogal próxima à tônica alta, embora só haja 04 casos, conforme mostra a tabela 3.

**Tabela 3:** Realizações das vogais pretônicas diante da sílaba tônica no ALTTI

Vogal média pretônica anterior				Vogal média pretônica anterior			
Variável	[e]	[ε]	[i]	Variável	[o]	[ɔ]	[u]
Seguida de vogal tônica alta	73	1	36	Seguida de vogal tônica alta	216	4	95
Seguida de vogal tônica média	184	4	95	Seguida de vogal tônica média	127	0	15
Total	257	1	131	Total	343	4	110

**Fonte:** Elaborado pela autora com base no *corpus* do ALTTI

Quanto à harmonização, o fenômeno ocorre em *desvio* e *gordura*. Conclui-se, pois, que dentre, os fatores linguísticos, a distância entre a pretônica e a tônica foram os fatores que mais contribuíram para a abertura das vogais na amostra aqui estudada.

No que se refere aos fatores extralinguísticos que afetam as pretônicas e considerando os fluxos migratórios da área estudada, é imperioso a análise dessas ocorrências, registradas no quadro 14, à luz de fatores extralinguísticos.

**Quadro 14:** Dimensão diatópica das vogais pretônicas abertas no ALTTI

Pto.	Localidade	Contexto	Perfil do informante	Nat. do inf.	Nat. dos pais	Nat. do cônjuge
MT1	Aripuanã/MT	xɛ'mãdu	MGI	MT	CE	-
		kɔra'sãw	HGI	MG	MG / PB	-
MT2	Guarantã do Norte/MT	te'levizãw	HGII	PR	PR	MA
RO2	Ji-Paraná/RO	te'xẽnu	MGII	PE	PE	MG
		kɔra'sãw	HGI	RO	PR / MG	-
		kɔra'sãw	HGII	SP	PR / MG	-
TO1	Formoso do Araguaia/TO	te'xẽnu	HGI	TO	MA	-
		te'xẽnu	MGI	TO	GO	MA
		te'xẽnu	HGII	MA	MA	MG
		te'levizãw	MGI	TO	GO	MA

**Fonte:** Elaborado pela autora com base no *corpus* do ALTTI

Diatopicamente, os dados sinalizam que as ocorrências da pretônica aberta ocorrem em duas localidades distantes umas das outras e com características bem particularizadas. Guarantã do Norte/MT (MT02) e Ji-Paraná/RO (RO02) são localidades construídas às margens das rodovias BR 163 e 364, cuja história de colonização é paranaense e multivarietal respectivamente. Já Aripuanã/MT (MT01) e Formoso do Araguaia/TO (TO01) são localidades afastadas de grandes centros urbanos e de rodovias; enquanto a primeira teve o apogeu na extração de madeira, colonizada por nortistas e nordestinos, a segunda foi palco de projetos de colonização, sobressaindo o povoamento por maranhenses e goianos. Dessa forma, se consideramos a divisão dialetal de Nascentes, para essa variável, justifica-se o uso de pretônica aberta nessas localidades, mas não naquelas. Entretanto, se voltarmos o olhar para os informantes, mesmo os jovens, vemos que esses têm descendência no Nordeste, berço da variante pretônica aberta.

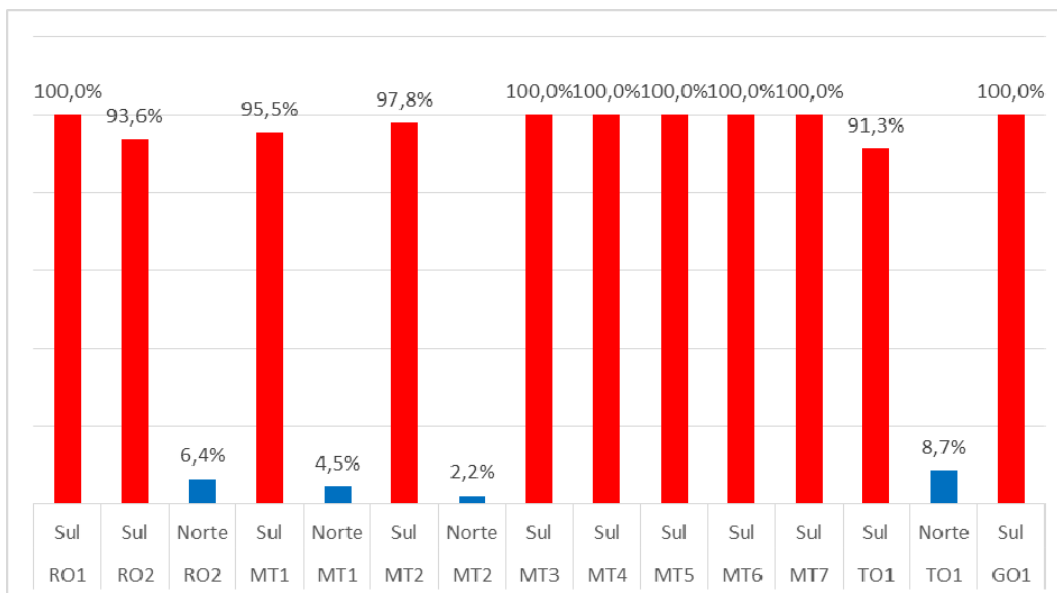
A correlação entre a dimensão diassexual e a variação linguística, muitas vezes, reflete a forma de organização social da comunidade de fala. Dentre outros motivos, o uso de formas mais próximas da língua padrão utilizadas pelas mulheres também pode ser atribuído a uma estratégia de aceitação na sociedade, visto que sua posição está menos assegurada que a dos homens. Neste estudo observamos que homens e mulheres realizam a norma de modos semelhantes.

A dimensão diageracional também não foi relevante na amostra, pelos baixos percentuais de abertura das vogais.

Sintetizando a análise dessa variável, os dados observados na pesquisa demonstram que, nas comunidades linguísticas estudadas, predomina o fechamento das vogais médias em contexto pretônico. Já em relação à abertura, os casos são raros, ocorrendo somente em quatro localidades da rede pontos, em contextos de *terreno*, *televisão*, *remando* e *coração*. Dessa forma, quanto à existência de vogais pretônicas, o território incaracterístico, na divisão de Nascentes (1953), se assemelha aos falares do sul.

Conforme mostra o gráfico 1, as variantes consideradas dos *falares do sul*, como dividiu Nascentes (1953), são a maioria esmagadora no território incaracterístico. Com exceção das poucas ocorrências em Aripuanã (MT01), Formoso do Araguaia (TO01), Guarantã do Norte (MT02) e Ji-Paraná RO02), pontos mais periféricos, as outras localidades registraram 100% de ocorrências para as pretônicas fechadas.

**Gráfico 1:** Síntese diatópica das vogais médias pretônicas anteriores e posteriores no ALTTI



**Fonte:** Elaborado pela autora com base no ALTTI

#### 4.1.2 A realização do ditongo /ey/

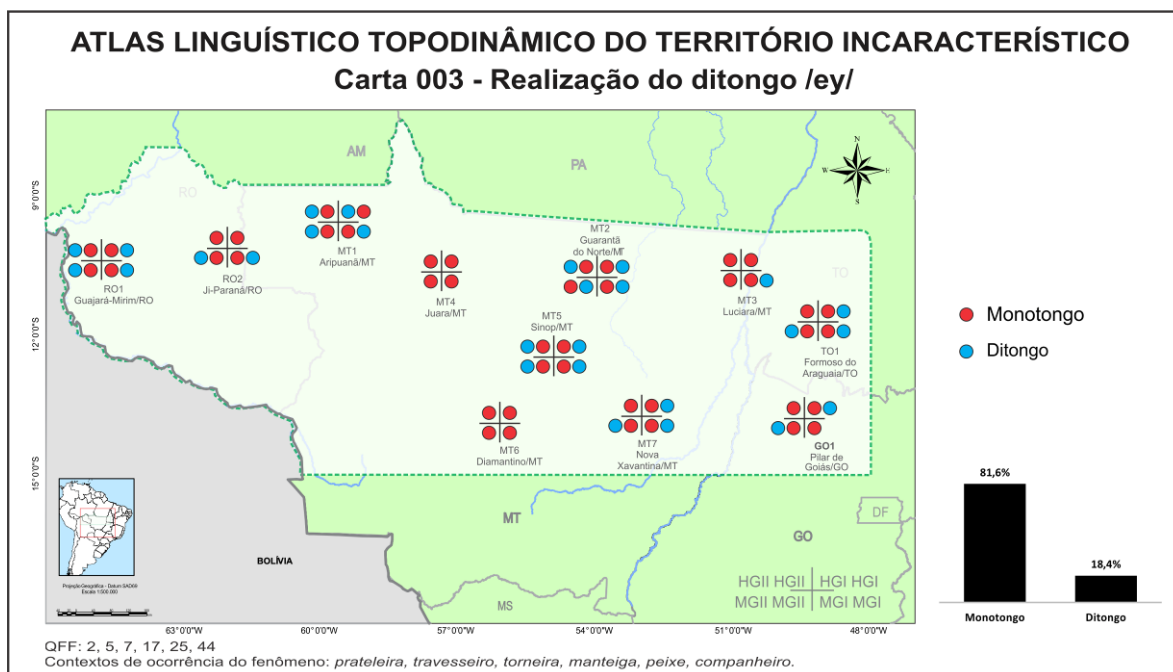
Os estudos sobre a monotongação decorrem, geralmente, de alguns pressupostos do ditongo, já que a monotongação só ocorre a partir do ditongo, definido como uma sequência de sons vocálicos em que um dos segmentos é interpretado como vogal, por ter pronúncia mais intensa, e o outro, por ter uma pronúncia mais branda, apenas como semivogal. A língua portuguesa possui 36 ditongos (15 decrescentes - orais e nasais – e 21 crescentes). O monotongo, por seu turno, é, geralmente, definido como um som vocálico único, uma vogal pura, sem qualquer alteração. A monotongação é vista por Câmara Junior (1979) como uma

Mudança fonética que consiste na passagem de um ditongo a uma vogal simples. Para pôr em relevo o fenômeno da monotongação chama-se, muitas vezes, monotongo, à vogal simples resultante, principalmente quando a grafia continua a indicar o ditongo e ele ainda se realiza numa linguagem mais cuidadosa. Entre nós há, nesse sentido, o monotongo ou /ô/, em qualquer caso, e ai /a/, ei /ê/ diante de uma consoante chiante (p)ouca, (p)oca, (c)aixa, como (c)axa, (d)eixa), como (d)exa (CÂMARA JUNIOR, 1979, p. 170).

Para Silva (2002), a monotongação é um fenômeno fonológico que ocorre com os ditongos decrescentes, como, em *feira>fera*, *baixa>baxa*, *louco>loco* etc., e tem sido constatado em diferentes pontos do Brasil, como São Paulo, Nordeste, Rio de Janeiro, Paraná, Paraíba, Rio Grande do Sul e Sudeste de Mato Grosso, respectivamente, por Amaral (1920), Marroquim (1934), Nascentes (1953), Aguilera (1994), Aragão (2003), Margotti (2004), Cuba (2009).

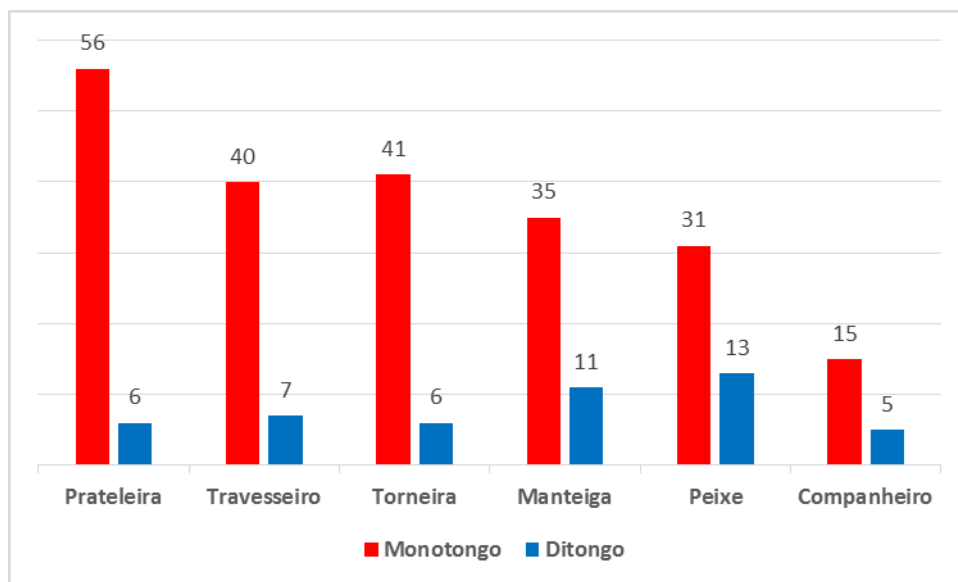
Analizamos a realização do ditongo [ey,] que se monotonga, apresentado na carta fonética 003 (figura 32), elaborada a partir das respostas às perguntas 2, 5, 7, 17, 25 e 44 do QFF, correlacionando-os com os contextos linguísticos em que foram produzidos, discutindo implicações linguísticas e extralinguísticas desses usos. Foram computados 266 dados, dos quais 81,6% se monotongam e 18,4% mantêm o ditongo.

Figura 32: Carta linguística 003 do ALTTI – Realização do ditongo /ey/



O gráfico 2 mostra a realização desses ditongos nos contextos que deram origem à carta 003 do ALTTI.

Gráfico 2: Contextos de realização do ditongo /ey/ registrada no ALTTI



Fonte: Elaborado pela autora com base no ALTTI

É consenso entre Bisol (1989), Paiva (1996) e Aragão (2014) que fatores como extensão, contexto anterior e posterior e a tonicidade estão

relacionados com a ocorrência e a ausência da monotongação. Neste estudo, consideramos os mesmos fatores.

Quanto maior o número de sílabas, maiores são as chances de monotongação, como se observa, no gráfico 2, em *peixe*. Segundo Paiva (apud RASKY; FARIAS, 2012, p. 103), isso ocorre, provavelmente, porque “palavras monossílabas estariam menos sujeitas a apagamentos”.

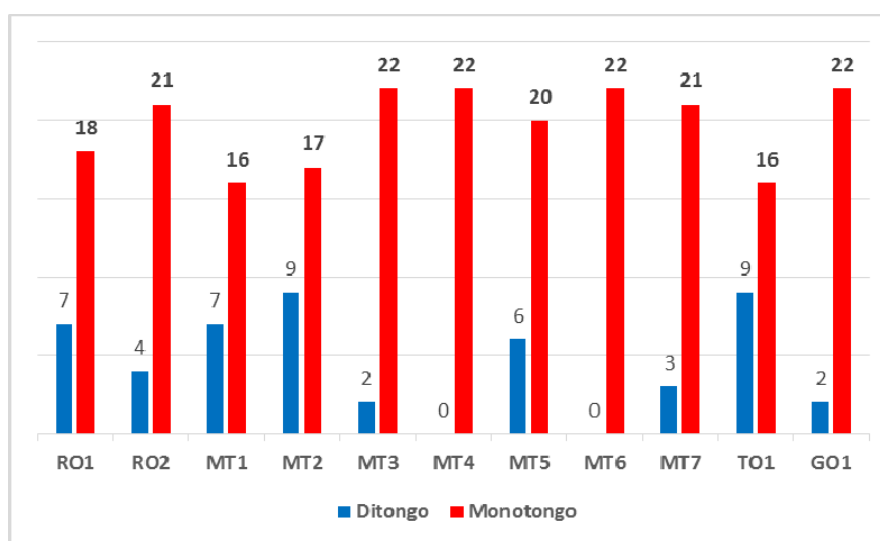
Com relação ao contexto linguístico subsequente, o *corpus* aponta que, por um lado, a monotongação se realiza potencialmente diante de tepe (*prateleira, travesseiro, torneira, companheiro*) e de oclusiva velar sonora (*manteiga*); por outro, a ditongação é mais realizada diante das fricativas palatais sonoras (*peixe*). No que tange à tonicidade e à classe da palavra, todos os contextos são tônicos e substantivos, fatores que inviabilizaram esse tipo de análise para essas variáveis linguísticas.

Rasky e Farias (2012) e Aragão (2012 e 2014) chegaram a um resultado semelhante em estudo acerca das variáveis linguísticas independentes da fala do Pará e do Nordeste brasileiro, respectivamente.

Conforme os resultados apurados, observamos que os fatores sociais são pouco relevantes para o apagamento ou a manutenção dos ditongos. Todavia, tecemos, a seguir, algumas considerações acerca de cada grupo de fatores extralinguísticos determinados nas dimensões da pesquisa.

O gráfico 3 mostra a distribuição diatópica da monotongação no universo da pesquisa.

**Gráfico 3:** Variação diatópica da realização do ditongo /ey/ no ALTTI



**Fonte:** Elaborado pela autora com base no ALTTI

Os dados indicam haver uma tendência à monotongação em quase todos os pontos. A manutenção do ditongo, por sua vez, é mais recorrente nos pontos MT2 e TO1. Há um estranhamento quando se observa localidades como Formoso do Araguaia, geograficamente afastadas, manterem o ditongo.

Segundo Radtke e Thun (1996, p.32), a variação diageracional expressa “o tempo visível, porque reproduz a convivência das gerações”. Além disso, a dimensão diageracional pode sinalizar, pela comparação atual entre a faixa etária I - GI e a faixa etária II - GII, mudanças em curso. Todavia, neste estudo, a variável idade não apresentou uma diferença significativa no fenômeno da monotongação. Conclui-se, pois, que no território incharacterístico não há uma mudança em progresso para a monotongação.

De modo similar à dimensão diageracional, a diassexual também não foi significativa para a manutenção ou apagamento do ditongo no *corpus* analisado, como se observa na carta 003.

Esperava-se uma relativa diferença entre a fala dos homens e das mulheres, dada a história social das localidades, isto é, são municípios pequenos, cuja economia, essencialmente agrícola, propicia o trabalho masculino, levando o homem a ter mais contato com pessoas mais escolarizadas e forçando-o, muitas vezes, a utilizar a forma culta da língua, em decorrência das relações de trabalho. Em contrapartida, às mulheres cabem as profissões que exercidas em casa, como costureiras, domésticas, dentre outras, já que o espaço investigado não é uma área de industrialização e comércio.

Outros estudos registram que as dimensões diatópica, diassexual e diageracional não são interferentes para a monotongação. Altino (2007), por exemplo, registra o fenômeno no ALPR II, por meio da carta 159 – *moleira*, cujos dados demonstram a ocorrência da monotongação em todo o estado do Paraná. O ALERS ilustra, nas cartas 24 – *queijo* e 25 – *queixo*, que quanto mais ao sul da Região Sul, mais acontece a monotongação. Aragão (2012) descarta a possibilidade de a monotongação ser uma variação regional nordestina. A autora afirma que “o fenômeno da monotongação no falar das capitais do Nordeste não é diatópico, é parcialmente diastrático e completamente linguístico: fonético por excelência” (ARAGÃO, 2012, p. 88).

Para esta tese, as análises mostram que a monotongação não é categórica na área estudada. Não foi confirmada a responsabilidade das variáveis sociais para esse fenômeno. Tudo indica que, aliada a fatores linguísticos, a diastratia, dimensão não considerada neste estudo, seja a marca mais representativa para a ocorrência do fenômeno na área estudada.

#### 4.1.3 O comportamento dos róticos no universo da pesquisa

De maneira geral, o /r/ é produzido em diversos contextos, como em início de palavra (*rosa*), início de sílaba interna (*correio*), em coda silábica interna (*porta*) ou coda silábica externa (*correr*). Esse fenômeno apresenta, na língua portuguesa, os seguintes alofones: vibrante múltipla [r]<sub>L</sub> tepe [r]; fricativa velar surda [x]; fricativa velar sonora [χ]; fricativa glotal surda [h]; fricativa glotal sonora [ɦ]; retroflexa [ɽ].

Câmara Júnior (1985, p.160), em uma visão estruturalista, argumenta que em português a realização do /r/ está condicionada a fatores linguísticos, como a posição em que ocupa na sílaba. O autor descreve que essa é uma consoante líquida vibrante que “se caracteriza pela vibração da língua junto à arcada dentária superior ou um ponto do céu da boca, inclusive a úvula, o que determina uma ampla possibilidade de diversificação fonética”.

Somam-se a Câmara Jr., outros pesquisadores que têm se debruçado sobre o tema, como Amaral (1981 [1920]), que faz um recorte do /r/ caipira (retroflexo) e Nascentes (1953), que estuda o /r/ em final de palavras, além de projetos como o VARSUL, o NURC e o ALiB, bem como teses e dissertações.

Monaretto (2002, p. 254), por exemplo, baseada em dados do Sul do País, afiança que o uso da vibrante está relacionado à posição que o /r/ ocupa na sílaba, isto é, se é pré-vocálico, em início de palavra (*rosa*) e em início de sílaba precedido por consoante (*honra*), a forma preferida é o /r/ forte (fricativa velar ou vibrante alveolar) ou o tepe; em coda silábica (*a-cor-dar*) e em encontros consonantais tautossilábicos (*braço*), predomina o /r/ fraco (tepe).

Nesse particular, Margotti (2004, 154) considera, ainda, o /r/ aproximante, pronúncia intermediária entre o forte e o fraco, realizada no português de contato com o italiano na Região Sul do Brasil. O autor postula

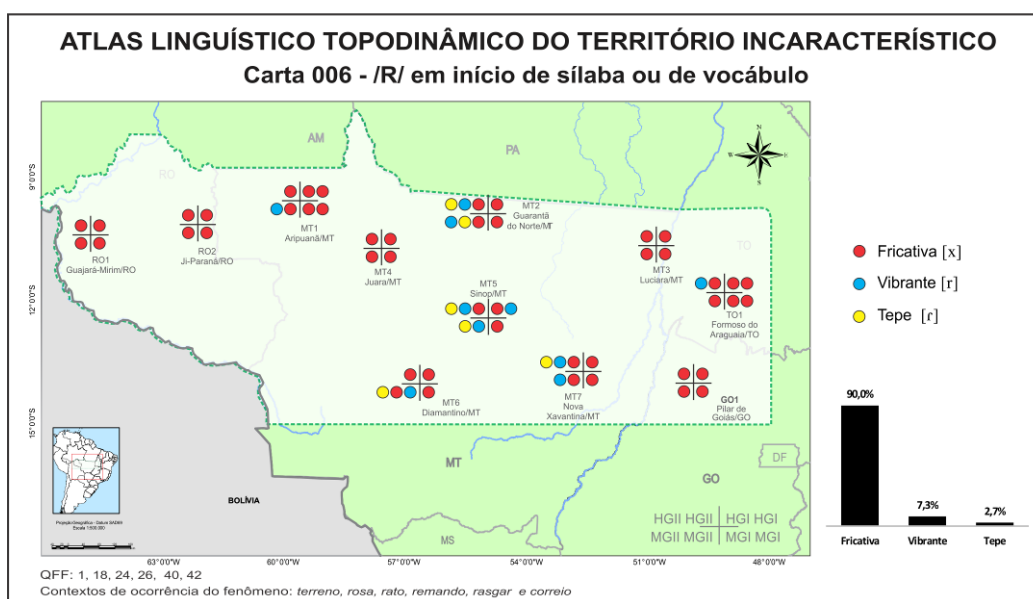
que esse /r/ ocupa uma posição intermediária entre a pronúncia da fricativa ou vibrante e o tepe. Esta tese, por sua vez, embora tenha como palco uma área de grande migração sulista, não registrou essa posição aproximante.

Considerando o exposto, para esta análise foram analisados os /r/ fortes e fracos produzidos em duas posições: em início de vocábulo ou de sílaba e em coda silábica interna, posto que estudos abalizam que a coda externa (*correr, cantar* etc.) constitui mais uma marca diastrática e diafásica do que diatópica. Monaretto (2002, p. 258), por exemplo, aponta que a supressão desse segmento no final das palavras foi registrada já a partir do século XIX, em variedades do português brasileiro, principalmente, em verbos no infinitivo e ainda hoje se mantém.

#### 4.1.3.1 O uso dos róticos em início de sílaba ou de vocábulo

Os róticos em início de sílaba ou de palavras estão representados na carta 006 (figura 33), elaborada a partir das respostas às perguntas 1, 18, 24, 26, 40 e 42 do QFF. No conjunto dos contextos considerados (*terreno, rosa, rato, remando, rasgar e correio*), foram identificados 261 róticos em início de palavra ou de sílaba, dentre os quais, registraram-se 90% de fricativas, 7,3% de vibrantes e 2,7% de tepes.

**Figura 33:** Carta linguística 006 do ALTTI - /R/ em início de sílaba ou vocábulo

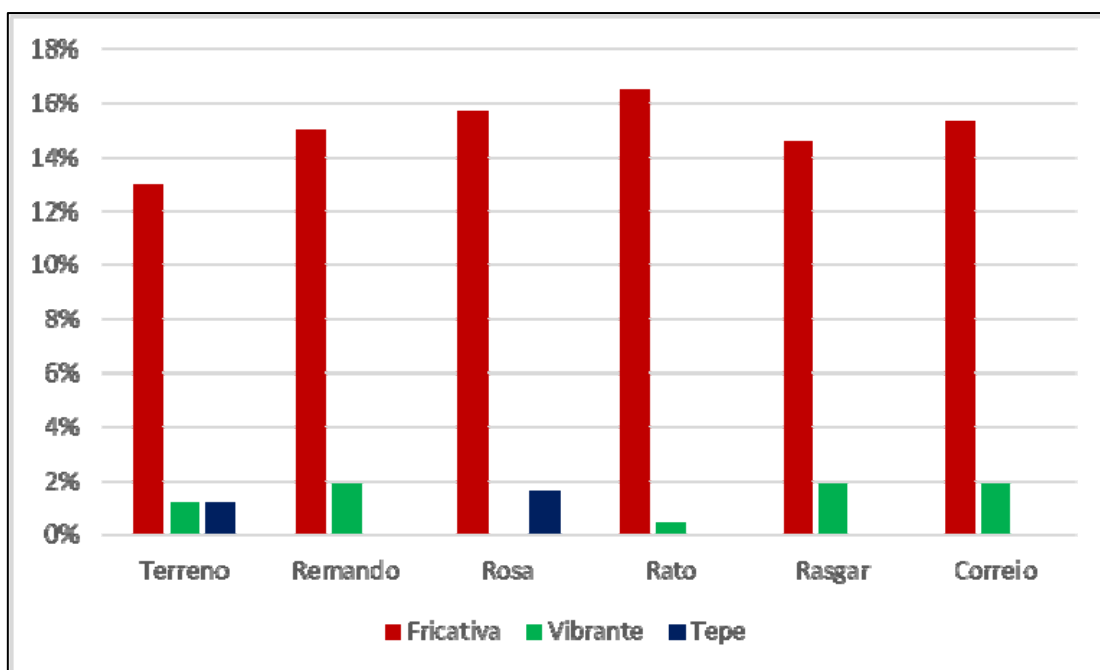


O rótico em início de sílaba e não precedido de vogal pode se realizar como fricativa, vibrante e tepe, condicionados por fatores linguísticos e extralinguísticos. Brescancini e Monaretto (2008, p.51) postulam que a vibrante na fala do Sul do País está condicionada pela posição na sílaba e pela localidade. Segundo as autoras, na posição de ataque, observa-se a presença de variantes com articulação na zona anterior da boca, na forma de vibrantes, fricativas e tepes, caracterizando a fala dessa Região.

Com relação aos fatores linguísticos, os dados deste estudo apontam para algumas especificidades: i) o contexto fonológico (extensão da palavra, tonicidade e contexto seguinte) não é relevante para a realização das fricativas, embora haja, em *rato*, um pequeno aumento no percentual; ii) o tepe foi realizado somente nos contextos de *terreno* e *rosa*.

O gráfico 4 permite a visualização da distribuição das variantes por contexto.

**Gráfico 4:** Distribuição dos róticos em início de sílaba ou início de palavra por contexto na carta 006 do ALTTI



Fonte: Elaborado pela autora com base no corpus do ALTTI

As variáveis extralinguísticas costumam ser mais significativas para a ocorrência de uma ou outra variante. Vejamos as dimensões em que podem ser observadas as variantes.

A realização dos róticos em início de palavra ou de sílaba está relacionada com a condição geográfica e sociocultural dos falantes: a fricativa pode ser encontrada na maioria dos Estados brasileiros, a vibrante na fala do gaúcho e o tepe na fala de descendentes de alemães e italianos do extremo Sul do País (BUSSE, 2010, 179). Margotti (2004, p.9), por seu turno, argumenta que no Sul do Brasil há um processo de substituição da vibrante por uma fricativa velar, indicando uma tendência ao desaparecimento da vibrante, na fala da nova geração desses imigrantes. Vejamos, pois, o comportamento extralinguístico das variantes vibrante e tepe, menos ocorrentes, porém, mais instigantes para o estudo em tela.

Devido ao processo de povoamento da Região<sup>69</sup>, os dados não revelaram surpresas. A presença da vibrante, por exemplo, no norte mato-grossense era esperada, sobretudo, em Guarantã do Norte, em Sinop e em Nova Xavantina, cidades povoadas por gaúchos, no fluxo migratório de 60 a 80 do século XX, conforme o que mostra a carta 006.

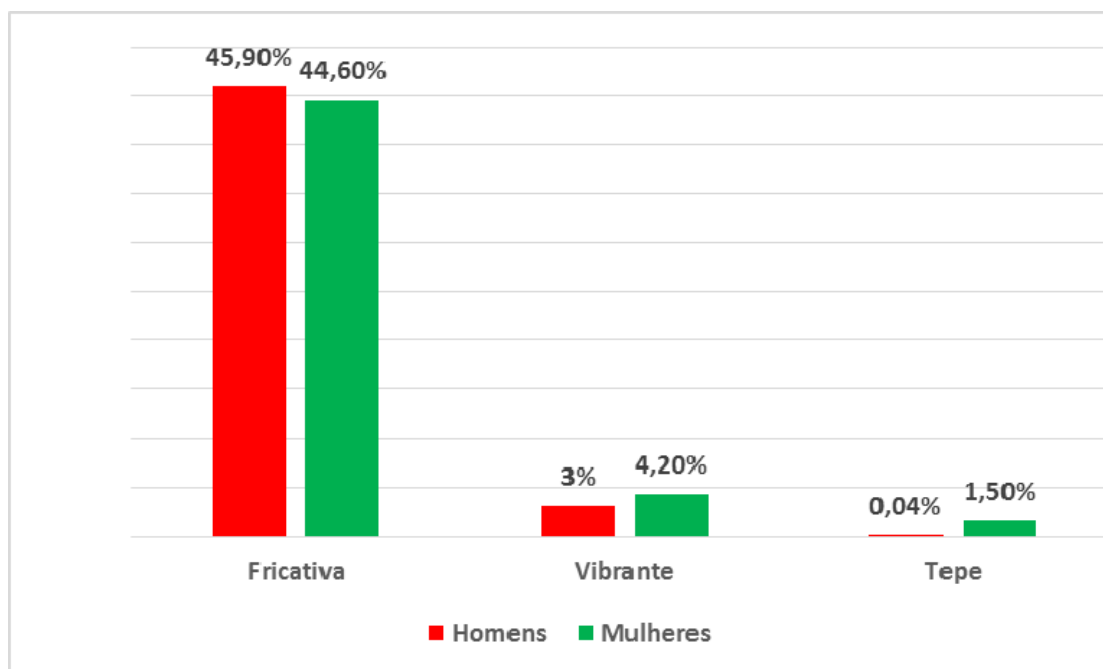
O ALERS<sup>70</sup> já apontou essa variante como a mais produtiva no Rio Grande do Sul. Monaretto (2002) e Margotti (2004) corroboraram essa constatação. O ALPR II mostra, na carta 321 - *raiz*, que no sul do Estado há uma forte tendência à vibrante e, no norte, à fricativa.

Quanto à dimensão diasssexual, no *corpus* aqui analisado, não houve diferença significativa entre a fala dos homens e das mulheres, com relação ao uso da fricativa. No entanto, percebe-se que as mulheres realizam mais a vibrante e o tepe do que os homens. O gráfico 5 permite essa visualização.

---

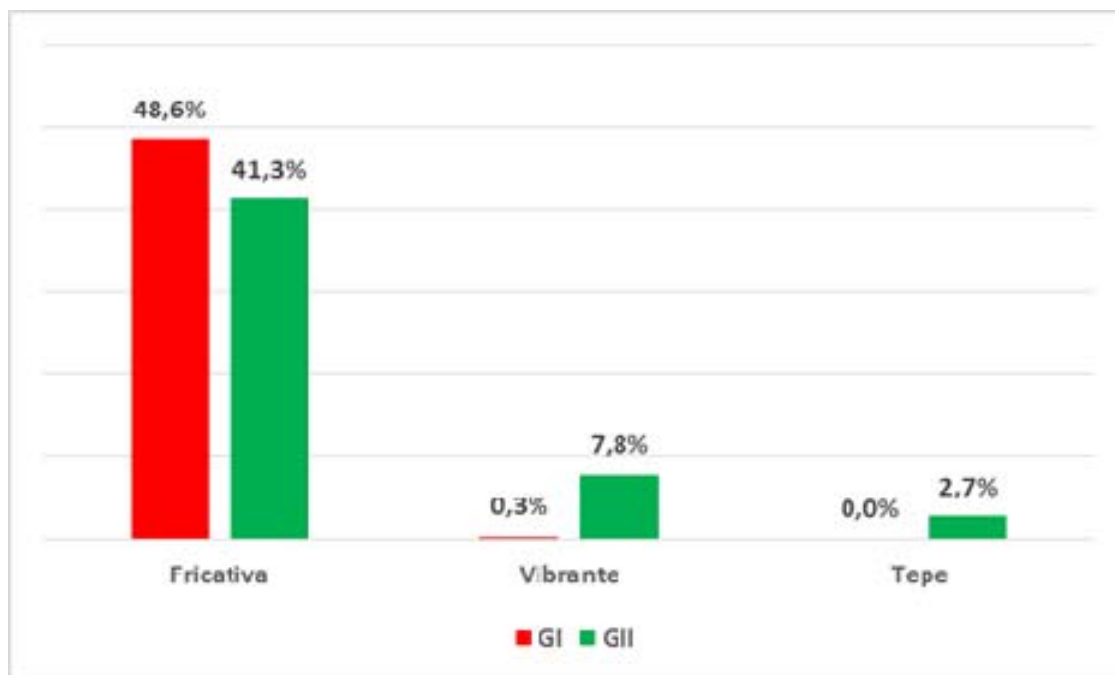
<sup>69</sup> Conforme quadros 4 e 10, no capítulo da metodologia.

<sup>70</sup> As cartas 44-53 tratam das realizações do /r/.

**Gráfico 5:** Distribuição diasssexual dos róticos em início de palavra ou início de sílaba no ALTTI

**Fonte:** Elaborado pela autora com base no *corpus* do ALTTI

Vale ressaltar que as mulheres que realizaram a vibrante e o tepe são da segunda faixa etária. Isso posto, é necessário relacionar essa dimensão com a diageracional que mostra que a realização da fricativa, na mesma proporção na fala dos jovens e da segunda faixa etária. Já a vibrante e o tepe ocorrem, preponderantemente, na fala dos informantes GI, apontando para uma tendência de mudança em curso, sobretudo em MT5 (Sinop), já que nenhum jovem realizou o tepe e apenas um jovem, de Sinop, a vibrante. A faixa etária parece, pois, ser determinante no emprego dessas variantes. Conforme ilustra o gráfico 6, os mais jovens utilizam a fricativa.

**Gráfico 6:** Distribuição diageracional dos róticos em início de sílaba ou de vocábulo no ALTTI

**Fonte:** Elaborado pela autora com base no ALTTI

Vale ressaltar que os informantes da geração II, de ambos os sexos, de Guarantã do Norte, de Nova Xavantina e de Sinop, além das mulheres GII de Diamantino vieram do Rio Grande do Sul, em cujo atlas linguístico – o ALERS – documenta-se predominância do tepe e da vibrante.

#### 4.1.3.2 O uso dos róticos em coda silábica interna

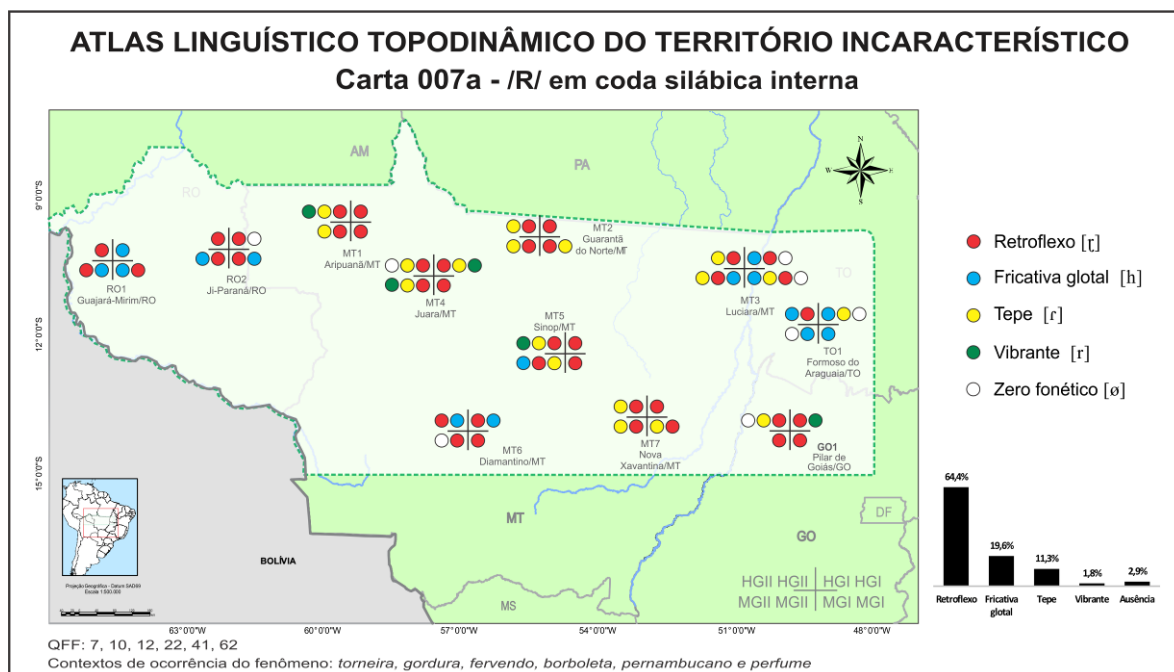
O estudo sobre a produção dos róticos em posição intervocálica não é recente. Em 1920, Amadeu Amaral, em *O dialeto Caipira*, ao se reportar à realização do /r/ caipira, afirmou que “o /r/ inter e pós vocálico (*arara, carta*) possui um valor peculiar: é linguopalatal e guturalizado (AMARAL, 1981 [1920], p. 47).

A partir de *O Dialeto Caipira*, muitos pesquisadores vêm se debruçando sobre esse fenômeno. Destacam-se, aqui, os Atlas linguísticos regionais, produzidos cada qual com metodologia própria, e o Atlas Linguístico do Brasil ALiB (2014).

Nesta análise, discutimos aspectos linguísticos e extralinguísticos envolvidos na realização dos róticos em coda silábica medial na área estudada,

representados na carta fonética 007 (figura 34), cujos dados (275 variantes) foram extraídos das respostas obtidas para as perguntas 07, 10, 12, 22, 41 e 62 do QFF.

**Figura 34:** Carta linguística 007 do ALTTI - /R/ em coda silábica interna



A carta 007 mostra que o largo uso de retroflexo (inclusive na fala de gaúchos - MT2, MT4 e MT5), concorre com o tepe nos pontos sulistas de MT, apesar do comportamento desviante de MT6.

Quanto aos aspectos linguísticos da variável, priorizamos o apagamento, a tonicidade da sílaba, a vogal precedente e a subsequente. Os dados da tabela 4 fornecem o panorama contextual dos róticos em coda silábica no território estudado, permitindo analisar aspectos linguísticos.

**Tabela 4:** Contextos de ocorrência das variantes para róticos em coda interna no ALTTI (%)

Contexto	Fricativa	Retroflexo	Tepe	Vibrante	Apagamento
Torneira	4,4	10,9	1,1	0,7	0,0
Gordura	4,0	10,2	2,2	0,7	0,0
Borboleta	1,5	12,4	1,8	0,0	2,5
Pernambucano	3,3	9,8	2,9	0,0	0,0
Perfume	3,0	10,2	2,5	0,0	0,4
Fervendo	3,4	10,9	0,7	0,0	0,0
Total	19,6	64,4	11,3	1,5	2,9

Fonte: Elaborada pela autora com base no ALTTI

Verifica-se, primeiramente, o apagamento nos contextos *borboleta* e *perfume*, ocasionado, provavelmente, pela consoante subsequente obstruinte (oclusiva bilabial – *borboleta* e fricativa – *perfume*). A esse respeito, Aguilera e Kailer (2012, 176) salientam que o apagamento em coda silábica interna sofre mais influência linguística do que social. Já Hora e Monaretto (2003, p. 121), em estudo realizado com o falar de João Pessoa/PB, constataram que, diante de uma fricativa, a tendência é o apagamento. Os autores argumentam que “o efeito da fricativa é um aspecto do problema com paralelos na história do português onde *corsariu* > *cossário*, *ursu* > *osso* etc.”

Com exceção de *borboleta* e *pernambucano*, nos outros contextos o rótico é vizinho da sílaba tônica. As vogais precedentes são média-baixas, podendo o /o/ se realizar como média-alta. As subsequentes são oclusivas (*borboleta* e *gordura*), fricativas (*ferendo* e *perfume*) e nasais (*torneira* e *pernambucano*). Neste estudo, a vogal antecedente foi o aspecto que mais influenciou linguisticamente o apagamento, entretanto, os fatores sociais foram determinantes para a avaliação das ocorrências.

A tabela 5 permite a visualização das ocorrências das variantes para o rótico em coda medial, distribuídas nas localidades pesquisadas:

**Tabela 5:** Distribuição diatópica dos róticos em coda interna no ALTTI

Ponto	Localidade	Retroflexo	Fricativa	Tepe	Vibrante	Apagamento
RO1	Guajará-Mirim/RO	9	14	0	0	0
RO2	Ji-Paraná/RO	23	3	0	0	1
MT1	Aripuanã/MT	20	0	2	1	0
MT2	Guarantã do Norte/MT	22	0	3	0	0
MT3	Luciara/MT	8	11	5	0	2
MT4	Juara/MT	19	0	4	2	1
MT5	Sinop/MT	18	1	5	1	0
MT6	Diamantino/MT	18	5	0	0	1
MT7	Nova Xavantina/MT	15	0	9	0	0
TO1	Formoso do Araguaia/TO	4	20	2	0	2
GO1	Pilar de Goiás/GO	21	0	1	1	1
Total geral		177	54	31	5	8

**Fonte:** Elaborada pela autora com base no ALTTI

Nota-se que o /r/ retroflexo foi a variante mais documentada, exceto nos pontos RO1, MT3 e TO1 onde as fricativas tiveram maior ocorrência. O tepe foi registrado em quase todas as localidades, exceto em RO1, RO2 e MT6, e a vibrante como ocorrência única em MT1, MT5 e GO1.

Brandão (2007), com base em resultados de várias teses, Dissertações e Atlas, discute a grande ocorrência do /r/ retroflexo em vários Estados brasileiros. A autora conclui que o retroflexo se expande nos demais Estados brasileiros, além de São Paulo, Paraná, Minas Gerais, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso e Goiás. Ribeiro (2011), em seu estudo sobre o /r/ em contexto posvocálico medial em atlas publicados no Brasil, documentou, como primeira variante apurada, o retroflexo no ALS II, ALPR e no ALERS; a fricativa no ALS I e II, no ALFB e no ALiPA, a vibrante no EALMG e no ALiPA; o tepe no ALERS e no ALiPA e a fricativa glotal no ALAM. Já Aguilera e Kailer (2012) verificaram que as fricativas e as retroflexas estão predominando. De nossa parte acrescentamos que no ALMS e no ALMESEMT também o retroflexo ocupa a primeira posição. Porém, o *ATLAS Linguístico do Brasil* (2014) apresenta, na carta F04 C 6, uma tendência ao uso de fricativas nas capitais do Norte e Nordeste, de retroflexo no Centro-Oeste e parte do Sudeste, e de tepe no Sul e em São Paulo, concorrendo com o retroflexo.

No contexto desta pesquisa, o retroflexo é usado, principalmente, no Norte de Mato Grosso, área de migração mais recente, na qual é marcante a presença de paranaenses e gaúchos, e em GO1, localidade povoada por paulistas e mineiros. Já as fricativas foram registradas, sobretudo, em TO1, RO1 e MT3.

Outras dimensões se fazem necessárias para uma melhor averiguação das variáveis. Entre as duas faixas etárias, por exemplo, há um equilíbrio com relação ao registro das variantes. Quanto ao sexo, embora em pequena proporção, os homens realizam mais o retroflexo e o apagamento, enquanto as mulheres lideram o uso de fricativas e tepes. Em estudo a partir dos dados do ALiB e do EALMG, Aguilera e Kailer (2012, p. 182) também concluíram que as mulheres fazem mais uso da fricativa e o homem do retroflexo.

Com relação ao uso dos róticos, tanto em início de sílaba quanto em coda medial, os dados da carta nos permitem deduzir que as variantes registradas na área investigada são decorrentes do processo de povoamento

ali ocorrido, já que os falantes das localidades povoadas por sulistas realizam as variantes registradas naquela Região, enquanto os habitantes dos pontos RO1, MT3 e TO1 usam as variantes consideradas nortistas.

Outros processos de variação podem ser observados nas cartas linguísticas fonéticas, como, por exemplo, a realização da palatal // em final de palavra (carta fonética 004), a realização do /S/ em coda silábica, em posição interna (carta fonética 010), a assimilação em /d/ no grupo /nd/, nas formas de gerúndio (carta fonética 011), a realização das laterais palatais (carta 012), a realização de // em coda silábica (carta 013), a realização de proparoxítonas (na carta 14) e a realização dos encontros consonantais impróprios (carta 15).

#### 4.1.4 Síntese da análise fonética

De modo geral, podemos inferir, após a análise das variáveis fonéticas, que:

- a) A monotongação, muito incidente, é condicionada pela extensão da palavra e pelo contexto subsequente; realiza-se, preferencialmente, diante de tepe (*prateleira, travesseiro, torneira, companheiro*). A dimensão diastrática, não contemplada neste estudo, também parece ser o fator determinante para a realização do ditongo na área investigada.
- b) Os róticos em início de sílaba ou de palavra é produzido, quase de forma categórica, como fricativa, como é registrado em vários Estados do Brasil por outros estudos. Entretanto, as variantes tepe e vibrante, usuais no Sul do País, estão presentes em localidades povoadas por sulistas. Ademais, os fatores extralinguísticos como diatopia e geração são os condicionadores para essa realização.
- c) Em coda silábica, o /r/ mais produtivo foi o retroflexo. Nesse caso, os dados nos permitem afirmar que as variantes são decorrentes do processo de povoamento da área estudada.
- d) Predominam as variantes alveolares de /s/ posvocálico no contexto medial de palavra. As ocorrências são devidas a fatores linguísticos, sobretudo, a tonicidade da palavra.

As cartas-síntese fonéticas também sinalizam traços fonéticos que tipificam essa área geográfica. A carta-síntese fonética 097 (figura 35), por exemplo, indica algumas tendências para a dimensão diatópica.

**Figura 35** – Carta 097– síntese fonética – dimensão diatópica



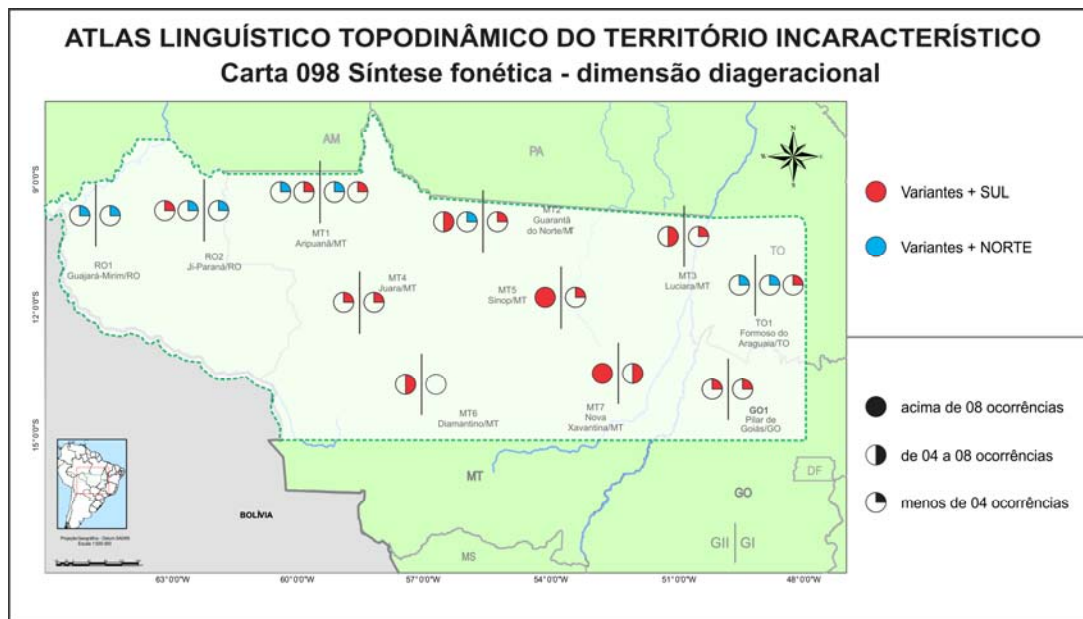
© Cuba (2015)

Observa-se que nas laterais da área investigada há maior ocorrência de variantes consideradas nortistas, enquanto ao centro, para onde vieram os gaúchos e paranaenses, estão as variantes mais sulistas.

Os dados desta carta apontam que as variantes mais sulistas (encontradas no ALERS e no ALPR) e as variantes nortistas (mapeadas nos ALAM, ALPB, ALSI e ALS II) registram, mesmo que sutilmente, no caso das mais nortistas, as marcas fonéticas dos migrantes que se instalaram na Região em diferentes momentos.

A carta 098, representada na figura 36, mostra a síntese diageracional fonética.

**Figura 36** – Carta 098– síntese fonética – dimensão diageracional



Observa-se que a dimensão diageracional não foi relevante para marcar a Região de origem dos informantes na realização das variantes fonéticas investigadas, assim como, não diferenças significativas entre homens e mulheres com relação ao uso de variantes nortistas, sulistas, exceto em MT1, MT6, TO1 e GO2 nos quais se observa que os homens é quem mantém as variantes nortistas, como mostra a figura 37.

**Figura 37** - Carta 099 - síntese fonética – dimensão diassexual



Além do estudo das variáveis fonéticas, observamos alguns aspectos lexicais, dos quais apresentamos uma amostra, na sequência.

#### 4.2 Variáveis lexicais

O léxico é o conjunto do vocabulário de uma comunidade (DUBOIS et al., 2006, p. 364) e representa o inventário de uma sociedade, visto que, por meio dele os homens divulgam seus hábitos, seus costumes, suas ideologias e sua cultura. Isquerdo (2001) afirma que

O estudo do léxico pode fornecer, ao estudioso, dados que deixam transparecer elementos significativos relacionados à história, ao sistema de vida, à visão de mundo de um determinado grupo. Deste modo, no exame de um léxico regional, analisa-se e caracteriza-se não apenas a língua, mas também o fato cultural que nela deixa transparecer. Essa perspectiva de análise favorece uma melhor compreensão do próprio homem e da sua maneira de ver e representar o mundo (ISQUERDO, 2001, p. 91).

Apoiada nesses postulados de Isquerdo, neste tópico discutimos algumas variantes lexicais de uso da língua nas comunidades selecionadas para a rede de pontos, considerando, ainda, a história e as fases de transformação por que passou o “território incharacterístico”. A esse respeito, Isquerdo (2006b) destaca que já na Carta de Caminha, que evidencia a relação entre palavras e coisas em território brasileiro, enseja-se delinear uma norma nacional. Segundo a autora,

essa norma foi se desenhando de forma distinta nas diferentes regiões brasileiras, motivada por condicionantes extralinguísticos, como os fatores físico-geográficos que as individualizam, os contatos étnicos que ali se processaram, as atividades econômicas predominantes, enfim, pela história social das várias áreas culturais que foram se formando, nos mais diferentes rincões do Brasil, ao longo da sua história (ISQUERDO, 2006b, p. 11).

No “território incharacterístico”, o contato entre culturas diferentes, promovidas pelos vários fluxos migratórios por que passou a Região, pode atuar decisivamente no comportamento linguístico dos falantes.

Desse modo, na tentativa de descrever e analisar a manutenção ou inovação dos traços lexicais, trazidos pelos colonizadores e pelas migrações recentes, apresentamos, aqui, alguns dados que se configuram como uma amostra do ALTTI e que, por ora, representa o vocabulário dos habitantes da Região do “território incharacterístico”.

Para compor o segundo volume desta tese, a partir do QSL foram elaboradas 68 cartas léxicas que versam sobre assuntos da Natureza e do Homem. Neste tópico, discutimos alguns aspectos registrados nessas cartas, sobremaneira, os que mostram a dinâmica de ocupação do espaço geográfico pesquisado. Para tanto, a análise foi feita por subáreas semânticas. Logo, da área semântica Natureza, discutimos uma seleção de aspectos das subáreas *acidentes geográficos, fenômenos atmosféricos, astro e tempo e flora e fauna*. Da área semântica Homem, vislumbramos, com maior ênfase, aspectos das subáreas *corpo humano, ciclos da vida, jogos e brincadeiras infantis e alimentação e cozinha*.

Considerando a origem dos informantes da segunda faixa etária da amostra<sup>71</sup>, bem como, os pais dos jovens, nascidos na localidade, revisitamos alguns atlas linguísticos regionais e estaduais, além do ALiB, para fazermos o cruzamento das informações. Igualmente, utilizamos os dicionários Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (FERREIRA, 2004) e o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (HOUAISS, 2001), além de outras obras lexicográficas necessárias para uma reflexão semântica dos dados, quando possível. Com isso, identificamos grupos de variantes opositivas regionalmente, que foram apresentadas no quadro 12.

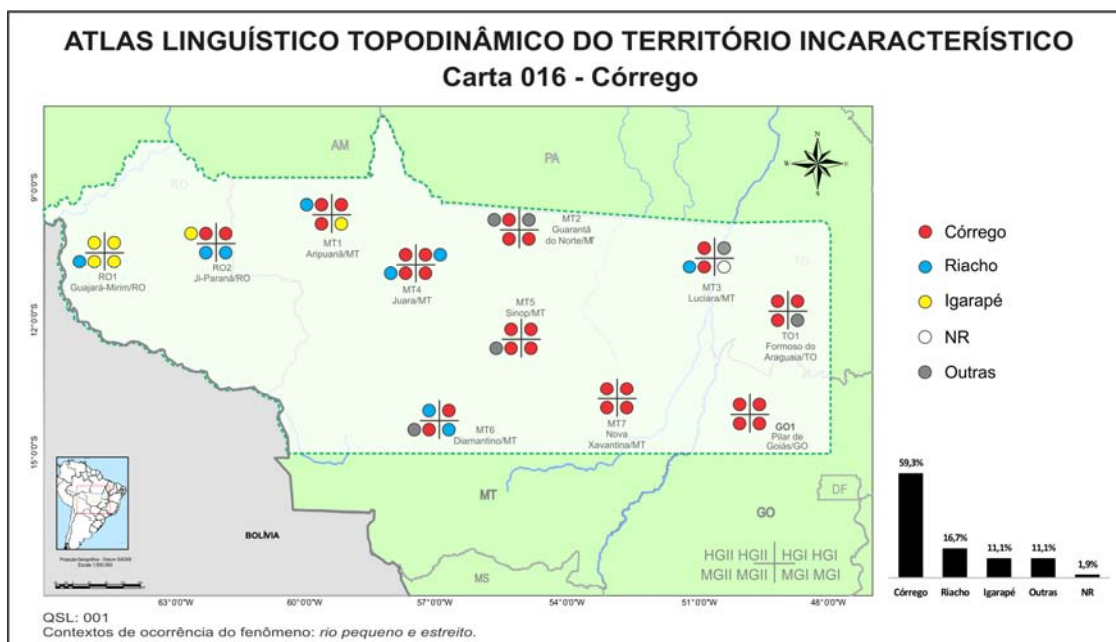
#### 4.2.1 Acidentes geográficos

Da subárea semântica *acidentes geográficos*, do questionário semântico-lexical, foram mapeadas as respostas para: i) rio pequeno e estreito (carta 16) e ii) tronco ou pedaço de madeira para passar por cima de um *córrego* (carta 17). Para a carta 16 (figura 38) – *córrego*, computamos 54 ocorrências, assim distribuídas: *córrego* (59,3%), *riacho* (16,7%), *igarapé* (11,1%), outras (11,1% - *sanga, correnteza, ribeirão*) e NR (1,9%).

---

<sup>71</sup> Conforme quadro 10, no capítulo 3.

Figura 38: Carta linguística 016 do ALTTI – Variantes para córrego



A variante *córrego*, a mais produtiva no ALTTI, está registrada em Ferreira (2004) como *regueiro*; (bras.) *ribeirão de pequeno caudal*. *Riacho* tem como primeira acepção *rio pequeno, mais volumoso que o regato e menos que a ribeira*. Já a variante *igarapé* é marcada como brasileirismo do Amazonas e do Mato Grosso do Sul na acepção de *rio pequeno que tem as mesmas características dos grandes e que é, geralmente, navegável*. Houaiss (2001), por sua vez, define *córrego* como *fenda ou sulco aberto na terra pelas águas correntes; via estreita e funda entre montes, cadeia de montanhas etc., desfiladeiro; pequeno rio com fluxo de água bastante tênue; corgo, riacho*. As outras variantes, nesse dicionário são definidas semelhantemente ao Ferreira (2004).

Como se observa na carta 16, em MT7 e GO1 *córrego* foi a única variante mencionada pelos informantes. Em RO1, RO2 e MT1, localidades mais ao Norte do mapa, registrou-se a variante *igarapé*<sup>72</sup>. Enquanto *riacho* foi produtiva na maioria das localidades, a variante mais sulista *sanga* foi mencionada somente em MT2 e MT5, localidades povoadas por gaúchos.

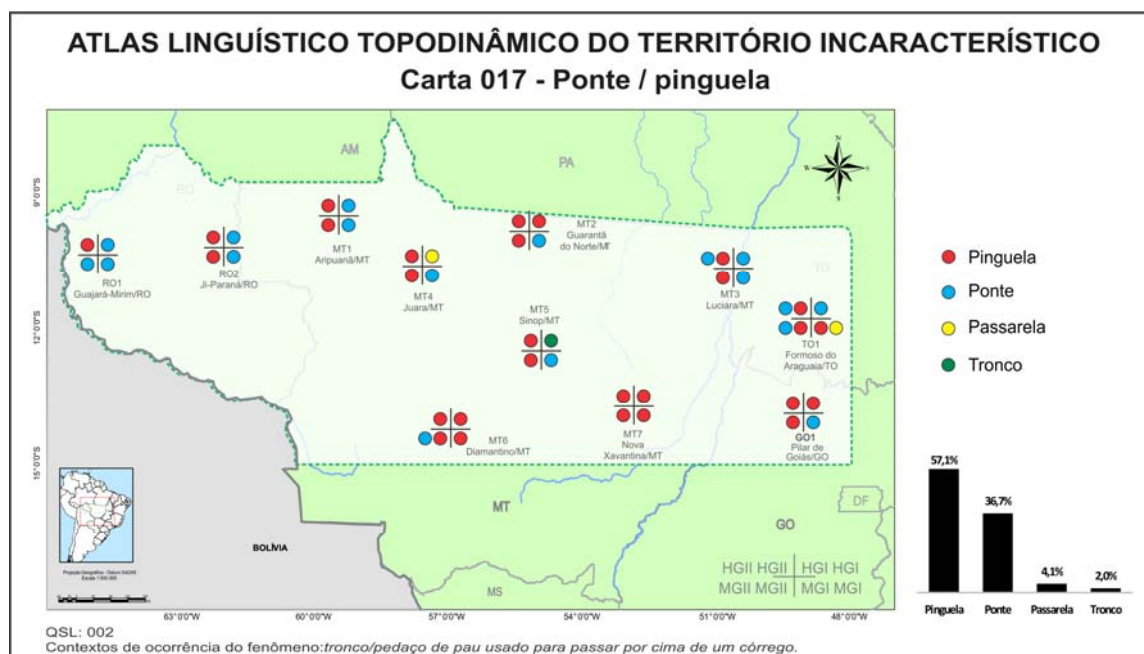
<sup>72</sup> A 2ª informante da geração II respondeu “Garapé [gara’pɛ] ou riacho [xi’aʃu].”

Na Região Sul do País, a carta 2 do ALPR registra grande ocorrência de *córrego*, ao norte, *arroyo*, na região central e *sanga* a sudoeste do Paraná. O ALERS, por sua vez, na carta 007 mapeia *arroyo*, *riacho*, *córrego*, *sanga*, *riozinho*, *lajeado*, *riberãozinho*, sequencialmente. Na Região Norte, Cruz (2004) documenta, na carta 1 do ALAM, *igarapé* como a mais produtiva, notadamente, no Sul do Amazonas. Já Gomes (2013) registra, na carta 002 do Atlas Linguístico da Mesorregião Sudeste do Pará, *córrego*, seguido de *igarapé* e *grota*. Na Região Centro-Oeste, a carta lexical 0008.a do ALMS apresenta *córrego*, *riacho* e *corixo* como as mais produtivas. Já a carta lexical 01 do ALMESEMT (CUBA, 2009) registra *córrego*, *riacho* e *grota*, dentre outras. No Nordeste e no Sudeste, não há cartas com esse referente nos atlas publicados.

As dimensões diassexual e diageracional não foram aparentemente muito significativas para essa variável, visto que apenas a variante *riacho* se destaca na fala da mulher da segunda faixa etária. As demais tiveram distribuição regular, como mostra a carta.

Para a carta 17 (figura 39) do ALTTI, *ponte/pinguela*, foram registradas 49 ocorrências, sendo: *pinguela* (57,1%), *ponte* (36,7%), *passarela* (4,1%) e *tronco* (2%).

**Figura 39:** Carta linguística 017 do ALTTI – Variantes lexicais para *ponte*



© Cuba (2015)

Embora *Pinguela* seja a variante mais registrada no mapa, há uma tendência à substituição da variante pinguela por ponte, pois, conforme mostram os dados, *ponte* se realiza com maior percentual na fala dos jovens. Diatopicamente, MT6 e MT7 se destacam e a dimensão diassexual não foi representativa em termos de designações para o conceito em pauta, conquanto haja uma leve manutenção na fala dos homens, conforme sinalizam os dados de RO1, MT2 e GO1.

Observa-se que, na subárea semântica dos *acidentes geográficos*, a diatopia foi a dimensão mais expressiva, sobretudo, no que tange às variantes *igarapé* e *sanga* (agrupada em outras), da carta 16. Enquanto a variante *igarapé* aponta para uma influência nortista, dado o perfil<sup>73</sup> do processo de colonização e dos informantes de Guajará-Mirim, chama-nos a atenção, ainda, a variante *sanga*, realizada na fala do homem da geração II de Guarantã do Norte e da mulher da geração II de Sinop, ambos vindos do Rio Grande do Sul, pois demonstra a manutenção da variante de origem do informante. Já a dimensão diageracional foi primordial para a realização das variantes *ponte* (na fala dos jovens) e *pinguela* (na fala da geração II) da carta 17.

#### 4.2.2 Fenômenos atmosféricos

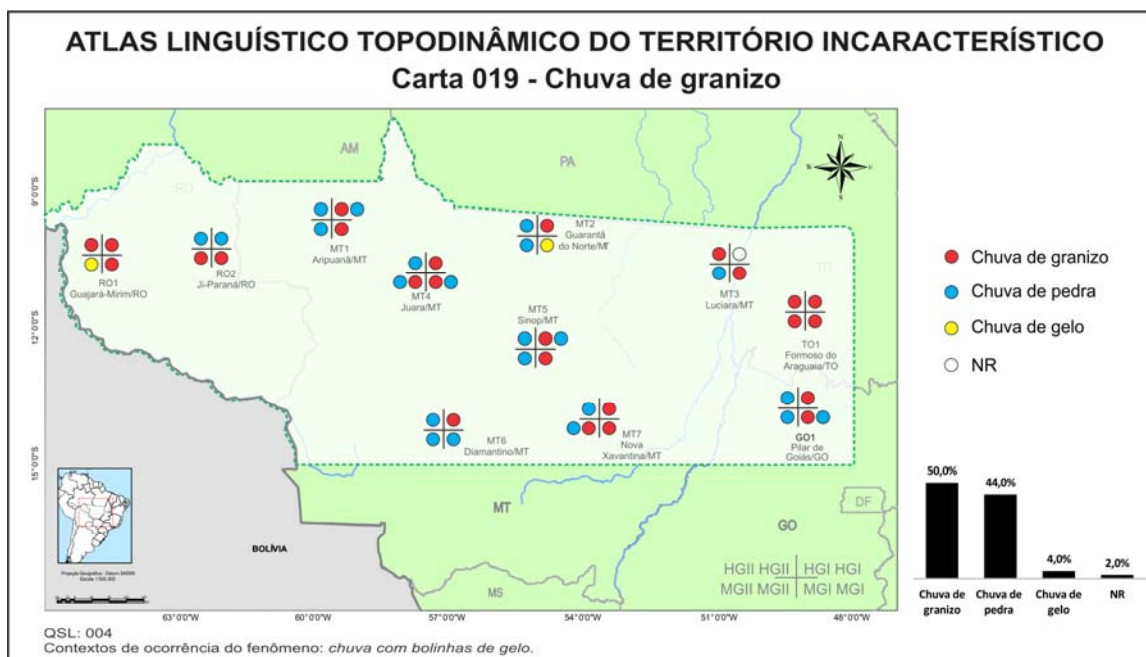
Fazem parte dessa subárea semântica as cartas<sup>74</sup> de número 18 a 22, respectivamente: *tempestade/temporal*, *chuva de granizo*, *garoa*, *orvalho* e *neblina*. Dessas, detivemo-nos na análise de duas delas: *chuva de granizo* e *neblina*, porque nos pareceu ser as que mantêm mais marcas regionais.

A carta 19 – *chuva de granizo* (figura 40) foi resultado de 49 respostas fornecidas pelos informantes para a questão 4 do QSL. *Chuva de granizo* foi a variante mais produtiva para nomear o conceito *chuva com bolinhas de gelo* no espaço da pesquisa (50%), seguida de *chuva de pedra* (44%), *chuva de gelo* (4%) e *não resposta* (2%).

<sup>73</sup> Ver quadros 2 e 7 no capítulo 3.

<sup>74</sup> Lembramos que não foram mapeadas as ocorrências para arco-íris porque não houve variações lexicais. Todos os informantes realizaram arco-íris.

**Figura 40:** Carta linguística 019 do ALTTI – Variantes lexicais para *chuva com bolinhas de gelo*



© Cuba (2015)

A carta mostra que as variantes *chuva*<sup>75</sup> *de granizo* e *chuva de pedra* estão distribuídas por toda a área estudada, exceto em RO1 e em TO1, ambas da Região Norte, nas quais não houve registro de *chuva de pedra*.

A variante *chuva de granizo* encontra-se em nítida projeção e substitui *chuva de pedra* nos pontos sulistas de MT, caracterizando uma mudança em progresso na dimensão diageracional.

Em outros atlas, como no ALMS<sup>76</sup> (carta QSL 0044a), no ALERS (carta lexical 29) e no ALPR (carta 24), a variante *chuva de pedra* figura como a mais produtiva no Paraná. Já no ALMESEMT (carta lexical 9) e no ALiB (carta L01) mapearam-se, como variantes mais produtivas, *chuva de granizo*, seguida de *chuva de gelo* e de *chuva de pedra*. O ALiB também não registrou a variante *chuva de pedra* em Porto Velho/RO, o que pode indicar que no Norte a variante preferida pelos falantes seja *chuva de granizo*.

Ressalve-se que, na área estudada, não é comum chover *granizo*. Logo, talvez pelo fato de o referente não pertencer ao vocabulário cotidiano dos

<sup>75</sup> As variantes *granizo* e *granito* foram agrupadas em *chuva de granizo*, bem como, *pedra* e *gelo* foram, respectivamente, reunidas em *chuva de pedra* e *chuva de gelo*.

<sup>76</sup> No ALMS, as variantes não estão agrupadas. Logo, *chuva de granizo*, *granito*, *chuva de granito*, *chuva com granito*, *chuva de pedra*, *pedra*, *chuva com pedras* etc. estão separadas na legenda.

falantes, estes se limitem às possibilidades de polimorfismos, já que os informantes, sobretudo, os jovens, conhecem o referente somente por meio da escola e da mídia.

Não foi registrada no *corpus* nenhuma variante morfofonêmica para *granizo*, como se observa em outros atlas. Igualmente, os informantes do universo deste estudo não utilizam variantes eufêmicas como, por exemplo, *chuva de flor*, *florzinha* e *chuva de rosas*, registrados no ALPR, no ALMS, no ALERS e no ALMESEMT. Ademais, há preferência pela variante léxica *granizo* e não *granito* como aparece no ALMS e no ALPR. Neste estudo, o item lexical *granito* foi documentado apenas em Formoso do Araguaia (TO), na fala dos informantes da geração II:

INQ. - *Que cai com a chuva... assim está chovendo e faz tempo que não chove...*

INF.1- *Granito [grã'nitu], granito é.*

INF.2- *Chuva de granito [,fuvvdʒigrã'nitu].*

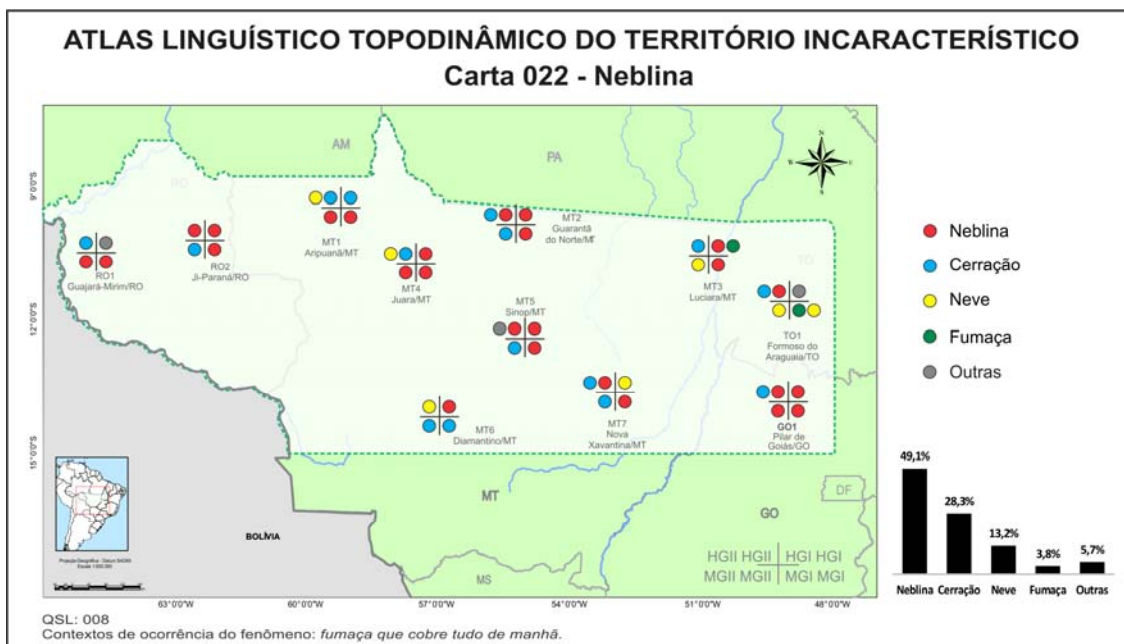
Uma análise à luz das dimensões diatópica, diageracional e diassexual se torna relevante para a compreensão do comportamento da nomeação do referente em causa na área estudada.

Quanto às dimensões diassexual e diageracional, a carta chama a atenção para o fato de a variante *chuva de pedra* ser muito produtiva na GII. Considerando que os informantes jovens são nascidos na localidade e os da geração II são vindos de outros Estados, essa preferência destes por *chuva de pedra* e dos jovens por *chuva de granizo* pode significar uma mudança linguística em curso. A dimensão diassexual, por sua vez, não foi relevante para essa pergunta. Entre homens e mulheres não houve diferenças significativas para as variações.

Sintetizando a análise dos dados da carta 19, inferimos que a dimensão diageracional é a que mais está influenciando a mudança, no caso das variantes *chuva de granizo* e *chuva de pedra*.

A carta 22 – neblina (figura 41) também se destaca na subárea semântica dos fenômenos atmosféricos.

Figura 41: Carta linguística 022 do ALTTI – Variantes lexicais para *neblina*



© Cuba (2015)

Para o conceito *fumaça que cobre tudo de manhã* foram registradas 53 ocorrências, das quais 49,1% de *neblina*, 28,3% de *cerração*, 13,2% de *neve*, 3,8% de *fumaça* e 5,7% de outras variantes.

A variante *neve*, especificamente, é alvo de nossa discussão. Essa unidade lexical é definida em Ferreira (2004) como “precipitação de cristais de gelo, em geral, de forma hexagonal e intrinsecamente ramificados, aglomerados em flocos, formados diretamente pelo congelamento do vapor de água que se encontra em suspensão no ar atmosférico”.

Foi constatada a presença da variante *neve* para nomear o mesmo conceito em atlas linguísticos estaduais já publicados: carta 13 – *librina* – do APFB (1963); carta 4 – *orvalho* – do EALMG (1977); cartas 019 – *garoa*; 24 – *cerração* – e 26 – *orvalho* – do ALPB (1984); cartas 32 – *orvalho* – e 33 – *cerração* – do ALPR (1994); as cartas 0032.a – *nevoeiro/cerração/neblina* – e 0050.a – *orvalho* – do ALMS (2007); as cartas lexicais 12 – *orvalho* e 13 – *neblina* do ALMESEMT (2009); e as cartas L02 – *orvalho* e L03 – *neblina* do ALIB. Dentre esses, verificamos que a variante *neve* também está documentada no APFB, no EALMG, no ALPB, no ALMS, no ALMESEMT e no ALIB.

Segundo Cuba e Isquierdo (2012, p. 158), “o uso da variante *neve* nas regiões Nordeste, Sudeste e Centro-Oeste, para designar os referentes normalmente nomeados de “orvalho” e “neblina” pode decorrer da associação entre características dos referentes em causa”. Em virtude da falta de convívio da população dessas regiões com o fenômeno atmosférico *neve*, a “fumaça que cobre tudo de manhã”, tem a mesma conotação.

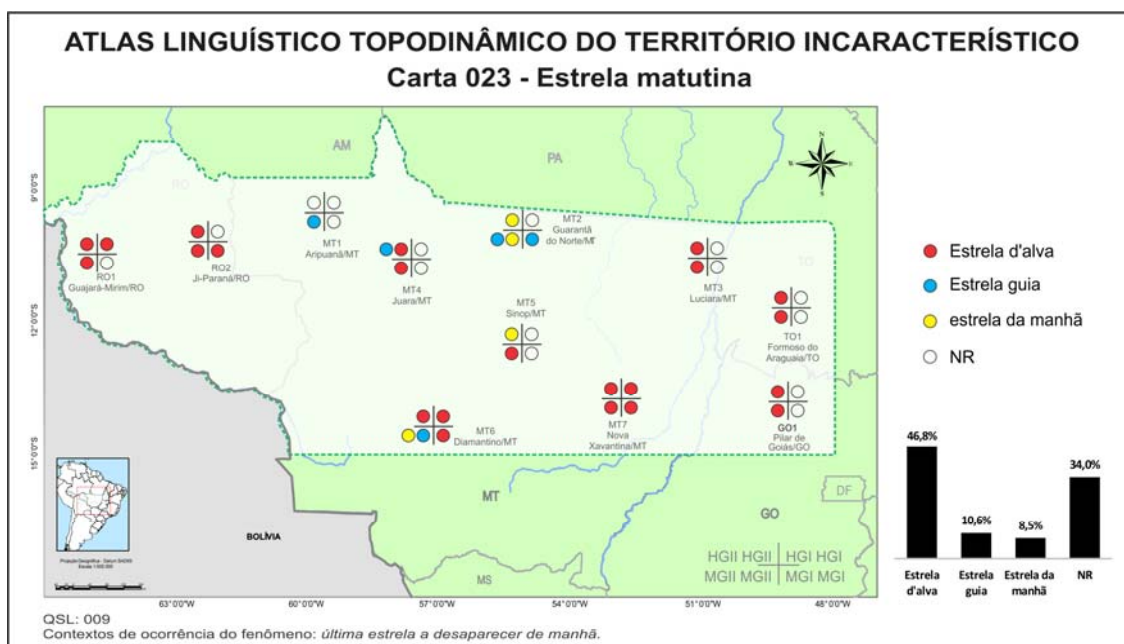
No ALTTI, carta 22, a variante *neve* foi mencionada em seis localidades: MT1, MT3, MT4, MT6, MT7 e TO1.

A distribuição diasssexual e diageracional dos dados comprova que, enquanto os informantes da geração II usam variedades como *neve* e *cerração*, variantes mais conservadoras, os jovens inovam com a forma culta *neblina* e *fumaça*. O uso das variantes *cerração* e *neve* pode evidenciar tendências de influências linguísticas das diferentes levas de migrantes que contribuíram para o povoamento da Região. A presença da variante *neve* denuncia a influência linguística deixada pela primeira leva de migrantes, os nordestinos, vinda para a área investigada no final do século XIX e início do século XX. Já a variedade *cerração* exprime a norma sulista, de migração recente.

#### 4.2.3 Astros e tempo

As cartas relacionadas a estrelas (23 – *estrela matutina* (figura 42); 24 – *estrela vespertina* e 25 – *estrela cadente*) registraram um número reduzido de respostas. Entretanto, elas foram cartografadas justamente com o intuito de demonstrar que as mudanças atuais de comportamento interferem no conhecimento do mundo rural e, por extensão, no domínio do vocabulário das pessoas da zona urbana.

**Figura 42-** Carta linguística 023 do ALTTI – Variantes lexicais para *estrela matutina*



© Cuba (2015)

Essas cartas evidenciam o seguinte resultado:

**Quadro 15:** Variantes para a subárea semântica *astros e tempo*

Carta	Variável	Variantes
23	Estrela matutina	Estrela d'alva – 46,8%; estrela guia – 10,6%; estrela da manhã – 8,5%, NR – 34 %.
24	Estrela vespertina	Estrela guia – 9,1%; estrela da noite – 6,8%; estrela d'alva – 6,8%; outras – 6,8%; NR – 70,5%.
25	Estrela cadente	Estrela cadente – 42,9%; cometa – 12,2%, caiu uma estrela – 4,1%; NR – 26,5%; outras 14,4%.

**Fonte:** Elaborada pela autora com base no ALTTI

Para o conceito expresso na carta 24, o APFB documenta *zelação* e o EALMG registra com maior ocorrência a variante *cometa*. Na Região Sul, o ALPR mapeia *planeta* e *mãe de ouro*, dentre outras, e o ALERS, *estrela que cai*, *estrela que se muda* e *estrela que corre*, com maiores ocorrências. Já no Centro-oeste, o ALMS e o ALMESEMT registram *estrela cadente*.

Concluimos com a análise dessas cartas que a vida moderna impõe ao ser humano certo distanciamento da natureza. Há uma mudança de hábitos, motivada pela urbanização e avanço tecnológico, que afetam o modo de vida.

#### 4.2.4 Flora e fauna

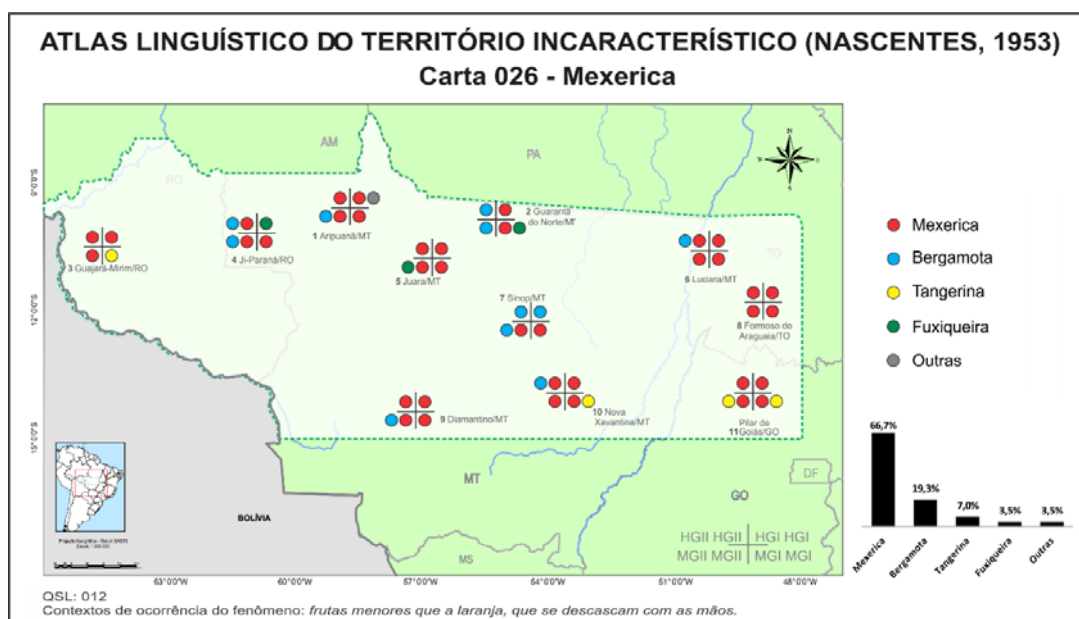
A esta subárea semântica, no ALTTI, pertencem as cartas<sup>77</sup> de número 26 a 33, subdivididas, ainda, em *flora* (mexerica, penca, banana dupla, extremidade da inflorescência da bananeira, mandioca e mandioca brava) e *fauna* (libélula e pernilongo). Dessas, analisamos a *mexerica* e a *pernilongo* por terem sido bastante produtivas.

A carta 26 – *mexerica* (figura 43) resultou de 57 respostas fornecidas para a questão 12 do QSL com a seguinte produtividade: *mexerica* (66,7%), *bergamota* (19,3%), *tangerina* (7%), *fuxiqueira* (3,5%) e outras (3,5%).

A variante *bergamota* está em pleno processo de substituição pela variante *mexerica*, como se observa pela comparação diageracional, em tempo aparente. Em MT4, ponto mais sulista, *bergamota* sequer ocorre na GII. Logo, a variante nortista *mexerica* ampliou seu espaço de uso das áreas laterais RO1, GO1 e TO1 para o centro do território.

Nota-se, igualmente, que a variante *mexerica* está distribuída harmoniosamente entre os dois sexos enquanto *tangerina*, considerada padrão, e *fuxiqueira* só foram documentadas na fala das mulheres.

**Figura 43:** Carta linguística 026 do ALTTI – Variantes lexicais para *mexerica*



<sup>77</sup> Lembramos que não foram mapeadas as ocorrências para arco-íris, pois variante *arco-íris* foi a única a ser mencionada.

Outros atlas linguísticos apresentam carta equivalente para esse conceito. O ALERS, por exemplo, registra, como variantes mais produtivas, *vergamota/bergamota* (Rio Grande do Sul e Santa Catarina) e *mexerica*, *tangerina* e *mimosa* (Paraná). Silva-Costa (2011) faz uma análise das designações para *tangerina* no Centro-Oeste, a partir dos dados do ALiB. A autora apresenta percentuais singulares nos três Estados pesquisados: *mexerica* em Goiás (100%) e em Mato Grosso do Sul (89%) e *poncã* em Mato Grosso (86%) (SILVA-COSTA, 2011, p. 5). O ALMESEMT também registrou *poncã*, como a mais produtiva, seguida de *mexerica*. O ALiB ratifica o resultado desses trabalhos por meio dos dados das capitais mapeados na carta L5, que apresenta a variante lexical *mexerica* como ocorrente na grande maioria das capitais brasileiras, exceto em Porto Alegre-RS, Rio de Janeiro-RJ, Boa Vista-RR e Macapá-AP.

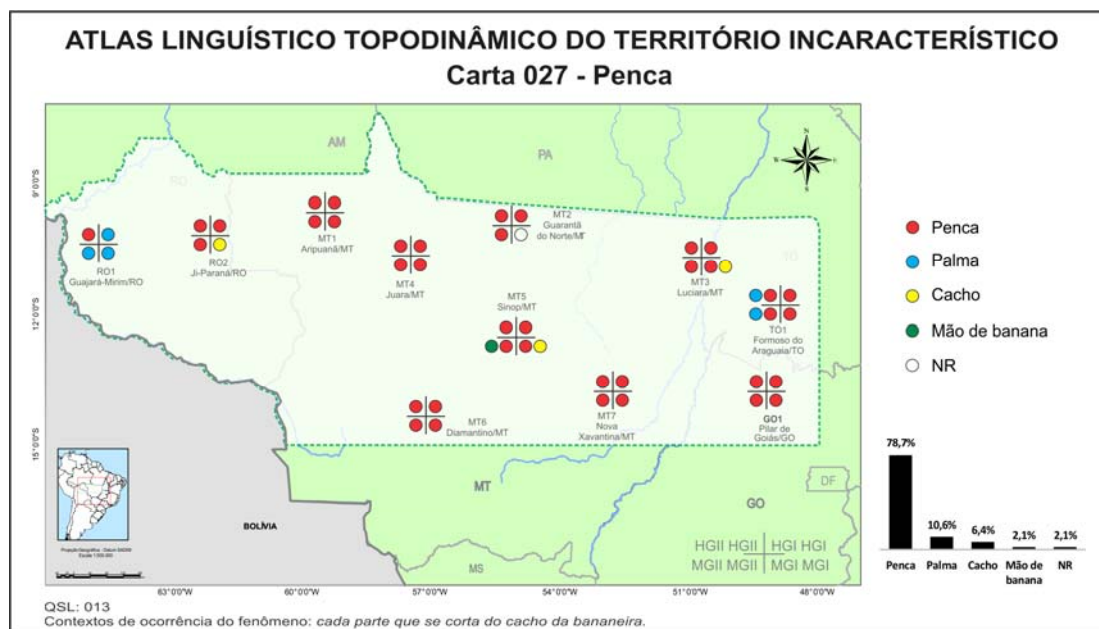
Em consulta a dicionários de língua portuguesa, averiguamos que a lexia *mexerica* não está dicionarizada em Houaiss (2001) e em Ferreira (2004). Caldas Aulete (2006) atribui a acepção “de mexericar. Hom./Par.: mexerica (sf.), mexerica (fl. de mexericar)”. Cunha (1982) atribui a origem portuguesa à unidade léxica *mexerica*, derivada de mexericar, uma forma derivada do verbo mexer: *mexerica* = “deverbal de mexericar, devido ao fato de o odor forte e penetrante denunciar quem a comeu”.

A unidade lexical *bergamota*, por sua vez, está dicionarizada em Ferreira (2004) com a marca de brasileirismo do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, na acepção de “certa pera sumarenta” e *tangerina*, a terceira variante mais produtiva no conjunto dos dados, é tratada nas obras lexicográficas pesquisadas como “fruto da tangerineira; fruta cítrica, pouco ácida, cuja casca se solta facilmente dos gomos; mandarina; mexerica; mimosa” (FERREIRA, 2004) e como “bergamota, laranja-cravo, laranja-mimosa, mandarina, mexerica, mimosa, tangerina-cravo, tangerina-do-rio, vergamota” (HOUAISS, 2001).

À mesma subárea semântica da *mexerica* pertencem as cartas 27 – *penca*, 28 – *banana dupla* e 29 – *extremidade da inflorescência da bananeira* – tratam de designações relacionadas à fruta *banana*.

Com relação à carta 27, destaca-se a variante *penca*, a mais produtiva na rede de pontos, com exceção de RO1, onde foram registradas três ocorrências de *palma* e TO1, uma ocorrência, consoante a figura 44.

**Figura 44:** Carta linguística 027 do ALTTI – Variantes lexicais para *penca*

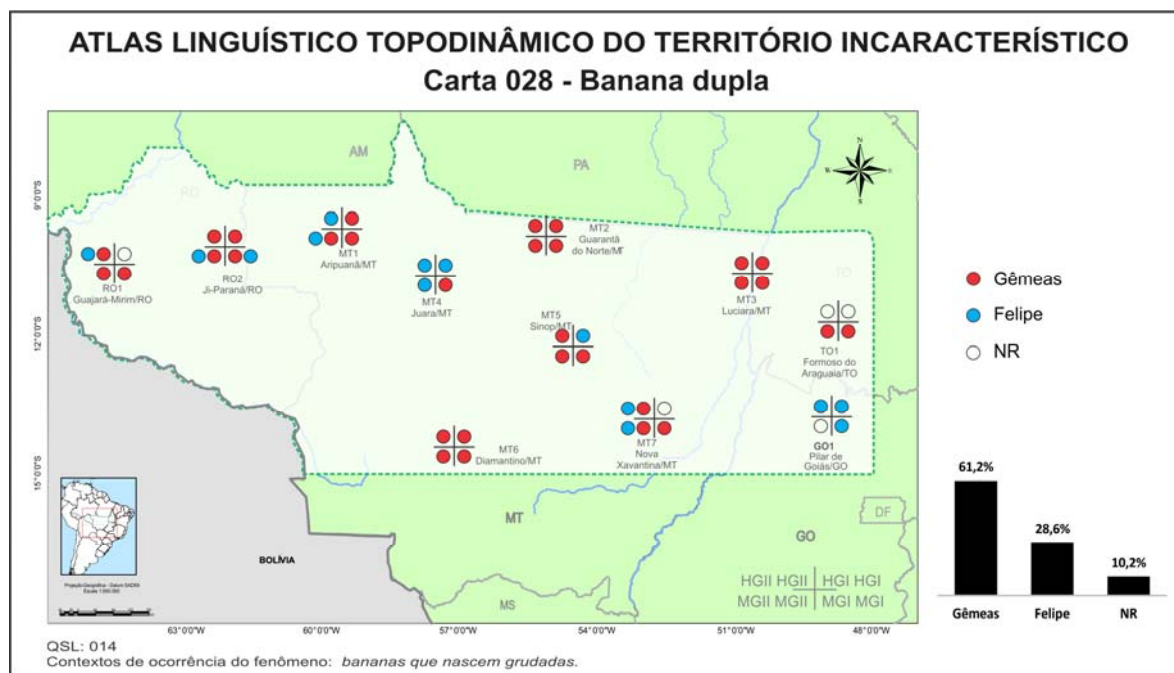


© Cuba (2015)

Esses dados se coadunam com os registros do ALiB (2014) que documenta grande ocorrência de *palma* nas capitais da Região Norte, exceto em Macapá e em parte do Nordeste (Natal, Recife e Maceió), e *penca* nas regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste. A motivação para o uso da unidade lexical *palma*, provavelmente, decorra de uma analogia entre a palma da mão aberta e as ramificações dos dedos e a disposição das bananas nas pencas.

A carta 28 – bananas que nascem grudadas – documentou duas variantes: *gêmeas* e *felipe*, ambas espalhadas em toda a área investigada, porém, chama a atenção o fato de em MT4 e em GO1 a variante lexical *felipe* ter sido citada em sete das oito respostas (figura 45).

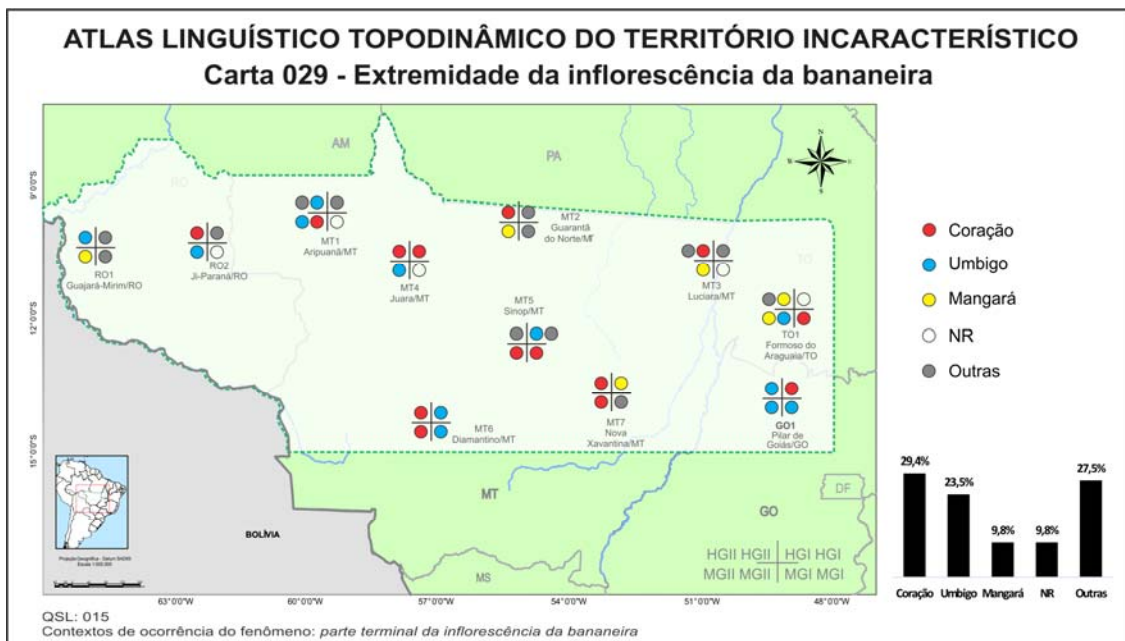
**Figura 45:** Carta linguística 028 do ALTTI – Variantes lexicais para *bananas duplas*



Considerando que os informantes da geração II de MT4 vieram do Paraná e os de GO1 de Minas Gerais, fomos aos Atlas desses Estados buscar a explicação para essa ocorrência. O ALPR (carta 46) registra *gêmeas*, *felipe* e *inconha* e o EALMG não possui carta relacionada a esse referente, o que também ocorre com o ALERS e o ALiB. O ALMESEMT (carta 19) e o ALMS (carta 0083a) documentaram *felipe* e *gêmeas*.

Na carta 29 – extremidade do cacho da bananeira – (figura 46) sobressai a variante *mangará* que Houaiss (2001) define como “extremidade bulbosa da inflorescência da bananeira, roxa ou castanho-avermelhada; buzina, coração”. *Mangará* está presente na fala dos habitantes de RO1, MT2, MT3 e TO1. Essa variante também é registrada no ALiB nas capitais das regiões Norte (exceto Belém) e Nordeste.

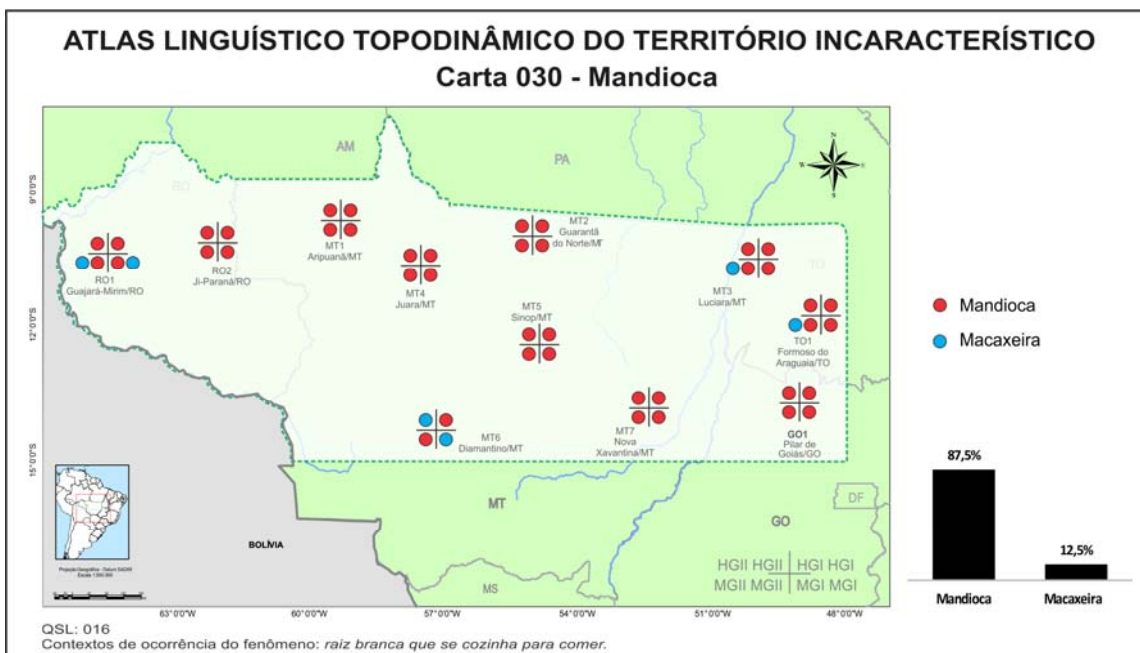
**Figura 46:** Carta linguística 029 do ALTTI – Variantes lexicais para *extremidade da inflorescência da bananeira*



© Cuba (2015)

As cartas 30 e 31 que mapearam designações para a “raiz branca que se come e a outra com a qual se faz farinha”. Para nomear o primeiro tipo da raiz em questão (figura 47 – carta 30), houve 87% de realizações de *mandioca* e 13% de *macaxeira*, esta última registrada em RO1, MT3, MT6 e TO1.

**Figura 47:** Carta linguística 030 do ALTTI – Variantes lexicais para *mandioca*

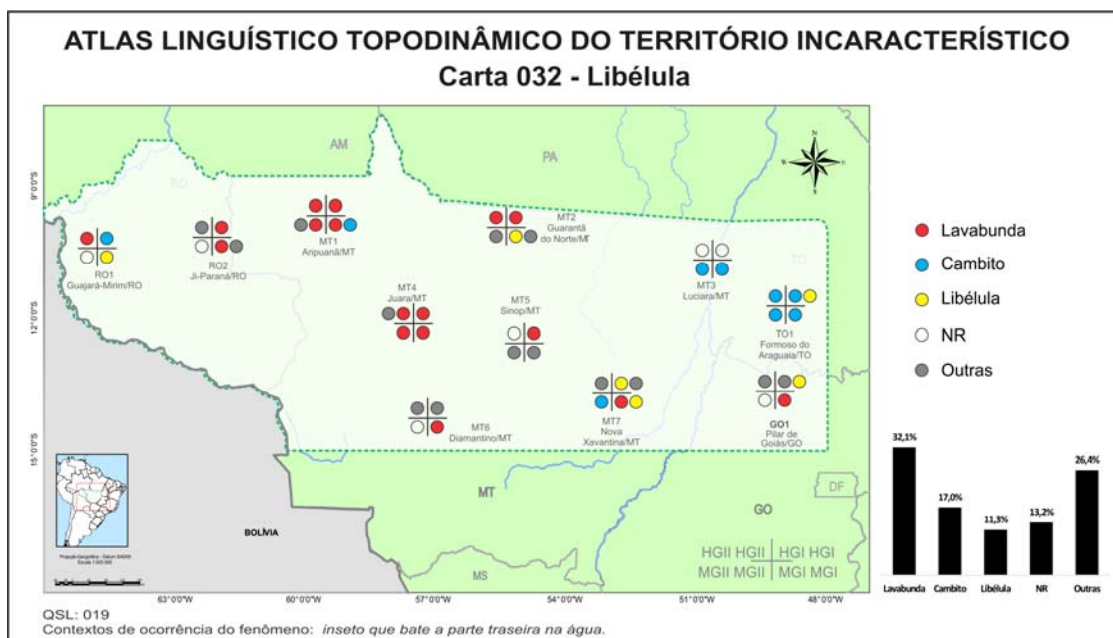


© Cuba (2015)

As dimensões diageracionais e diassexuais não foram relevantes para a análise dessa variável.

Da área semântica da *fauna*, foram produzidas as cartas 032 – *libélula* (figura 48) e 033 – *pernilongo* (figura 49). Para designar o inseto de corpo comprido e fino, com quatro asas transparentes, que voa e bate a parte traseira na água, o ALTTI registrou *lavabunda* (32%), *cambito* (17%), *libélula* (11%) e outras (26% - *cavaoti*<sup>78</sup>). A variante *cambito* se destaca por estar presente na fala de todos os informantes de Formoso do Araguaia.

Figura 48 - Carta linguística 032 do ALTTI – Variantes lexicais para *libélula*



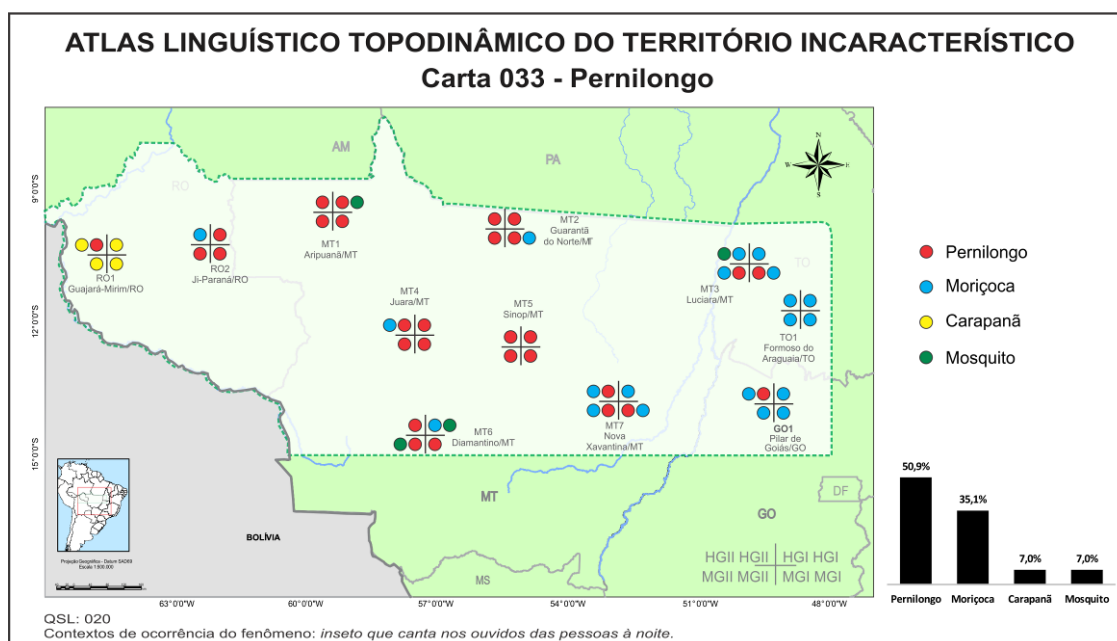
Aguilera (2010), em estudo a partir do *corpus* do ALiB, verificou que na Região Norte a forma homogênea é *jacinta*; no Nordeste, *ziguezague* e *libélula*; no Centro-Oeste, *helicóptero* e *lavabunda*; enquanto no Sudeste e no Sul lidera

<sup>78</sup> Essa variante foi citada pelas informantes da segunda faixa etária de Sinop e de Aripuanã. Ambas disseram ser descendentes de italianos e deram a mesma explicação para o uso dessa variante. A informante de Aripuanã disse: – Meu pai dizia olha o cavaoti [ˈkavɐ,ɔtʃi], eles vem voando assim, arrastando a bundinha na água. Ele fala italiano né (o pai)”. A informante da faixa etária II de Sinop deu a seguinte explicação: – Nós aqui é italiano, minha mãe chamava cavaoti [kavaˈɔtʃi], porque ele tem uns zoião grande, cavaoti em italiano que dizê arranca os zoião, é minha mãe dizia que ele vinha rancá nosso zoião, cavaoti em italiano significa arranca os zoião, é um bichinho feio, fica com água batendo na bunda, tem as asas bem transparente.

a forma padrão – *libélula*. A autora conclui, nesse trabalho, que, por desconhecer um nome científico ou padrão para esse inseto, o falante lhe atribui nomes cuja criação é motivada, muitas vezes, pelo aspecto físico (*helicóptero*) ou analogias com outros bichos (*cavalinho de Deus, louva Deus*) ou por funções (*lavabunda*).

Para esta área semântica, enfatizamos o registro das variantes lexicais da carta 033 (figura 49), que nomeiam *aquele inseto pequeno, de perninhas compridas, que canta no ouvido das pessoas, de noite* (QSL 20). Para essa varável, foram registrados os seguintes percentuais: *pernilongo* – 50,9%, *muriçoca* – 35,1%, *carapanã* e *mosquito* – 7% cada uma.

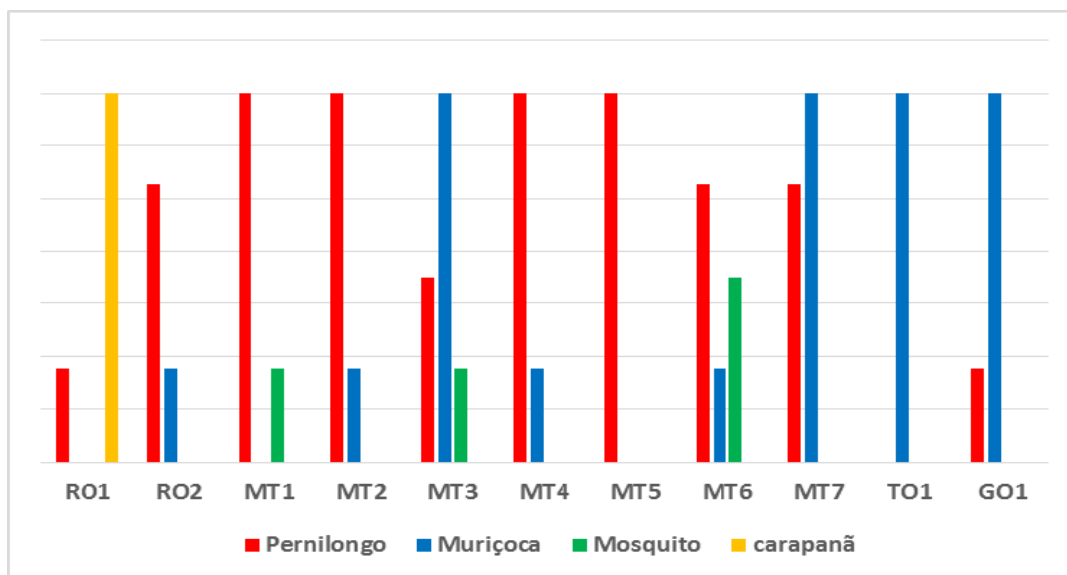
Figura 49- Carta linguística 033 do ALTTI – Variantes lexicais para *pernilongo*



A carta 033, referente à variação lexical para a designação de pernilongo mostra três áreas distintas: no extremo oeste, no ponto nortista RO1 predomina a forma *carapanã*, nos quatro grupos entrevistados. No domínio dos pontos sulistas de MT, sobressai-se a forma *pernilongo*, com ocorrências pontuais de *muriçoca* e *mosquito*, que, para nossa surpresa, tem uso restrito. Por fim, os pontos à Leste do território TO1 e GO1, e já entrando em áreas sulistas (MT7 e MT3) revelam o domínio de uso da variante *muriçoca*. Como se

vê, a variação apresentada pela carta 033 mostra, sobretudo, relevância diatópica. O gráfico 07 ratifica esse resultado.

**Gráfico 7** - Distribuição diatópica de variantes para *pernilongo* no ALTTI



**Fonte:** Elaborado pela autora a partir dos dados do ALTTI

Dentre essas variantes, somente *muriçoca* não está dicionarizada. O item lexical *pernilongo* é definido em Houaiss (2001) e em Ferreira (2004) como “Ave caradriiforme, recurvirrostros (*Himantopus h. melanurus*), do Chile, Argentina, Uruguai, Paraguai, e grande parte do Brasil: RS, MT, SP, MG e BA. Já a unidade lexical *mosquito* é definida em Ferreira (2004) como: inseto de pernas muito longas, corpo e asas revestidos de escamas, antenas longas e finas, com 16 artículos. A variante lexical *carapanã*, por sua vez, no dicionário Houaiss (2001) é definida como “grupo indígena que habita o Noroeste do Amazonas (Área Indígena Alto Rio Negro, Médio Rio Negro I, Yauareté I e Yauareté II), junto ao médio rio Solimões (Áreas Indígenas Méria e Miratu) e a República da Colômbia.

Costa e Isquerdo (2010) discutem, com base nos dados do ALiB coletados nas capitais brasileiras, as motivações e influências interétnicas envolvidas no uso dos designativos para o inseto comumente denominado de *pernilongo*. Nesse estudo, as autoras destacam a predominância da variante *carapanã* no Norte, de *muriçoca* no Nordeste e de *pernilongo* e de *mosquito* no

Sudeste e no Sul. O ALMS e o ALMESEMT também registram a variante *pernilongo* como a mais produtiva, seguida de *muriçoca*.

A distribuição diatópica das designações para *pernilongo* no ALTTI complementa as conclusões das autoras supracitadas, para as regiões Centro-Oeste e Norte, além de demonstrar que a influência do processo migratório foi relevante para a manutenção das formas lexicais utilizadas em um espaço de história de migração como é o aqui investigado.

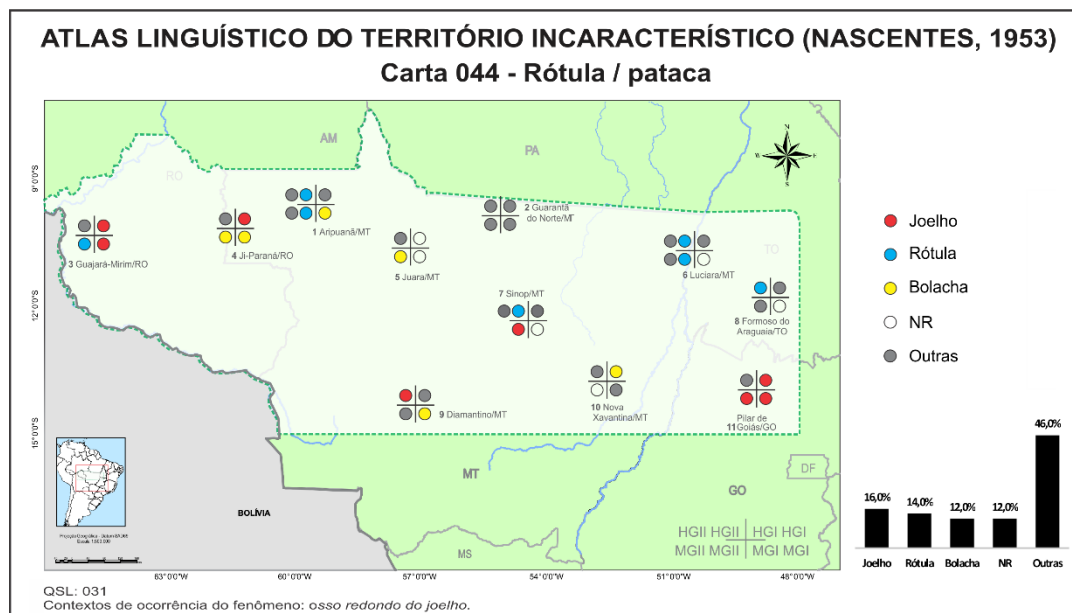
Quanto às distribuições em termos diageracional e diassexual, não há indícios de uma oposição clara de comportamentos distintos entre esses grupos para esta variável, embora salientemos que entre os homens G1 está havendo a substituição de *pernilongo* por *muriçoca*.

Conclui-se, pois, que, no caso em análise, a diatopia representa a dimensão mais saliente na análise das designações registradas para *o inseto que canta nos ouvidos das pessoas à noite*, especialmente, no caso de *carapanã* que, aparentemente, forma um *continuum* linguístico da Região aqui investigada e o Norte do País.

#### 4.2.5 Corpo humano

Da área semântica Homem, do questionário semântico-lexical, a subárea *corpo humano* é muito produtiva. A carta 44 – *rótula/pataca* (figura 50), por exemplo, teve um significativo polimorfismo: *joelho* (16%), *rótula* (14%), *bolacha* (12%), outras (46% - *tramela, rodela, patela, pataca, batata, borda e bolota*) e NR (12%).

**Figura 50:** Carta linguística 044 do ALTTI – Variantes lexicais para *osso do joelho*



© Cuba (2015)

Os dicionários pesquisados apresentam a seguinte acepção para *joelho*: “articulação da coxa com a perna, de que participam o fêmur, a tíbia e a patela” (HOUISS, 2001) e “segmento de membro inferior que compreende a articulação de coxa com perna e todas as partes moles que a circundam” (FERREIRA, 2004). Já a variante *rótula* é definida por Ferreira (2004) como “cada um de dois ossos situados adiante da articulação de cada fêmur com a tíbia homolateral. [Sin.: patela e (pop.) rodela]”. Houaiss (2004), no verbete *rótula* remete à *patela*. A variante *bolacha* não está dicionarizada com esse sentido.

As designações para o referente “osso redondo do joelho” aparecem mapeadas em vários trabalhos geolinguísticos produzidos no Brasil, como no APFB (carta 62), no ALPB (Carta 066), no ALSE (carta 63), no ALPR (carta 75), no ALERS (carta 186), no ALMS (carta 0175a), no ALMESEMT (carta 40), entre outros. A variante *rótula* aparece como mais produtiva no APFB, no ASL, no ALPR, no ALPB. No ALERS, a primeira variante é *pataca*; no ALMS, *batata do joelho* e no ALMESEMT, *bolacha*.

A variante *joelho* foi mencionada por jovens de ambos os sexos, enquanto *rótula*, a mais produtiva nos atlas consultados, foi citada em MT1, pelos homens e pelas mulheres da segunda faixa etária e em MT3, MT5 e TO1, pelos informantes GII.

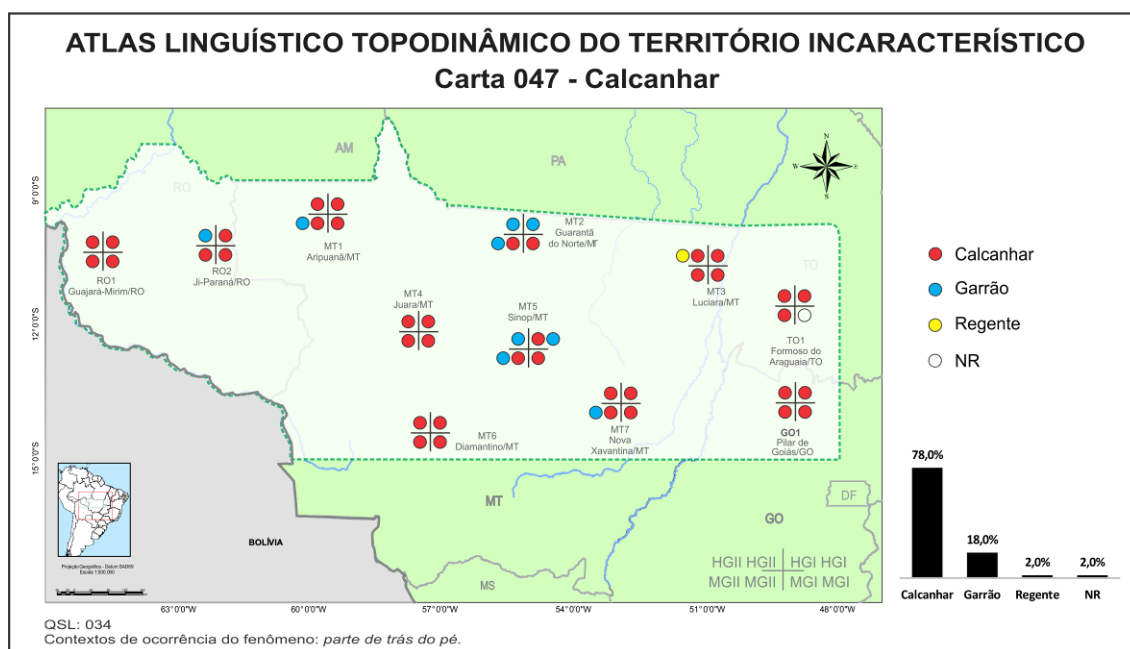
Dessa forma, concluímos que, para o caso em pauta, o fator idade foi o propiciador da manutenção da forma *rótula* e da inovação quanto ao uso de *joelho*. Da mesma forma, inferimos haver uma mudança linguística em progresso, pois as variantes mais conservadoras, *rótula* e *bolacha*, estão dando espaço a outras formas e à variante genérica *joelho*, principalmente dentre os informantes da faixa etária I.

As outras cartas que mapeiam variantes que nomeiam partes do corpo humano reiteram que os informantes da faixa etária II procuram preservar suas variantes e os jovens buscam a inovação. Esse fato pode ser atestado com as cartas 034 – *pálpebras*, para a qual o ALTTI documenta *capela*; 037 – *terçol* – na qual estão mapeadas as variantes *viúva* e *espinha*; 038 – *conjuntivite* – o ALTTI registra *dor d’olhos* e *dor de vista*, e 041 – *dentes molares*, na qual se observa a variante *pilão*. A maioria dessas variantes foi citada pelos informantes da segunda faixa etária, de ambos os sexos.

A carta 45 – *pessoa de pernas arqueadas* – chama a atenção pela analogia entre as unidades lexicais e a natureza do referente. Os informantes sempre associam o referente “*pernas arqueadas*” a alguma outra situação ou objeto. A variante *perna de alicate*, uma analogia ao instrumento cortante, foi fornecida pelos jovens de ambos os sexos.

A carta 47 – *calcanhar* (figura 51) nos permite identificar traços da fala gaúcha nas localidades estudadas.

**Figura 51:** Carta linguística 047 do ALTTI – Variantes lexicais para *calcanhar*



Nessa carta registramos *calcanhar* (78%), *garrão* (18%) e *rejeito* (2%). Diatopicamente, esta carta evidencia um comportamento distintivo sulista *versus* nortista, já que as variantes estão distribuídas da seguinte forma: *calcanhar* em toda a área investigada e *garrão*, sobretudo, em MT2 e em MT5, localidades povoadas, em sua maioria, por gaúchos.

Quanto aos fatores sociais de influência para essa variável, nota-se que a variante *garrão* predomina entre a segunda faixa etária de ambos os sexos, mas foi citado também pelos homens jovens de MT2 e MT5.

No dicionário Houaiss (2001), a variante *calcanhar* é definida como “parte posterior e arredondada do pé humano, cuja estrutura óssea é o calcâneo; talão”, enquanto Ferreira (2004) a define como “a parte posterior do pé, cuja estrutura óssea é formada pelo calcâneo; coice”. Já a variante lexical *garrão*, em Ferreira (2004), é marcada como um brasileirismo do Rio Grande do Sul: “jarrete do cavalo”. O Houaiss (2001) não traz essa palavra na nomenclatura do dicionário.

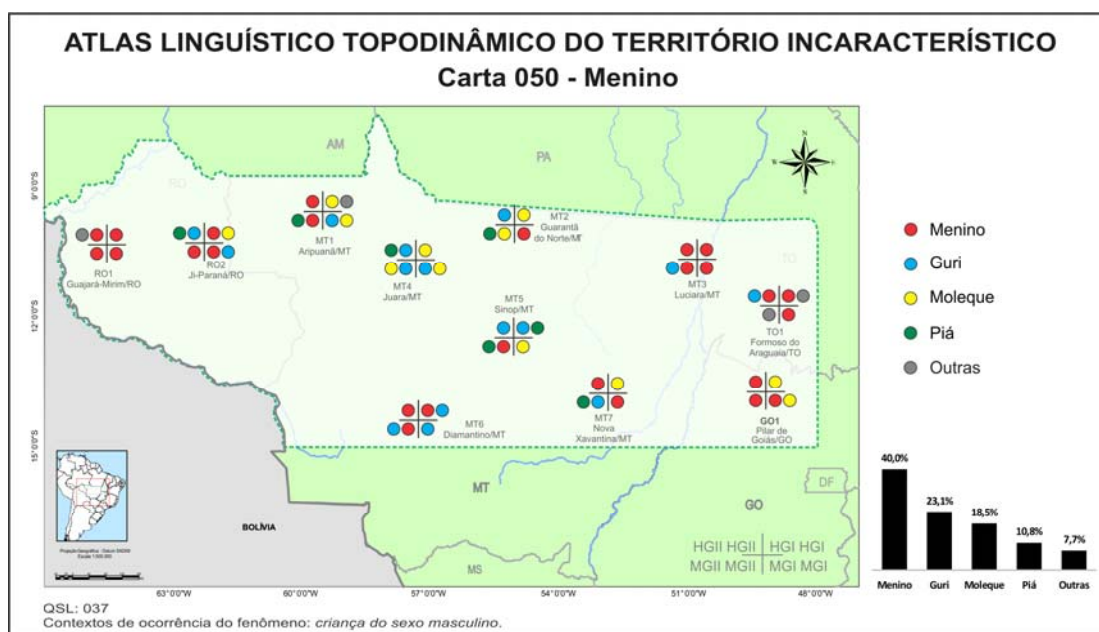
No ALERS, a variante *calcanhar* é a mais produtiva, seguida de *garrão*, sendo esta última, mais produtiva no Rio Grande do Sul e no sul de Santa Catarina.

#### 4.2.6 Ciclos da vida

Da subárea semântica *ciclos da vida* que deu origem às cartas 048 – *menstruação*; 049 - *dar à luz*; 050 – *menino* e 051 – *menina*, detivemo-nos na carta 050 – *menino* (figura 52), que registra o mapeamento das 65 ocorrências de designações para criança do sexo masculino, distribuídas da seguinte maneira: *menino* (40%), *guri* (23,1%), *moleque* (18,5%), *piá* (10,8%) e outras ocorrências (*rapazinho*, *garoto* e *carinha* (18,5%).

As formas mapeadas estão todas dicionarizadas. *Menino*, por exemplo, é definida por Ferreira (2004) como criança do sexo masculino e por Houaiss (2004) como “criança ou adolescente do sexo masculino; garoto, guri”. A variante *guri*, por sua vez, está definida como criança, em ambos os dicionários. Já *moleque* tem acepções de “menino novo, de raça negra ou mista, garoto de pouca idade, menino criado à solta, menino de rua, garoto travesso, entre outras” (HOUAISS, 2001); “negrinho, indivíduo sem palavra, ou sem gravidade, canalha, patife, velhaco, menino de pouca idade” (FERREIRA, 2004). A unidade lexical *piá*, por seu turno, é definida como “qualquer criança do sexo masculino, menino” (HOUAISS, 2001).

**Figura 52** - Carta linguística 050 do ALTTI – Variantes lexicais criança do sexo masculino



© Cuba (2015)

Nota-se, pelos dados da carta, que a variante sulista *guri* sinaliza os pontos com presença de variedade sulista mais ao centro, especialmente em Mato Grosso. MT4, MT5 e MT6 ainda mostram ocorrência de *guri* entre os jovens. No restante da área, *menino* ganha terreno e se impõe como forma dominante. A variante *piá* está presente nos pontos em que houve migração sulista, não tendo sido registrada nas laterais do mapa, onde não houve colonização nem migração sulista recente em grande escala.

No ALERS (cartas 270-271) são registradas as unidades lexicais *menino*, *guri* e *piá*, como as três maiores ocorrências de variantes para nomear o referente em causa. Outros trabalhos realizados com o *corpus* do ALiB<sup>79</sup>, atestam que *menino* é a norma em todas as localidades estudadas e que *guri* é a variante que está sendo disseminada por quase todo o País. Segundo Costa e Isquerdo (2014), a variante *guri*, outrora usada somente na Região Sul, está se difundindo pelo Centro-Oeste<sup>80</sup>.

A unidade lexical *guri*, apesar de se aproximar de *moleque* na terceira colocação em termos de produtividade geral, ocupa a segunda colocação nas Regiões Centro-Oeste (26%) e Sul (23,5%), registrando-se também com percentual considerável no Sudeste (8,6%) Região em que a segunda unidade lexical mais produtiva foi *moleque* (17,2%), produtividade essa altamente concentrada na capital de São Paulo, em que 07 dos 08 informantes mencionaram o item em questão (COSTA; ISQUERDO, 2014, p. 148).

Os dados de Pilar de Goiás corroboram, igualmente, a pesquisa de Romano e Seabra (2014) para essa variável, segundo a qual,

[...] no Centro-Oeste há diferenças linguísticas entre Mato Grosso do Sul e Mato Grosso em relação ao estado de Goiás. Nos dois primeiros, além da predominância da variante “menino”, há um índice considerável de registros da variante “guri”, típica da Região Sul, o que ressalta a semelhança desses estados em alguns aspectos com o Rio Grande do Sul devido a fluxos migratórios. Em Goiás, por sua vez, o índice de ocorrência da variante “guri” é menor, haja vista que esse estado recebeu influências também de outros grupos, além dos bandeirantes paulistas durante o seu processo de ocupação (ROMANO; SEABRA, 2014, p. 494).

Se por um lado, o uso das variantes *menino*, *guri* e *moleque* está em consonância com esses estudos, por outro, a variante *piá* que, segundo Romano e Seabra (2014), é a mais produtiva no Paraná, não teve, no território

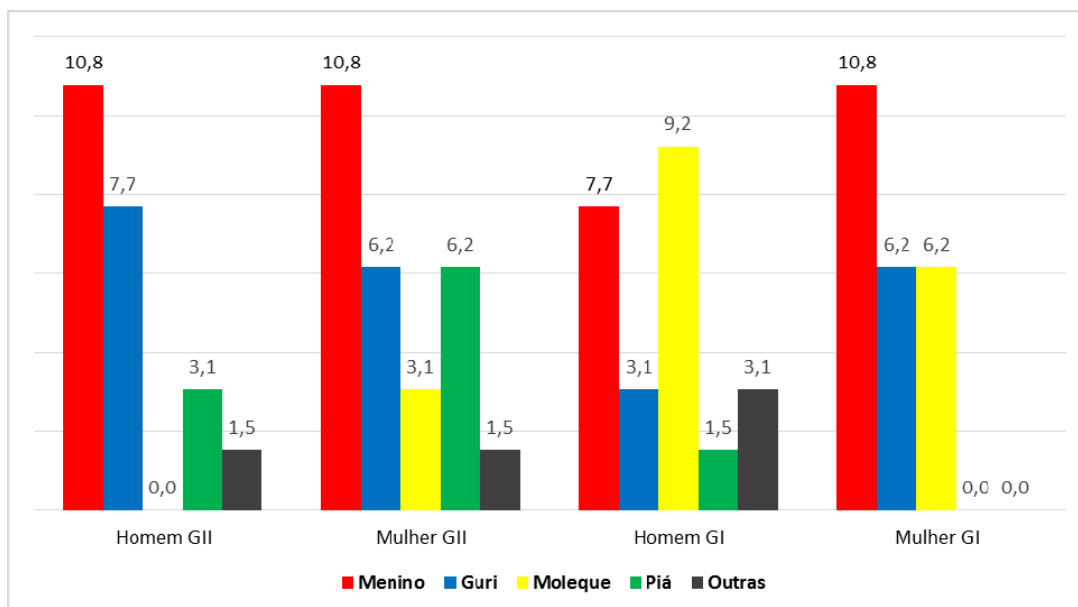
<sup>79</sup> A esse respeito, ver Costa e Isquerdo (2014) e Romano e Seabra (2014)

<sup>80</sup> As autoras, em estudo feito a partir dos dados do ALiB, para o nome que se dá à criança do sexo masculino, nas capitais do Brasil, verificam que o item lexical *menino* ocupa o primeiro lugar, no conjunto das capitais, *garoto* ocupa o segundo, seguido por *guri* e por *moleque*.

aqui investigado, o *status* esperado, em face da grande migração paranaense para essa área. A baixa produtividade dessa variante que concorre diretamente com *guri*, trazida pelo gaúcho, pode estar deliberando uma relação de prestígio/estigma existente entre essas variedades linguísticas, já que o gaúcho é quem trouxe o poder e a riqueza para essa Região e é visto, ainda hoje, como modelo de coragem e perseverança.

Com relação às dimensões sociais, nesta tese, a variante *menino* é fornecida pelos mais velhos e pela mulher jovem na mesma proporção, enquanto *guri* tem alta ocorrência entre os homens da faixa etária II e, em menor proporção, entre as mulheres da mesma faixa etária e as jovens. Já a unidade lexical *moleque*, apontado como sinônimo de travessura por Houaiss (2001), é a variante preferida pelos homens jovens e também a segunda mais colocada entre as mulheres jovens. Por fim, *piá* está em processo de substituição, pois ocorre na GII e só pontualmente na GI. Curiosamente, os homens da GI estão substituindo menino e, em parte, também, guri por moleque. O gráfico 8 permite visualizar essas ponderações.

**Gráfico 8** - Dimensões diageracional e diassexual das variantes para criança do sexo masculino no ALTTI



Fonte: Elaborado pela autora com base no *corpus* do ALTTI

A carta 051 – *menina* – tem mapeadas as seguintes variantes: *menina* (65,5%), *guria* (29,5%), *garota* (3,6%) e *mocinha* (1,8%), comprovando que a variante *guri/guria* se consolidou nessa área geográfica.

No que tange às outras duas cartas relacionadas ao campo semântico *ciclos da vida*, as formas consideradas padrão, como *menstruação* e *dar à luz*, são as mais registradas, seguidas de outras citadas em tom de humor, como *chico* (menstruação) e *pariu* (dar à luz). Para o sangue que as mulheres perdem todo mês, *regras* foi citada somente pelos informantes da geração II e *TPM*, variante inovadora, somente pelos jovens. A variante *chico* já está dicionarizada como menstruação em Houaiss (2001).

#### 4.2.7 Jogos e brincadeiras infantis

Aguilera (2007) afirma que o campo léxico dos jogos e brincadeiras infantis delinea-se como um *corpus* bastante produtivo que permite associar a linguagem de transmissão oral aos movimentos sociais. De fato, a esse campo pertencem as brincadeiras utilizadas desde a Antiguidade, cujos instrumentos são construídos com materiais (como pipa, estilingue, bolinha de vidro) ou com a imaginação e movimentos (cambalhota, pega-pega).

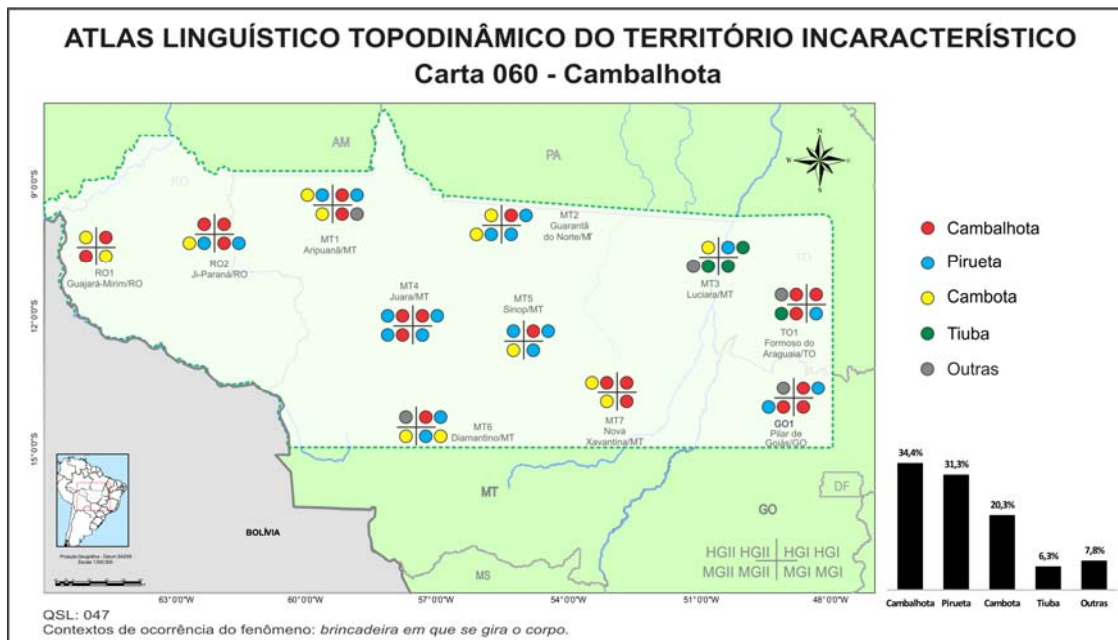
Ademais, essa área semântica, como envolve uma interação social ritualizada, é também bastante sólida e consolida uma forma local coletivamente negociada. Por esta razão, delimita muito bem as áreas diatópicas, sobretudo, em regiões mais antigas. Numa área de migração mais recente, pode-se esperar o contrário, pois a resistência desse léxico às mudanças e à variação também as blindam de um processo de convergência linguística ou coineização.

Para a elaboração das sete cartas pertencentes a esse campo semântico, foram tomadas as perguntas de 047 a 053 do QSL. Analisamos, neste tópico, as variantes para a carta 060 - brincadeira em que se gira o corpo e a carta 061 – bolinha de vidro que servem para brincar.

Para a carta 060 – brincadeira em que se gira o corpo (figura 53), a resposta mais frequente, em todas as localidades pesquisadas, foi a forma genérica *cambalhota* (34,4%), além de *pirueta* (31,3%), *cambota* (20,3%), *tiuba*

(6,3%) e *salto mortal*, *plantar bananeira* e *carambela* que somam 7,8% de produtividade.

Figura 53 - Carta linguística 060 do ALTTI – Variantes para *cambalhota*

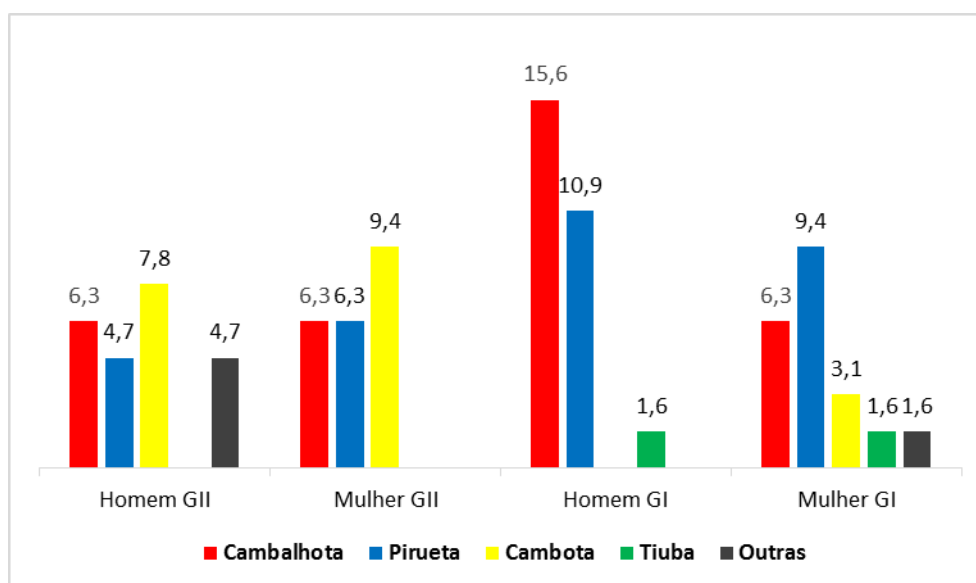


Segundo Houaiss (2001), *cambalhota* é um “movimento ou exercício em que se faz o corpo girar para frente ou para trás, com ou sem apoio em qualquer superfície, realizando uma revolução em que os pés passam por cima da cabeça e voltam a tocar o chão”. O autor registra, ainda, com a mesma acepção, as variantes *bagaço*, *cabriola* e *cambota*. Ferreira (2004) apresenta significado similar, destacando, ainda, *cambota*, *cabriola* e *catrâmbias*, a última delas não documentada por Houaiss (2002). A unidade lexical *tiuba* é dicionarizada por Ferreira (2004) como *bras*. *Cachaça*.

Outros trabalhos têm contemplado essa variável. A título de exemplificação, citamos alguns atlas: o ALiB (carta L17) apresenta *cambalhota*, *carambela/carambola* e *cambota*; o ALS (carta 105) documenta *maria canastra*, *bunda canastra* e *cambota*; o ALPR (carta 88) registra *cambota*, *pirueta* e *salto mortal*; o ALERS, o ALMS e o ALMESEMT não contemplam a variável. Além dos atlas, vários pesquisadores têm dedicado parte de dissertações, teses e artigos para discutir essa e outras variáveis do campo semântico das brincadeiras infantis.

Analisando-se as variáveis sociais contempladas, cambalhota e pirueta obtiveram no ALTTI o maior percentual entre os homens jovens. Os informantes da segunda faixa etária (masculinos e femininos) realizaram mais a forma cambota, enquanto tiuba foi mencionada somente pelos jovens. Essa variante<sup>81</sup> chamou-nos a atenção por não estar registrada em nenhum outro atlas linguístico, mas aparece em Gomes (2007, p.256), em Palestina-PA, em notas. O gráfico 9 apresenta um panorama da distribuição dessas variantes no ALTTI.

**Gráfico 9** - Distribuição diageracional e diassexual para *cambalhota* no ALTTI

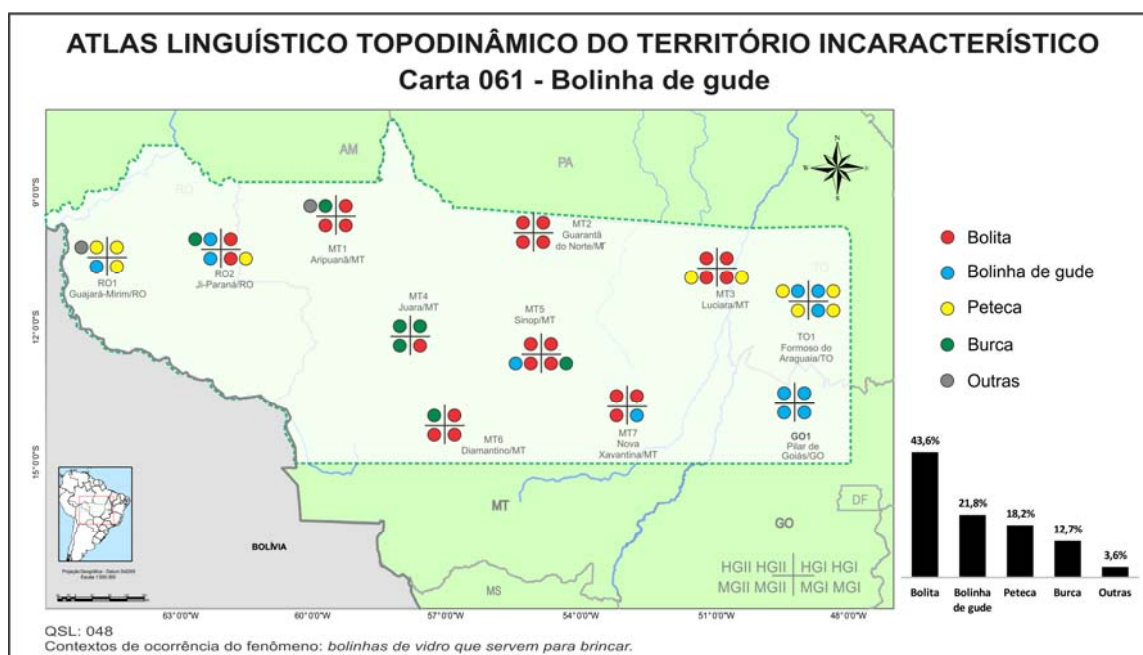


Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados do ALTTI

A carta 61 – bolinhas de vidro que servem para brincar (figura 54) registrou as seguintes variantes: *bolita* (43,6%), *bolinha de gude* (21,8%), *peteca* (18,2%), *burca* (12,7%) e *birosca* (3,6%).

<sup>81</sup> Tiúba, provavelmente, seja de origem indígena, posto que, em ambas as localidades em que foi documentada, há uma aldeia indígena (Karajá) muito próxima da via urbana.

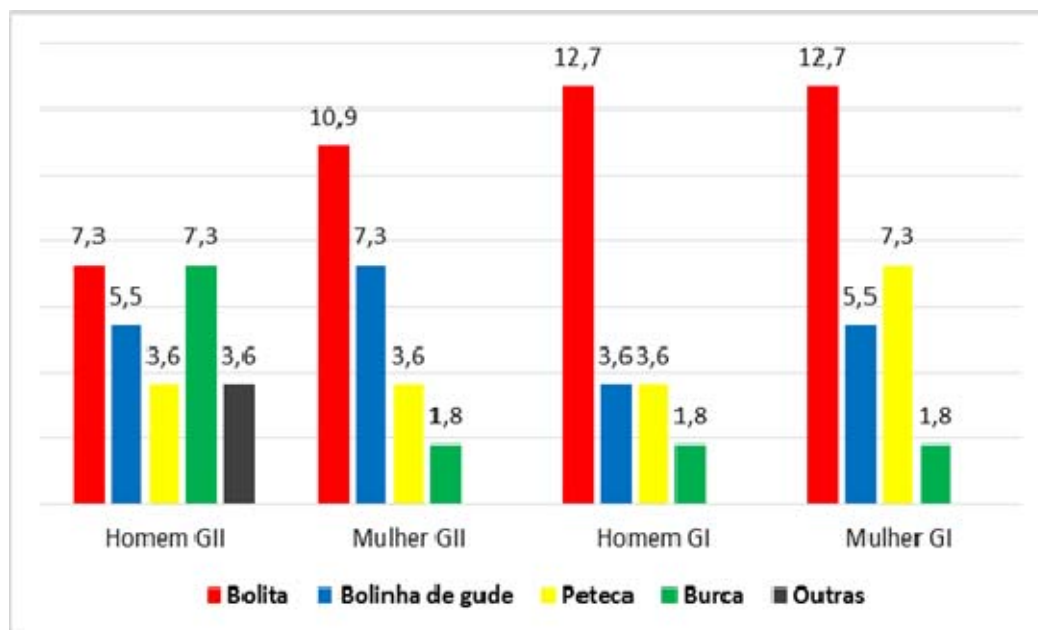
Figura 54 - Carta linguística 061 do ALTTI – Variantes para bolinhas de vidro



Mais uma vez, RO1, MT3 e TO1 se destacam pela produtividade em variantes mais nortistas, neste caso, a *peteca*. Verificamos a presença dessa variante no ALAM, como a mais produtiva dentre as demais documentadas para *bolinha de gude*; no ALiB (carta L18), ocupa o primeiro lugar, depois de *bola de gude/bolinha de gude*, representando as variantes de todo o Norte do País. O ALERS (carta 302) mapeou, para a mesma pergunta, primeiramente *bolita*, na Região Centro-oeste do Rio Grande do Sul, oeste de Santa Catarina e oeste do Paraná; em seguida *bolica*, em Santa Catarina e sul do Paraná; *burquinha* está distribuída ao norte do Paraná e no ALTTI está presente em MT4, o ponto com povoamento mais paranaense. No ALMESEMT (carta 109), a *bolita* foi preferência para 100% dos informantes e no ALMS (carta 0461.a) *bolita* foi citada por 66% dos informantes.

A análise diageracional e diassexual esclareceu que a *bolita* é a variante preferida pelos informantes de ambas as idades e ambos os sexos; a *bolinha de gude* se realiza mais entre as mulheres da segunda faixa etária e a *peteca* na fala da mulher jovem. O homem mais velho e a mulher jovem são os que conhecem mais variedades para o referente, fato justificado, talvez, pela mudança de hábitos na sociedade atual, que trocou as brincadeiras ao ar livre pelos jogos eletrônicos. O gráfico 10 nos permite visualizar essas diferenças.

**Gráfico 10** - Distribuição diageracional e diassexual das variantes para *bolinhas de vidro*

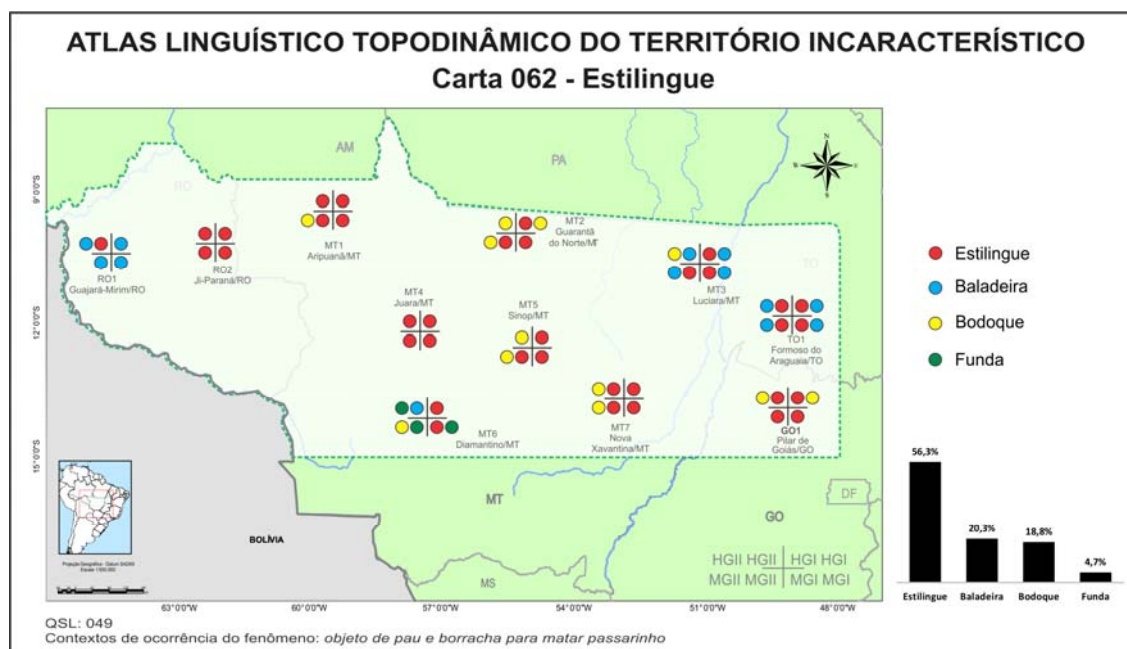


Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados do ALTTI

A pesquisa em dicionários revelou que a variante *gude* é registrada como entrada de verbete em Houaiss (2001) que a define como um “jogo infantil com bolinhas de vidro que, num percurso de ida e volta, devem entrar em três buracos dispostos em linha reta, saindo vencedora a criança que chegar primeiro ao buraco inicial” e indica derivações por metonímia (bolinha usada nesse jogo) e por analogia (qualquer outro jogo infantil com bolinhas de vidro). As variantes registradas no mesmo dicionário são: “*belindre, berlinde, biloca, bilosca, biosca, bolita, búraca, búrica, bute, peteca, piroasca e ximbra*”. Ferreira (2004) acrescenta *baleba, cabiçulinha* e *firo*, para o português do Brasil, e ainda *berlinde* e *bute* para o português europeu.

Para a carta 062 (figura 55), registramos *estilingue* (56,3%), *baladeira* (20,3%), *bodoque* (18,8%) e *funda* (4,7%). No ALPR (carta 86) documentam-se *estilingue, setra, bodoque* e *funda*.

Figura 55 - Carta linguística 061 do ALTTI – Variantes para estilingue



Neste estudo, *estilingue* se propaga por toda a área pesquisada. Em RO2 e MT4, essa variante foi registrada na fala de todos os informantes. *Baladeira*, por sua vez, foi documentada em RO1, MT3, MT6 e TO1, isto é, nas extremidades do território pesquisado. *Bodoque* centrou-se em MT2, MT5 (tipicamente gaúcha), GO1e em algumas outras localidades, na fala do informante 2. Houve, ainda, três ocorrências para *funda*, em Diamantino/MT, na fala das mulheres e do homem da geração II. Para essa variável, a dimensão diasssexual não foi relevante. Com relação à idade, nota-se que a variante *bodoque* se realiza mais na fala dos mais velhos.

No ALS II registram-se (carta 95) *badoque*, *baladeira*, *funda*, *peteca* e *besta*; já no ALERS, a primeira colocada é a variante *bodoque*, seguida de *funda*, *estilingue* e *setra*; o ALAM registrou *baladeira*, *estilingue* e *balador* e 0 ALiB (carta L19) também registra a variante *estilingue* como a mais produtiva, seguida de *baladeira*, *atiradeira*, *badogue* e *funda*. O ALiB registra, para as capitais dos Estados<sup>82</sup> contemplados neste estudo: *baladeira* e *estilingue* em Porto Velho-RO, *funda* e *estilingue* em Cuiabá, e *estilingue* em Goiânia.

<sup>82</sup> Ressalta-se que Tocantins não foi contemplado nas cartas referentes aos dados das capitais do ALiB por ser de recente povoamento, não sendo possível a pesquisa topostática com informantes da segunda faixa etária.

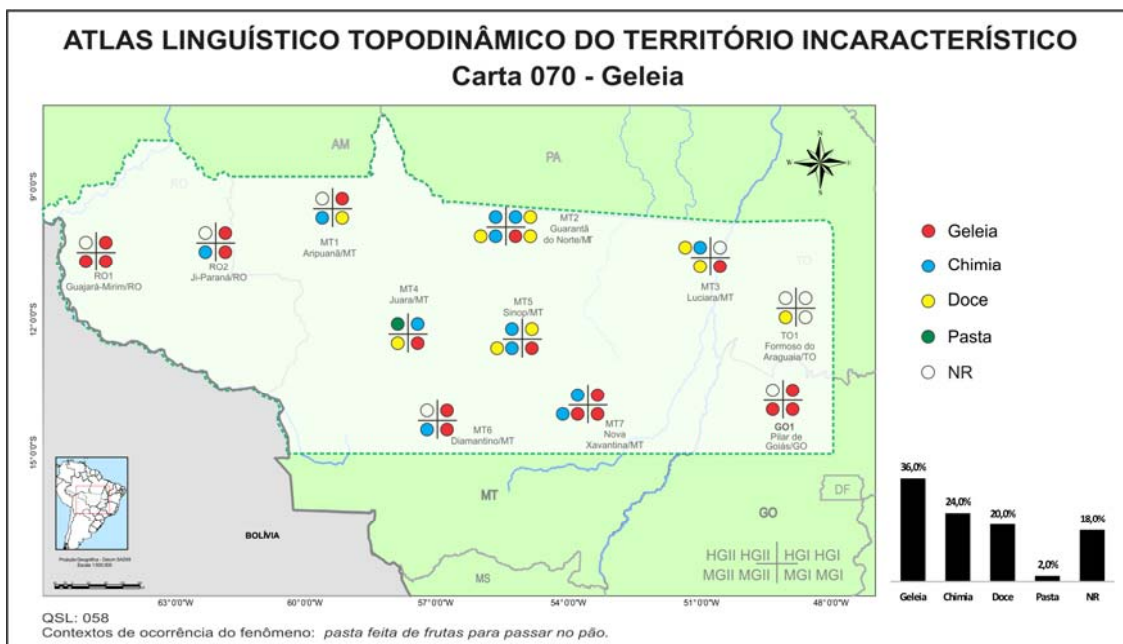
A carta 063, referente à *pipa/papagaio*, obteve a seguinte produtividade: *pipa* (63,3%), *papagaio* (25%), *pandorga* (6,7%), NR (1,7%) e *raia* e *curica* (3,3%). Enquanto *pipa* e *papagaio* se distribuem por toda a área estudada e todos os perfis de informantes, *pandorga* se restringe a Diamantino-MT (mulher GII), a Luciara-MT (homem GII) e a Nova Xavantina-MT (homem e mulher GII). Consultando outros trabalhos, verificamos que no EALMG (carta 41) a designação mais frequente é *papagaio*, seguido de *pipa* e de *arraia*. No ALPR (carta 87), *papagaio* também é predominante, seguido de *pipa*, de *pandorga* e de *raia*. No ALERS (carta 304) registram-se *pandorga*, *pipa* e *papagaio*. No ALMESEMT (carta 112) foi documentada *pipa*, seguida de *papagaio* e *pandorga* e no ALMS, *pipa*, *pandorga* e *papagaio*.

Para *cabra-cega* (carta 64), *amarelinha* (carta 65) e *pega-pega* (carta 66), as variantes mais produtivas foram *cabra-cega*, *amarelinha* e *pega-pega*, respectivamente.

#### 4.2.8 Alimentação e cozinha

O campo semântico *alimentação e cozinha* neste trabalho se forma com as cartas 069 – *café da manhã*; 070 – *geleia*; 071- *curau*; 072 – *canjica*; 073 – *guloso*; 074 – *bala*; 075 – *pão francês* e 076 – *pão bengala*. Dessas cartas, comentamos, neste item, a de número 070 – *geleia* (figura 56), por trazer, dentre suas variantes, uma marca dialetal, a *chimia*.

Figura 56 - Carta linguística 070 do ALTTI – Variantes para *geleia*

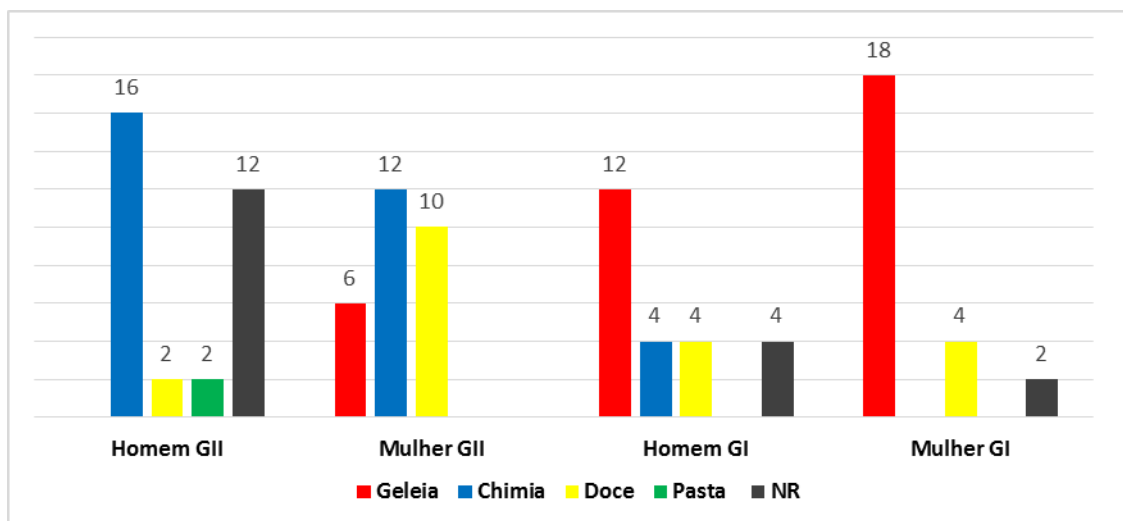


Para essa variável, foram mapeadas as variantes *geleia* (36%), *chimia* (24%), *doce* (20%), *pasta* (2%) e NR (18%).

Diatopicamente, a variante *chimia*, mais sulista, confirma-se nos pontos MT de participação desse grupo migrante. Porém, a comparação diageracional aponta para uma mudança em progresso de sua substituição por uma variante concorrente (em especial, *geleia*, nos pontos mais ao Sul e, em segundo plano, *doce*). Curiosamente, em MT2 e MT4 se mantém, inclusive, entre os homens jovens.

Nota-se, entretanto, que a variante *geleia*, em progressão, foi a mais produtiva nas respostas dos jovens, enquanto *chimia* e *doce* estão sendo realizados em maior percentual entre os mais velhos. A dimensão sexual não foi relevante, visto haver equilíbrio entre homens e mulheres, com relação às variantes mencionadas. São apresentadas, em percentual, no gráfico 11, a distribuição das variantes segundo as dimensões diageracional e diassexual para essa variável.

**Gráfico 11** - Distribuição diageracional e diasssexual das variantes mapeadas para *geleia* (%) no ALTTI



**Fonte:** Elaborado pela autora com base no ALTTI

Ressalta-se que os dicionários consultados trazem as seguintes acepções para *geleia*: “alimento preparado com frutas cozidas em açúcar, e que, ao esfriar, toma consistência gelatinosa” (HOUAISS, 2001) e “preparado culinário de consistência pastosa, feito especialmente, de frutas cozidas em calda de açúcar” (FERREIRA, 2004). *Chimia* não está dicionarizada.

Dos atlas consultados, somente o ALERS documenta essa variável lexical, na carta 357. Essa carta apresenta como primeira variante *chimia*, seguida de *schmier* (a variante em alemão), *doce*, *mousse*, *geleia* e *marmelada*. A variante *chimia* ocupa, no ALERS, o Rio Grande do Sul e o oeste de Santa Catarina e do Paraná. *Doce* está registrado em todo o norte do Paraná e *musse* e *geleia* no leste e no norte de Santa Catarina. Yida (2012, p. 275) afirma que, para a pergunta que se refere a essa variável, o ALiB documentou como forma mais produtiva a variante *geleia* em quase todas as capitais brasileiras<sup>83</sup>. Segundo a autora, a variante *chimia*, hegemônica entre informantes de baixa escolaridade de Porto Alegre, alterna com *geleia*, entre informantes de nível superior. Em Florianópolis foi registrado *musse*; em Curitiba *melado*; em Macapá, Rio Branco e Maceió, os informantes responderam *creme*.

<sup>83</sup> Essa variável não foi contemplada no primeiro volume do ALiB, publicado em 2014.

As outras cartas relacionadas a esse campo semântico também revelam particularidades da Região. A carta 069 – café da manhã –, por exemplo, registra *café da manhã* em quase toda a área, exceto em MT3 e em TO1, onde se mapeou *merenda* e em GO1, na qual se registrou *desjejum*, forma mencionada pela mulher da geração II.

A carta 071 – *curau* – revela, mais uma vez, que as cidades consideradas modernas, como Guarantã do Norte – MT2, Juara – MT4 e Sinop – MT5, tendem a usar a mesma variante (*curau*), enquanto em cidades mais afastadas como Guajará-Mirim – RO1, Luciara – MT3 e Formoso do Araguaia – TO1 costumam usar variantes mais conservadoras (*mingau de milho*, *canjica*, *angu*).

A carta 072 – *canjica* – contém a variante *mingau de milho* e *munguzá* (variante nordestina) em RO1 e em MT1 e *canjica* no restante da área estudada.

A carta 073 – *guloso* – foi bastante produtiva (*guloso*, *comilão*, *esfomeado*, *morto de fome* etc.). Essas variantes se espalham homoganeamente pelo território estudado.

A carta 074 – *bala* –, por sua vez, registrou a variante mais disseminada – *bala* – em todas as localidades, com acréscimo de *caramelo* na fala das mulheres da segunda geração de MT2, MT5 e MT6, em cuja cidade também se documentou *confeito*.

As cartas 075 e 076, referentes a pão, tiveram maior percentual de respostas *pão francês* e *bengala*, respectivamente.

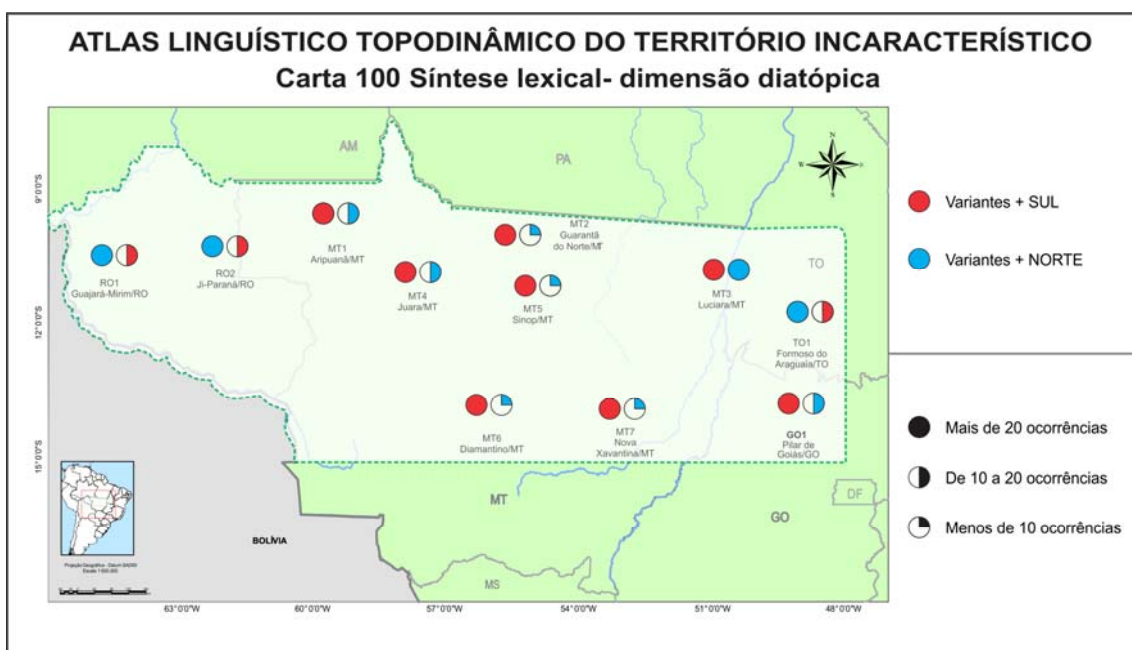
Em relação a esse campo semântico, verifica-se que o vocabulário da alimentação está intrinsecamente relacionado ao universo social do informante, confirmando as palavras de Diegues Jr (1980, p. 182), quando destaca que a regionalização da linguagem no Brasil é formada a partir da diversidade econômica, da exploração regional e de elementos étnicos. No caso da *geleia*, a grande abstenção de respostas pode ser justificada pela baixa produção de frutas na Região, o que encarece e dificulta a fabricação do produto. Da mesma forma, as pessoas do interior, sobretudo, em cidades pequenas, como são as da pesquisa em tela, costumam fazer seus pães em casa; logo, muitos não conhecem nomes para pães fabricados em padaria.

As variantes semântico-lexicais selecionadas para a descrição e análise representam apenas um recorte dos dados documentados. Os campos semânticos *convívio e comportamento social, religião e crenças, habitação, vestuário e acessórios e vida urbana*, estão mapeados e compõem o atlas linguístico apresentado no volume II desta tese; porém, não foram alvo de discussão neste capítulo por não apresentarem significativas variações diatópicas.

#### 4.2.9 Síntese da análise lexical

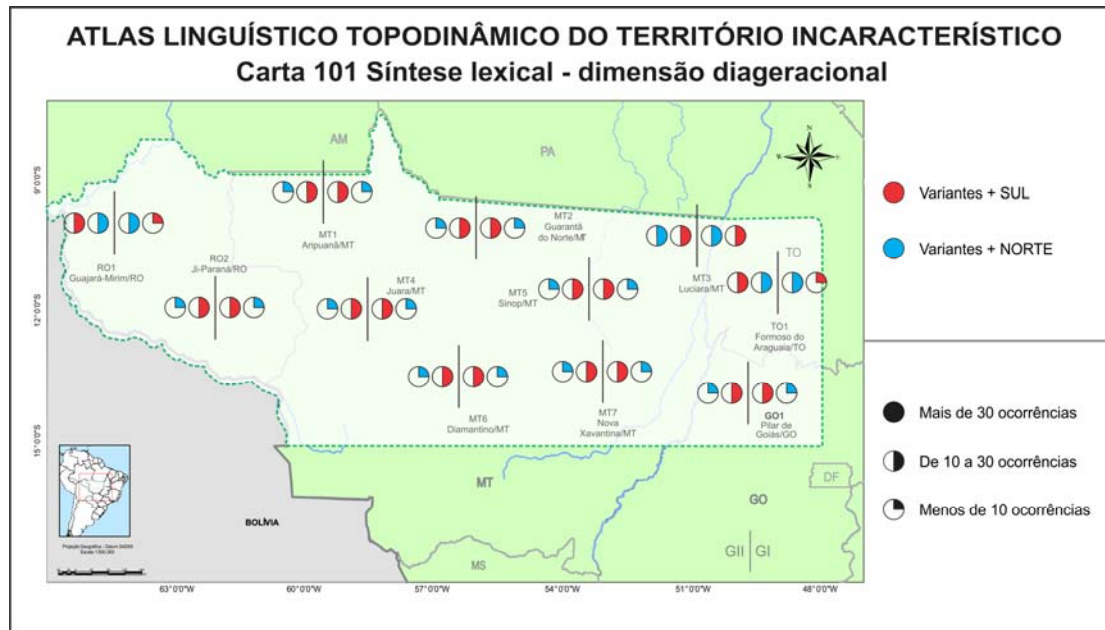
É possível afirmar, conforme ilustra a figura 57, que em áreas mais isoladas, que mantêm certo nível de ruralidade, como, por exemplo, RO1, MT3 e TO1, cujas populações têm pouco contato com os processos de urbanização regional, predominam as variantes mais nortistas, herança dos primeiros grupos que povoaram a Região. Já em localidades mais urbanizadas e de maior acesso às vias de comunicação, como RO2, MT2, MT4, MT5, MT6 e MT7 percebe-se a manutenção das variantes sulistas, sobretudo, as paranaenses e gaúchas.

**Figura 57** – Carta 100 - síntese lexical – Dimensão diatópica



As dimensões diageracional e diassexual não foram relevantes para mostrar as marcas mais Norte e mais Sul, como confirmam as figuras 58 e 59, visto que ambas as gerações e ambos os sexos mantêm, na mesma medida, as variantes trazidas por eles ou por seus pais.

**Figura 58** – Carta 101 - síntese lexical – Dimensão diageracional



**Figura 59** - Carta síntese lexical – Dimensão diassexual



### 4.3 Variáveis morfossintáticas

As regras apresentadas nas gramáticas normativas nem sempre suprem as demandas da língua portuguesa falada no Brasil. A sociedade vai criando suas normas a partir do que é produzido em seu meio, sem estigmatizá-las nem impô-las.

Coseriu (1982, p. 122) argumenta que “a língua nunca está pronta. Ela é sempre algo a refazer. A cada geração, ou mesmo em cada situação de fala, cada falante recria a língua”. Dessa forma, ela abriga conservadorismos e inovações: o que ontem era a regra, hoje pode ser a exceção e, assim, a língua vai seguindo seu curso e sendo difundida pelos falantes de uma comunidade linguística. Assim aconteceu com o pronome de tratamento *você* em oposição a *tu*, *nós/gente*, *teu/seu*, *conosco/com a gente*, *menos/menas* etc.

O volume de cartas desta tese contém 12 cartas morfossintáticas<sup>84</sup>, dentre as quais nos detivemos, para esta análise, a duas: i) carta 092 - pronomes pessoais – sujeito – *tu/você*; ii) carta 096 - pronomes indefinidos – *menos/menas*.

#### 4.3.1 Pronome *tu/você* – sujeito

De modo geral, as gramáticas normativas brasileiras registram o pronome *tu* como pronome pessoal do caso reto de segunda pessoa do singular e *você* como forma de tratamento.

Cunha e Cintra (2001, p. 292) esclarecem que o pronome *tu*, em Portugal, era empregado como forma própria de intimidade e contemporaneamente passou a ser usado também nas relações de amizade, de trabalho etc., e que, no Brasil, ele foi substituído por *você* nas relações de intimidade e de tratamento de igualdade ou superior para inferior. Esses autores concordam que, no português do Brasil, o uso de *tu* “restringe-se ao extremo Sul do País e a alguns pontos da Região Norte, ainda não suficientemente delimitados” (CUNHA; CINTRA, 2001, p. 292).

---

<sup>84</sup> Conforme metodologia explicitada no capítulo 3, no item - apresentação cartográfica.

No Brasil, muitos trabalhos têm analisado o emprego dos pronomes pessoais *tu/você*. A título de exemplificação, citamos Soares (1980), Freitas e Silva (1986), Ramos (1997), Mendes (1998), Lucca (2005), Dias (2007), Cardoso (2008), dentre outros. Além desses, ressaltam-se, aqui, os Projetos NURC e VARSUL, além dos atlas linguísticos produzidos no País, com destaque para o ALiB (2014) que documenta, nas capitais, um alto percentual de *você*, apesar de a variante *tu* estar presente na fala de alguns informantes em quase todo o *corpus*.

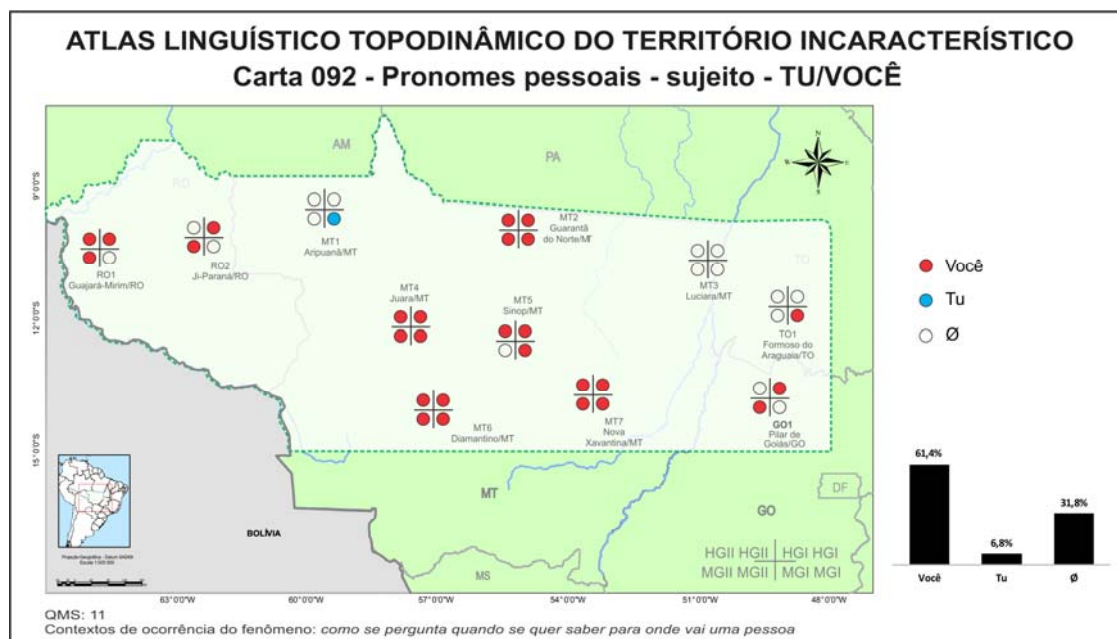
Segundo Monteiro (1994, p.153), o Projeto NURC documentou que o *tu* se mantém na fala dos informantes cultos de Porto Alegre, mesmo com o verbo na 3ª pessoa. A autora postula que esse paradigma verbal que se verifica em todo o português do Brasil teria acarretado um retrocesso no emprego da forma canônica de 2ª pessoa. As pesquisas empreendidas com vários *corpora* da Região Sul e do próprio Projeto VARSUL vêm confirmando os resultados dos trabalhos feitos com base no NURC a respeito do uso desse pronome.

Cardoso (2008), utilizando o *corpus* do ALiB, estudou o uso de *tu* e *você* em seis capitais do Nordeste (Aracaju, João Pessoa, Maceió, Recife, Salvador e Teresina) e duas do Sudeste (Rio de Janeiro e São Paulo) e constatou que a variante *você* predomina em todas as capitais analisadas. No Nordeste, observa-se o uso exclusivo do *você* na amostra de Salvador semelhante às duas capitais do Sudeste. Em Teresina e Recife, destaca-se a baixa frequência do *tu*.

Alves (2012, p. 21) esclarece que o projeto Atlas Linguístico do Maranhão – ALiMA apresenta uma alternância entre o *tu* e o *você*, sendo esta última a forma mais utilizada pelos falantes para representar a segunda pessoa do singular.

Neste trabalho, a carta 092 (figura 60) documentou 27 ocorrências para *você*, 03 para *tu* e 14 ocorrências de *pronome oculto* perfazendo, respectivamente, o percentual de 61,4%, 6,8% e (31,8%).

Figura 60 - Carta linguística 092 do ALTTI – Variantes para tu/você



Nossa hipótese inicial era a de que o uso do pronome *tu* ultrapassaria o de *você* na área investigada, em virtude do grande número de gaúchos e maranhenses que se instalaram na Região motivados por vários fluxos migratórios. Entretanto, os dados apresentam uma maior difusão do *você* em relação ao *tu*.

Ressalta-se, ainda, o fato de os informantes ocultarem o sujeito para se referirem ao outro, preferindo iniciar a resposta com o verbo, na maioria das vezes, concordando com a terceira pessoa, conforme os exemplos:

INF.- *Vai pra onde?*

INF.- *Oh amigão, tá indo pra onde? Ah vou pro sul.*

INF.- *Vai viajá pra onde?*

INF.- *Tá viajando pra onde?*

Ante o exposto, vale salientar que o parâmetro grau de escolaridade, da dimensão diastrática, não contemplado na pesquisa, pode ser o influenciador do uso de uma ou de outra variante.

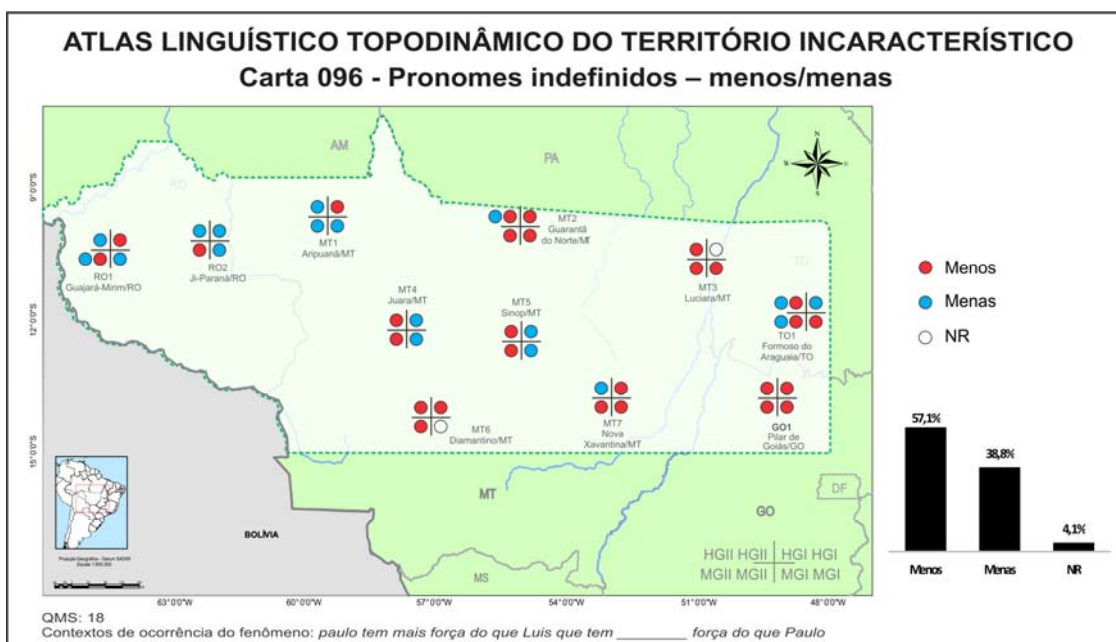
#### 4.3.2 Pronomes indefinidos Menos/Menas

Houaiss (2001) e Ferreira (2004) definem a palavra *menos* como: i) advérbio (quando expressa intensidade), ii) pronome indefinido (quando expressa número ou quantidade), iii) substantivo masculino (quando expressa algo que tem menor importância), iv) preposição (quando equivale a exceto, salvo). Já a maioria das gramáticas tratam a palavra *menos* como advérbio de intensidade.

Dentre as gramáticas da língua portuguesa, Cunha e Cintra (2001 [1970]) e Nicola e Infante (1997) incluem essa unidade lexical na classe dos advérbios de intensidade. Já na gramática de Neves (2000) *menos* está inserido na classe de pronomes adjetivos. Vemos, pois, que, dentre a maioria dos gramáticos, é consenso a classificação da forma *menos* como advérbio.

A carta 096 – Pronomes indefinidos – menos/menas (figura 61) foi elaborada a partir das respostas para a pergunta 18 do QMS: *Paulo tem muita força e Luís pouca força. Podemos dizer: Paulo tem mais força do que Luís que tem \_\_\_\_\_ força que Paulo.* No cômputo geral das respostas, foram documentadas 49 ocorrências, sendo 57,1% de *menos* e 38,8% de *menas*. Para essa pergunta houve e 4,1% de NR.

**Figura 61** - Carta linguística 096 do ALTTI – Variantes para menos/menas

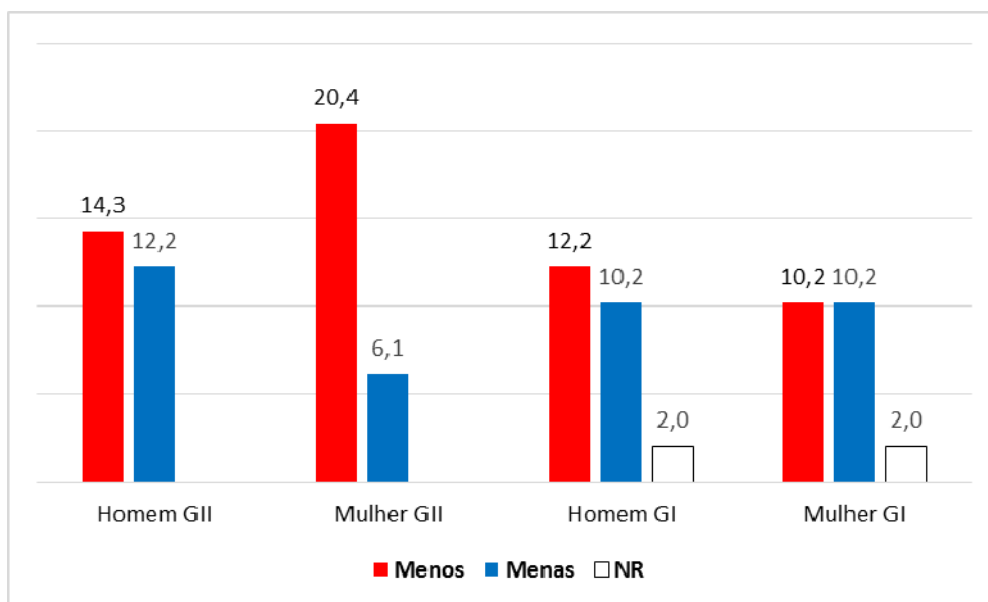


Com exceção dos pontos MT3, GO1 e, de certo modo, MT2 e MT7, observa-se um avanço de *menas* na GI, especialmente nos pontos sulistas MT1, MT4, MT5 e RO2.

Em artigo, elaborado com o *corpus* do ALiB, sobre o uso do *menos/menas* nas capitais do País, Aguilera e Romano (2012) registram que a variante *menos* predomina nas regiões Sul, Sudeste e Nordeste, ao passo que *menas* foi mais produtiva nas regiões Centro-Oeste e Norte. Logo, o fenômeno registrado nas localidades de Diamantino/MT e de Pilar de Goiás/GO tende a contrariar os resultados obtidos a partir de dados das capitais. Deve-se considerar, também, que o conservadorismo típico das localidades mais antigas pode influenciar o uso da variante aprendida na escola, no caso a variante *menos*.

A dimensão diageracional destaca que, surpreendentemente, entre os falantes da segunda faixa etária predomina a variante *menos*. Havia a expectativa de que os jovens utilizassem a norma padrão, posto que a maioria terminou o Ensino Médio recentemente e tem mais contato com a gramática normativa, tanto nas relações humanas quanto nos processos de aquisição de conhecimento. Os mais velhos, por sua vez, embora possuam o mesmo nível de escolaridade dos jovens no universo desta pesquisa, deixaram os bancos escolares há mais tempo. Além disso, sabe-se que, com o aumento da idade, os relacionamentos sociais diminuem, muitas vezes isolando as pessoas mais velhas das possibilidades de aprendizagem continuada.

Da mesma forma, percebe-se que as mulheres da geração II utilizam com maior frequência a forma padrão *menos*. Labov (1976, p. 301-304) e Chambers e Trudgill (1994, p. 97-98) afirmam que as mulheres utilizam menos variantes estigmatizadas do que os homens do mesmo grupo social e sob as mesmas circunstâncias; fazem maior uso de variantes de prestígio do que os homens e se adaptam melhor linguisticamente do que os homens a uma variada gama de situações sociolinguísticas. Essa variação é visualizada no gráfico 12.

**Gráfico 12** – Distribuição diageracional e diasssexual de menos/menas no ALTTI (%)

**Fonte:** Elaborado pela autora com base nos dados do ALTTI

Quanto às outras cartas morfossintáticas, embora não tenham sido aqui exploradas, apontamos algumas particularidades nelas evidenciadas.

A carta 085 (artigo diante de nome próprio), por exemplo, revela que 71% dos informantes mencionam o artigo antes de nome próprio e 23% não mencionam.

Essa produtividade ocorre de maneira homogênea em todos os pontos da rede, exceto em RO1 onde não houve ausência de artigo. Nota-se também que a ocorrência do artigo antes do nome próprio independe de fatores sociais.

A carta 086 (gênero do substantivo) mostra que 50% dos informantes usam o artigo antes de *alface*, de *cal* e de *guaraná* no masculino, 12% no feminino e 37% não souberam responder às perguntas (não tomam guaraná, não sabem usar cal). O contexto de ocorrência do fenômeno é representativo para essa variação, pois para se referir à *alface* houve maior realização da forma considerada padrão (a *alface*), enquanto em *cal* e em *guaraná* ficou evidente a predominância da norma não-padrão, isto é, o uso do artigo masculino (o *cal*, o *guaraná*).

As cartas de número 087 a 090 mapeiam o gênero do substantivo para *alemão*, *chefe*, *ladrão* e *presidente*. Nota-se que a flexão de gênero para *presidenta* já coocorre com a norma padrão *presidente*. Sabe-se que a mídia, a

própria presidente e sua equipe utilizam a variante presidenta. A história da língua decidirá se essa variante se fixará ou não.

O pronome *mim*, na carta 091, no contexto *Alguém pede para você /o (a) senhor (a) fazer uma tarefa. Mas outra pessoa acha que a tarefa era pra ela. Então você /o (a) senhor (a) diz: essa tarefa, na verdade, é para \_\_\_ eu fazer. [Vamos supor que você /o (a) senhor (a) precisa distribuir três tarefas por três pessoas. Por exemplo: a limpeza para alguém fazer, a roupa é para outra pessoa lavar e a terceira tarefa [...] é para você]. Como você /o (a) senhor (a) diria?* está em 74% das ocorrências, enquanto *eu*, a forma culta, aparece em 23%.

Outra característica do comportamento dos informantes é a grande abstenção de respostas. Sabendo que as perguntas testam a sua gramática pessoal, e talvez por não ter certeza de estar “correta” a sua maneira de falar, o informante prefere não se manifestar, abstendo-se de responder a pergunta. Assim, às vezes, diz não conhecer a resposta, outras vezes, fica calado.

Realizadas essas observações pontuais acerca dos dados registrados nas cartas morfossintáticas, foi possível verificar que as variações linguísticas em curso ocorrem em decorrência da necessidade de inovação da linguagem e podem acarretar a mudança linguística. Diversos fatores podem estar envolvidos nesse processo, entretanto, o mais provável é que a escola e os meios de comunicação em massa sejam os grandes responsáveis por essas transformações.

#### 4.4 A qual variedade se assemelha este território?

A partir das análises e da representação cartográfica dos dados, aliadas às hipóteses estabelecidas para o estudo, podemos destacar algumas considerações gerais:

- a) A dimensão diatópica, representada no gráfico 13, aponta para uma tendência à variedade mais sulista, na maioria das localidades pesquisadas, exceto nos pontos nortistas e mais laterais RO1 e TO1. Alguns fatores socioeconômicos que propiciaram a constituição das localidades envolvidas, a construção de rodovias e aproximação dos grandes centros, foram determinantes para a configuração do português falado no “território

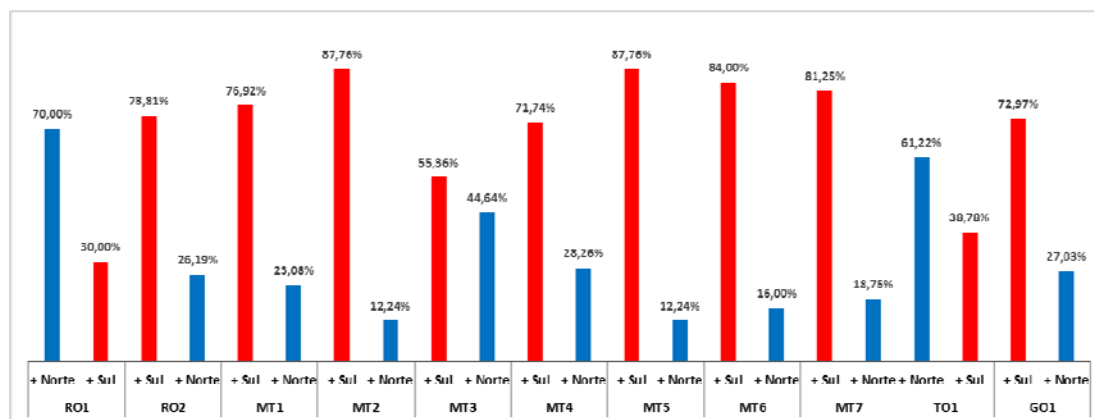
incharacterístico” (NASCENTES, 1953). Somam-se a isso fatores que atestam as palavras de Cunha (1985, p.17):

O Brasil foi, no decurso de mais de três séculos, um vasto país rural. Suas cidades e vilas, quase todas costeiras, de pequena densidade demográfica e desprovidas de centros culturais importantes, nenhuma influência exerciam nas longínquas e espanejadas povoações do interior.

Guajará-Mirim/RO (RO1), por exemplo, após o encerramento das atividades de construção e a posterior desativação da Estrada de Ferro Madeira Mamoré – EFMM – ficou à mercê do comércio da Bolívia; Luciara/MT (MT3) tem sua economia voltada para a agricultura familiar e Formoso do Araguaia/TO (TO1) foi, por muito tempo, o grande sertão de Goiás.

No caso de TO1, é preciso considerar que seus primeiros colonizadores vieram do Maranhão e de Goiás, fator que pode explicar as variantes fonéticas, sobremaneira, as fricativas, e a realização de variantes como *igarapé*, *peteca*, *cambito*, *tiuba*, consideradas nortistas. Outros pontos, como, MT2, MT4 e MT5 que foram colonizados por sulistas, apresentam características típicas das raízes de seus colonizadores em *chimia*, *garrão* e *sanga*.

A apreciação dos dados aponta para uma tendência de um falar mais sulista (paranaense, catarinense e rio-grandense) na parte central do espaço pesquisado e nas proximidades das rodovias BR 163 e BR 364, enquanto em localidades mais afastadas, a variedade linguística tende à amazônica. Da mesma maneira, os pontos periféricos ou laterais como RO1, RO2 e TO1, que ainda abrigam muitos migrantes nortistas e nordestinos possuem características linguísticas mais nortistas, enquanto o centro do território, cujo povoamento é mais sulista, retrata mais a variedade trazida por esses migrantes.

**Gráfico 13:** Distribuição diatópica das variantes mais Sul e mais Norte no ALTTI

Fonte: elaborado pela autora com base na carta 100 do ALTTI

b) A dimensão diageracional assinala uma possível mudança em curso de algumas variantes. Por um lado, os jovens preferem as variantes usadas pelos seus grupos, como se pôde observar em *tufão* (variante trazida pela mídia para designar o marido enganado); *chico* (para menstruação); *fumaça* (para mancha na parede acima do fogão à lenha) ou a grande quantidade de não-respostas para as perguntas vinculadas ao campo dos jogos e brincadeiras infantis. Por outro lado, os falantes da segunda faixa etária, vindos de outros lugares do País, preservam a variedade trazida de seus lugares de origem. Essa hipótese fundamentou-se nos postulados de Naro (2003, p. 47) para quem, com a aposentadoria, o indivíduo relaxa o monitoramento sobre seu comportamento linguístico, fazendo com que se aproxime do nível de uso das variantes linguísticas que tinha na juventude, antes de fazer o movimento em direção ao mercado de trabalho. Como exemplo, citamos as variantes *pinguela* (carta 002) e *picumã* (carta 067).

c) A dimensão diasssexual comprovou que as mulheres são mais conservadoras com relação a algumas variantes, como, por exemplo, *prostituta* (para mulher que vende o corpo). Além disso, elas são responsáveis pela apropriação da variante falada no lugar de destino. Isso ocorre, geralmente, porque elas são mais suscetíveis à inovação linguística do que os homens, sobretudo, com relação às variantes de prestígio (LABOV, 1976, p. 184). Esse fato se observa em, RO2, MT2, MT5 e MT6, nos quais os homens são os conservadores das variantes de origem.

Em suma, inferimos que à sombra da história que permeou esse espaço geográfico por mais de um século, esse território já não é incharacterístico, mas guarda em si as propriedades multifacetárias de uma realidade linguística que não pode mais ser ignorada. O garimpo, a extração de borracha, de madeira, as construções que levariam ao progresso, os projetos de povoamento da região, o domínio das fronteiras agrícolas e o avanço da tecnologia no campo fizeram com se criasse um novo desenho linguístico nesse espaço geográfico.

É preciso considerar, ainda, que se trata de espaços de ocupação recente em que as variantes e variedades da matriz de origem dos migrantes coocorrem e concorrem lado a lado. Sequer há uma GII nascido no lugar; ou seja, é preciso aguardar a próxima geração ou até mais duas gerações, para que o processo de coineização, de normalização de uma variedade de comunicação comum se estabilize.

Fenômenos semelhantes e comuns em situações de contato intervareial é observado com a coine hunsriqueana, entre migrantes alemães no RS, e vêneto-riograndense, entre imigrantes italianos<sup>85</sup>.

---

<sup>85</sup> A esse respeito ver Altenhofen (2014) e Figueiredo (2014).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo principal deste trabalho foi construir um atlas linguístico que permitisse a verificação de possíveis influências linguísticas deixadas no “território incaracterístico” por populações que ali se fixaram, cuja particularidade são as migrações e os contatos intervaretais. Propusemos, ainda, identificar quais grupos populacionais mais influenciaram a fala das comunidades investigadas, no decurso da história, considerando as levadas migratórias, bem como os contatos linguísticos decorrentes delas.

Com relação ao objetivo principal, foi possível a construção do *Atlas Linguístico Topodinâmico do Território Incaracterístico – ALTTI* e, a partir dos dados registrados nesse atlas, comparados com os de outros trabalhos geolinguísticos, pudemos alcançar os outros objetivos propostos e chegar a algumas conclusões sobre as variedades linguísticas faladas na área investigada.

Ao registrar as variedades do português falado no “território incaracterístico”, não poderíamos deixar de situá-lo no contexto histórico do País. Por isso, começamos resgatando aspectos do processo de povoamento, ressaltando fatos que direta ou indiretamente influenciaram as descobertas, desbravamentos e ocupação do velho Oeste brasileiro.

A partir do embasamento teórico-metodológico da Dialetoologia Pluridimensional, o recorte realizado possibilitou-nos observar e documentar a realidade linguística de uma comunidade naturalmente heterogênea, visto que recebeu uma população diversificada, oriunda de diversas regiões do Brasil. Cunha (1970) explica que a migração interna no Brasil produziu uma alteração profunda no tabuleiro linguístico regional e que por isso se deve considerar o seguinte:

A inexistência de fronteiras dialetais definidas não implica a inexistência de dialetos, bem como os falares, não são coisas concretas, não correspondem a um território delimitado, no qual se esgotam os seus múltiplos traços linguísticos. Não há talvez dialeto ou falar que não tenha traços comuns a outros; porém, o que dá fisionomia própria a cada um não são os caracteres isolados, que podem separá-lo ou aproximá-lo de dialetos ou falares contíguos ou distantes, mas o conjunto de traços que apresenta e que nenhum outro reproduz totalmente (CUNHA, 1970, p.53).

A premissa que norteou este estudo confirma as ponderações de Cunha, isto é, o processo migratório que deu origem à população da Região investigada influenciou a linguagem ali veiculada: a variedade linguística local evidencia a presença da fala registrada em outras regiões do Brasil, como ficou constatado na comparação entre dados deste trabalho e os oriundos de outros Atlas linguísticos.

As hipóteses estabelecidas para responder as perguntas da Tese apresentadas na Introdução deste trabalho foram confirmadas. Os migrantes ali instalados contribuíram para a formação de um território caracteristicamente sulista dentro da divisão proposta por Nascentes em 1953, embora não se descarte a importância imensurável das variedades nortistas para a composição desse território multidialetal.

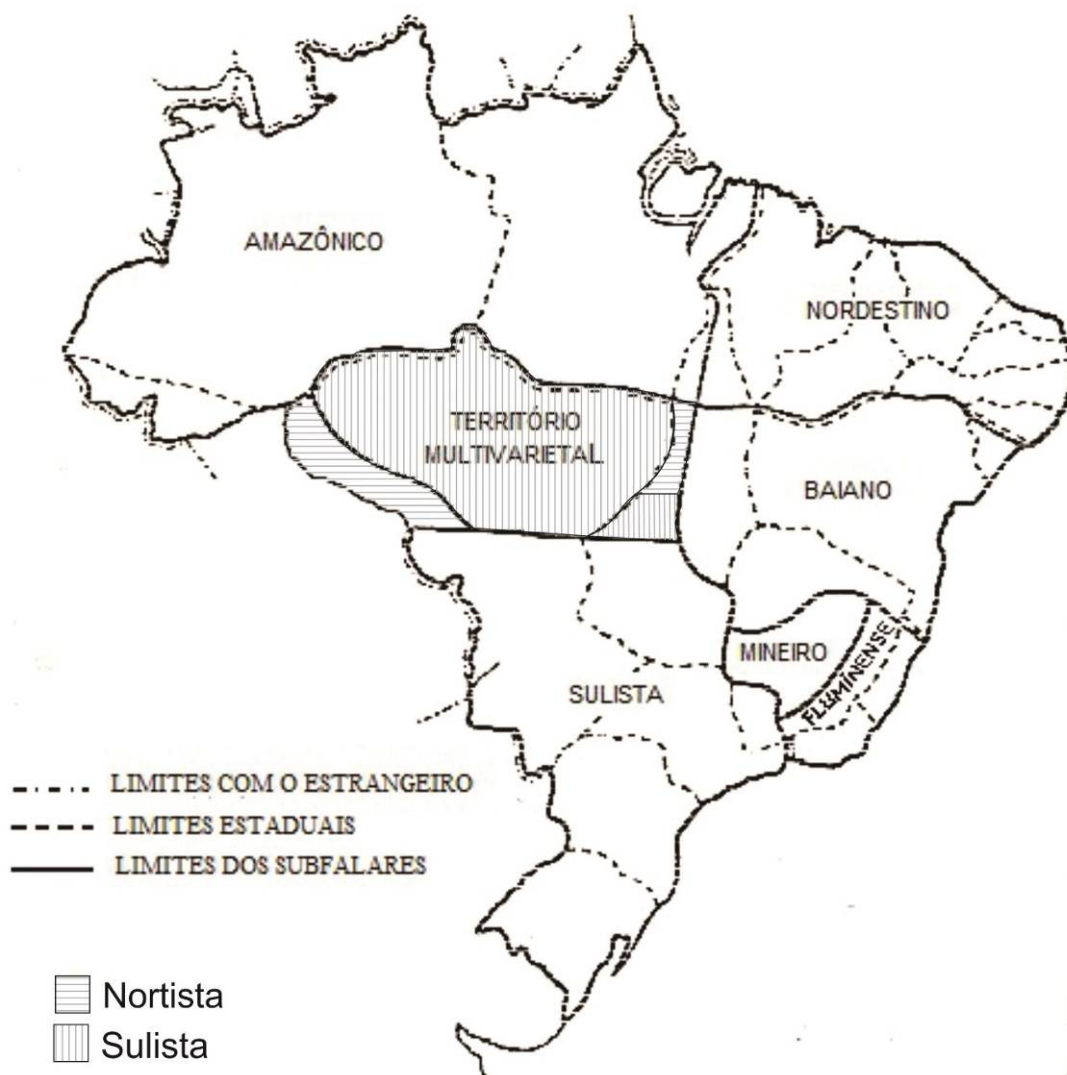
Para apreender essas nuances, a metodologia da Geolinguística pluridimensional desempenhou um papel fundamental. Destacamos, sobretudo, a relevância da vertente topodinâmica conjugada à topostática para a definição do perfil dos informantes.

Além das conclusões parciais apresentadas ao longo do capítulo de análise, pode-se ratificar tendências mais gerais observadas. Os dados nos levam a propor a existência de duas áreas dialetais na Região tomada como espaço de pesquisa que mostram, de modo geral, o contato entre duas principais frentes migratórias: uma mais nortista, que segue os caminhos do garimpo e da extração vegetal, que se estende a leste e a oeste do “território incaracterístico”, e outra mais sulista que avança, sobretudo, para o centro da área de estudo, acompanhando o caminho das rodovias BR 163, BR 164 e BR 158<sup>86</sup>, conforme mostra a figura 62, na sequência.

---

<sup>86</sup> Ver mapa das rotas migratórias no segundo volume desta tese.

**Figura 62** – As duas frentes dialetais existentes na área pesquisada



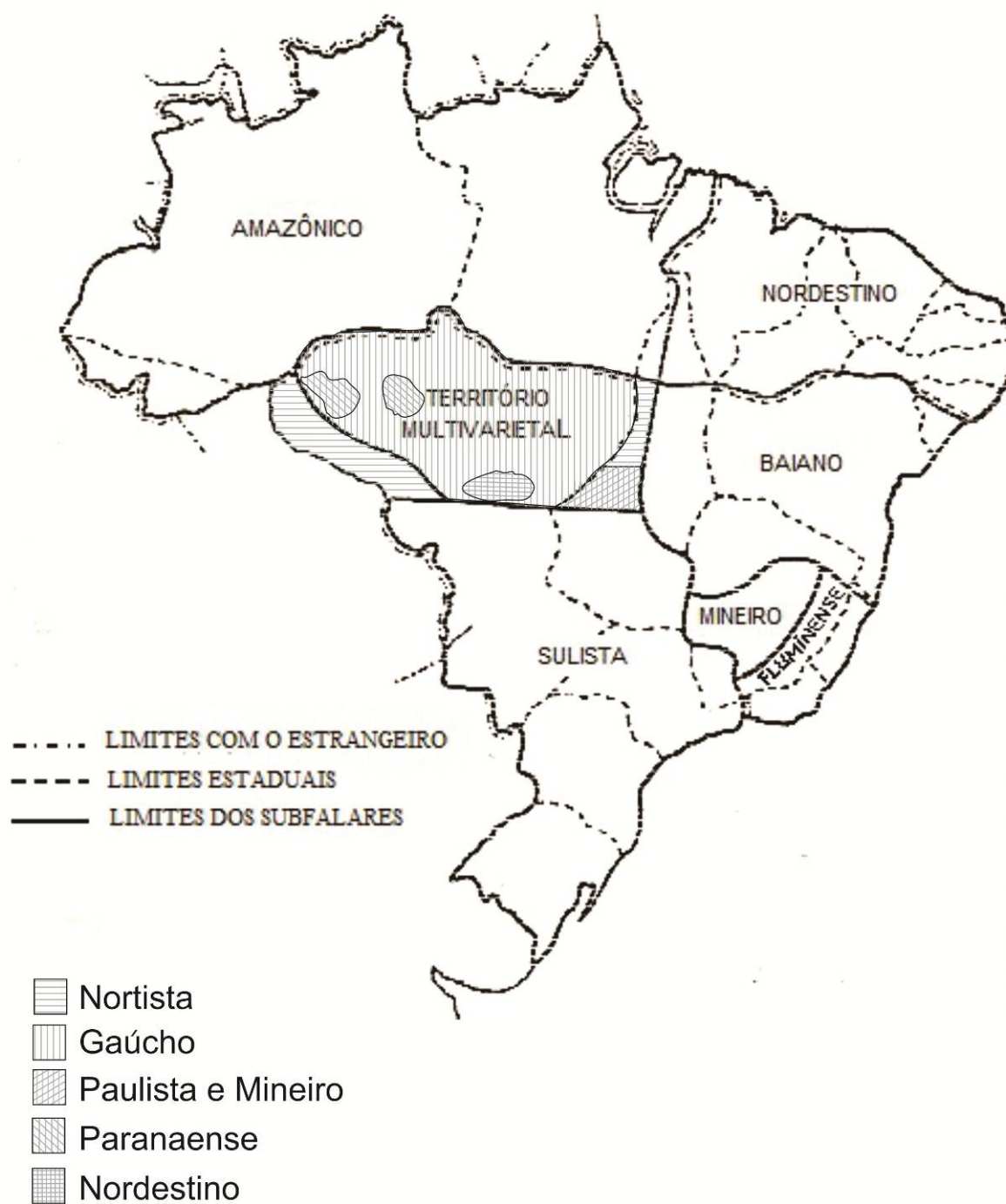
© Cuba (2015) adaptado de Nascentes (1953)

Uma observação mais pontual da norma linguística veiculada na área investigada aponta para uma sobreposição de falares na área sulista, à medida que identificamos variedades tipicamente gaúchas, na maior parte da área sulista, além de variedades paranaenses, em localidades de Rondônia (RO2) e de Mato Grosso (MT4); variedades nordestinas, em Mato Grosso (MT7) e de variedades paulistas e mineiras em Goiás (GO1).

Dessa forma, com base na realidade linguística constatada propusemos uma denominação para a área cognominada por Nascentes como “território incaracterístico” na metade do século XX que, a nosso ver, traduz o panorama linguístico do início do século XX que, por sua vez, é marcado pelo contato de

uma multiplicidade de falares, em decorrência da diversidade de grupos humanos ali fixados, o que nos autoriza a denominar esse espaço, do ponto de vista da variação dialetal do português de Brasil, como **Território Multivarietal**. A Figura 63 na sequência visualiza esse panorama linguístico.

**Figura 63 – Território multivarietal**



Por fim, faz-se necessário uma ressalva fazendo nossas as palavras de Alvar (1996, p. 85): “as descobertas feitas por um atlas são como brechas na muralha: através das fendas será possível penetrar no ignorado. E será necessário voltar sobre a brecha para ampliá-la e encontrar o fruto perseguido”. Logo, é necessário que outras pesquisas e outros pesquisadores se voltem para essa área, talvez com uma rede de pontos mais densa, abrangendo outras dimensões que o tempo regulamentar para a conclusão desta pesquisa e as condições financeiras não possibilitaram neste estudo. Por ora, esperamos que o produto aqui apresentado possa contribuir para a compreensão da língua portuguesa do Brasil e motivar novos estudos que possam ampliar o conhecimento sobre as variedades faladas nesse espaço geográfico.

O volume II deste trabalho contém, de forma concreta, o produto da tese, isto é, o Atlas Linguístico Topodinâmico do território Incaracterístico, doravante, na nossa perspectiva, *território multivarietal*.

## REFERÊNCIAS

AGUILERA, Vanderci de Andrade. *Atlas linguístico do Paraná*. Curitiba-PR, 1994.

\_\_\_\_\_. Geolinguística e conhecimento da sócio-história do português do Brasil. *SIGNUM: Estudos linguísticos*, Londrina, n.10/2, p. 285-297, dez. 2007

\_\_\_\_\_. De onde vieram e por onde andam as nossas libélulas e jacintas? *Estudos linguísticos e literários*, n. 41, Salvador, Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura da Universidade Federal da Bahia, janeiro-junho 2010, p. 291-310.

\_\_\_\_\_; KAILER, Dircel Aparecida. Os róticos em coda silábica em quatro localidades mineiras. In: CARDOSO, Susana Marcelino; MOTA, Jacyra Andrade; PAIM, Marcela Moura Torres (Orgs). *Documentos 3: projetos atlas linguístico do Brasil*. Salvador: Vento Leste, 2012, p. 163 a 184.

\_\_\_\_\_; ROMANO, Valter Pereira. Menos ou menos: um estudo pluridimensional a partir dos dados do Projeto ALiB. In: CARDOSO, Susana Marcelino; MOTA, Jacyra Andrade; PAIM, Marcela Moura Torres (Orgs). *Documentos 3: projetos atlas linguístico do Brasil*. Salvador: Vento Leste, 2012, p. 199 a 218.

ALINEI, Mario. L'atlas linguarum europae: risultati, struttura, storia, prospettivi. In: MOUTON, Pilar Garcia (Ed.). *Geolinguística, trabajos europeos*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1994, p. 71-93.

ALTENHOFEN, Cléo. Wilson. A constituição do corpus para um atlas linguístico contatual das minorias alemãs na bacia do Prata. In: *Martius-Staden-Jahrbuch*, São Paulo, n. 51, 2004, p. 135-165.

\_\_\_\_\_. Interfaces entre Dialectologia e história. In: MOTA, Jacyra & CARDOSO, Suzana Alice Marcelino (org.). *Documentos 2: Projeto Atlas Linguístico do Brasil*. Salvador: Quarteto, 2006. p. 159-185.

\_\_\_\_\_. Os contatos linguísticos e seu papel na arealização do português falado no sul do Brasil. In: ESPIGA, Jorge; ELIZAINCÍN, Adolfo. (Org.). *Español y portugués: um (velho) novo mundo de fronteiras e contatos*. Pelotas, p. 129-164, 2008.

\_\_\_\_\_. O “território de uma língua”: ocupação do espaço pluridimensional por variedades em contato na Bacia do Prata. In: Fernández, Ana Lourdes da Rosa Nieves; Mozzillo, Isabella; Schneider, Maria Nilse & Cortazzo, Uruguay (orgs.). *Línguas em contato: onde estão as fronteiras?* Pelotas: Editora UFPel, 2014. p. 69-103.

ALTINO, Fabiane Cristina. *Atlas linguístico do Paraná II*. Tese (doutorado em Estudos da Linguagem), Universidade estadual de Londrina/UEL, 2007, 2v.

ALVAR, Manuel. *Manual de Dialectología hispánica: El español e España*. Barcelona: Editorial Ariel, 1996.

ALVES, Cibelle Corrêa Béliche. “Por onde tá oTu” no Português Falado no Maranhão. *SIGNUM: Estudos da Linguagem*. Londrina: EdUEL, n. 15/1, jun. 2012 p. 13-31.

AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira: gramática, vocabulário*. 4 ed. São Paulo: HUCITEC; Brasília: INL, 1981.

ARAGÃO, M. S. S.; MENEZES, C. P. B. *Atlas linguístico da Paraíba: Cartas léxicas e fonéticas - V 1. Análise das formas e estruturas linguísticas encontradas - V2*. Brasília: CNPq/UFPB, 1984.

\_\_\_\_\_. Monotongação em capitais do Nordeste brasileiro: dados do ALiB. In: CARDOSO, Susana Alice Marcelino; MOTA, Jacira Andrade; PAIM, Marcela Moura (orgs). *Documentos 3: Projeto Atlas Linguístico do Brasil*. Salvador: Vento Leste, 2012, p. 77-96.

\_\_\_\_\_. Ditongação e monotongação nas capitais brasileiras. *XII Congresso Internacional Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL)*. João Pessoa-PB, 2014, p. 2089 – 2101.

BARBADINHO NETO, Raimundo. Bibliografia de e sobre Antenor Nascentes. In: BARBADINHO NETO, Raimundo (org.). *Estudos Filológicos: volume dedicado à memória de Antenor Nascentes*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2003, p. 13-132.

BELLMAN, Günter. Arealidade e Socialidade? In: *Cadernos de tradução*. Instituto de Letras. UFRS, N.05, janeiro de 1999, 7-30.

BERRUTO, Gaetano. Structure and dynamics of a language space: Identifying dimensions of linguistic variation. In: AUER, Peter and SCHMIDT; Jürgen Erich (Eds.). *Language and Space: theories and methods*. An International Handbook of Linguistic Variation. Berlin/New York: De Gruyter Mouton, 2010. Vol. 1. (p. 226 –241)

BISOL, Leda. *Harmonia vocálica: uma regra variável*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1981. Tese (doutorado em Letras), Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1981.

\_\_\_\_\_. *O ditongo na perspectiva da fonologia atual*. DELTA, 5/2, 1989, p. 185-224.

BLOOMFIELD, L. A set of postulates for the science of language. *Language*, v. 2, n. 2, 1926, p. 153-164.

BRANDÃO, Sílvia Figueiredo. *A geografia linguística no Brasil*. São Paulo: Ática, 1991.

\_\_\_\_\_; CRUZ, Maria Luiza de Carvalho. Estudo contrastivo sobre as vogais pretônicas em falares do Amazonas e do Pará com base nos dados do ALAM e do ALISPA. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org.). *A geolingüística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer*. Londrina: Eduel, 2005.

BRESCANCINI, Cláudia; MONARETO, Valéria Neto de Oliveira. Os róticos no sul do Brasil: panorama e generalizações. *SIGNUM: Estudos da linguagem*. Londrina: UEL, n.11/2, dez. 2008, p. 51-66.

BRUNO, Ernani Silva. *História do Brasil – Geral e Regional: grande-oeste*. Vol. VI. São Paulo: Cultrix, 1967.

BUSSE, Sanimar. *Um estudo geossociolinguístico da fala do oeste do Paraná*. Tese (doutorado em estudos da linguagem). 2 v. 284f. Londrina/PR: UEL, 2010.

CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne. *Como falam os brasileiros*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola, 2002.

CÂMARA JUNIOR, José Mattoso. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

\_\_\_\_\_. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Vozes, 1985.

CARDOSO, Susana Alice Marcelina. (1986) *Tinha Nascentes razão?* (Considerações sobre a divisão dialetal do Brasil). *Estudos Linguísticos e Literários*, 5, 1996, p. 47-59.

\_\_\_\_\_. *Atlas Linguístico de Sergipe II – Vol. I e II*. Salvador: EDUFBA, 2005.

\_\_\_\_\_. CARDOSO, S. A. M. *Caminhos dos pronomes pessoais no português brasileiro: considerações a partir de dados do Projeto ALiB*. 2008. (Comunicação).

\_\_\_\_\_. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola editorial, 2010.

\_\_\_\_\_. Et al. *Atlas linguístico do Brasil*. Londrina: EDUEL, 2014. 2v. il. p. 368.

CHAMBERS, J. K; TRUDGILL, Peter. *La Dialectologia*. Madrid: Visor Libros SL, 1994.

CINTRA, Luís Fernando Lindley. *Estudos de Dialectologia portuguesa*. Lisboa: Sá de Costa, 1983.

COSERIU, Eugenio. Sistema, norma e fala. In: *Teoria da Linguagem e Linguística Geral*. Rio de Janeiro/ São Paulo, Presença/ EDUSP, 1979.

\_\_\_\_\_. *O Homem e sua linguagem*. Rio de Janeiro: Presença; São Paulo: Universidade de São Paulo, 1982.

\_\_\_\_\_. *Sincronia, Diacronia e História. El problema Del Cambio lingüístico*. Madrid: Gredos, 1988.

COSTA, Daniela Souza Silva; ISQUERDO, Aparecida Negri Isquerdo. *Designações para “pernilongo” nas capitais brasileiras: um estudo geolinguístico e léxico-semântico*. *Travessias* (UNIOESTE. On line), v. 04, 2010, p. 509-520.

\_\_\_\_\_. Designações para “tangerina” no Brasil central: reflexões com base em dados do projeto ALiB. *Anais do XX Seminário do CELLIP – Centro de Estudos Linguísticos e Literários do Paraná. CELLIP 25 anos*. Londrina/UEL, 25 a 27 de outubro de 2011.

\_\_\_\_\_; ISQUERDO, Aparecida Negri. "Menino!", "guri", "piá", "curumim" e "moleque" nas capitais brasileiras: contribuições do Projeto ALiB. In: RAZKY, Abdelhak; FERNANDES DE LIMA, Alcides; BARROS DE OLIVEIRA, Marilúcia; OLIVEIRA DA COSTA, Eliane. (Org.). *Estudos sociodialetais do Português Brasileiro*. 1 ed. Campinas: Pontes Editores, 2014, p. 143-164.

CRUZ, Maria Luiza e Carvalho. *Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM*. 2004. 2v. Tese (doutorado em Letras Vernáculas). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro/RJ, 2004.

CUBA, Marigilda Antônio. *Atlas Linguístico da Mesorregião Sudeste de Mato Grosso*. 2009. Vol. 1: 155 f, Vol. 2: 03 cartas introdutórias e 242 cartas linguísticas. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande-MS, 2009.

\_\_\_\_\_; ISQUERDO, Aparecida Negri. Léxico e história social: um estudo da variante lexical neve no Atlas Linguístico da Mesorregião Sudeste de Mato

Grosso. *Signum: Estudos da Linguagem*. Londrina: EdUEL, n. 12/1, jul. 2009 p. 145-162.

CUNHA, Antonio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. 2ª Ed. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 1982.

CUNHA, Celso. *Língua portuguesa e realidade brasileira*. 2 ed. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1970.

\_\_\_\_\_; CINTRA, Luís Fernando Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 3ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

CUNHA, José Marcos Pinto da. *Diagnósticos regionais do Estado do Mato Grosso*. Campinas: Núcleo de Estudos de População/UNICAMP, 2004. 225p.

CUNHA, Celso. *A Questão da Norma Culta Brasileira*, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985.

DIEGUES JUNIOR, Manuel. *Regiões culturais do Brasil*. Rio de Janeiro: Centro de pesquisas educacionais, 1960.

DUBOIS, Jean. et al. *Dicionário de linguística*. São Paulo: Cultrix. 2006.

FARACO, Carlos Alberto. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. 2. ed. out. 2009. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, Versão 5.0, Curitiba: Editora Positivo, 2004.

FERREIRA, Carlota da Silveira et al. *Atlas linguístico de Sergipe*. Salvador; UFBA/ Instituto de Letras/Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987.

\_\_\_\_\_; CARDOSO, Susana Alice. *A Dialectologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.

FERREIRA, João Carlos Vicente. *Mato Grosso e seus municípios*. Cuiabá: Editora Buriti -SEDUC, 2001.

\_\_\_\_; SILVA, Pe. José de Moura e. *Cidades de Mato Grosso: origem e significado de seus nomes*. Cuiabá: Memória Brasileira, 2008.

FISHMAN, Joshua. *Sociología del Lenguaje*. Madrid: Ediciones Cátedra, 1995.

GERMANI, Gino. *Sociología de la modernization*, caps. IV, VI e VII. Buenos Aires: Paidós, 1970.

GOMES, Edson de Freitas. *Variação lexical em seis municípios da Mesorregião Sudeste paraense*. Dissertação (Mestrado em linguística),131fs. Universidade Federal do Pará, 2013.

GOMES, Fábio Rogério Rodrigues. *Geografia linguística e educação na Amazônia: um estudo semântico-lexical da fala na/da microrregião Marabá/PA*. Dissertação (Mestrado em Educação),289fs. Universidade Federal do Pará, 2007.

GUMPERZ, John J. The speech community. In: SILLS, David L.; MERTON, Robert K. (Ed.). *International encyclopedia of the social sciences*. London: MacMillan, 1968. p. 381-386.

GUY, Gregory. A Identidade linguística da comunidade de fala: paralelismo interdialetoal nos padrões de variação linguística. *Organon, Revista do Instituto de Letras da UFRGS*, Porto Alegre, v. 28 e 29, 2000, p. 17-32.

HAMPEJS, Zdenek. Presença de Antenor Nascentes. In: BARBADINHO NETO, Raimundo (org.). *Estudos Filológicos: volume dedicado à memória de Antenor Nascentes*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2003, p. 135-148.

HJELMSLEV. Louis. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. Tradução: J.Teixeira Coelho Netto. SP: Perspectiva, 1975.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*, Versão 1.0. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001.

HUGO, Vitor. *Desbravadores*. Humaitá, 1959.

ISQUERDO, Aparecida Negri. Vocabulário do seringueiro: campo léxico da seringa. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires; ISQUERDO, Aparecida Negri (orgs.) *As Ciências do Léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*. 2 ed. Campo Grande/MS: Ed. UFMS, 2001, p. 91-100.

\_\_\_\_\_. De Nascentes ao ALiB: a propósito da definição da rede de pontos em pesquisas geolinguísticas. In: Anais do II Encontro Nacional do Grupo de estudos de linguagens do Centro-Oeste (GELCO). Integração linguística, étnica e social. Brasília - DF: Oficina Editorial do Instituto de Letras da UnB, 2004. V. I. p. 398-406.

\_\_\_\_\_. Pontos de inquéritos dos atlas linguísticos no Brasil: tecendo e interligando as redes. *Actas del XIV Congreso Internacional ALFAL*, 17 al 21 de octubre de 2005, Monterrey – México. Publicado em CD ROM, Santiago do Chile, 2006.

\_\_\_\_\_. Achegas para a discussão do conceito de regionalismos no português do Brasil. *Revista Alfa*. São Paulo, n. 50, v.2, 2006b, p. 9-24.

\_\_\_\_\_. A rede de pontos: uma reflexão sobre a história social das capitais de estado que integram o Projeto ALiB. In: *Congreso Internacional de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina*, 15, 2008, Montevideo. Actas. Montevideo: Diretoria da ALFAL, 2008, p.1-22, v. I.

\_\_\_\_\_; TELES, Ana Regina. A rede de pontos. In: CARDOSO, Susana Marcelino da Silva et al. *Atlas Linguístico do Brasil*, vol. 1. Londrina: EDUEL, 2014, 212 p.; il, p. 38-77.

JOHNSTONE, Bárbara. Language and geographical space. In: AUER, Peter and SCHMIDT; Jürgen Erich (Eds.). *Language and Space: theories and methods*. An International Handbook of Linguistic Variation. Berlin/New York: De Gruyter Mouton, 2010. Vol. 1. p. 1-18.

KOCH, Walter; ALTENHOFEN, Cleo Vison; KLASSMANN, Mário Silfredo.(orgs). *Atlas linguístico-etnográfico da Região Sul do Brasil – ALERS: cartas semântico-lexicais*. 2ed. 960 p., il. Porto alegre: Editora da UFRS; Florianópolis: Ed. UFSC, 2011.

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. *Atlas linguístico-etnográfico da Região Sul do Brasil – ALERS: cartas fonéticas e morfosintáticas*. 2ed. 512 p., il. Porto Alegre: Editora da UFRS; Florianópolis: Ed. UFSC, 2011.

LABOV, William. *Sociolinguistic patterns*. 3. ed. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

\_\_\_\_\_. *Sociolinguistique*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1976.

\_\_\_\_\_. *Princípios del Cambio Lingüístico*. Volumen 1: Factores Internos. Madrid: Gredos, 1994.

\_\_\_\_\_. *Quantitative reasoning linguistics*. Linguistics, Pennsylvania n. 563, January 22, 2008, p. 01-26.

LEITE DE VASCONCELLOS, J. *Esquisse d'une Dialectologie Portugaise*. 3 ed. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1987.

LEWIS, William Arthur. El desarrollo económico con oferta ilimitada de trabajo. In AGARWALA A. N., SINGH S.P. *La economía del subdesarrollo*. Madrid, Editorial Tecnos, 1963.

LOPE, J.L. La Sociolingüística y La Dialectología hispánica. In: ALVAR, Manoel; BLANCH, J.L. (orgs.) *En torno a La Sociolingüística*. México: Instituto de Investigaciones filológicas, 1978, p. 33-58.

LUCCHESI, Dante. Norma linguística e realidade social. In: BAGNO, Marcos (org.). *Linguística da Norma*. São Paulo: Loyola, 2002, p.63-92.

MARGOTTI, Felício Wessling. *Difusão sociogeográfica do português em contato com o italiano no Sul do Brasil*. 314f. Tese (doutorado em Letras), UFRS, Porto Alegre-RS, 2004.

MARINS, Flávia Santos; MARGOTTI, Felício Wessling. Comportamento fonético-fonológico do /S/ posvocálico em Manaus. *Revista Investigações - Vol. 25, nº 2, Julho, 2012, p. 249-274*.

MARTINS, Dora; VANALLI, Sônia. *Migrantes*. 6.ed. São Paulo: Contexto, 2004, p. 42.

MATTOS E SILVA, R. V. De fontes sócio-históricas para a história social da linguística no Brasil. In: MATTOS E SILVA, R.V. (org). *Para a história do português brasileiro*. Vol. II. Tomo II. Primeiros estudos, 2001, p. 127-178.

MONARETTO, Valéria N. Oliveira. A vibrante pós-vocálica em Porto Alegre, In: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia. *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p. 253-268.

MONTEIRO, José L. *Pronomes pessoais: subsídios para uma gramática do português do Brasil*. Fortaleza: UFC, 1994.

MORAES, Henrique Martins de. Dante Alighieri e a linguística: uma viagem pelas línguas e falares do Ocidente medieval. *Revista Philologus*, Ano 19, N° 56. Rio de Janeiro: CiFEFiL, maio/ago, 2013, p. 26-36.

MORENO, Gislaene; HIGA, Tereza Cristina Souza (orgs). *Geografia de Mato Grosso: território, sociedade e ambiente*. Cuiabá: Entrelinhas, 2005.

MOTA, Jacyra. Andrade; CARDOSO, Susana Alice Marcelino (Orgs). Para uma nova divisão dos estudos dialetais brasileiros. In: *Documentos 2 - Projeto Atlas Linguístico do BRASIL – AliB*. Salvador: Quarteto, 2006, p.15-26.

NARO, Anthony Julius. O dinamismo das línguas. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 43-50

NASCENTES, Antenor. *O Linguajar Carioca em 1922*. Rio de Janeiro: Livraria Científica Brasileira, 1922.

\_\_\_\_\_. *O linguajar carioca*. 2.<sup>a</sup> ed. completamente refundida. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.

\_\_\_\_\_. *Bases para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Casa de Rui Barbosa, 1958.

OLIVEIRA, D. P. de (org.). *Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul*. Campo Grande: Editora UFMS, 2007.

POP, Server. *La dialectologie, Aperçu historique et méthodes d'enquêtes linguistiques*, v.1 e 2. Louvain: Chez L'Auteur, Gembloux: Duculot, 1950.

RADTKE, Edgar & THUN, Harald. Nuevos caminos de la geolingüística românica. Un balance. In: RADTKE, Edgar & THUN, Harald (eds.). *Neue Wege der romanischen Geolinguistik: Akten des Symposiums zur empirischen Dialektologie*. Kiel: Westensee-Verl., 1996. p. 25-49.

\_\_\_\_\_. (eds.). *Novos caminhos da geolingüística românica: um balanço*. In: ALTENHOFEN, Cléo Vilson (org.). *Cadernos de tradução*. No 5. Porto alegre: UFRGS, janeiro de 1996, p. 31-51.

RAZKY, Abdelhak. *Atlas linguístico sonoro do estado do Pará (ALiS-PA)*. Belém, 2004. 1.1. CD-ROM. Windows.

\_\_\_\_\_; LIMA; Alcides Fernandes de; OLIVEIRA, Marilúcia Barros de. As vogais médias pretônicas no falar paraense. *SIGNUM: Estud. Ling.*, Londrina, n. 15/1, p. 293-310, jun. 2012.

RIBEIRO, Celeste Maria da Rocha. O comportamento geolingüístico do (r) posvocálico nos atlas brasileiros publicados. *Letras Escreve – Revista de Estudos Linguísticos* Vol. 1 - Nº 1 - Janeiro a Junho de 2011, p. 6-21.

RODRIGUES, Aryan Dall'igna. *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

ROMANO, Valter Pereira. *Atlas geossociolingüístico de Londrina: um estudo em tempo real e tempo aparente*. Dissertação de Mestrado. (Mestrado em estudos da Linguagem). Universidade estadual de Londrina, Londrina-PR, 2012.

\_\_\_\_\_. Balanço crítico da Geolingüística brasileira e a proposição de uma divisão. *Entretextos*, Londrina, v.13, nº 02, jul. /dez de 2013, p. 203-242.

\_\_\_\_\_; Seabra, Rodrigo Duarte. Menino, guri ou piá? Um estudo diatópico nas regiões Centro-Oeste, Sudeste e Sul a partir dos dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil. *Alfa*, São Paulo, 2014, p. 463-497.

ROSSI, Nelson. *Atlas prévio dos falares baianos*. UFBA. Instituto Nacional do Livro. MEC, 1963.

\_\_\_\_\_. A Dialectologia. *Revista ALFA*, 11, Marília/SP, 1967, p. 89-116.

SANTOS, Irenildes Pereira dos. Técnicas de transcrição grafemática para o ALiB: reflexões. In: AGUILERA, V. de A.; MILANI, G. A.; MOTA, J. A. (Orgs). *Documentos I - Projeto Atlas Linguístico do BRASIL – ALiB*. Salvador: ILUFBA: EDUFBA, 2003, p. 125-137.

\_\_\_\_\_. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 4ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SANTOS-IKEUCHI, Ariane Cardoso dos. Atlas linguístico topodinâmico do oeste de São Paulo. 368 f. Dissertações (Mestrado em Estudos da Linguagem). 2v. Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2014.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. 27 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SILVA, Amizael Gomes da. *Conhecer Rondônia*. 2 ed. Porto Velho: M&M Gráfica e Editora Ltda., 1991.

SILVA-CORVALÁN, C. *Sociolinguística: Teoria y Análisis*. Madrid: Editorial Alhambra, 1989.

SILVA NETO, Serafim da. *Guia para estudos dialetológicos*. 2ed. Belém-PA: Conselho Nacional de Pesquisas - Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1957.

SILVA, Thais Cristófar. *Fonética e Fonologia do Português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

SINGER, Paul. Migrações internas: considerações teóricas sobre seu estudo. In: MOURA, H. A. de (Coord.). *Migração interna: textos selecionados*. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil - BNB, Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste, 1980. t. 1, p. 211-244.

SIQUEIRA, E. M. *História de Mato Grosso: da ancestralidade aos dias atuais*. Cuiabá-MT: Entrelinhas, 2002.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa Sociolinguística*. 7ed. São Paulo: Ática, 2006.

TELES, Ana Regina; RIBEIRO, Silvana. Apresentando a cartografia aos linguistas: o projeto ALiB. In: MOTA, Jacira Andrade; CARDOSO, Susana Alice MARCELINO (orgs.). *Documentos 2: Projeto atlas linguístico do Brasil*. Salvador: Quarteto, 2006, p. 207-226.

THUN, Harald; FORTE, Carlos; ELIZAINCÍN, Adolfo. *El Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay (ADDU). Presentación de un proyecto*. Iberoromania, n. 30, p. 26-62, 1989.

\_\_\_\_\_. Movilidad demográfica y dimensión topodinámica. Los montevideanos en Rivera. In: RADTKE, Edgar & THUN, Harald [orgs.]. *Neue Wege der romanischen Geolinguistik: Akten des Symposiums zur empirischen Dialektologie*. Kiel: Westensee-Verl. 1996. p. 210-269.

\_\_\_\_\_. La géographie linguistique romane à la fin du XX e siècle. In: *Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes: Vivacité et diversité de la variation linguistique*. Travaux de la section "Dialectologie, géolinguistique, sociolinguistique". (22: Bruxelles: 1998). Actes... Tübingen: Niemeyer, v. 3, 1998a, p. 367-386.

\_\_\_\_\_. La geolingüística como lingüística variacional general (com exemplos del Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay). In: *international congress of romance linguistics and philology* (21: 1995: Palermo). *Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza*. Org. Giovanni Ruffino. Tübingen: Niemeyer, 1998b. v. 5, p. 701-729.

\_\_\_\_\_. O português americano fora do Brasil. In: GÄRTNER, Eberhard; HUNDT, Christine; SCHÖNBERGER, Axel. *Estudos de geolinguística do português americano*. Frankfurt am Main: TFM, 2000, p. 183-213

\_\_\_\_\_. A Dialetoлогия pluridimensional no Rio da Prata. In: ZILLES, Ana Maria Stahl. *Estudos de Variação Linguística no Brasil e no Cone Sul*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005, p. 63-92.

\_\_\_\_\_. A geolinguística pluridimensional, a história social e a história das línguas. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (org.). *Para uma história do português brasileiro*, volume VII: vozes, veredas, voragens. Londrina: EDUEL, 2009. Tomo II, p. 531-558.

\_\_\_\_\_; ELIZAINCIN, Adolfo. *Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay* (ADDU). Fasc. A.1. Kiel: Westensee, 2000.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin L. (1968). *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola, 1968.

YIDA, Vanessa. Resultados do estudo sobre o campo semântico da alimentação e cozinha no atlas linguístico do Brasil – ALiB: um estudo lexical nas capitais. In: ALTINO, Fabiane Cristina (org.). *Múltiplos olhares sobre a diversidade linguística: nos caminhos de Vanderci Aguilera*. Londrina: Midiograf, 2012, 392p.: il. p. 264-282.

ZÁGARI, M. R. L. Os falares mineiros: esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais. In: AGUILERA, V. de A. (Org.) *A geolinguística no Brasil: caminhos e perspectivas*. Londrina: Editora da UEL, 1998, p. 31-77.

## APÊNDICE A – Modelo da planilha da base de dados

### APÊNDICE A - Base de dados do ALTTI

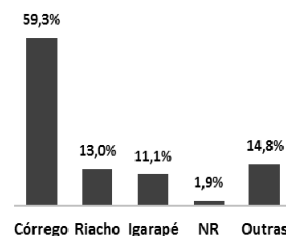
<b>Título</b>	<b>Córrego</b>	<b>Nº da Carta</b>	<b>16</b>
<b>Nº da Questão</b>	<b>QSL 1</b>	<b>Conceito</b>	<b>Rio pequeno e estreito.</b>

Cidade	Respostas	HI		HJ		MI		MI		Total
		Inf. 1	Inf. 2	Inf. 1	Inf. 2	Inf. 1	Inf. 2	Inf. 1	Inf. 2	
Aripuana	Córrego	1		1		1				3
	Igarapé							1		1
	Riacho		1							1
<b>Aripuana Total</b>		<b>1</b>	<b>1</b>	<b>1</b>		<b>1</b>		<b>1</b>		<b>5</b>
Diamantino	Córrego			1			1			2
	Riacho	1						1		2
	Outras					1				1
<b>Diamantino Total</b>		<b>1</b>		<b>1</b>		<b>1</b>	<b>1</b>	<b>1</b>		<b>5</b>
Formoso do Araguaia	Córrego	1		1	1	1				4
	Outras							1		1
<b>Formoso do Araguaia Total</b>		<b>1</b>		<b>1</b>	<b>1</b>	<b>1</b>		<b>1</b>		<b>5</b>
Guajará Mirim	Igarapé	1		1		1		1		4
	Riacho						1			1
<b>Guajará Mirim Total</b>		<b>1</b>		<b>1</b>		<b>1</b>	<b>1</b>	<b>1</b>		<b>5</b>
Guarantã do Norte	Córrego	1				1		1		3
	Outras		1	1						2
<b>Guarantã do Norte Total</b>		<b>1</b>	<b>1</b>	<b>1</b>		<b>1</b>		<b>1</b>		<b>5</b>
Ji-Paraná	Córrego		1	1						2
	Igarapé	1								1
	Riacho					1				1
	Outras							1		1
<b>Ji-Paraná Total</b>		<b>1</b>	<b>1</b>	<b>1</b>		<b>1</b>		<b>1</b>		<b>5</b>
Juara	Córrego	1		1			1	1		4
	Riacho				1	1				2
<b>Juara Total</b>		<b>1</b>		<b>1</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>1</b>		<b>6</b>
Luciara	Córrego	1				1				2
	NR							1		1
	Outras			1			1			2
<b>Luciara Total</b>		<b>1</b>		<b>1</b>		<b>1</b>	<b>1</b>	<b>1</b>		<b>5</b>
Nova Xavantina	Córrego	1		1		1		1		4
<b>Nova Xavantina Total</b>		<b>1</b>		<b>1</b>		<b>1</b>		<b>1</b>		<b>4</b>
Pilar de Goiás	Córrego	1		1		1		1		4
<b>Pilar de Goiás Total</b>		<b>1</b>		<b>1</b>		<b>1</b>		<b>1</b>		<b>4</b>
Sinop	Córrego	1		1		1		1		4
	Outras							1		1
<b>Sinop Total</b>		<b>1</b>		<b>1</b>		<b>1</b>	<b>1</b>	<b>1</b>		<b>5</b>
<b>Total geral</b>		<b>11</b>	<b>3</b>	<b>11</b>	<b>2</b>	<b>11</b>	<b>5</b>	<b>11</b>		<b>54</b>

Respostas	Qtde	%
Córrego	32	59,3%
Riacho	7	13,0%
Igarapé	6	11,1%
Grota	2	3,7%
Sanga	2	3,7%
Ribeiraozinho	1	1,9%
Canal	1	1,9%
Rego	1	1,9%
Correnteza	1	1,9%
NR	1	1,9%
<b>Total Geral</b>	<b>54</b>	<b>100%</b>

Respostas mapeadas	Qtde
Córrego	59,3%
Riacho	13,0%
Igarapé	11,1%
NR	1,9%
Outras	14,8%
<b>Total Geral</b>	<b>100%</b>

Outras respostas	Qtde	%
Grota	2	3,7%
Sanga	2	3,7%
Ribeiraozinho	1	1,9%
Canal	1	1,9%
Rego	1	1,9%
Correnteza	1	1,9%
<b>Total Geral</b>	<b>8</b>	<b>14,8%</b>



## ANEXO A

## Ficha do informante

<b>ATLAS LINGÜÍSTICO DAS VARIEDADES DO PORTUGUÊS FALADO NO TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO.</b>			
<b>FICHA DO INFORMANTE</b>			
<b>Nº da entrevista:</b>	<b>ponto:</b>	<b>Localidade:</b>	<b>Data:</b> ____/____/____
<b>Parâmetro da entrevista:</b>			

<b>DADOS PESSOAIS DO INFORMANTE</b>				
1- NOME:		2- ALCUNHA:		
3- DATA DE NASCIMENTO:		4- SEXO: M ( ) F ( )	5- IDADE:	
6- ENDEREÇO:				
7- ESTADO CIVIL: solteiro ( ) casado ( ) viúvo ( ) outros ( )				
8- NATURALIDADE:		9- COM QUE IDADE CHEGOU A ESTA CIDADE? (CASO NÃO SEJA NATURAL DA LOCALIDADE)		
10- DOMICÍLIOS E TEMPO DE PERMANENCIA FORA DA LOCALIDADE:				
11- ESCOLARIDADE:		12- OUTROS CURSOS: A. ( ) especialização B. ( ) profissionalizante C. ( ) outros		
13- NATURALIDADE: A- Da mãe: B- Do pai: C- Do cônjuge:		14- FOI CRIADO PELOS PRÓPRIOS PAIS?  A- sim ( ) B- não ( )		
15- EM CASO NEGATIVO, POR QUEM FOI CRIADO? NATURALIDADE: A- da mãe adotiva: B - do pai adotivo:				
16- ONDE EXERCE SUA PROFISSÃO (CARACTERÍSTICAS SOCIO-ECONÔMICAS SUMÁRIAS DO BAIRRO, CIDADE)				
17- OUTRAS PROFISSÕES/OCUPAÇÕES:		18- PROFISSÃO: A- Do pai: B- Da mãe: C- Do cônjuge:		
19- ASSISTE TV? A- ( ) Todos os dias B- ( ) Às vezes C- ( ) nunca		20- PROGRAMAS PREFERIDOS A- ( ) Novelas E- ( ) Pr. Religioso B- ( ) Esportes F- ( ) filmes C- ( ) Pg. auditório G- ( ) outro D- ( ) noticiários		
21- TIPO DE TRANSMISSÃO: A- ( ) Rede gratuita B- ( ) Parabólica C- ( ) TV por assinatura		22- OUVE RÁDIO? A- ( ) todos os dias E- ( ) parte do dia B- ( ) às vezes F- ( ) o dia inteiro C- ( ) nunca G- ( ) enquanto viaja D- ( ) enquanto trabalha		
23- PROGRAMAS PREFERIDOS: A- ( ) noticiário geral E- ( ) esportes B- ( ) religioso F- ( ) c/ participação do ouvinte C- ( ) música G- ( ) outro D- ( ) noticiário policial		24- LÊ JORNAL? A- ( ) todos os dias B- ( ) às vezes C- ( ) nunca D- ( ) semanalmente E- ( ) raramente		
25- NOME DO JORNAL:  A- ( ) Local B- ( ) estadual C- ( ) nacional		26- SEÇÕES DO JORNAL QUE GOSTA DE LER: A- ( ) editorial E- ( ) política B- ( ) esportes F- ( ) página policial C- ( ) variedades G- ( ) classificados D- ( ) pr.cultural H- ( ) outra		
27- LÊ REVISTA? - ( ) às vezes B- ( ) semanalmente C- ( ) mensalmente D- ( ) raramente F- ( ) nunca				
28- NOME /TIPO DA REVISTA: _____				
29- USA INTERNET? COMO FAZ PARA ACESSAR?				
<b>PARTICIPAÇÃO EM DIVERSÕES</b>				
EVENTO	FREQUENTEMENTE	ÀS VEZES	RARAMENTE	NUNCA
30- CINEMA	A- ( )	B- ( )	C- ( )	D- ( )
31- TEATRO	A- ( )	B- ( )	C- ( )	D- ( )

32- SHOWS	A-( )	B-( )	C-( )	D-( )
33- MAN. FOLCLÓRICAS	A-( )	B-( )	C-( )	D-( )
34- FUTEBOL	A-( )	B-( )	C-( )	D-( )
35- OUTROS ESPORTES	A-( )	B-( )	C-( )	D-( )
36- OUTROS	A-( )	B-( )	C-( )	D-( )
37- QUE RELIGIÃO OU CULTO PRÁTICA? _____				
38- COM QUE FREQUÊNCIA VIAJA PARA SUA TERRA DE ORIGEM? (GII)				

**PARA PREENCHIMENTO APÓS A ENTREVISTA**

39- CARACTERÍSTICAS PSICOLÓGICAS DO INFORMANTE: A-( ) tímido      B-( ) extrovertido      C-( ) perspicaz      D-( ) sarcástico		
40- ESPONTANEIDADE DA ELOCUÇÃO A-( ) total      B-( ) grande      C-( ) média      D-( ) fraca		
41- POSTURA DO INFORMANTE DURANTE O INQUÉRITO: A-( ) cooperativa      B-( ) não cooperativa      C-( ) agressiva      D-( ) indiferente		
42- CATEGORIA SOCIAL DO INFORMANTE: A-( ) 'A'      B-( ) 'B'      C-( ) 'C'      D-( ) 'D'		
43- GRAU DE CONHECIMENTO ENTRE INFORMANTE E INQUIRIDOR: A-( ) grande      B-( ) médio      C-( ) pequeno      D-( ) nenhum		
44- INTERFERÊNCIA OCASIONAL DE CIRCUNSTANTES A-( ) sim      B-( ) não		
45- CARACTERIZAÇÃO SUMÁRIA DO(S) CIRCUNSTANTE(S)		
46- AMBIENTE DO INQUÉRITO:		
47- OBSERVAÇÕES:		
48- NOME DO ENTREVISTADOR:	49- LOCAL DA ENTREVISTA: CIDADE: UF:	50- DATA DA ENTREVISTA:
		51- DURAÇÃO:

**ANEXO B**

**Questionário linguístico**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA  
MARIGILDA ANTÔNIO CUBA**

**ATLAS LINGUÍSTICO DO “TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO”**

**QUESTIONÁRIO LINGUÍSTICO**

## 1 - FONÉTICO-FONOLÓGICO

### 1. TERRENO

- Onde se constrói uma casa? (o que é preciso para construir uma casa?)

### 2. PRATELEIRA

- ...aquilo assim (*mímica*), onde se colocam objetos em casa (latas de mantimentos na cozinha, enfeites na sala...) ou produtos no supermercado, mercearia?

### 3. TELEVISÃO

- ...Aquele aparelho onde se pode ver novela, jogo, programas...?

### 4. CAIXA

- Quando se compra uma TV, um ventilador, um sapato, ele vem da loja dentro de quê?

### 5. TRAVESSEIRO

...aquilo que a pessoa recosta a cabeça para dormir na cama?

### 6. LÂMPADA

Aquilo que se acende para clarear a casa e, se estiver queimada, a casa fica no escuro? (Quando tem problema com a luz, que queima, como é que se chama aquilo que precisa trocar?)

### 7. TORNEIRA

- ...aquilo que se abre quando se quer lavar as mãos numa pia?

### 8. FÓSFORO

- Aquilo que se usa (*mímica*) para acender o fogo?

### 9. ALMOÇO

- ...uma refeição que se faz, em geral, às 12 horas?

### 10. GORDURA

- A carne de porco não é magra porque tem ...

### 11. COLHER (subst.)

- A carne se come de garfo e faca. E a sopa, com que se toma? O que é que se usa para tomar sopa?

### 12. FERVENDO

- Quando a água da panela está bem quente, cheia de bolhinhas, como é que se diz que ela está?

**13. SAL**

- O que é preciso colocar na carne para temperar?

**14. TOMATE**

- Aquilo vermelho que vende na feira, que se faz salada ou que se usa para preparar o molho do macarrão?

**15. CAÇA**

- Para comer uma banana, o que é que se tira?

**16. ABÓBORA**

- ...aquilo que dá no chão, grande (mímica), com uma casca grossa vermelho-amarelada por dentro e que cozinha para comer, pra fazer doce?

**17. MANTEIGA**

- Aquilo que se passa no pão e se faz da nata do leite?

**18. ROSA**

- ...aquela flor bonita, cheirosa, que é presa num talo com espinhos?

**19. PLANTA**

- Para ter flores no jardim, depois que se prepara a terra, o que é que se faz? (só colhe quem ...?)

**20. ABELHA**

- ...um inseto que carrega o pólen das flores, que vive em colmeias, fabrica um líquido grosso, amarelado, que é usado como alimento e como remédio?

**21. MEL**

- E o que a abelha fabrica?

**22. BORBOLETA**

- ...Um bichinho que voa e tem as asas bonitas e coloridas?

**23. TEIA**

- ...aquilo que a aranha faz nas paredes?

**24. RATO**

- ...o bichinho que o gato caça?

**25. PEIXE**

- O que é que se pesca nos rios, no mar?

## **26. REMANDO**

- Quando se faz assim (*mímica*) numa canoa, numa embarcação, está se fazendo o quê?

## **27. AFTOSA**

- ...uma doença que dá no gado, em geral na boca? Dá uma febre. Se não separar o gado doente, ela pega nos outros. É preciso vacinar o gado para não ter essa doença.

## **28. DIA**

- E depois da noite, o que é que vem?

## **29. SOL**

- ...aquilo que brilha no céu, de dia?

## **30. AMANHÃ**

- ...o dia que vem depois de hoje? (o que não deu para acabar hoje se deixa para \_\_\_\_?)

## **31. SÁBADO**

- ...o dia que vem depois da sexta-feira?

## **32. CALOR**

- No inverno faz frio. E no verão?

## **33. TRÊS**

- O que é que vem depois do dois?

## **34. DEZ**

- O que é que vem depois do nove?

## **35. DESVIO**

- Quando uma estrada fica interrompida por algum problema, o que é que se faz ao lado para que os carros possam passar?

## **36. BICICLETA**

- Aquilo que tem duas rodas grandes que se senta e sai pedalando?

## **37. PNEU**

- Aquilo que o que o carro tem: preto, redondo, se passar por um prego, fura e se esvazia?

## **38. VIDRO**

- De que material são feitas as janelas, os para-brisas dos carros?

### 39. **MUITO**

- Qual é contrário de pouco?

### 40. **RAÇGAR**

- Fazer assim (mímica) em um papel é \_\_\_\_\_?

### 41. **PERNAMBUCANO**

- Quem nasce no Rio de Janeiro é carioca. E quem nasce em Pernambuco?

### 42. **CORREIO**

- Quando se quer mandar uma carta de uma cidade para outra, como é que se faz?

### 43. **LIQUIDAÇÃO/ LIQÜIDAÇÃO**

- De vez em quando, as lojas querem vender toda a mercadoria para acabar com o estoque, então baixam muito os preços. O que é que elas fazem?

### 44. **COMPANHEIRO**

- hNa escola, em um time de futebol, o que as pessoas são umas das outras? (Quando duas pessoas não são casadas e moram juntas, uma é o que da outra?)

### 45. **ADVOGADO**

- Que profissional se pode contratar para defender os interesses na justiça?

### 46. **PROCISSÃO**

- Nas festas de igreja, que nome tem a caminhada que o povo faz, levando uma imagem de um ponto a outro?

### 47. **SANTO ANTÔNIO**

- ...o santo casamenteiro que se festeja a 13 de junho?

### 48. **DENTE**

- E isto? (*apontar*)

### 49. **FÍGADO**

- ...o órgão que fica aqui (*apontar*), que adocece se a pessoa bebe demais, se teve uma malária?

**50. CORAÇÃO**

- Qual o nome da parte do corpo que, se parar, a pessoa morre?

**51. COSTAS**

- Aqui (*apontar*) é a frente, e aqui é (*apontar*)?

**52. BANHO**

- Quando se está sujo, suado, o que é que se toma?

**53. HOMEM**

- Adão foi o primeiro ...?

**54. MULHER**

- Eva foi a primeira ...?

**55. FAMÍLIA**

- O pai, a mãe e os filhos formam uma ...?

**56. TIO**

- O que é que o irmão de seu pai ou de sua mãe é seu?

**57. ALTA**

- O que é que se diz de uma pessoa que mede 1 metro e 90cm de altura?

**58. LOURA**

- A pessoa que tem cabelos escuros, a gente chama de morena. E a pessoa que tem os cabelos claros e amarelados?

**59. VOZ**

- Uma pessoa que canta bem, se diz que ela tem uma boa \_\_\_\_\_?

**60. SANDÁLIA**

- Aquele calçado aberto, trançadinho, usado no verão, que tem uma tira que prende no calcanhar?

**61. BRAGUILHA**

- ...a abertura da calça do homem, normalmente fechada com botões ou com zíper?

[se você / o (a) senhor (a) encontra um conhecido com a calça aberta, você diz: fulano, fecha a \_\_\_\_\_?]

**62. PERFUME**

- O que é que se passa no corpo para ficar cheiroso?

**63. DORMINDO**

- A pessoa que não está acordada, está \_\_\_\_\_? (*mímica*)

## 2 – SEMÂNTICO LEXICAL - QSL

### I – NATUREZA

#### 1. ACIDENTES GEOGRÁFICOS

##### 1- CÓRREGO /CORIXO/CORGO/RIACHO

... um rio pequeno e estreito, de uns dois metros de largura?

##### 2- PONTE/PINGUELA

...Tronco, pedaço de pau ou tábua que serve para passar por cima de um (cf. item 1)

#### 2. FENÔMENOS ATMOSFÉRICOS

##### 3- TEMPORAL / TEMPESTADE/ VENDAVAL

...uma chuva com vento forte que vem de repente?

##### 4- CHUVA DE PEDRA

Durante uma chuva, podem cair bolinhas de gelo. Como chamam essa chuva?

##### 5- ARCO-ÍRIS

Quase sempre, depois de uma chuva, aparece no céu uma faixa com listras coloridas e curvas. (*mímica*) Que nomes dão a essa faixa?

##### 6- GAROA/CHUVISQUEIRO/ CHUVISCO

... uma chuva bem fininha?

##### 7- ORVALHO/ SERENO

De manhã cedo, a grama geralmente está molhada. Como chamam aquilo que molha a grama?

##### 8- NEVOEIRO/CERRAÇÃO/NEBLINA

Muitas vezes, principalmente de manhã cedo, quase não se pode enxergar por causa de uma coisa parecida com fumaça, que cobre tudo. Como chamam isso?

### 3. ASTROS E TEMPO

#### 9- ESTRELA MATUTINA/ VÊNUS/ESTRELA DA MANHÃ / ESTRELA D'ALVA

De manhã bem cedo, uma estrela brilha mais e é a última a desaparecer. Como chamam esta estrela?

#### 10-ESTRELA VESPERTINA/ VÊNUS/ ESTRELA DA TARDE

De tardezinha, uma estrela aparece antes das outras, perto do horizonte, e brilha mais. Como chamam esta estrela?

#### 11-ESTRELA CADENTE /ESTRELA FILANTE/ METEORO/ ZELAÇÃO/ CAMINHO DE SANTIAGO

De noite, muitas vezes pode-se observar uma estrela que se desloca no céu, assim, (mímica) e faz um risco de luz. Como chamam isso?

### 4. FLORA E FAUNA

#### 12-TANGERINA/ MEXERICA/ PONKÃ/ MORICOTE

...as frutas menores que a laranja, que se descascam com as mãos e, normalmente, deixam um cheiro na Mão? Como elas são? (pedir para descrever, para apurar as diferenças entre as designações citadas pelo informante)

#### 13-PENCA

... cada parte que se corta do cacho da bananeira para pôr para madurar/ amadurecer?

#### 14-BANANA DUPLA / GÊMEAS/ FELIPE

Que nome se dá àquelas bananas que nascem grudadas?

#### 15-PARTE TERMINAL DA INFLORESCÊNCIA DA BANANEIRA /UMBIGO / CORAÇÃO

Como se chama aquela parte roxa que fica na parte de baixo do cacho de bananas?

#### 16-MANDIOCA/AIPIM/MACAXEIRA

... Aquela raiz branca por dentro, coberta por uma casca marrom, que se cozinha para comer?

**17-MANDIOCA**

... Uma raiz parecida com... (cf. item 16) que não serve para comer e se rala para fazer farinha (polvilho, goma)?

**18-COLIBRI/ BEIJA-FLOR**

... O passarinho bem pequeno, que bate muito rápido as asas, tem o bico comprido e fica parado no ar?

**19-LIBÉLULA**

... O inseto de corpo comprido e fino, com quatro asas bem transparentes, que voa e bate a parte traseira na água?

**20-PERNILONGO/ MOSQUITO**

...aquele inseto pequeno, de perninhas compridas, que canta no ouvido das pessoas, de noite? *Imitar o zumbido.*

**II – HOMEM****1 – CORPO HUMANO****21-PÁLPEBRAS/ CAPELA DOS OLHOS**

... essa parte que cobre o olho? (apontar)

**22-CEGO DE UM OLHO**

... a pessoa que só enxerga com um olho?

**23-VESGO**

... a pessoa que tem os olhos voltados par direções diferentes?  
Completar com um gesto dos dedos.

**24-TERÇOL, VIÚVA**

... A bolinha que nasce na... (cf item 23), fica vermelha e incha?

**25-CONJUNTIVITE / DOR D'OLHOS**

... A inflamação no olho que faz com que o olho fique vermelho e amanheça grudado?

**26-CANINOS/ PRESAS**

... esses dois dentes pontudos? (apontar)

**27-DENTE DO SISO / DO JUÍZO**

...os últimos dentes, que nascem depois de todos os outros, em geral quando a pessoa já é adulta?

### **28-DENTES MOLARES / DENTE QUEIRO**

E estes dentes grandes no fundo da boca, vizinhos dos \_\_\_\_\_ (cf. item 36) (mostrar)

### **29-SEIO**

... a parte do corpo da mulher com que ela amamenta os filhos?

### **30-ÚTERO**

...a parte do corpo da mãe onde fica o nenê/ bebê antes de nascer?  
Lugar dentro da barriga da mulher onde fica a criança antes de nascer?

### **31-RÓTULA/ PATACA**

... o osso redondo que fica na frente do joelho? (mostrar)

### **32-PESSOA DE PERNAS ARQUEADAS**

...a pessoas de pernas curvas? *Mímica*

### **33-TORNOZELO**

E este osso? (mostrar)

### **34-CALCANHAR**

E esta parte do pé? (mostrar)

## **2- CICLOS DA VIDA**

### **35-MENSTRUACÃO**

As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?

### **36-DAR À LUZ**

E quando a criança nasce diz-se que...

### **37-MENINO/ GURI/ PIÁ/ GAROTO**

Criança pequenininha, a gente fala que é bebê. E quando ela tem de 5 a 10 anos, do sexo masculino?

### **38-MENINA/ GURIA/ GAROTA**

E se for do sexo feminino?

## **3 – CONVÍVIO E COMPORTAMENTO SOCIAL**

### **39-BURRO / PESSOA POUCO INTELIGENTE**

...a pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas?

#### **40-PESSOA SOVINA**

Pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes, até passa necessidades para não gastar?

#### **41-MARIDO ENGANADO/ CHIFRUDO**

...o marido que a mulher passa para trás com outro homem?

#### **42-PROSTITUTA**

...a mulher que se vende para qualquer homem?

### **4 – RELIGIÃO E CRENÇAS**

#### **43-DIABO (OUTRAS DENOMINAÇÕES)**

Deus está no céu, no inferno está o...

#### **44-FEITIÇO**

O que certas pessoas fazem para prejudicar alguém e botam, por exemplo, nas encruzilhadas?

#### **45- AMULETO/BREVE**

... O objeto que algumas pessoas usam para dar sorte ou afastar males?

#### **46-BENZEDEIRA**

... Uma mulher que tira o mau-olhado com rezas, geralmente com galho de planta?

### **5- JOGOS E DIVERSÕES INFANTIS**

#### **47-CAMBALHOTA**

... a brincadeira em que se gira o corpo sobre a cabeça e acaba sentado?

*Mímica*

#### **48-BOLINHA DE GUDE**

...as coisinhas redondas, de vidro, com que os meninos gostam de brincar?

#### **49-ESTILINGUE / BODOQUE / SETRA/ BALADEIRA**

Como se chama aquele objeto feito pelos meninos, com uma forquilha de pau e duas tiras de borracha amarradas nas pontas, usado para atirar pedras em passarinhos?

#### **50-PIPA / PAPAGAIO**

Que nome se dá àquele brinquedo feito de papel e amarrado numa linha bem comprida, que as crianças, quando está ventando soltam no ar e ficam segurando pela linha?

#### **51-CABRA-CEGA**

...a brincadeira em que uma criança, com os olhos vendados, tenta pegar as outras?

#### **52-AMARELINHA**

... a brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formada por quadrados numerado, jogam uma pedrinha (*mímica*) e vão pulando com uma perna só? (Pedir para descrever a brincadeira).

#### **53-PEGA-PEGA**

... Uma brincadeira em que uma criança corre atrás das outras para tocar numa delas, antes que alcance um ponto determinado?

### **6 – HABITAÇÃO**

#### **54-VASO SANITÁRIO/PATENTE**

Quando se vai ao banheiro, onde é que a pessoa se senta para fazer as necessidades?

#### **55-FULIGEM**

...aquilo, preto, que se forma na chaminé, na parede ou no teto da cozinha, acima do fogão a lenha?

#### **56-BORRALHO**

... a cinza quente que fica dentro do fogão a lenha?

**7 – ALIMENTAÇÃO E COZINHA****57-CAFÉ DA MANHÃ**

... a primeira refeição do dia, feita pela manhã?

**58-GELEIA**

... a pasta feita de frutas para passar no pão, biscoito?

**59-CURAU/ CANJICA**

Uma papa cremosa feita com coco e milho verde ralado, polvilhada com canela?

**60-CANJICA / MUNGUNZÁ**

...aquele alimento feito com milho branco, coco e canela?

**61-GULOSO /GLUTÃO**

...uma pessoa que normalmente come demais?

**62-BALA / CONFEITO / BOMBOM**

Aquele alimento doce, que vem embrulhado em papel colorido que se chupa? (mostrar).

**63-PÃO FRANCÊS**

...Isto? *Mostrar.*

**64-PÃO BENGALA**

...Isto? *Mostrar.*

**08 – VESTUÁRIO E ACESSÓRIOS****65-SUTIÃ**

...a peça do vestuário que serve para segurar os seios?

**66-RUGE**

...aquilo que as mulheres passam no rosto, nas bochechas, para ficarem mais rosadas?

**67-GRAMPO**

...um objeto fino, de metal, usado para prender os cabelos?

**68-DIADEMA/ ARCO/ TIARA**

...o objeto de metal ou plástico que pega de um lado a outro da cabeça e serve para prender os cabelos? (*Mímica*)

## 09 – VIDA URBANA

### 69-SINALEIRO/SEMÁFORO/SINAL

Na cidade, o que costuma ter em cruzamentos movimentados, com luz vermelha, verde e amarela?

### 70-LOMBADAS/QUEBRA-MOLAS

... aquele morrinho atravessado no asfalto para os carros diminuírem a velocidade?

### 71-LOTE / TERRENO / DATA

...a área que é preciso ter ou comprar para se fazer uma casa na cidade?

### 72- BODEGA/BAR/BOTECO/BOLICHO

... Um lugar pequeno, com um balcão, onde os homens costumam ir beber e onde também se pode comprar alguma outra coisa?

## 3 – QUESTIONÁRIO MORFOSSINTÁTICO

### ARTIGO

#### Artigo diante de nome próprio

- 1- Tem filhos/ irmãos? Como eles se chamam? O que eles fazem?
- 2- Poderia dizer o nome de alguns amigos, vizinhos? Com que costuma falar mais?

### SUBSTANTIVO

#### Gênero

#### 3- ALFACE

Como é que se chama aquela folha verde que se come geralmente na salada? [ para preparar essa folha tem que ser bem lavada. Como pediria a alguém para lavar?] [tem uma janta e alguém tem que lavar as verduras. Você/ o senhor (a) quer que cada um lave um tipo de verdura. Como pediria isso aos outros?]

**4- CAL**

Você/ o (a) senhor (a) conhece cal? E como é? Como se faz para cair uma casa?

**5- GUARANÁ**

Quando tem sede, como você/ o (a) senhor (a) pede guaraná? “por favor, me dá \_\_\_\_\_.

Feminino de

**6- ALEMÃO**

Uma mulher que nasce no Brasil é brasileira. E quem nasce na Alemanha é o que?

**7- CHEFE**

Há homens e mulheres que chefiam. No caso, se é uma mulher, ela é o quê?

**8- LADRÃO**

Um homem que rouba, você diz que é ladrão. E quando é uma mulher?

**9- PRESIDENTE**

Se, na Presidência da República, estivesse uma mulher, ela seria o quê?

**PRONOME****Pronomes pessoais****10-EU/MIM**

Alguém pede para você /o (a) senhor (a) fazer uma tarefa. Mas outra pessoa acha que a tarefa era pra ela. Então você /o (a) senhor (a) diz: essa tarefa, na verdade, é para \_\_\_\_ eu fazer. [Vamos supor que você /o (a) senhor (a) precisa distribuir três tarefas por três pessoas. Por exemplo: a limpeza para alguém fazer, a roupa é para outra pessoa lavar e a terceira tarefa (...) é para você]. Como você /o (a) senhor (a) diria?

**11-TU/VOCÊ** sujeito

Quando se vê um amigo com uma mala e se quer saber para onde ele vai, como é que se pergunta?

**12-TU/ VOCÊ/ A GENTE** Indeterminado

Conhece alguma simpatia (para tirar verrugas)? Conhece alguma receita de comida típica daqui? Como se faz aqui para ganhar o próprio sustento?

### 13-NÓS/ A GENTE

O que fazem no fim de semana?

#### Pronomes pessoais com preposição

### 14-COMIGO/ COM EU/ MAIS EU

Quando alguém não quer tomar café sozinho, diz para convidar outra pessoa. “quer tomar café \_\_\_\_\_?”

### 15-CONOSCO/ COM NÓS/ COM A GENTE

E se nós dois estamos tomando café e queremos mais uma pessoa na mesa, dizemos que essa pessoa venha tomar café \_\_\_\_\_?

#### Pronomes possessivos

### 16-TEU/SEU (relação inquiridor e informante)

De quem é isso? Aproveitando objetos que estejam presentes.

### 17-TEU/SEU (relação entre irmãos)

Você/ o (a) senhor (a) tem irmão/ irmã? E como diz para ele (a) que algo pertence a ele (a)? “oh, meu irmão, isso é \_\_\_\_\_.” “oh, minha irmã, isso é \_\_\_\_\_.”

#### Pronomes indefinidos

### 18-MENOS/MENAS

Paulo tem muita força e Luís pouca força. Podemos dizer: “Paulo tem mais força do que Luís. Pelo contrário, tem \_\_\_\_\_ força que Paulo.

## 4- TEMAS PARA DISCURSOS SEMIDIRIGIDOS

### 1- RELATO PESSOAL

Relate um acontecimento marcante em sua vida (casamento, namoro, etc.)

### 2- COMENTÁRIO

De que programas de televisão você/ o (a) senhor (a) gosta mais? Por quê?

### 3- DESCRIÇÃO

Você / o (a) senhor (a) trabalha em quê? Fale um pouco sobre seu trabalho.

### 4- RELATO NÃO PESSOAL

Conte um caso / um fato de seu conhecimento (de que tenha ouvido falar, que tenha acontecido com um amigo, etc.).

## 5- PERGUNTAS METALINGÜÍSTICAS

1. Como se chama a língua que você / o (a) senhor (a) fala?
2. Tem gente que fala diferente aqui em \_\_\_\_\_ (*citar a cidade onde está*)? Se houver, identificar os grupos “*que falam diferente*”.
3. Poderia dar um exemplo do modo como falam essas pessoas “*que falam diferente*”?
4. E, em outros lugares do Brasil, fala-se diferente daqui de \_\_\_\_\_ (*citar a cidade onde está*)?
5. Poderia dar um exemplo do modo como falam em outros lugares do Brasil?
6. No passado, falava diferente aqui? Como era a cidade antigamente?
7. Que língua se fala onde você/ o (a) senhor (a) morava antes de se mudar para cá? É muito diferente da falada aqui em \_\_\_\_\_? Aponte algumas das diferenças de que você/o senhor se lembra.
8. Qual a comida e/ou bebida regional típica do lugar de onde você/ o (a) senhor (a) veio?
9. Como eram as diversões no lugar onde você morava? Tem saudades dessas diversões? Há esse tipo de diversão aqui? Fale um pouco sobre isso para mim! (GII)
10. Como você/o senhor mata a saudade do lugar de onde veio? (Para a GII)
11. Os seus pais vieram de onde? Eles falam para os filhos como eram as diversões no lugar de onde eles vieram? Eles procuram

manter aqui em\_\_\_\_\_ as tradições da família, do lugar de onde vieram? Fale um pouco sobre isso para mim! (Jovens)

**12.** Você costuma participar das atividades com as quais seus pais matam a saudade do lugar de onde vieram? (Jovens)

**13.** Você conhece algum indígena? Fala alguma língua indígena?



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA

---

MARIGILDA ANTÔNIO CUBA

**ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO DO TERRITÓRIO  
INCARACTERÍSTICO**

**Volume II**

---

Londrina  
2015

MARIGILDA ANTÔNIO CUBA

**ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO DO TERRITÓRIO  
INCARACTERÍSTICO**

**Volume II**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, área de concentração - Linguagem e Significação, da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor.

Orientadora: Profa. Dra. Aparecida Negri Isquerdo

Londrina  
2015

## SUMÁRIO

### Volume II

<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	263
<b>1 METODOLOGIA</b> .....	265
1.1 A rede pontos.....	265
1.2 O perfil dos informantes .....	266
1.3 O questionário lingüístico.....	272
1.4 A representação cartográfica dos dados .....	273
1.4.1 As cartas fonéticas.....	274
1.4.1.1 Notação fonética .....	275
1.4.2 As cartas lexicais .....	278
1.4.3 As cartas morfossintáticas .....	278
1.4.4 As cartas síntese .....	278
<b>CARTAS INTRODUTÓRIAS</b> .....	279

<b>Número da carta</b>	<b>Título</b>	<b>Natureza da carta</b>
<b>01</b>	Divisão dialetal proposta por Antenor Nascentes(1953)	Introdutória
<b>02</b>	Atlas Linguístico Topodinâmico do Território Incaracterístico - Contextualização	Introdutória
<b>03</b>	Atlas Linguístico Topodinâmico do Território Incaracterístico – A hidrografia da área investigada	Introdutória
<b>04</b>	Atlas Linguístico Topodinâmico do Território Incaracterístico - Principais rodovias que propiciaram o desenvolvimento da área investigada	Introdutória
<b>05</b>	Rotas migratórias no “território incaracterístico”	Introdutória
<b>06</b>	Ordem dos grupos de chegada na área investigada	Introdutória
<b>07</b>	Atlas Linguístico Topodinâmico do Território Incaracterístico – Rede de pontos	Introdutória

**CARTAS LINGUÍSTICAS .....287**

<b>Número da carta</b>	<b>Título</b>	<b>Natureza da carta</b>
1	Realização da vogal média anterior em posição pretônica	Fonética
2	Realização da vogal média posterior em posição pretônica	Fonética
3	Realização do ditongo /ey/	Fonética
4	Realização da palatal /l/ em final de palavra	Fonética
5	Realização de /t, d/ antes da vogal anterior /i/	Fonética
6	/R/ em início de sílaba ou de vocábulo	Fonética
7	/R/ em coda silábica interna	Fonética
8	/R/ em coda silábica externa - presença versus ausência em nomes	Fonética
9	Ditongação de sibilante	Fonética
10	/S/ em coda silábica, em posição interna.	Fonética
11	Assimilação em /d/ no grupo /nd/, nas formas de gerúndio	Fonética
12	Realização da lateral palatal	Fonética
13	Realização de /l/ >/r/	Fonética
14	Realização de proparoxítonas	Fonética
15	Epêntese	Fonética
16	Córrego	Lexical
17	Ponte/pinguela	Lexical
18	Tempestade/temporal	Lexical
19	Chuva de granizo	Lexical
20	Garoa	Lexical
21	Orvalho	Lexical
22	Neblina	Lexical
23	Estrela matutina	Lexical
24	Estrela vespertina	Lexical
25	Estrela cadente	Lexical

26	Tangerina	Lexical
27	Penca	Lexical
28	Banana dupla	Lexical
29	Extremidade da inflorescência da bananeira	Lexical
30	Mandioca	Lexical
31	Mandioca brava	Lexical
32	Libélula	Lexical
33	Pernilongo	Lexical
34	Pálpebras	Lexical
35	Cego de um olho	Lexical
36	Vesgo	Lexical
37	Terçol	Lexical
38	Conjuntivite	Lexical
39	Caninos	Lexical
40	Dente do siso	Lexical
41	Dentes molares	Lexical
42	Seio	Lexical
43	Útero	Lexical
44	Rótula/pataca	Lexical
45	Pessoa de pernas arqueadas	Lexical
46	Tornozelo	Lexical
47	Calcanhar	Lexical
48	Menstruação	Lexical
49	Dar à luz	Lexical
50	Menino	Lexical
51	Menina	Lexical
52	Pessoa pouco inteligente	Lexical

53	Pessoa sovina	Lexical
54	Marido enganado	Lexical
55	Prostituta	Lexical
56	Diabo	Lexical
57	Feitiço	Lexical
58	Amuleto	Lexical
59	Benedeira	Lexical
60	Cambalhota	Lexical
61	Bolinha de gude	Lexical
62	Estilingue	Lexical
63	Pipa/ papagaio	Lexical
64	Cabra-cega	Lexical
65	Amarelinha	Lexical
66	Pega-pega	Lexical
67	Fuligem	Lexical
68	Borrinho	Lexical
69	Café da manhã	Lexical
70	Geleia	Lexical
71	Curau	Lexical
72	Canjica	Lexical
73	Guloso	Lexical
74	Bala	Lexical
75	Pão francês	Lexical
76	Pão bengala	Lexical
77	Sutiã	Lexical
78	Ruge	Lexical
79	Grampo	Lexical

80	Diadema	Lexical
81	Semáforo	Lexical
82	Lombada	Lexical
83	Terreno	Lexical
84	Boteco	Lexical
85	Artigo diante de nome próprio	Morfossintática
86	Gênero do substantivo	Morfossintática
87	Gênero do substantivo - feminino de alemão	Morfossintática
88	Gênero do substantivo - feminino de chefe	Morfossintática
89	Gênero do substantivo - feminino de ladrão	Morfossintática
90	Gênero do substantivo - feminino de presidente	Morfossintática
91	Pronomes pessoais – eu/mim	Morfossintática
92	Pronomes pessoais - sujeito - TU/VOCÊ	Morfossintática
93	Pronomes pessoais com preposição - comigo/com eu/mais eu	Morfossintática
94	Pronomes pessoais com preposição – conosco/ com nós/ a gente	Morfossintática
95	Pronomes possessivos – teu/seu	Morfossintática
96	Pronomes indefinidos – menos/menas	Morfossintática
97	Carta-síntese fonética – dimensão diassexual	Sintética
98	Carta-síntese fonética – dimensão diageracional	Sintética
99	Carta-síntese fonética – dimensão diatópica	Sintética
100	Carta-síntese lexical – dimensão diassexual	Sintética
101	Carta-síntese lexical – dimensão diageracional	Sintética
102	Carta-síntese lexical – dimensão diatópica	Sintética

## APRESENTAÇÃO

O Atlas Linguístico Topodinâmico do Território Incaracterístico – ALTTI, produzido como Tese de doutoramento, na Universidade Estadual de Londrina – UEL, contém uma descrição das variedades do português falado na área geográfica considerada incaracterística por Antenor Nascentes, quando propôs, em 1953, a divisão dialetal do Brasil em seis subfalares (o amazônico, o nordestino, o baiano, o fluminense, o mineiro e o sulista), distribuídos em dois grandes grupos: os do Norte e os do Sul<sup>87</sup>. Na ocasião, considerou a área em questão como território incaracterístico, por ser na época praticamente despovoada, em termos linguísticos, a área que compreende, atualmente, partes da região Centro-Oeste (norte de Mato Grosso e oeste de Goiás) e da região Norte (Rondônia e oeste de Tocantins). A partir da década de 50 do século XX, os projetos de urbanização do interior do País provocaram um intenso direcionamento dos fluxos migratórios para essa área. A transferência da capital federal para Brasília, em 1960, a abertura de rodovias pavimentadas e os avanços tecnológicos da pecuária e da agricultura possibilitaram a ocupação das terras do cerrado, do pantanal mato-grossense e do sul da bacia amazônica. Igualmente, os modernos meios de transporte e a tecnologia da informação minimizaram as fronteiras geográficas, tornando possível a busca pela caracterização dessa área.

Este atlas segue a tendência atual de elaboração de atlas linguísticos, sob a perspectiva da Geolinguística pluridimensional e relacional, em sua vertente topodinâmica. Este volume, destinado à apresentação do atlas, traz uma síntese da metodologia utilizada para sua elaboração e, em seguida, o conjunto de 109 cartas que compõem o atlas, das quais 07 são introdutórias e 102 são cartas linguísticas, subdivididas em 15 fonéticas, 69 lexicais, 12 morfossintáticas e 06 cartas-síntese.

As cartas introdutórias fornecem informações sobre i) a divisão dialetal do Brasil, proposta por Antenor Nascentes, em 1953; ii) a localização do território incaracterístico (NASCENTES, 1953) no Brasil; iii) os rios que cortam pelo “território incaracterístico”; iv) as rodovias que impulsionaram os últimos

---

<sup>87</sup> Conforme carta introdutória 1, neste volume.

ciclos migratórios; v) as rotas migratórias responsáveis pelo povoamento da região; vi) a ordem de chegada dos migrantes na área investigada; vii) a rede de pontos do ALTTI.

As cartas linguísticas apresentam as variantes para as variáveis investigadas por meio dos questionários fonético, semântico-lexical e morfossintático. Essas cartas retratam uma amostra da fala dos habitantes das localidades investigadas num recorte sincrônico.

## 1 METODOLOGIA

Este trabalho objetivou descrever as variedades linguísticas do português falado numa área que está em permanente contato com outras variedades regionais da língua portuguesa. Para atingir esse objetivo, de modo geral, a representação cartográfica dos dados é um recurso de grande valor, uma vez que permite correlacionar diferentes dimensões e parâmetros. Sob essa perspectiva, os critérios adotados para a seleção da rede de pontos, a definição do perfil dos informantes e a elaboração do instrumento de coleta de dados, elucidados a seguir, contemplam a conjugação dessas dimensões e parâmetros.

### 1.1 A rede de pontos

Para a escolha das localidades investigadas, tomamos como base critérios estabelecidos para a pesquisa dialetal topodinâmica, considerando, primeiramente, o traçado de Antenor Nascentes, apresentado em *O Linguajar Carioca* (1953, p. 26), para o “território incaracterístico”, atualizado de acordo com os dados contemporâneos disponíveis no IBGE. Foram considerados, ainda, os seguintes critérios: i) distribuição geográfica (dentro e nos limites do traçado de Nascentes (1953); ii) fatores motivadores da colonização e povoamento da localidade; iii) grupos migratórios responsáveis pelo povoamento; iv) aspectos da sociologia da localidade.

Considerando os critérios expostos, foram selecionados os onze pontos de rede do ALTTI<sup>88</sup>, dos quais, dois pertencem a Rondônia: Guajará-Mirim (RO1) e Ji-Paraná (RO2); sete a Mato Grosso: Aripuanã (MT1), Guarantã do Norte (MT2), Luciara (MT3), Juara (MT4), Sinop (MT5), Diamantino (MT6) e Nova Xavantina (MT7); um a Tocantins: Formoso do Araguaia(TO1); e outro a Goiás: Pilar de Goiás(GO1).

---

<sup>88</sup> Uma síntese das características de cada localidade investigada encontra-se no capítulo 1 do volume I.

## 1.2 O perfil dos informantes

Em cada localidade, foram inquiridos oito moradores (atendendo ao apelo da pluralidade de informantes) da zona urbana. Para responder às características do parâmetro topostático, entrevistamos jovens nascidos na localidade, cujos pais vieram de outras regiões do País e, para atender ao apelo topodinâmico, idosos vindos de outros Estados há mais de dez anos. Em cada localidade foram entrevistados quatro grupos com dois informantes de cada perfil: dois homens e duas mulheres de 18 a 30 anos, com escolaridade até a 3ª série do Ensino Médio e dois homens e duas mulheres de 55 a 70 anos, com escolaridade até o ensino Fundamental.

Apresentamos, a seguir, onze quadros com algumas informações sobre cada informante, extraídas da ficha do informante<sup>89</sup>. Esses quadros, separados de acordo com a localidade investigada, contêm: as iniciais do nome completo do informante; a data de nascimento; a cidade natal; a Unidade Federativa de nascimento; ano de chegada à localidade, no caso dos informantes da segunda faixa etária; UF da mãe; UF do pai; UF do cônjuge; profissão; nível de escolaridade.

**Quadro 16** - Perfil dos informantes de RO1

Perfil	Iniciais do nome	Data de nascimento	Naturalidade (Cidade)	UF	Ano de chegada	UF da mãe	UF do pai	UF do cônjuge	Profissão	Escolaridade
HGII	IR	02/05/1958	Ibiporã	PR	1987	SP	SP	MG	Empresário	Médio
HGII	LPS	10/01/1959	Vitória	ES	1987	ES	MG	RO	Lavrador	Fundamental
MGII	JSB	20/11/1950	São Luís	MA	1964	MA	CE	MA	Aposentada	Fundamental
MGII	FOP	07/04/1947	Humaitá	AM	1968	AM	AM	AM	FOP	Fundamental
HGI	ITO	17/06/1994	G. Mirim	RO		MA	TO		Comerciante	Médio
HGI	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
MGI	KA	08/11/1991	G. Mirim	RO		PA	MA		Padeira	Médio
MGI	MMT	30/09/1986	G. Mirim	RO		PA	MA		Doméstica	Médio

Fonte: Elaborado pela autora

<sup>89</sup> Conforme modelo no anexo 1 do volume 1 desta Tese.

**Quadro 17 – Perfil dos informantes de RO2**

Perfil	Iniciais do nome do informante	Data de nascimento	Naturalidade (cidade)	UF	Ano de chegada	UF da mãe	UF do pai	UF do cônjuge	Profissão	Escolaridade
HGII	DS	25/07/1953	Concórdia	SC	1975	SC	RS	-	Pecuarista	Médio
HGII	JR	23/10/1946	Mandaguari	PR	1973	SP	SP	ES	Porteiro	Fundamental
MGII	MCPS	01/06/1956	Recife	PE	1.978	PE	PE	MG	Merendeira	Médio
MGII	ABS	25/10/1945	Dourados	MS	1983	MS	MS	AL	Aux. Adm.	Médio
HGI	EO	16/10/1994	Ji-Paraná	RO		PR	MG		Estudante	Médio
HGI	AF	18/05/1994	Ji-Paraná	RO		MG	PR		Entregador	Médio
MGI	MCCA	26/05/1994	Ji-Paraná	RO		PR	RS		Estudante	Médio
MGI	CAS	17/12/1991	Ji-Paraná	RO		PE	PA	MG	Estudante	Médio

Fonte: Elaborado pela autora

**Quadro 18 – Perfil dos informantes de MT1**

Perfil	Iniciais do nome do informante	Data de nascimento	Naturalidade (cidade)	UF	Ano de chegada	UF da mãe	UF do pai	UF do cônjuge	Profissão	Escolaridade
HGII	ACS	07/07/1956	Patrocínio	MG	1976	MG	MG	PR	Madeireiro	Médio
HGII	PT	07/02/1949	Birigui	SP	2000	SP	SP	PR	Lavrador	Fundamental
MGII	IB	23/05/1947	Turvo	SC	1999	SC	SC	RS	Do lar	Médio
MGII	ATT	03/12/1954	Itaúna	PR	2000	AL	SP	SP	Feirante	Fundamental
HGI	ACS	19/11/1988	Aripuanã	MT		PR	MG		Aux. Adm.	Médio
HGI	JRVA	31/08/1991	Aripuanã	MT		AL	AL		Estudante	Médio
MGI	EFA	21/10/1988	Aripuanã	MT		RS	CE		As. social	Médio
MGI	CPS	02/10/1992	Aripuanã	MT		RS	MA		Estudante	Médio

Fonte: Elaborado pela autora

**Quadro 19 - Perfil dos informantes de MT2**

Perfil	Iniciais do nome	Data de nascimento	Naturalidade (cidade)	UF	Ano de chegada	UF da mãe	UF do pai	UF do cônjuge	Profissão	Escolaridade
HGII	AF	18/10/1945	Santo Ângelo	RS	1985	RS	RS	RS	Do lar	Fundamental
HGII	CZ	19/07/1955	Sta. Helena	PR	1981	RS	RS	RS	Lavrador	Fundamental
MGII	TZ	19/09/1957	Três Passos	RS	1981	RS	RS	RS	Do lar	Médio
MGII	EA	01/04/1956	Sananduva	RS	1982	RS	RS	RS	Do lar	Fundamental
HGI	LN	12/08/1994	G. do Norte	MT		PR	PR		Mecânico	Médio
HGI	AMN	18/10/1993	G. do Norte	MT		RS	RS		Pedreiro	Médio
MGI	AS	19/09/1990	G. do Norte	MT		PR	PR		Aux. Adm.	Médio
MGI	APT	18/06/1984	G. do Norte	MT		RS	RS		Estudante	Médio

Fonte: Elaborado pela autora

**Quadro 20 - Perfil dos informantes de MT3**

Perfil	Iniciais do nome do informante	Data de nascimento	Naturalidade (cidade)	UF	Ano de chegada	UF da mãe	UF do pai	UF do cônjuge	Profissão	Escolaridade
HGII	JRR	20/03/1943	Campos Lindos	TO	1971	MA	CE	GO	Serralheiro	Médio
HGII	EE	02/04/1947	Santo Ângelo	RS	2000	RS	RS	MT	Agricultor	Médio
MGII	MFM	02/02/1950	Pium	TO	1970	MA	MA	PA	Do lar	Fundamental
MGII	ISPC	22/11/1957	F. do Araguaia	TO	1967	PI	BA	TO	Do lar	Fundamental
HGI	JFGS	23/06/1991	Luciara	MT		GO	GO		Mecânico	Médio
HGI	DP	16/04/1991	Luciara	MT		RS	RS		Vendedor	Médio
MGI	YAM	07/02/1993	Luciara	MT		MA	MA		Estudante	Médio
MGI	DDF	25/10/1987	Luciara	MT		GO	PA	MT	Do lar	Médio

Fonte: Elaborado pela autora

**Quadro 21 - Perfil dos informantes de MT4**

Perfil	Iniciais do nome do informante	Data de nascimento	Naturalidade (cidade)	UF	Ano de chegada	UF da mãe	UF do pai	UF do cônjuge	Profissão	Escolaridade
HGII	GM	18/05/1954	Cascavel	PR	1982	MG	MG	PE	Serv. Gerais	Fundamental
HGII	BMC	16/03/1953	Vera Cruz do Oeste	PR	1981	CE	CE	SP	Mestre de obras	Médio
MGII	MVSR	31/08/1951	Montes Claros	MG	1993	MG	MG	SP	Do lar	Médio
MGII	EC	16/06/1956	Rondon	PR	1985	SP	BA	PA	Do lar	Médio
HGI	AJL	27/03/1990	Juara	MT		PR	PR	MT	Pedreiro	Médio
HGI	WVDS	03/10/1994	Juara	MT		PR	PR		Vendedor	Médio
MGI	TS	28/10/1992	Juara	MT		PR	PR		Babá	Médio
MGI	JNI	20/04/1989	Juara	MT		PR	PR	MT	Do lar	Médio

Fonte: Elaborado pela autora

**Quadro 22 - Perfil dos informantes de MT5**

Perfil	Iniciais do nome do informante	Data de nascimento	Naturalidade (cidade)	UF	Ano de chegada	UF da mãe	UF do pai	UF do cônjuge	Profissão	Escolaridade
HGII	GSM	11/11/1943	Passo Fundo	RS	1975	RS	RS	RS	Corretor imobiliário	Médio
HGII	FF	26/04/1953	S. P das Missões	RS	1976	RS	RS	RS	Comerciante	Médio
MGII	LC	11/02/1959	Tuparandi	RS	1966	RS	RS	RS	Do lar	Fundamental
MGII	NH	13/05/1948	Santo cristo	RS	1981	RS	RS	RS	Massagista	Médio
HGI	TRD	03/10/1992	Sinop	MT		PR	PR	MT	Aux. de Prod.	Médio
HGI	EAM	07/01/1992	Sinop	MT		RS	RS	MT	Vendedor	Médio
MGI	FMS	10/06/1993	Sinop	MT		PR	RS	MT	Vendedora	Médio
MGI	VCA	10/02/1995	Sinop	MT		RS	RS	MT	Vendedora	Médio

Fonte: Elaborado pela autora

**Quadro 23 - Perfil dos informantes de MT6**

Perfil	Iniciais do nome	Data de nascimento	Naturalidade (cidade)	UF	Ano de chegada	UF da mãe	UF do pai	UF do cônjuge	Profissão	Escolaridade
HGII	AAM	09/05/1943	Ouricuri	PE	1980	RN	RN	PE	Comerciante	Médio
HGII	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
MGII	AHH	26/03/1943	Lajeado	RS	1987	RS	PR	MT	Aposentada	Fundamental
MGII	EMP	12/07/1946	Sto. Ângelo	RS	1986	SC	SC	SC	Pensionista	Fundamental
HGI	AS	12/03/1985	Diamantino	MT		MT	MT		Vendedor	Médio
HGI	LEOB	09/10/1986	Diamantino	MT		MT	MT		Vendedor	Médio
MGI	PFRS	26/11/1993	Diamantino	MT		MT	MT		Estudante	Médio
MGI	JSL	04/03/1984	Diamantino	MT		MT	MT		Doméstica	Médio

Fonte: Elaborado pela autora

**Quadro 24 - Perfil dos informantes de MT7**

Perfil	Iniciais do nome	Data de nascimento	Naturalidade (cidade)	UF	Ano de chegada	UF da mãe	UF do pai	UF do cônjuge	Profissão	Escolaridade
HGII	RBS	06/09/1947	Dourados	MS	1980	MS	MS	MS	Pecuarista	Médio
HGII	CJS	06/04/1949	Santa maria	RS	1986	RS	RS	RS	Comerciante	Médio
MGII	SR	21/04/1956	Loanda	PR	1979	MS	PR	MS	Aposentada	Fundamental
MGII	NSP	25/12/1947	Giruí	RS	1987	RS	RS	RS	Aposentada	Fundamental
HGI	DJB	26/06/1993	N. Xavantina	MT		GO	GO		Garçom	Médio
HGI	DFV	24/03/1993	N. Xavantina	MT		RS	RS		Estudante	Médio
MGI	HNL	02/10/1992	N. Xavantina	MT		GO	MG	MT	Secretária	Médio
MGI	DKFA	21/04/1983	N. Xavantina	MT		PA	GO	MT	Cabeleireira	Médio

Fonte: Elaborado pela autora

**Quadro 25 - Perfil dos informantes de TO1**

Perfil	Iniciais do nome do informante	Data de nascimento	Naturalidade (cidade)	UF	Ano de chegada	UF da mãe	UF do pai	UF do cônjuge	Profissão	Escolaridade
HGII	BSL	12/11/1951	Arari	MA	1980	MA	MA	MA	Vendedor	Médio
HGII	EAS	23/03/1953	Anápolis	GO	1984	GO	GO	GO	Comerciante	Médio
MGI I	LGP	27/07/1943	Riachão	MA	1955	MA	MA	BA	Aposentada	Fundamental
MGI I	ILV	19/02/1950	Campo Maior	PI	1980	PI	PI	PI	Aposentada	Fundamental
HGI	IMT	20/06/1992	F. do Araguaia	TO		GO	MA	GO	Pedreiro	Médio
HGI	DMR	03/04/1993	F. do Araguaia	TO		GO	MA	GO	Eletricista	Médio
MGI	TCP	24/04/1992	F. do Araguaia	TO		GO	GO	GO	Do lar	Médio
MGI	JP	11/04/1994	F. do Araguaia	TO		GO	GO	MA	Do lar	Médio

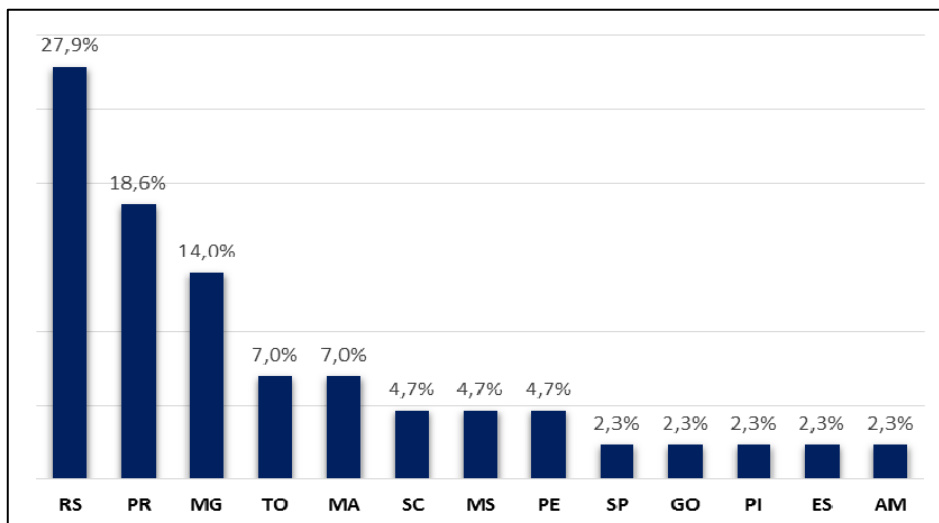
Fonte: Elaborado pela autora

**Quadro 26 - Perfil dos informantes de GO1**

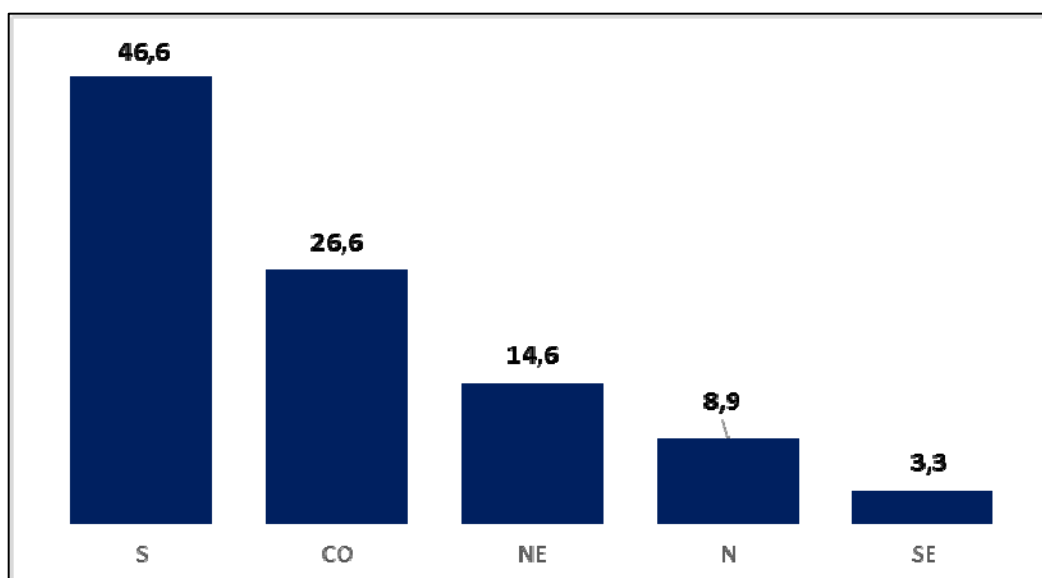
Perfil	Iniciais do nome	Data de nascimento	Naturalidade (cidade)	UF	Ano de chegada	UF da mãe	UF do pai	UF do cônjuge	Profissão	Escolaridade
HGII	AP	19/09/1947	Cláudio	MG	1959	MG	MG	TO	Lavrador	Fundamental
HGII	NDB	11/08/1944	Paranaíba	MG	1974	MG	MG	MG	Func. Público	Médio
MGII	EMC	18/11/1954	Cruzeiro da Fortaleza	MG	1969	MG	MG	MG	Aposentada	Fundamental
MGII	LC	09/08/1936	PARANAIBA	MG	1989	SP	MG	SP	Do lar	Fundamental
HGI	TSP	20/12/1989	Pilar de Goiás	GO		SP	SP		TI	Médio
HGI	JRC	23/10/1992	Pilar de Goiás	GO		MA	MA		Vendedor	Médio
MGI	DML	15/05/1992	Pilar de Goiás	GO		MG	SP		Vendedora	Médio
MGI	RS	22/07/1991	Pilar de Goiás	GO		SP	SP		Babá	Médio

Fonte: Elaborado pela autora

Como se observa nos dados informados nos quadros 18 a 28, a maioria dos informantes idosos, como também a maioria dos pais dos jovens, são oriundos da região Sul do Brasil, como mostram os dados apresentados nos gráficos 14 e 15.

**Gráfico 14 - Região de origem dos informantes GII do ALTTI**

**Fonte:** elaborado pela autora com base na ficha dos informantes do ALTTI

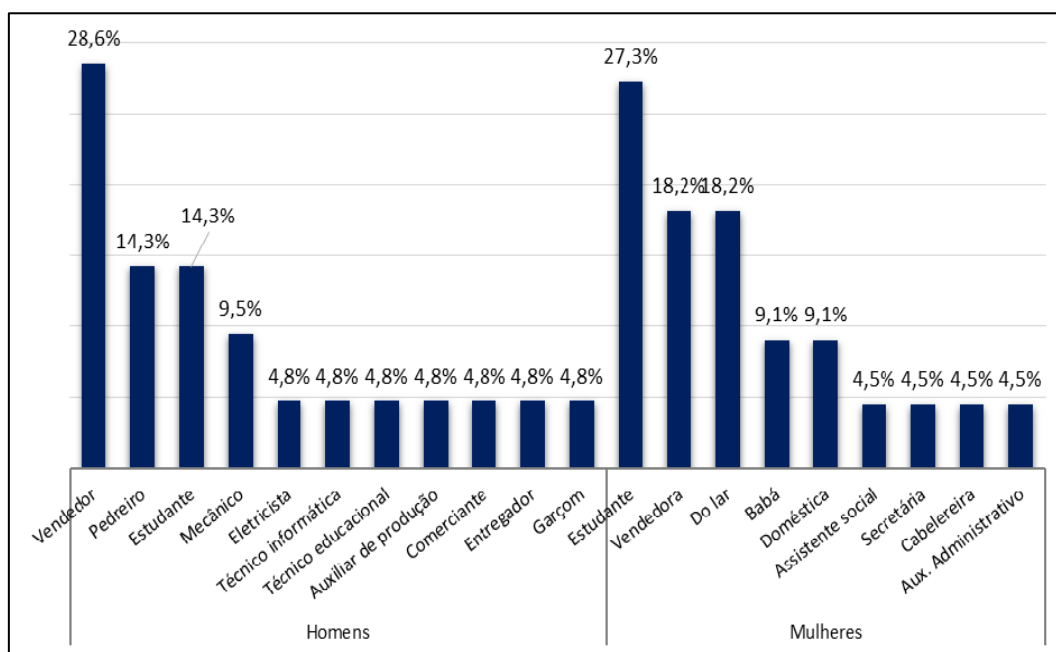
**Gráfico 15 - Região de origem dos pais dos informantes GI (ambos os sexos) do ALTTI.**

**Fonte:** Elaborado pela autora com base na ficha dos informantes do ALTTI

A ficha do informante fornece, além dos elementos de ordem documental, dados que caracterizam o modo de vida dos informantes e que são relevantes para o entendimento de como se comporta sua fala, espelho de sua cultura. As profissões, por exemplo, podem revelar os relacionamentos que

os informantes mantêm com os outros membros da comunidade e com outras comunidades. Em virtude das características das localidades (cidades pequenas e menos desenvolvidas economicamente), a economia se reduz, muitas vezes, ao comércio e à prestação de serviços. O gráfico 32, por exemplo, mostra que a maioria dos homens jovens, da amostra da pesquisa, são vendedores e pedreiros e as mulheres estudantes<sup>90</sup> e vendedoras.

**Gráfico 16** - Distribuição dos informantes GI conforme a profissão exercida

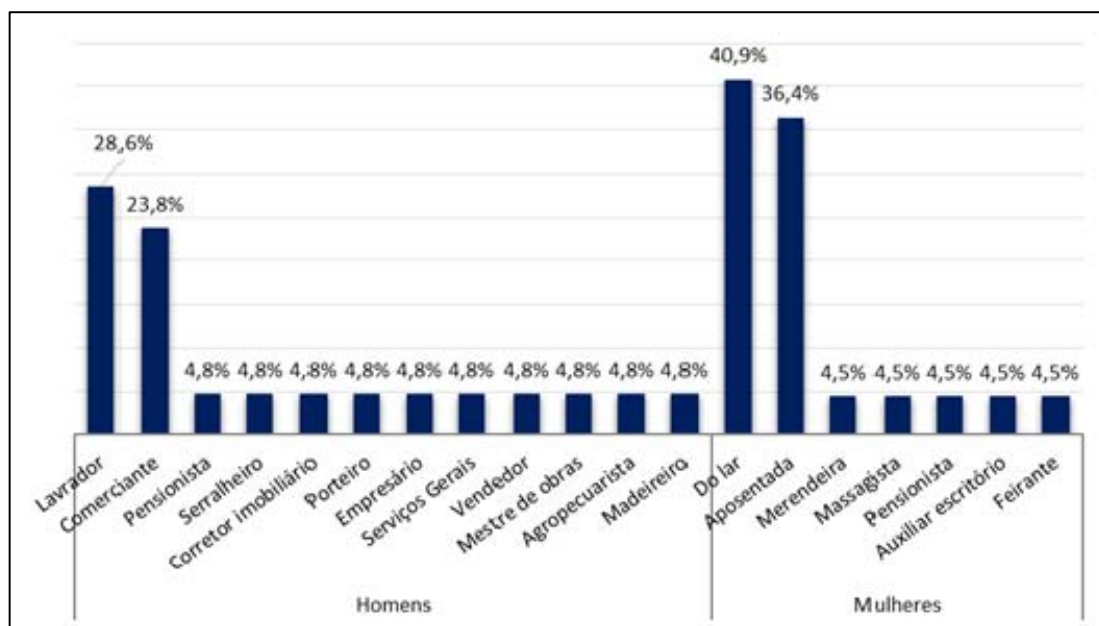


**Fonte:** Elaborado pela autora com base na ficha dos informantes do ALTTI

Com relação aos idosos da amostra, uma característica que chama a atenção é o fato de, mesmo tendo idade para se aposentar, a maioria dos homens ainda trabalham, geralmente, como lavradores e comerciantes. Já as mulheres se aposentam mais cedo, como mostra o gráfico 33.

<sup>90</sup> Muitas vezes, percebe-se, durante a entrevista, que a mulher se declara estudante para não se assumir como desempregada ou dona de casa.

**Gráfico 17** - Distribuição dos informantes GII conforme a profissão exercida



**Fonte:** Elaborado pela autora com base na ficha dos informantes do ALLTI

### 1.3 O questionário linguístico

O questionário linguístico utilizado como instrumento de coleta de dados do ALLTI resultou da adaptação do questionário do Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB aos objetivos e às características do ALLTI e contém 03 tipos de questionários:

- Questionário Fonético-Fonológico (QFF) com 63 questões que apuram diversas realizações fonéticas;
- Questionário Semântico-Lexical (QSL) com 72 questões que abrangem diversas áreas semânticas que compõem o universo biossocial dos informantes e se divide em dois grandes campos: o da natureza (acidentes geográficos, fenômenos atmosféricos, astros e tempo, flora e fauna) e o do homem (corpo humano, ciclos da vida, convívio e comportamento social, religião e crenças, jogos e diversões infantis, habitação, alimentação e cozinha, vestuário e acessórios, vida urbana);
- Questionário Morfossintático (QMS) com 18 questões que investigam a norma gramatical do informante;
- 04 temas para discursos semidirigidos;

- 13 perguntas metalinguísticas.

Foram cartografadas todas as perguntas do QFF, agrupadas em contextos que apuraram as varáveis fonéticas, 69 do QSL<sup>91</sup> e 12 do QMS<sup>92</sup>.

Para fins de cartografiação, as questões do questionário linguístico foram selecionadas com vistas a possibilitar a análise, de caráter comparativa com outros atlas e outros trabalhos. Algumas perguntas apresentam um grande índice de não respostas; no entanto, foram mesmo assim cartografadas, incluindo a indicação da não-resposta (NR) porque demonstram o desconhecimento do referente por parte do informante, em decorrência, sobretudo, do isolamento a que ainda está exposto esse território.

#### 1.4 As cartas linguísticas

Para a preparação das cartas linguísticas, primeiramente, foi construída uma base cartográfica, preparada por Ângelo Franco do N. Ribeiro, cartógrafo e técnico de Laboratório de Geoprocessamento na FCH/UFMG, a partir da Base Cartográfica do IBGE, considerando os limites políticos territoriais entre os estados de Goiás, Mato Grosso, Rondônia e Tocantins. Nela constam a escala, a orientação geográfica e outras informações pertinentes ao contexto, como, por exemplo, alguns rios que circundam o “território incharacterístico”, descritos em *O Linguajar Carioca* (1953, p. 18), quando foi possível localizá-los em mapas atuais. A edição dos dados linguísticos ficou a cargo da professora da UEMS, Luciene Gomes Freitas Marins, que, por sua vez, utilizou o programa computacional Corel Draw X5. As cartas apresentam informações no anverso e no verso.

Na parte superior do anverso da carta, destacam-se o título do atlas – ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO DO TERRITÓRIO INCHARACTERÍSTICO e, abaixo do título, o número e o nome da carta. Dentro da moldura central, em plano maior, situa-se o mapa linguístico e, em forma de

<sup>91</sup> Não foram cartografadas as perguntas 5 – nome da faixa que aparece no céu depois da chuva (arco-íris); 18 – passarinho que bate muito rápido as asas (beija-flor) e 54 – onde se senta quando vai ao banheiro (vaso sanitário) do QSL.

<sup>92</sup> Do QMS não foram cartografadas as perguntas 12 – tu/você/ a gente e 13 – nós/a gente.

encarte, o mapa da América Latina. Fora da moldura, à direita, situa-se a legenda, representando as quatro variantes com maior percentual de ocorrências, e padronizada nas cores vermelho, azul, amarelo e verde para representar a produtividade das variantes, em ordem decrescente, além da cor cinza para indicar outras variantes com baixo percentual e ausência de cor (somente o contorno) para indicar a ausência de respostas. Abaixo da legenda, figura o gráfico de ocorrências. No rodapé da carta constam o número da pergunta que a originou e os contextos de ocorrência do fenômeno (no caso das cartas fonéticas e morfossintáticas) ou o conceito (no caso das cartas lexicais).

Os registros foram apresentados por meio de círculos, visualizados no diagrama em forma de uma “cruz”, uma convenção que tem sido adotada nos atlas linguísticos pluridimensionais para distribuição das variantes, segundo o perfil dos grupos estudados. Dessa forma, os símbolos registrados sobre a linha horizontal indicam os informantes masculinos, das duas faixas etárias, e os indicados sob essa linha as informantes femininas, de ambas as faixas etárias. Os dados situados à esquerda da linha vertical referem-se aos informantes da segunda faixa etária e os dispostos à direita, da primeira faixa etária. Visto que a pesquisa foi realizada com dois informantes de cada perfil, o que está representado perto da cruz é o informante 1 (principal) e o que está mais afastado é o informante 2 (secundário).

#### 1.4.1 As cartas fonéticas

Na frente das cartas fonéticas constam: acima, centralizado, o título do atlas e logo abaixo, o número e o nome da carta linguística. Dentro do mapa pontilhado, que representa o território incaracterístico, estão as ocorrências em formato de círculos, cada qual com sua cor, dependendo do percentual, e nos devidos lugares da cruz: acima, à esquerda, os homens idosos e à direita, os homens jovens; abaixo, à esquerda, as mulheres idosas e à direita, as mulheres jovens, e cada qual na localidade pertencente. Os elementos referentes às respostas fornecidas pelos informantes principais estão próximos

da cruz e os do segundo informante estão na sequência, mais afastados. Abaixo do pontilhado do mapa, mas ainda dentro da moldura, à direita, está a legenda informativa do perfil dos informantes. Fora da moldura, à direita apresentam-se as ocorrências para a variável e, abaixo, o gráfico das ocorrências. Logo abaixo, centralizado, estão os números das perguntas que compõem a carta e os contextos de ocorrência do fenômeno.

No verso das cartas fonéticas constam os seguintes dados relativos às cartas subsequentes: a) as perguntas do questionário fonético que deram origem à carta; b) notas, nas quais são elencadas outras variantes citadas pelos informantes, se houver; c) comentários, explicações necessárias ou reproduções da fala dos informantes, quando relevantes.

A transcrição fonética da fala do informante foi pautada no Alfabeto Fonético Internacional da Associação Internacional de Fonética (IPA) e nas normas adotadas pelo Projeto ALiB, para a transcrição dos dados. Todo o item foi transcrito foneticamente e não apenas o fenômeno.

#### 1.4.1.1 Notação fonética

##### Vogais e semivogais

<b>Símbolos</b>	<b>Vogais</b>	<b>Símbolos</b>	<b>Semivogais</b>
[a]	Central baixa	[j]	Palatal sonora
[ɐ]	Central média-baixa átona	[w]	Velar sonora
[e]	Anterior média-alta		
[ɛ]	Anterior média-baixa		
[i]	Anterior alta		
[ɪ]	Anterior alta átona final		
[o]	Posterior média-alta		
[ɔ]	Posterior média-baixa		
[u]	Posterior alta		
[ʊ]	Posterior alta átona final		

## Ditongos

<b>Símbolo</b>	<b>Ditongos</b>	<b>Símbolo</b>	<b>Ditongos</b>
[ je ]	Semivogal palatal + vogal palatal média alta	[ ej ]	Vogal central média baixa (em final de vocábulo) + semivogal palatal
[ jɛ ]	Semivogal palatal + vogal palatal média baixa	[ ɔj ]	Vogal velar média baixa + semivogal palatal
[ ja ]	Semivogal palatal + vogal central baixa	[ oj ]	Vogal velar média alta + semivogal palatal
[ jɐ ]	Semivogal palatal + vogal central média baixa (em final de vocábulo)	[ ɔw ]	Vogal velar média baixa + semivogal velar
[ jɔ ]	Semivogal palatal + vogal velar média baixa	[ ow ]	Vogal velar média alta + semivogal velar
[ jo ]	Semivogal palatal + vogal velar média alta	[ uw ]	Vogal velar alta + semivogal velar
[ ju ]	Semivogal palatal + vogal velar alta	[ ẽj ]	Vogal palatal média alta + semivogal palatal
[ jʊ ]	Semivogal palatal + vogal velar menos alta (em final de vocábulo)	[ ẽj̃ ]	Vogal central baixa + semivogal palatal
[ wi ]	Semivogal velar + vogal palatal alta	[ õj ]	Vogal velar média alta + semivogal palatal
[ wɛ ]	Semivogal velar + vogal palatal média baixa	[ ũj ]	Vogal velar alta + semivogal palatal
[ wa ]	Semivogal velar + vogal central baixa	[ ɨw̃ ]	Vogal palatal alta + semivogal velar
[ wɐ ]	Semivogal velar + vogal central média baixa	[ ẽw̃ ]	Vogal palatal média alta + semivogal velar
[ wɔ ]	Semivogal velar + vogal velar média baixa	[ ɛw̃ ]	Vogal central baixa + semivogal velar
[ jẽ ]	Semivogal palatal + vogal palatal média alta	[ õw̃ ]	Vogal velar média alta + semivogal velar
[ jɐ̃ ]	Semivogal palatal + vogal central média baixa (em final de vocábulo)	[ ũw̃ ]	Vogal velar alta + semivogal velar

[jõ]	Semivogal palatal + vogal velar média alta	[uj]	Vogal velar alta + semivogal palatal
[jũ]	Semivogal palatal + vogal velar alta	[iũ]	Vogal palatal alta + semivogal velar
[jõ]	Semivogal palatal + vogal velar menos alta do que /u/	[eũ]	Vogal palatal média alta + semivogal velar
[wẽ]	Semivogal velar + vogal palatal média alta	[eũ]	Vogal palatal média baixa + semivogal velar
[wẽ]	Semivogal velar + vogal central média baixa	[aũ]	Vogal central baixa + semivogal velar
[wõ]	Semivogal velar + vogal velar média alta	[ej]	Vogal palatal média alta + semivogal palatal
[ij]	Vogal palatal alta + semivogal palatal	[ej]	Vogal palatal média baixa + semivogal palatal
[aj]	Vogal central baixa + semivogal palatal		

## Consoantes

Símbolo	Variável	Símbolo	Variável
[p]	Oclusiva bilabial surda	[r]	Tepe alveolar sonoro
[b]	Oclusiva bilabial sonora	[r]	Vibrante alveolar sonora
[t]	Oclusiva alveolar surda	[x]	Fricativa velar surda
[d]	Oclusiva alveolar sonora	[ɽ]	Retroflexa alveolar sonora
[tʲ]	Palatalização da oclusiva alveolar surda	[l]	Lateral alveolar sonora
[dʲ]	Palatalização da oclusiva alveolar sonora	[ʎ]	Lateral palatal sonora
[k]	Oclusiva velar surda	[ʒ]	Fricativa alveopalatal sonora
[g]	Oclusiva velar sonora	[s]	Fricativa alveolar surda
[tʃ]	Africada labiopalatal surda	[z]	Fricativa alveolar sonora
[dʒ]	Africada alveopalatal sonora	[ʃ]	Fricativa alveopalatal surda
[m]	Nasal bilabial sonora	[f]	Fricativa labiodental surda
[n]	Nasal alveolar sonora	[v]	Fricativa labiodental sonora
[ɲ]	Nasal palatal sonora		

Sinais diacríticos: ˈ - tonicidade e ~ - nasalidade

#### 1.4.2 As cartas lexicais

As cartas lexicais são representadas da mesma maneira que as fonéticas, porém, contêm as informações referentes às respostas dadas ao questionário semântico-lexical. O verso das cartas lexicais traz informações sobre a carta subsequente e obedeceram à seguinte sequência: a) número e questão do questionário linguístico que originou a carta; b) a tabela com as variantes documentadas que não foram mapeadas; c) notas que foram destinadas aos comentários, explicações do pesquisador e reproduções da fala dos informantes, quando relevantes.

#### 1.4.3 As cartas morfossintáticas

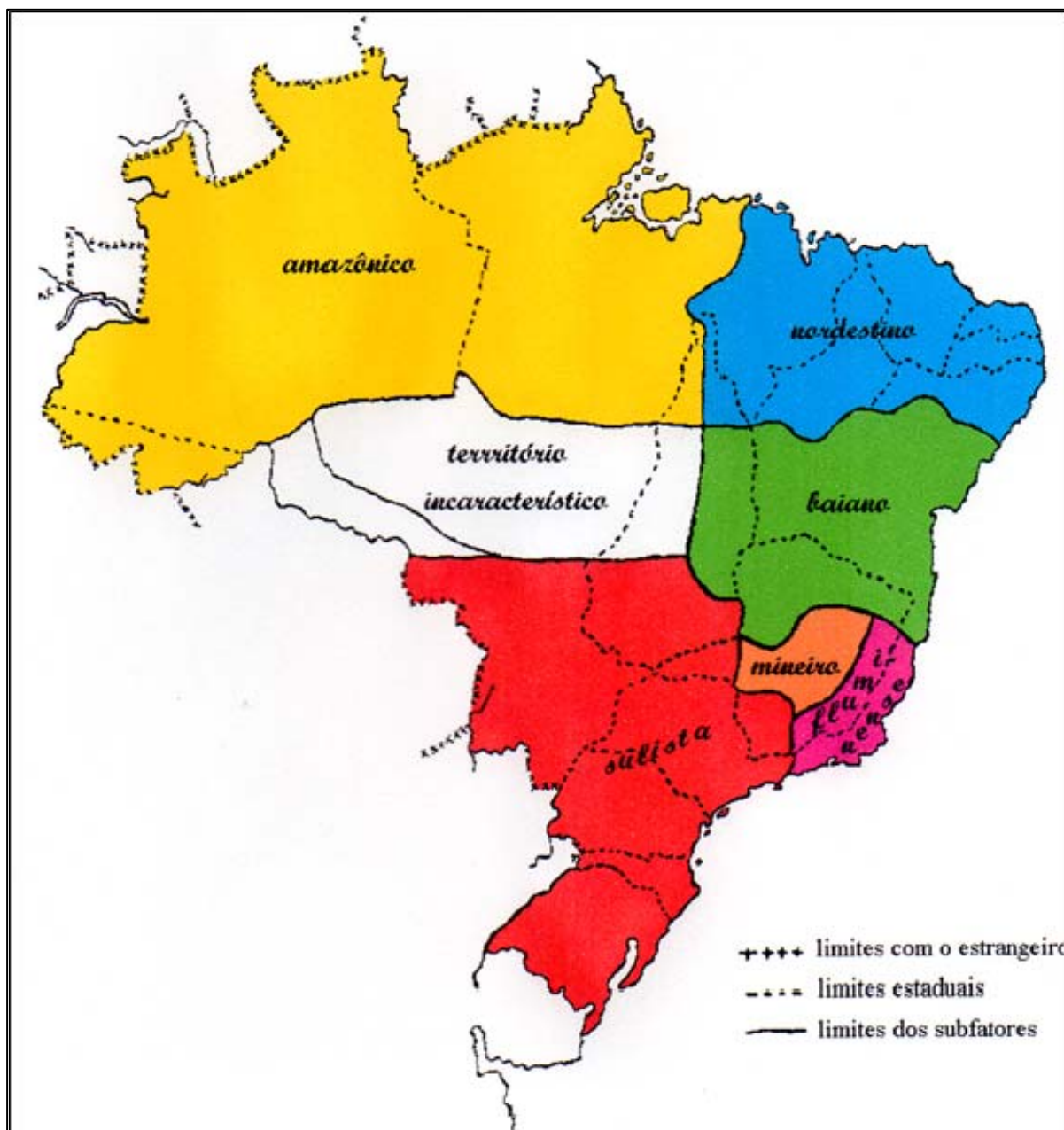
As cartas morfossintáticas obedecem ao mesmo layout das fonéticas, porém, contêm as informações referentes às respostas dadas ao questionário morfossintático. O verso dessas cartas traz informações sobre a carta subsequente e obedeceram à seguinte sequência: a) número e questão do questionário linguístico que originou a carta; b) notas que foram destinadas aos comentários, explicações do pesquisador e reproduções da fala dos informantes, quando relevantes.

#### 1.4.4 As cartas-síntese

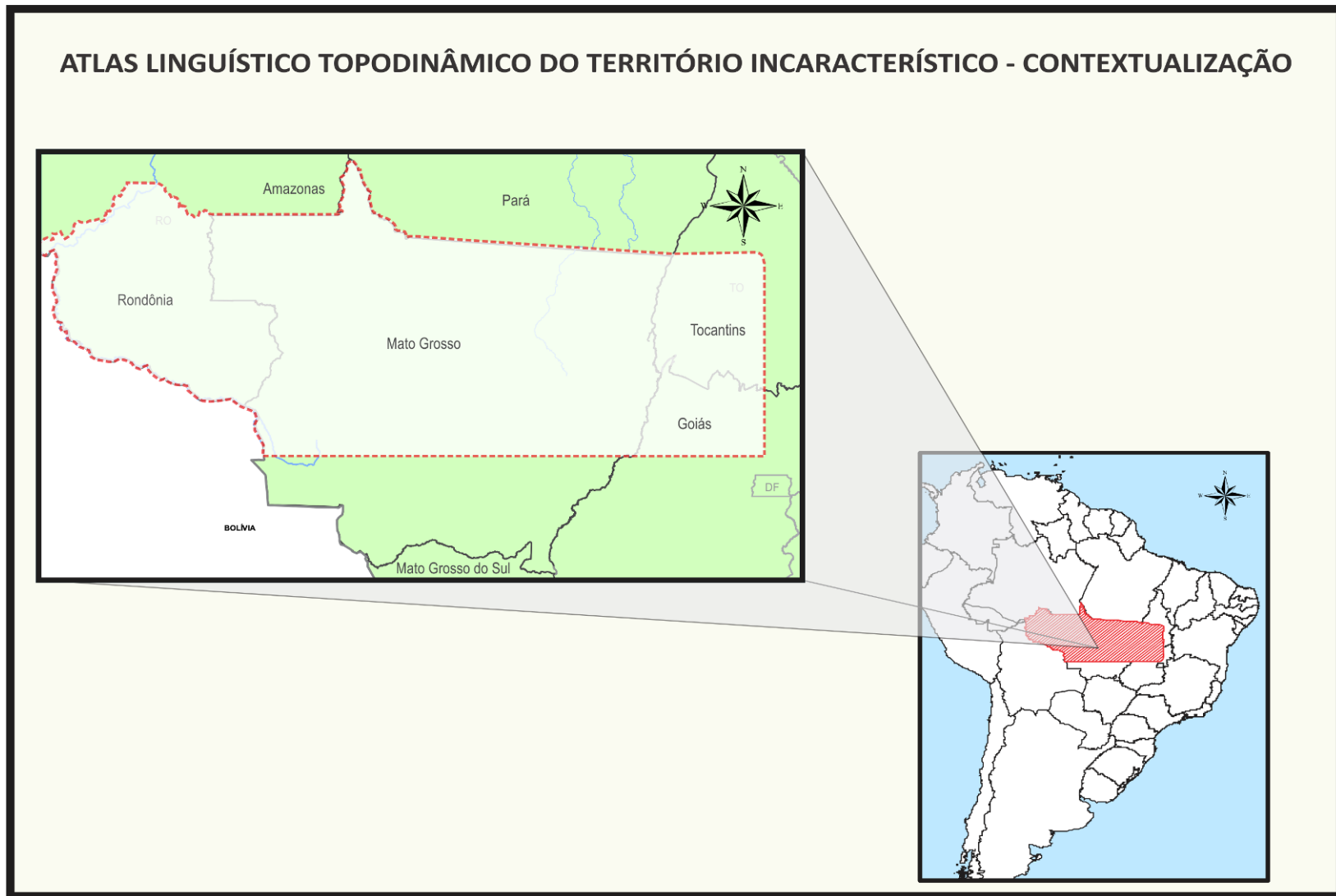
Embora a base permaneça a mesma, para a representação sintética das variantes conforme a região de origem dos migrantes foi utilizado o modelo de pizza. Na representação da dimensão diasssexual foi preservado apenas o traço horizontal da cruz, que no ALTTI separa os parâmetros homem e mulher. Nas cartas-síntese diageracionais foi conservado o traço vertical, que separa os parâmetros faixa etária I e II da dimensão diageracional e, nas cartas diatópicas, a cruz foi retirada totalmente. Para representar as variantes, utilizamos círculos com cores diferentes de acordo com a característica da variante: vermelho para mais sulistas, azul para mais nortistas.

# **CARTAS INTRODUTÓRIAS**

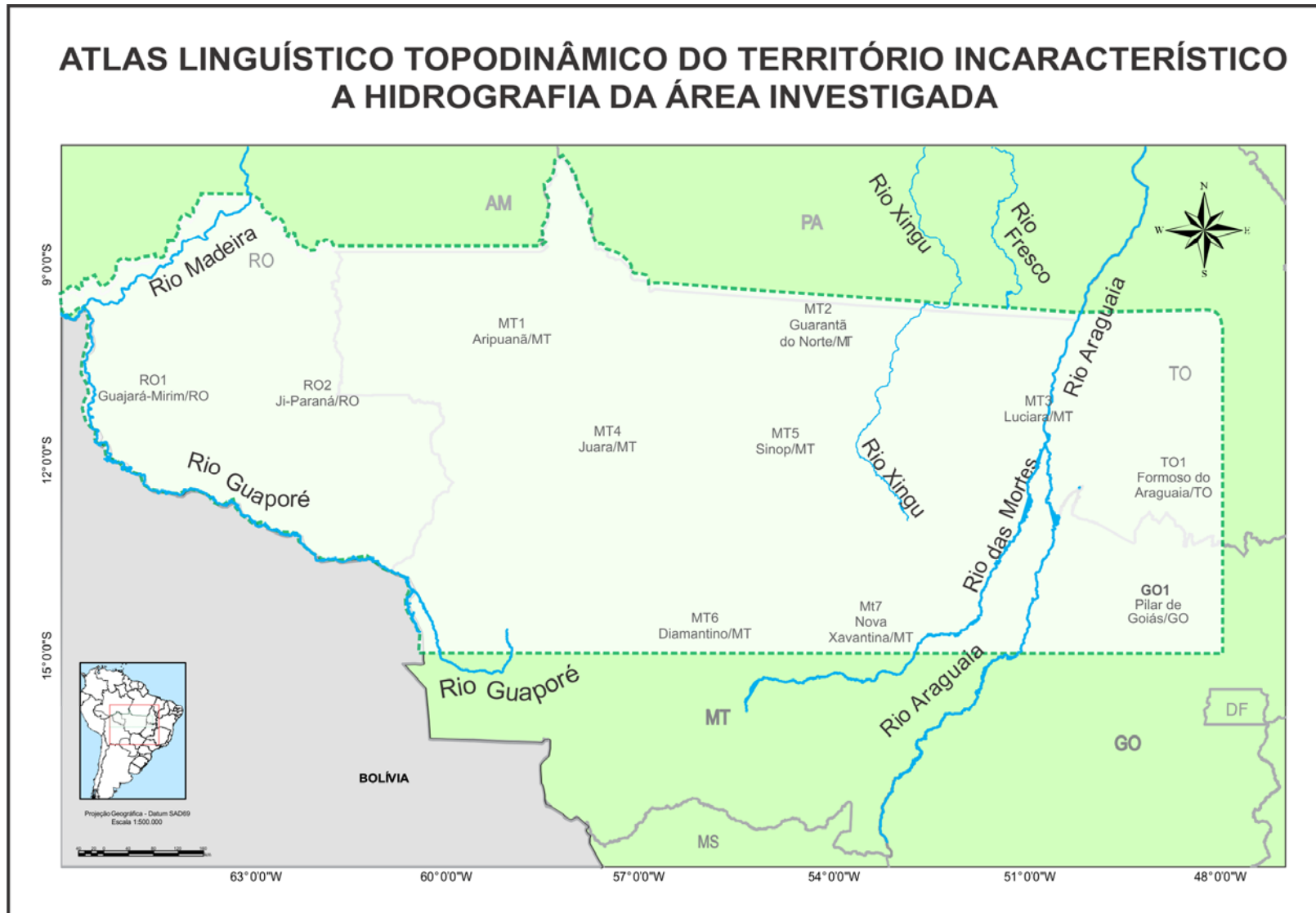
**CARTA 1: DIVISÃO DIALETAL PROPOSTA POR ANTONOR NASCENTES (1953)**



## CARTA 2 – O “TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO” NO CONTEXTO BRASILEIRO



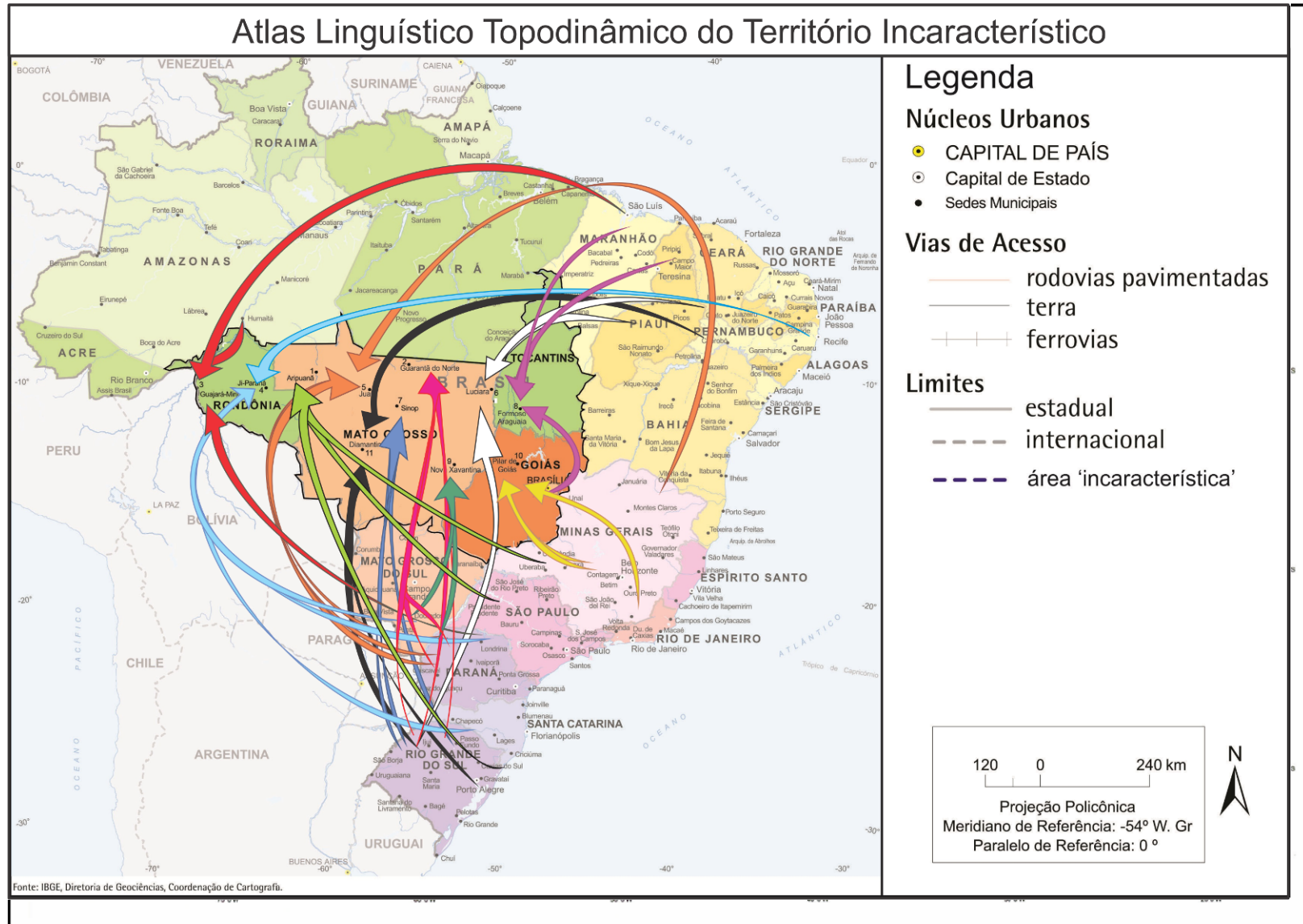
### CARTA 3 – A HIDROGRAFIA DA ÁREA INVESTIGADA



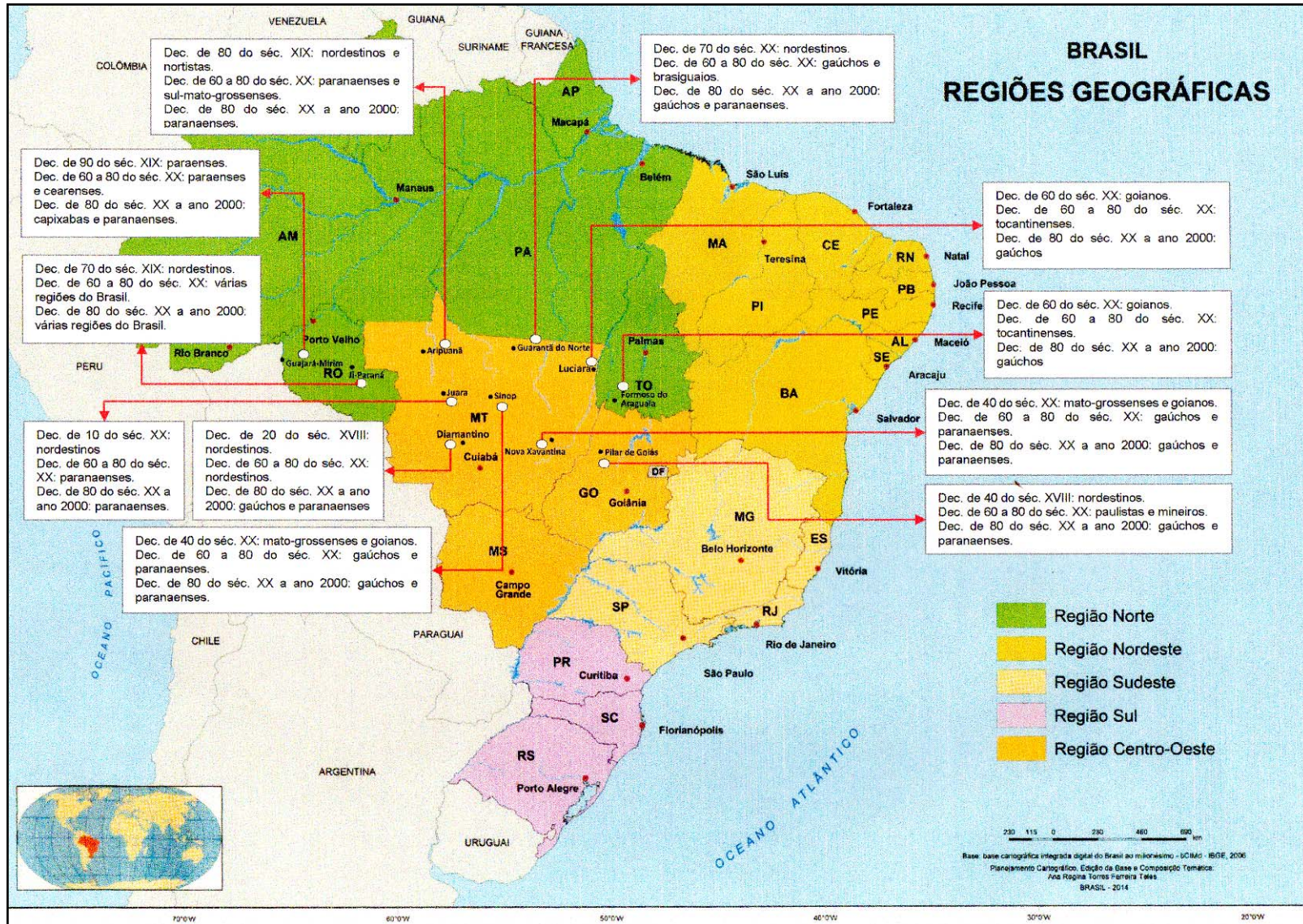
## CARTA 4 – PRINCIPAIS RODOVIAS DA ÁREA DO “TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO”



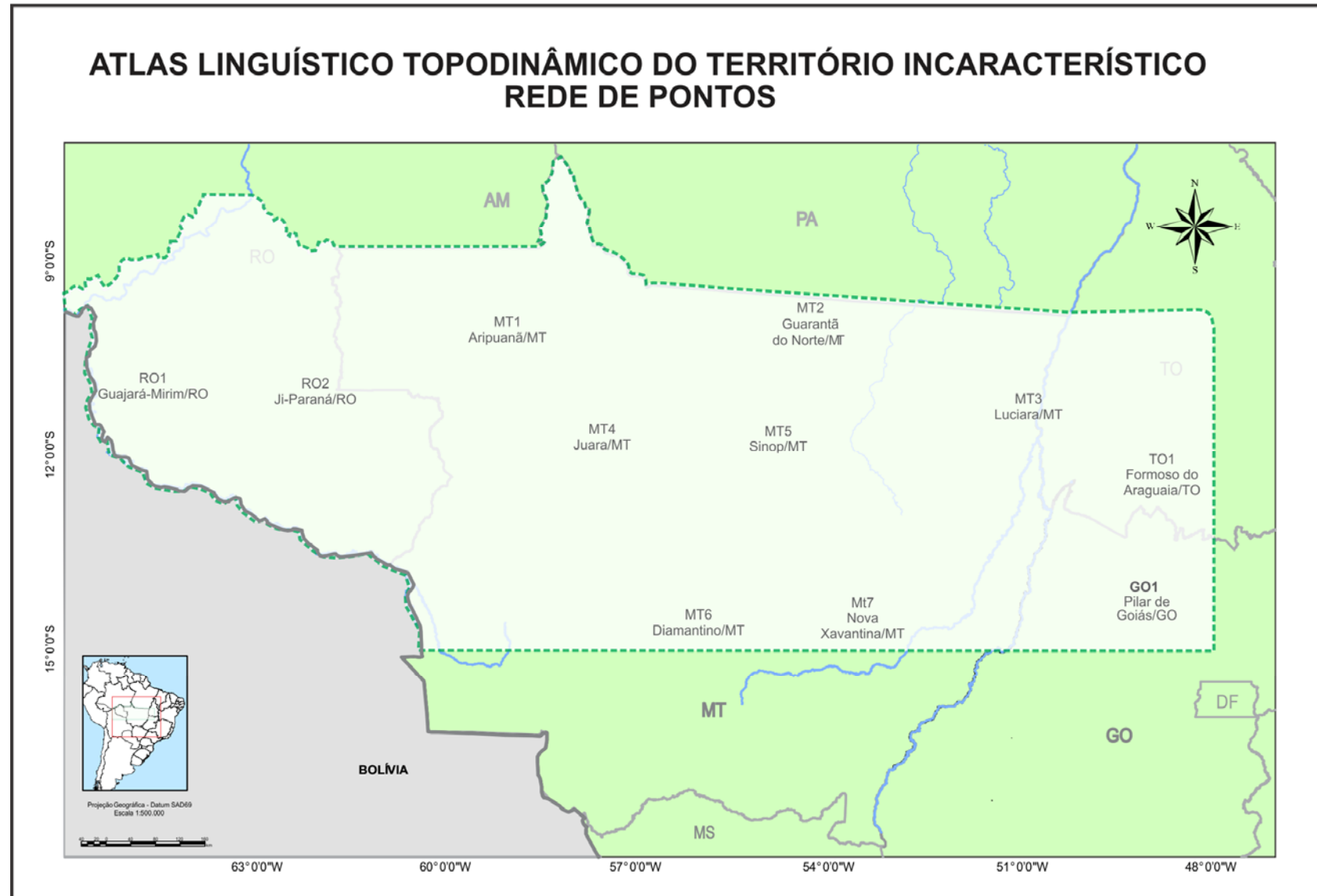
## CARTA 5 – ROTAS MIGRATÓRIAS NO “TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO”



# CARTA 6 – ORDEM DE CHEGADA DOS GRUPOS MIGRATÓRIOS NA ÁREA INVESTIGADA



## CARTA 7 –REDE DE PONTOS DO ALTTI



# **CARTAS LINGUÍSTICAS**

**Carta 001****Contextos de ocorrência:**

**1 - TERRENO:** Onde se constrói uma casa? (o que é preciso para construir uma casa?)

**3 - TELEVISÃO:** ...Aquele aparelho onde se pode ver novela, jogo, programas...

**12 - FERVENDO:** Quando a água da panela está bem quente, cheia de bolhinhas, como é que se diz que ela está?

**26- REMANDO:** Quando se faz assim (mímica) numa canoa, numa embarcação, está se fazendo o quê?

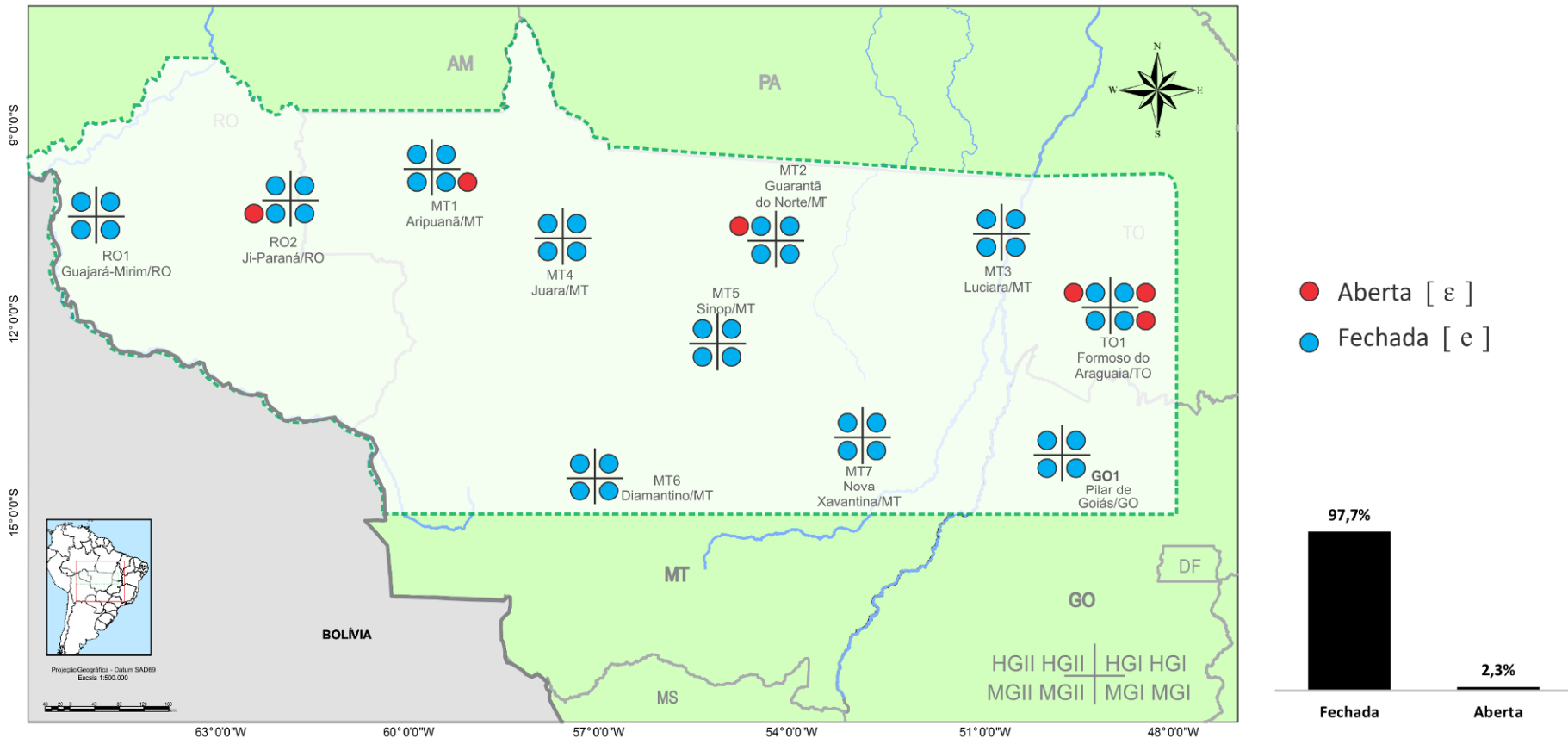
**35 – DESVIO:** Quando uma estrada fica interrompida por algum problema, o que é que se faz ao lado para que os carros possam passar?

**41 – PERNAMBUCANO:** Quem nasce no Rio de Janeiro é carioca. E quem nasce em Pernambuco?

**62 – PERFUME:** O que é que se passa no corpo para ficar cheiroso?

# ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO DO TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO

## Carta 001 - Realização da vogal média anterior em posição pretônica



QFF: 1, 3, 12, 26, 35, 41, 62

Contextos de ocorrência do fenômeno: *terreno, televisão, fervendo, remando, desvio, pernambucano, perfume*

## Carta 002

### Contextos de ocorrência:

**7 – TORNEIRA:** ...aquilo que se abre quando se quer lavar as mãos numa pia?

**10 – GORDURA:** A carne de porco não é magra porque tem ...

**22 – BORBOLETA:** ...Um bichinho que voa e tem as asas bonitas e coloridas?

**42 – CORREIO:** Quando se quer mandar uma carta de uma cidade para outra, como é que se faz?

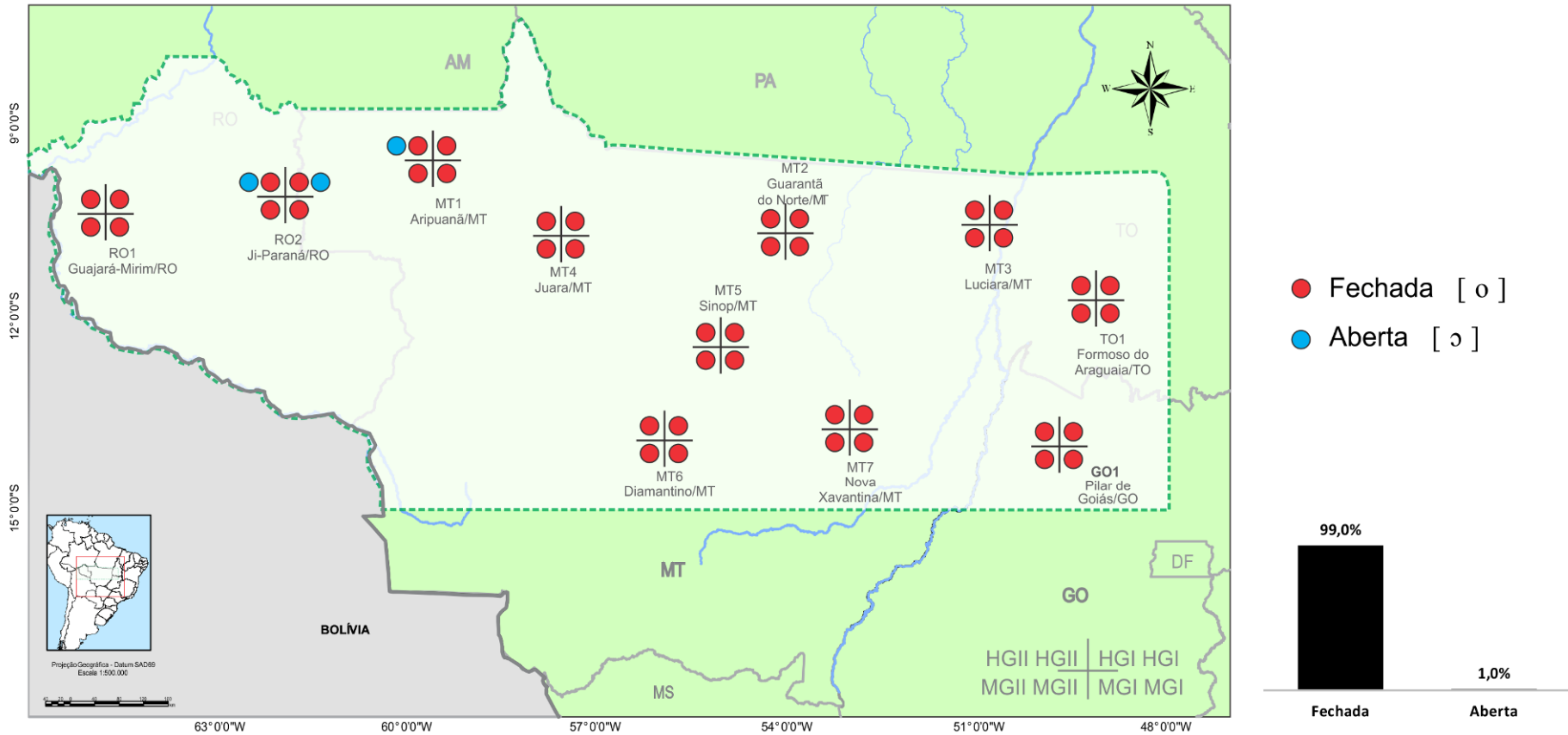
**46 – PROCISSÃO:** Nas festas de igreja, que nome tem a caminhada que o povo faz, levando uma imagem de um ponto a outro?

**50 – CORAÇÃO:** Qual o nome da parte do corpo que, se parar, a pessoa morre?

**63 – DORMINDO:** A pessoa que não está acordada, está\_\_\_\_\_? (Mímica)

# ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO DO TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO

## Carta 002 - Realização da vogal média posterior em posição pretônica



QFF: 7, 10, 22, 42, 46, 50, 63

Contextos de ocorrência do fenômeno: *torneira, gordura, borboleta, correio, procissão, coração e dormindo*

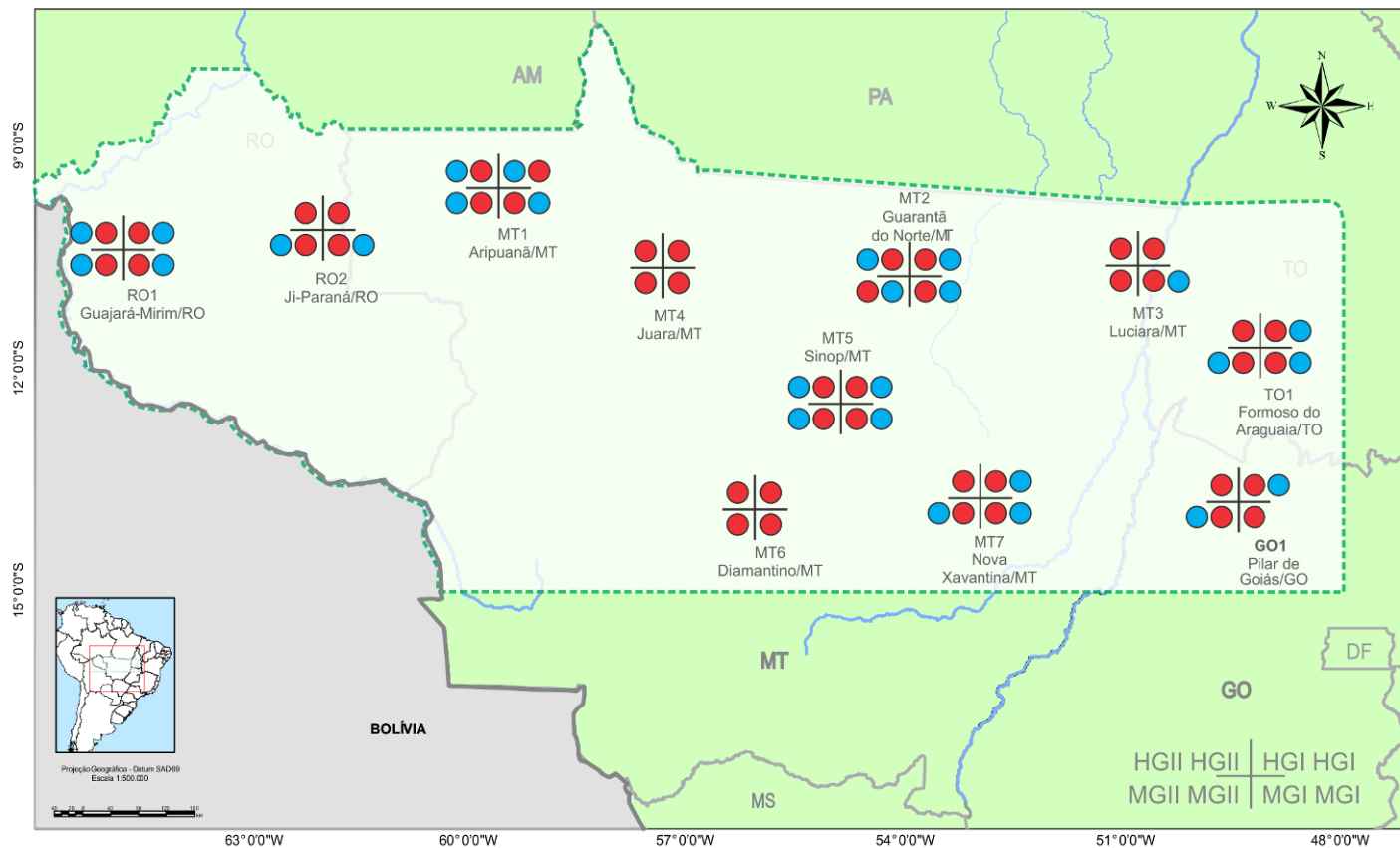
## Carta 003

### Contextos de ocorrência:

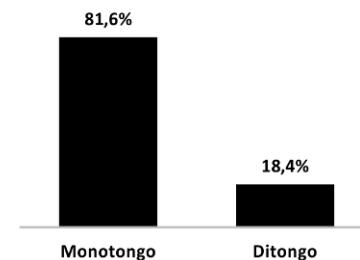
- 2 – **PRATELEIRA:** ...aquilo assim (mímica), onde se colocam objetos em casa (latas de mantimentos na cozinha, enfeites na sala...) ou produtos nos supermercados, mercearia?
- 5 – **TRAVESSEIRO:** ...aquilo que a pessoa recosta a cabeça para dormir na cama?
- 7 – **TORNEIRA:** ...aquilo que se abre quando se quer lavar as mãos numa pia?
- 17 – **MANTEIGA:** Aquilo que se passa no pão e se faz da nata do leite?
- 25 – **PEIXE:** O que é que se pesca nos rios, no mar?
- 44 – **COMPANHEIRO:** Na escola, em um time de futebol, o que as pessoas são umas das outras? (Quando duas pessoas não são casadas e moram juntas, uma é o que da outra?)

# ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO DO TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO

## Carta 003 - Realização do ditongo /ey/



- Monotongo
- Ditongo



QFF: 2, 5, 7, 17, 25, 44

Contextos de ocorrência do fenômeno: *prateira, travesseiro, torneira, manteiga, peixe, companheiro.*

## **Carta 004**

### **Contextos de ocorrência:**

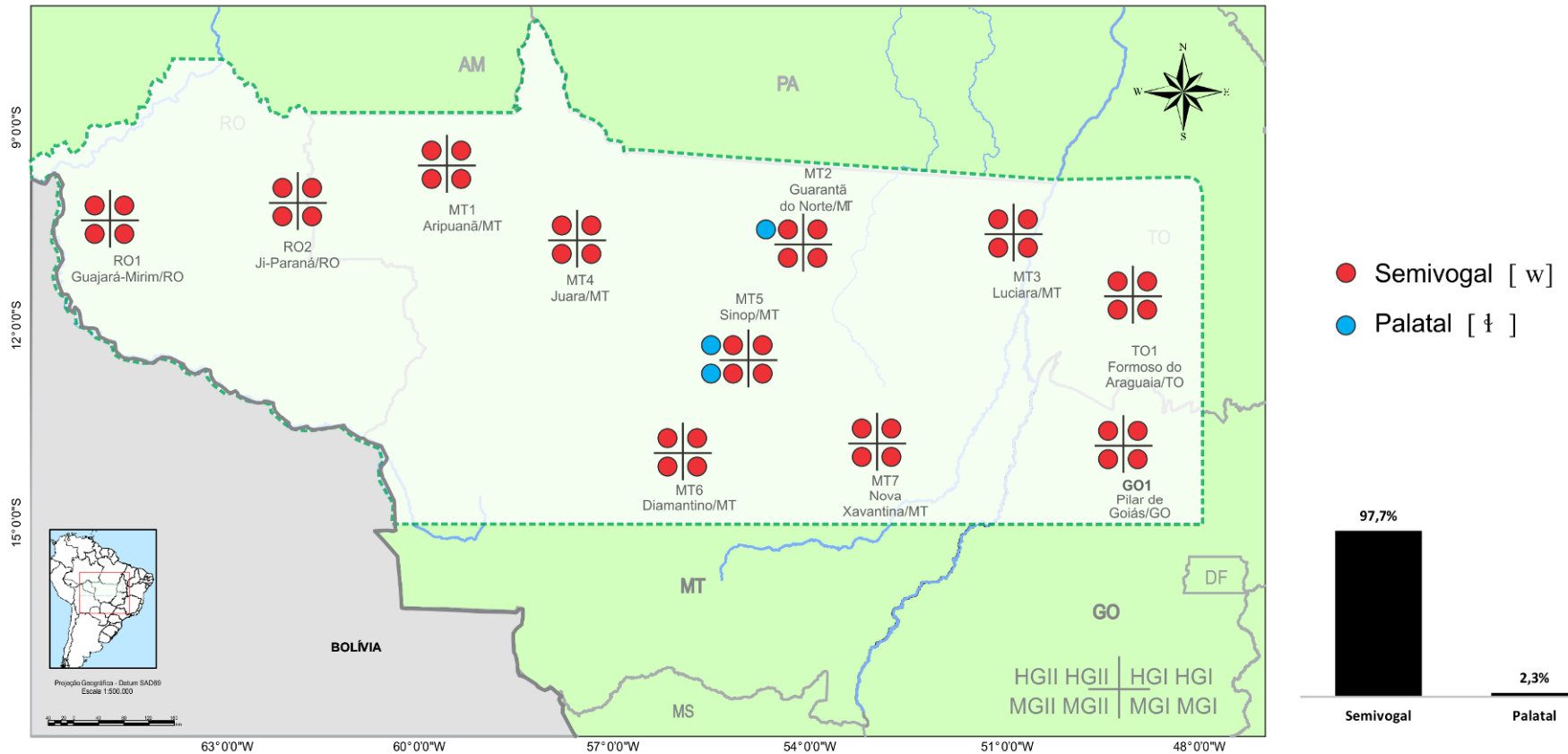
**13 – SAL:** O que é preciso colocar na carne para temperar?

**21 – MEL:** E o que a abelha fabrica?

**29 – SOL:** ...aquilo que brilha no céu, de dia?

# ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO DO TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO

## Carta 004 - Realização da palatal // em final de palavra



QFF: 13, 21, 29

Contextos de ocorrência do fenômeno: *sal, mel e sol*

## **Carta 005a**

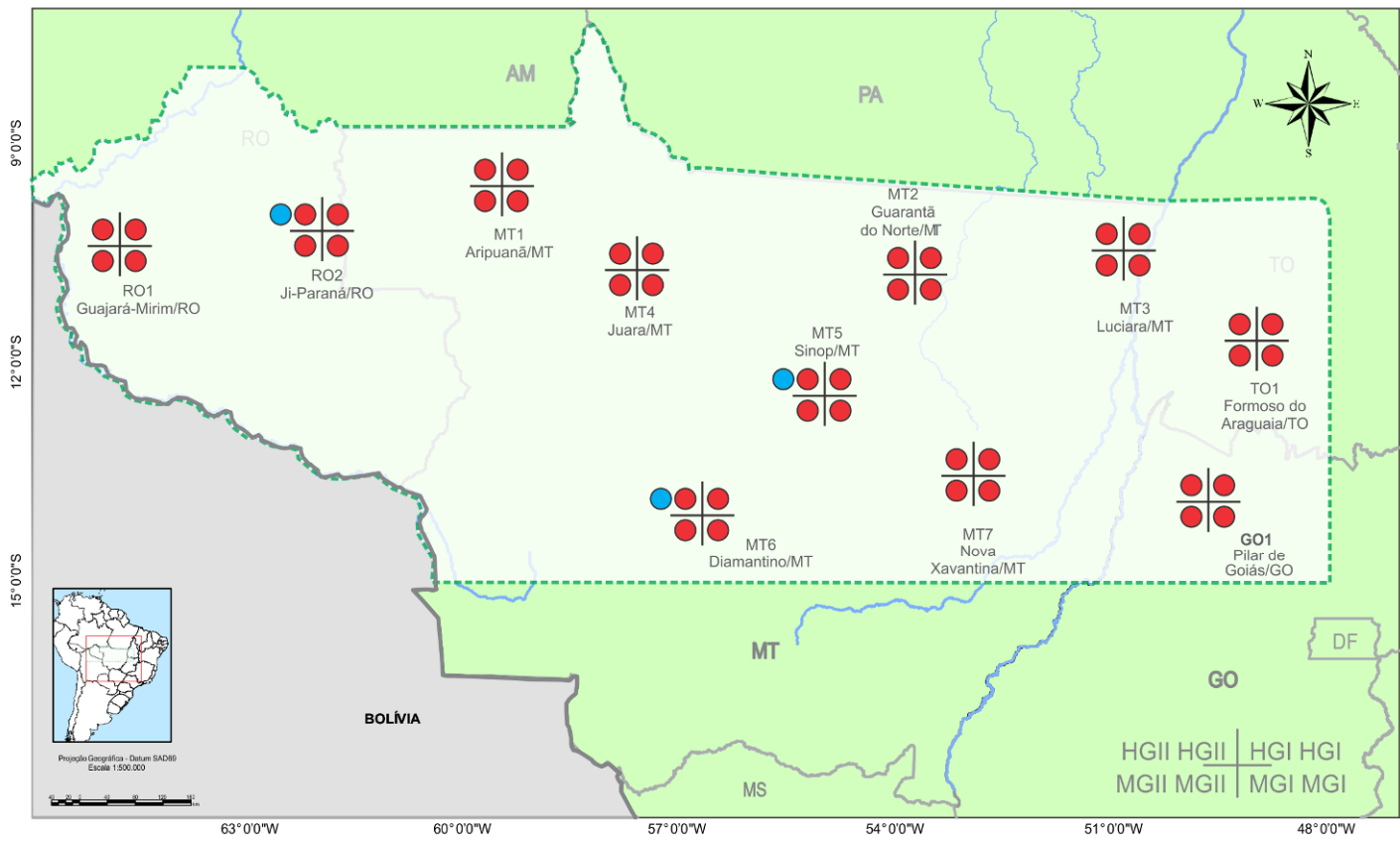
### **Contextos de ocorrência:**

**28 – DIA:** E depois da noite, o que é que vem?

**56 – TIO:** O que é que o irmão de seu pai ou de sua mãe é seu?

# ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO DO TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO

## Carta 005a - Realização de /t/ e /d/ diante do arquifonema i



- Não palatalizada
- Palatalizada



QFF: 28, 56

Contextos de ocorrência do fenômeno: *dia* e *tio*

**Carta 005b**

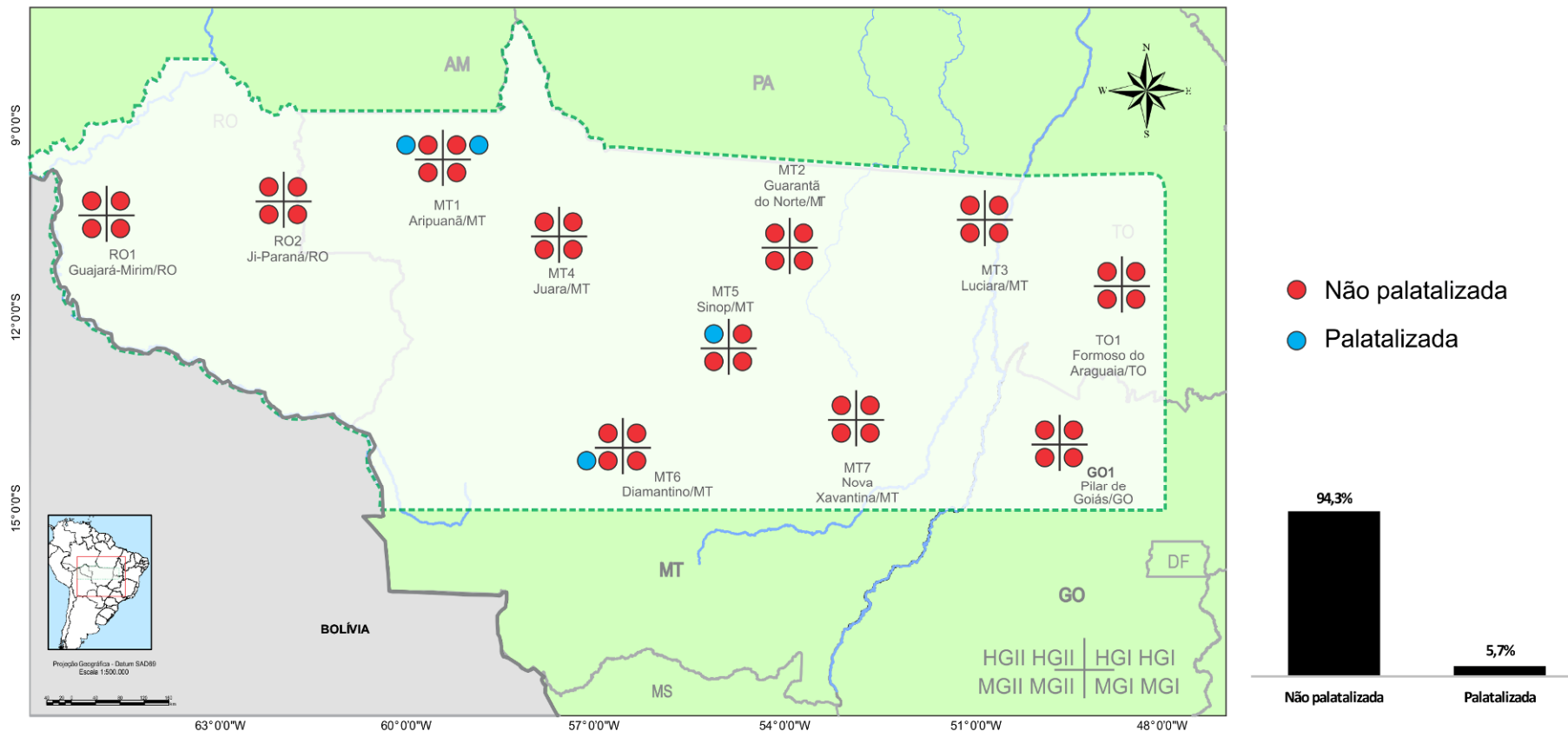
**Contextos de ocorrência:**

**14 – TOMATE:** Aquilo vermelho que vende na feira, que se faz salada ou que se usa para preparar o molho do macarrão?

**48 – DENTE:** E isto? (Apontar)

# ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO DO TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO

## Carta 005b - Realização de /t/ e /d/ diante do arquifonema i



QFF: 14, 48

Contextos de ocorrência do fenômeno: *tomate e dente*

## Carta 006

### Contextos de ocorrência:

**1 – TERRENO:** Onde se constrói uma casa? (O que é preciso para construir uma casa?)

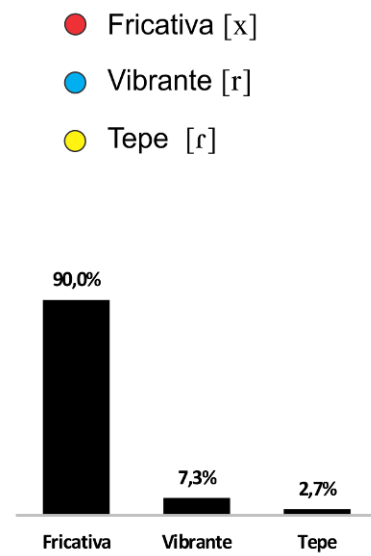
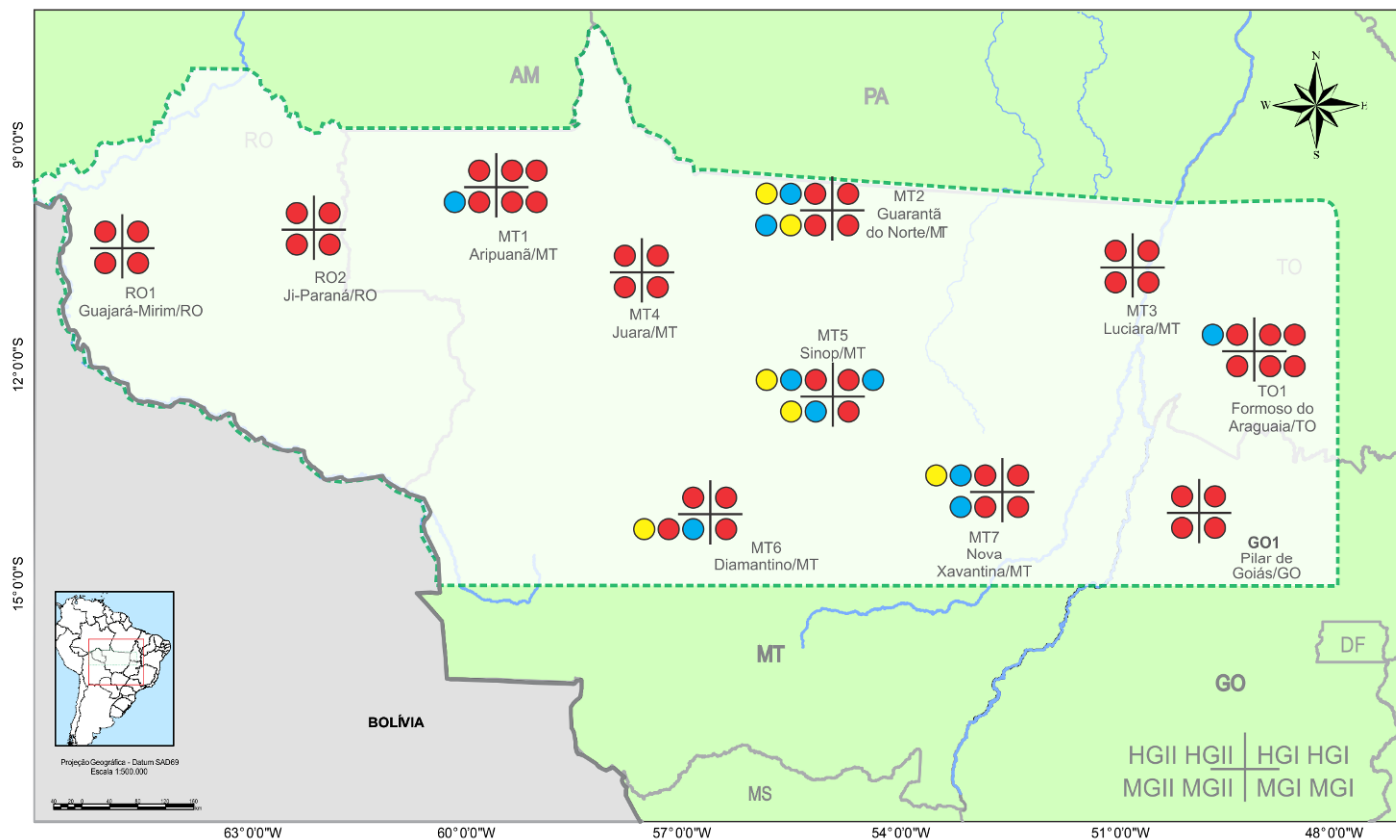
**18 – ROSA:** ...aquela flor bonita, cheirosa, que é presa num talo com espinhos?

**24 – RATO:** ...o bichinho que o gato caça?

**42 – CORREIO:** Quando se quer mandar uma carta de uma cidade para outra, como é que se faz?

# ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO DO TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO

## Carta 006 - /R/ em início de sílaba ou de vocábulo



QFF: 1, 18, 24, 42

Contextos de ocorrência do fenômeno: *terreno, rosa, rato e correio*

## **Carta 007**

### **Contextos de ocorrência:**

**7 – TORNEIRA:** ...aquilo que se abre quando se quer lavar as mãos numa pia?

**10 – GORDURA:** A carne de porco não é magra porque tem ...

**12 – FERVENDO:** Quando a água da panela está bem quente, cheia de bolhinhas, como é que se diz que ela está?

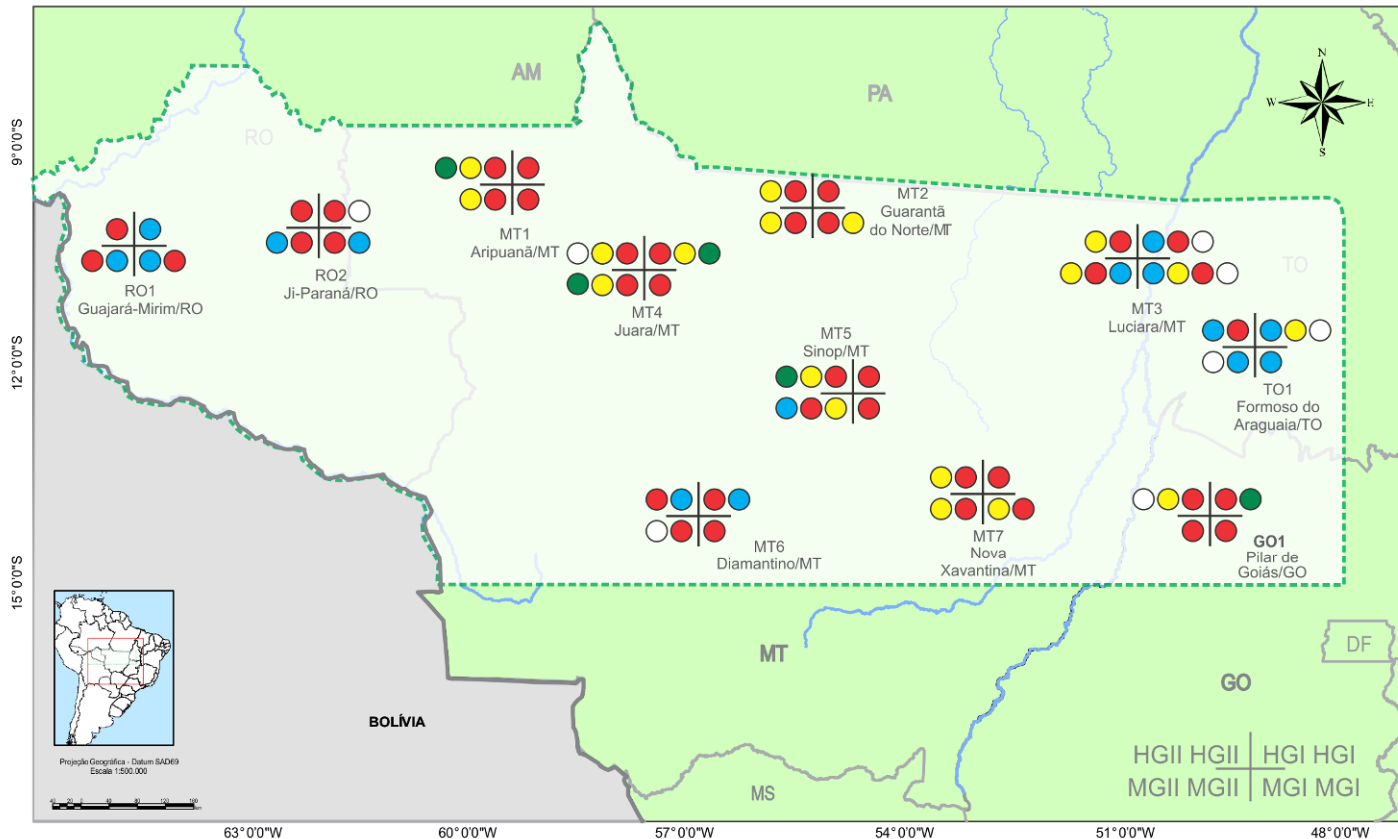
**22 – BORBOLETA:** ...Um bichinho que voa e tem as asas bonitas e coloridas?

**41 – PERNAMBUCANO:** Quem nasce no Rio de Janeiro é carioca. E quem nasce em Pernambuco?

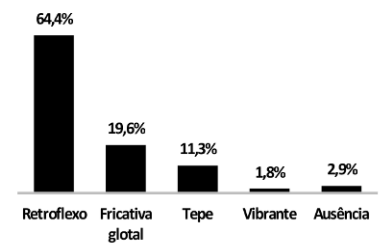
**62 – PERFUME:** O que é que se passa no corpo para ficar cheiroso?

# ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO DO TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO

## Carta 007 - /R/ em coda silábica interna



- Retroflexo [ɽ]
- Fricativa glotal [h]
- Tepe [r]
- Vibrante [r]
- Zero fonético [ø]



QFF: 7, 10, 12, 22, 41, 62

Contextos de ocorrência do fenômeno: *torneira, gordura, fervendo, borboleta, pernambucano e perfume*

## Carta 008

### Contextos de ocorrência:

11 – **COLHER** (subst.): A carne se come de garfo e faca. E a sopa, com que se toma? O que é que se usa para tomar sopa?

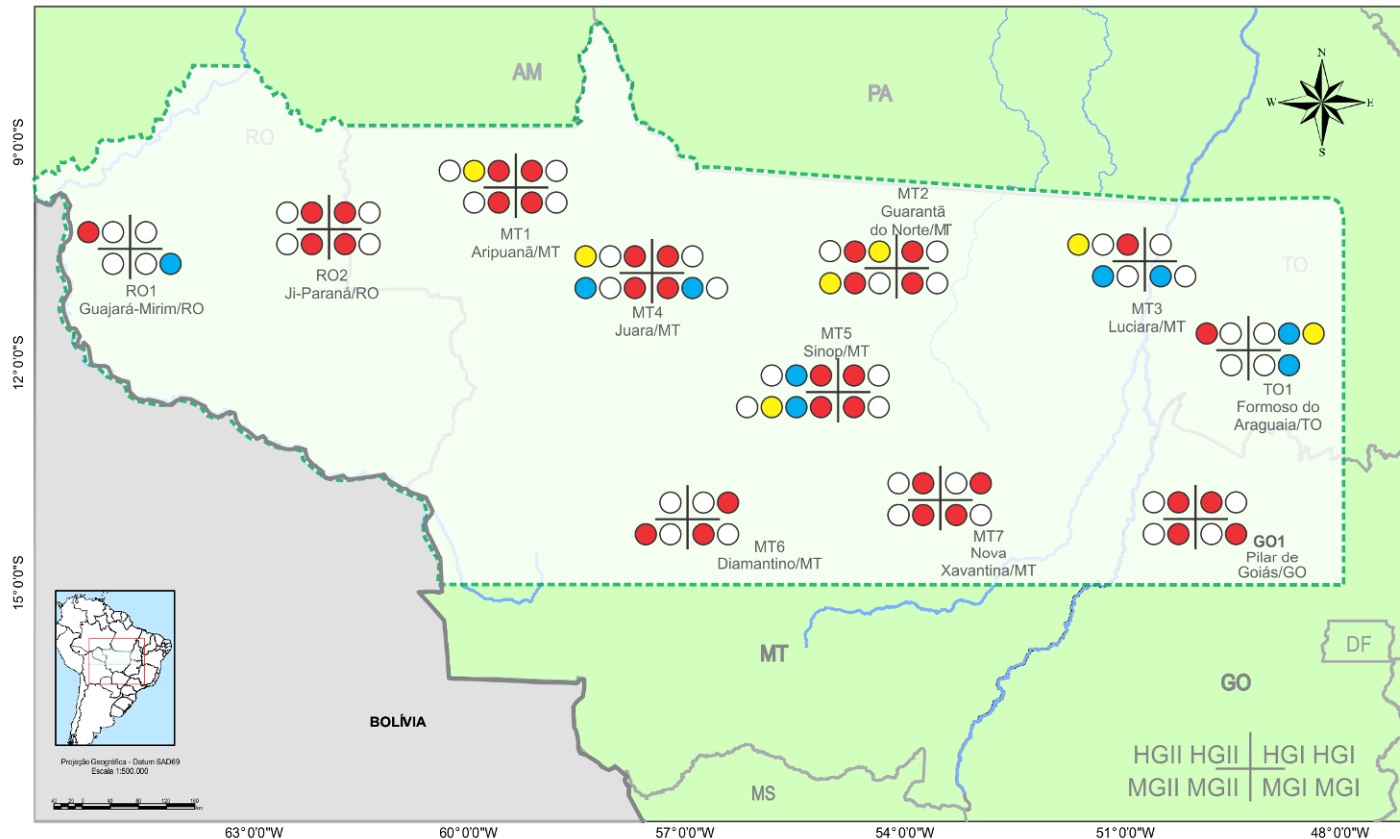
32 – **CALOR**: No inverno faz frio. E no verão?

40 – **RASGAR**: Fazer assim (mímica) em um papel é \_\_\_\_?

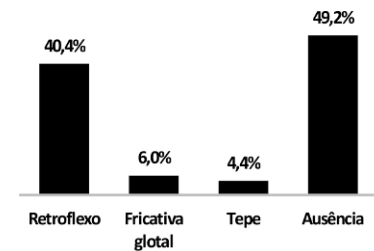
54 – **MULHER**: Eva foi a primeira ...?

# ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO DO TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO

## Carta 008 - /R/ em coda silábica externa - presença versus ausência em nomes



- Retroflexo [ɾ]
- Fricativa glotal [h]
- Tepe [r]
- Zero fonético [∅]



QFF: 11, 32, 40, 54

Contextos de ocorrência do fenômeno: *colher, calor, rasgar e mulher*

## Carta 009

### Contextos de ocorrência:

**33 – TRÊS:** O que é que vem depois do dois?

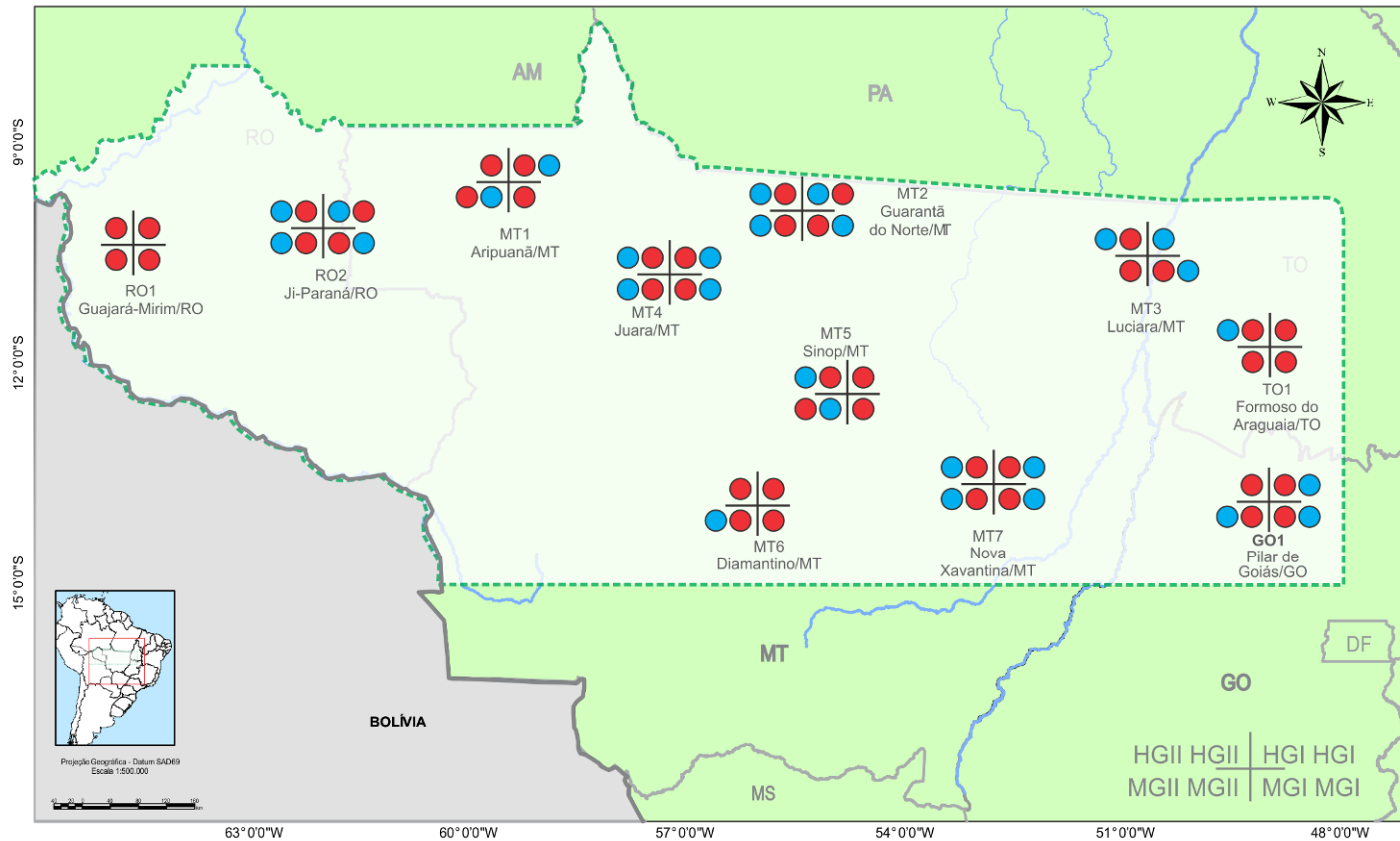
**34 – DEZ:** O que é que vem depois do nove?

**51 – COSTAS:** Aqui (apontar) é a frente, e aqui é (apontar)?

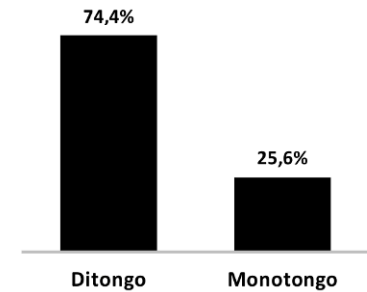
**59 – VOZ:** Uma pessoa que canta bem, se diz que ela tem uma boa \_\_\_\_\_?

# ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO DO TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO

## Carta 009 - Ditongação de sibilante



- Ditongo
- Monotongo



QFF: 33, 34, 59

Contextos de ocorrência do fenômeno: *três, dez e voz*

## Carta 010

### Contextos de ocorrência:

**8 – FÓSFORO:** Aquilo que se usa (mímica) para acender o fogo?

**15 – CASCA:** Para comer uma banana, o que é que se tira?

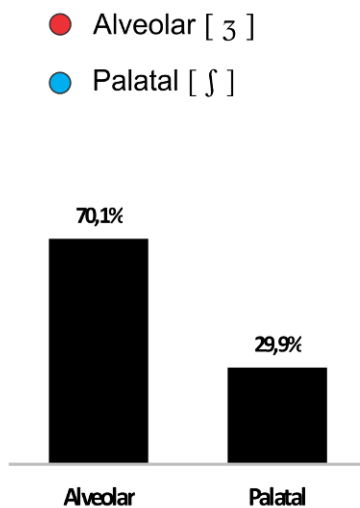
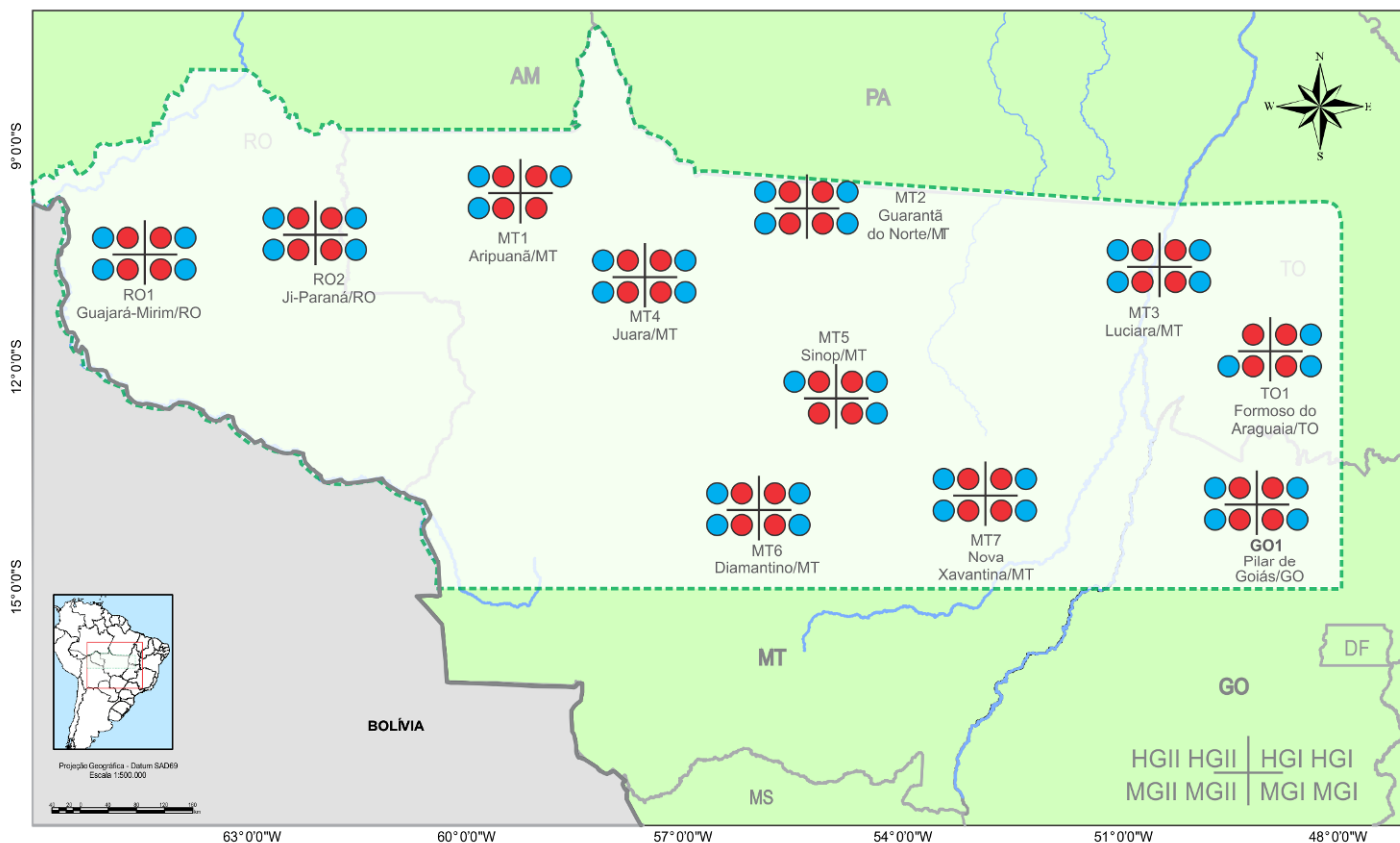
**35 – DESVIO:** Quando uma estrada fica interrompida por algum problema, o que é que se faz ao lado para que os carros possam passar?

**40 – RASGAR:** Fazer assim (mímica) em um papel é \_\_\_\_?

**51 – COSTAS:** Aqui (apontar) é a frente, e aqui é (apontar)?

# ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO DO TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO

## Carta 010 - /S/ em coda silábica, em posição interna



QFF: 8, 15, 35, 40, 51

Contextos de ocorrência do fenômeno: *fósforo, casca, desvio, rasgar e costas*

## Carta 011

### Contextos de ocorrência:

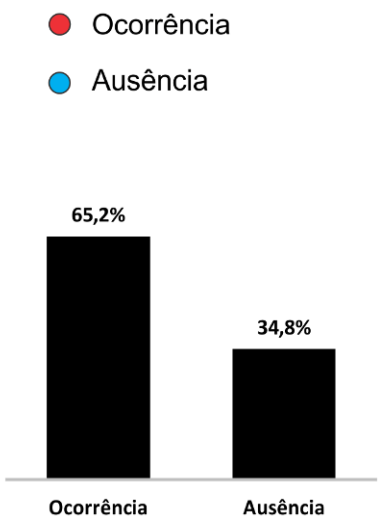
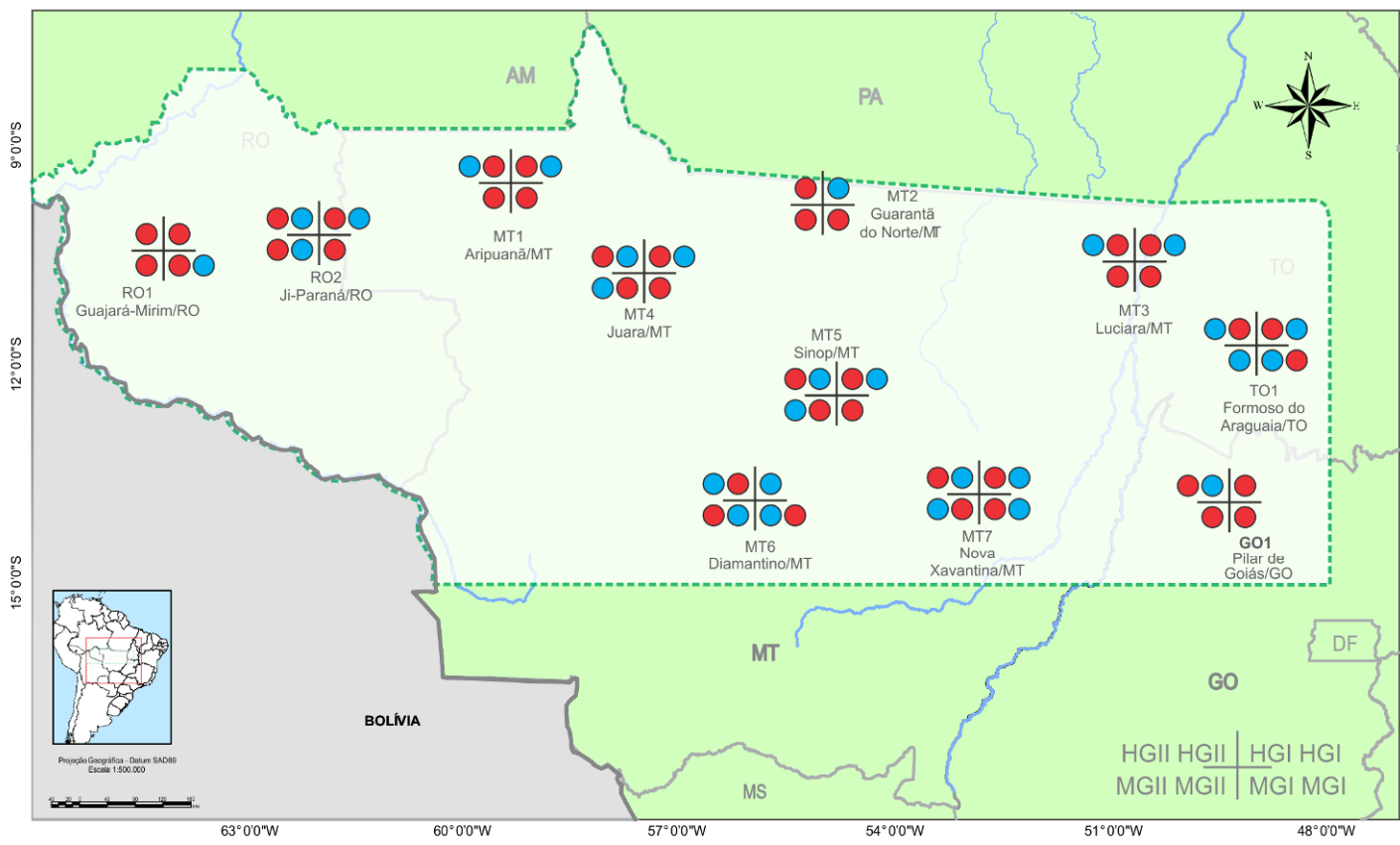
**12 – FERVENDO:** Quando a água da panela está bem quente, cheia de bolhinhas, como é que se diz que ela está?

**26 – REMANDO:** Quando se faz assim (mímica) numa canoa, numa embarcação, está se fazendo o quê?

**63 – DORMINDO:** A pessoa que não está acordada, está\_\_\_\_\_? (Mímica)

# ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO DO TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO

## Cartas 011 - Assimilação em /d/ no grupo /nd/, nas formas de gerúndio



QFF: 12, 26, 63  
 Contextos de ocorrência do fenômeno: *fervendo, remando e dormindo.*

## Carta 012

### Contextos de ocorrência:

**11 – COLHER** (subst.): A carne se come de garfo e faca. E a sopa, com que se toma? O que é que se usa para tomar sopa?

**20 – ABELHA:** ...um inseto que carrega o pólen das flores, que vive em colmeias, fabrica um líquido grosso, amarelado, que é usado como alimento e como remédio?

**54 – MULHER:** Eva foi a primeira ...?

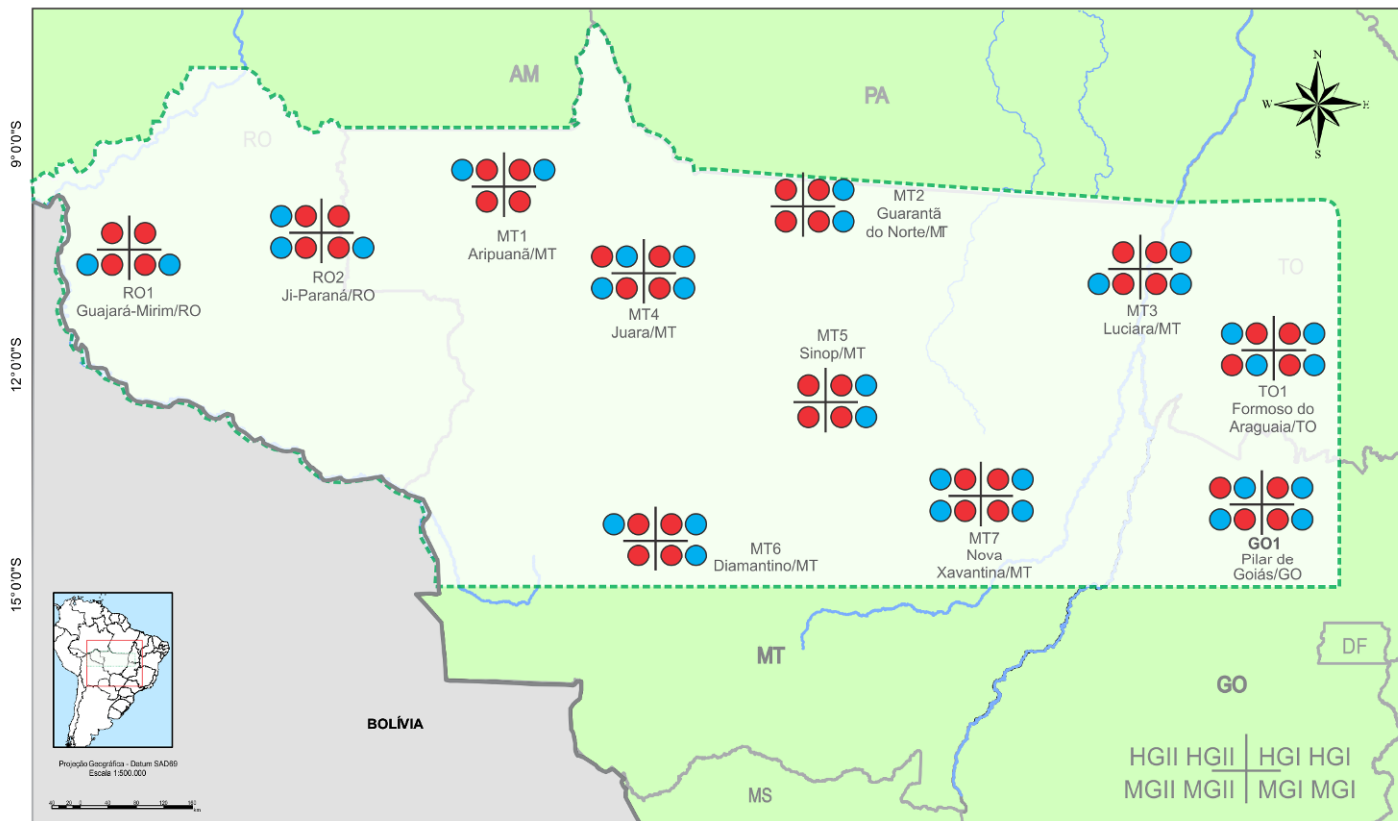
**55 – FAMÍLIA:** O pai, a mãe e os filhos formam uma ...?

**60 – SANDÁLIA:** Aquele calçado aberto, trançadinho, usado no verão, que tem uma tira que prende no calcanhar?

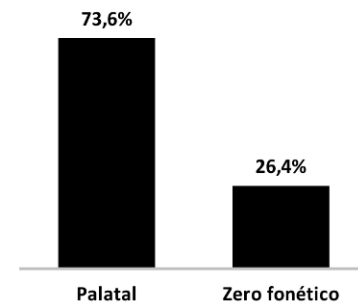
**61 – BRAGUILHA:** ...a abertura da calça do homem, normalmente fechada com botões ou com zíper? Se você / o (a) senhor (a) encontra um conhecido com a calça aberta, você diz: fulano, fecha a \_\_\_\_\_?

# ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO DO TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO

## Carta 012 - Realização da lateral palatal



- Palatal [ ʎ ]
- Zero fonético [ ø ]



QFF: 11, 20, 54, 61

Contextos de ocorrência do fenômeno: *colher, abelha, mulher, braguilha*

## **Carta 013**

### **Contextos de ocorrência:**

**9 – ALMOÇO:** ...uma refeição que se faz, em geral, às 12 horas?

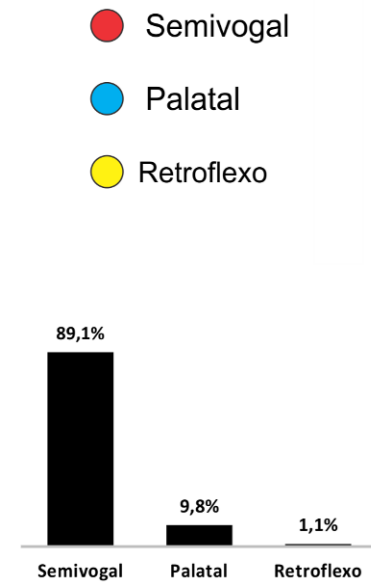
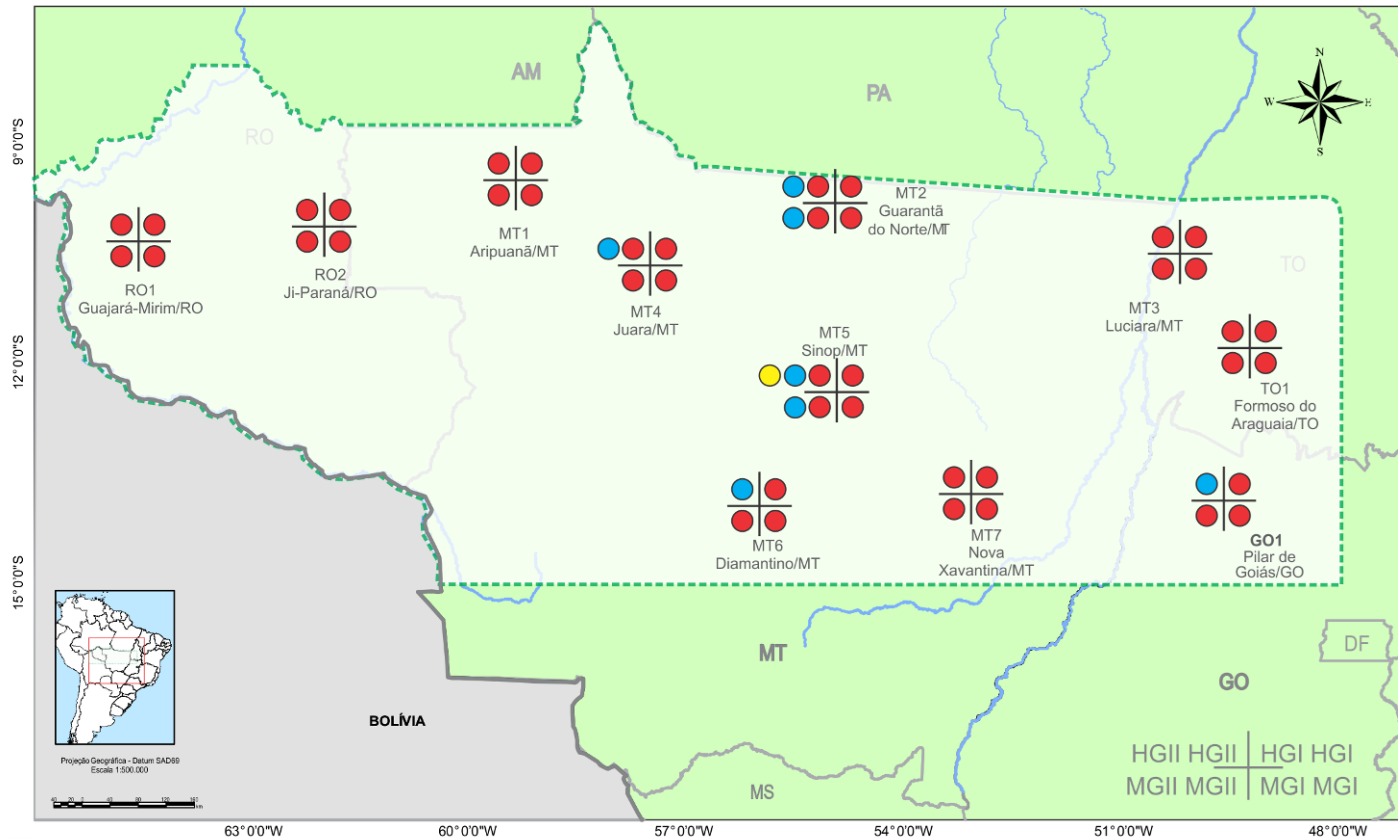
**19 – PLANTA:** Para ter flores no jardim, depois que se prepara a terra, o que é que se faz? (Só colhe quem ...?)

**36 – BICICLETA:** Aquilo que tem duas rodas grandes que se senta e sai pedalando?

**57 – ALTA:** O que é que se diz de uma pessoa que mede 1 metro e 90 cm de altura?

# ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO DO TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO

## Carta 013 - Realização de // em coda silábica



QFF: 9, 19, 36, 57

Contextos de ocorrência do fenômeno: *almoço, planta, bicicleta e alta*

## Carta 014

### Contextos de ocorrência:

**6 – LÂMPADA:** Aquilo que se acende para clarear a casa e, se estiver queimada, a casa fica no escuro? (Quando tem problema com a luz, que queima, como é que se chama aquilo que precisa trocar?)

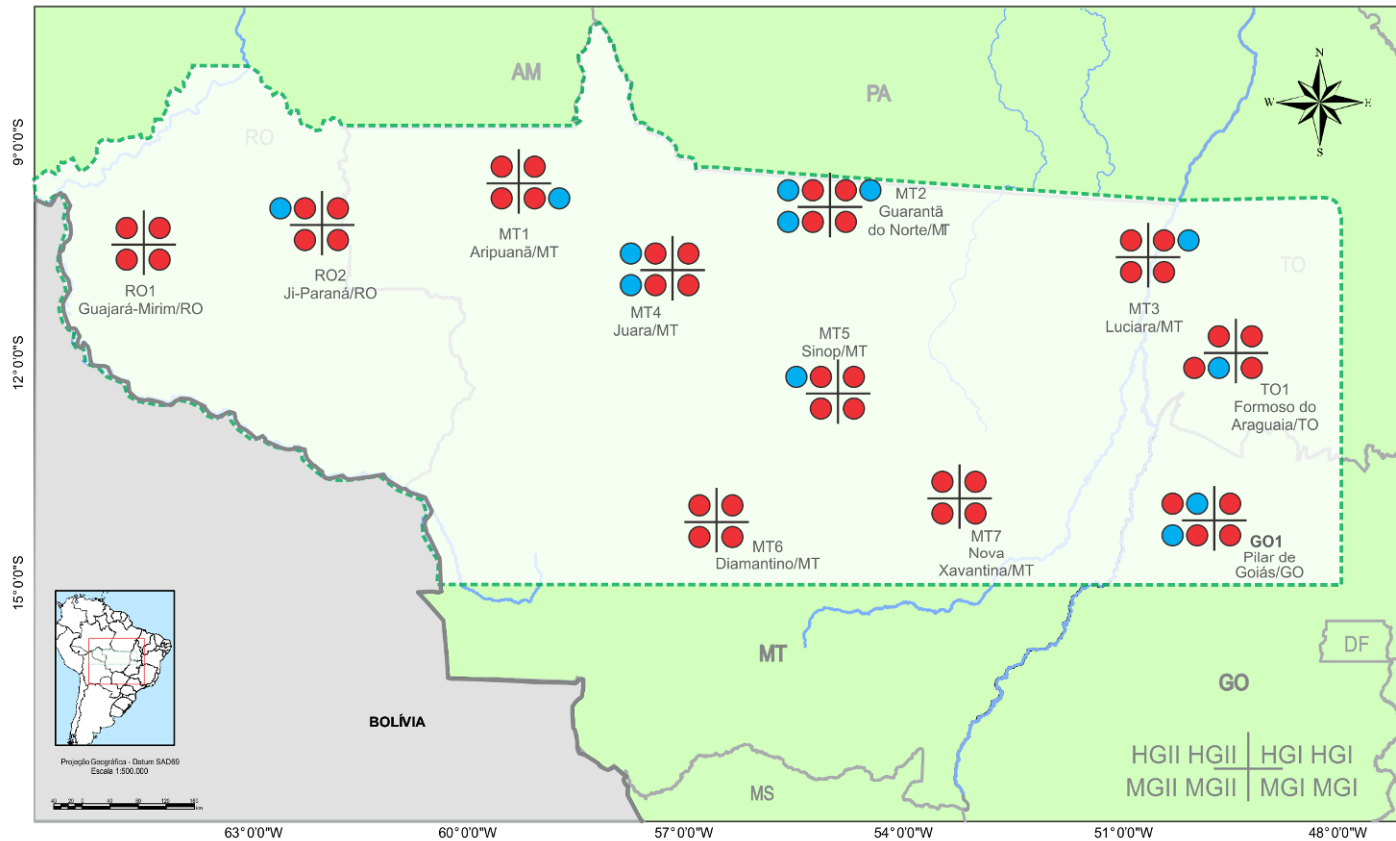
**8 – FÓSFORO:** Aquilo que se usa (mímica) para acender o fogo?

**16 – ABÓBORA:** ...aquilo que dá no chão, grande (mímica), com uma casca grossa vermelho-amarelada por dentro e que cozinha para comer, para fazer doce?

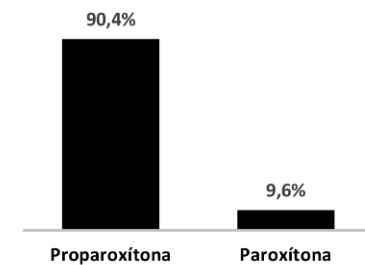
**49 – FÍGADO:** ...o órgão que fica aqui (apontar), que adocece se a pessoa bebe demais, se teve uma malária?

# ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO DO TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO

## Carta 014 - Realização de proparoxítonas



- Proparoxitonização
- Paroxitonização



QFF: 6, 8, 16, 49

Contextos de ocorrência do fenômeno: lâmpada, fósforo, abóbora e figado

## Carta 015

### Contextos de ocorrência:

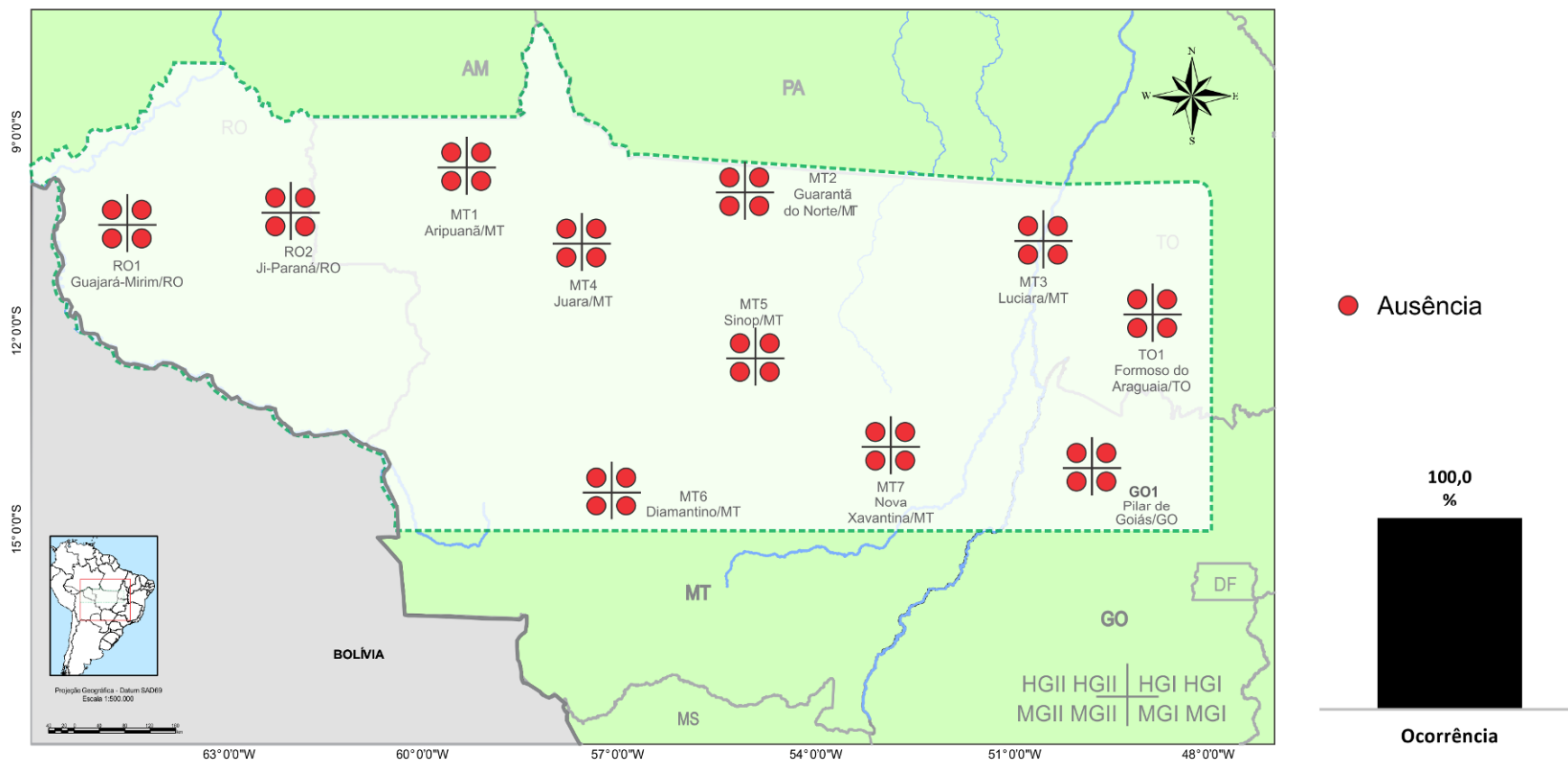
**27 – AFTOSA:** ...uma doença que dá no gado, em geral na boca? Dá uma febre. Se não separar o gado doente, ela pega nos outros. É preciso vacinar o gado para não ter essa doença.

**37 – PNEU:** Aquilo que o que o carro tem: preto, redondo, se passar por um prego, fura e se esvazia?

**45 – ADVOGADO:** Que profissional se pode contratar para defender os interesses na justiça?

# ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO DO TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO

## Carta 015 - Realização dos encontros consonantais impróprios



QFF: 27, 37, 45

Contextos de ocorrência do fenômeno: *aftosa, pneu e advogado*

## Carta 016

QSL 1 - Que nome se dá a um rio pequeno e estreito, de uns dois metros de largura?

Outras variantes não mapeadas

Ponto	Localidade	Variantes	Perfil	Inf. 1	Inf. 2	Total
MT2	Guarantã do Norte	Grota	HGI	1		1
		Sanga	HGII		1	1
MT3	Luciara	Grota	HGI	1		1
MT5	Sinop	Sanga	MGII		1	1
MT6	Diamantino	Canal	MGII	1		1
TO1	Formoso do Araguaia	Correnteza	MGI	1		1
<b>Total</b>				<b>4</b>	<b>2</b>	<b>6</b>

---

### Notas:

O informante da segunda faixa etária, de Aripuanã, respondeu: – “Corgo [ˈkɔɾɡu].... Outros fala riacho [xiˈaʃu] eu falo corgo que é a língua lá do Estado São Paulo”.

A informante idosa de Guarantã do Norte percebe a diferença entre a linguagem dela e a da nova geração: “Eu me lembro que quando a gente ia pra escola tinha que passar no lajeado [ˈlaʒeˈadu], né. Cuida pra não cair no lajeado. Hoje em dia se eu falar pros meus filhos, né, pro meus netos, eles não sabem o que significa um lajeado. Eu tenho uma neta que se você falá “Andressa você não vai perto do lajeado você vai cair na água né”, ela não sabe o que que é.

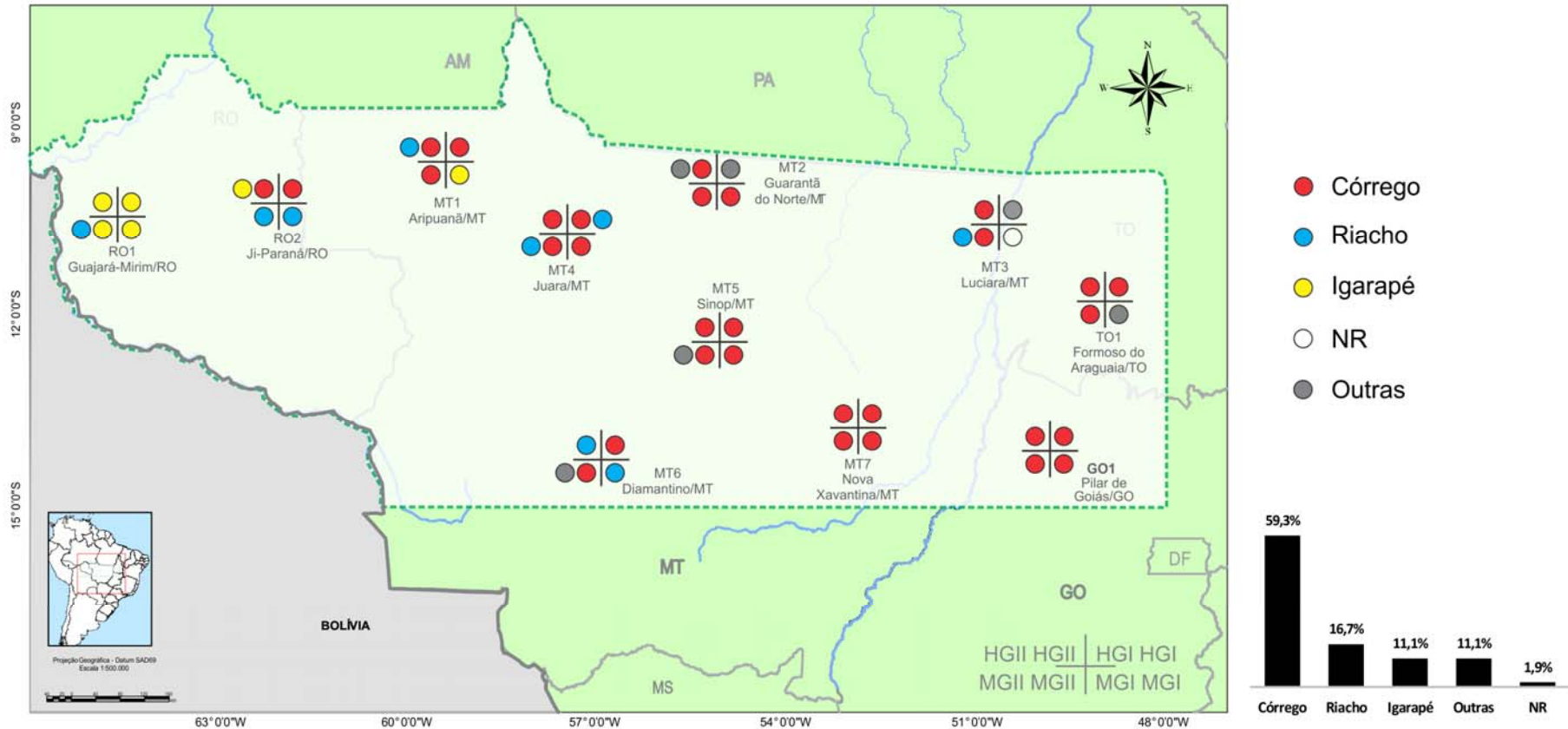
Os informantes HGII de Ji-Paraná, ao se referir à variante de seus lugares de origem, esclarecem:

INF.1- Corquinho, lá no Paraná pra nós é corquinho [ˈkɔɾɡĩɲu]... mas aqui é garapé...

INF.2- Chama garapé [ˈɡaraˈpɛ], nós lá pro sul chama de... de sanga [ˈsãŋɐ] se não de corquim [ˈkɔɾɡĩ]...

# ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO DO TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO

## Carta 016 - Córrego



QSL: 001

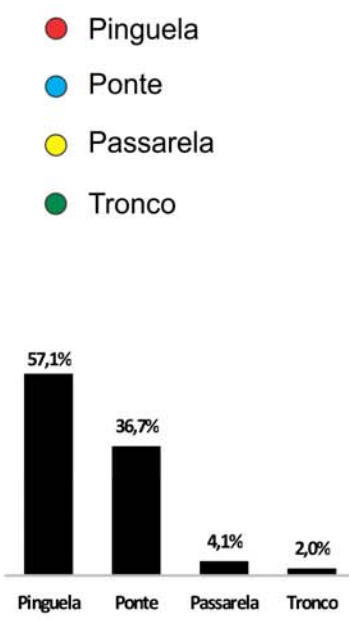
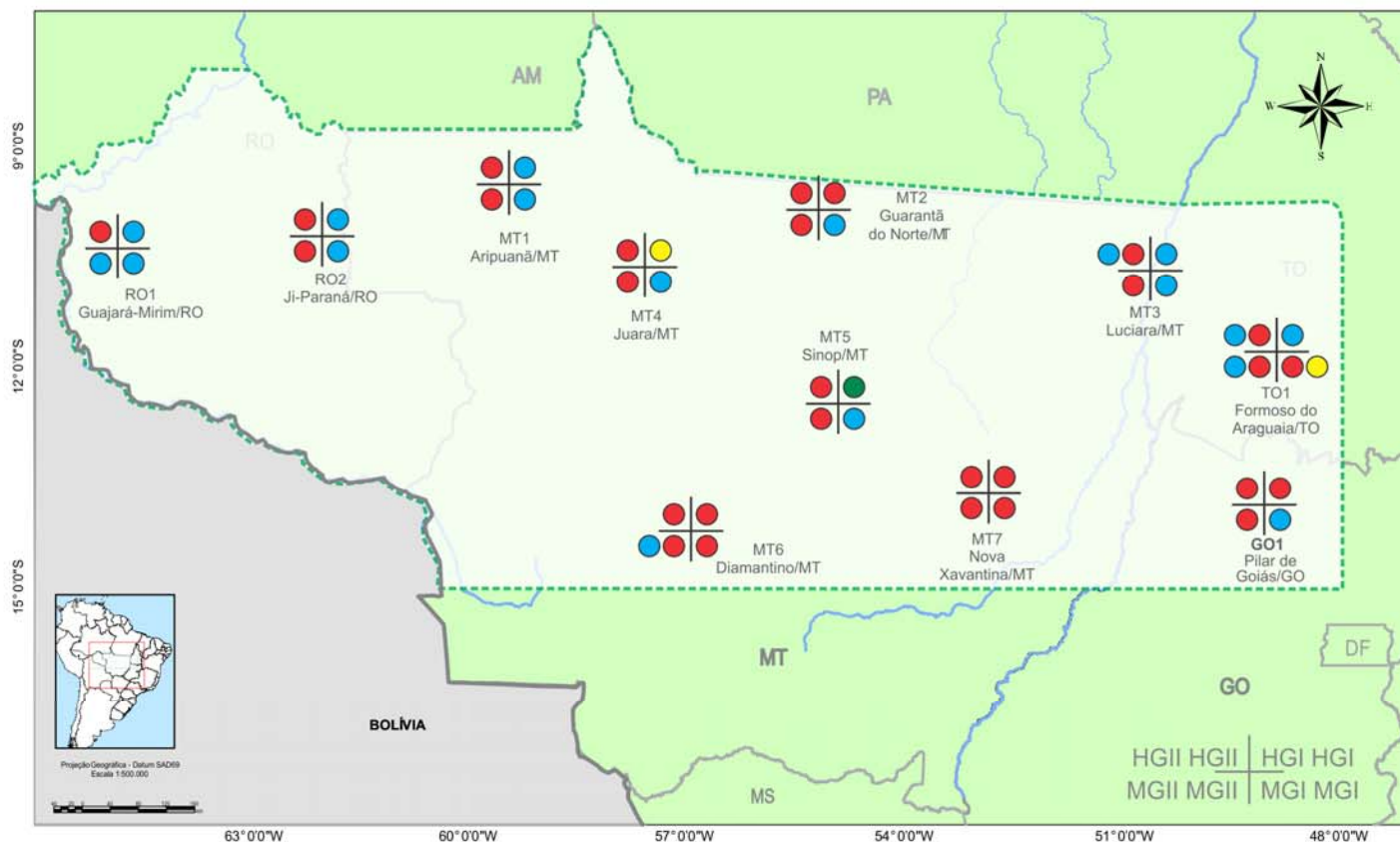
Contextos de ocorrência do fenômeno: *rio pequeno e estreito.*

**Carta 017**

QSL 2 - Que nome se dá a um tronco, pedaço de pau ou tábua que serve para passar por cima de um ... (cf. item 1)

# ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO DO TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO

## Carta 017 - Ponte / pinguela



QSL: 002  
Contextos de ocorrência do fenômeno: tronco/pedaco de pau usado para passar por cima de um córrego.

**Carta 018**

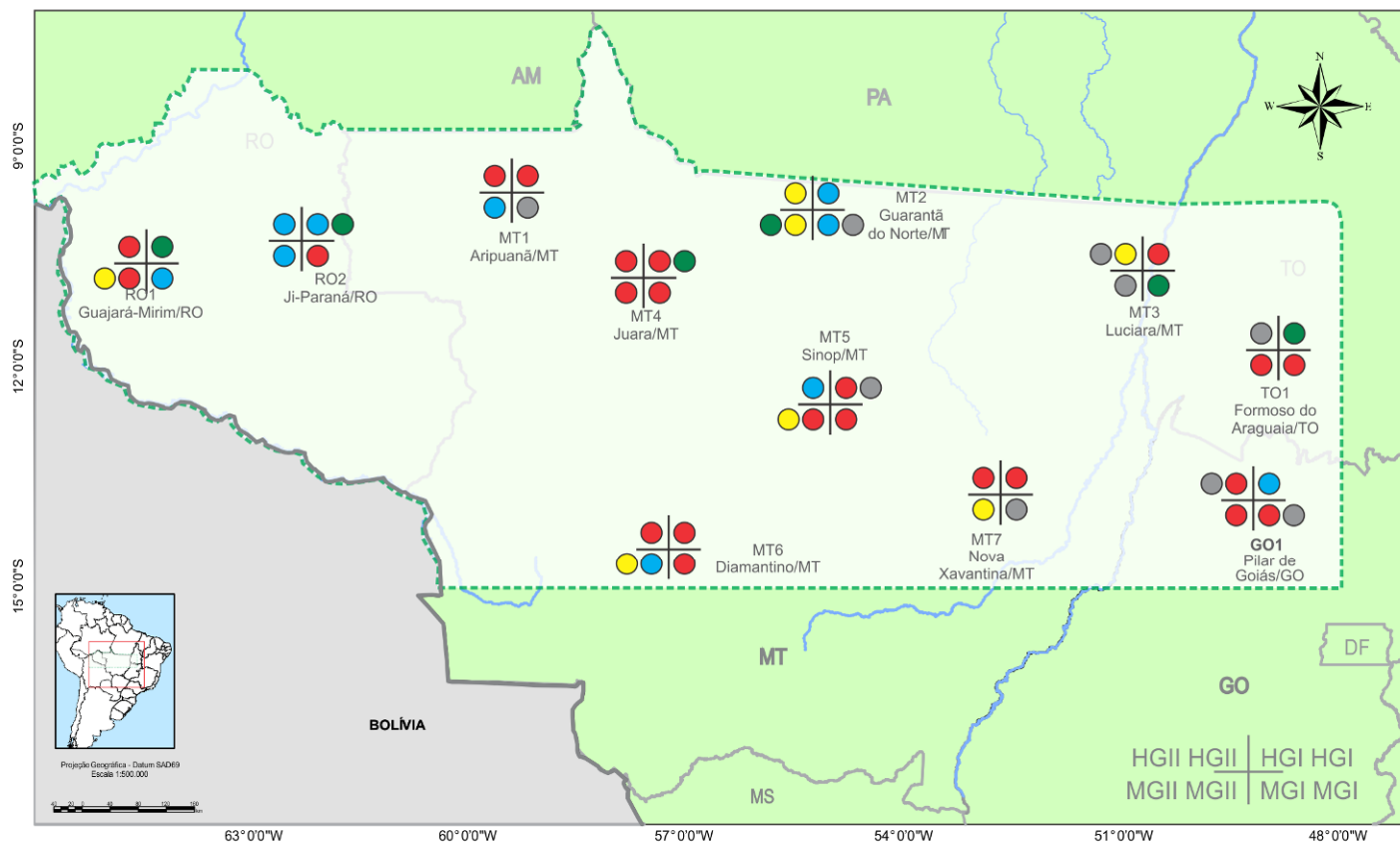
QSL 3 - Que nome se dá a uma chuva com vento forte que vem de repente?

Outras variantes não mapeadas

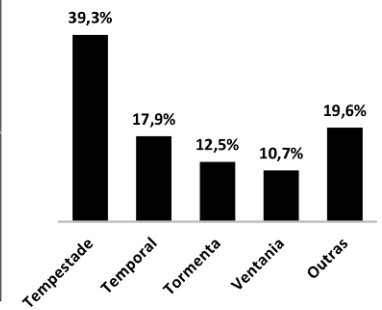
Ponto	Localidade	Variante	Perfil	Inf. 1	Inf. 2	Total
MT1	Aripuanã	Toró	MGI	1		1
		Pé d'agua	MGI		1	1
MT2	Guarantã do Norte	Chuva forte	MGI	1		1
MT3	Luciara	Trovoada	HGII		1	1
		Chuva forte	MGII	1		1
MT5	Sinop	Chuva forte	HGI		1	1
MT7	Nova Xavantina	Chuva brava	MGI	1		1
TO1	Formoso do Araguaia	Trovoada	HGII		1	1
		Chuva forte	HGII	1		1
GO1	Pilar de Goiás	Trovoada	HGII		1	1
		Chuva forte	MGI	1		1
<b>Total</b>				<b>6</b>	<b>5</b>	<b>11</b>

# ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO DO TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO

## Carta 018 - Tempestade / temporal



- Tempestade
- Temporal
- Tormenta
- Ventania
- Outras



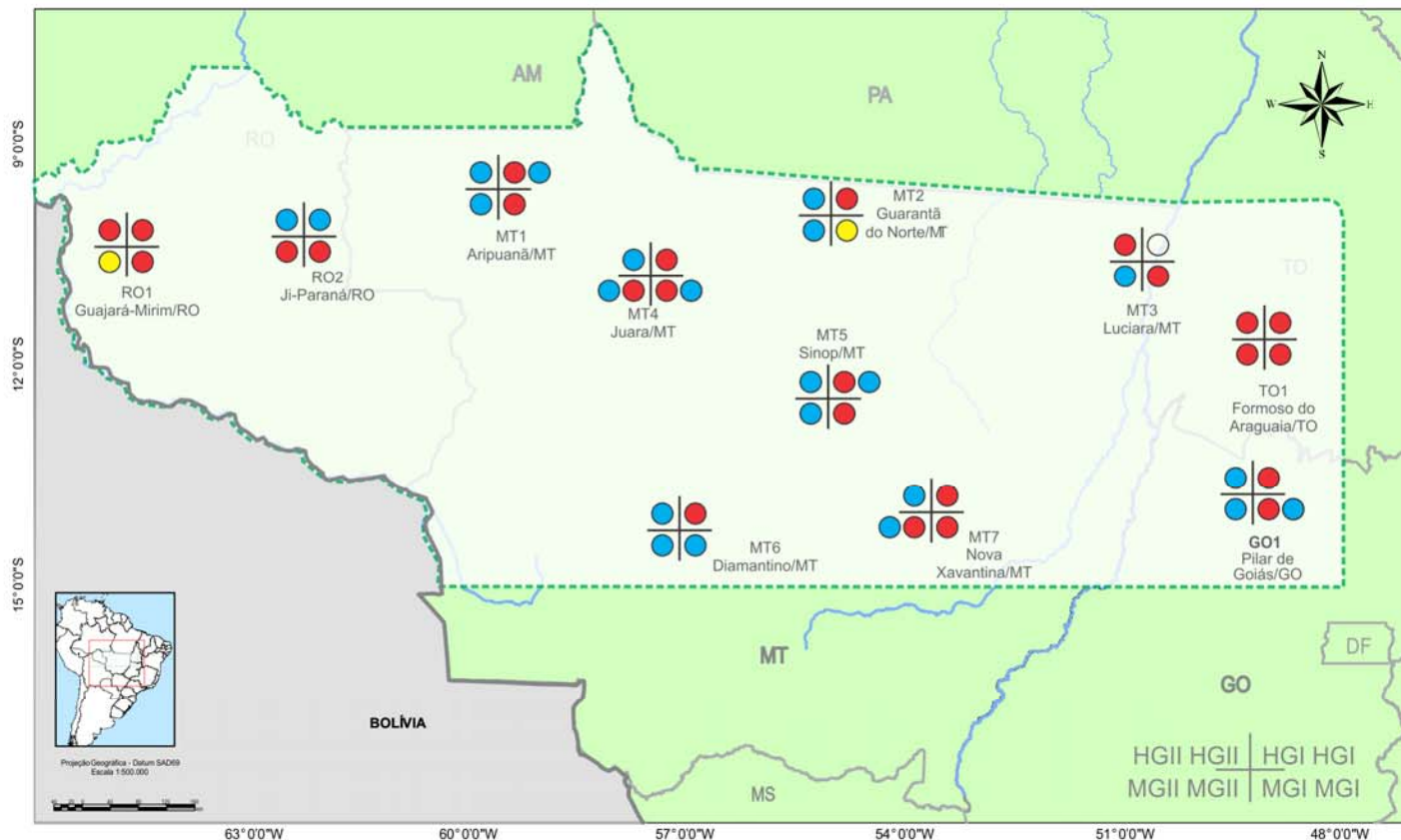
QSL: 003  
Contextos de ocorrência do fenômeno: *chuva forte que vem de repente*

**Carta 019**

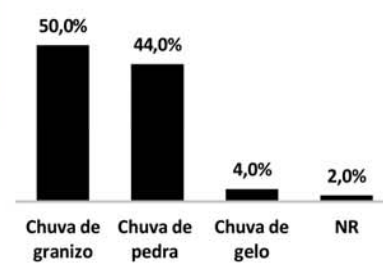
QSL 4 - Durante uma chuva, podem cair bolinhas de gelo. Como chamam essa chuva?

# ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO DO TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO

## Carta 019 - Chuva de granizo



- Chuva de granizo
- Chuva de pedra
- Chuva de gelo
- NR



QSL: 004  
Contextos de ocorrência do fenômeno: *chuva com bolinhas de gelo.*

**Carta 020**

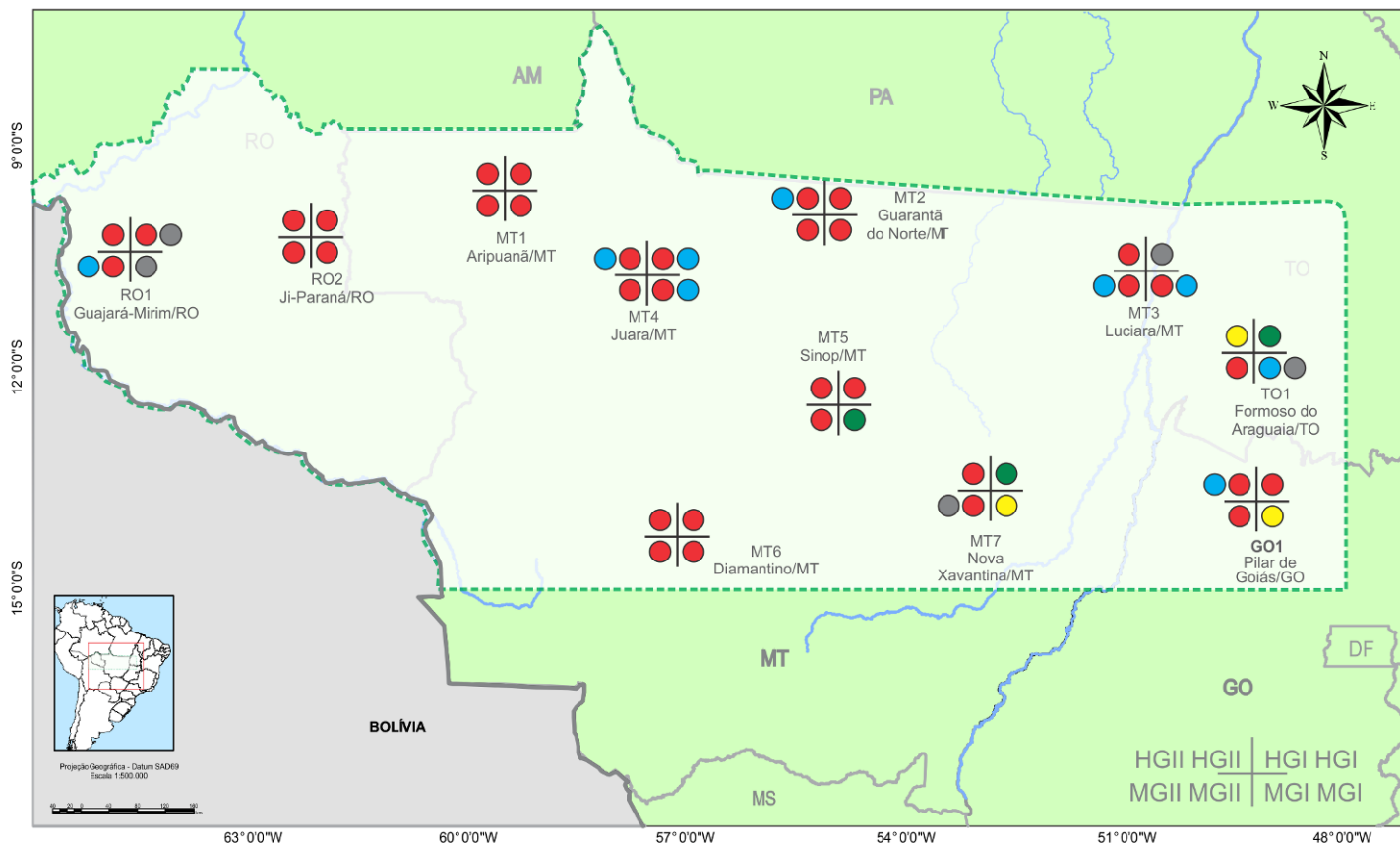
QSL 6 - Que nome se dá a uma chuva bem fininha?

Outras variantes não mapeadas

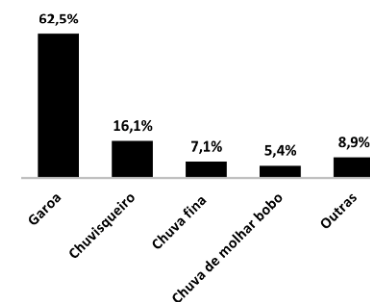
<b>Ponto</b>	<b>Localidade</b>	<b>Variantes</b>	<b>Perfil</b>	<b>Inf. 1</b>	<b>Inf. 2</b>	<b>Total</b>
RO1	Guajará Mirim	Serenó	HGI		1	1
			MGI	1		1
MT3	Luciara	Neblina	HGI	1		1
MT7	Nova Xavantina	Neblina	MGII	1		1
TO1	Formoso do Araguaia	Engana besta	MGI	1		1
<b>Total</b>				<b>4</b>	<b>1</b>	<b>5</b>

# ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO DO TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO

## Carta 020 - Garoa



- Garoa
- Chuvisqueiro
- Chuva fina
- Chuva de molhar bobo
- outras



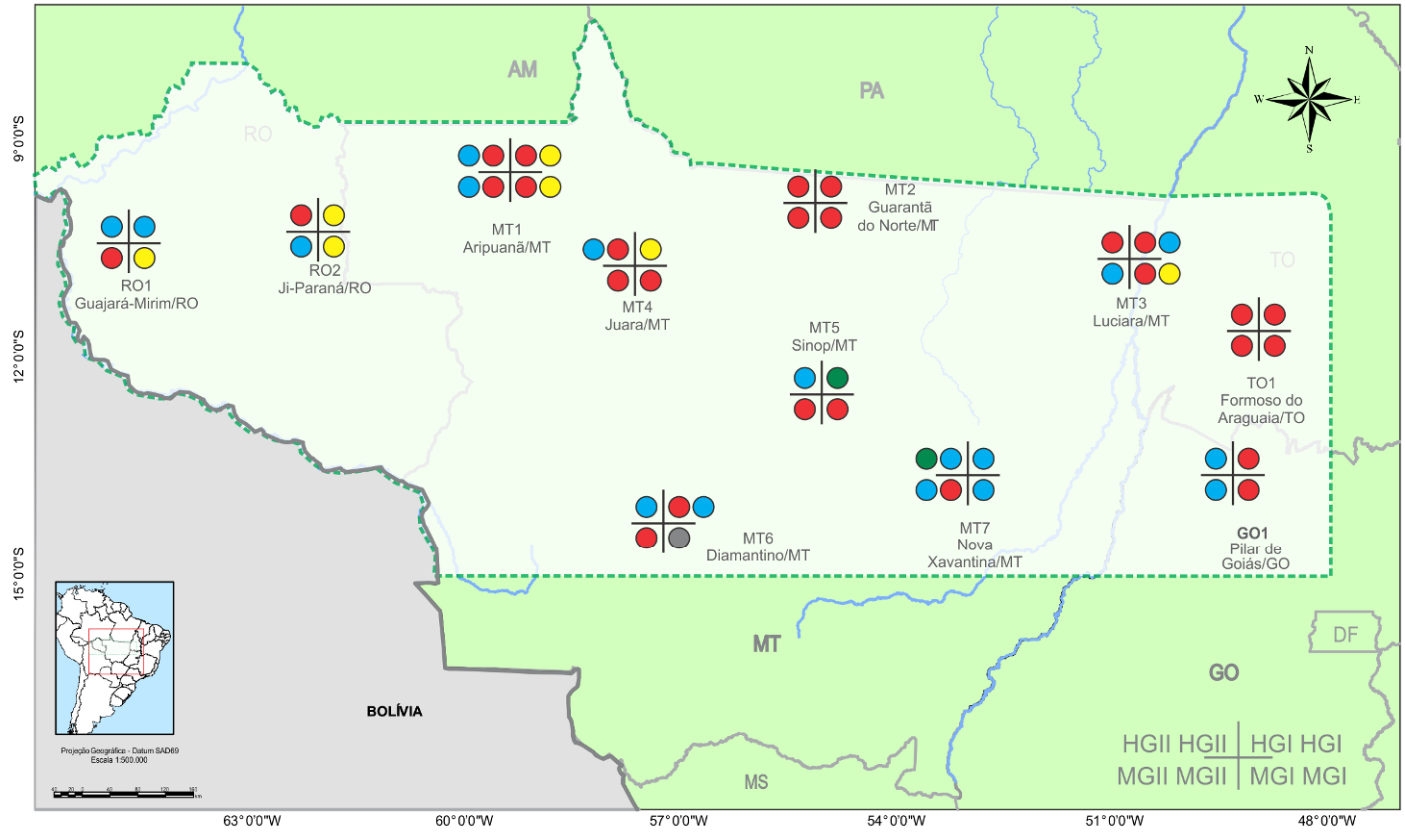
QSL: 006  
Contextos de ocorrência do fenômeno: *chuva bem fininha*.

**Carta 021**

QSL 7 - De manhã cedo, a grama geralmente está molhada. Como chamam aquilo que molha a grama?

# ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO DO TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO

## Carta 021 - Orvalho



QSL: 007

Contextos de ocorrência do fenômeno: *o que molha a grama de manhã.*

## Carta 022

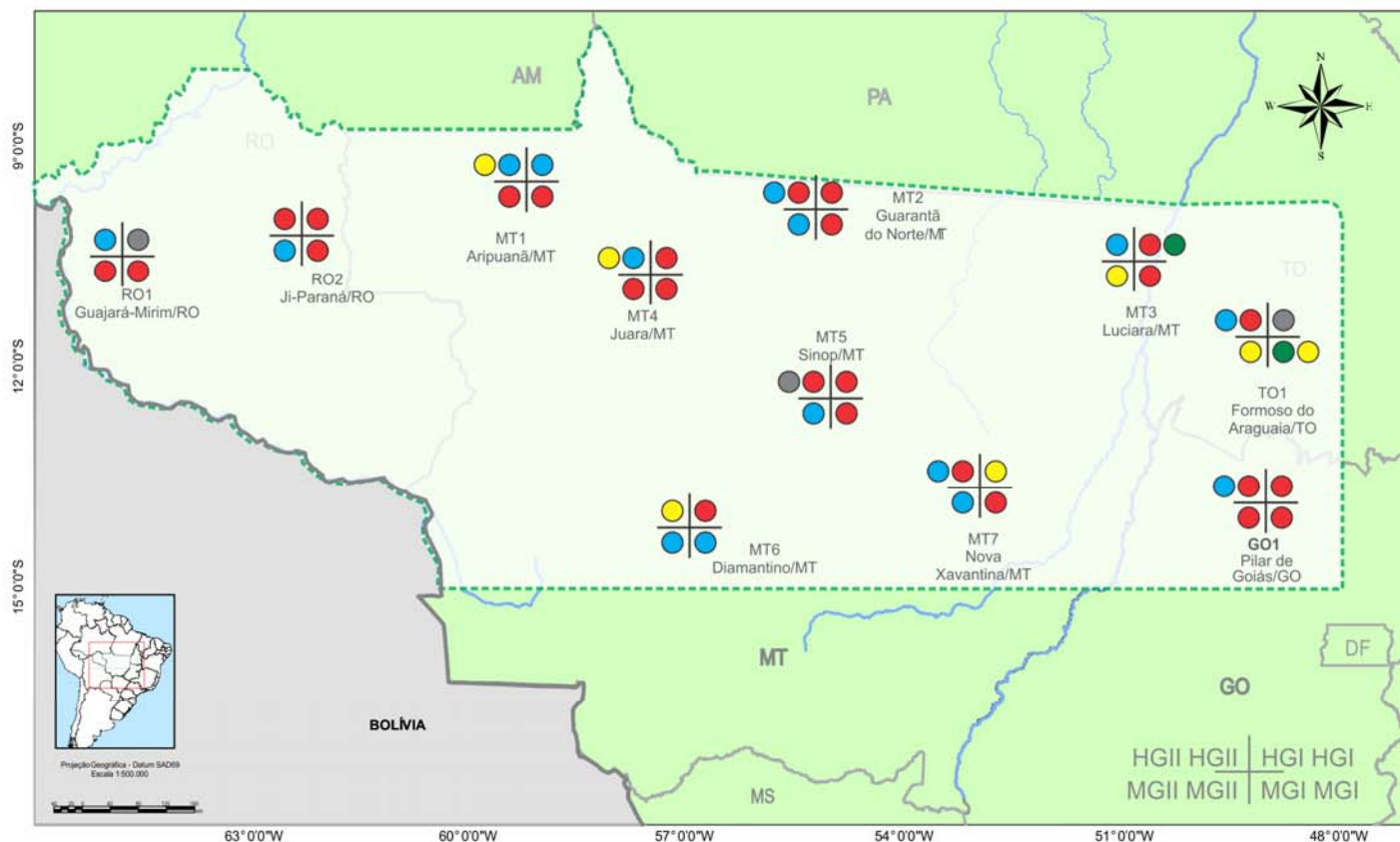
QSL 8 - Muitas vezes, principalmente de manhã cedo, quase não se pode enxergar por causa de uma coisa parecida com fumaça, que cobre tudo. Como chamam isso?

Outras variantes não mapeadas

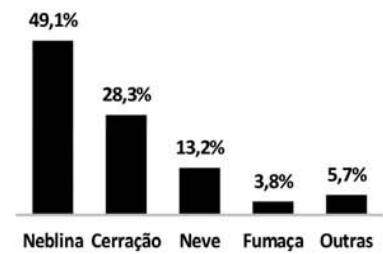
Ponto	Localidade	Variante	Perfil	Inf. 1	Total
RO1	Guajará Mirim	Nevoeiro	HGI	1	1
MT5	Sinop	Garoa	HGII	1	1
TO1	Formoso do Araguaia	Sereno	HGI	1	1
<b>Total</b>				<b>3</b>	<b>3</b>

# ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO DO TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO

## Carta 022 - Neblina



- Neblina
- Cerração
- Neve
- Fumaça
- Outras



QSL: 008  
Contextos de ocorrência do fenômeno: *fumaça que cobre tudo de manhã.*

## Carta 023

QSL 9 - De manhã bem cedo, uma estrela brilha mais e é a última a desaparecer. Como chamam esta estrela?

---

### Notas:

A maioria dos informantes jovens não souberam responder a essa pergunta. Por isso, o alto percentual de NR (Não respondeu) na legenda da carta.

### Ex.:

Inf. MGI de Aripuanã:

INF.1- Sol?

INQ. – Não, é estrela que brilha à noite.

INF.2- É o cruzeiro.

Inf. HGI de Aripuanã:

INF.1- A lua?

INQ.- Estrela mesmo.

INF.2- Estrela?

INQ.- É.

INF.1- Estrela...

INQ.- O dia clareia e você ainda está vendo ela. Já ouviram falar?

INF.2- Não.

INF.1- Não, nunca ouvi fala não.



## Carta 024

QSL 10 - De tardezinha, uma estrela aparece antes das outras, perto do horizonte, e brilha mais. Como chamam esta estrela?

Outras variantes não mapeadas

Ponto	Localidade	Variantes	Perfil	Inf. 1	Total
MT3	Luciara	Papa-ceia	MGII	1	1
MT7	Nova Xavantina	Estrela das oito	HGII	1	1
GO1	Pilar de Goiás	Estrela do oriente	MGII	1	1
<b>Total</b>				<b>3</b>	<b>3</b>

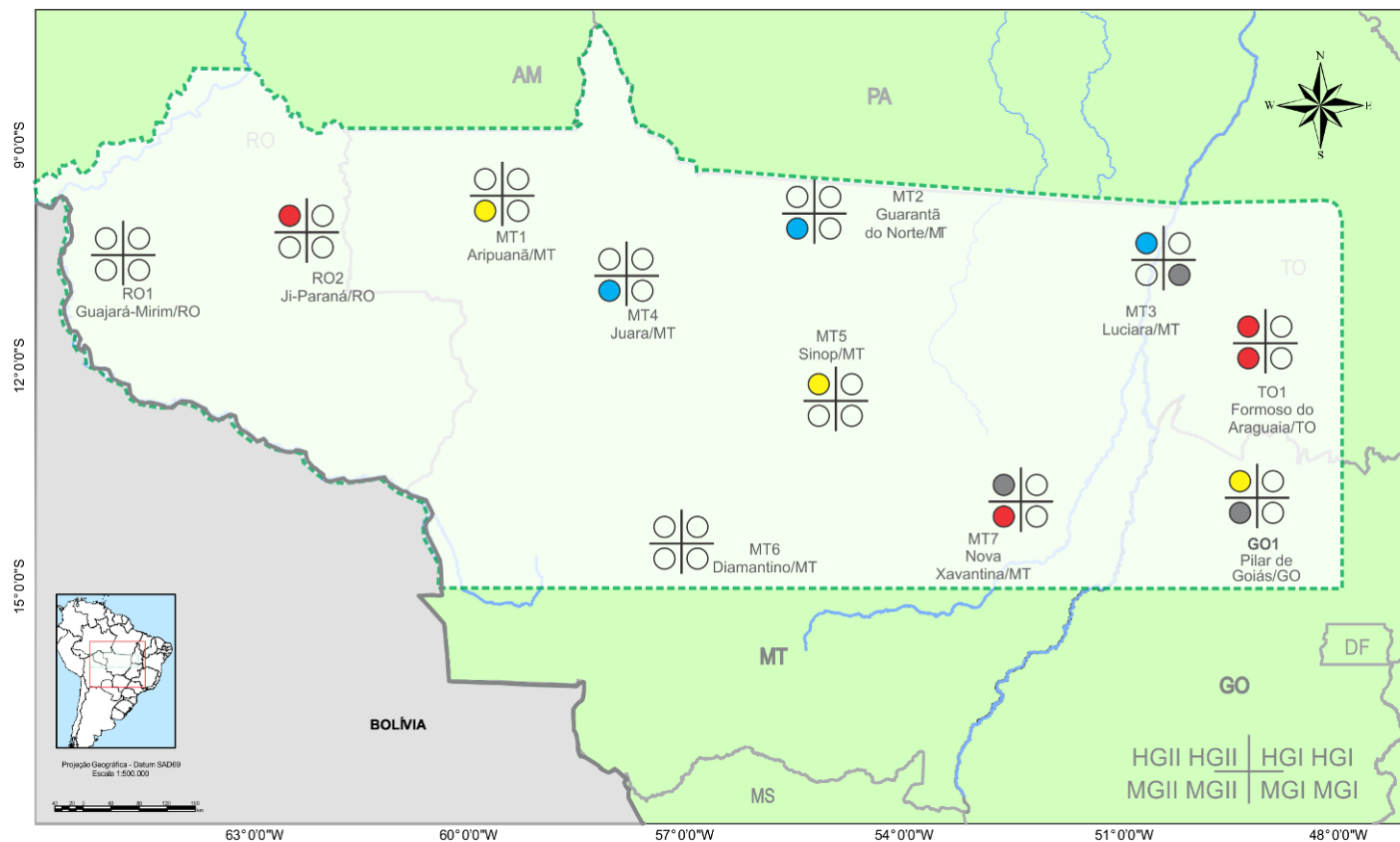
---

### Notas:

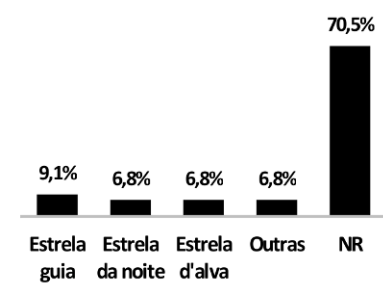
Da mesma forma que para a anterior, esta questão obteve muito poucas respostas. Novamente, os jovens foram os que menos responderam.

# ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO DO TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO

## Carta 024 - Estrela vespertina



- Estrela guia
- Estrela da noite
- Estrela d'alva
- NR
- Outras



QSL: 010  
Contextos de ocorrência do fenômeno: *primeira estrela a surgir à tarde.*

## Carta 025

QSL 11 - De noite, muitas vezes pode-se observar uma estrela que se desloca no céu, assim, (mímica) e faz um risco de luz. Como chamam isso?

Outras variantes não mapeadas

Ponto	Localidade	Variante	Perfil	Inf. 1	Inf. 2	Total
RO1	Guajará-Mirim	Satélite	MGII	1		1
MT4	Juara	Planeta	HGII	1		1
MT7	Nova Xavantina	Meteoro	HGII	1		1
		Estrela mudando	HGII		1	1
TO1	Formoso do Araguaia	Deus te proteja	HGII		1	1
		Deus te guie	HGII	1		1
GO1	Pilar de Goiás	Estrela de rabo	HGII	1		1
<b>Total</b>				<b>5</b>	<b>2</b>	<b>7</b>

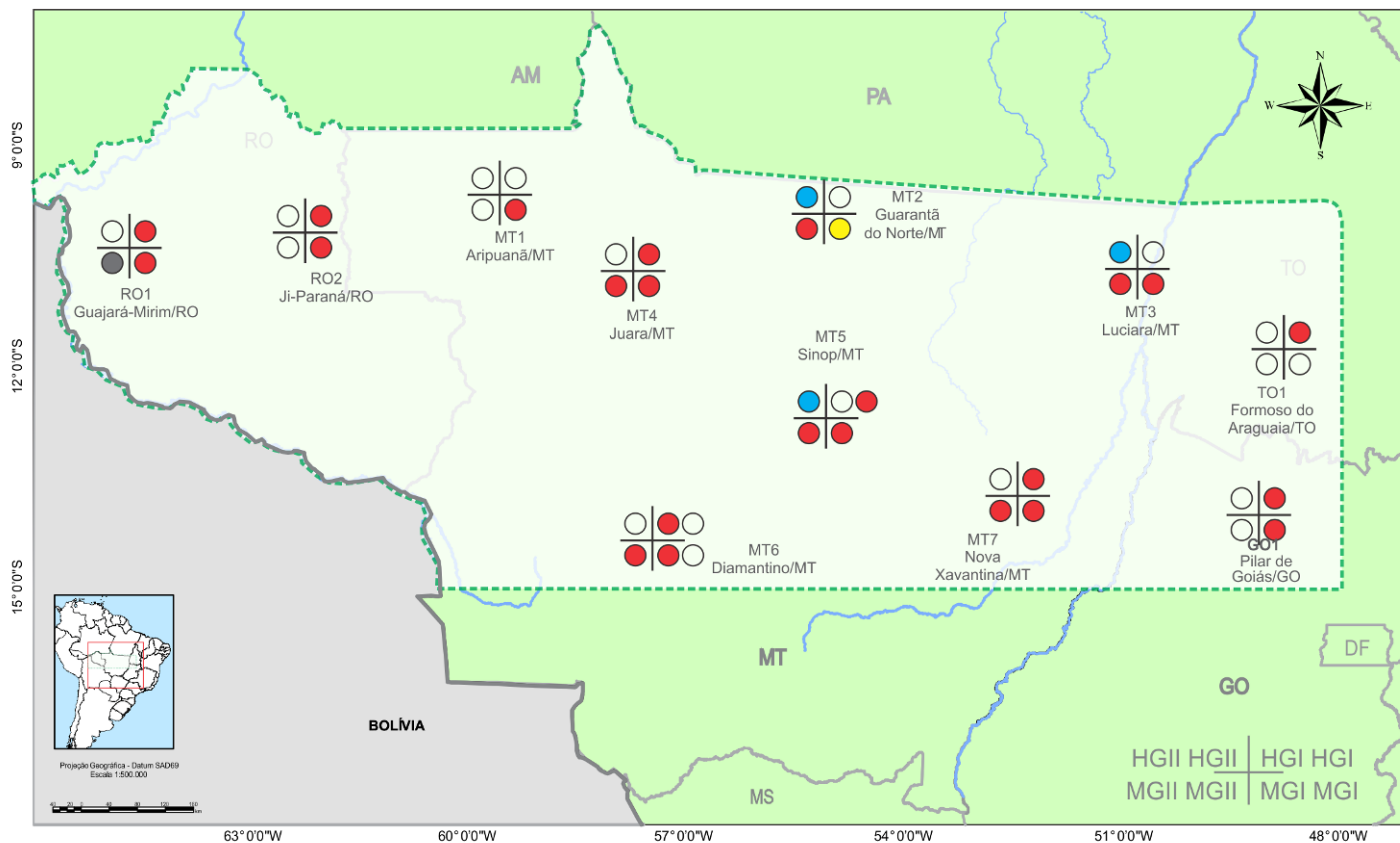
---

### Notas:

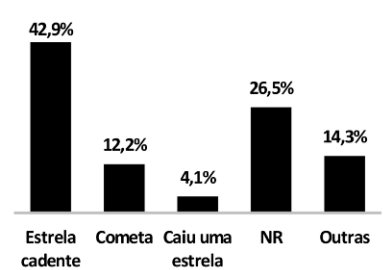
Do mesmo modo, esta questão obteve poucas respostas. Neste caso, os jovens conhecem mais variantes para o referente do que os mais velhos. Enquanto 17 jovens responderam à pergunta, apenas 10 informantes da segunda geração conheciam alguma denominação para *estrela que se desloca no céu*.

# ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO DO TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO

## Carta 025 - Estrela cadente



- Estrela cadente
- Cometa
- Caiu uma estrela
- NR
- Outras



QSL: 011  
Contextos de ocorrência do fenômeno: *estrela que se desloca no céu.*

## Carta 026

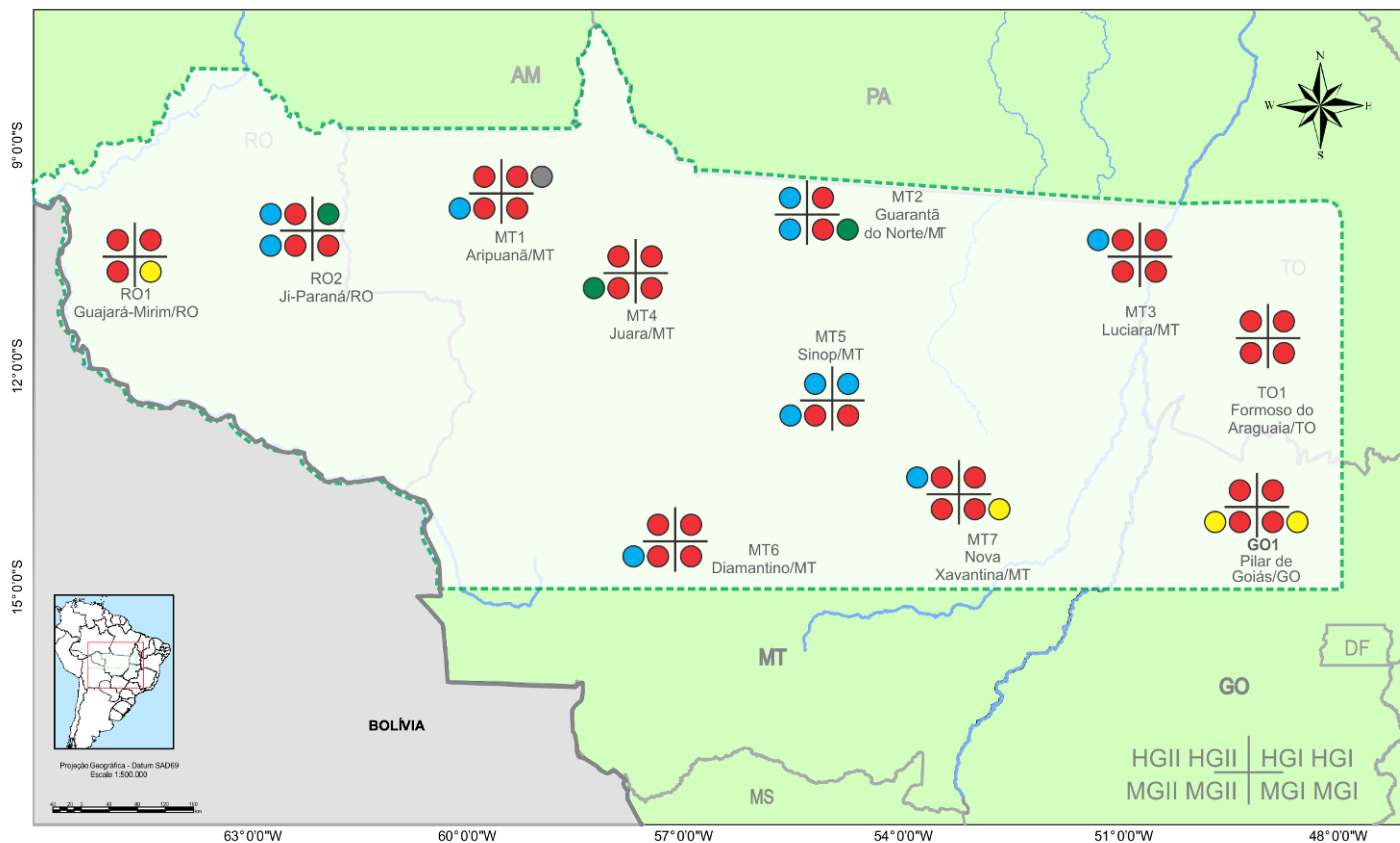
QSL 12 - Que nome se dá às frutas menores que a laranja, que se descascam com as mãos e, normalmente, deixam um cheiro na mão? Como elas são? (Pedir para descrever, para apurar as diferenças entre as designações citadas pelo informante)

Outras variantes não mapeadas

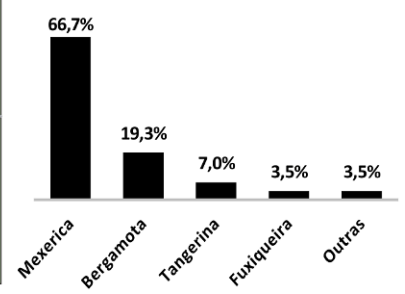
Ponto	Localidade	Variantes	Perfil	Inf. 1	Inf. 2	Total
MT1	Aripuanã	Moricote	HGI		1	1
RO1	Ji-Paraná	Poncã	HGI	1		1
<b>Total</b>				<b>1</b>	<b>1</b>	<b>2</b>

# ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO DO TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO

## Carta 026 - Mexerica



- Mexerica
- Bergamota
- Tangerina
- Fuxiqueira
- Outras



QSL: 012

Contextos de ocorrência do fenômeno: *frutas menores que a laranja, que se descascam com as mãos.*

## Carta 027

QSL 13 - Que nome se dá a cada parte que se corta do cacho da bananeira para pôr para madurar/ amadurecer?

---

### Notas:

Os informantes da geração II de Aripuanã apresentaram o seguinte diálogo:

INF 1. – Penca... [ˈpẽkɐ].

INF 2. – É eu ia citar esse nome também, mas como tem um cidadão ali que fala palma, [ˈpawmɐ]. Porque ele acha que penca é um outro tipo de coisa, então eu não quis citar.

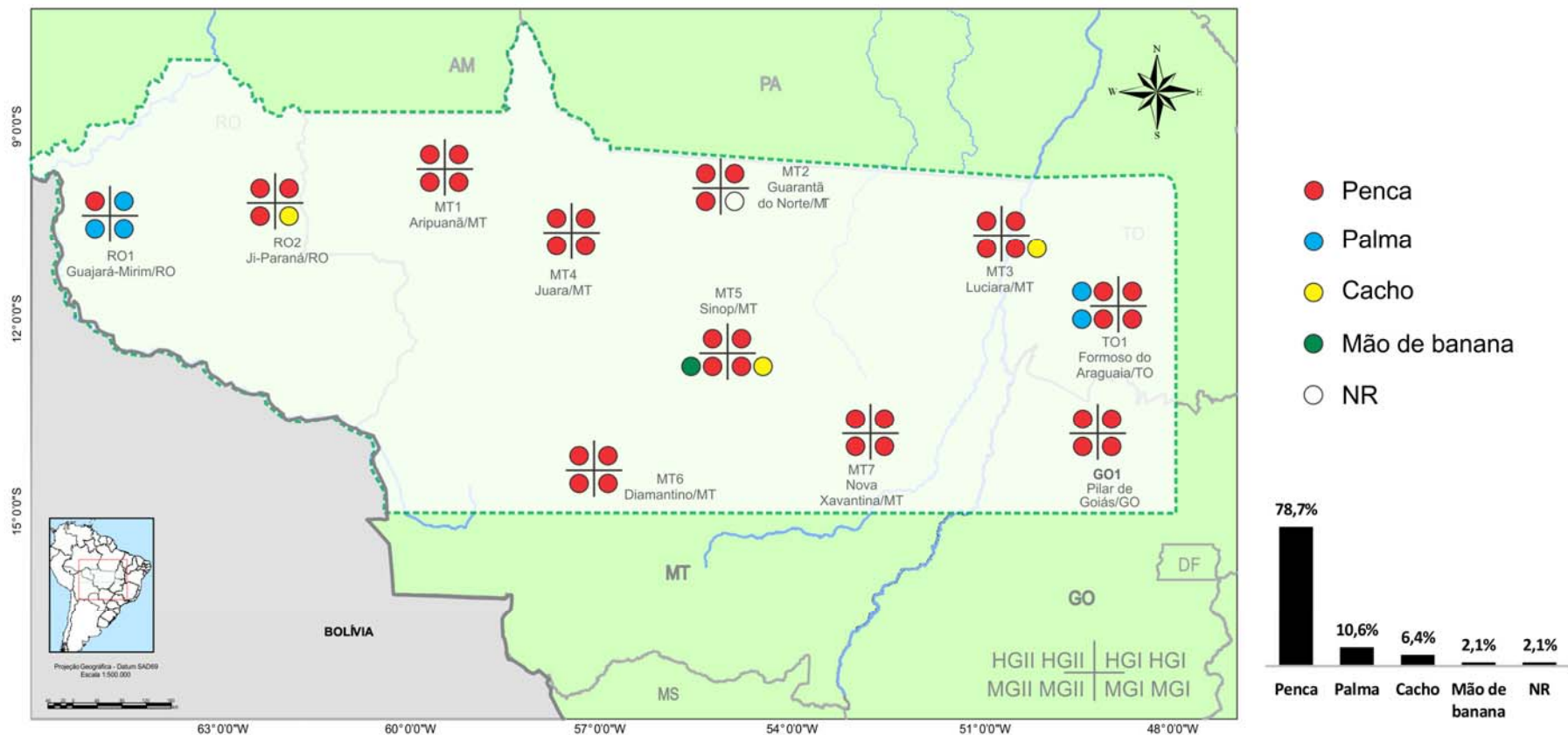
INF 1. – É penca [ˈpẽkɐ] mesmo...

INF 2. – Mas o certo é penca... [ˈpẽkɐ]

INF 1. – O mais conhecido

# ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO DO TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO

## Carta 027 - Penca



QSL: 013

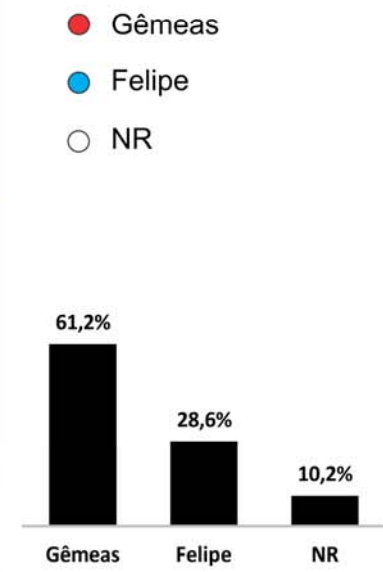
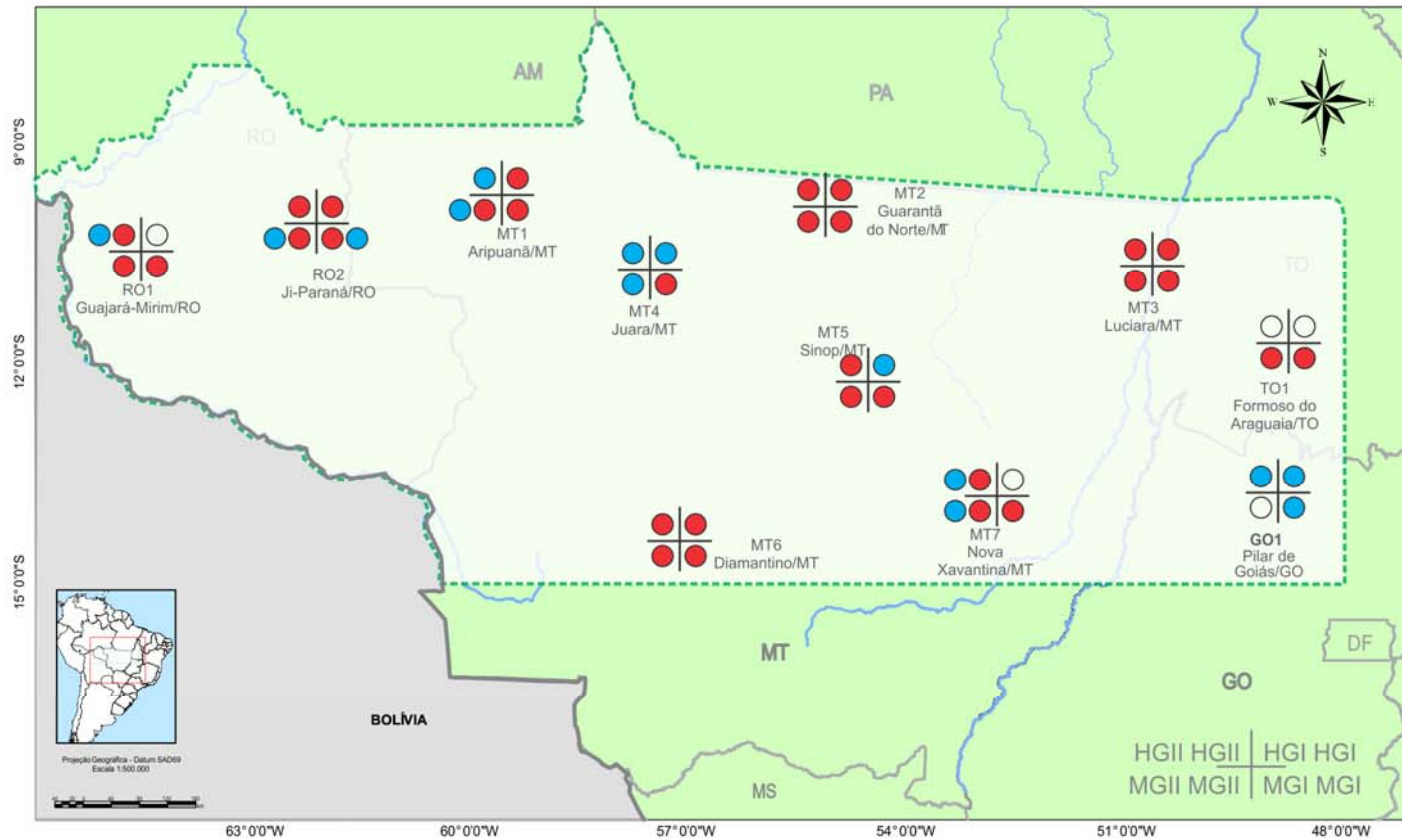
Contextos de ocorrência do fenômeno: *cada parte que se corta do cacho da bananeira.*

**Carta 028**

QSL 14 - Que nome se dá àquelas bananas que nascem grudadas?

# ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO DO TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO

## Carta 028 - Banana dupla



QSL: 014

Contextos de ocorrência do fenômeno: *bananas que nascem grudadas.*

**Carta 029**

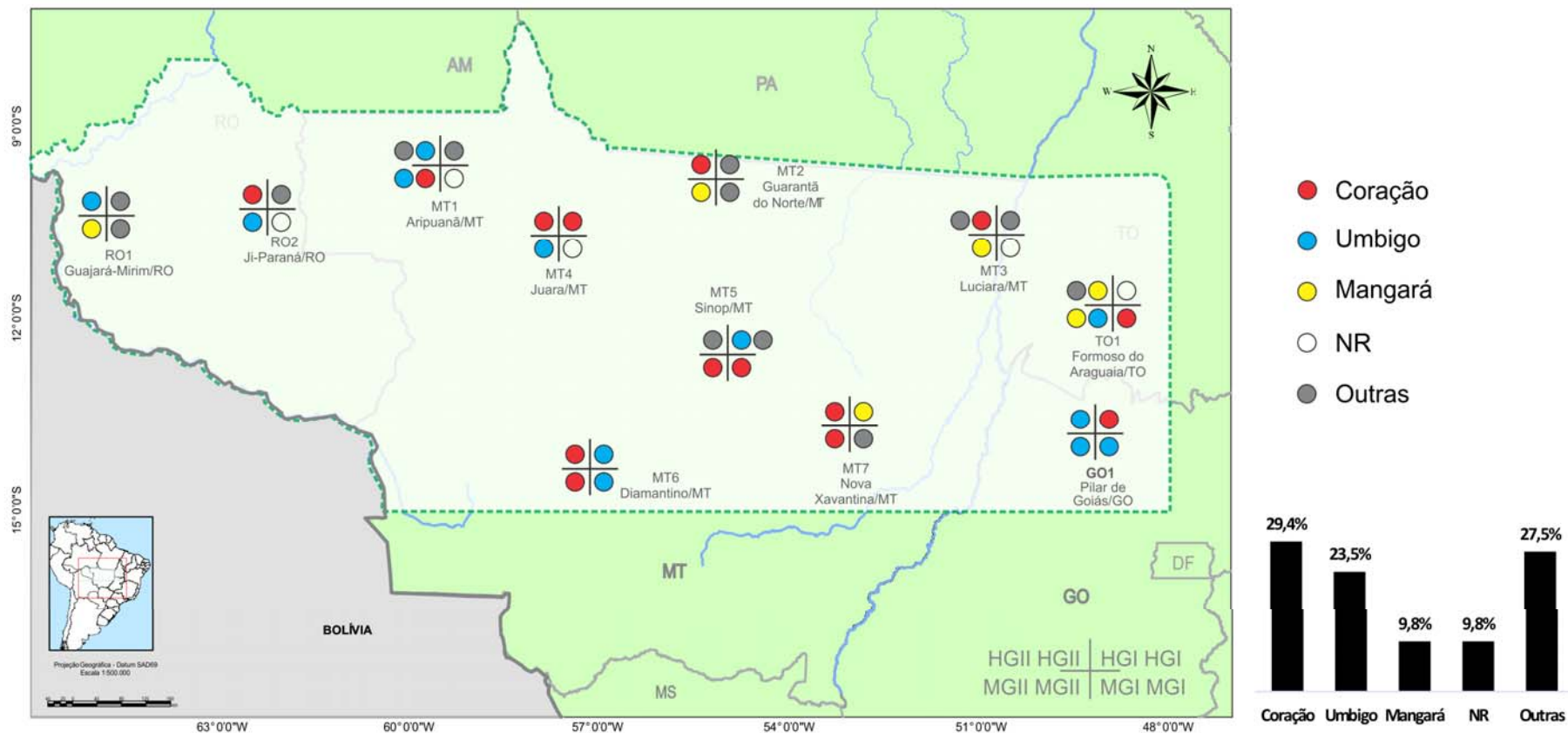
QSL 15 - Como se chama aquela parte roxa que fica na parte de baixo do cacho de bananas?

Outras variantes não mapeadas

<b>Ponto</b>	<b>Localidade</b>	<b>Variantes</b>	<b>Perfil</b>	<b>Inf. 1</b>	<b>Inf. 2</b>	<b>Total</b>
MT1	Aripuanã	Pêndulo	HGI	1		1
		Nabu	HGII	1		1
MT2	Guarantã do Norte	Pendão	MGI	1		1
		Flor	HGI	1		1
RO1	Guajará Mirim	Olho	MGI	1		1
		Flor	HGI	1		1
			MGI		1	1
RO2	Ji-Paraná	Talo	HGI	1		1
MT3	Luciara	Pendão	HGII		1	1
			HGI	1		1
MT5	Sinop	Pêndulo	HGII	1		1
		Flor	HGI	1		1
TO1	Formoso do Araguaia	Bimbim	HGII		1	1
MT7	Nova Xavantina	Olho	MGI	1		1
<b>Total</b>				<b>11</b>	<b>3</b>	<b>14</b>

# ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO DO TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO

## Carta 029 - Extremidade da inflorescência da bananeira



QSL: 015  
Contextos de ocorrência do fenômeno: *parte terminal da inflorescência da bananeira*

## Carta 030

QSL 16 - Como se chama aquela raiz branca por dentro, coberta por uma casca marrom, que se cozinha para comer?

---

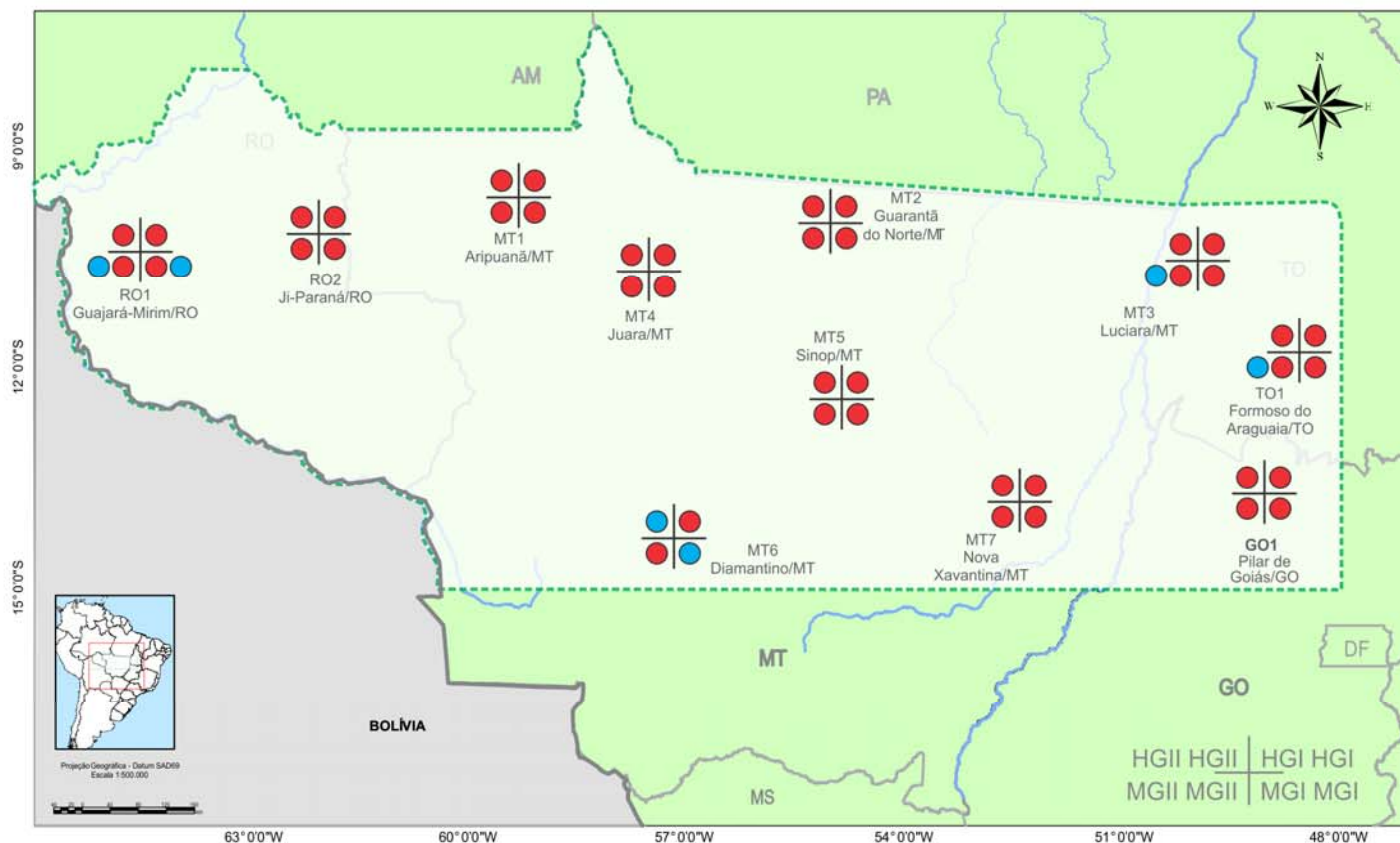
### Notas:

INF. Gil de Diamantino:

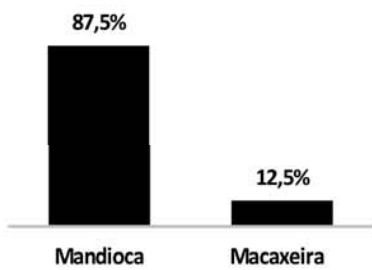
Aquela é mandioca braba [mã,dʒokɐ'brabɐ] a que a gente come lá em Minha terra chama macaxera [maka'ʃerɐ] né, e aquela lá, a mandioca [mã'dʒokɐ] é só pra fazer farinha, agora aqui a gente come mandioca, tudo aqui, num tem, tudo aqui é mandioca eu num sei se tem as qualidade de lá se plantar aqui da a braba também né, agora lá no Nordeste tuda mandioca é pra farinha, eu conheço tudo pela folha dela as qualidade né, agora aqui, fala quase tudo é mandioca, só quando tem essa braba que vem de lá, ainda esses dia um homem tava falando que o povo de lá da Bahia pranto ai e a turma cumeu e deu um problema danado quase que morreu.

# ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO DO TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO

## Carta 030 - Mandioca



- Mandioca
- Macaxeira



QSL: 016  
Contextos de ocorrência do fenômeno: *raiz branca que se cozinha para comer.*

### Carta 031

QSL 17 - Uma raiz parecida com ... (conforme item 16) que não serve para comer e se rala para fazer farinha, polvilho, goma?

Outras variantes não mapeadas

Ponto	Localidade	Variantes	Perfil	Inf. 1	Total
RO1	Guajará Mirim	Mandioca amarga	HGII	1	1
RO2	Ji-Paraná	Mandioca d'água	HGII	1	1
MT5	Sinop	Mandioca amarga	HGII	1	1
GO1	Pilar de Goiás	Araruta	HGII	1	1
<b>Total</b>				<b>4</b>	<b>4</b>

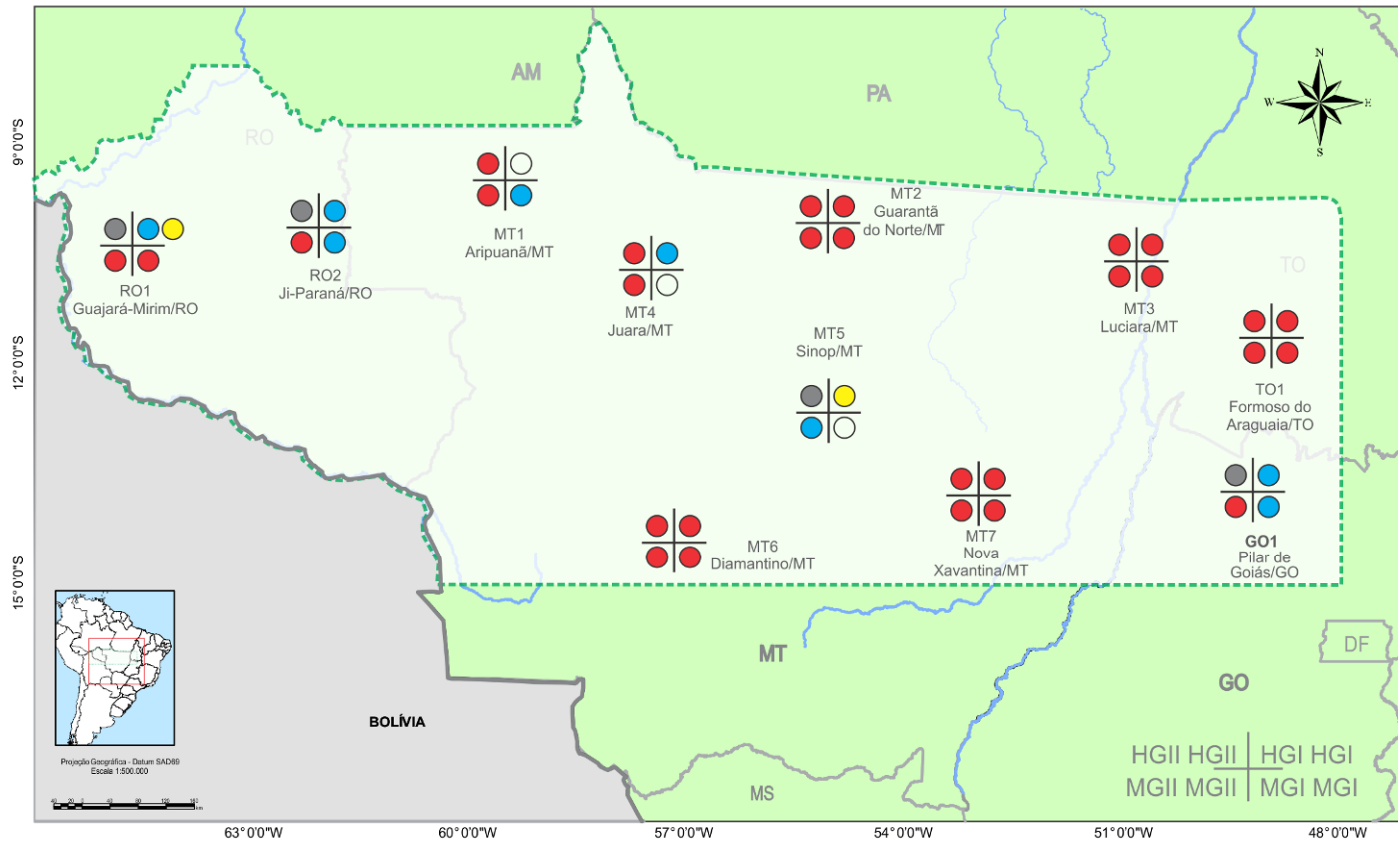
---

#### Notas:

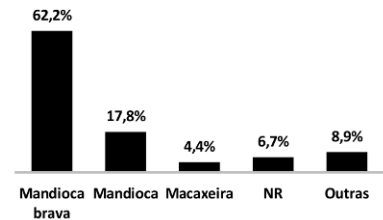
Os homens jovens de Aripuanã e as mulheres jovens de Juara e de Sinop afirmaram não conhecer outro tipo de mandioca.

# ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO DO TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO

## Carta 031 - Mandioca brava



- Mandioca brava
- mandioca
- Macaxeira
- NR
- Outras



QSL: 017

Contextos de ocorrência do fenômeno: *raiz branca por dentro, que se rala para fazer farinha.*

## Carta 032

QSL 19 - Como se chama o inseto de corpo comprido e fino, com quatro asas bem transparentes, que voa e bate a parte traseira na água?

Outras variantes não mapeadas

Ponto	Localidade	Variantes	Perfil	Inf. 1	Inf. 2	Total
RO2	Ji-Paraná	Louvadeus	HGII	1		1
		Helicóptero	MGI		1	1
MT2	Guarantã do Norte	Louvadeus	MGI	1		1
		Bichinho d'água	MGI	1		1
MT4	Juara	Pitu	HGII		1	1
MT5	Sinop	Maria bate bunda	MGI	1		1
		Cavaótica	MGII	1		1
MT6	Diamantino	Olho de peixe	HGI	1		1
		Beija-água	HGII	1		1
MT7	Nova Xavantina	Helicóptero	HGI		1	1
		Aviãozinho	HGII	1		1
GO1	Pilar de Goiás	Mergulhão	HGI	1		1
		Cavalinho de Deus	HGII	1		1
<b>Total</b>				<b>11</b>	<b>3</b>	<b>14</b>

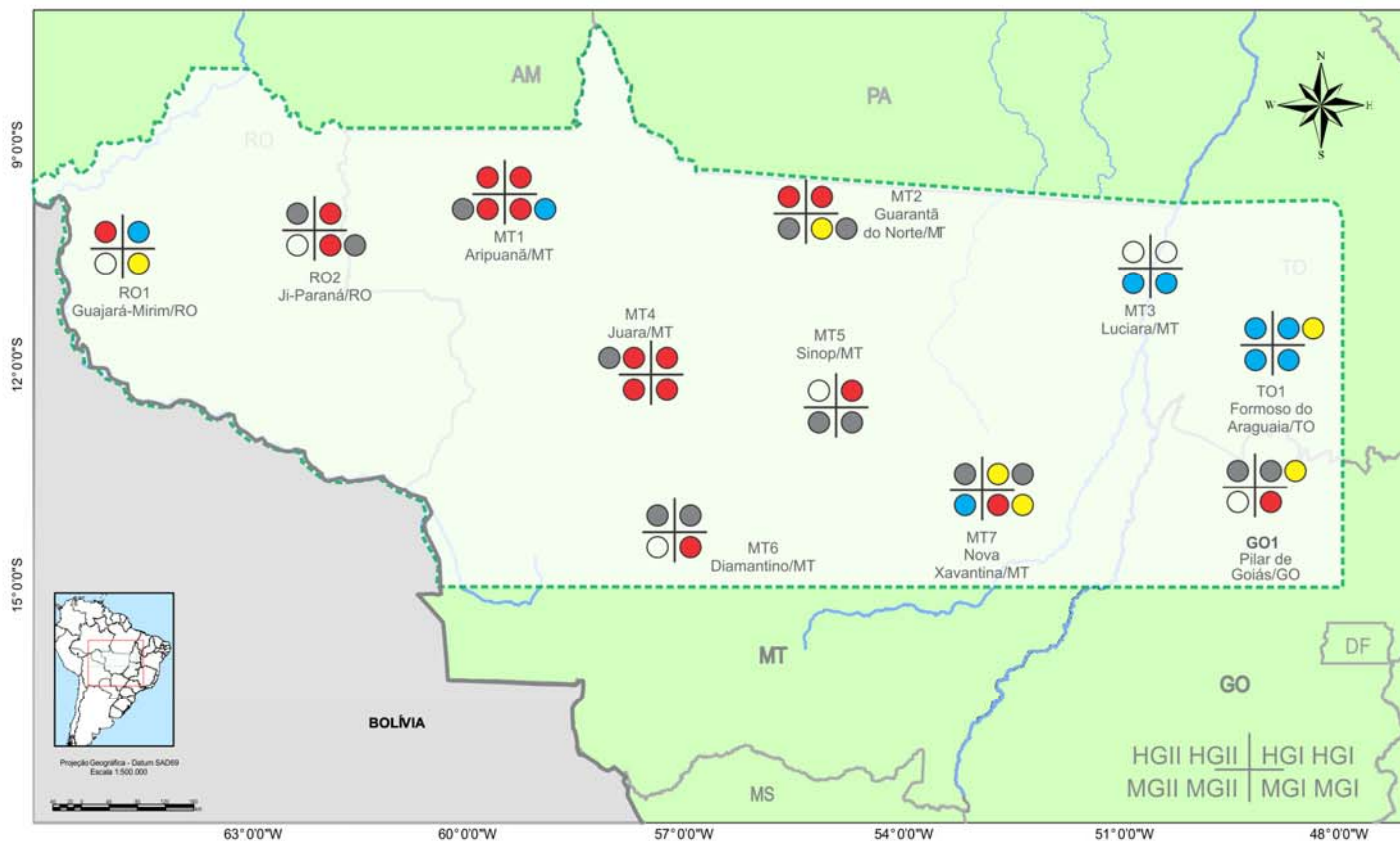
### Notas:

A informante idosa de Sinop forneceu a seguinte explicação para o uso da variante cavaoti: “Nós aqui é italiano, minha mãe chamava cavaoti [kava'otʃi], porque ele tem uns zoião grande, cavaoti em italiano que dizê arranca os zoio, é Minha mãe dizia que ele vinha rancá nosso zoio, cavaoti em italiano significa arranca os zoio, é um bichinho feio, fica com água batendo na bunda, tem as asas bem transparente.

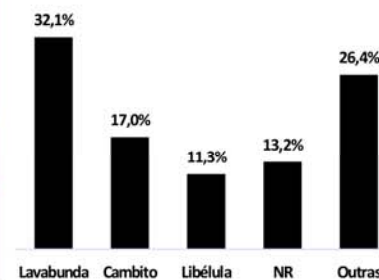
A informante idosa de Aripuanã, por sua vez, disse que “ele é cavaótico [ˈkavɐ,otʃiko], uns diz lava-deus [laˈvɐ,deus]. Eles vêm voando assim, arrastando a bundinha na água. Nós fala italiano.”

# ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO DO TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO

## Carta 032 - Libélula



- Lavabunda
- Cambito
- Libélula
- NR
- Outras



QSL: 019

Contextos de ocorrência do fenômeno: *inseto que bate a parte traseira na água.*

### Carta 033

QSL 20 - Como se chama aquele inseto pequeno, de perninhas compridas, que canta no ouvido das pessoas, de noite? Imitar o zumbido.

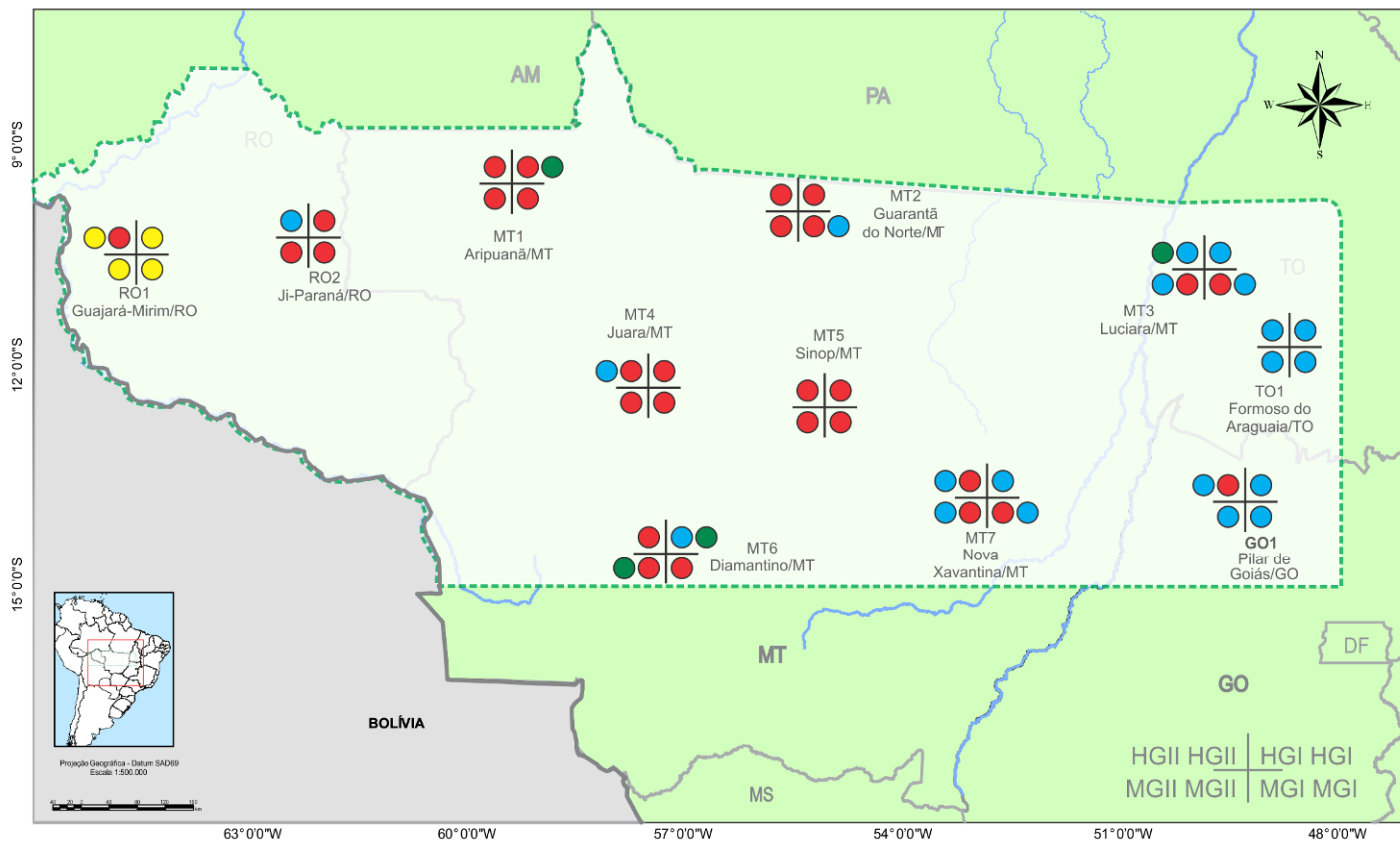
---

Nota:

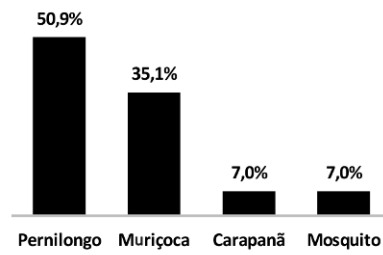
Informante idosa de Guajará-Mirim: “Eu conheço como... No Maranhão era muriçoca [muri'sokɐ], aqui carapanã [kara'panã]. E mais, e pernilongo [peɾ'nilõgu]... Cada estado tem um nome”.

# ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO DO TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO

## Carta 033 - Pernilongo



- Pernilongo
- Muriçoca
- Carapanã
- Mosquito



QSL: 020  
Contextos de ocorrência do fenômeno: *inseto que canta nos ouvidos das pessoas à noite.*

**Carta 034**

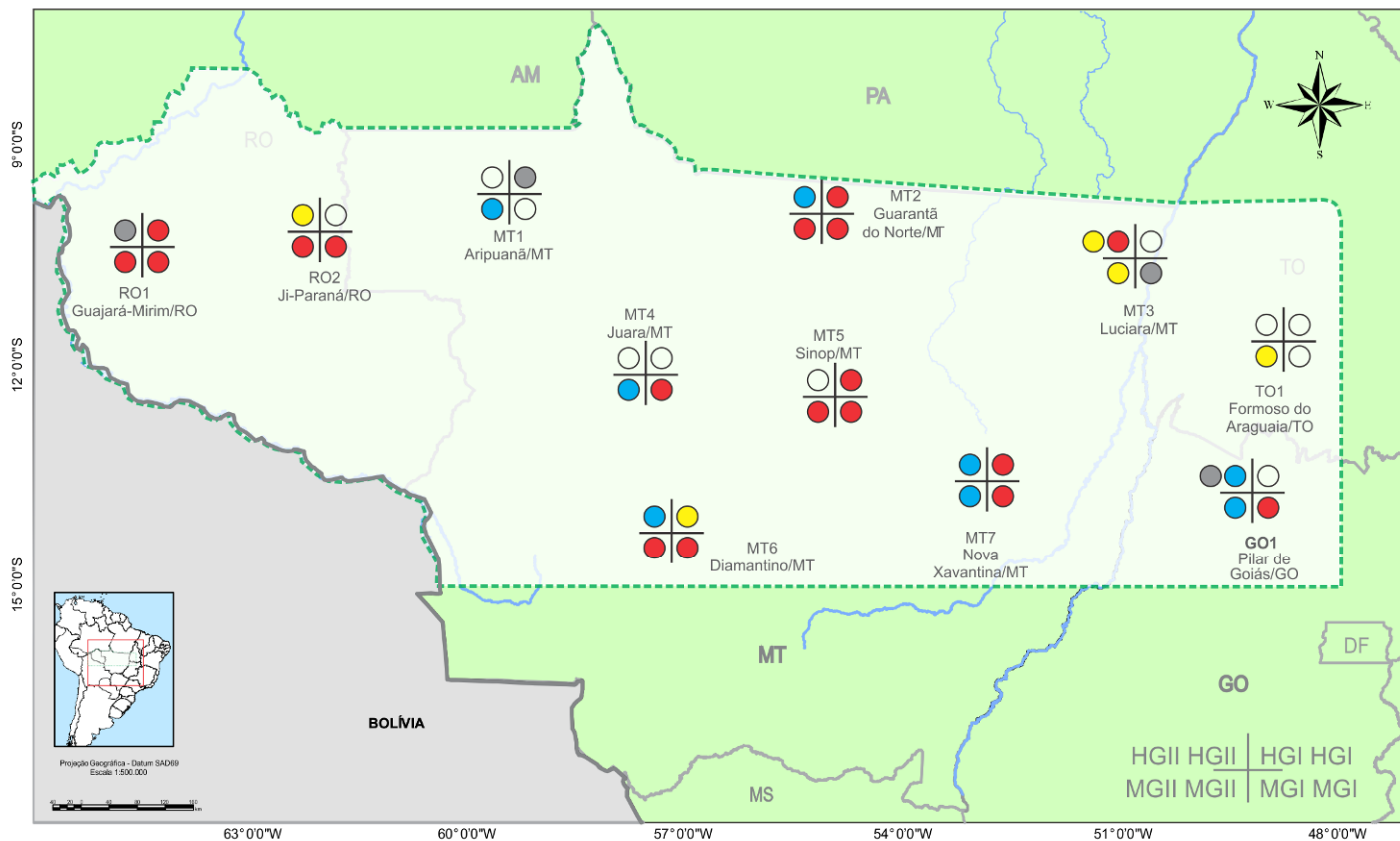
QSL 21 - Que nome se dá a essa parte que cobre o olho? (Apontar)

Outras variantes não mapeadas

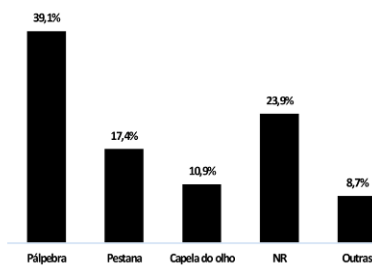
<b>Ponto</b>	<b>Localidade</b>	<b>Variantes</b>	<b>Perfil</b>	<b>Inf. 1</b>	<b>Total</b>
RO1	Guajará Mirim	Parte superior do olho	HGII	1	1
MT1	Aripuanã	Película	HGI	1	1
MT3	Luciara	Cartilagem	MGI	1	1
GO1	Pilar de Goiás	Pelanca	HGII	1	1
<b>Total</b>				<b>4</b>	<b>4</b>

# ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO DO TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO

## Carta 034 - Pálpebras



- Pálpebra
- Pestana
- Capela do olho
- NR
- Outras



QSL: 021  
Contextos de ocorrência do fenômeno: *parte que cobre o olho*

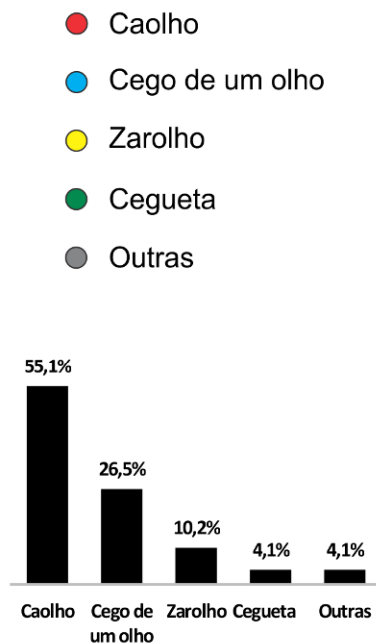
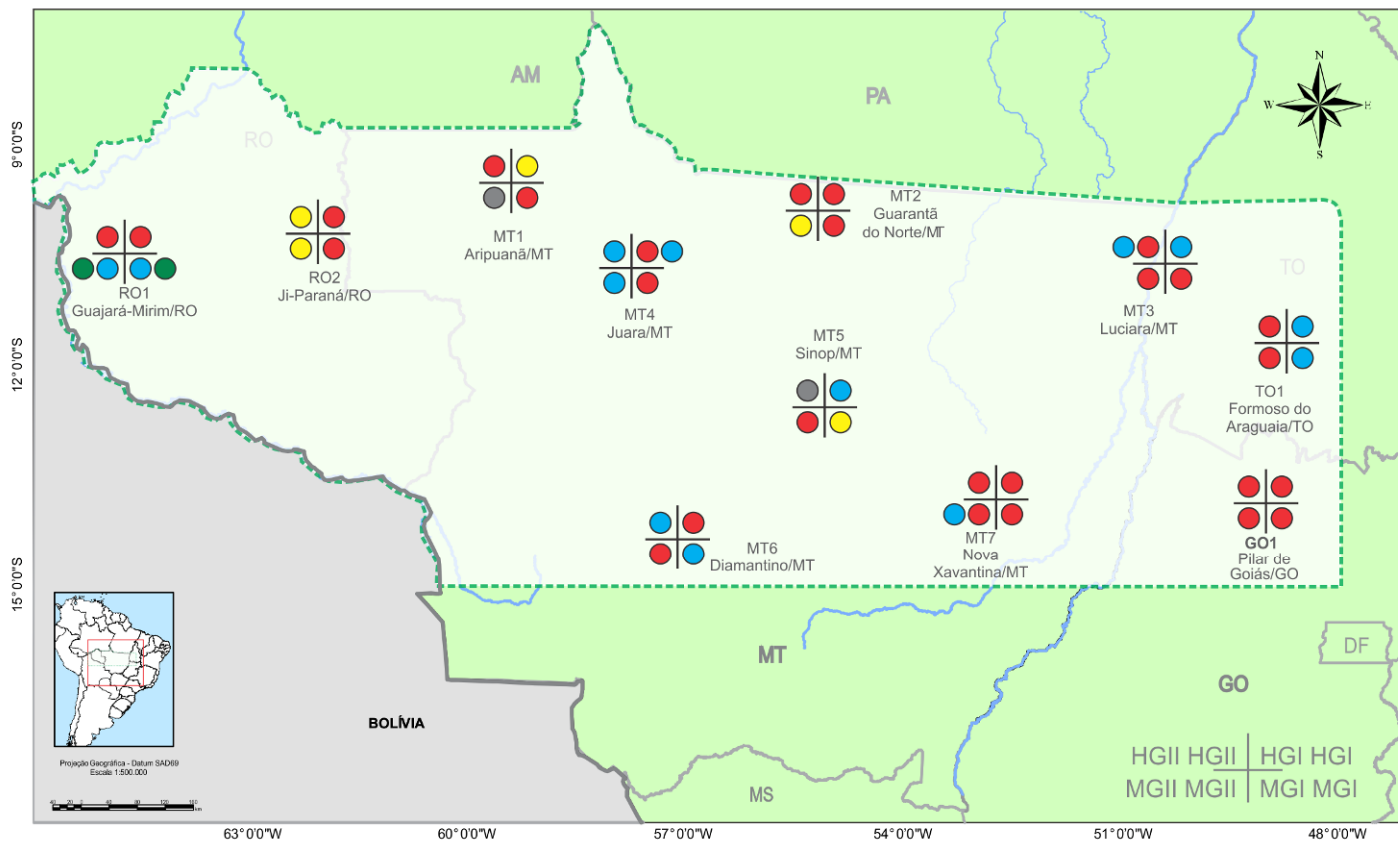
**Carta 035**

QSL 22 - Que nome se dá à pessoa que só enxerga com um olho?

<b>Ponto</b>	<b>Localidade</b>	<b>Variantes</b>	<b>Perfil</b>	<b>Inf. 1</b>	<b>Total</b>
MT1	Aripuanã	Sem olho	MGII	1	1
MT5	Sinop	Vesgo	HGII	1	1
<b>Total</b>				<b>2</b>	<b>2</b>

# ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO DO TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO

## Carta 035 - Cego de um olho



QSL: 022

Contextos de ocorrência do fenômeno: *pessoa que só enxerga com um olho.*

**Carta 036**

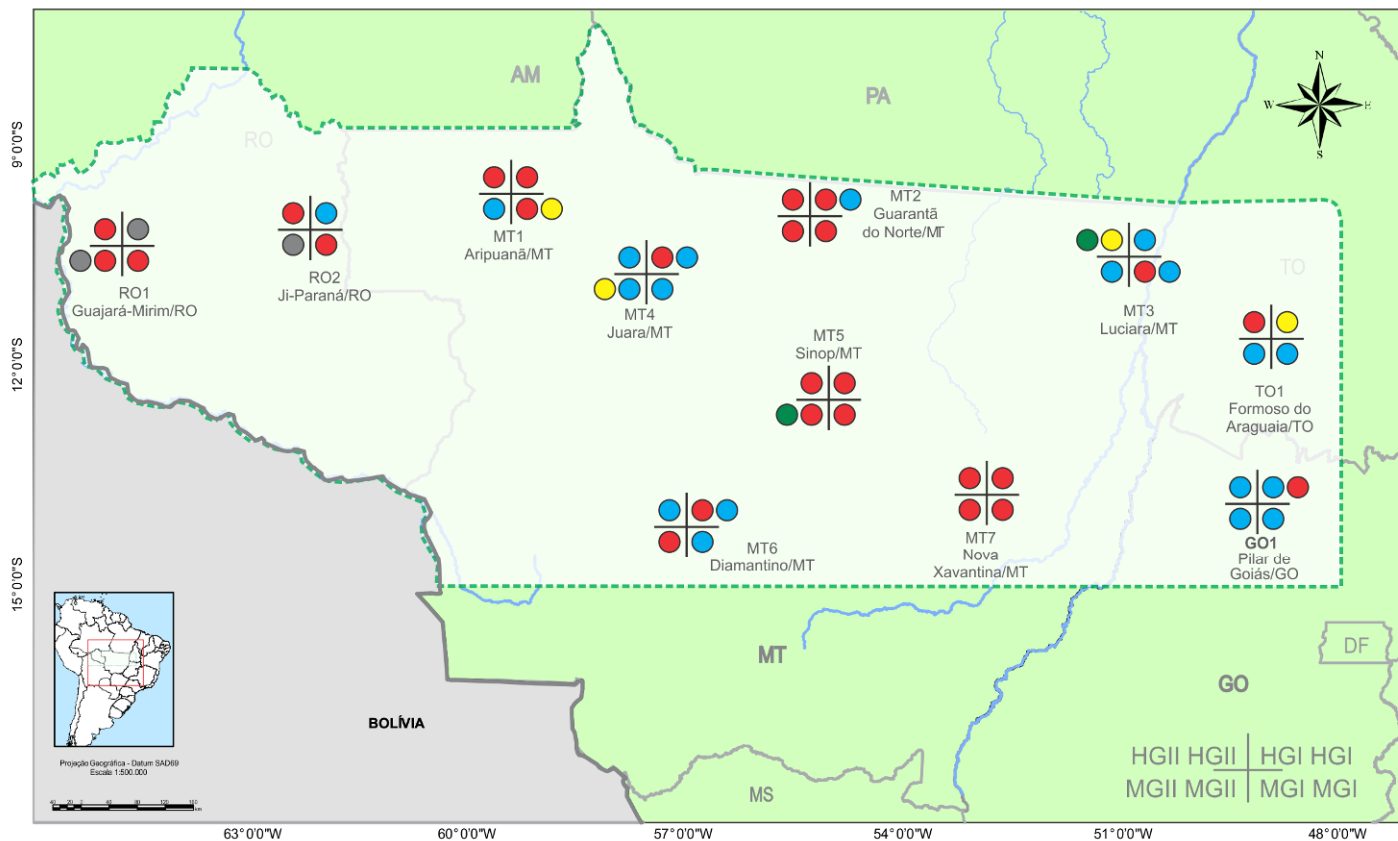
QSL 23 - Que nome se dá à pessoa que tem os olhos voltados para direções diferentes? Completar com um gesto dos dedos.

Outras variantes não mapeadas

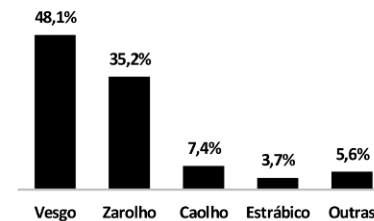
<b>Ponto</b>	<b>Localidade</b>	<b>Variante</b>	<b>Perfil</b>	<b>Inf. 1</b>	<b>Inf. 2</b>	<b>Total</b>
RO1	Guajará Mirim	Zambeta	HGI	1		1
		Trocado	MGII		1	1
R02	Ji-Paraná	Míope	MGII	1		1
<b>Total</b>				<b>2</b>	<b>1</b>	<b>3</b>

# ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO DO TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO

## Carta 036 - Vesgo



- Vesgo
- Zarolho
- Caolho
- Estrábico
- Outras



QSL: 023

Contextos de ocorrência do fenômeno: *pessoa que tem os olhos voltados para direções opostas.*

**Carta 037**

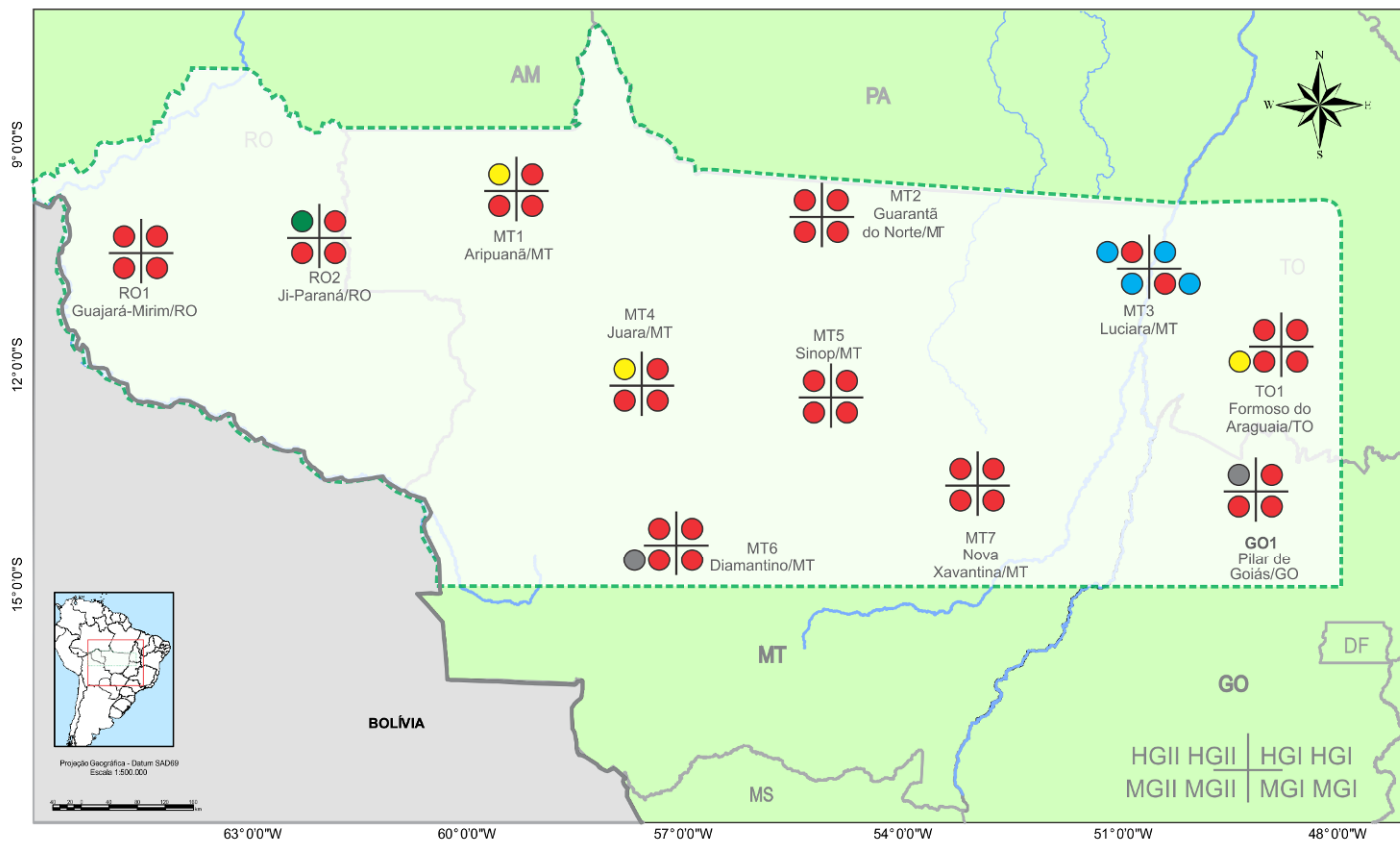
QSL 24 - Que nome se dá à bolinha que nasce na ... (conforme item 23), fica vermelha e incha?

Outras variantes não mapeadas

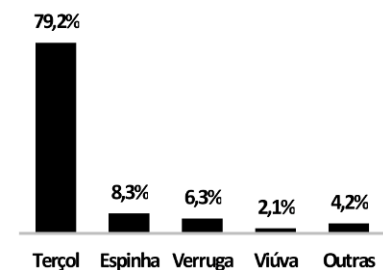
<b>Ponto</b>	<b>Localidade</b>	<b>Variantes</b>	<b>Perfil</b>	<b>Inf. 1</b>	<b>Total</b>
MT6	Diamantino	Olho de sol	MGII	1	1
GO1	Pilar de Goiás	Bonitinha	HGII	1	1
<b>Total</b>				<b>2</b>	<b>2</b>

# ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO DO TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO

## Carta 037 - Terçol



- Terçol
- Espinha
- Verruga
- Viúva
- Outras



QSL: 024

Contextos de ocorrência do fenômeno: *bolinha que nasce no olho, que incha e fica vermelha.*

**Carta 038**

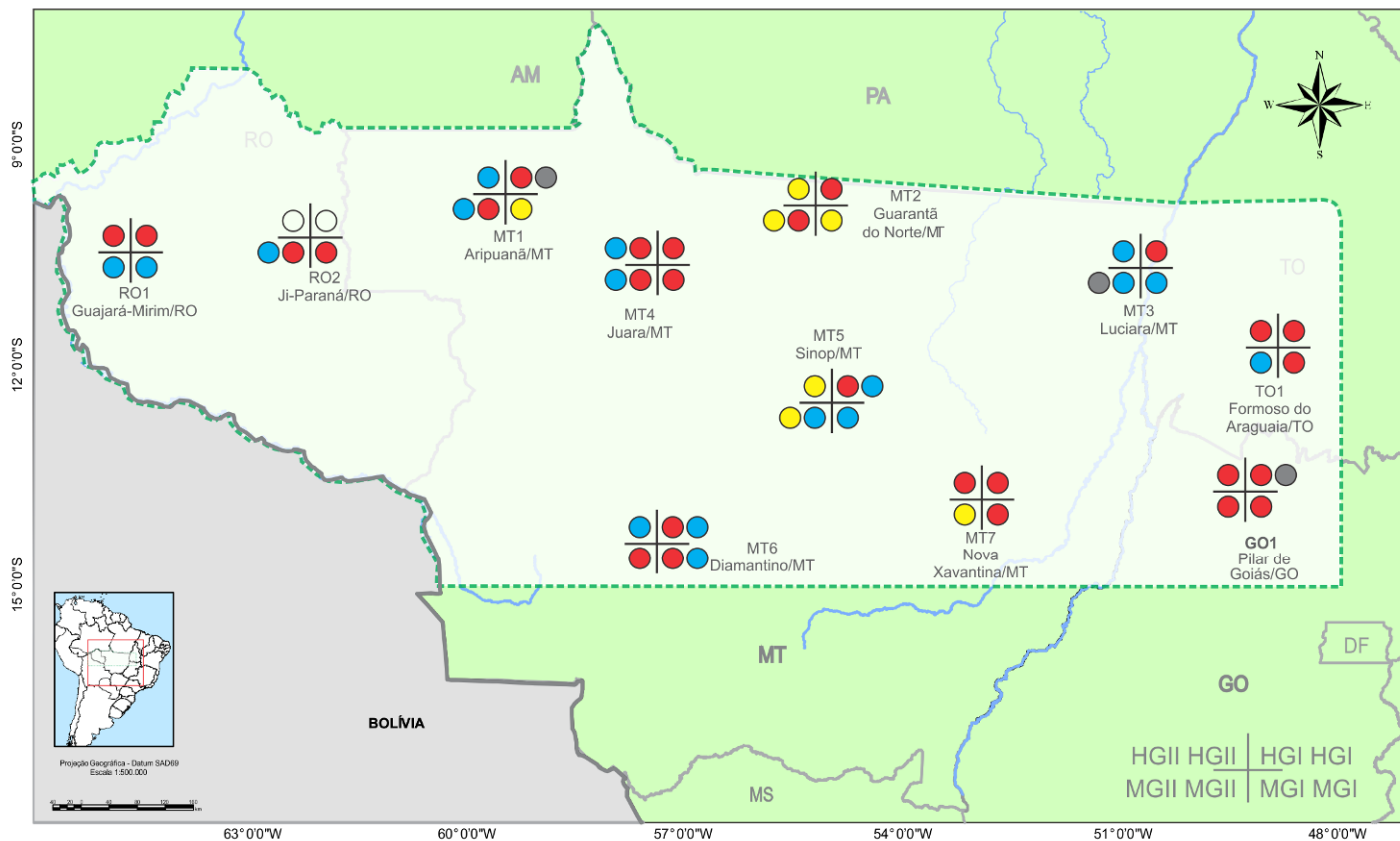
QSL 25 - Que nome se dá à inflamação no olho que faz com que o olho fique vermelho e amanheça grudado?

Outras variantes não mapeadas

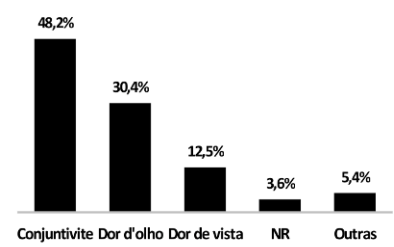
<b>Ponto</b>	<b>Localidade</b>	<b>Variantes</b>	<b>Perfil</b>	<b>Inf. 1</b>	<b>Inf. 2</b>	<b>Total</b>
MT1	Aripuanã	Remela	HGI		1	1
MT3	Luciara	Remela	MGII		1	1
GO1	Pilar de Goiás	Irritação	HGI	1		1
<b>Total</b>				<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>

# ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO DO TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO

## Carta 038 - Conjuntivite



- Conjuntivite
- Dor d'olho
- Dor de vista
- NR
- Outras



QSL: 025

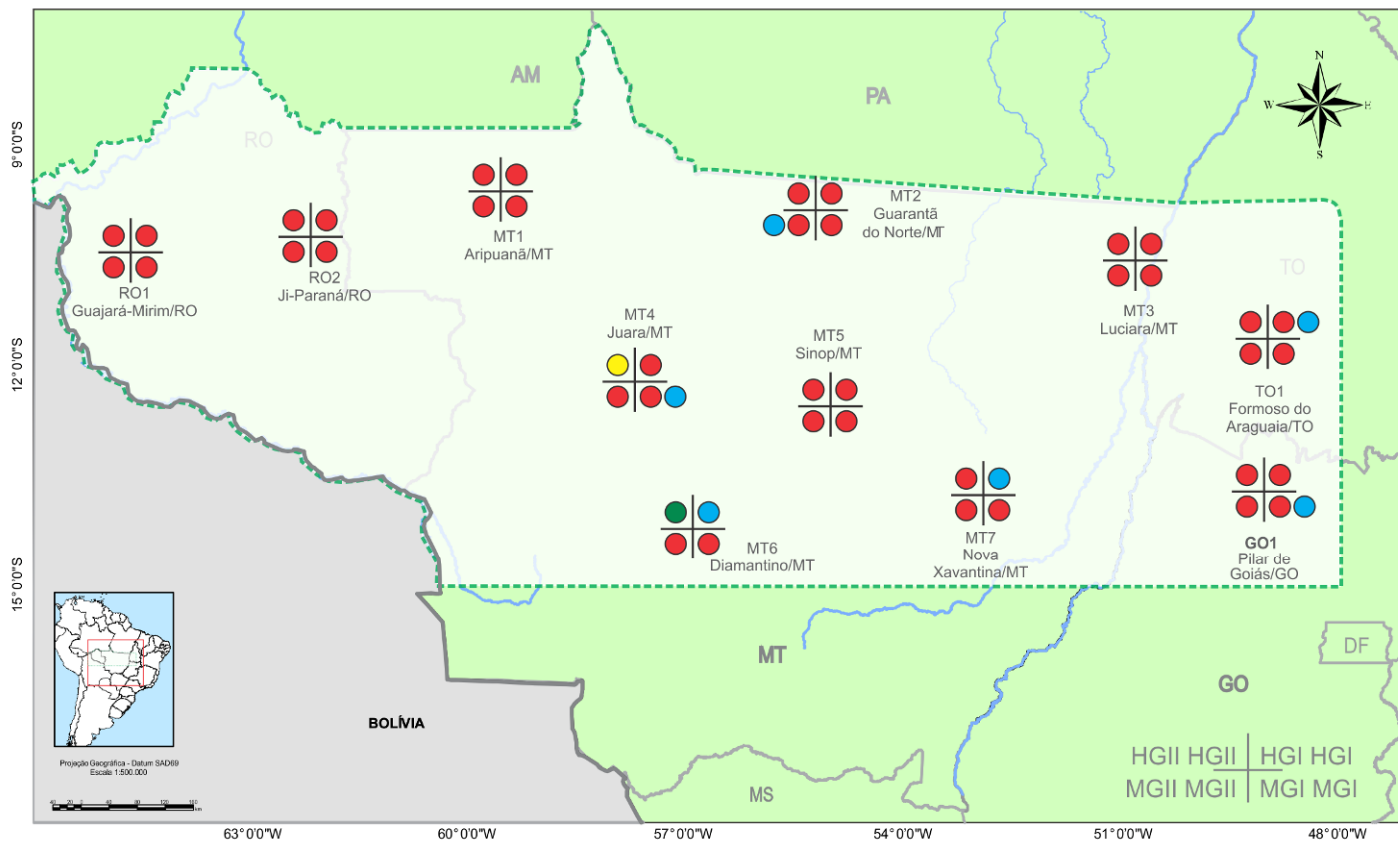
Contextos de ocorrência do fenômeno: *inflamação no olho que faz com que amanheça grudado.*

**Carta 039**

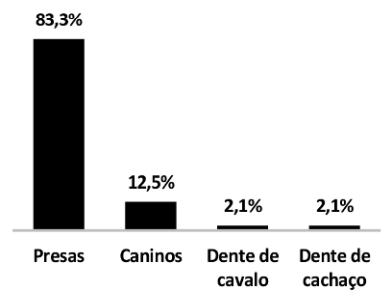
QSL 26 - Que nome se dá para esses dois dentes pontudos? (Apontar)

# ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO DO TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO

## Carta 039 - Caninos



- Presas
- Caninos
- Dente de cavalo
- Dente de cachaço



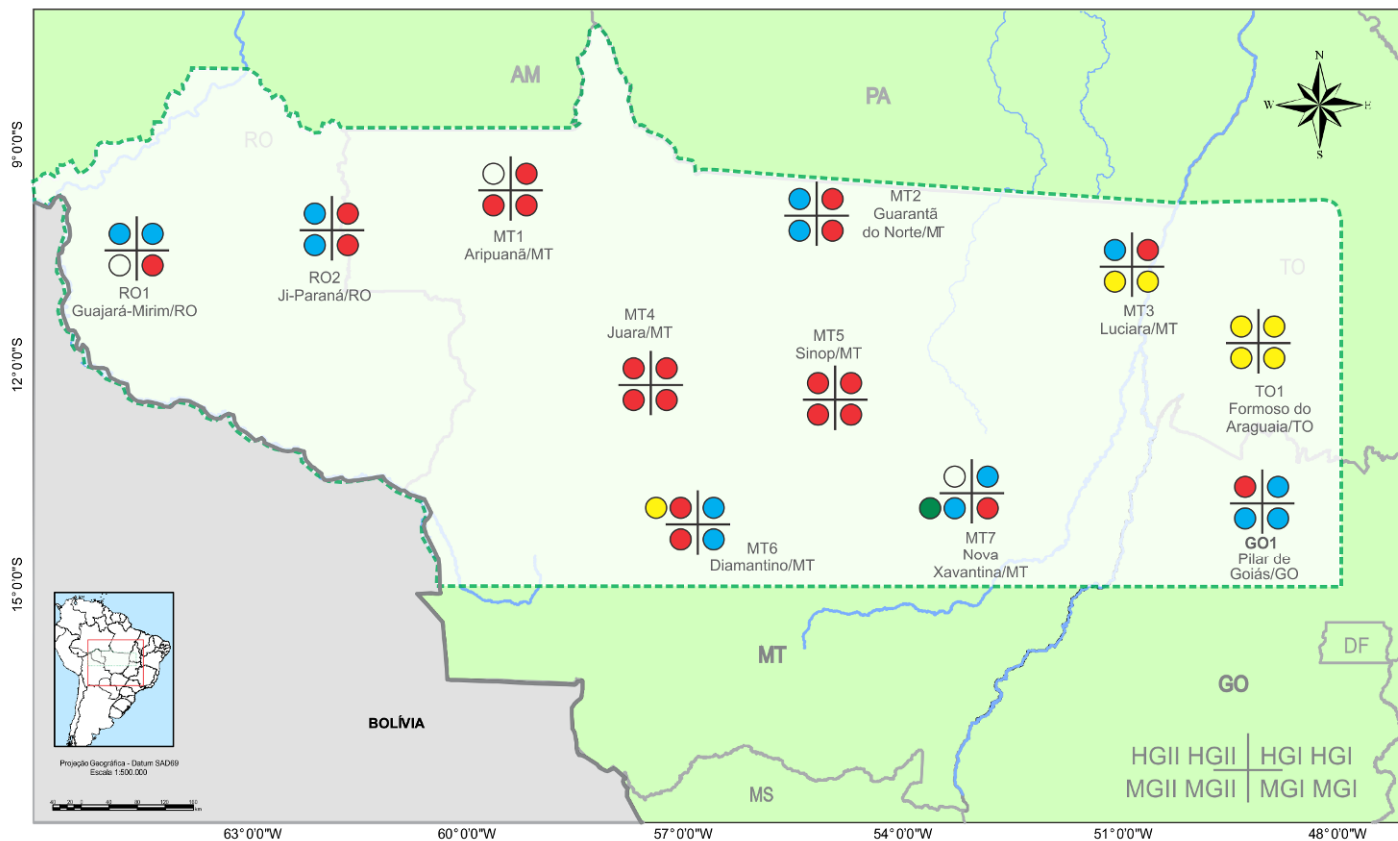
QSL: 026  
Contextos de ocorrência do fenômeno: *dentes pontudos*.

**Carta 040**

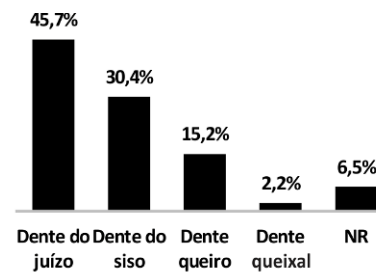
QSL 27 - Como se chama os últimos dentes, que nascem depois de todos os outros, em geral quando a pessoa já é adulta?

# ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO DO TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO

## Carta 040 - Dente do siso



- Dente do juízo
- Dente do siso
- Dente queiro
- Dente queixal
- NR



QSL: 027

Contextos de ocorrência do fenômeno: *dentes que nascem por último.*

## Carta 041

QSL 28 - Como se chamam esses dentes grandes no fundo da boca, vizinhos dos \_\_\_\_\_ (cf. item 36) (mostrar)

Outras variantes não mapeadas

Ponto	Localidade	Variante	Perfil	Inf. 1	Total
RO1	Guajará Mirim	Dente queiro	MGII	1	1
MT1	Aripuanã	Dente do fundo	MGI	1	1
MT3	Luciara	Dente queiro	HGII	1	1
MT4	Juara	Chato	MGII	1	1
MT6	Diamantino	Presa	HGII	1	1
GO1	Pilar de Goiás	Canelão	MGII	1	1
<b>Total</b>				<b>6</b>	<b>6</b>

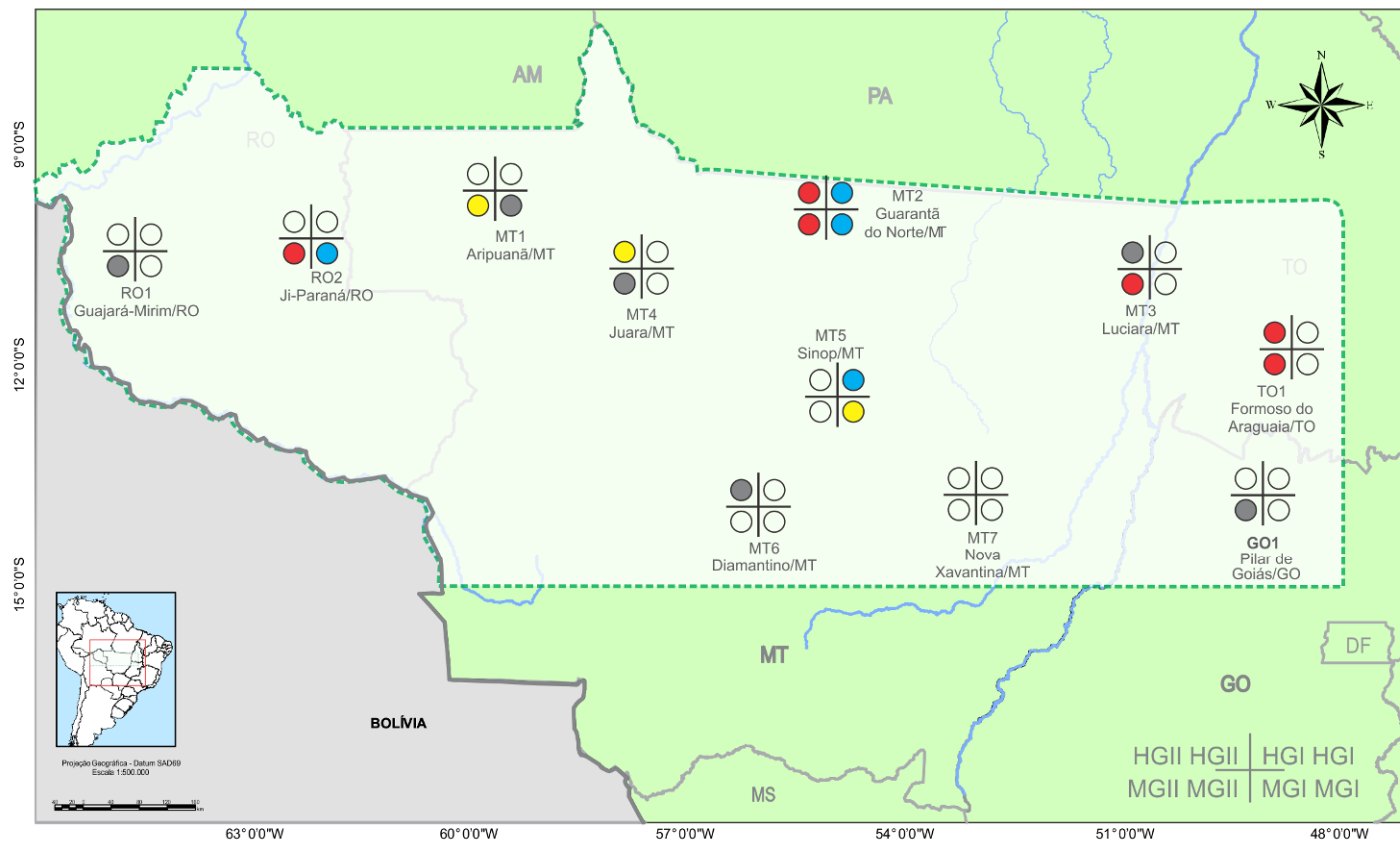
---

Notas:

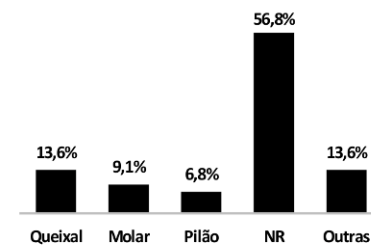
NR na legenda se refere aos informantes que não sabiam a resposta à pergunta no momento d entrevista. A maioria afirmou que não costuma dar nomes aos dentes.

# ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO DO TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO

## Carta 041 - Dentes molares



- Queixal
- Molar
- Pilão
- NR
- Outras



QSL: 028

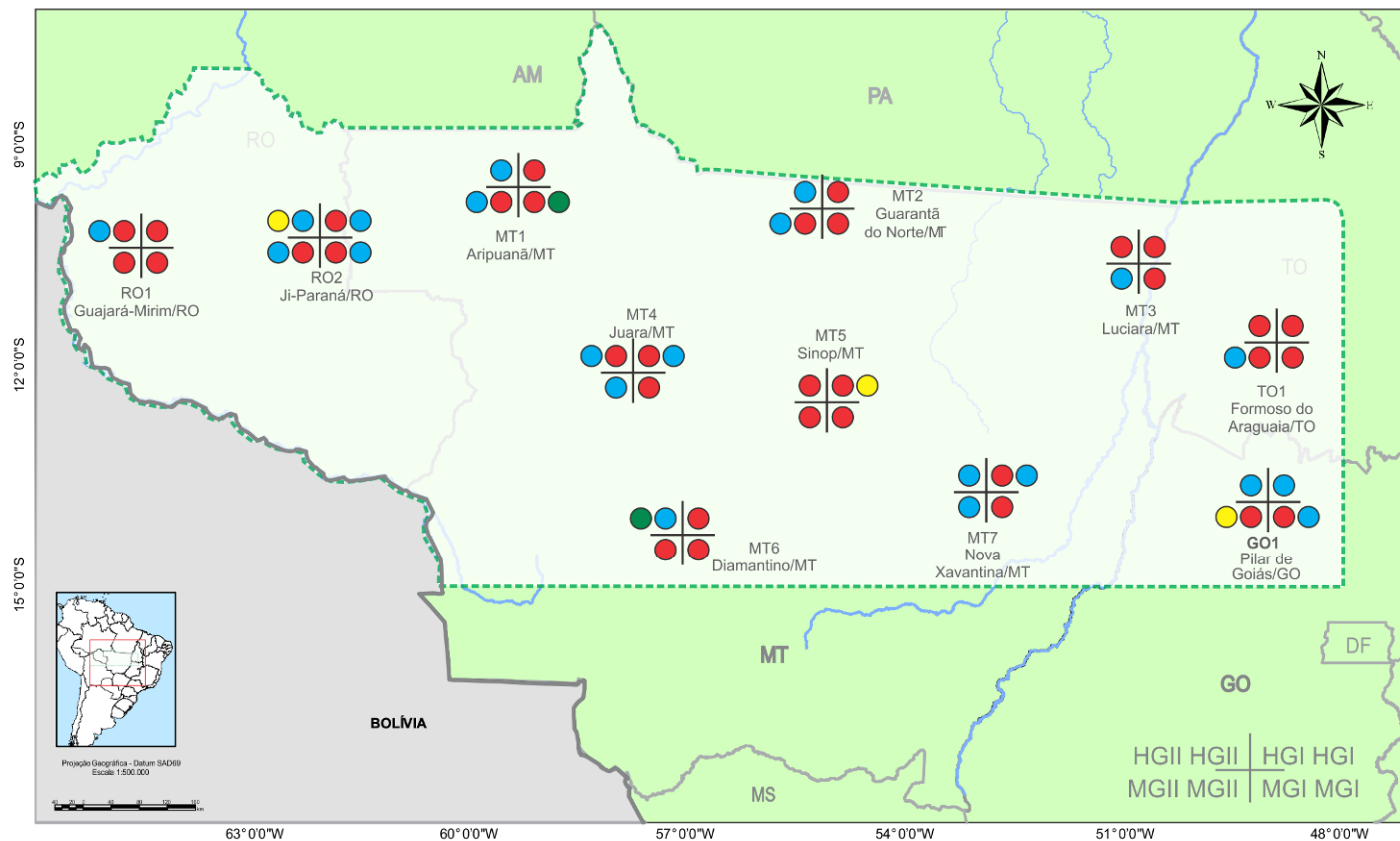
Contextos de ocorrência do fenômeno: *dentes grandes do fundo da boca.*

**Carta 042**

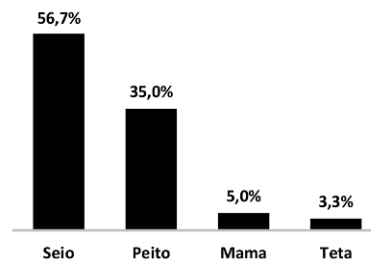
QSL 29 - Que nome se dá à parte do corpo da mulher com que ela amamenta os filhos?

# ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO DO TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO

## Carta 042 - Seio



- Seio
- Peito
- Mama
- Teta



QSL: 029

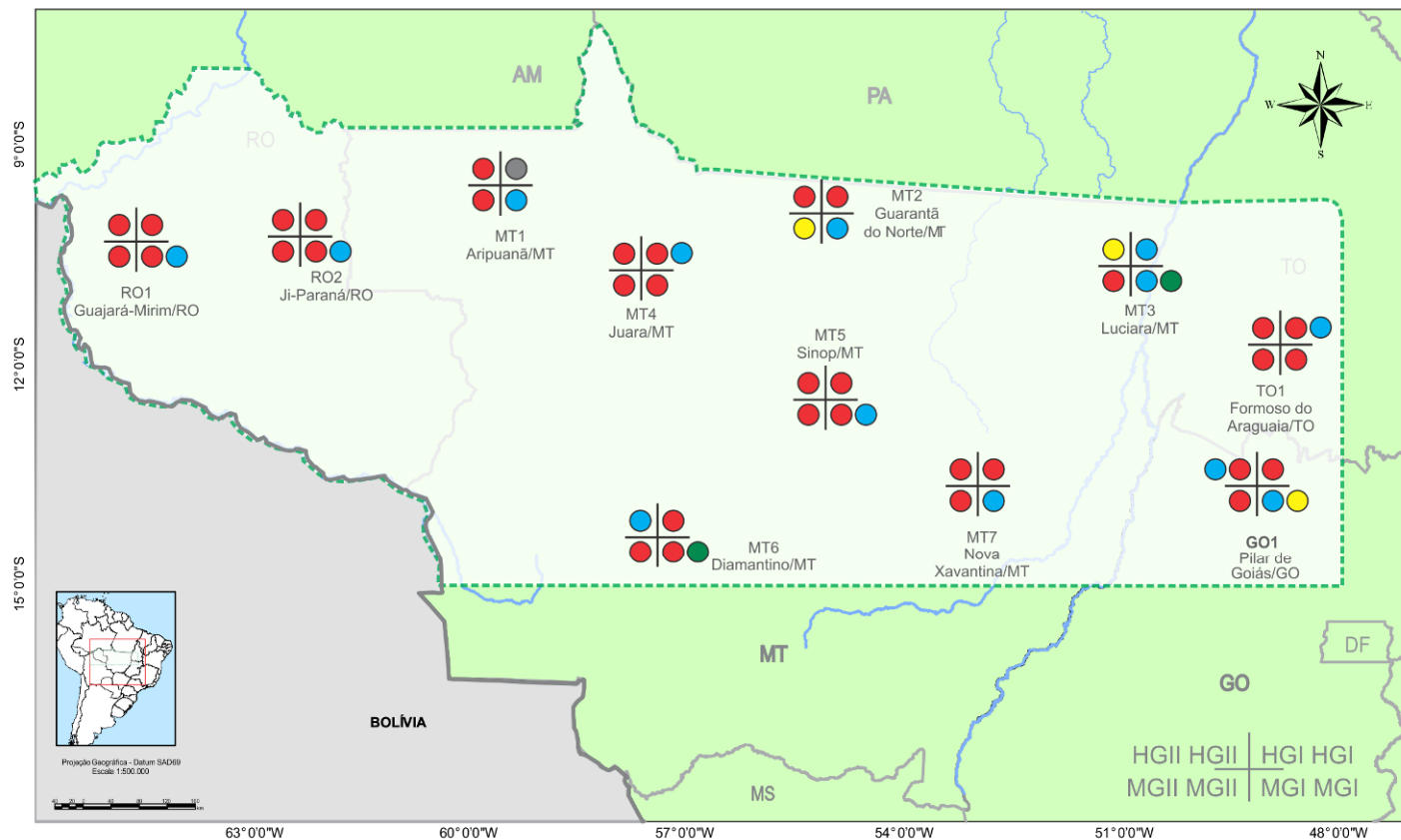
Contextos de ocorrência do fenômeno: *a parte do corpo da mulher com que ela amamenta os filhos.*

**Carta 043**

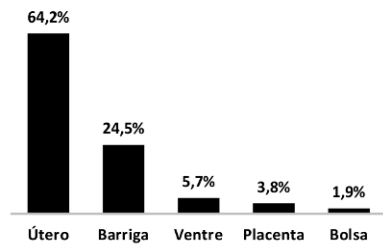
QSL 30 - Como se chama aquela a parte do corpo da mãe onde fica o nenê / bebê antes de nascer? Lugar dentro da barriga da mulher onde fica a criança antes de nascer?

# ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO DO TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO

## Carta 043 - Útero



- Útero
- Barriga
- Ventre
- Placenta
- Bolsa



QSL: 030  
Contextos de ocorrência do fenômeno: *parte do corpo da mãe onde fica o bebê.*

**Carta 044**

QSL 31 - Que nome se dá ao osso redondo que fica na frente do joelho?

Outras variantes não mapeadas

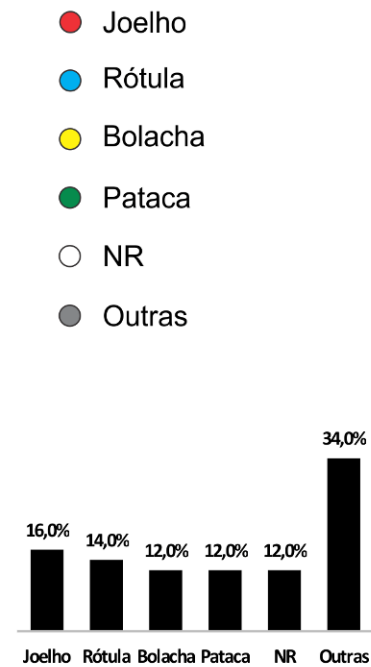
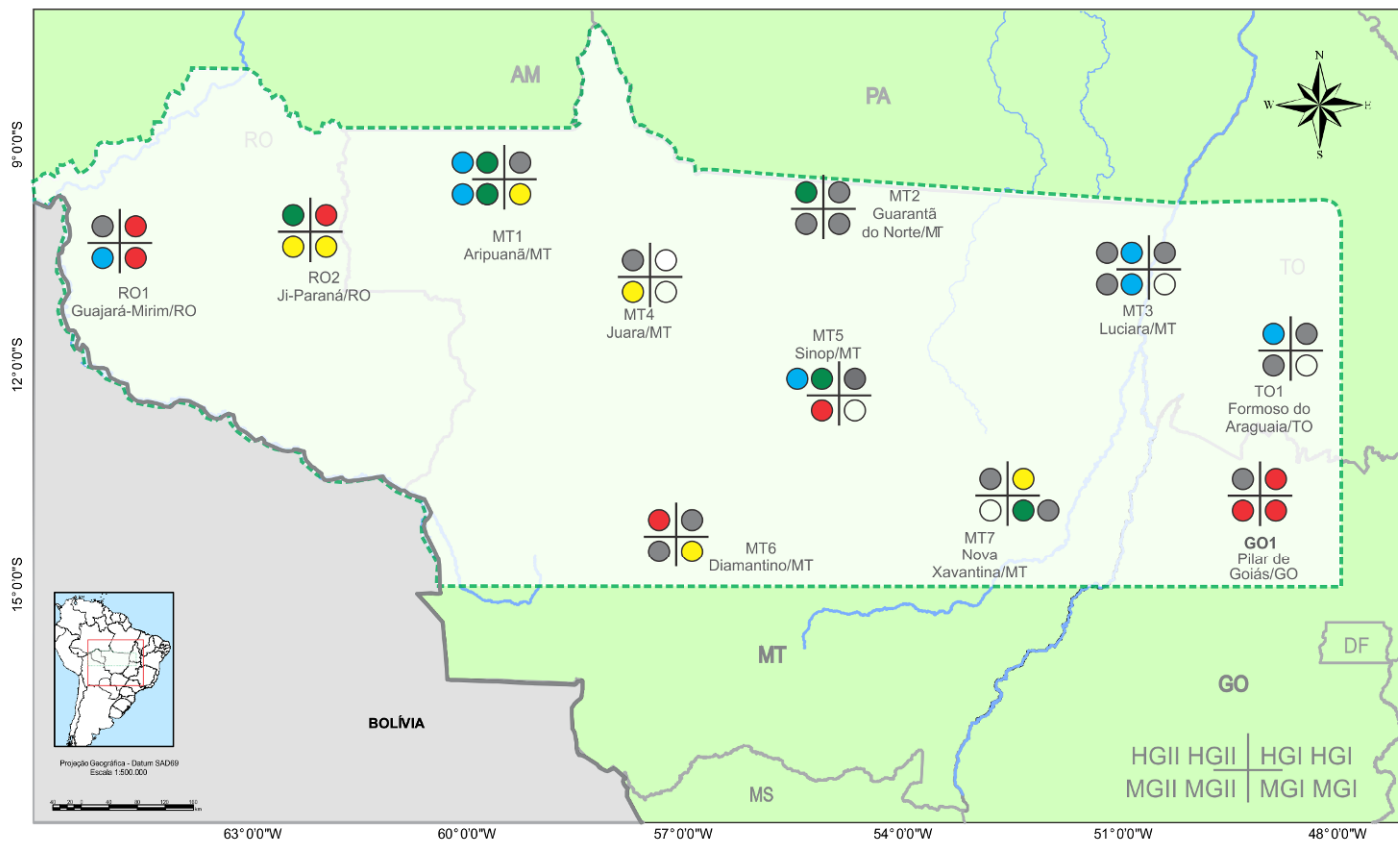
Ponto	Localidade	Variante	Perfil	Inf. 1	Inf. 2	Total
RO1	Guajará Mirim	Tramela	HGII	1		1
MT1	Aripuanã	Patela	HGI	1		1
MT2	Guarantã do Norte	Patela	HGI	1		1
		Bola	MGI	1		1
		Batata	MGII	1		1
		Rodela	HGII		1	1
MT3	Luciara	Borda	HGI	1		1
		Bolota	MGII	1		1
		Batata	HGII	1		1
MT4	Juara	Batata	HGII	1		1
MT5	Sinop	Bola	HGI	1		1
MT6	Diamantino	Patela	HGI	1		1
			MGII	1		1
MT7	Nova Xavantina	Batata	HGII	1		1
			MGI	1		1
TO1	Formoso do Araguaia	Rodela	MGII	1		1
		Bola	HGI	1		1
GO	Pilar de Goiás	Tramela	HGII	1		1
<b>Total</b>				<b>16</b>	<b>1</b>	<b>17</b>

---

Nota: Os jovens de MT4, assim como as mulheres GI de MT3 e a mulher GII de MT6 disseram não saber o nome.

# ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO DO TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO

## Carta 044 - Rótula / pataca



QSL: 031  
Contextos de ocorrência do fenômeno: *osso redondo do joelho*.

## Carta 045

QSL 32 - Que nome se dá às pessoas de pernas curvas? Mímica

Outras variantes não mapeadas

Ponto	Localidade	Variante	Perfil	Inf. 1	Inf. 2	Total
RO2	Ji-Paraná	Mané garrincha	HGII		1	1
TO1	Formoso do Araguaia	Perna de cangalha	MGI		1	1
MT6	Diamantino	Perneta	MGII		1	1
			MGI		1	1
		Cambaia	MGI	1		1
<b>Total</b>				<b>1</b>	<b>4</b>	<b>5</b>

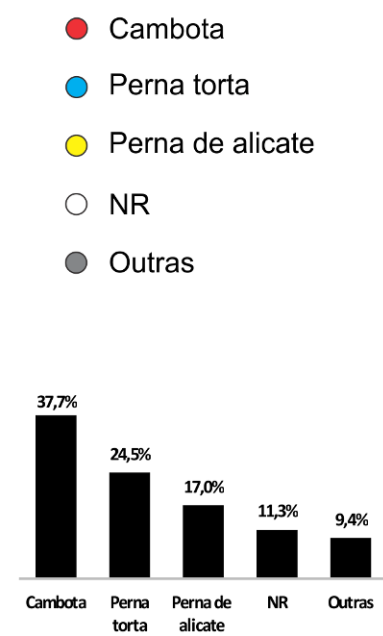
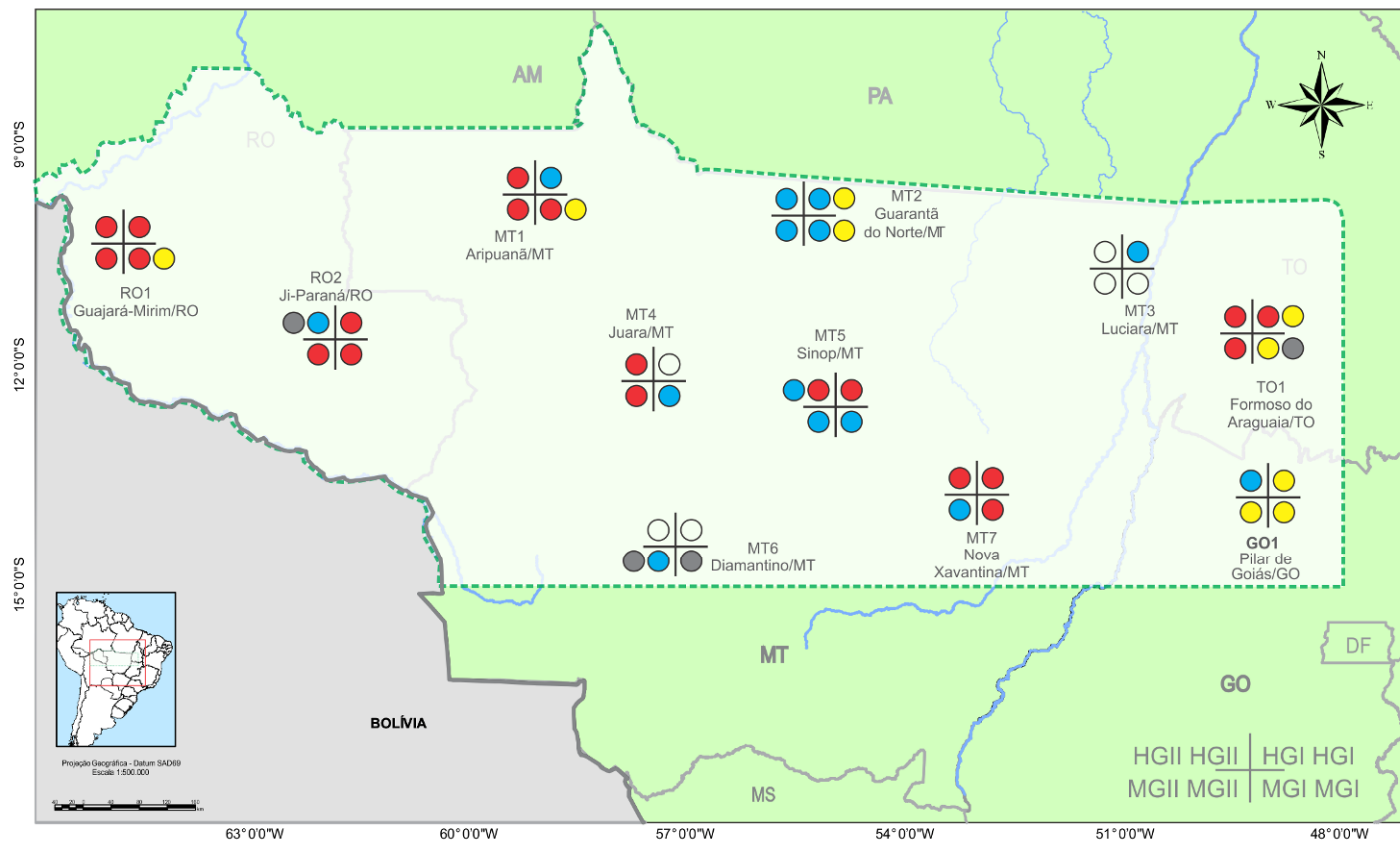
---

Notas:

Percebemos que essa pergunta é um tabu linguístico, pois algumas pessoas ficam constrangidas e preferem não atribuir nomes. Deriva desse constrangimento o percentual de NR.

# ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO DO TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO

## Carta 045 - Pessoa de pernas arqueadas



QSL: 032  
Contextos de ocorrência do fenômeno: *pessoa de pernas curvas*.

**Carta 046**

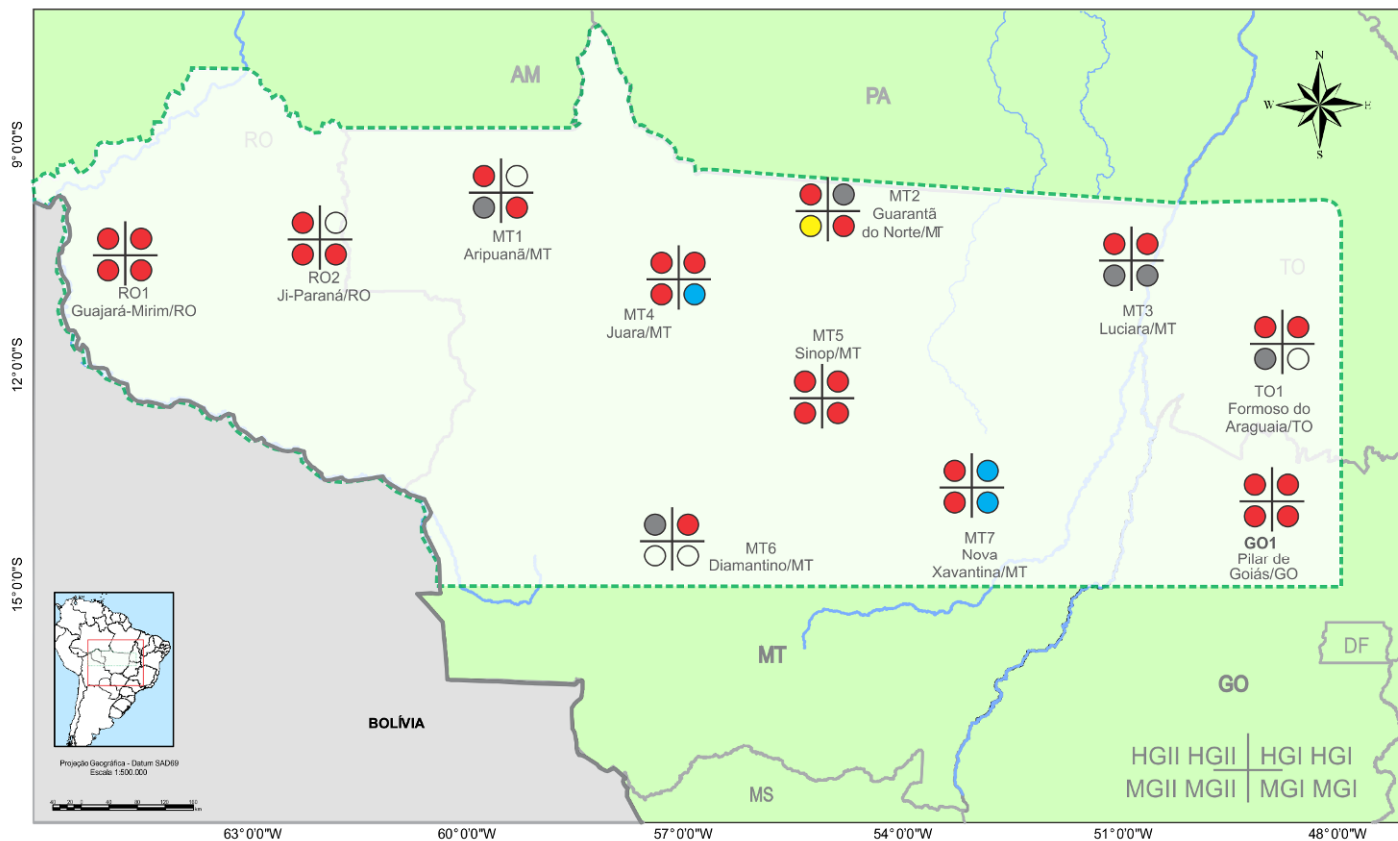
QSL 33 - Como se chama esse ossinho entre o pé e a perna? (Mostrar)

Outras variantes não mapeadas

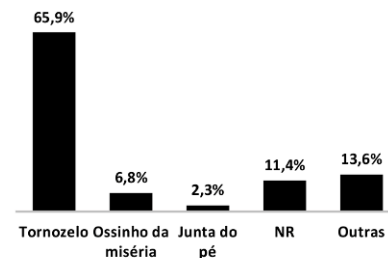
Ponto	Localidade	Variante	Perfil	Inf. 1	Total
MT1	Aripuanã	Cotovelo do pé	MGII	1	1
MT2	Guarantã do Norte	Batata do pé	HGI	1	1
MT3	Luciara	Ossinho gostoso	MGII	1	1
		Ossinho do pé	MGI	1	1
MT6	Diamantino	Mocotó	HGII	1	1
TO1	Formoso do Araguaia	Dói gostoso	MGII	1	1
<b>Total</b>				<b>6</b>	<b>6</b>

# ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO DO TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO

## Carta 046 - Tornozele



- Tornozele
- Ossinho da miséria
- Junta do pé
- NR
- Outras



QSL: 033

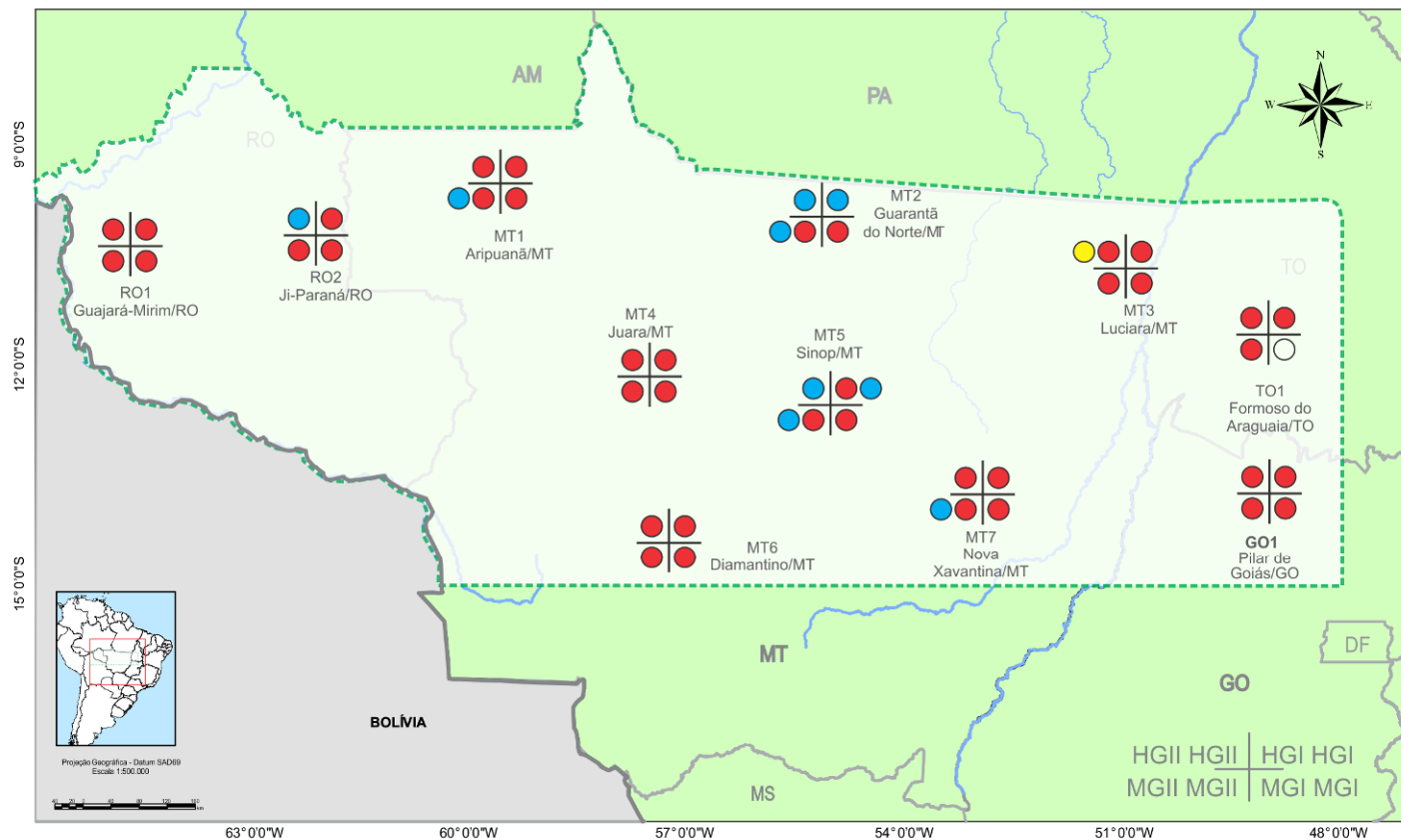
Contextos de ocorrência do fenômeno: *ossinho entre o pé e a perna.*

**Carta 047**

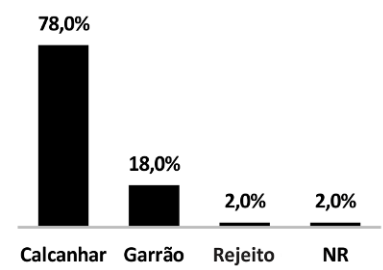
QSL 34 - E esta parte de trás do pé? (Mostrar)

# ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO DO TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO

## Carta 047 - Calcanhar



- Calcanhar
- Garrão
- Rejeito
- NR



QSL: 034  
Contextos de ocorrência do fenômeno: *parte de trás do pé.*

## Carta 048

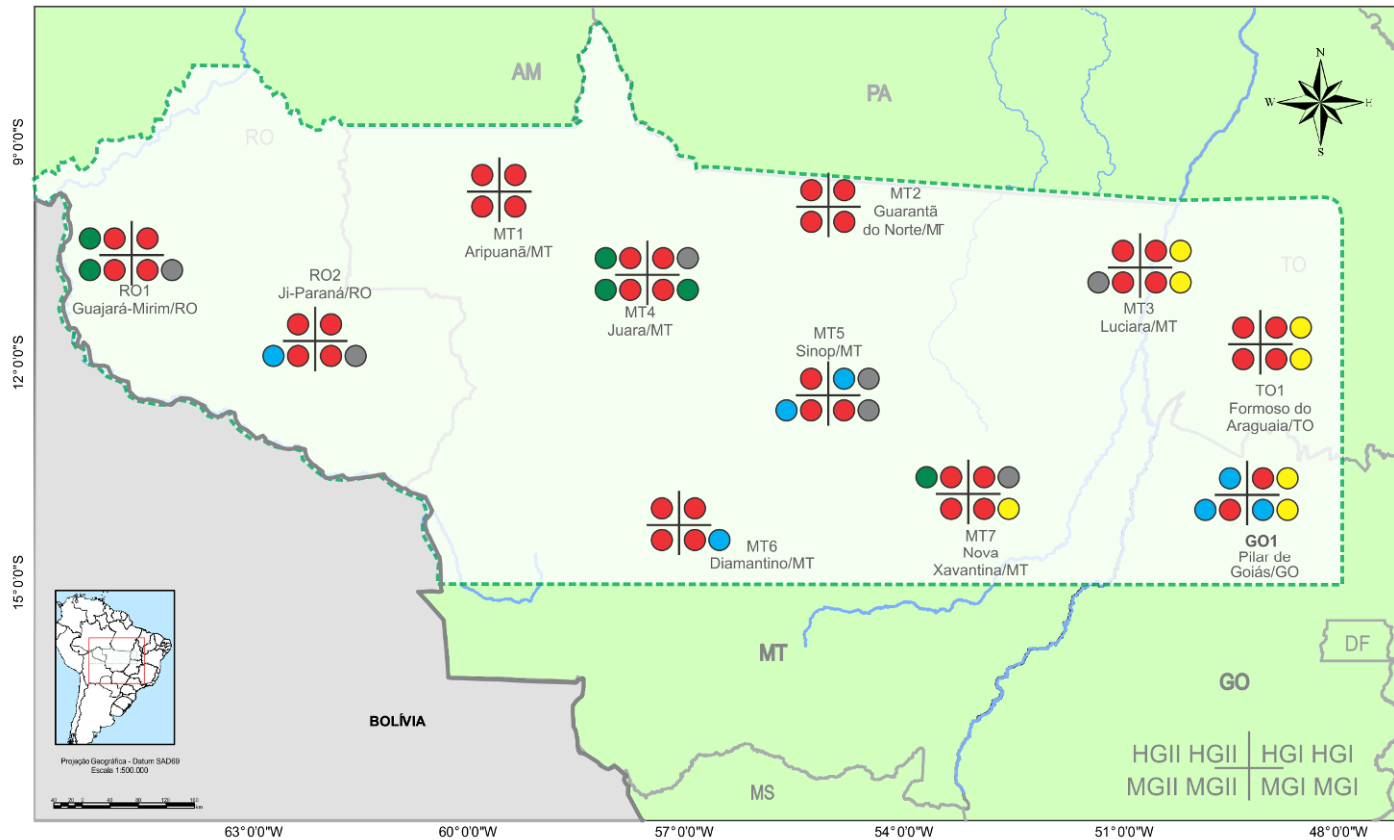
QSL 35 - As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?

Outras variantes não mapeadas

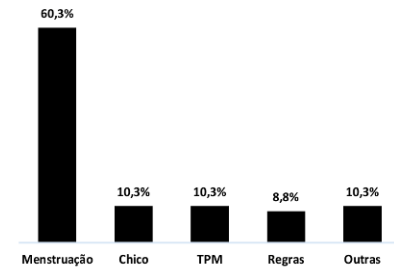
Ponto	Localidade	Variante	Perfil	Inf. 2	Total
RO1	Guajará Mirim	Bode	MGI	1	1
RO2	Ji-Paraná	Vermelho	MGI	1	1
MT3	Luciara	Boi	MGII	1	1
MT4	Juara	Tsunami	HGI	1	1
MT5	Sinop	Vermelho	HGI	1	1
			MGI	1	1
MT7	Nova Xavantina	Flamengo	HGI	1	1
<b>Total</b>				<b>7</b>	<b>7</b>

# ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO DO TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO

## Carta 048 - Menstruação



- Menstruação
- Chico
- TPM
- Regras
- Outras



QSL: 035

Contextos de ocorrência do fenômeno: *o sangue que as mulheres perdem todo mês.*

## Carta 049

QSL 36 - E quando a criança nasce diz-se que ...

Outras variantes não mapeadas

Ponto	Localidade	Variante	Perfil	Inf. 1	Inf. 2	Total
RO1	Guajará Mirim	Teve filho	MGI	1		1
		Nasceu	HGI	1		1
MT2	Guarantã do Norte	Nasceu	MGI		1	1
MT5	Sinop	Teve filho	MGII	1		1
		Nasceu	MGII		1	1
MT6	Diamantino	Descansou	HGII	1		1
<b>Total</b>				<b>4</b>	<b>2</b>	<b>6</b>

Notas:

A informante jovem de Juara não entendeu a pergunta, por isso não respondeu.

Informantes jovens de Diamantino:

INF.1- Que o bebê é prematuro e a mãe... que a mãe é... mãe num é?

INQ.- Quando nasce.

INF.1- Recém-nascido o bebê, recém-nascido.

INQ.- Por exemplo, sua irmã está grávida, aí nasce o filho, você fala: “minha irmã...”.

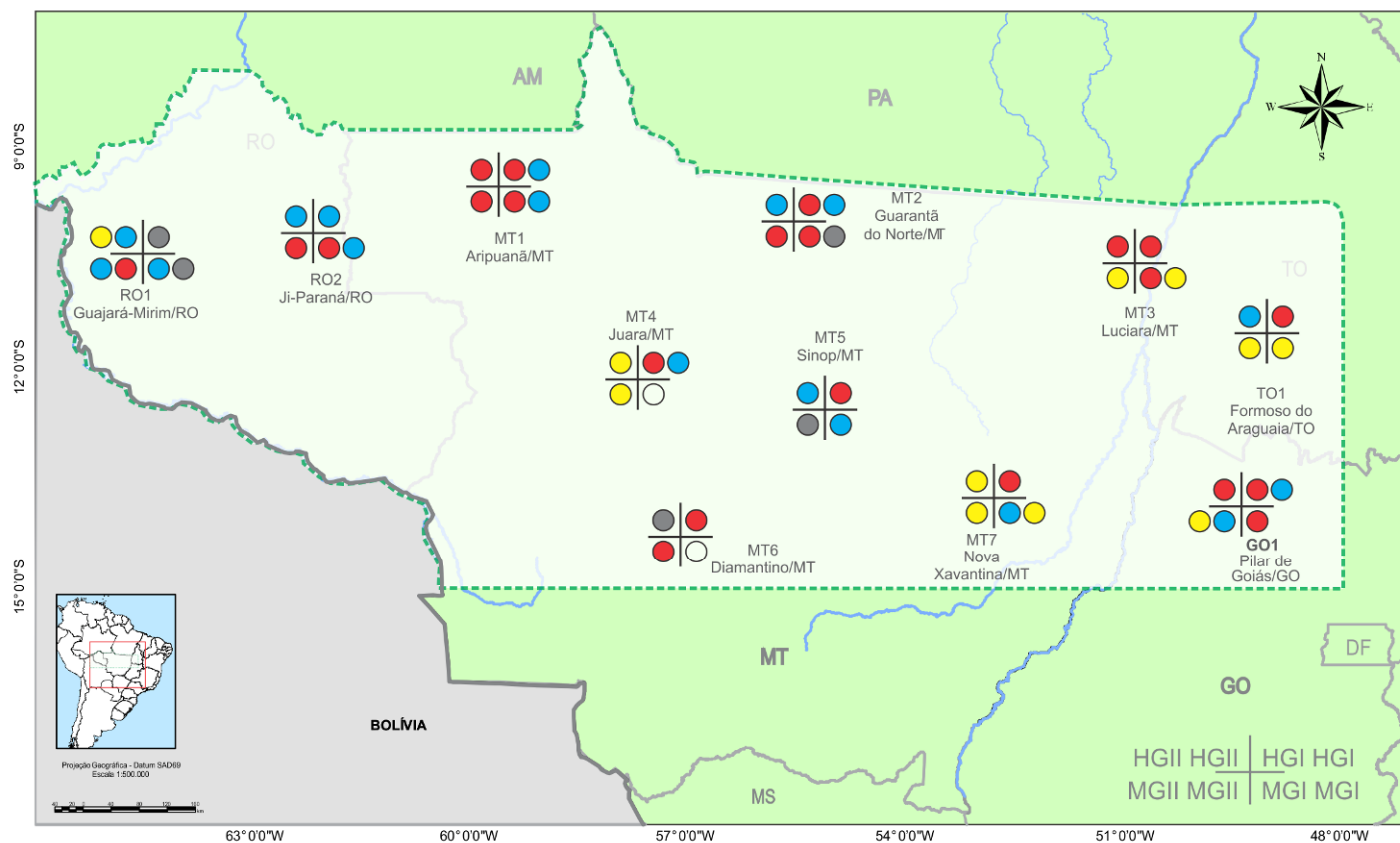
INF.1- Minha irmã é outra também...

INF.2- ((inint.)).

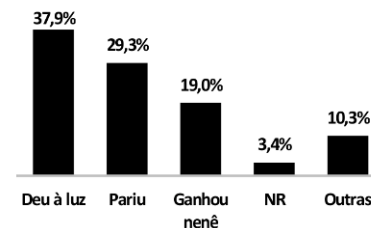
INF.1- Minha irmã tá in... quieta.

# ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO DO TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO

## Carta 049 - Dar à luz



- Deu à luz
- Pariu
- Ganhou nenê
- NR
- Outras



QSL: 036

Contextos de ocorrência do fenômeno: *mãe em relação ao parto.*

**Carta 050**

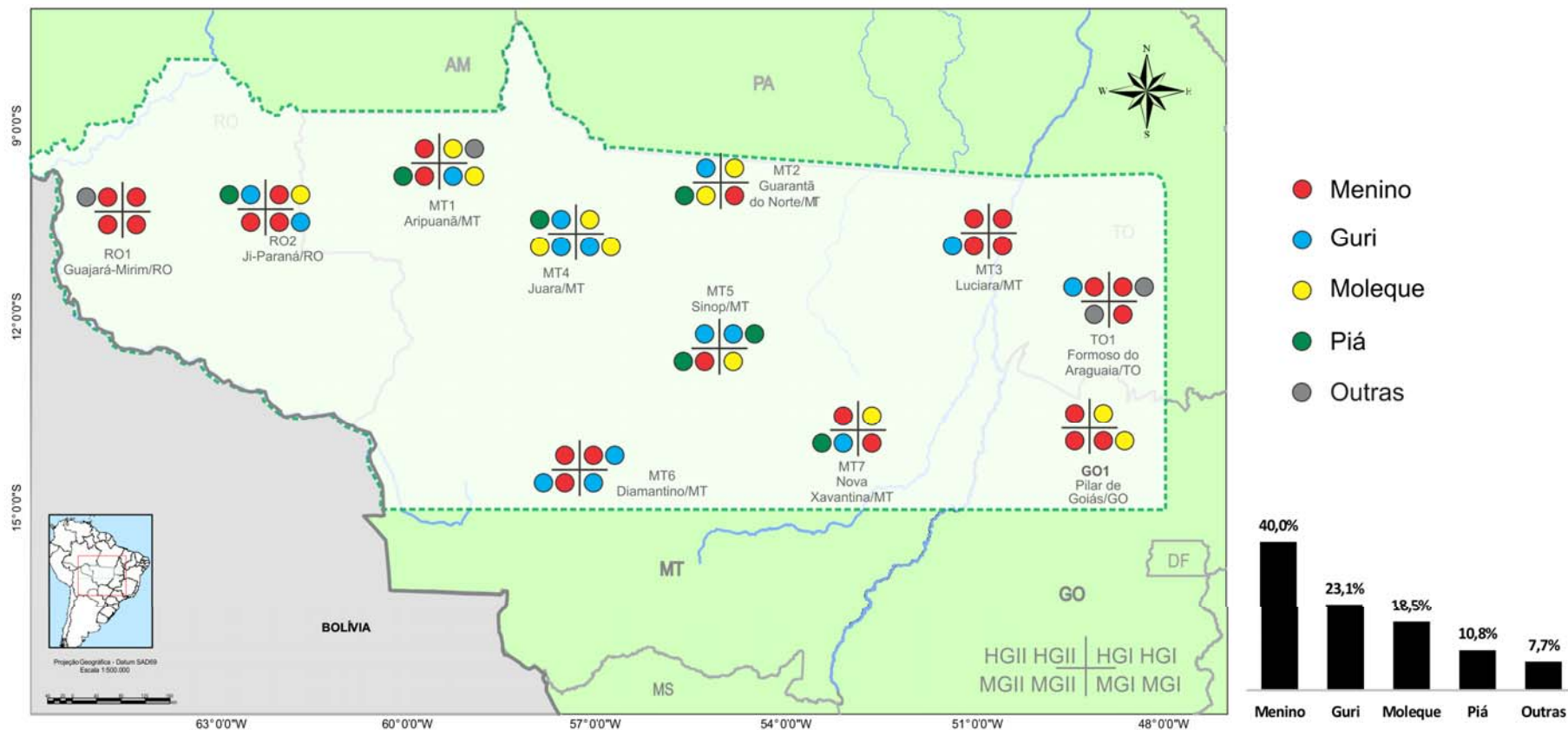
QSL 37 - Criança pequenininha, a gente fala que é bebê. E quando ela tem de 5 a 10 anos, do sexo masculino?

Outras variantes não mapeadas

<b>Ponto</b>	<b>Localidade</b>	<b>Variantes</b>	<b>Perfil</b>	<b>Inf. 1</b>	<b>Inf. 2</b>	<b>Total</b>
MT1	Aripuanã	Garoto	HGI		1	1
RO1	Guajará Mirim	Garoto	HGII	1		1
TO1	Formoso do Araguaia	Rapazinho	MGII		1	1
		Garoto	MGII	1		1
		Carinha	HGI		1	1
<b>Total</b>				<b>2</b>	<b>3</b>	<b>5</b>

# ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO DO TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO

## Carta 050 - Menino



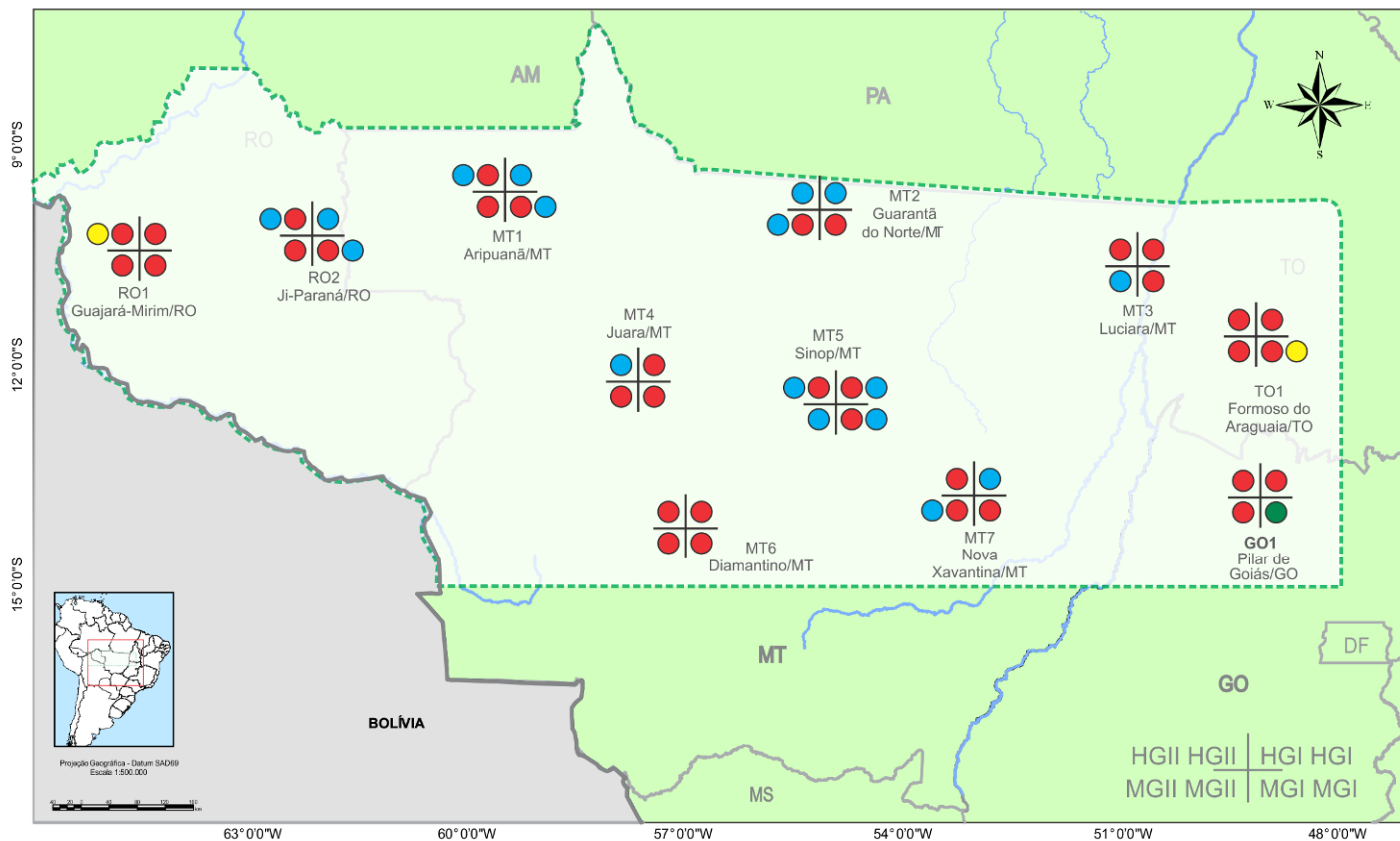
QSL: 037  
Contextos de ocorrência do fenômeno: *criança do sexo masculino.*

**Carta 051**

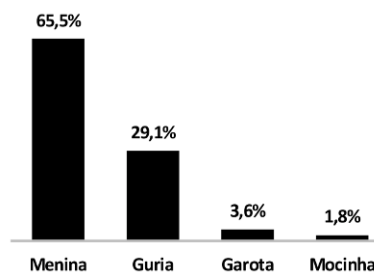
QSL 38 - Criança pequenininha, a gente fala que é bebê. E quando ela tem de 5 a 10 anos, do sexo feminino?

# ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO DO TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO

## Carta 051 - Menina



- Menina
- Guria
- Garota
- Mocinha



QSL: 038

Contextos de ocorrência do fenômeno: *criança do sexo feminino.*

**Carta 052**

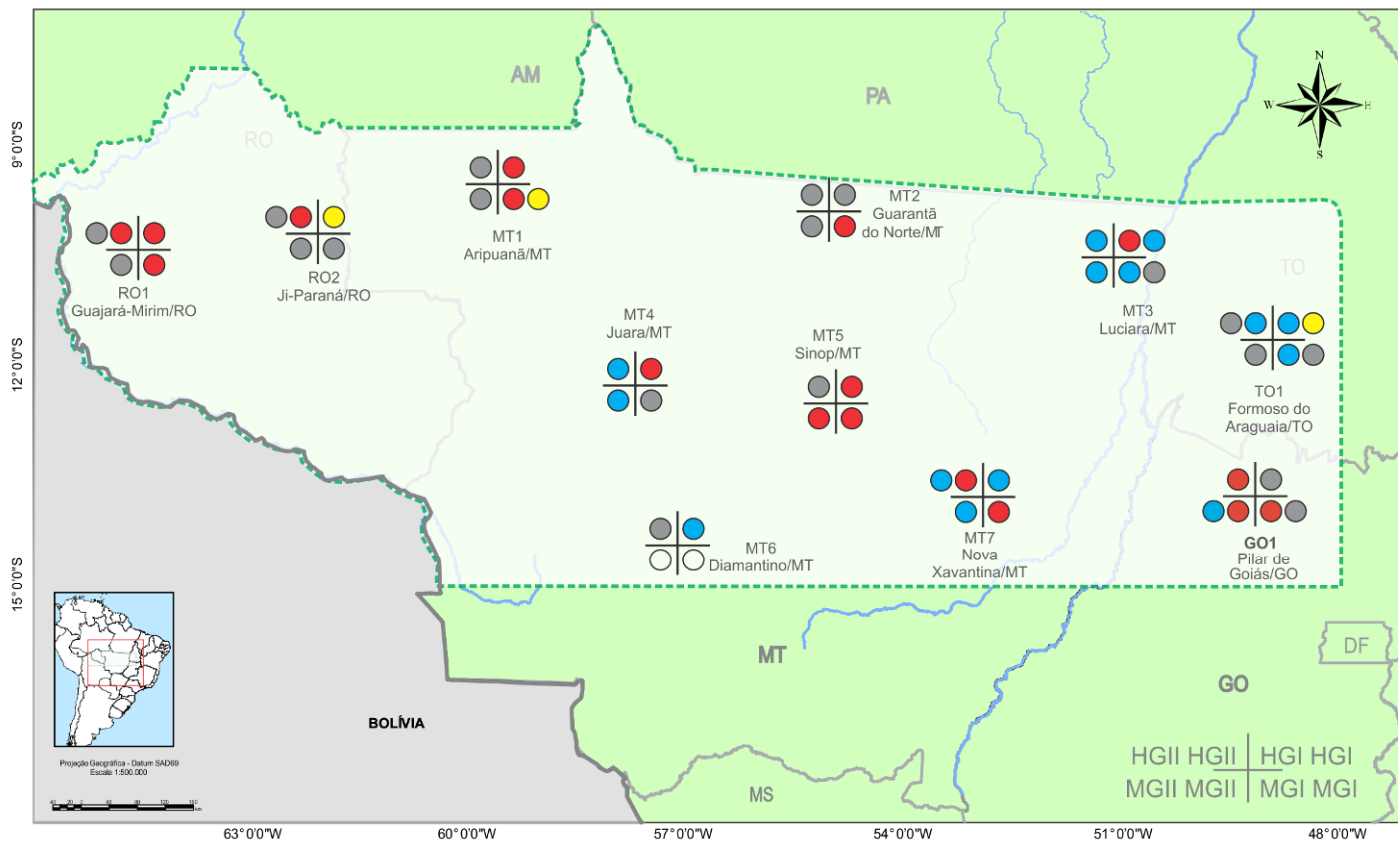
QSL 39 - Que nome se dá à pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas?

Outras variantes não mapeadas

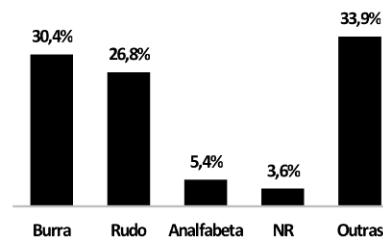
Ponto	Localidade	Variantes	Perfil	Inf. 1	Inf. 2	Total
RO1	Guajará Mirim	Despercebida	MGII	1		1
		Cabeçuda	HGII	1		1
RO2	Ji-Paraná	Problemática	HGII	1		1
		Cabeça dura	MGI	1		1
		Abestada	MGII	1		1
MT1	Aripuanã	Mente parada	MGII	1		1
		Deficiente	HGII	1		1
MT2	Guarantã do Norte	Cabeça dura	HGII	1		1
		Boba	HGI	1		1
		Atrasada	MGII	1		1
MT3	Luciara	Custosa	MGI	1		1
MT4	Juara	Lenta para aprender	MGI	1		1
MT5	Sinop	Retardada	HGII	1		1
MT6	Diamantino	Deficiente	HGII	1		1
TO1	Formoso do Araguaia	Sonsa	MGI		1	1
		Difícil	MGII	1		1
		Atrasada	HGII		1	1
GO1	Pilar de Goiás	Retardada	MGI		1	1
		Lerda	HGI	1		1
<b>Total</b>				<b>16</b>	<b>3</b>	<b>19</b>

# ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO DO TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO

## Carta 052 - Pessoa pouco inteligente



- Burra
- Rudo
- Analfabeta
- NR
- Outras



QSL: 039

Contextos de ocorrência do fenômeno: *pessoa com dificuldade de aprender.*

**Carta 053**

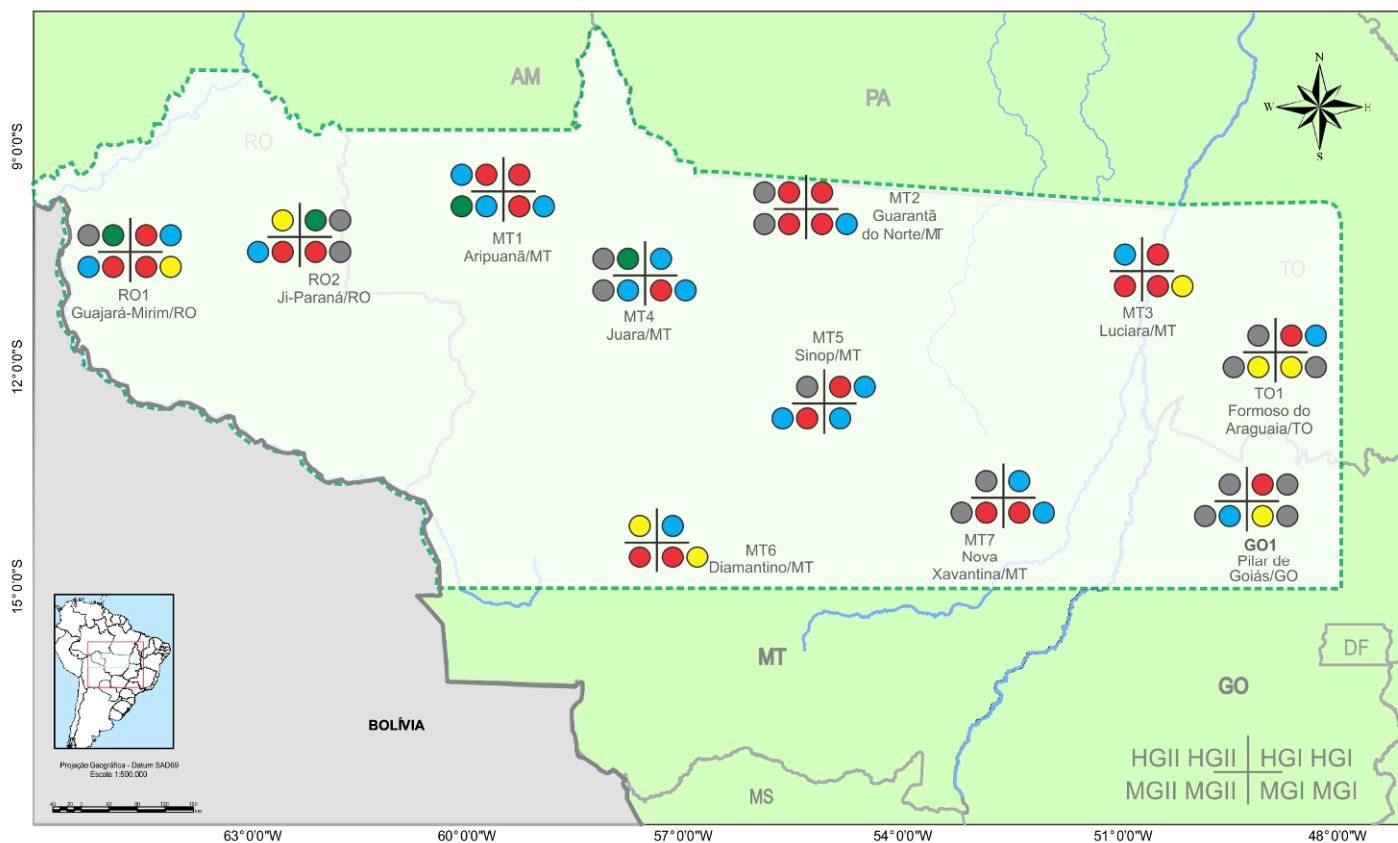
QSL 40 - Que nome se dá à pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes, até passa necessidades para não gastar?

Outras variantes não mapeadas

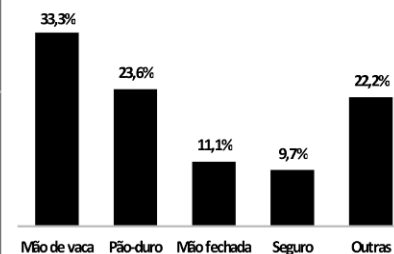
<b>Ponto</b>	<b>Localidade</b>	<b>Variante</b>	<b>Perfil</b>	<b>Inf. 1</b>	<b>Inf. 2</b>	<b>Total</b>
RO1	Guajará Mirim	Miserável	HGII		1	1
RO2	Ji-Paraná	Munheca	MGI	1		1
		Miserável	HGI		1	1
MT2	Guarantã do Norte	Munheca	HGII	1		1
			MGII		1	1
MT4	Juara	Munheca	HGII		1	1
		Miserável	MGII	1		1
MT7	Nova Xavantina	Come unha	HGII	1		1
TO1	Formoso do Araguaia	Muxiba	HGII		1	1
			MGI	1		1
		Murrinha	MGII	1		1
		Econômica	HGII	1		1
GO1	Pilar de Goiás	Ridico	MGII	1		1
			Muxiba	HGI	1	
		Miserável	HGII	1		1
			MGI	1		1
<b>Total</b>				<b>11</b>	<b>5</b>	<b>16</b>

# ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO DO TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO

## Carta 053 - Pessoa sovina



- Mão de vaca
- Pão-duro
- Mão fechada
- Seguro
- Outras



QSL: 040

Contextos de ocorrência do fenômeno: *pessoa que não gosta de gastar seu próprio dinheiro*

## Carta 054

QSL 41 - Que nome se dá ao marido que a mulher passa para trás com outro homem?

Outras variantes não mapeadas

Ponto	Localidade	Variantes	Perfil	Inf. 1	Inf. 2	Total
RO2	Ji-Paraná	Capacete de touro	HGII	1		1
MT4	Juara	Boi	HGI		1	1
<b>Total</b>				<b>1</b>	<b>1</b>	<b>2</b>

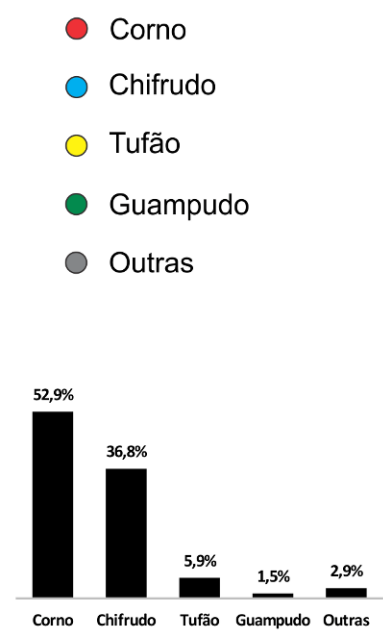
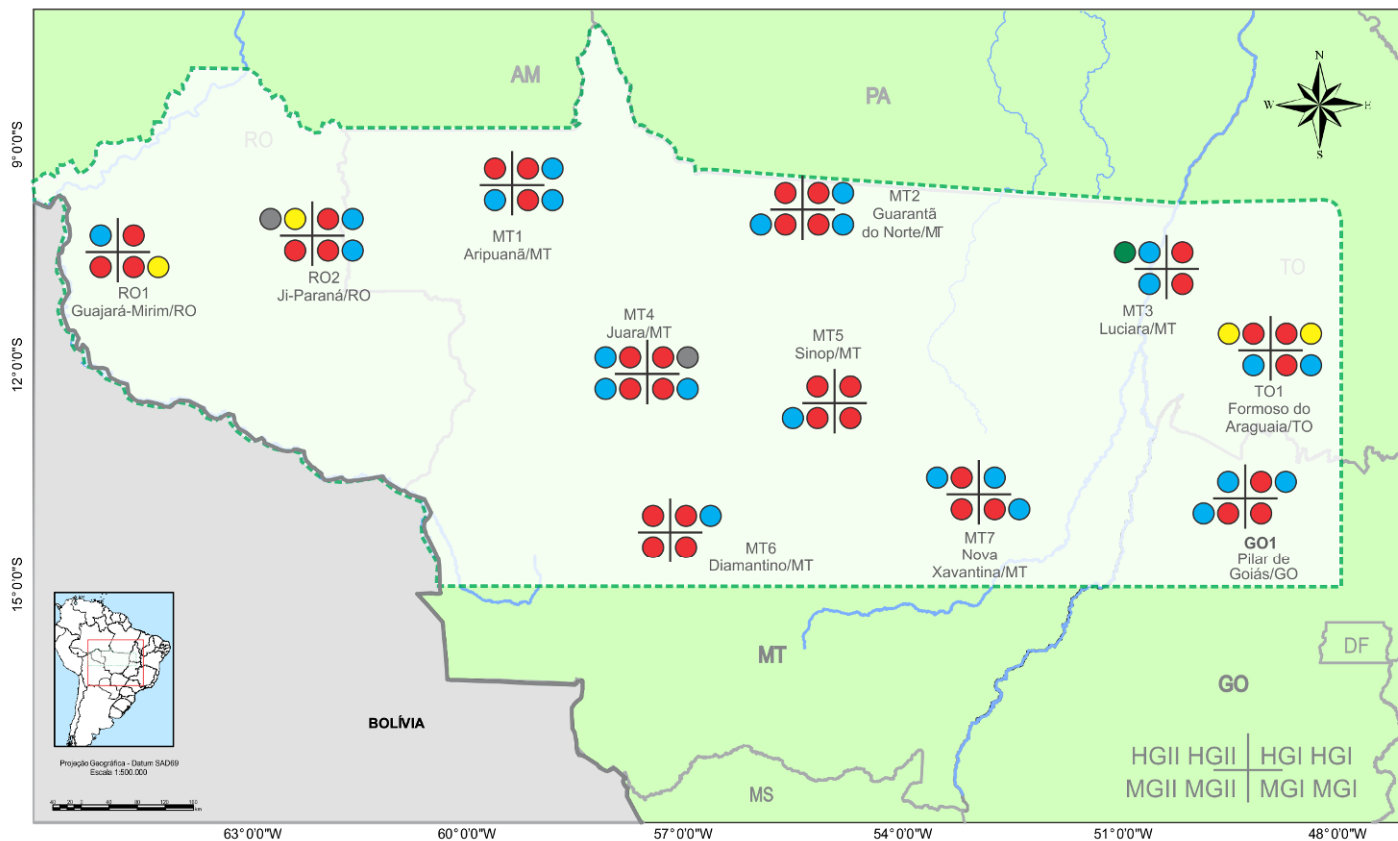
---

Notas:

A variante *tufão* para marido enganado é um neologismo criado pela influência da mídia, já que na época da entrevista ia ao ar, pela Rede Globo, uma novela, cujo personagem chamava-se Tufão e era enganado pela esposa.

# ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO DO TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO

## Carta 054 - Marido enganado



QSL: 041  
Contextos de ocorrência do fenômeno: *marido traído*.

**Carta 055**

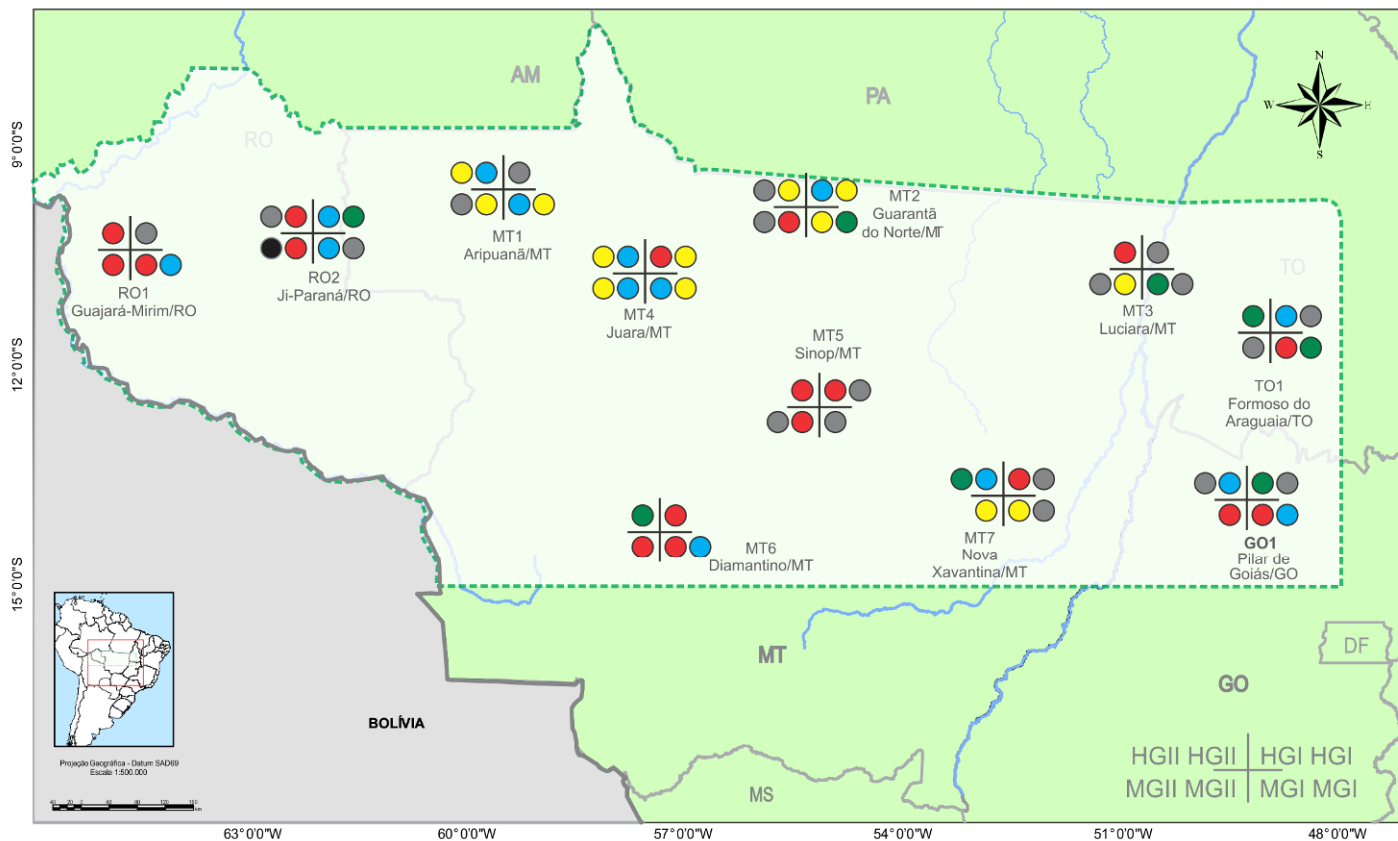
QSL 42 - Que nome se dá à mulher que se vende para qualquer homem?

Outras variantes não mapeadas

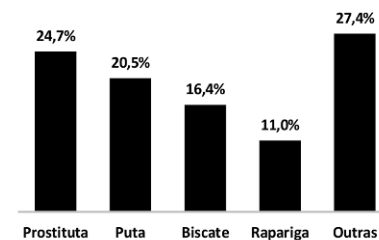
Ponto	Localidade	Variantes	Perfil	Inf. 1	Inf. 2	Total
RO1	Guajará Mirim	Promíscua	HGI	1		1
RO2	Ji-Paraná	Vida fácil	HGII		1	1
MT1	Aripuanã	Galinha	HGI	1		1
		Baixa	MGII	1		1
MT2	Guarantã do Norte	Perigete	HGII		1	1
			MGII		1	1
		Quenga	MGI		1	1
		Bandida	MGII	1		1
MT3	Luciara	Perigete	HGI	1		1
			MGII	1		1
		Garota de programa	MGI	1		1
MT5	Sinop	Quenga	MGII		1	1
		Mulher da vida	MGI	1		1
		Galinha	HGI		1	1
MT7	Nova Xavantina	Vagabunda	HGI		1	1
TO1	Formoso do Araguaia	Traíra	MGII	1		1
		Perigete	HGI		1	1
GO1	Pilar de Goiás	Perigete	MGI		1	1
			HGI	1		1
		À toa	HGII		1	1
<b>Total</b>				<b>10</b>	<b>10</b>	<b>20</b>

# ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO DO TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO

## Carta 055 - Prostituta



- Prostituta
- Puta
- Biscate
- Rapariga
- Outras



QSL: 042

Contextos de ocorrência do fenômeno: *mulher que vende o corpo.*

## Carta 056

QSL 43 - Deus está no céu, no inferno está o ...

Outras variantes não mapeadas

Ponto	Localidade	Variante	Perfil	Inf. 1	Inf. 2	Total
RO1	Ji-Paraná	De baixo	MGII	1		1
MT5	Sinop	Cão	MGI		1	1
<b>Total</b>				<b>1</b>	<b>1</b>	<b>2</b>

---

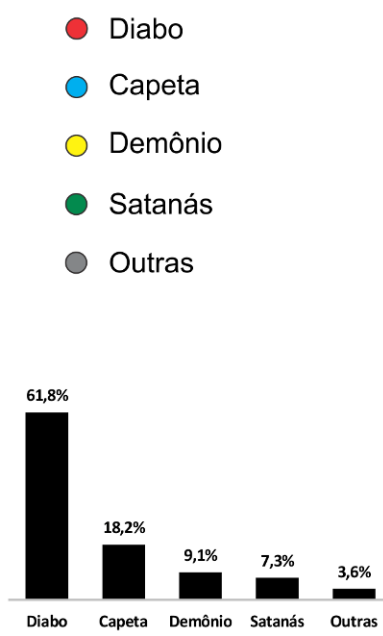
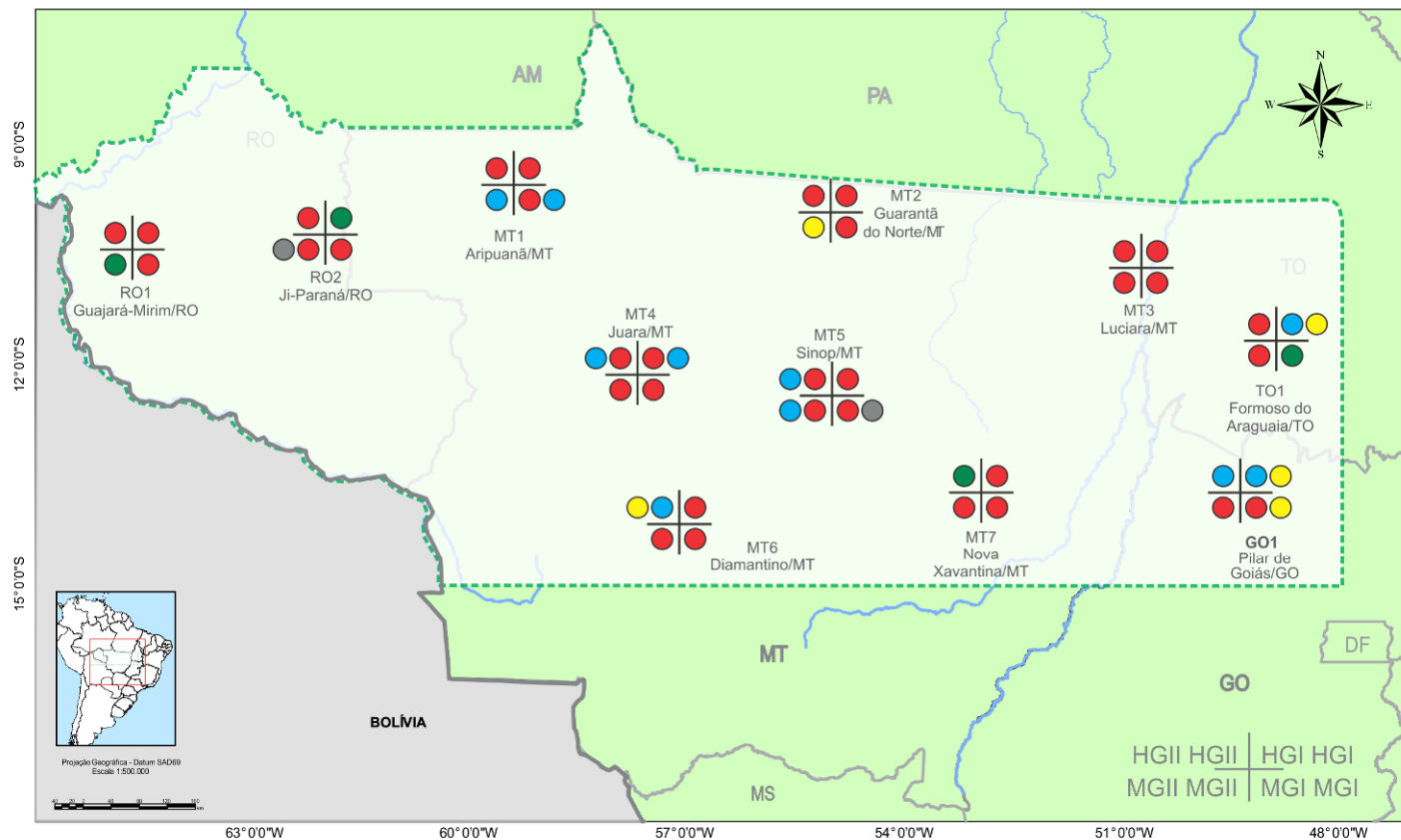
### Notas

O informante HGII de Sinop comentou:

INF. – Eu acho que se eu tenho inferno eu tô pagando ele aqui na terra e se eu tenho céu eu to ganhando ele aqui na terra, através de Deus eu tenho um céu aqui na terra, céu, inferno lá em baixo não existe.

# ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO DO TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO

## Carta 056 - Diabo



QSL: 043  
Contextos de ocorrência do fenômeno: *quem está no inferno.*

## Carta 057

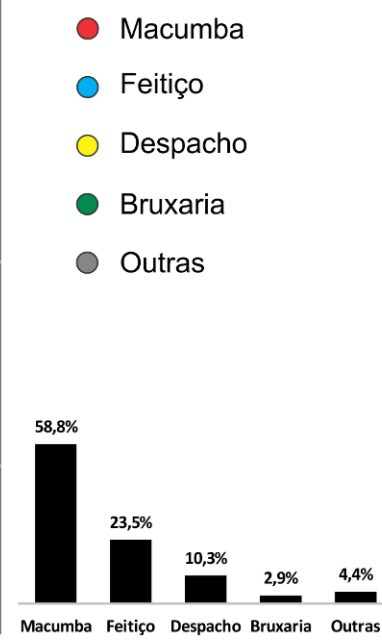
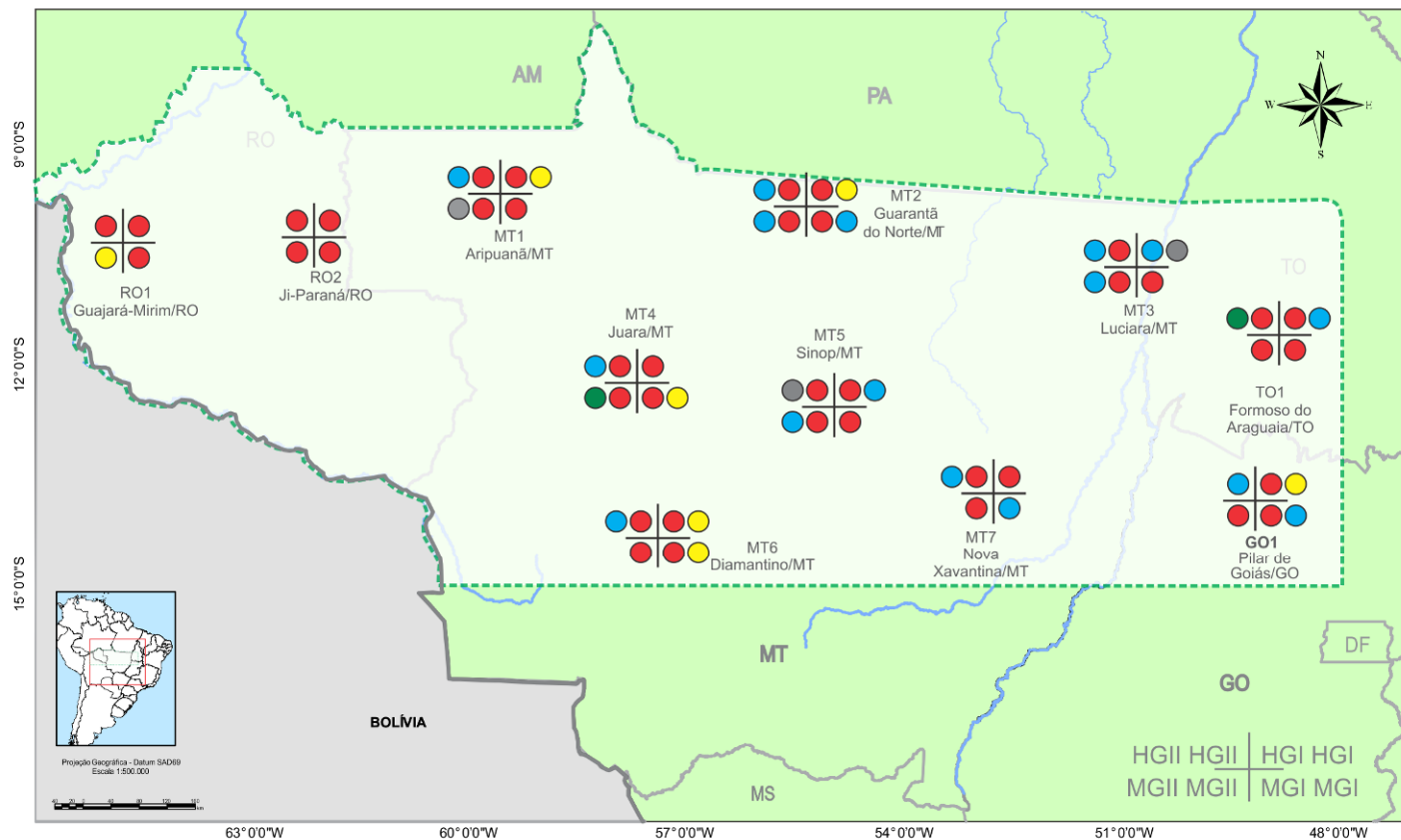
QSL 44 - O que certas pessoas fazem para prejudicar alguém e botam, por exemplo, nas encruzilhadas?

Outras variantes não mapeadas

Ponto	Localidade	Variantes	Perfil	Inf. 1	Inf. 2	Total
MT1	Aripuanã	Saravá	MGII		1	1
MT3	Luciara	Mandinga	HGI	1		1
MT5	Sinop	Saravá	HGII		1	1
<b>Total</b>				<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>

# ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO DO TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO

## Carta 057 - Feitiço



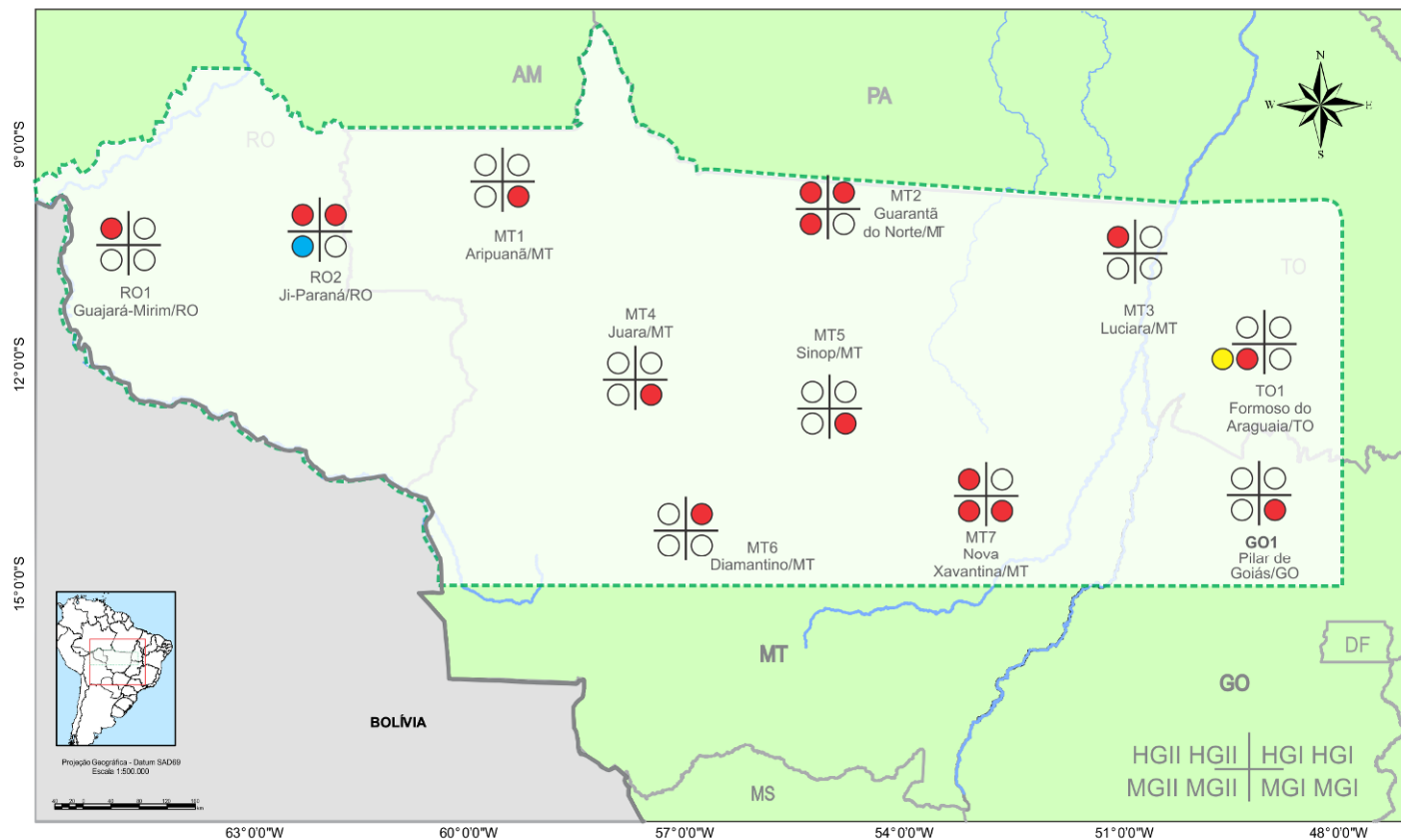
QSL: 044  
Contextos de ocorrência do fenômeno: *o que certas pessoas fazem para prejudicar alguém.*

**Carta 058**

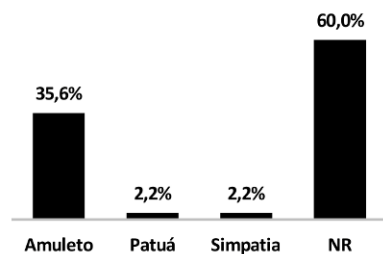
QSL 45 - Como se chama o objeto que algumas pessoas usam para dar sorte ou afastar males?

# ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO DO TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO

## Carta 058 - Amuleto



- Amuleto
- Patuá
- Simpatia
- NR



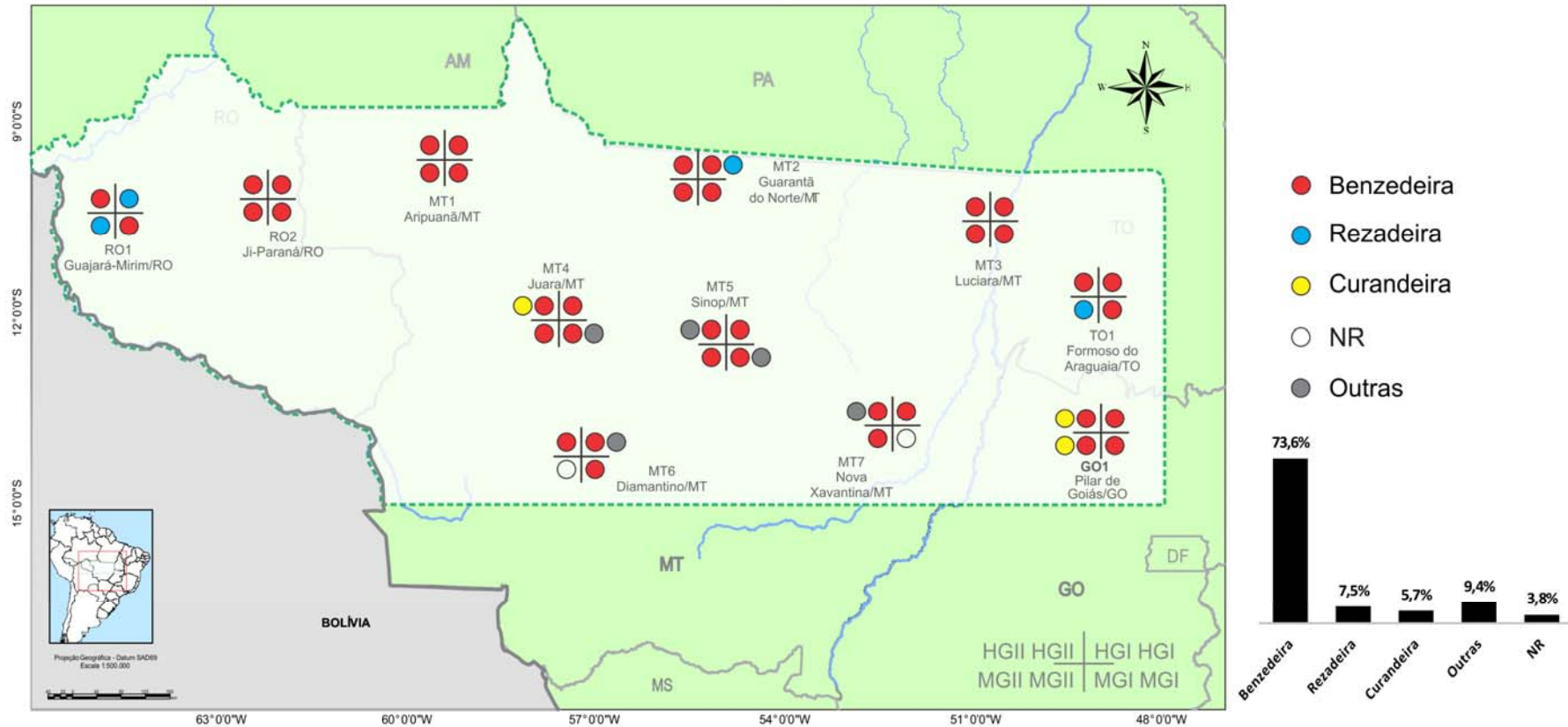
QSL: 045  
Contextos de ocorrência do fenômeno: *objeto usado para dar sorte*

**Carta 059**

QSL 46 - Que nome se dá a uma mulher que tira o mau-olhado com rezas, geralmente com galho de planta?

# ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO DO TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO

## Carta 059 - Benzedeira



QSL: 046

Contextos de ocorrência do fenômeno: *mulher que trata doenças com reza.*

## Carta 060

QSL 47 - Que nome se dá à brincadeira em que se gira o corpo sobre a cabeça e acaba sentado? Mímica

Outras variantes não mapeadas

Ponto	Localidade	Variante	Perfil	Inf. 1	Inf. 2	Total
MT1	Aripuanã	Salto mortal	MGI		1	1
MT3	Luciara	Salto mortal	MGII		1	1
MT6	Diamantino	Salto mortal	HGII	1		1
TO1	Formoso do Araguaia	Carambela	HGII		1	1
GO1	Pilar de Goiás	Plantar bananeira	HGII	1		1
<b>Total</b>				<b>2</b>	<b>3</b>	<b>5</b>

---

Notas:

Mulheres idosas de Luciara:

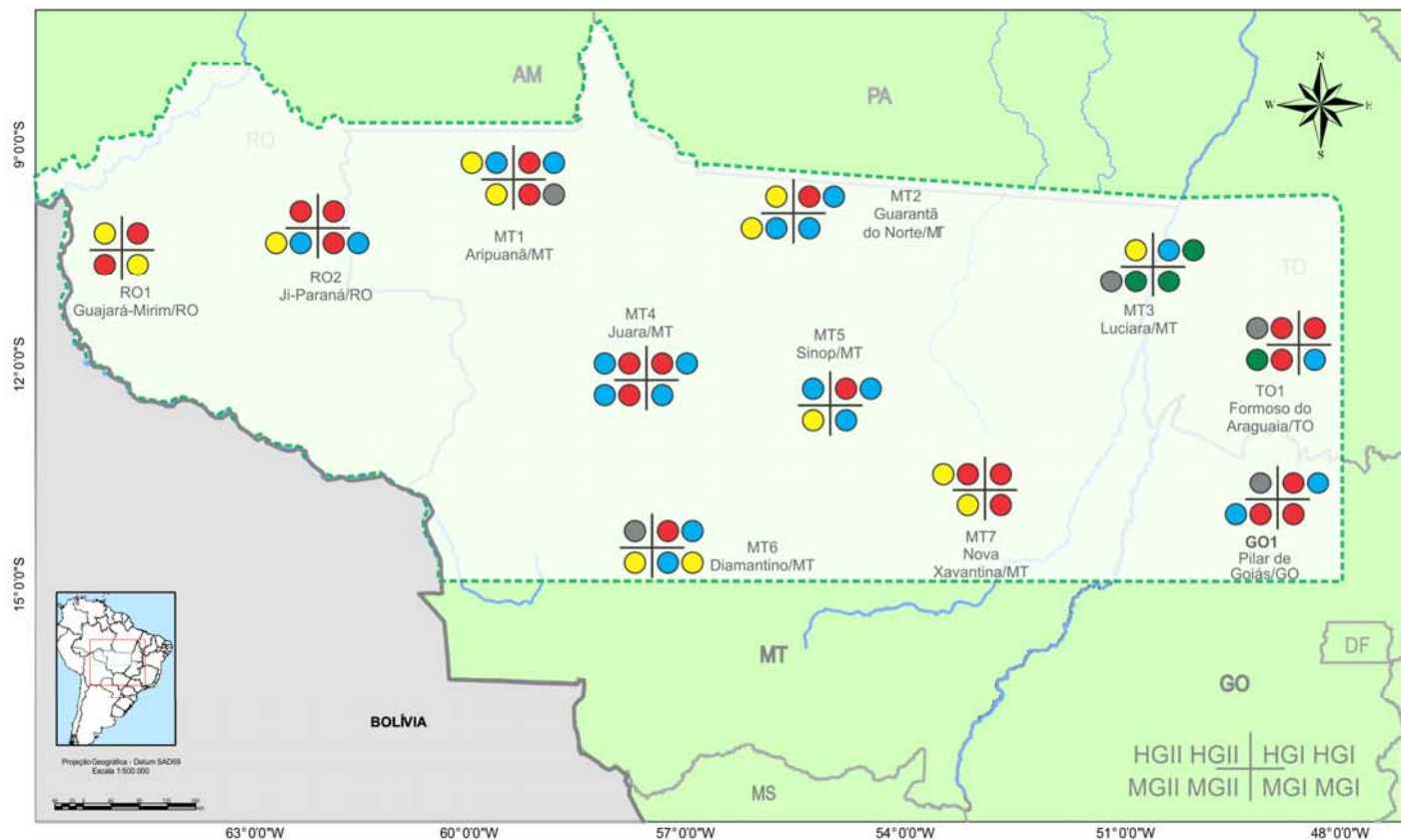
INF. 1- Tirar tiúba [tʃi, ratʃi'ubə].

INF. 2- Tirar tiúba [tʃi, ratʃi'ubə]. É tipo um salto mortal [ˈsawtumorˈtaw] né?

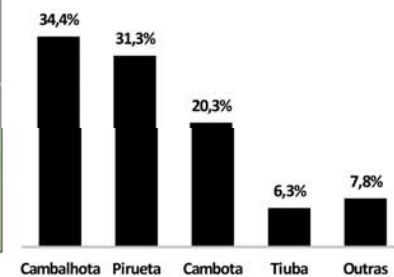
INF. 1 - Antigamente a gente chamava de... ai, falando ta tirando tiúba e botava a cabeça assim e botava a mão e aí botava a cabeça nós vamos tirar.

# ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO DO TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO

## Carta 060 - Cambalhota



- Cambalhota
- Pirueta
- Cambota
- Tiuba
- Outras



QSL: 047

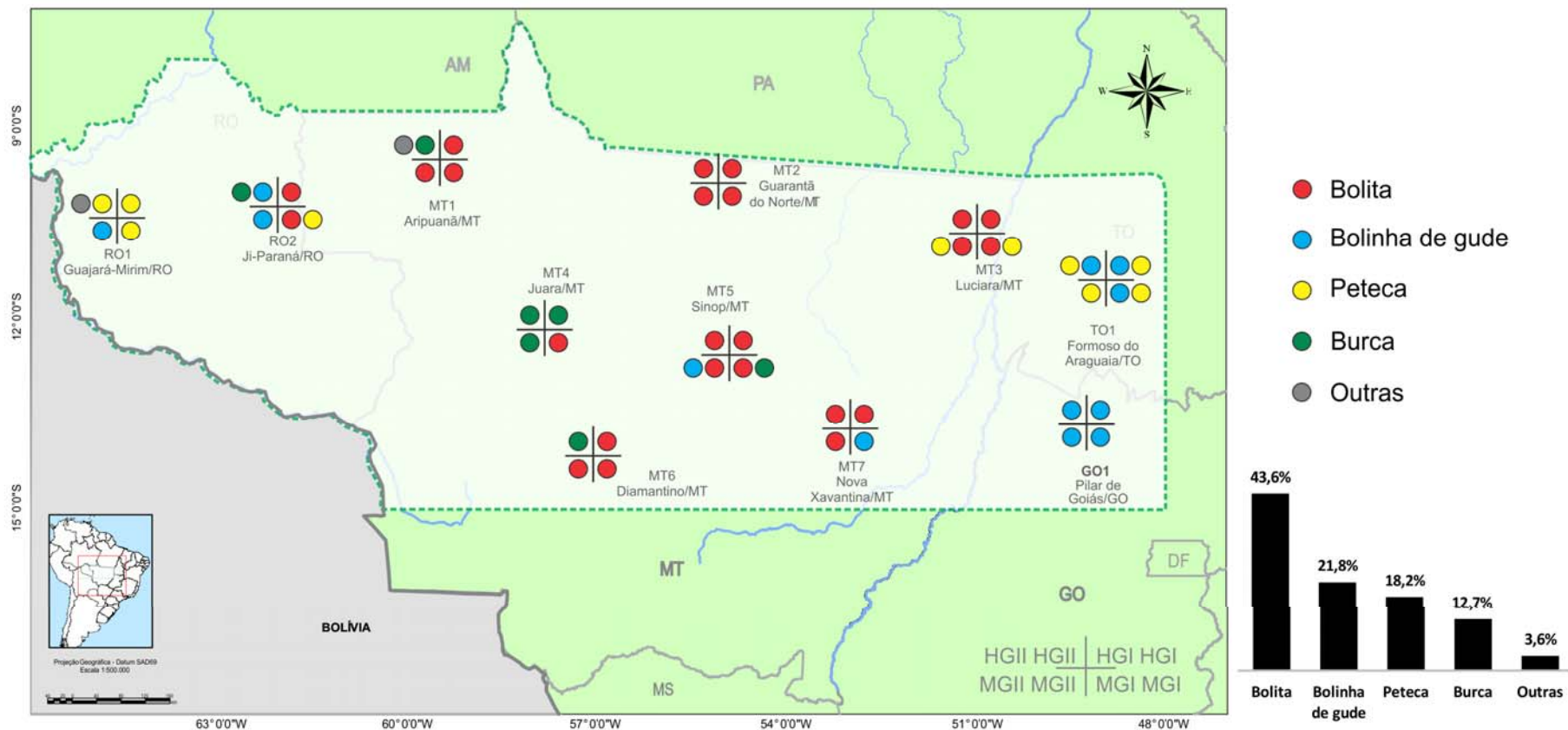
Contextos de ocorrência do fenômeno: *brincadeira em que se gira o corpo.*

**Carta 061**

QSL 48 - Como se chama aquelas coisinhas redondas, de vidro, com que os meninos gostam de brincar?

# ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO DO TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO

## Carta 061 - Bolinha de gude



QSL: 048

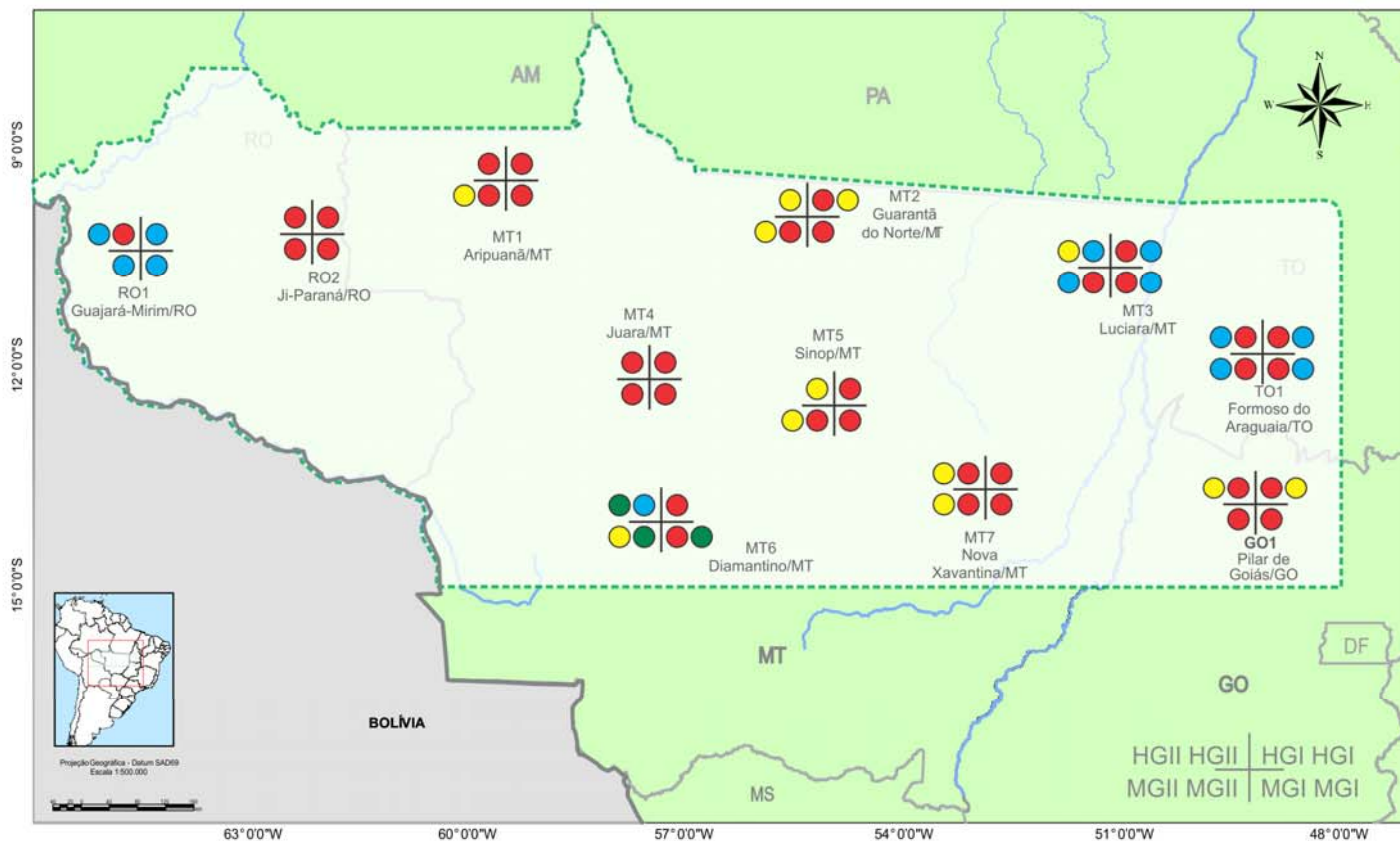
Contextos de ocorrência do fenômeno: *bolinhas de vidro que servem para brincar.*

**Carta 062**

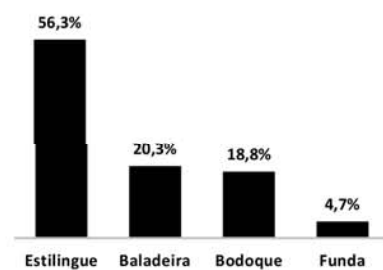
QSL 49 - Como se chama aquele objeto feito pelos meninos, com uma forquilha de pau e duas tiras de borracha amarradas nas pontas, usado para atirar pedras em passarinhos?

# ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO DO TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO

## Carta 062 - Estilingue



- Estilingue
- Baladeira
- Bodoque
- Funda



QSL: 049  
Contextos de ocorrência do fenômeno: *objeto de pau e borracha para matar passarinho*

### Carta 063

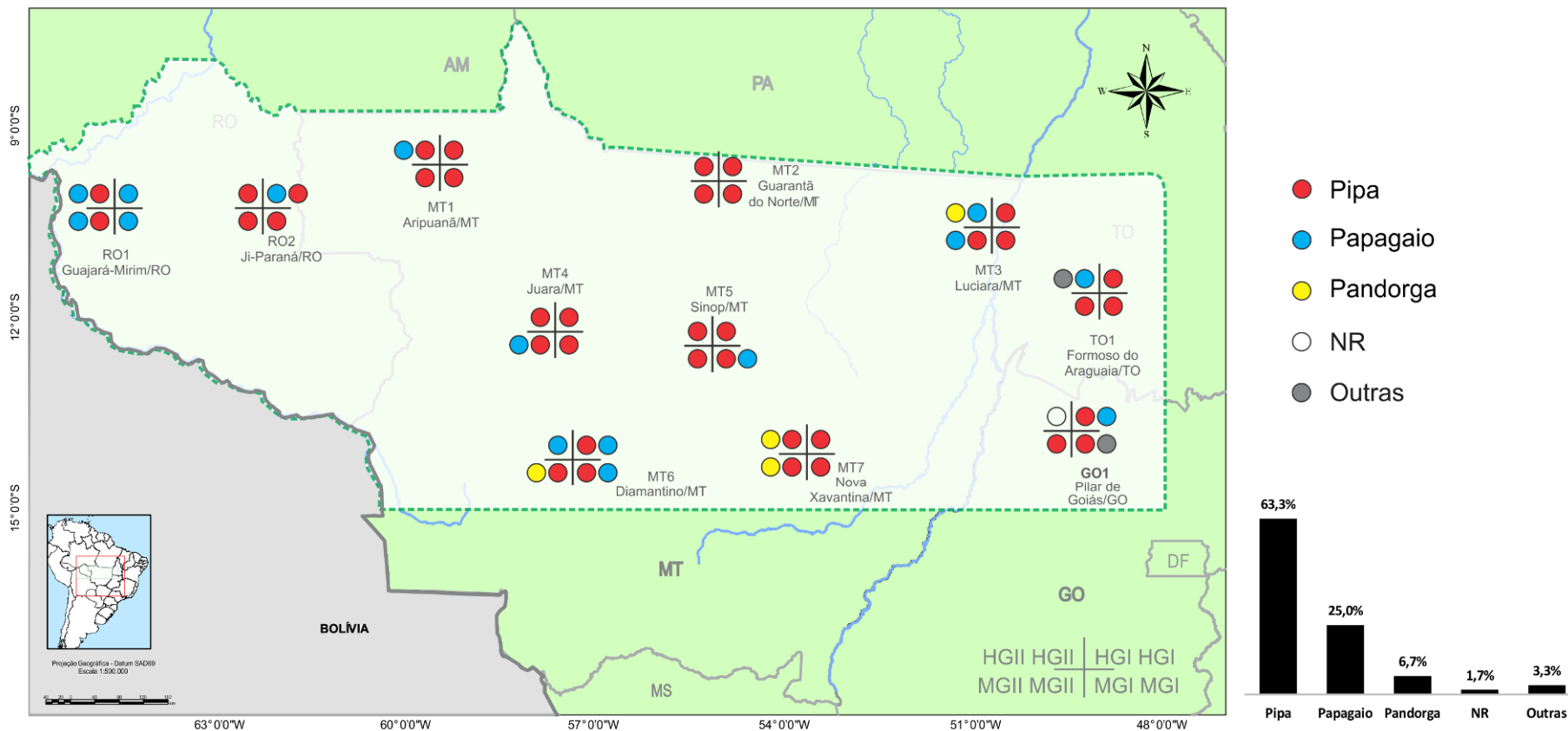
QSL 50 - Que nome se dá àquele brinquedo feito de papel e amarrado numa linha bem comprida, que as crianças, quando está ventando, soltam no ar e ficam segurando pela linha?

Outras variantes não mapeadas

Ponto	Localidade	Variante	Perfil	Inf. 2	Total
TO1	Formoso do Araguaia	Curica	HGII	1	1
GO1	Pilar de Goiás	Raia	MGI	1	1
<b>Total</b>				<b>2</b>	<b>2</b>

# ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO DO TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO

## Carta 063 - Pipa/papagaio



QSL: 050

Contextos de ocorrência do fenômeno: *brinquedo de papel que se segura pela linha e solta no ar*

## Carta 064

QSL 51 - Que nome se dá à brincadeira em que uma criança, com os olhos vendados, tenta pegar as outras?

Outras variantes não mapeadas

Ponto	Localidade	Variantes	Perfil	Inf. 1	Total
RO1	Guajará Mirim	Galinha-cega	MGI	1	1
MT6	Diamantino	Pega-pega	MGII	1	1
		Careta	HGII	1	1
TO1	Formoso do Araguaia	Bobinho	HGII	1	1
<b>Total</b>				<b>4</b>	<b>4</b>

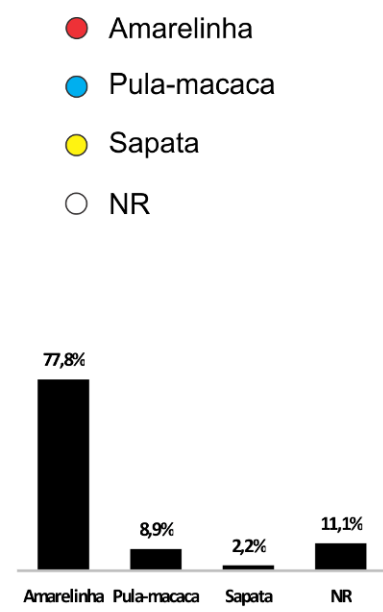
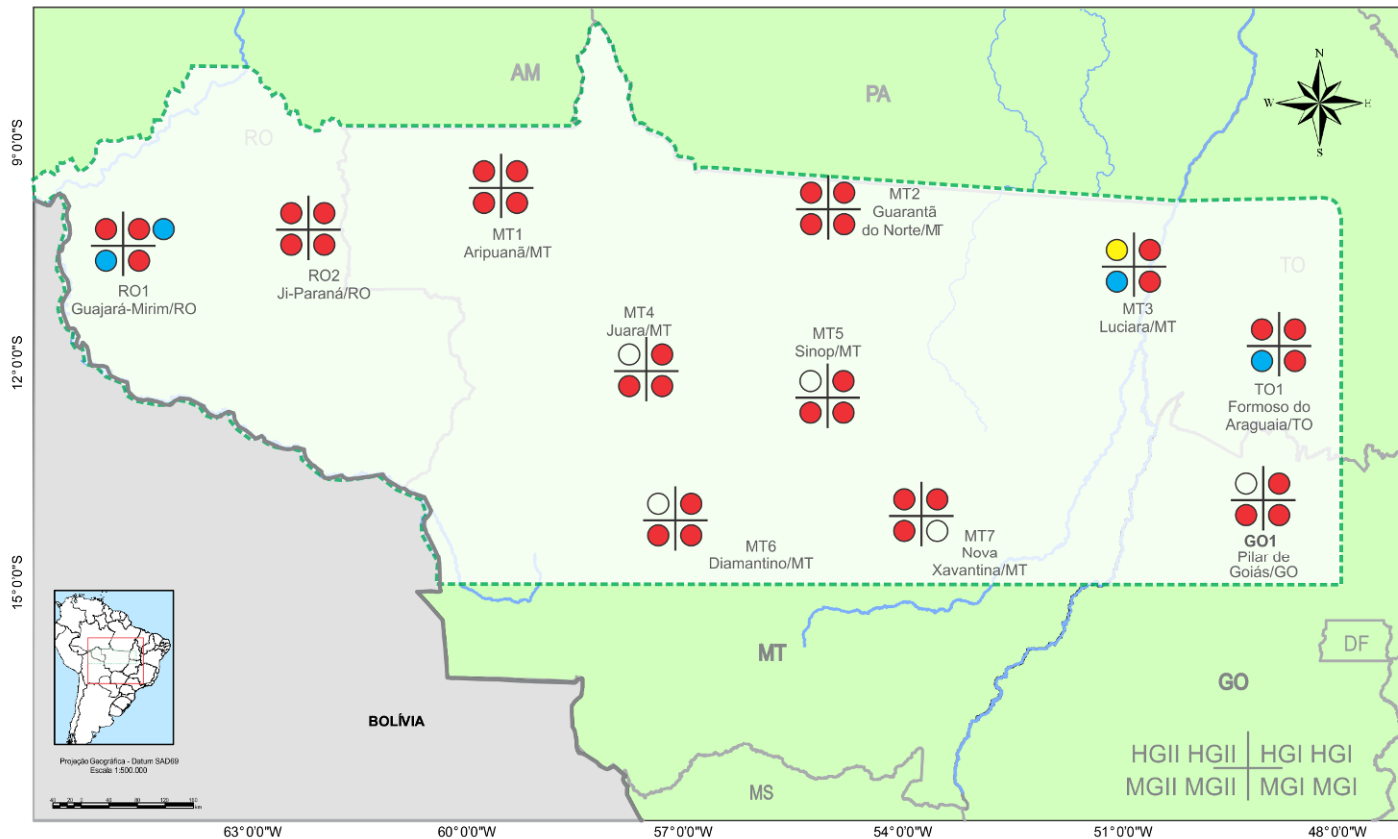


**Carta 065**

QSL 52 - Que nome se dá à brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formada por quadrados numerados, jogam uma pedrinha (mímica) e vão pulando com uma perna só? (Pedir para descrever a brincadeira).

# ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO DO TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO

## Carta 065 - Amarelinha



QSL: 052

Contextos de ocorrência do fenômeno: *brincadeira com uma pedrinha, que se pula quadrados no chão.*

## Carta 066

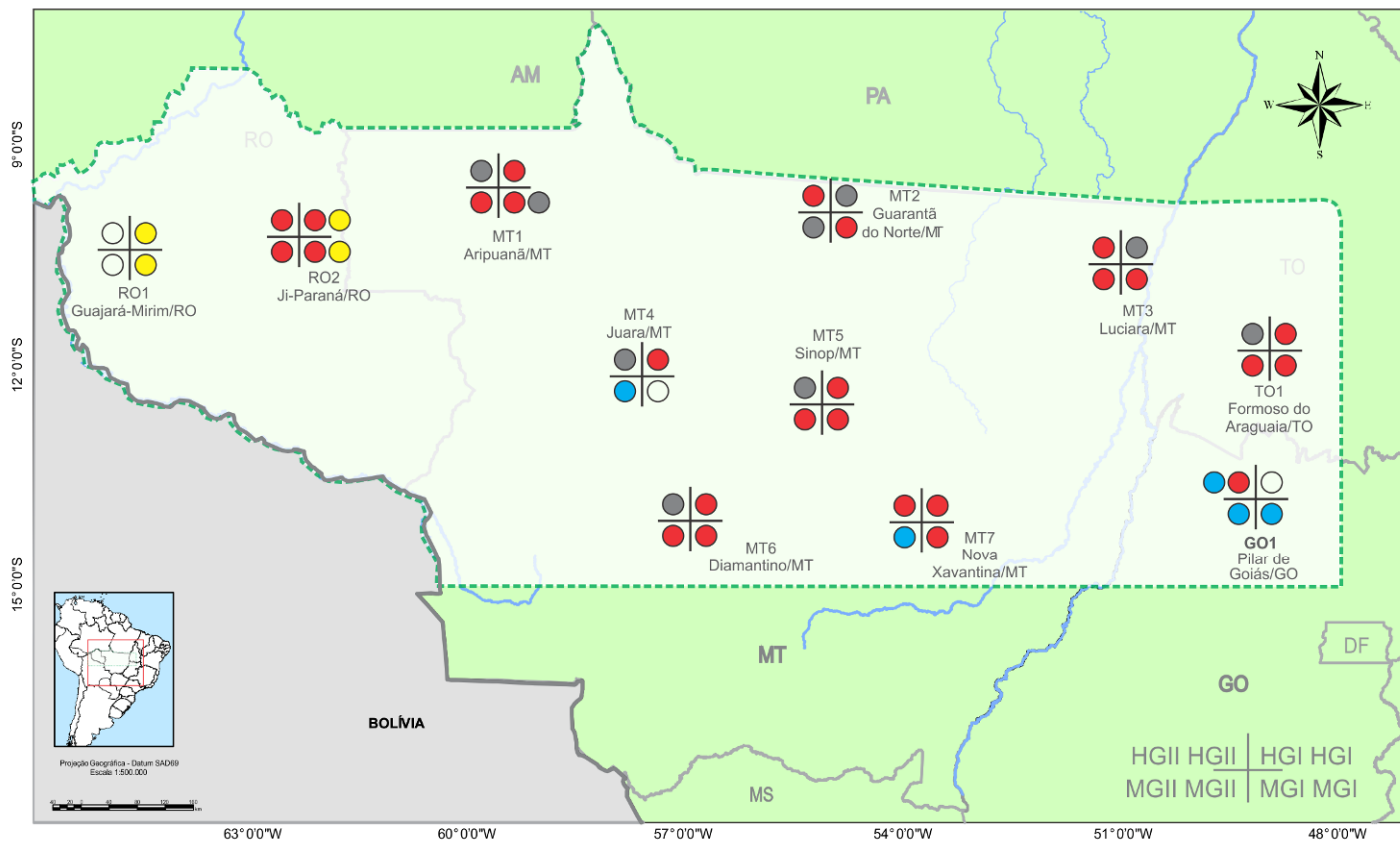
QSL 53 - Como se chama uma brincadeira em que uma criança corre atrás das outras para tocar numa delas, antes que alcance um ponto determinado?

Outras variantes não mapeadas

Ponto	Localidade	Variante	Perfil	Inf. 1	Inf. 2	Total
MT1	Aripuanã	Cola-cola	MGI		1	1
		Barata	HGII	1		1
MT2	Guarantã do Norte	Leco	MGII	1		1
		Cola-cola	HGI	1		1
		Barata	MGII		1	1
MT3	Luciara	Cola-cola	HGI	1		1
MT4	Juara	Salvo	HGII	1		1
MT5	Sinop	Esconde-esconde	HGII	1		1
MT6	Diamantino	Esconde-esconde	HGII	1		1
TO1	Formoso do Araguaia	Queimada	HGII	1		1
<b>Total</b>				<b>8</b>	<b>2</b>	<b>10</b>

# ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO DO TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO

## Carta 066 - Pega-pega



QSL: 053

Contextos de ocorrência do fenômeno: *brincadeira em que uma criança corre atrás das outras para tocar numa delas.*

## Carta 067

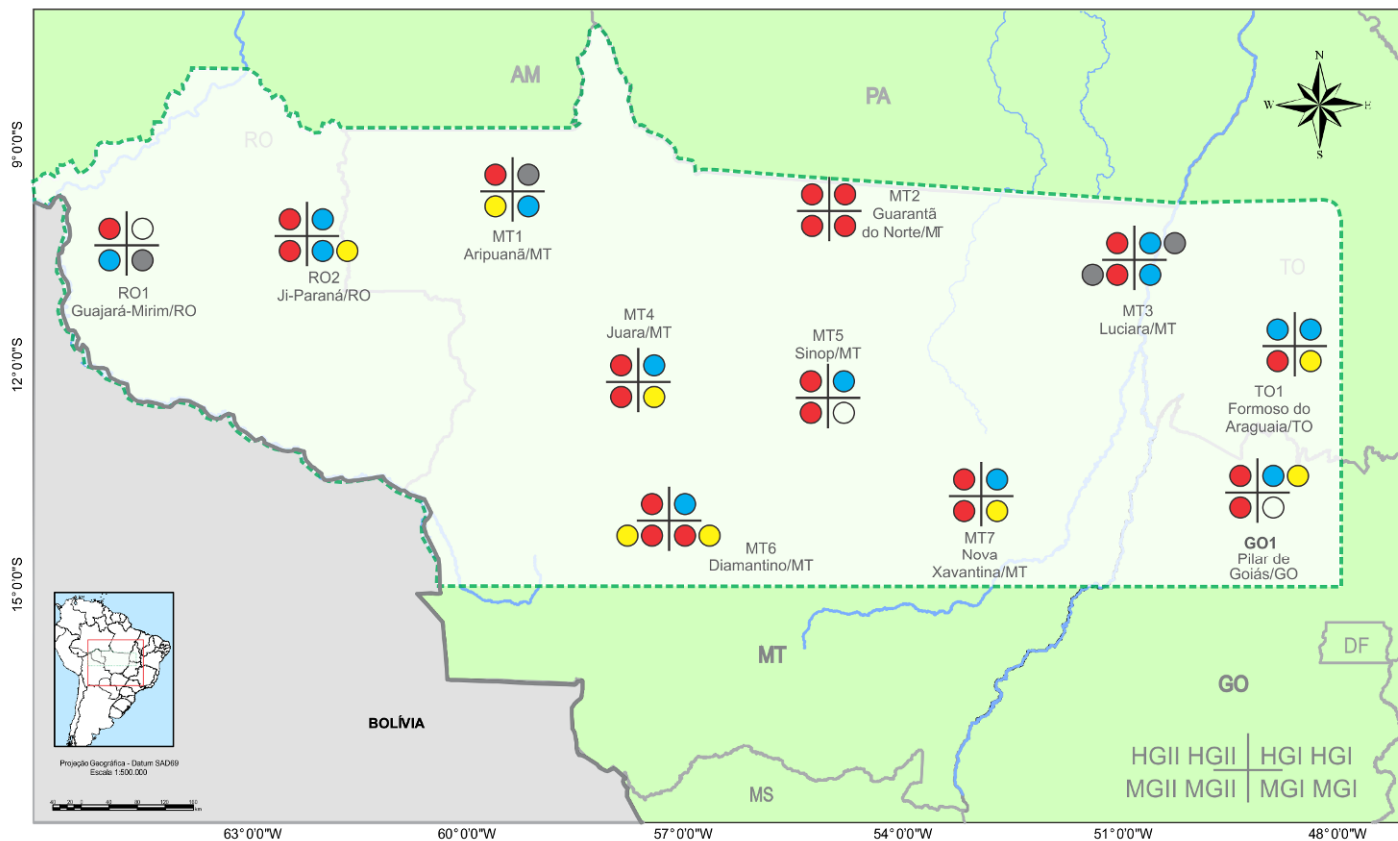
QSL 55 - Como se chama aquilo, preto, que se forma na chaminé, na parede ou no teto da cozinha, acima do fogão a lenha?

Outras variantes não mapeadas

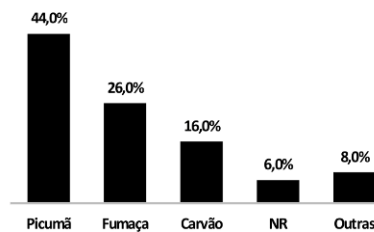
Ponto	Localidade	Variantes	Perfil	Inf. 1	Inf. 2	Total
RO1	Guajará Mirim	Cinza	MGI	1		1
MT1	Aripuanã	Fuligem	HGI	1		1
MT3	Luciara	Cinza	HGI		1	1
		Brasa	MGI		1	1
<b>Total</b>				<b>2</b>	<b>2</b>	<b>4</b>

# ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO DO TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO

## Carta 067 - Fuligem



- Picumã
- Fumaça
- Carvão
- NR
- Outras



QSL: 055

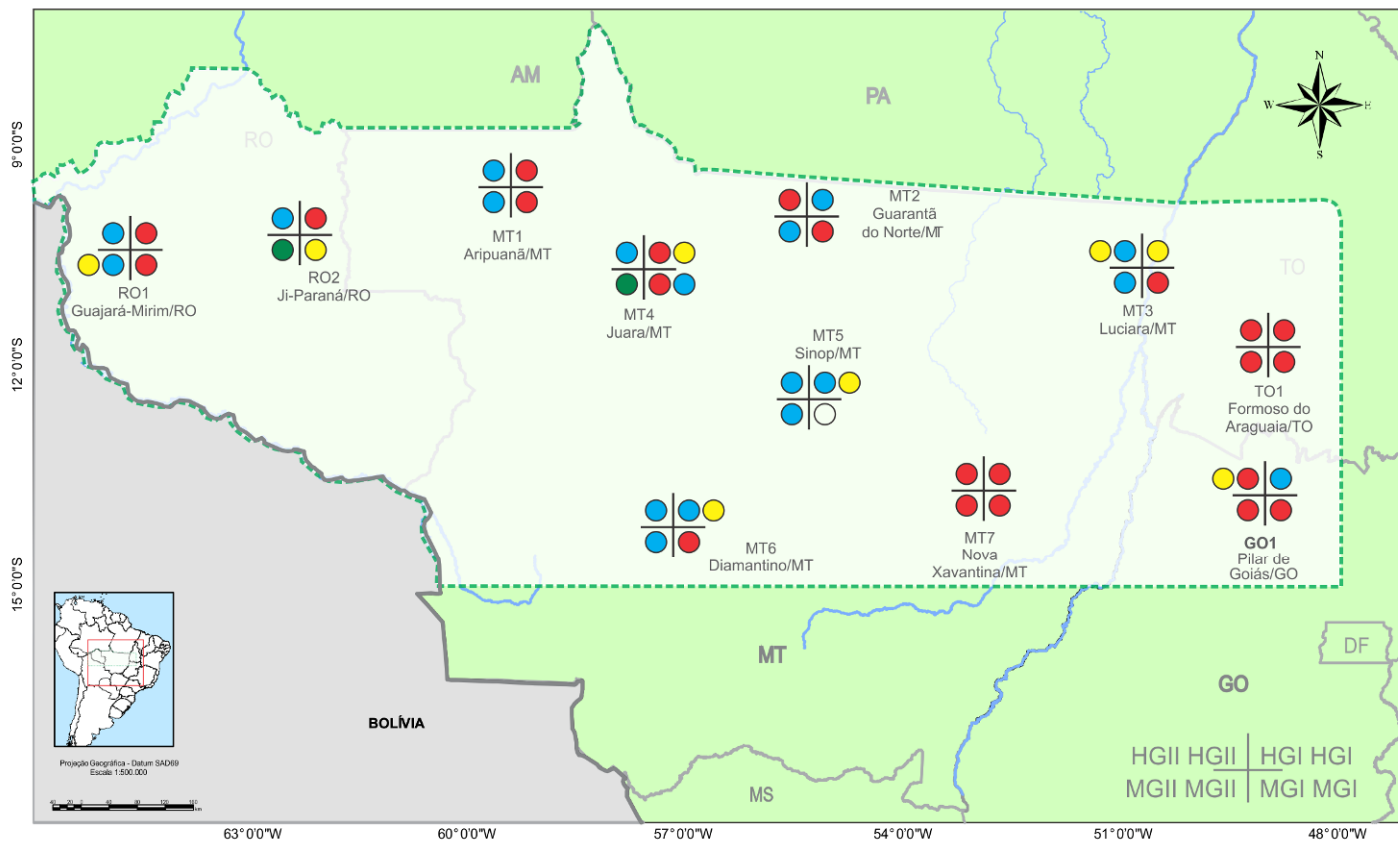
Contextos de ocorrência do fenômeno: *mancha na parede ou no teto, acima do fogão à lenha.*

**Carta 068**

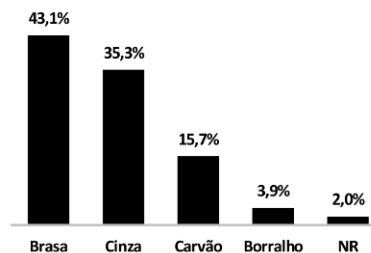
QSL 56 - Como se chama a cinza quente que fica dentro do fogão a lenha?

# ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO DO TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO

## Carta 068 - Borralho



- Brasa
- Cinza
- Carvão
- Borralho
- NR



QSL: 056

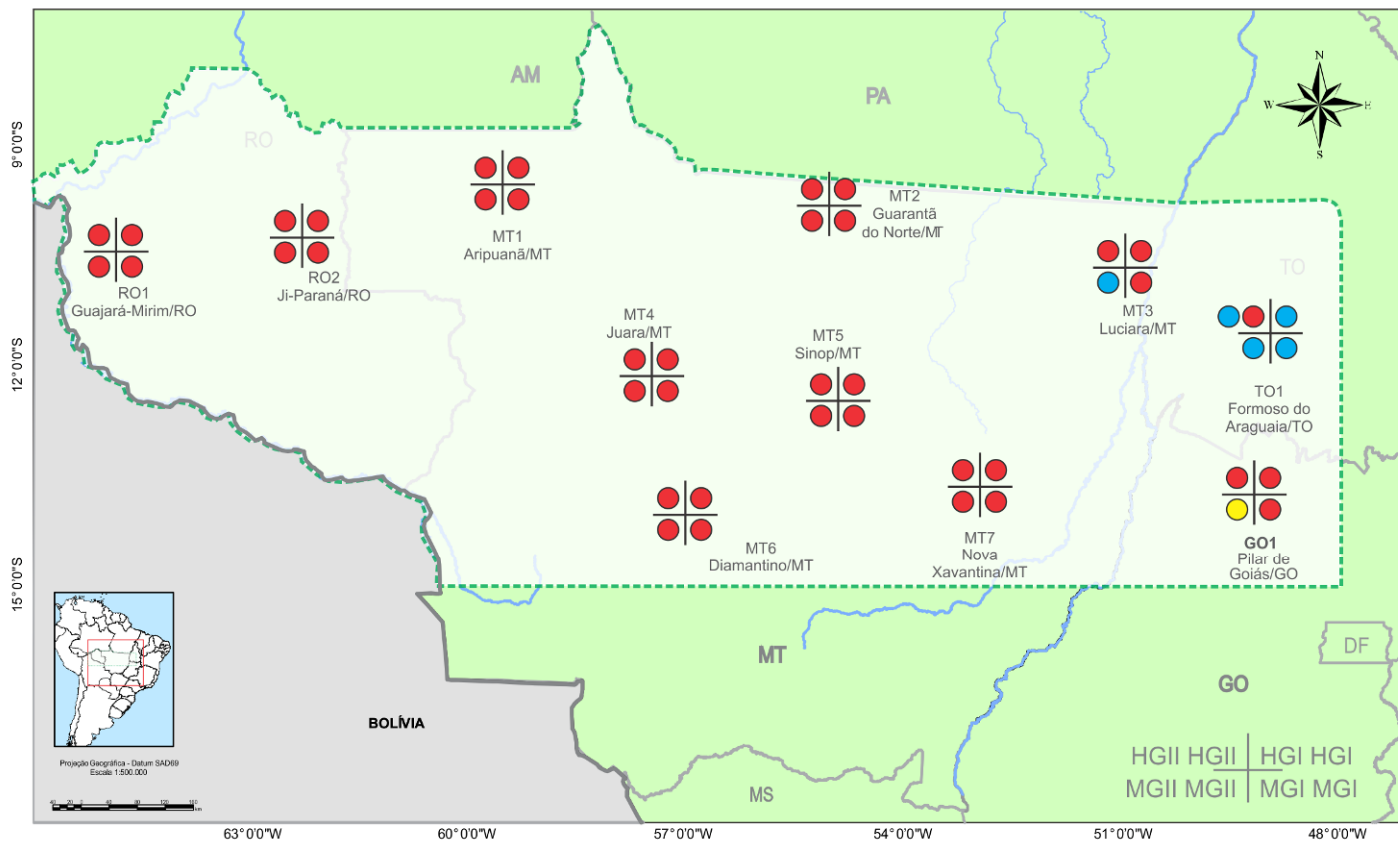
Contextos de ocorrência do fenômeno: cinza quente de dentro do fogão à lenha

**Carta 069**

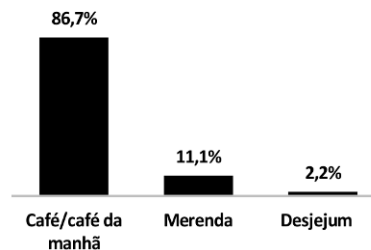
QSL 57 - Que nome se dá à primeira refeição do dia, feita pela manhã?

# ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO DO TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO

## Carta 069 - Café da manhã



- Café/ café da manhã
- Merenda
- Desjejum



QSL: 057

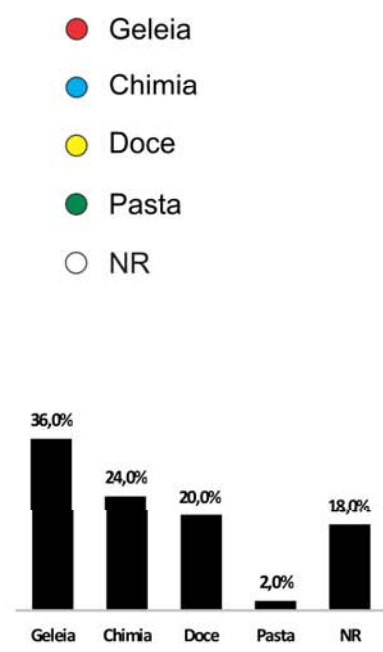
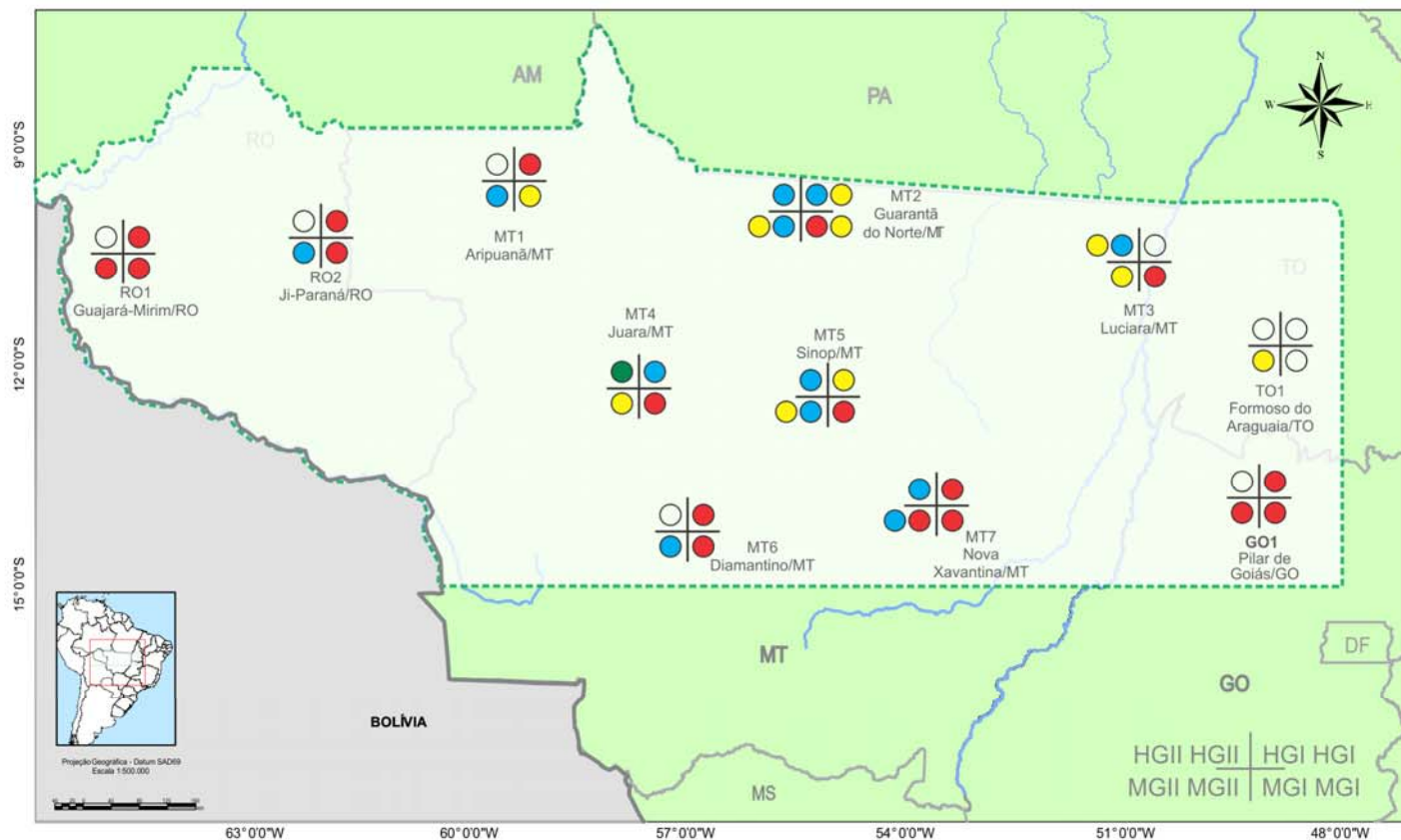
Contextos de ocorrência do fenômeno: *primeira refeição do dia.*

**Carta 070**

QSL 58 - Que nome se dá à pasta feita de frutas para passar no pão, biscoito?

# ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO DO TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO

## Carta 070 - Geleia



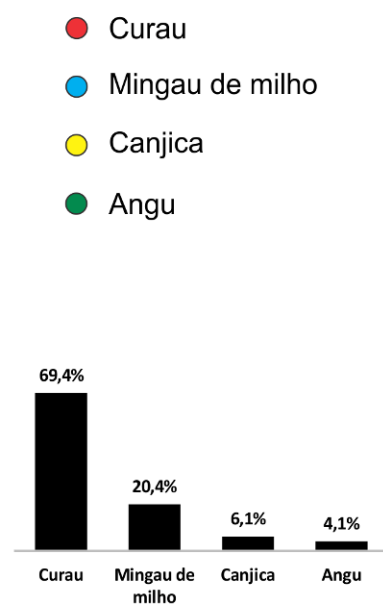
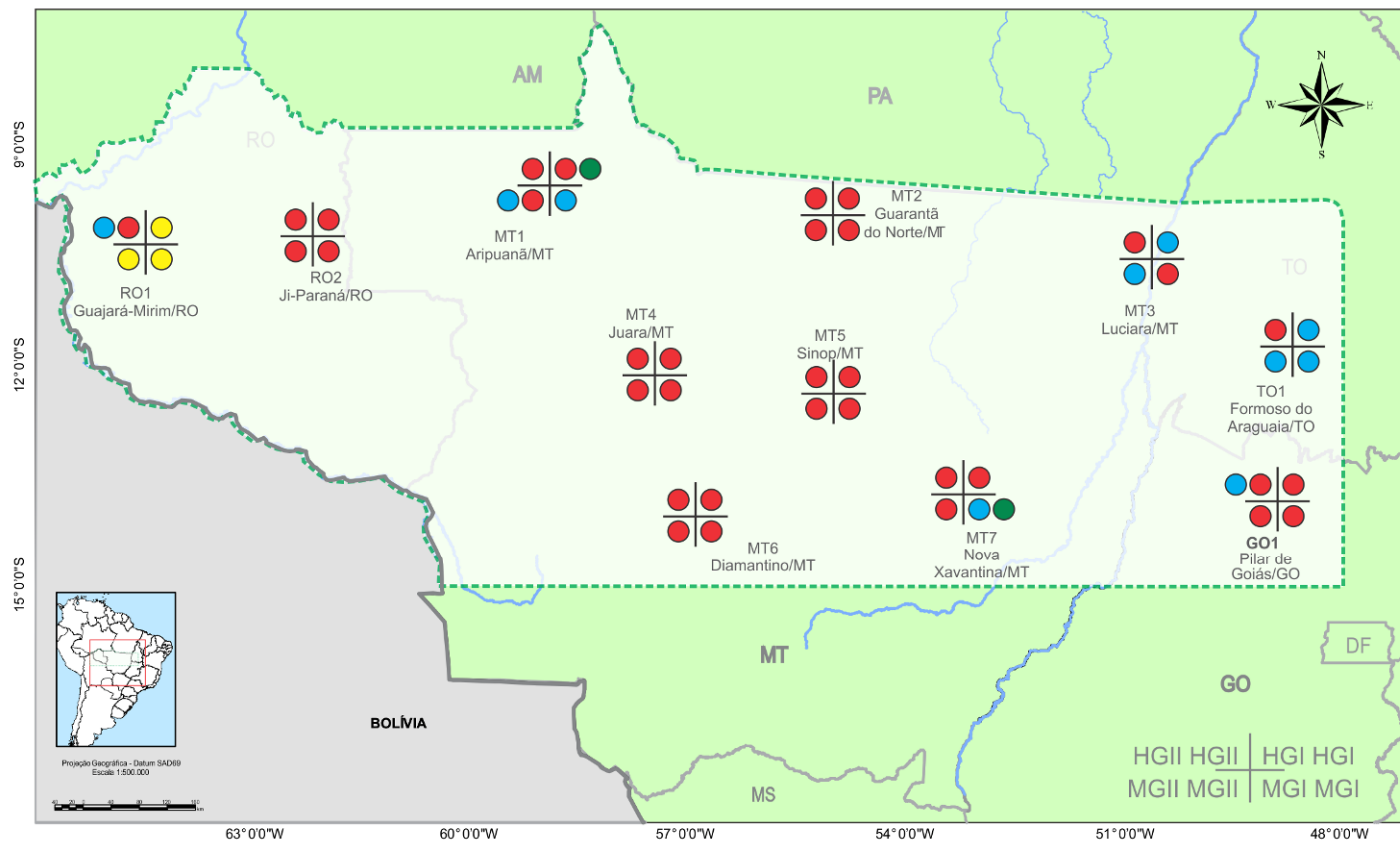
QSL: 058  
Contextos de ocorrência do fenômeno: *pasta feita de frutas para passar no pão.*

**Carta 071**

QSL 59 - Que nome se dá a uma papa cremosa feita com coco e Milho verde ralado, polvilhada com canela?

# ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO DO TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO

## Carta 071 - Curau



QSL: 059  
 Contextos de ocorrência do fenômeno: *papa de milho verde, com coco e canela*

## Carta 072

QSL 60 - Como se chama aquele alimento feito com Milho branco, coco e canela?

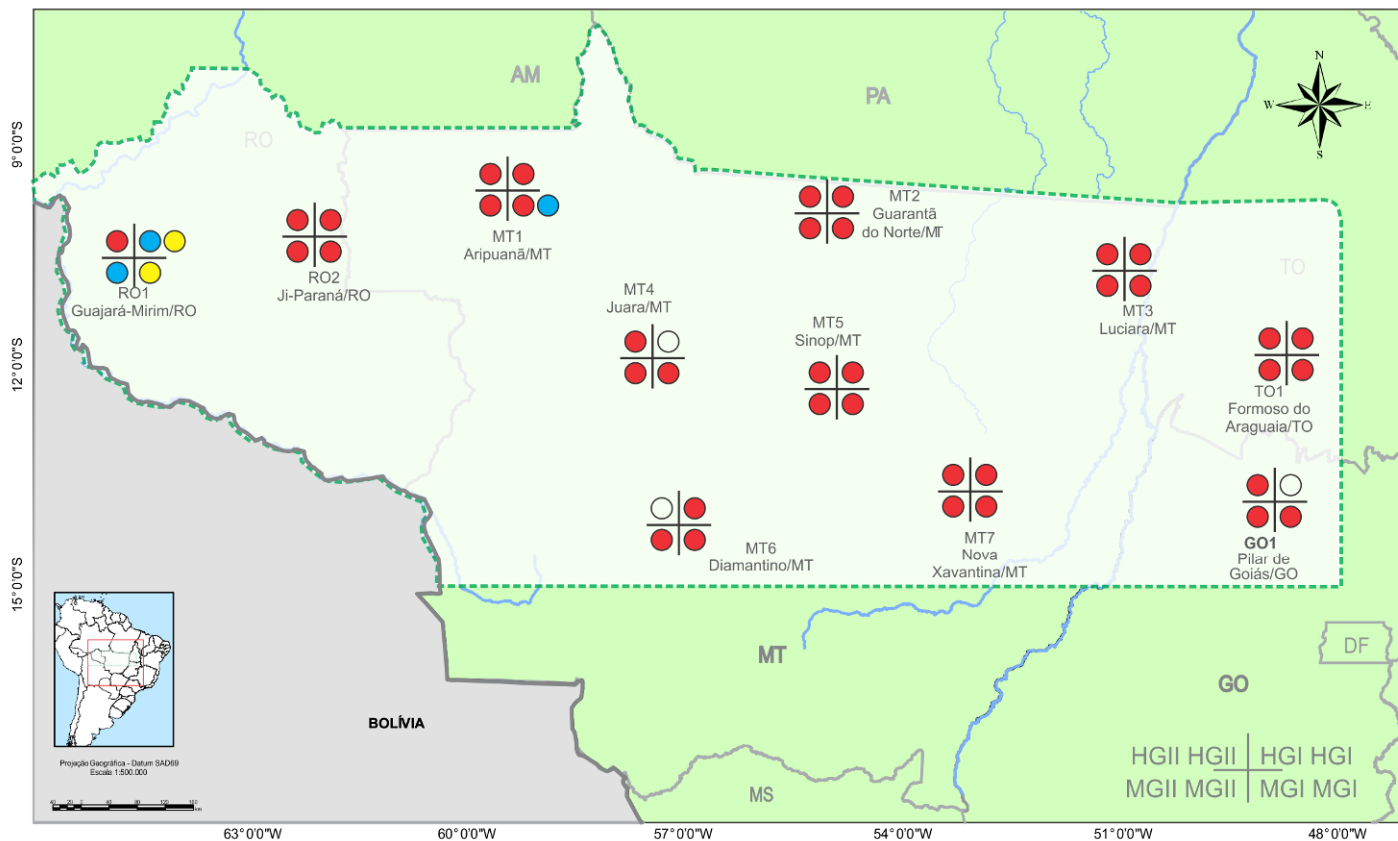
---

### Notas:

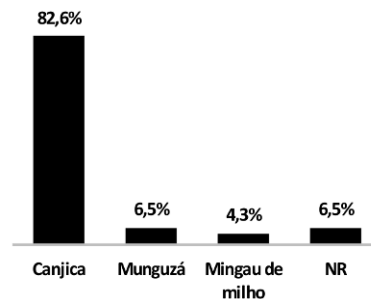
Informante homem jovem de Guajará-Mirim: “Ah sim, aqui chama mingau de milho [mĩ,gawdʒɪ'miɫu], mingau de milho por uma influência é que assim, Minha avó materna e meu avô materno viero do Ceará, meu pai do Maranhão, como eles são ali do nordeste entre Minha família falam mungunzá [mũgũ'zɛ], lá em casa, mungunzá que é o nome do também chamado chá de burro [ʃadʒɪ'buxu]. Meu pai falou “Ah é chã de burro”, aí eu falei “não vô come esse troço”, cheguei lá era Mingau de Milho.

# ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO DO TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO

## Carta 072 - Canjica



- Canjica
- Munguzá
- Mingau de milho
- NR



QSL: 060

Contextos de ocorrência do fenômeno: *alimento com milho branco, com coco e canela*

**Carta 073**

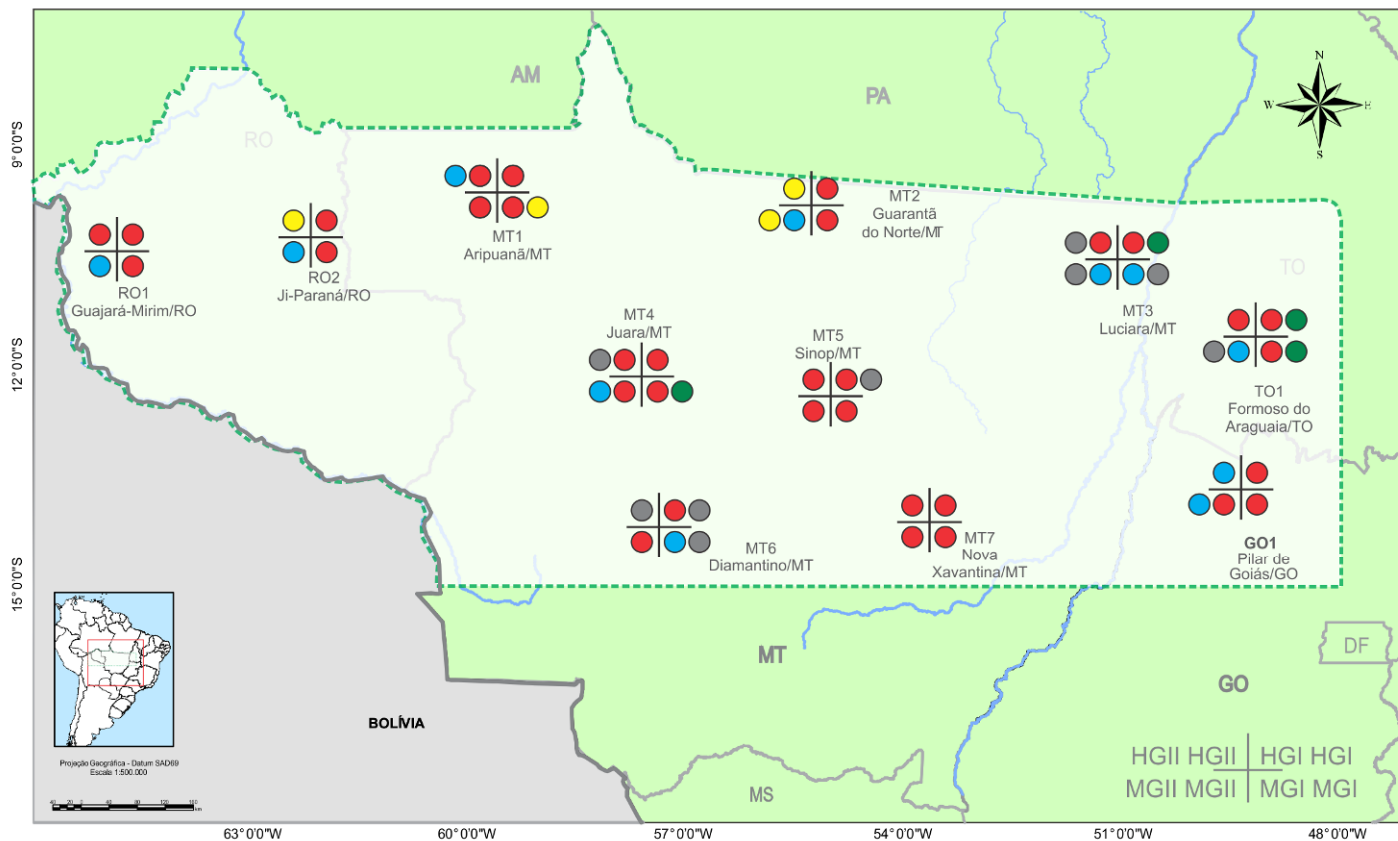
QSL 61 - Que nome se dá a uma pessoa que normalmente come demais?

Outras variantes não mapeadas

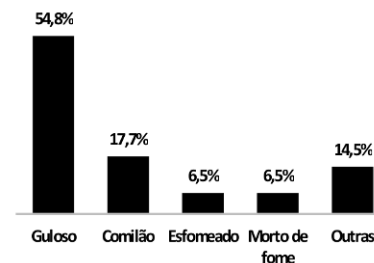
Ponto	Localidade	Variante	Perfil	Inf. 1	Inf. 2	Total
MT3	Luciara	Olho grande	MGI		1	1
		Comedor	HGII		1	1
			MGII	1		1
MT4	Juara	Esganado	HGII		1	1
MT5	Sinop	Fominha	HGI		1	1
MT6	Diamantino	Gordo	MGI	1		1
		Glutão	HGI		1	1
		Cavalo	HGII	1		1
TO1	Formoso do Araguaia	Comedor	MGII	1		1
<b>Total</b>				<b>4</b>	<b>5</b>	<b>9</b>

# ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO DO TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO

## Carta 073 - Guloso



- Guloso
- Comilão
- Esfomeado
- Morto de fome
- Outras



QSL: 061

Contextos de ocorrência do fenômeno: *pessoa que come demais.*

## Carta 074

QSL 62 - Como se chama aquele alimento doce, que vem embrulhado em papel colorido que se chupa? (Mostrar).

---

Notas:

Informantes HGII de Formoso do Araguaia:

INF. 2 - No Maranhão chama bombom [bõ'bõ], aqui chama balinha, é uma diferença assim. INF.1- Ah! Bala [ˈbalɐ].

INF.2- Aqui chama de bombom [bõ'bõ], o nome daquilo é bombom.

INF.1- Tem pessoas que não conhecem aquilo por bala doce e sim por bombom [bõ'bõ] e tem o bombom de chocolate.

Informantes da segunda faixa etária de Guajará-mirim

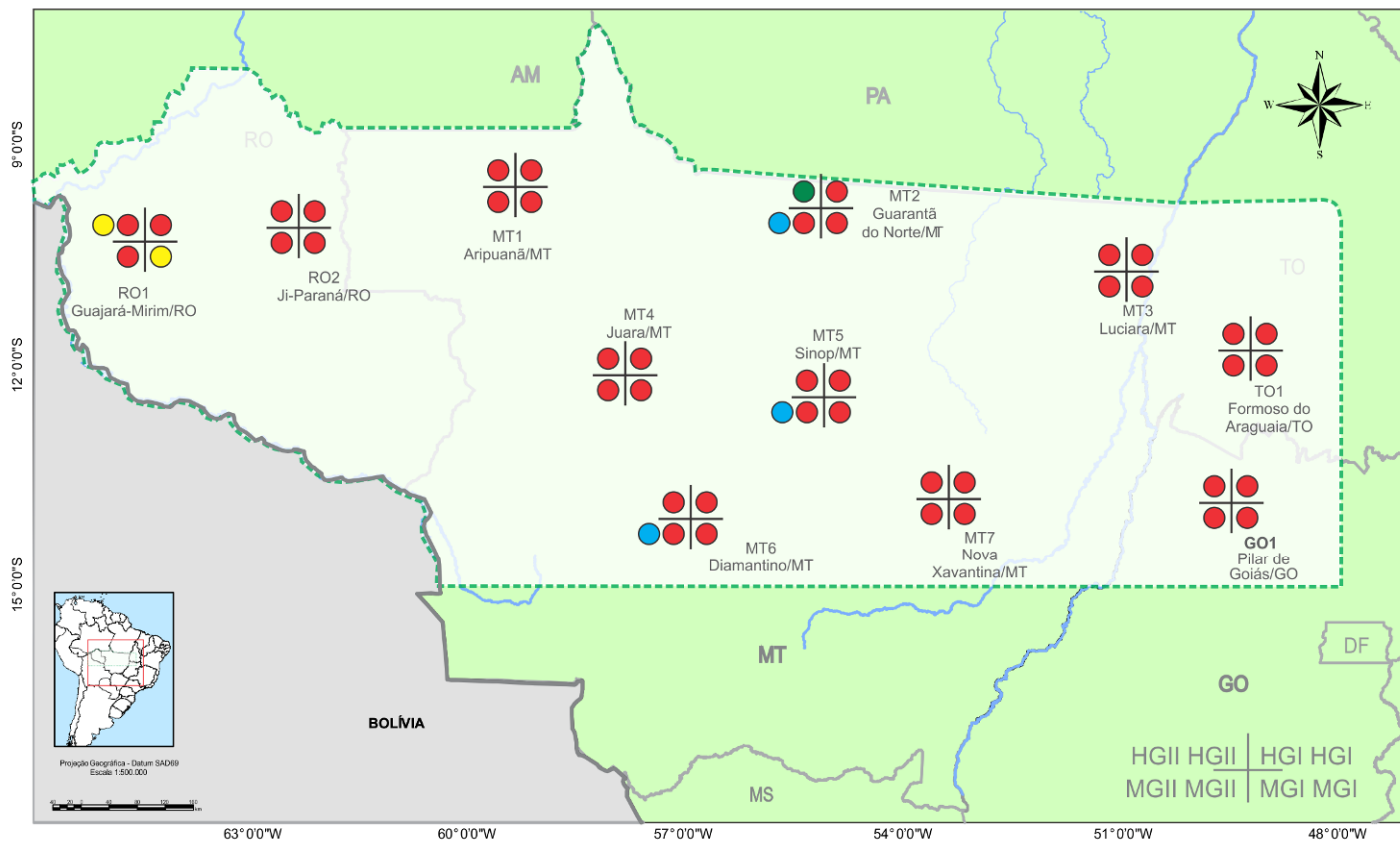
INF.1- Ah! Bala [ˈbalɐ].

INF.2- Aqui chama de bombom [bõ'bõ], o nome daquilo é bombom.

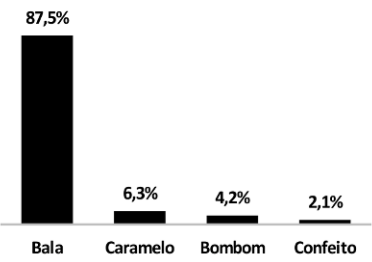
INF.1- Tem pessoas que não conhecem aquilo por bala doce e sim por bombom [bõ'bõ] e tem o bombom de chocolate.

# ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO DO TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO

## Carta 074 - Bala



- Bala
- Caramelo
- Bombom
- Confeito



QSL: 062  
Contextos de ocorrência do fenômeno: *doce que vem embrulhado, que se chupa*

**Carta 075**

QSL 63 - Que nome se dá ao pão pequeno que vende na padaria? Mostrar.

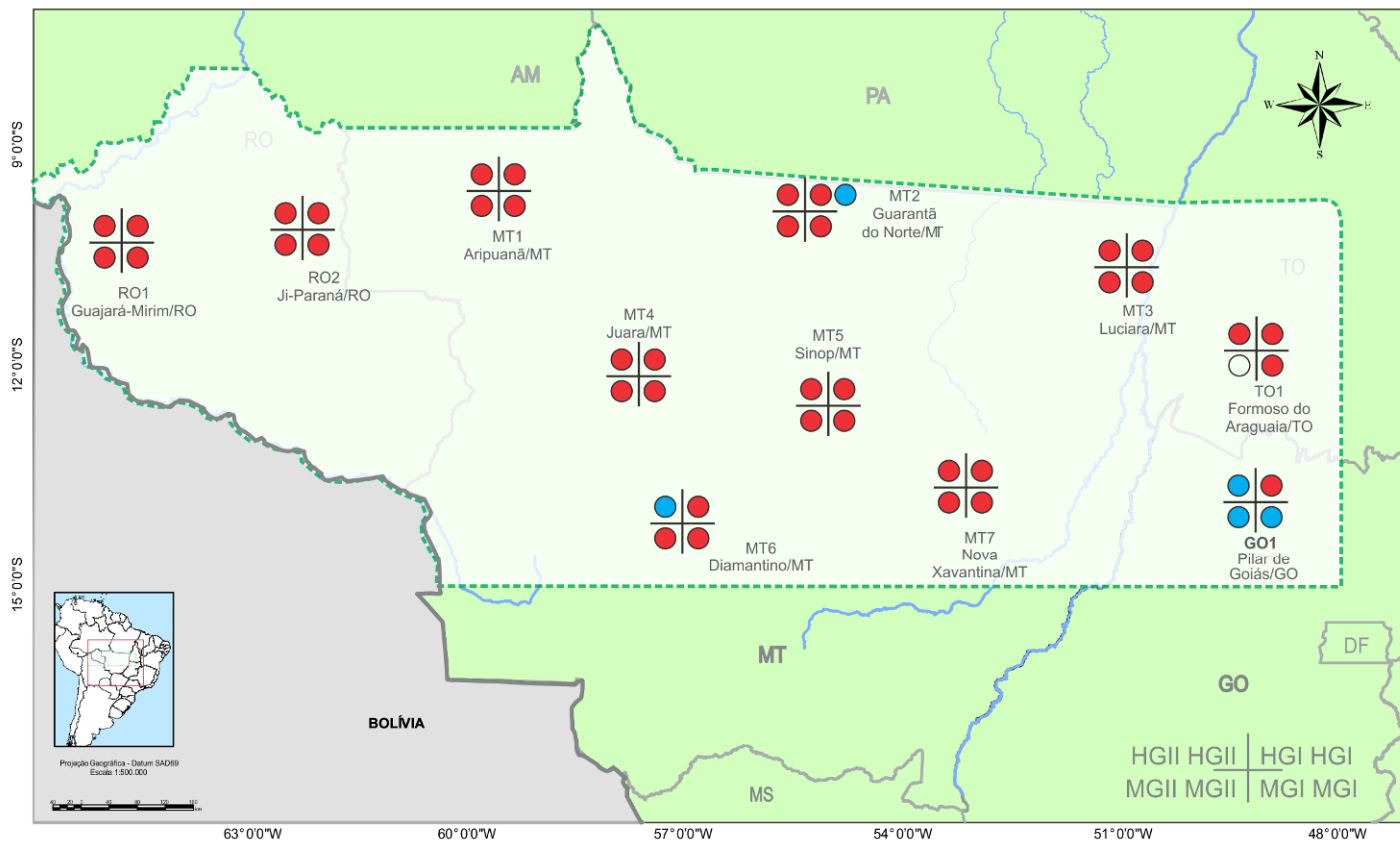
---

Notas:

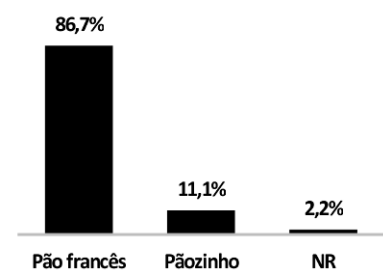
A informante GII de Formoso do Araguaia afirmou conhecer apenas o pão caseiro e o pão de queijo.

# ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO DO TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO

## Carta 075 - Pão francês



- Pão francês
- Pãozinho
- NR



QSL: 063  
Contextos de ocorrência do fenômeno: *pão pequeno*.

## Carta 076

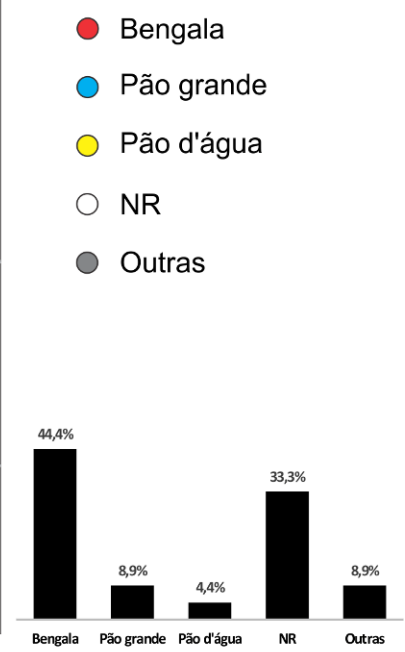
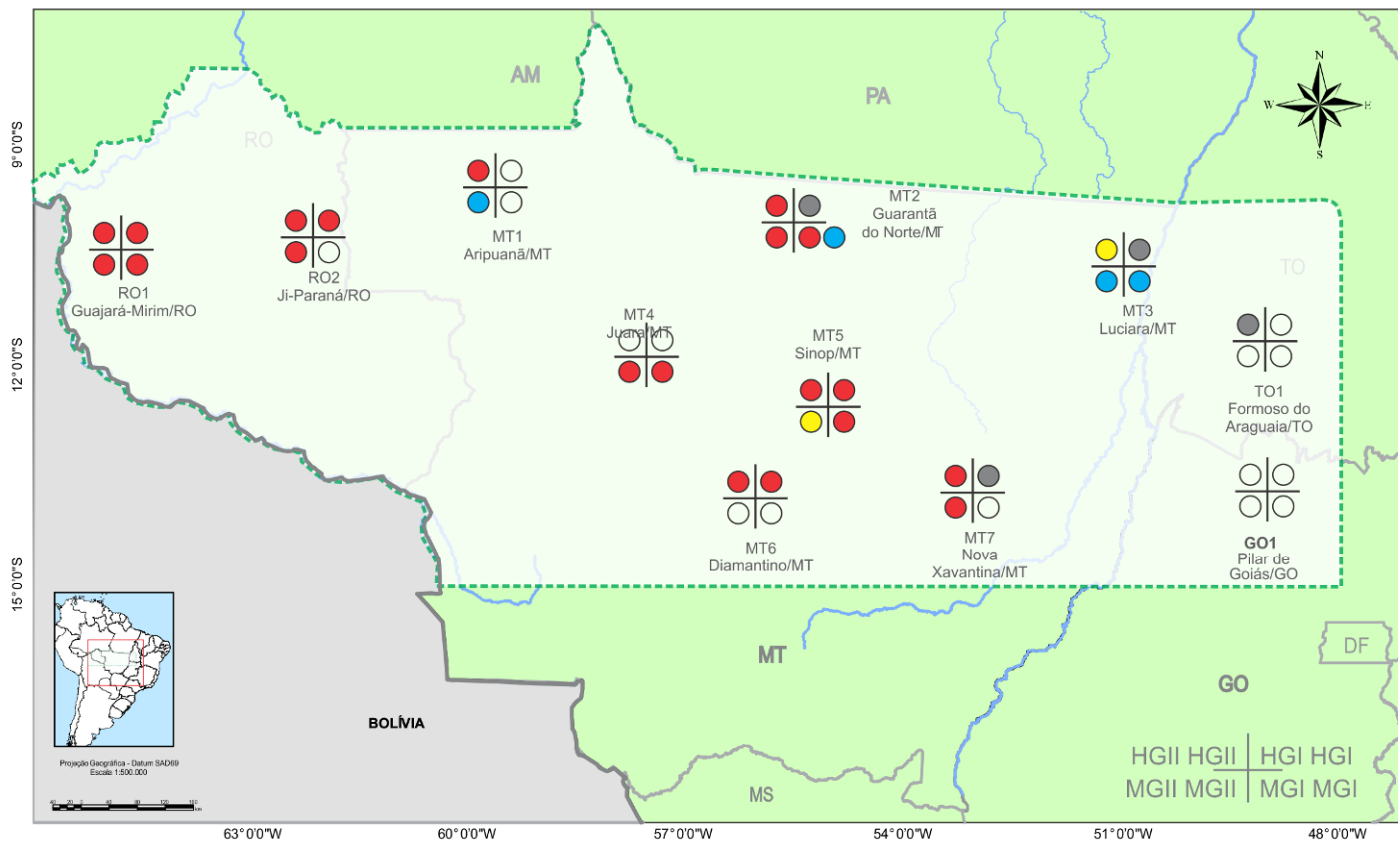
QSL 64 - Que nome se dá ao pão maior que o pão francês.

Outras variantes não mapeadas

Ponto	Localidade	Variantes	Perfil	Inf. 1	Total
MT2	Guarantã do Norte	Pão	HGI	1	1
MT3	Luciara	Pão caseiro	HGI	1	1
MT7	Nova Xavantina	Baguete	HGI	1	1
TO1	Formoso do Araguaia	Pão de sal	HGII	1	1
<b>Total</b>				<b>4</b>	<b>4</b>

# ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO DO TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO

## Carta 076 - Pão bengala



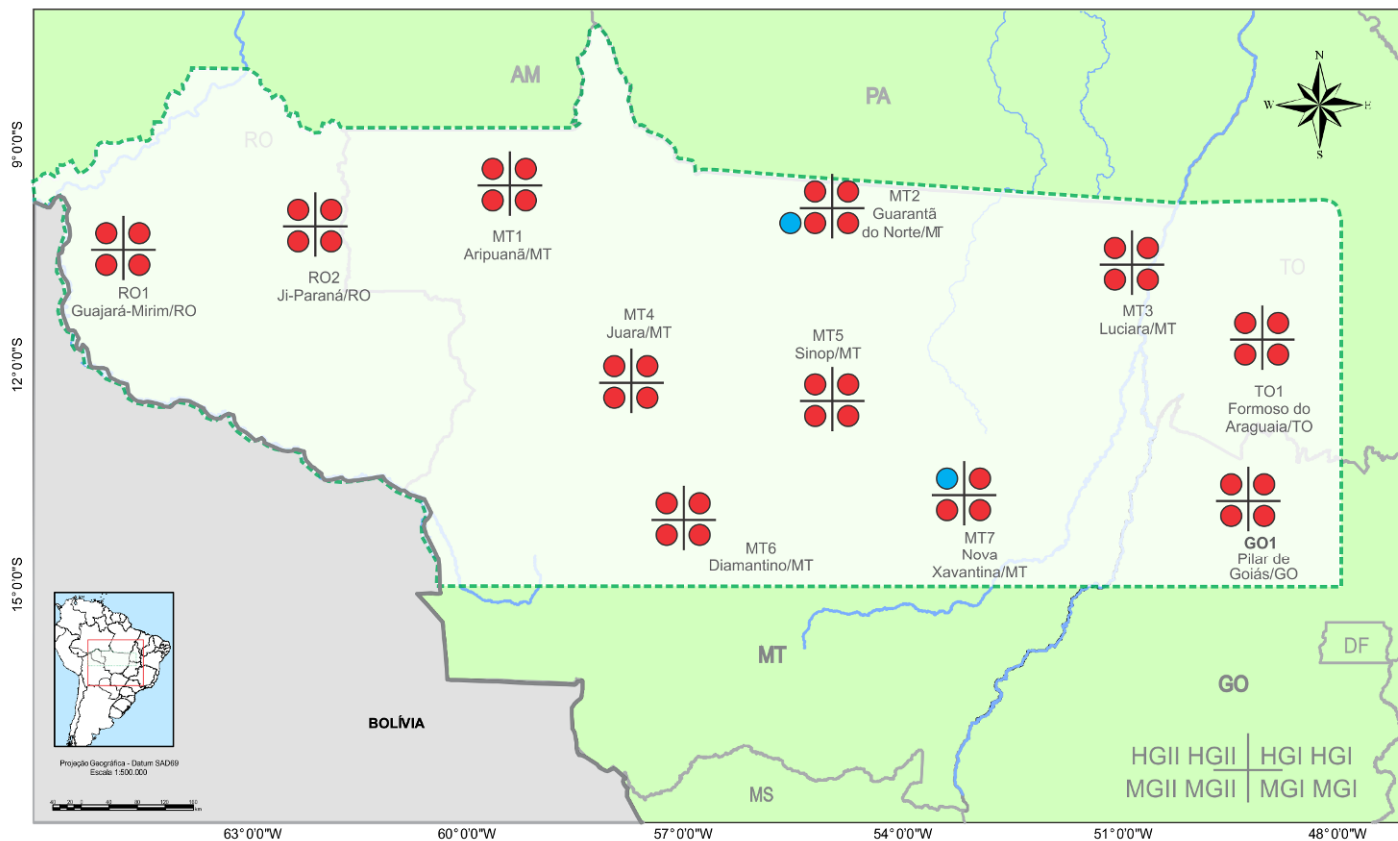
QSL: 064  
Contextos de ocorrência do fenômeno: *pão grande*.

**Carta 077**

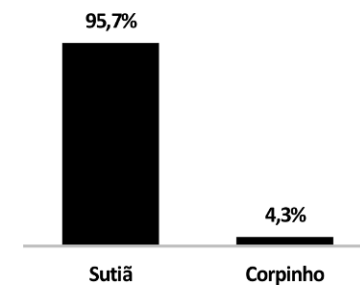
QSL 65 - Que nome se dá à peça do vestuário que serve para segurar os seios?

# ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO DO TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO

## Carta 077 - Sutiã



- Sutiã
- Corpinho



QSL: 065

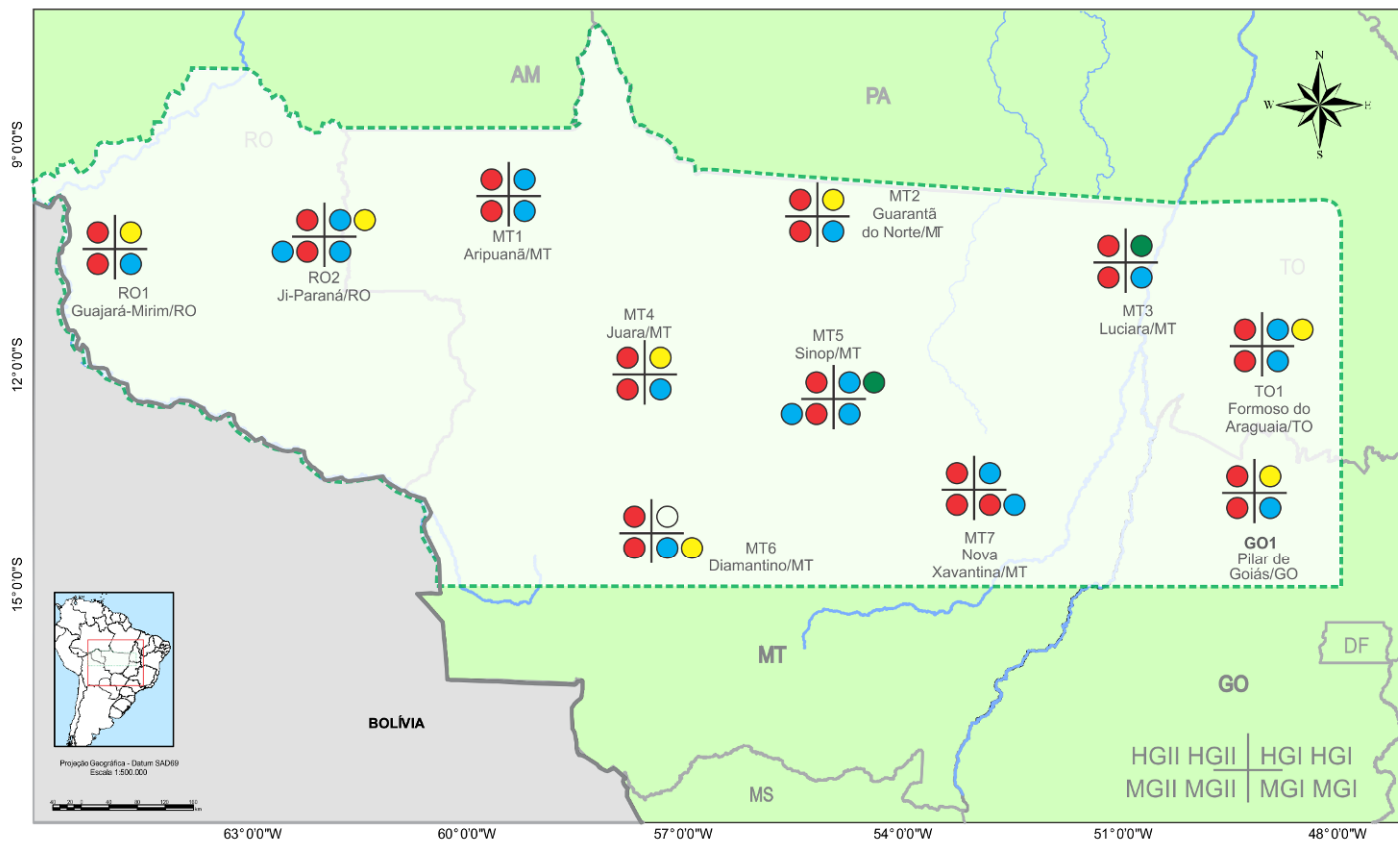
Contextos de ocorrência do fenômeno: *peça do vestuário para segurar os seios.*

**Carta 078**

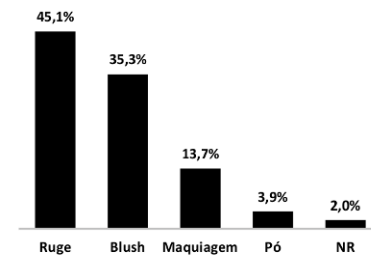
QSL 66 - Como se chama aquilo que as mulheres passam no rosto, nas bochechas, para ficarem mais rosadas?

# ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO DO TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO

## Carta 078 - Ruge



- Ruge
- Blush
- Maquiagem
- Pó
- NR



QSL: 066  
Contextos de ocorrência do fenômeno: *produto para deixar as bochechas mais rosadas*

**Carta 079**

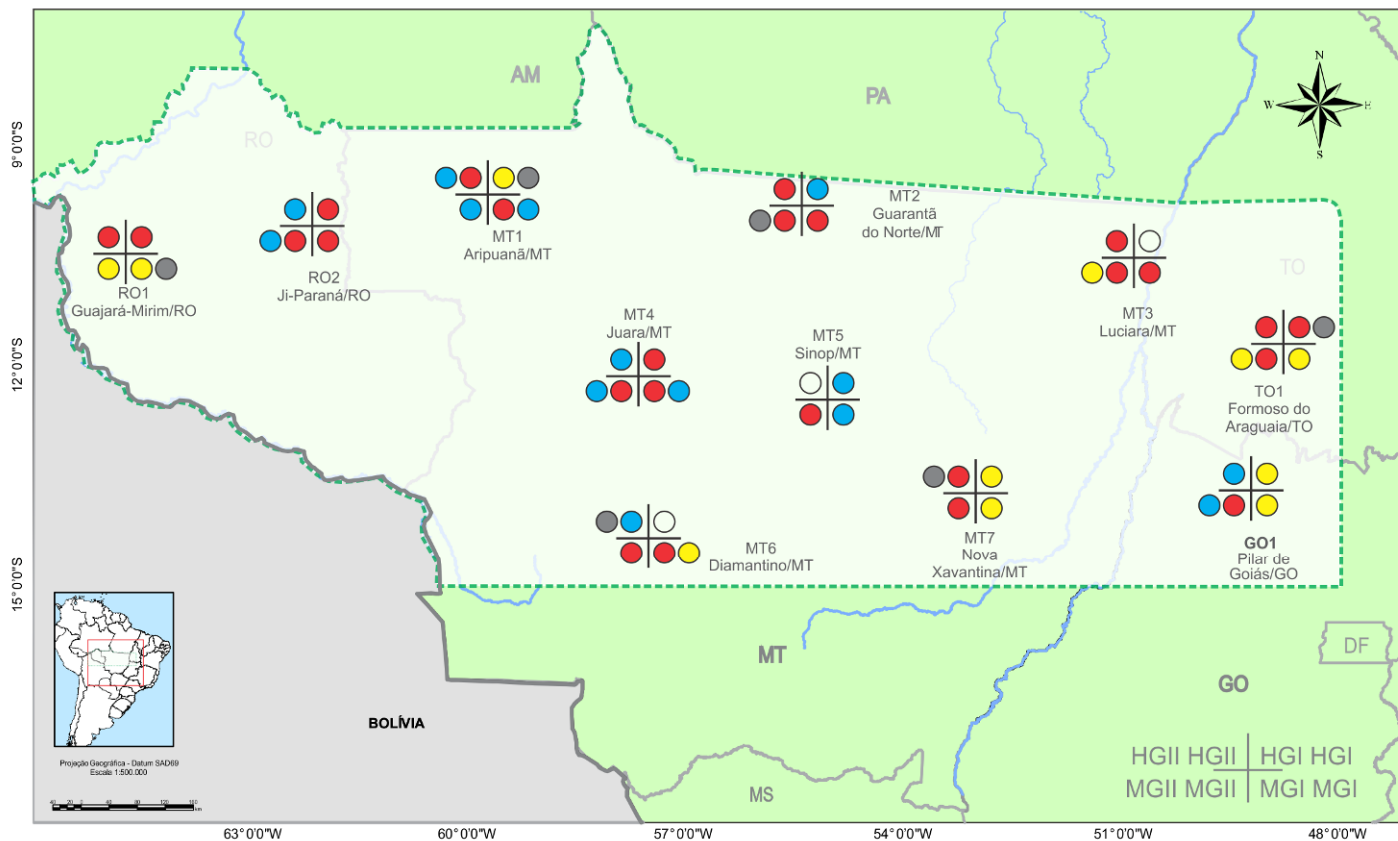
QSL 67 - Que nome se dá a um objeto fino, de metal, usado para prender os cabelos?

Outras variantes não mapeadas

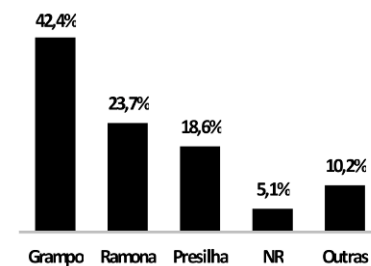
Ponto	Localidade	Variantes	Perfil	Inf.		
				Inf. 1	2	Total
RO1	Guajará Mirim	Prendedor	MGI		1	1
MT1	Aripuanã	Birilo	HGI		1	1
MT2	Guarantã do Norte	Ladona	MGII		1	1
MT6	Diamantino	Birilo	HGII		1	1
MT7	Nova Xavantina	Prendedor	HGII		1	1
TO1	Formoso do Araguaia	Prendedor	HGI	1		1
<b>Total</b>				<b>1</b>	<b>5</b>	<b>6</b>

# ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO DO TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO

## Carta 079 - Grampo



- Grampo
- Ramona
- Presilha
- NR
- Outras



QSL: 067

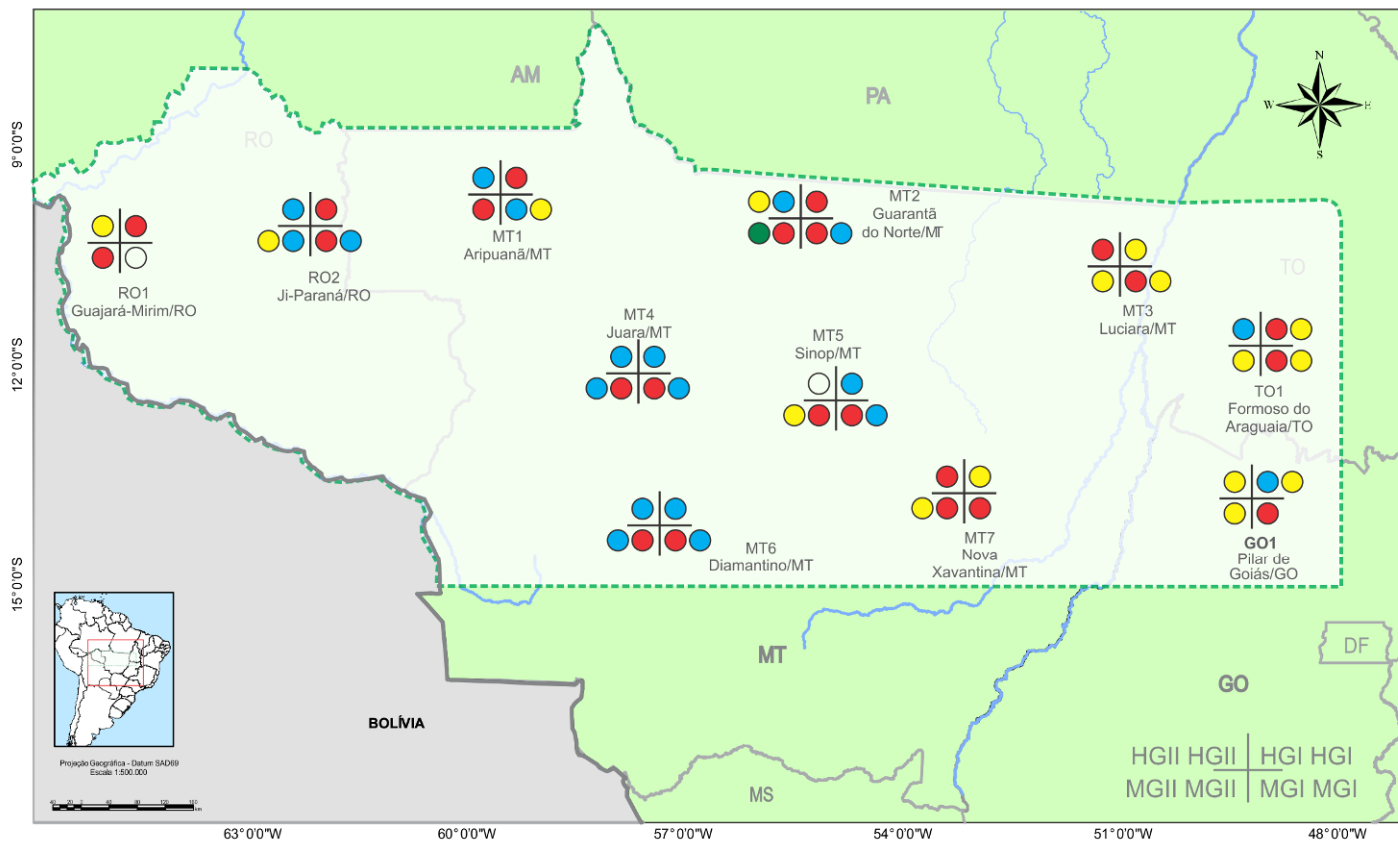
Contextos de ocorrência do fenômeno: *objeto de metal usado para prender os cabelos.*

**Carta 080**

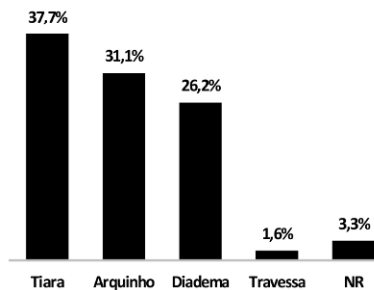
QSL 68 - Que nome se dá ao objeto de metal ou plástico que pega de um lado a outro da cabeça e serve para prender os cabelos? (Mímica)

# ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO DO TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO

## Carta 080 - Diadema



- Tiara
- Arquinho
- Diadema
- Travessa
- NR



QSL: 068

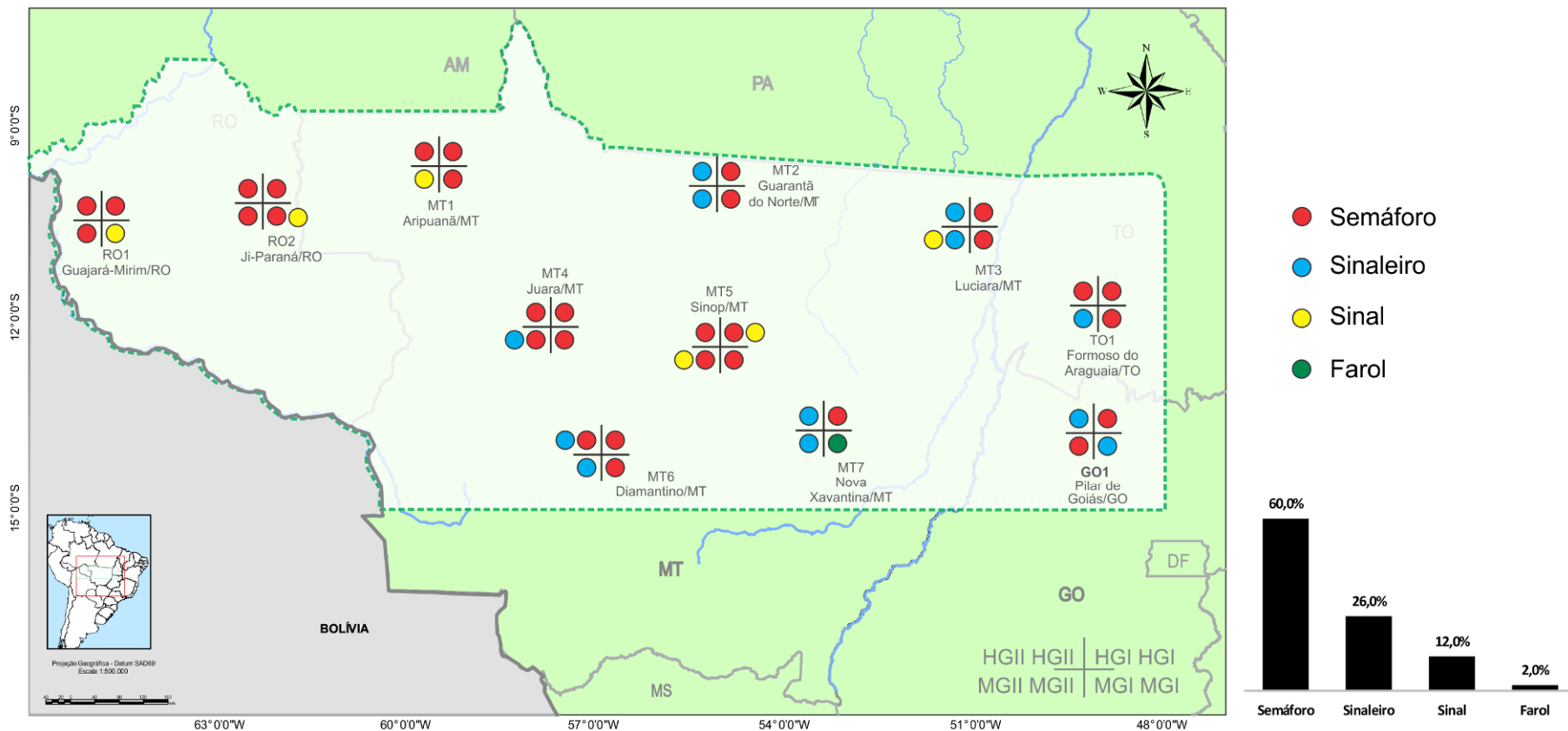
Contextos de ocorrência do fenômeno: *objeto que pega de um lado a outro da cabeça e serve para prender os cabelos.*

**Carta 081**

QSL 69 - Na cidade, o que costuma ter em cruzamentos movimentados, com luz vermelha, verde e amarela?

# ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO DO TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO

## Carta 081 - Semáforo



QSL: 69

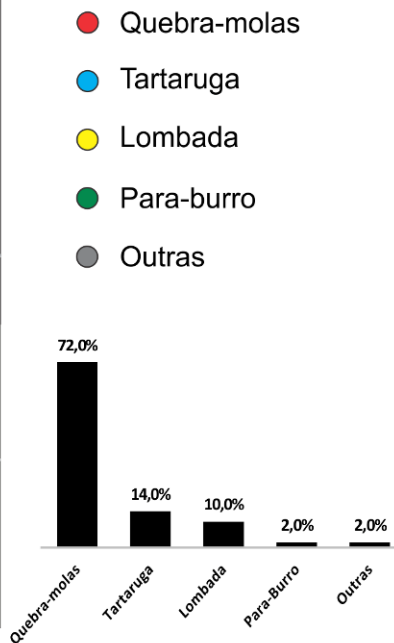
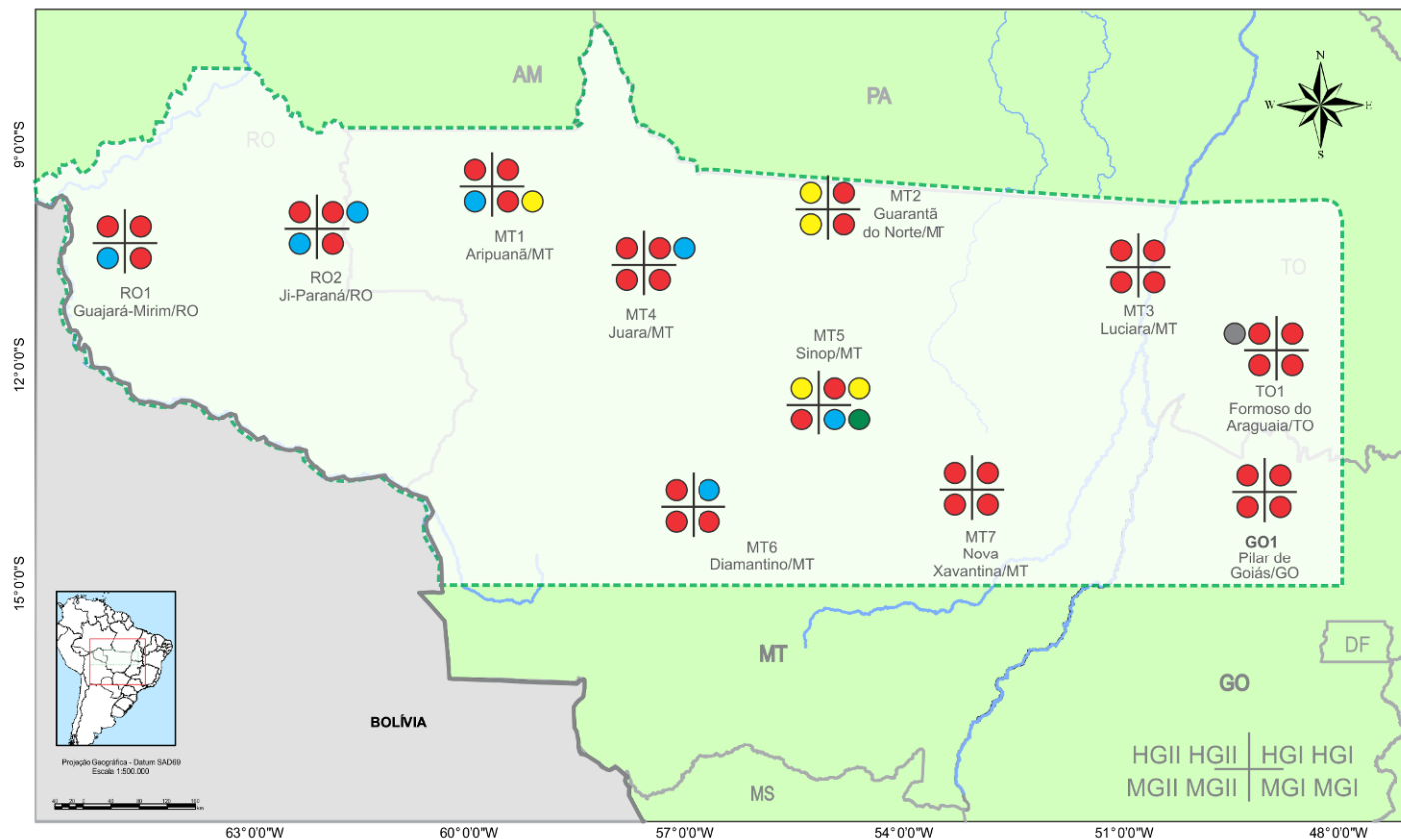
Contextos de ocorrência do fenômeno: *instrumento de sinalização, com luz verde, amarela e vermelha.*

**Carta 082**

QSL 70 - Como se chama aquele morrinho atravessado no asfalto para os carros diminuírem a velocidade?

# ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO DO TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO

## Carta 082 - Lombada



QSL: 070

Contextos de ocorrência do fenômeno: *morrinho atravessado na rua, para os carros diminuírem a velocidade*

## Carta 083

QSL 71 - Que nome se dá à área que é preciso ter ou comprar para se fazer uma casa na cidade?

---

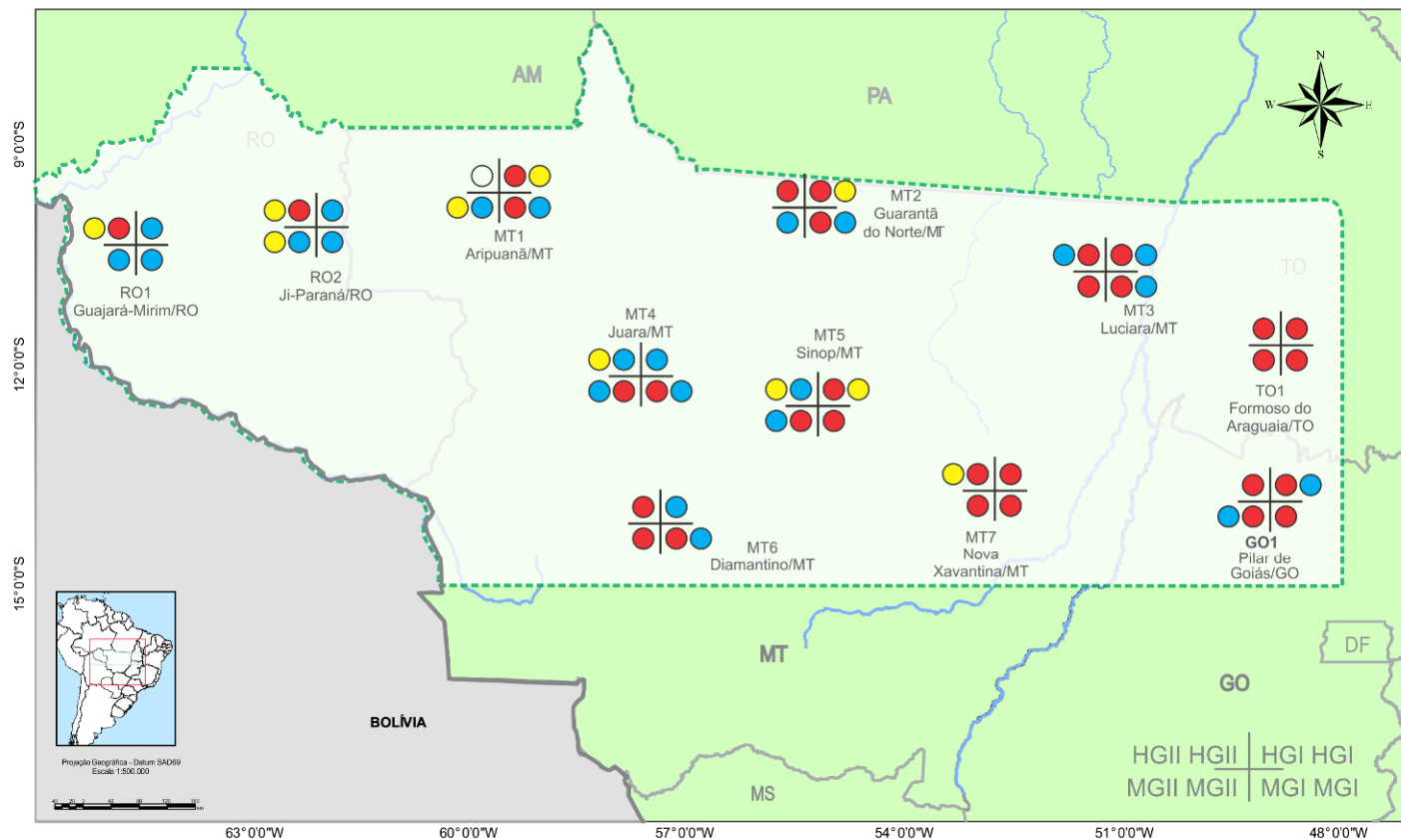
Nota:

A informante idosa de Luciara comentou:

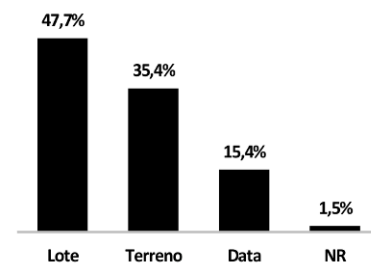
INF. - Uai, esse nome de terreno [te'xeɲu] a gente já viu, mas assim, aqui para nós que não tem muita leitura, não tem nada, terreno [te'xeɲu] significa, para nós, bom, pelo menos para Mim né, fala assim: não, eu tenho um terreno [te'xeɲu]. Um terreno significa que é um terreno maior, a gente tem dois, três, quatro lotes né. Agora quando você tem só um terreninho assim de fazer uma casa, aí você fala: não, eu tenho um lote.

# ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO DO TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO

## Carta 083 - Terreno



- Lote
- Terreno
- Data
- NR



QSL: 071

Contextos de ocorrência do fenômeno: *área onde se constrói uma casa na cidade*

**Carta 084**

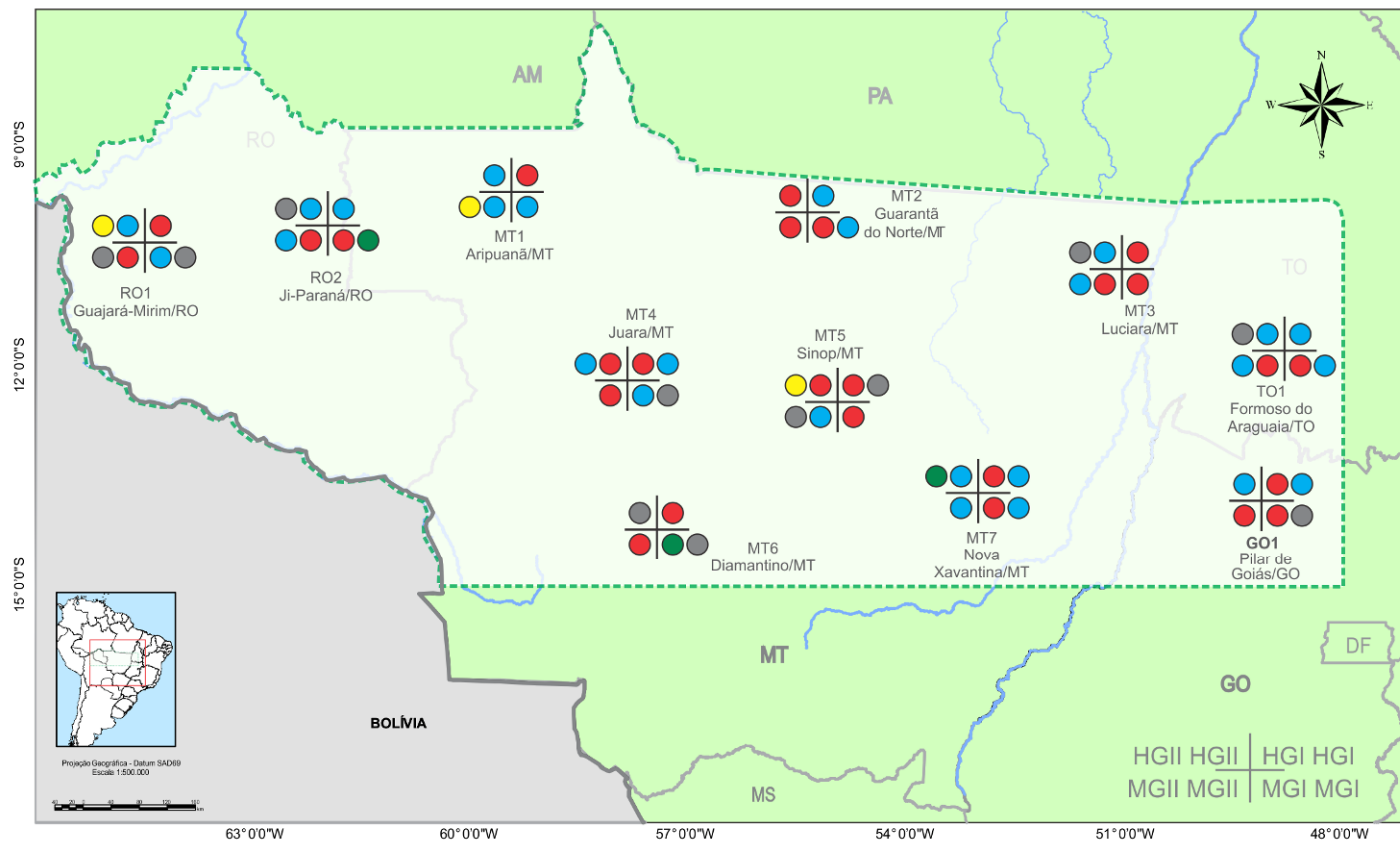
QSL 72 - Como se chama um lugar pequeno, com um balcão, onde os homens costumam ir beber e onde também se pode comprar alguma outra coisa?

Outras variantes não mapeadas

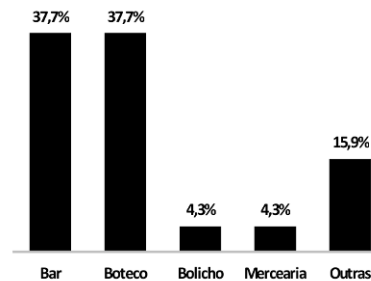
Ponto	Localidade	Variantes	Perfil	Inf.		
				Inf. 1	2	Total
RO1	Guajará Mirim	Taberninha	MGII	1		1
			MGI		1	1
RO2	Ji-Paraná	Venda	HGII		1	1
MT3	Luciara	Armazém	HGII	1		1
MT4	Juara	Mercado	MGI		1	1
MT5	Sinop	Bodega	HGI		1	1
		Armazém	MGII	1		1
MT6	Diamantino	Lanchonete	MGI	1		1
		Balcão	HGII	1		1
TO1	Formoso do Araguaia	Lanchonete	HGII		1	1
GO1	Pilar de Goiás	Mercado	MGI		1	1
<b>Total</b>				<b>5</b>	<b>6</b>	<b>11</b>

# ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO DO TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO

## Carta 084 - Boteco



- Bar
- Boteco
- Bolicho
- Mercadoria
- Outras



QSL: 072

Contextos de ocorrência do fenômeno: *lugar pequeno onde os homens costumam ir beber.*

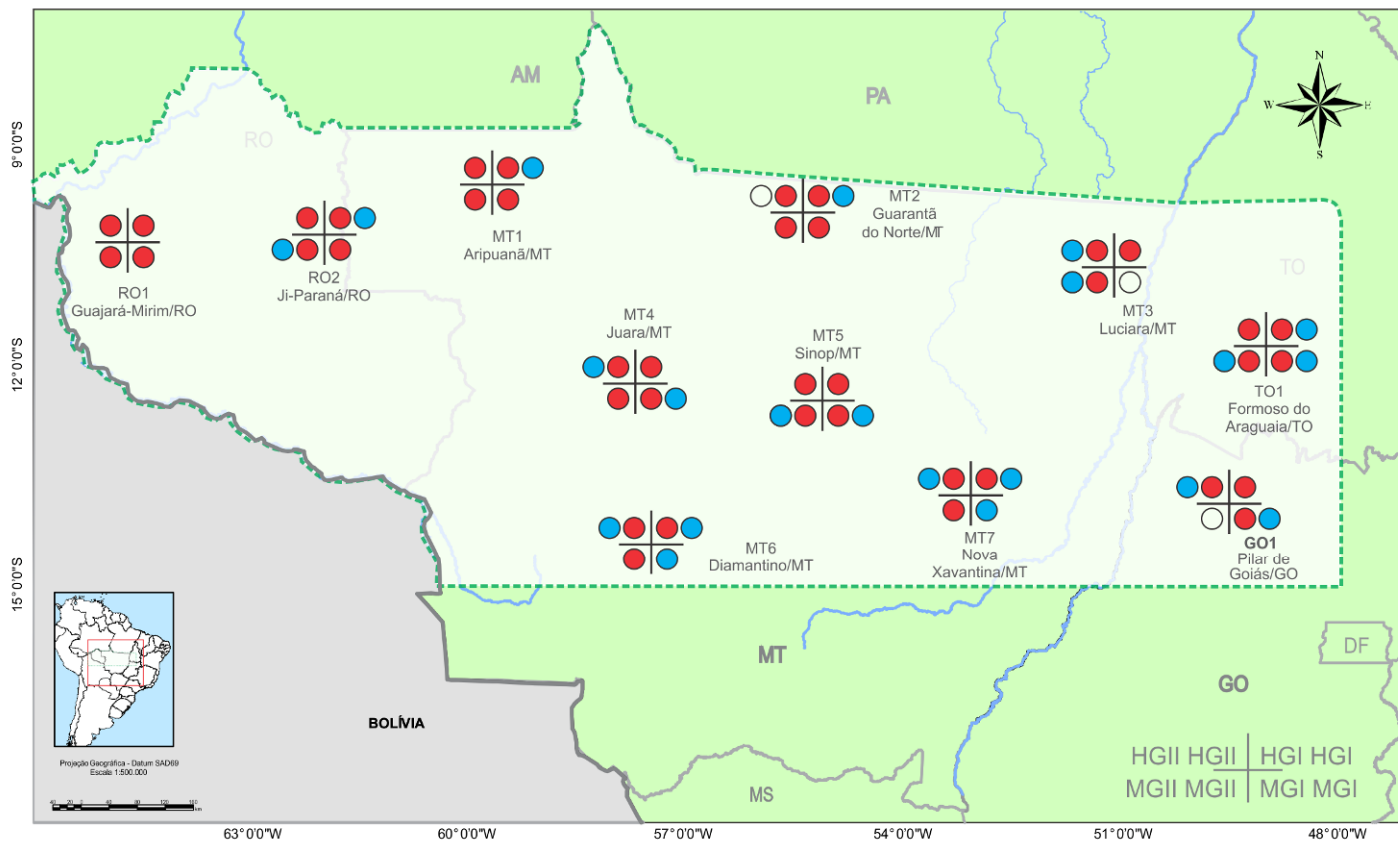
## **Carta 085**

**1** - Tem filhos/ irmãos? Como eles se chamam? O que eles fazem?

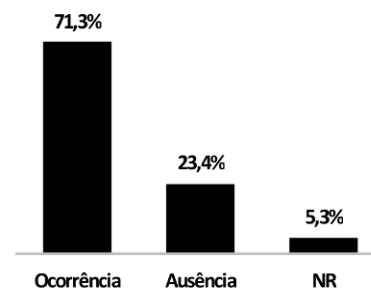
**2** - Poderia dizer o nome de alguns amigos, vizinhos? Com que costuma falar mais?

# ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO DO TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO

## Carta 085 - Artigo diante de nome próprio



- Ocorrência
- Ausência
- NR



QMS: 1, 2

Contextos de ocorrência do fenômeno: *nome dos filhos / irmãos / vizinhos e o que fazem*

## **Carta 086**

### **3 - ALFACE:**

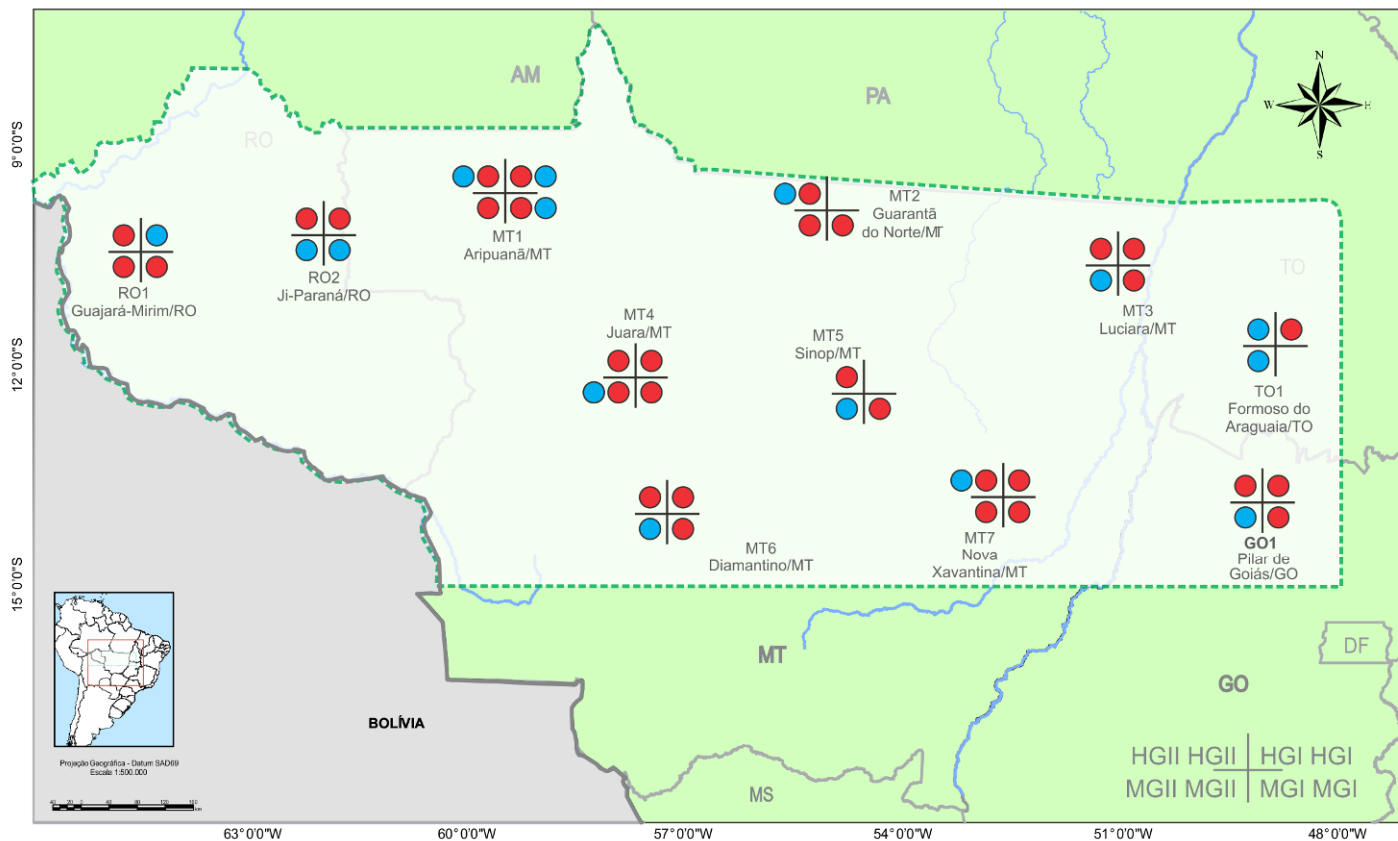
Como é que se chama aquela folha verde que se come geralmente na salada? Para preparar essa folha tem que ser bem lavada. Como pediria a alguém para lavar? Tem uma janta e alguém tem que lavar as verduras. Você/ o senhor (a) quer que cada um lave um tipo de verdura. Como pediria isso aos outros?

### **4 - CAL:**

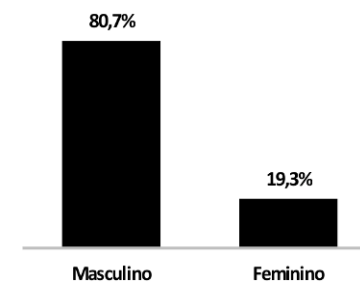
Você/ o (a) senhor (a) conhece cal? E como é? Como se faz para cair uma casa?

# ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO DO TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO

## Carta 086 - Gênero do substantivo



- Masculino
- Feminino



QMS: 3,4

Contextos de ocorrência do fenômeno: Alface, cal

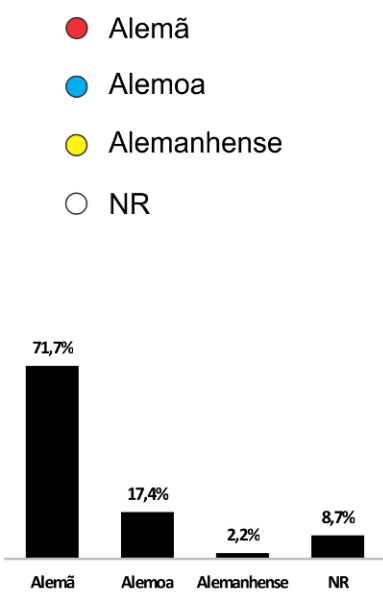
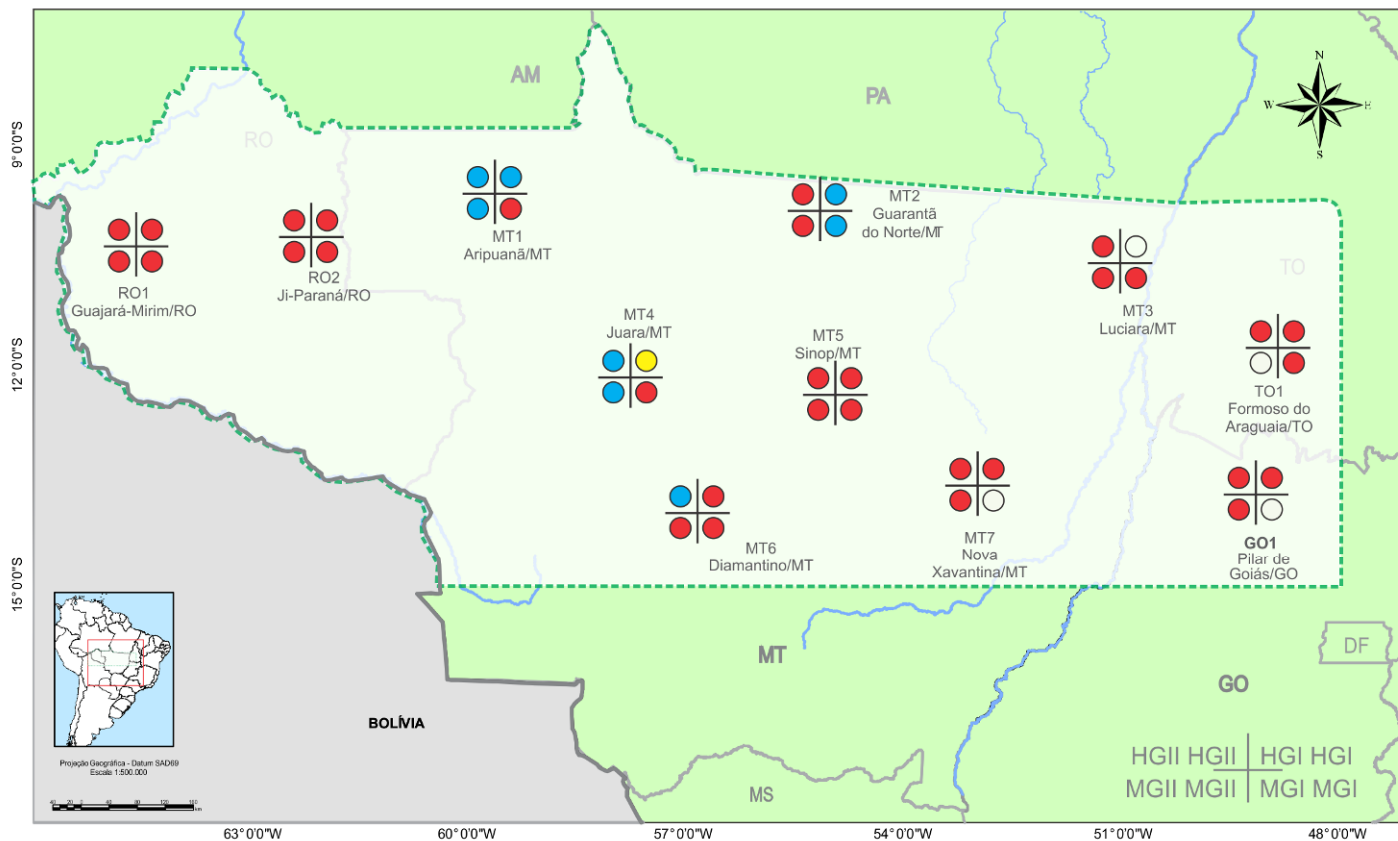
**Carta 087**

**6 – ALEMÃO:**

Uma mulher que nasce no Brasil é brasileira. E quem nasce na Alemanha é o que?

# ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO DO TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO

## Carta 087 - Gênero do substantivo / feminino de alemão



QMS: 6  
Contextos de ocorrência do fenômeno: *mulher que nasce na Alemanha*

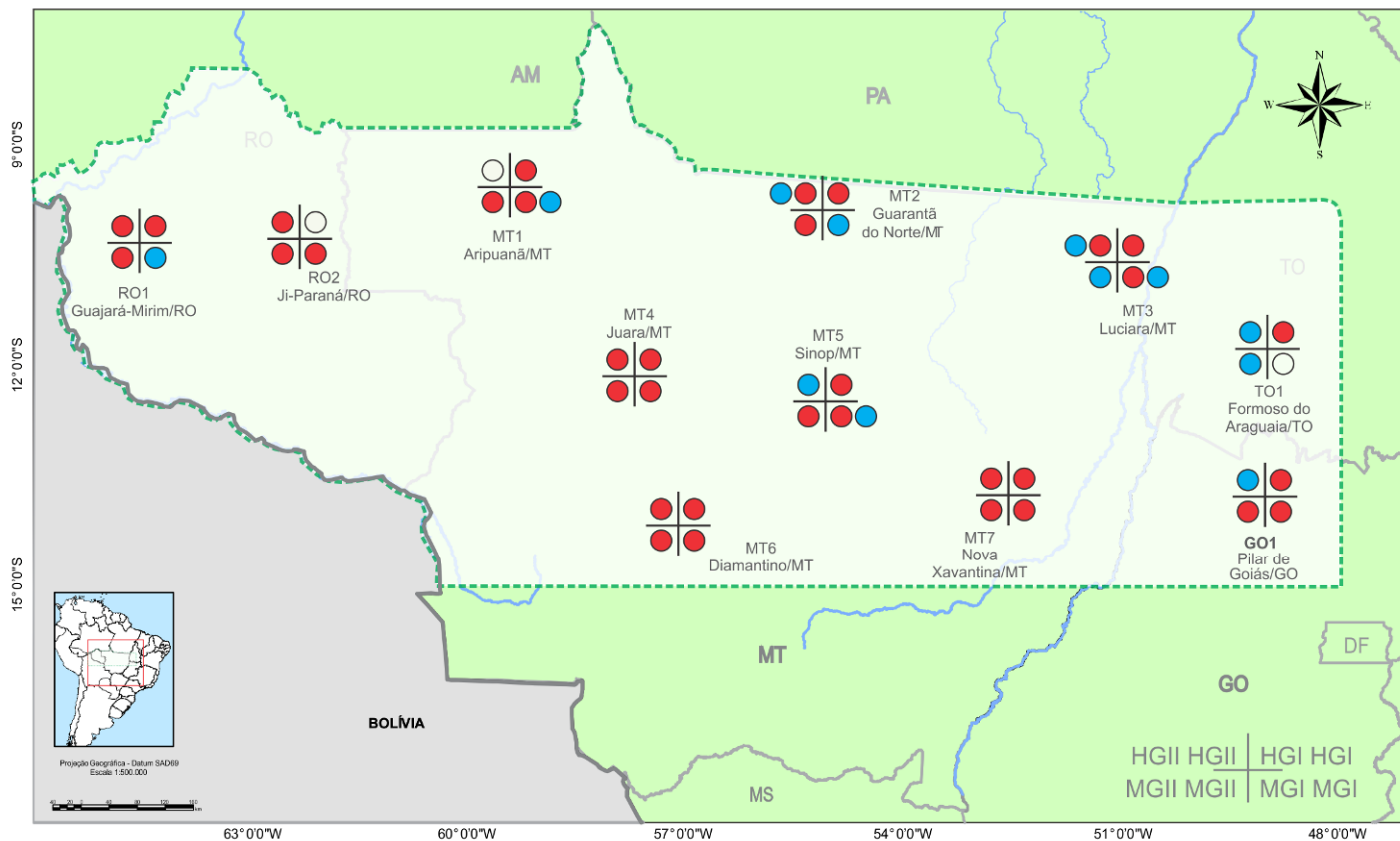
## **Carta 088**

### **7 – CHEFE:**

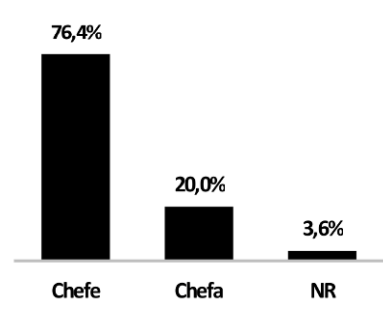
Há homens e mulheres que chefiam. No caso, se é uma mulher, ela é o quê?

# ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO DO TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO

## Carta 088 - Gênero do substantivo / feminino de chefe



- Chefe
- Chefa
- NR



QMS: 7  
Contextos de ocorrência do fenômeno: *mulher que chefia*

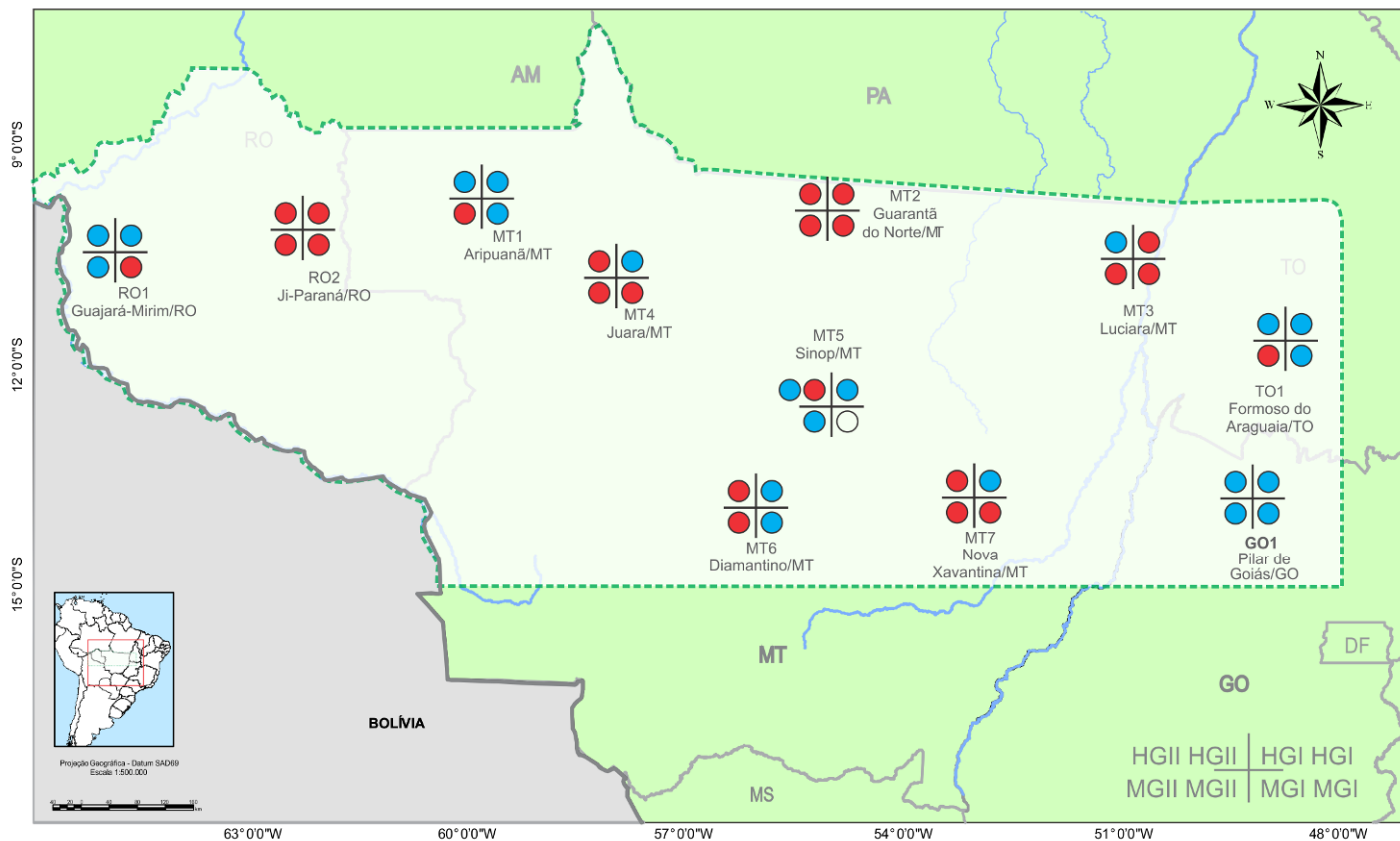
## **Carta 089**

### **8 - LADRA / LADRONA:**

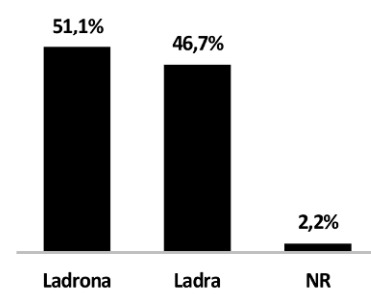
Um homem que rouba, você diz que é ladrão. E quando é uma mulher?

# ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO DO TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO

## Carta 089 - Gênero do substantivo / feminino de ladrão



- Ladrone
- Ladra
- NR



QMS: 8  
Contextos de ocorrência do fenômeno: *mulher que rouba*

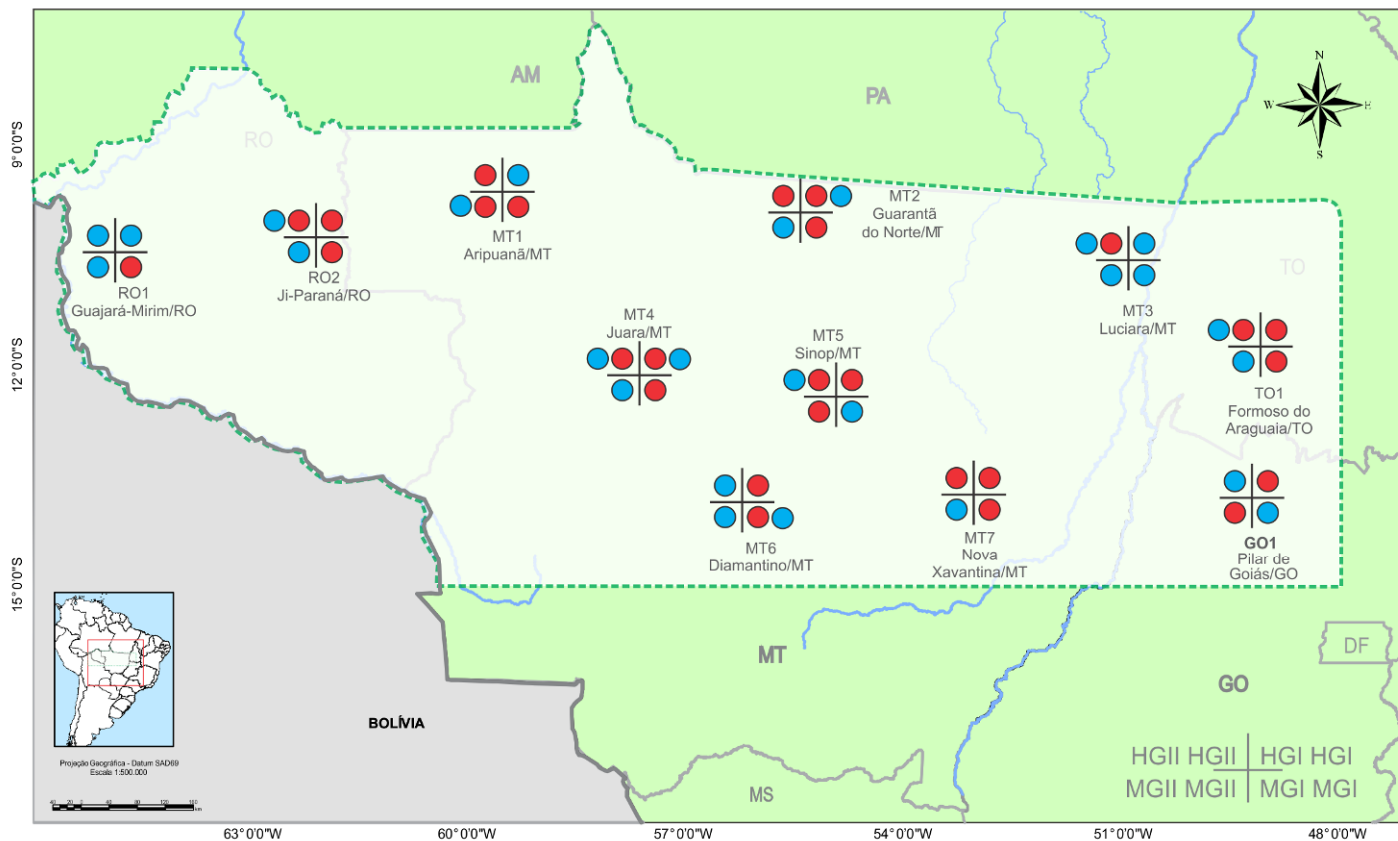
**Carta 090**

**9 - PRESIDENTE / PRESIDENTA:**

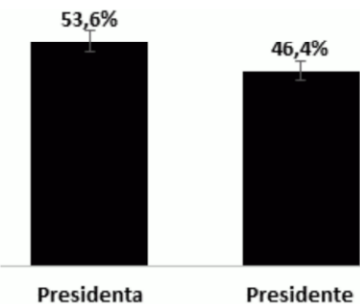
Se, na Presidência da República, estivesse uma mulher, ela seria o quê?

# ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO DO TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO

## Carta 090 - Gênero do substantivo / feminino de presidente



- Presidenta
- Presidente



QMS: 9

Contextos de ocorrência do fenômeno: *mulher que governa um país*

## Carta 091

### 10 - EU / MIM:

Alguém pede para você /o (a) senhor (a) fazer uma tarefa. Mas outra pessoa acha que a tarefa era pra ela. Então você /o (a) senhor (a) diz: essa tarefa, na verdade, é para \_\_\_ eu fazer. [Vamos supor que você /o (a) senhor (a) precisa distribuir três tarefas por três pessoas. Por exemplo: a limpeza para alguém fazer, a roupa é para outra pessoa lavar e a terceira tarefa (...) é para você]. Como você /o (a) senhor (a) diria?

---

### Nota:

Alguns informantes ocultam o sujeito para se referirem ao outro, preferindo iniciar a resposta com o verbo, na maioria das vezes, concordando com a terceira pessoa, conforme os exemplos:

INF. HGII de MT3: Vai pra onde?

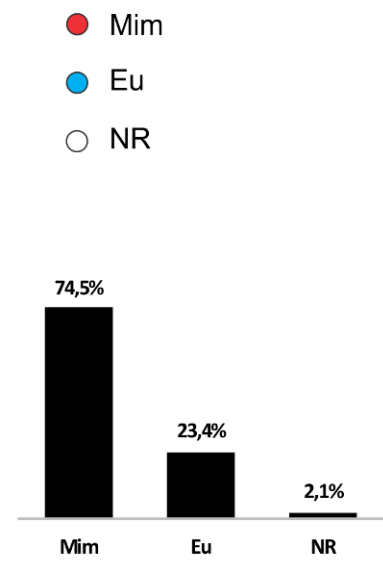
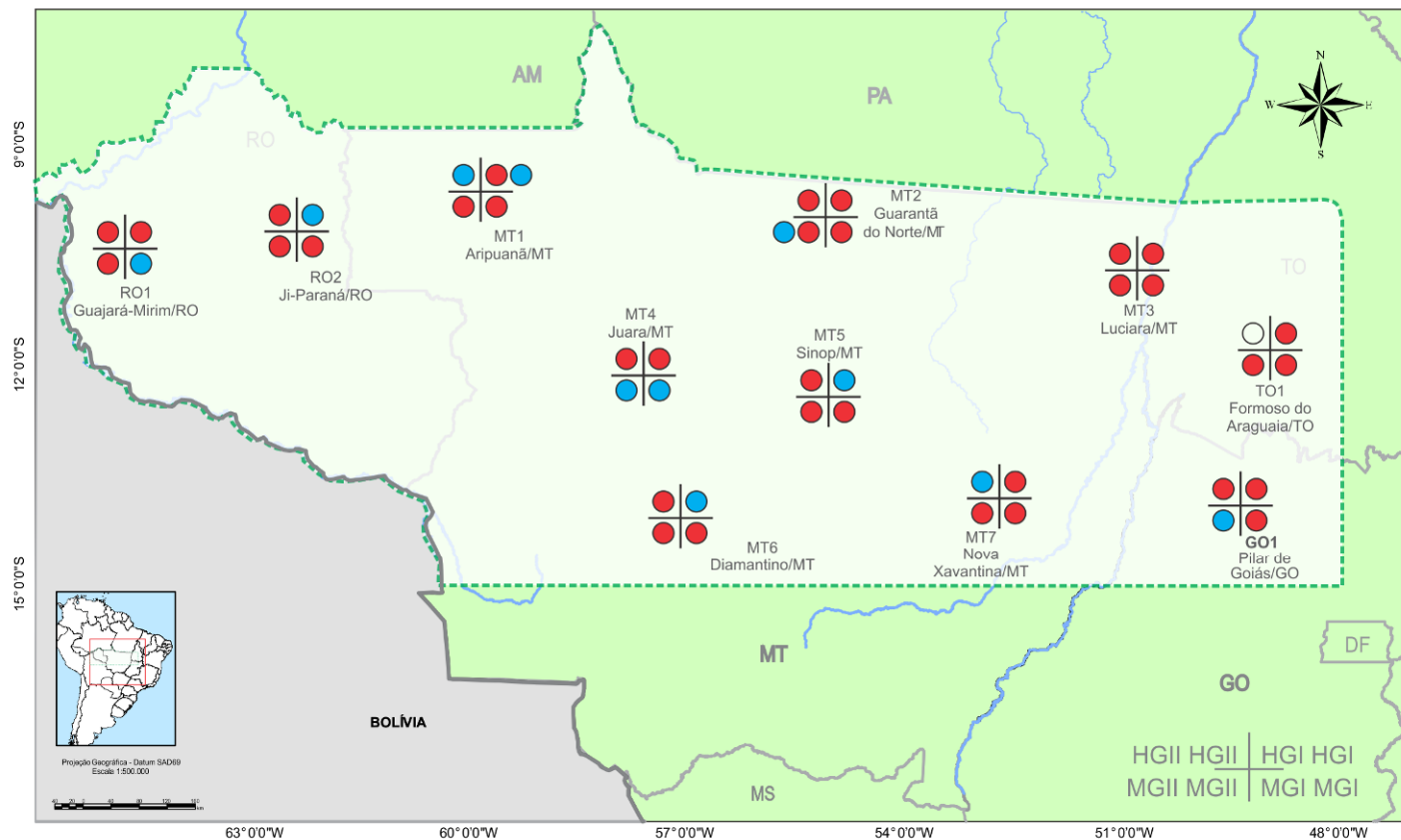
INF. MGII de MT5: Oh amigão, tá indo pra onde? Ah vou pro sul.

INF. MGI de RO2: Vai viajá pra onde?

INF.- Tá viajando pra onde?

# ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO DO TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO

## Carta 091 - Pronomes pessoais – eu/mim



QMS: 10  
Contextos de ocorrência do fenômeno: *essa tarefa é para \_\_\_\_\_ fazer.*

## Carta 092

### 11 - TU / VOCÊ (sujeito):

Quando se vê um amigo com uma mala e se quer saber para onde ele vai, como é que se pergunta?

---

### Nota:

Da mesma forma que na carta anterior, os informantes não utilizam muito os pronomes pessoais preposicionados:

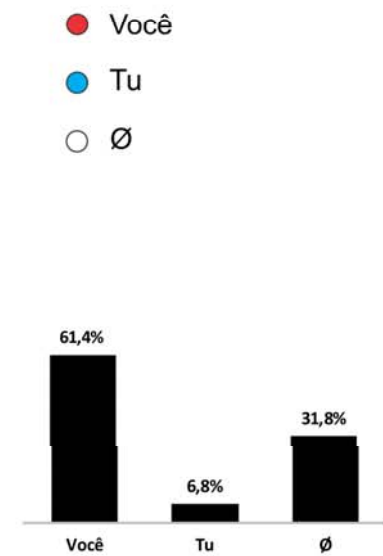
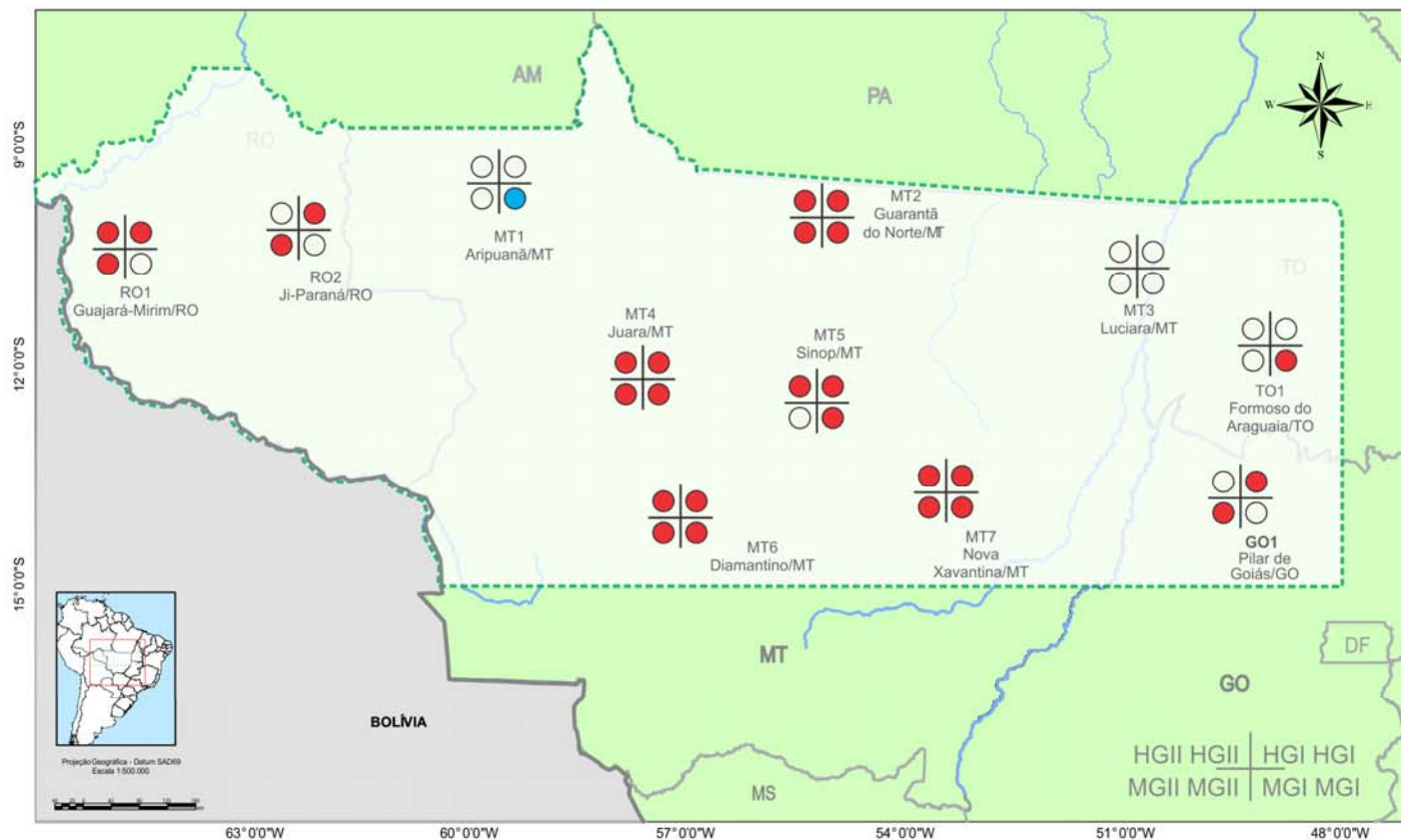
INQ: *Como você chama alguém para tomar café com você?*

INF. HGII de MT6: *Entra, vem toma um café*

INF. MGI de MT7: *Bora toma um café??*

# ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO DO TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO

## Carta 092 - Pronomes pessoais - sujeito - TU/VOCÊ



QMS: 11

Contextos de ocorrência do fenômeno: *como se pergunta quando se quer saber para onde vai uma pessoa*

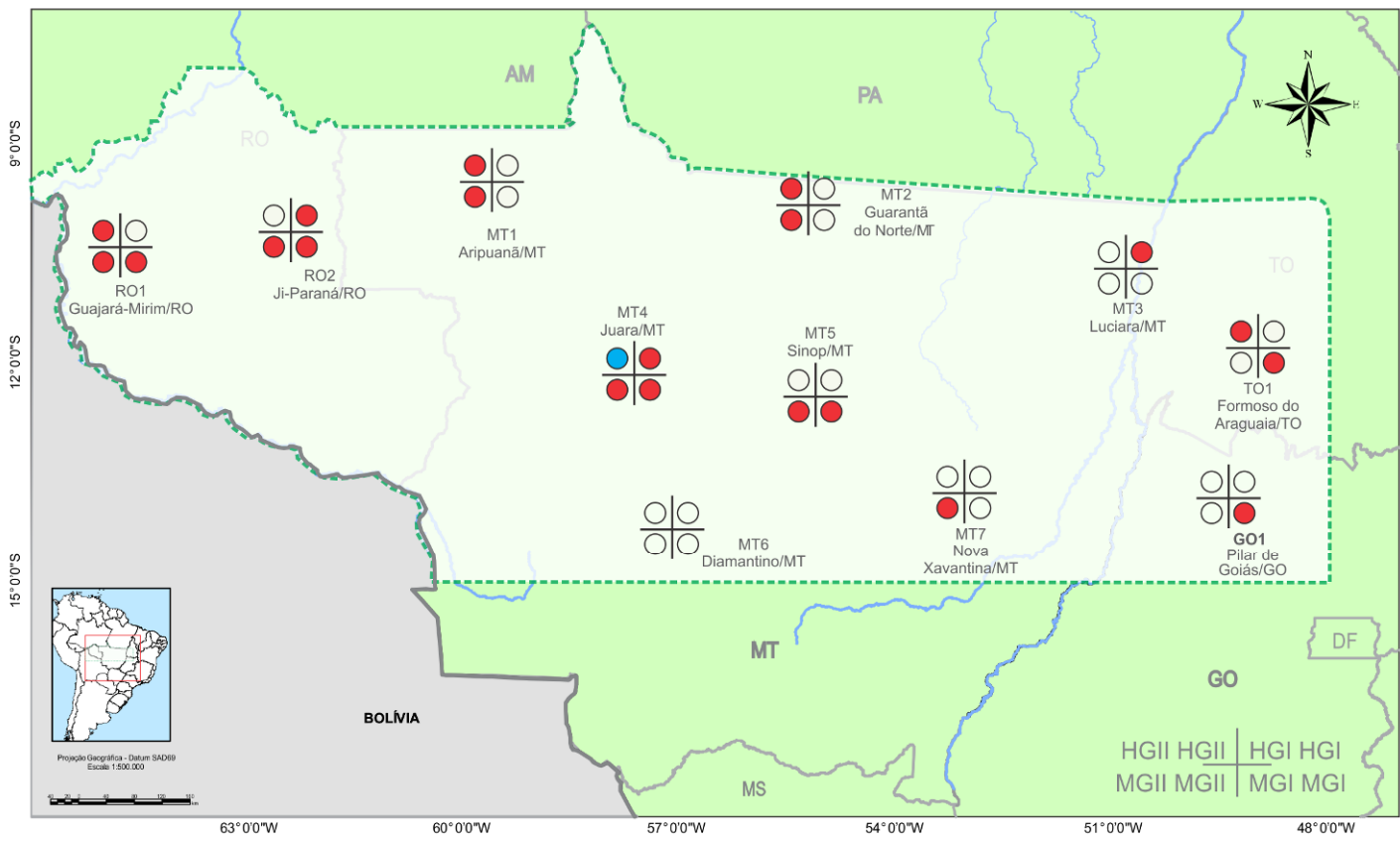
**Carta 093**

**14 - COMIGO/ COM EU/ MAIS EU:**

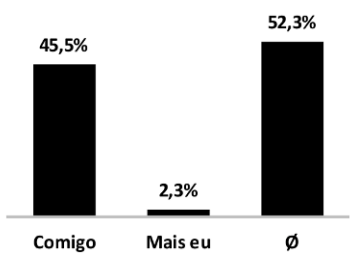
Quando alguém não quer tomar café sozinho, diz para convidar outra pessoa. "Quer tomar café\_\_\_\_\_?"

# ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO DO TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO

## Carta 093 - Pronomes pessoais com preposição - COMIGO / COM EU / MAIS EU



- Comigo
- Mais eu
- Ø



QMS: 14  
Contextos de ocorrência do fenômeno: *como se convida alguém para tomar café*

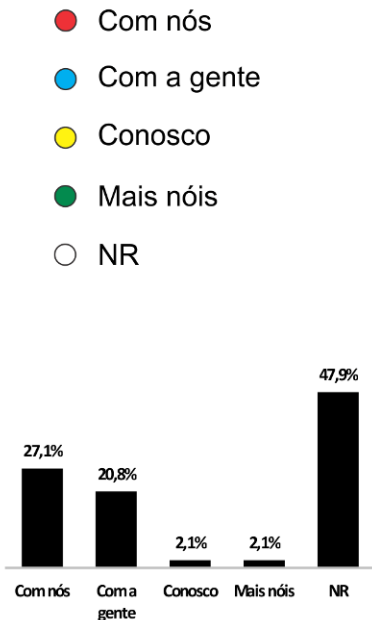
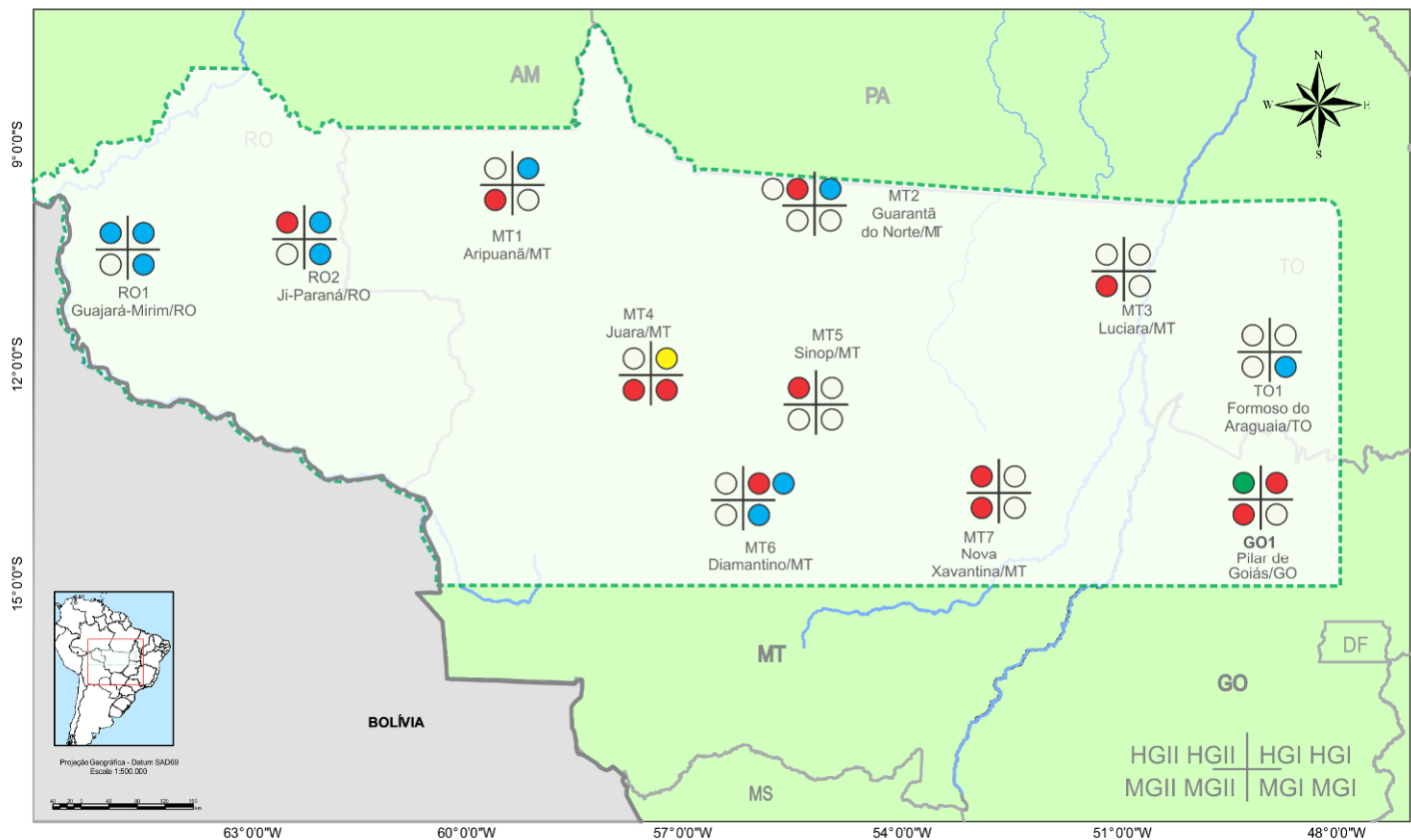
**Carta 094:**

**15 - CONOSCO/ COM NÓS/ COM A GENTE:**

E se nós dois estamos tomando café e queremos mais uma pessoa na mesa, dizemos que essa pessoa venha tomar café \_\_\_\_\_?

# ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO DO TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO

## Carta 094 - Pronomes pessoais com preposição – CONOSCO / COM NÓS / COM A GENTE



QMS: 15

Contextos de ocorrência do fenômeno: *como se convida mais alguém para tomar café*

## **Carta 095**

### **16 – TEU / SEU (relação inquiridor e informante):**

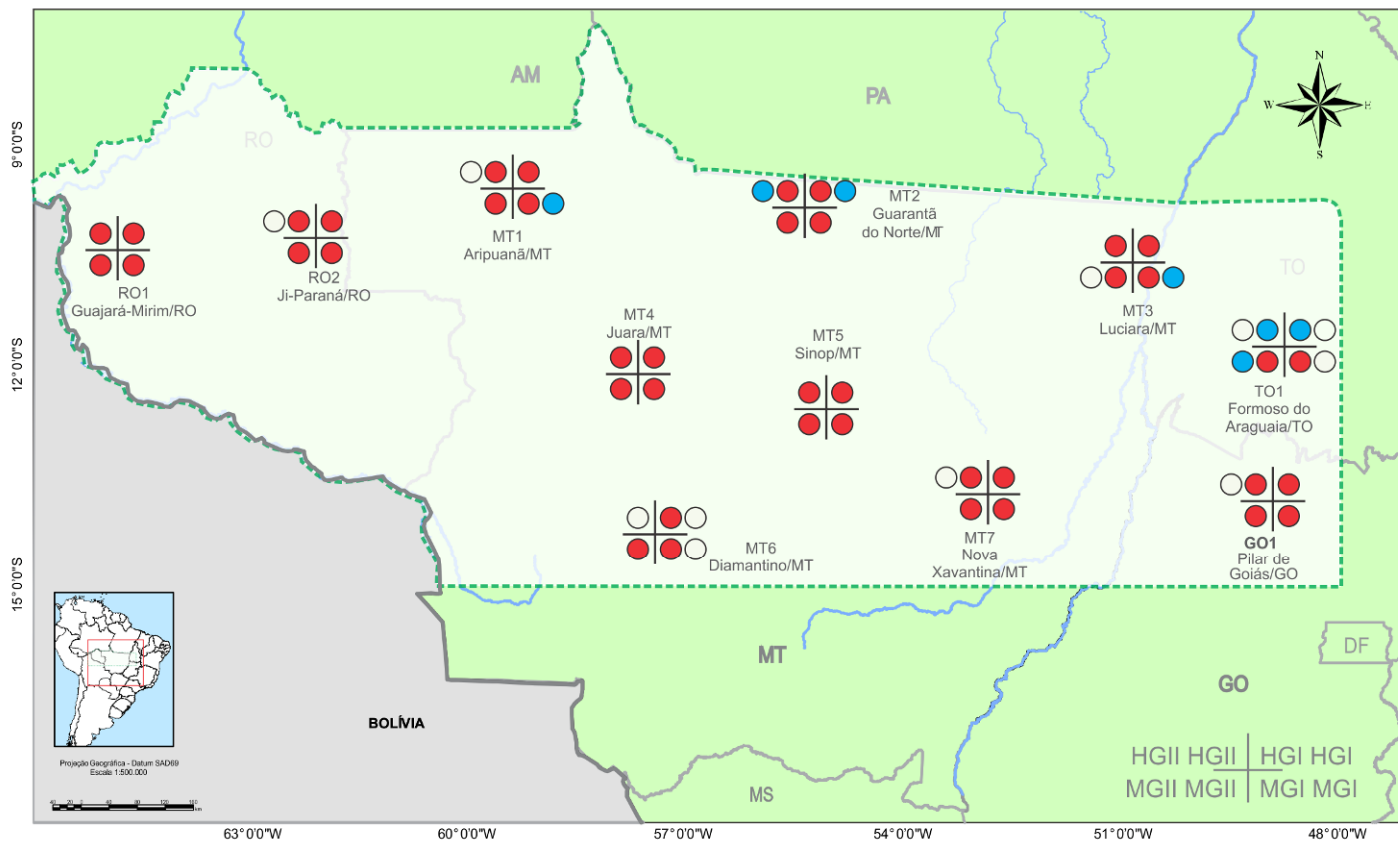
De quem é isso? (Aproveitando objetos que estejam presentes).

### **17 – TEU / SEU (relação entre irmãos):**

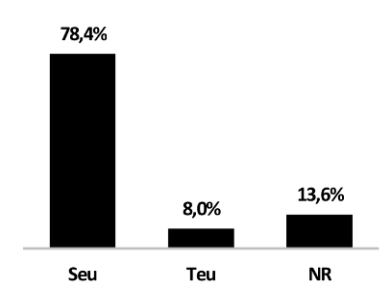
Você/ o (a) senhor (a) tem irmão/ irmã? E como diz para ele (a) que algo pertence a ele (a)? “Oh, meu irmão, isso é\_\_\_\_\_.” “Oh, minha irmã, isso é\_\_\_\_\_.”

# ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO DO TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO

## Carta 095 - Pronomes possessivos – teu/seu



- Seu
- Teu
- NR



QMS: 16,17  
Contextos de ocorrência do fenômeno: *de quem é esse objeto ?*

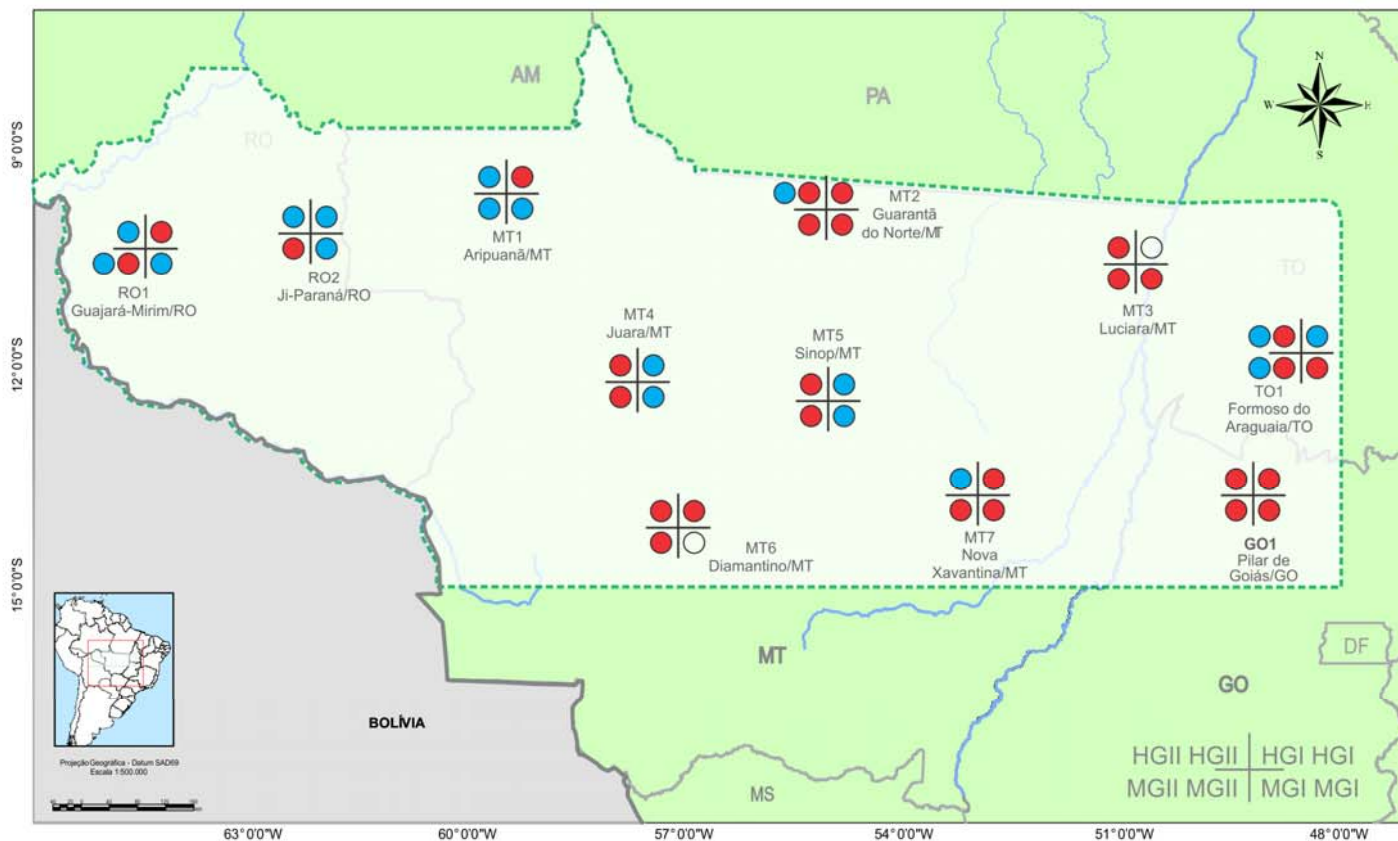
**Carta 096**

**18 – MENOS / MENAS :**

Paulo tem muita força e Luís pouca força. Podemos dizer: Paulo tem mais força do que Luís. Pelo contrário, tem \_\_\_\_ força que Paulo.

# ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO DO TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO

## Carta 096 - Pronomes indefinidos – menos/menas



QMS: 18

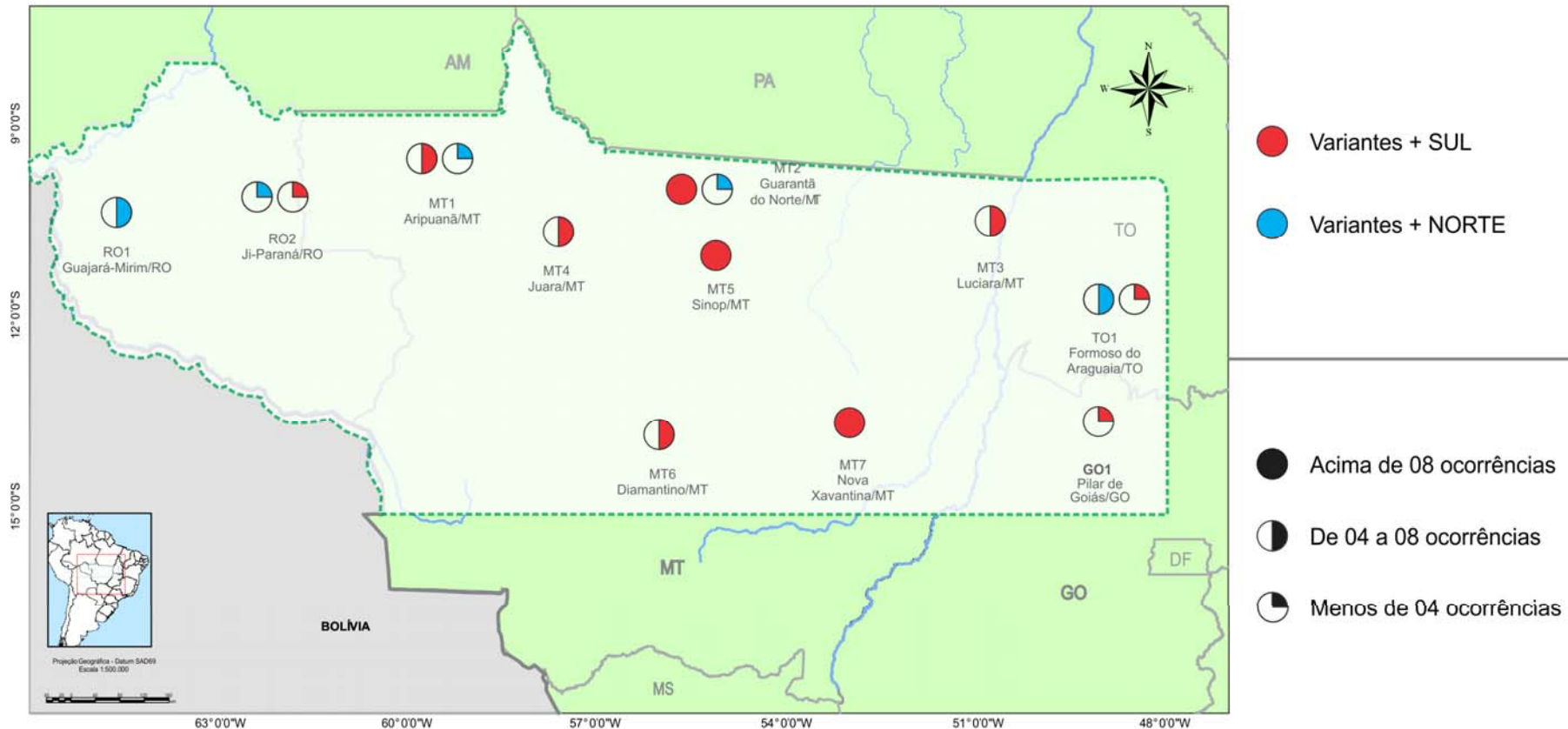
Contextos de ocorrência do fenômeno: *paulo tem mais força do que Luis que tem \_\_\_\_\_ força do que Paulo*

## Carta 097

- 1- **TERRENO** - Onde se constrói uma casa? (o que é preciso para construir uma casa?)
- 3- **TELEVISÃO** ...Aquele aparelho onde se pode ver novela, jogo, programas...?
- 7- **TORNEIRA** ...aquilo que se abre quando se quer lavar as mãos numa pia?
- 12- **FERVENDO** Quando a água da panela está bem quente, cheia de bolhinhas, como é que se diz que ela está?
- 13- **SAL** O que é preciso colocar na carne para temperar?
- 14- **TOMATE** Aquilo vermelho que vende na feira, que se faz salada ou que se usa para preparar o molho do macarrão?
- 18- **ROSA** ...aquela flor bonita, cheirosa, que é presa num talo com espinhos?
- 24- **RATO** ...o bichinho que o gato caça?
- 26- **REMANDO** Quando se faz assim (*mímica*) numa canoa, numa embarcação, está se fazendo o quê?
- 29- **SOL** ...aquilo que brilha no céu, de dia?
- 41- **PERNAMBUCANO** Quem nasce no Rio de Janeiro é carioca. E quem nasce em Pernambuco?
- 42- **CORREIO** Quando se quer mandar uma carta de uma cidade para outra, como é que se faz?
- 46- **PROCISSÃO** Nas festas de igreja, que nome tem a caminhada que o povo faz, levando uma imagem de um ponto a outro?
- 50- **CORAÇÃO** Qual o nome da parte do corpo que, se parar, a pessoa morre?
- 62- **PERFUME** O que é que se passa no corpo para ficar cheiroso?

# ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO DO TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO

## Carta 097 Síntese fonética - dimensão diatópica

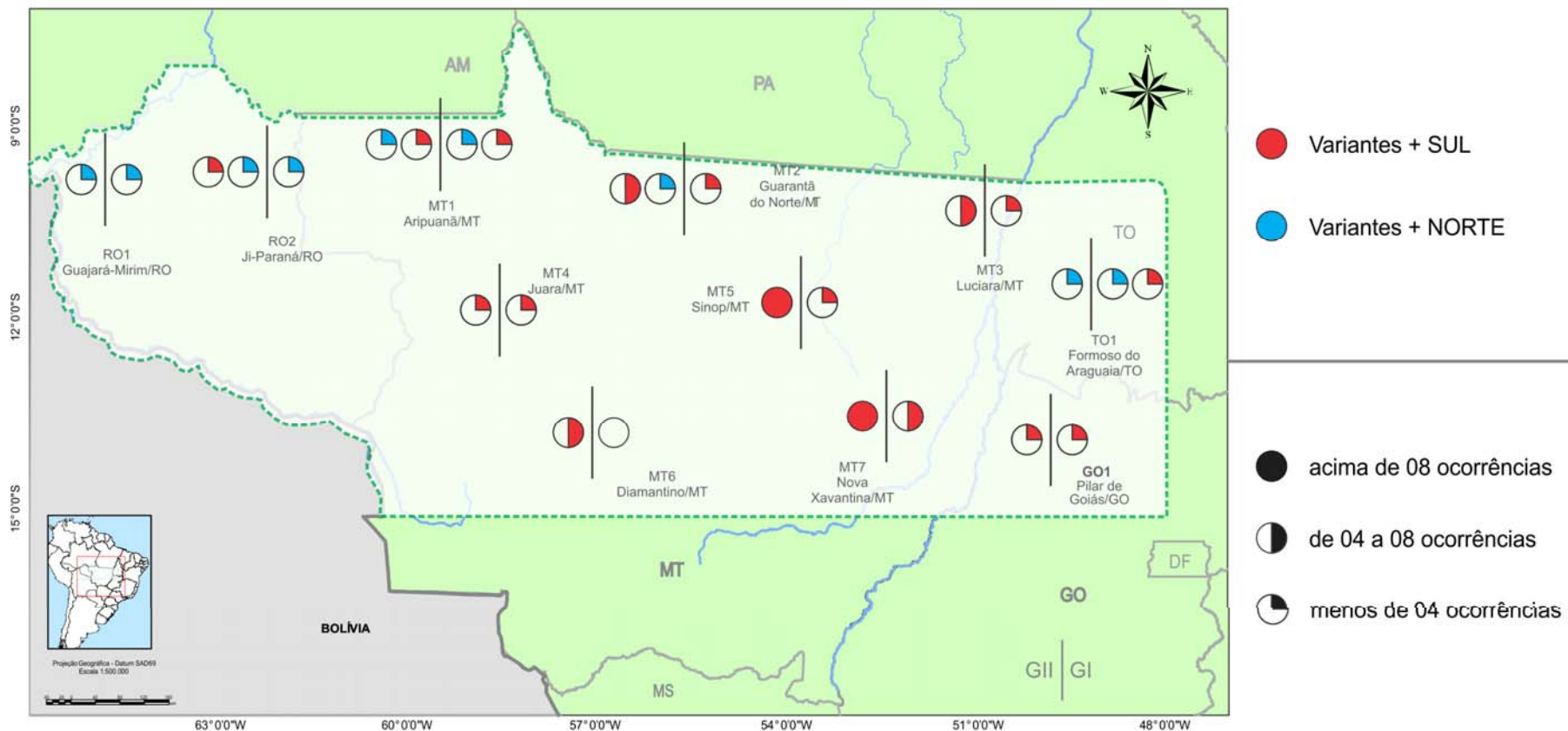


## Carta 098

- 1- **TERRENO** - Onde se constrói uma casa? (o que é preciso para construir uma casa?)
- 3- **TELEVISÃO** ...Aquele aparelho onde se pode ver novela, jogo, programas...?
- 7- **TORNEIRA** ...aquilo que se abre quando se quer lavar as mãos numa pia?
- 12- **FERVENDO** Quando a água da panela está bem quente, cheia de bolhinhas, como é que se diz que ela está?
- 13- **SAL** O que é preciso colocar na carne para temperar?
- 14- **TOMATE** Aquilo vermelho que vende na feira, que se faz salada ou que se usa para preparar o molho do macarrão?
- 18- **ROSA** ...aquela flor bonita, cheirosa, que é presa num talo com espinhos?
- 24- **RATO** ...o bichinho que o gato caça?
- 26- **REMANDO** Quando se faz assim (*mímica*) numa canoa, numa embarcação, está se fazendo o quê?
- 29- **SOL** ...aquilo que brilha no céu, de dia?
- 41- **PERNAMBUCANO** Quem nasce no Rio de Janeiro é carioca. E quem nasce em Pernambuco?
- 42- **CORREIO** Quando se quer mandar uma carta de uma cidade para outra, como é que se faz?
- 46- **PROCISSÃO** Nas festas de igreja, que nome tem a caminhada que o povo faz, levando uma imagem de um ponto a outro?
- 50- **CORAÇÃO** Qual o nome da parte do corpo que, se parar, a pessoa morre?
- 62- **PERFUME** O que é que se passa no corpo para ficar cheiroso?

# ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO DO TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO

## Carta 098 Síntese fonética - dimensão diageracional

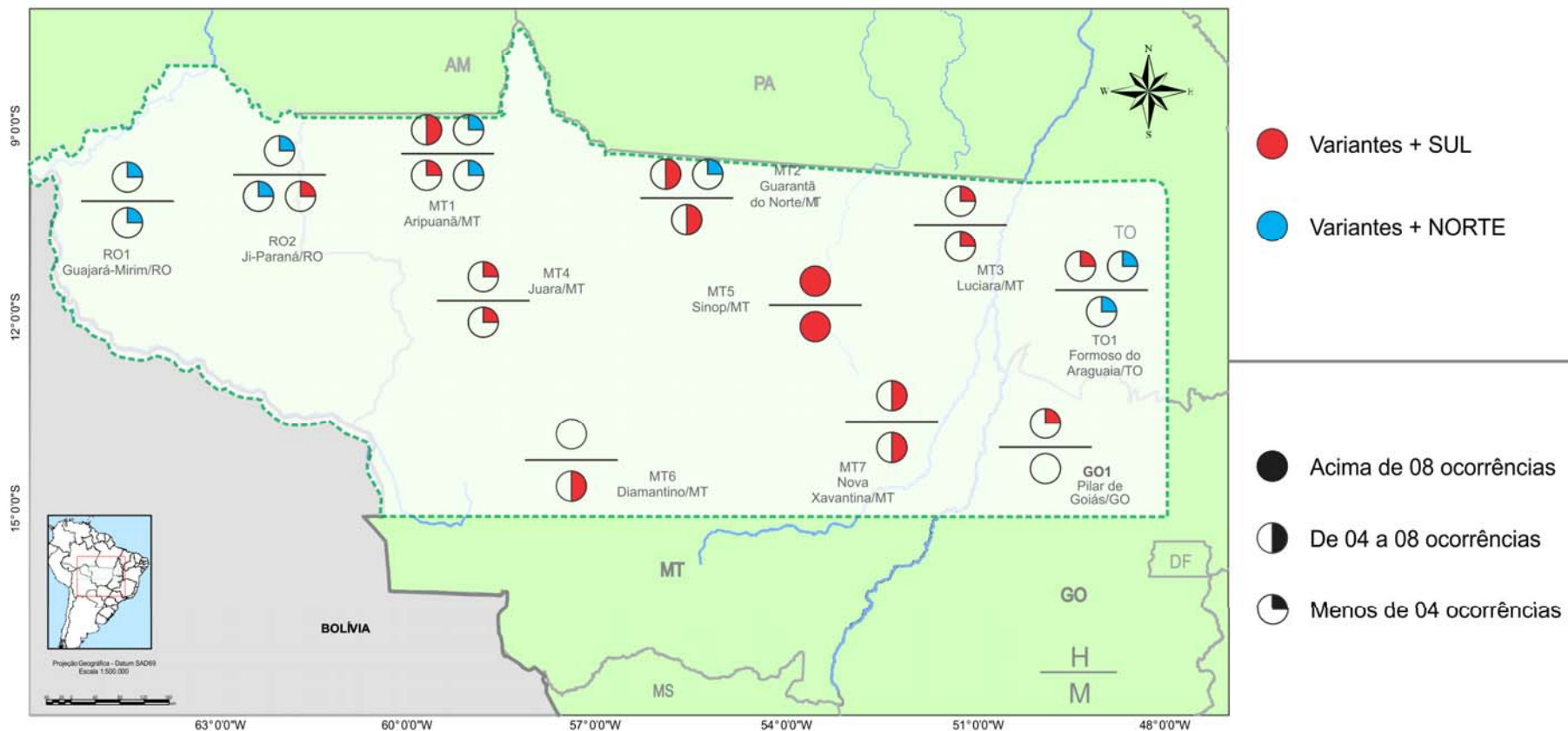


## Carta 099

- 1- **TERRENO** - Onde se constrói uma casa? (o que é preciso para construir uma casa?)
- 3- **TELEVISÃO** ...Aquele aparelho onde se pode ver novela, jogo, programas...?
- 7- **TORNEIRA** ...aquilo que se abre quando se quer lavar as mãos numa pia?
- 12- **FERVENDO** Quando a água da panela está bem quente, cheia de bolhinhas, como é que se diz que ela está?
- 13- **SAL** O que é preciso colocar na carne para temperar?
- 14- **TOMATE** Aquilo vermelho que vende na feira, que se faz salada ou que se usa para preparar o molho do macarrão?
- 18- **ROSA** ...aquela flor bonita, cheirosa, que é presa num talo com espinhos?
- 24- **RATO** ...o bichinho que o gato caça?
- 26- **REMANDO** Quando se faz assim (*mímica*) numa canoa, numa embarcação, está se fazendo o quê?
- 29- **SOL** ...aquilo que brilha no céu, de dia?
- 41- **PERNAMBUCANO** Quem nasce no Rio de Janeiro é carioca. E quem nasce em Pernambuco?
- 42- **CORREIO** Quando se quer mandar uma carta de uma cidade para outra, como é que se faz?
- 46- **PROCISSÃO** Nas festas de igreja, que nome tem a caminhada que o povo faz, levando uma imagem de um ponto a outro?
- 50- **CORAÇÃO** Qual o nome da parte do corpo que, se parar, a pessoa morre?
- 62- **PERFUME** O que é que se passa no corpo para ficar cheiroso?

# ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO DO TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO

## Carta 099 Síntese fonética - dimensão diassexual



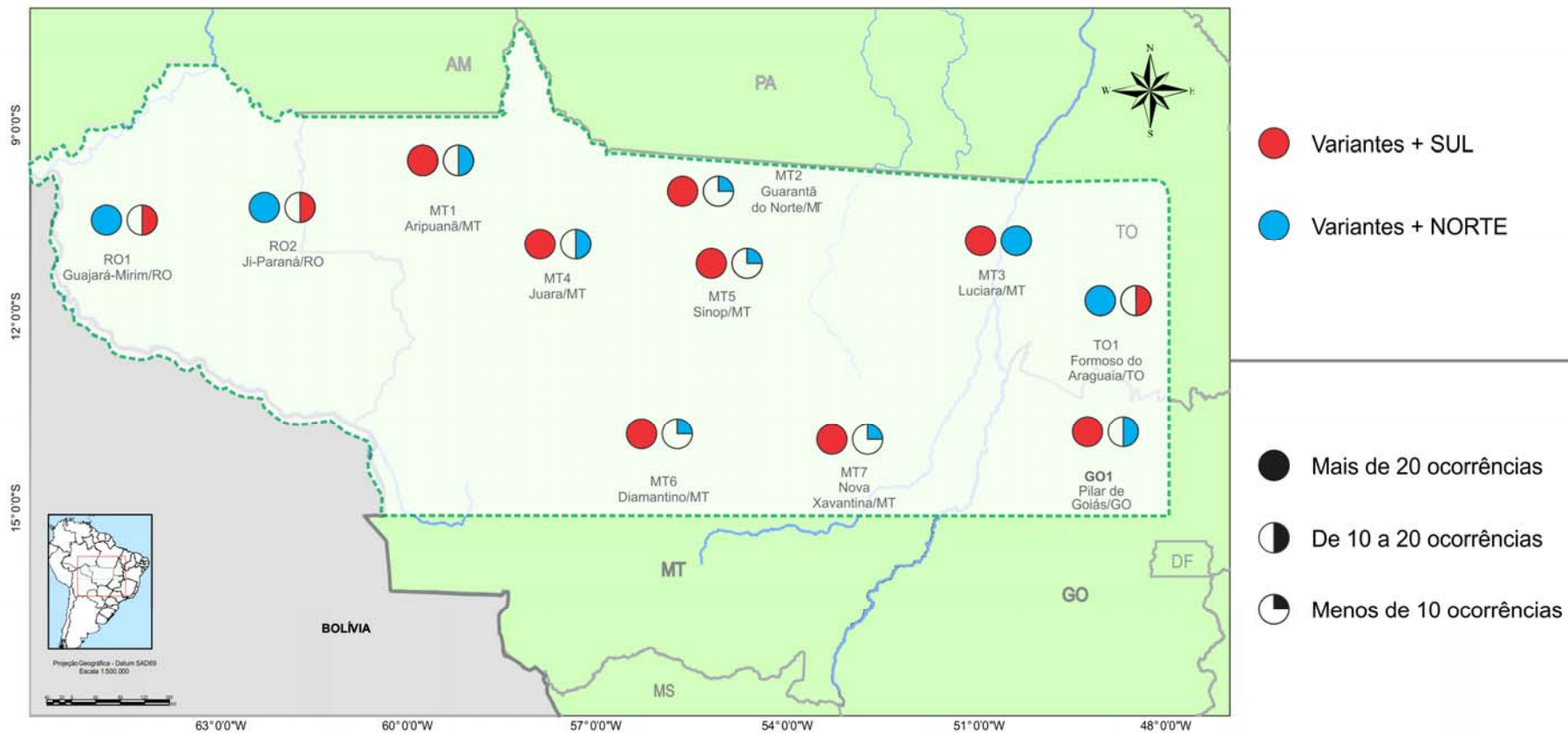
**Carta 100**

QSL	Carta	Variável	+ Norte	+Sul
1	16	Córrego/ corgo	Igarapé	Sanga
2	17	Ponte/ pinguela	Ponte	Pinguela
3	18	Temporal/tempestade	Tormenta	Temporal
4	19	Chuva de granizo	Chuva de granizo	Chuva de pedra
6	20	Garoa	Chuvisqueiro	Garoa
7	21	Orvalho/sereno	Neblina/ neve	Sereno/ orvalho
8	22	Nevoeiro/ cerração	Neblina/ neve	Sereno/ cerração
12	26	Tangerina	Tangerina	Bergamota; Mexerica
13	27	Penca	Palma	Penca
15	29	Umbigo da banana	Mangará	Umbigo
16	30	Mandioca	Macaxeira	Mandioca
19	32	Libélula	Cambito	Não há

QSL	Carta	Variável	+ Norte	+Sul
20	33	Pernilongo	Carapanã	
34	47	Calcanhar	Não há	Garrão
37	50	Menino	Não há	Guri; Piá
38	51	Menina	Não há	Guria
47	60	Cambalhota	Tiuba	Não há
48	61	Bolinha de gude	Peteca	Bolita; Burca
49	62	Estilingue	Baladeira	Bodoque
50	63	Pipa	Não há	Pandorga
58	70	Geleia	Não há	Chimia
60	72	Canjica	Não há	Munguzá
72	84	Bar	Não há	Bolicho

# ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO DO TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO

## Carta 100 Síntese lexical- dimensão diatópica



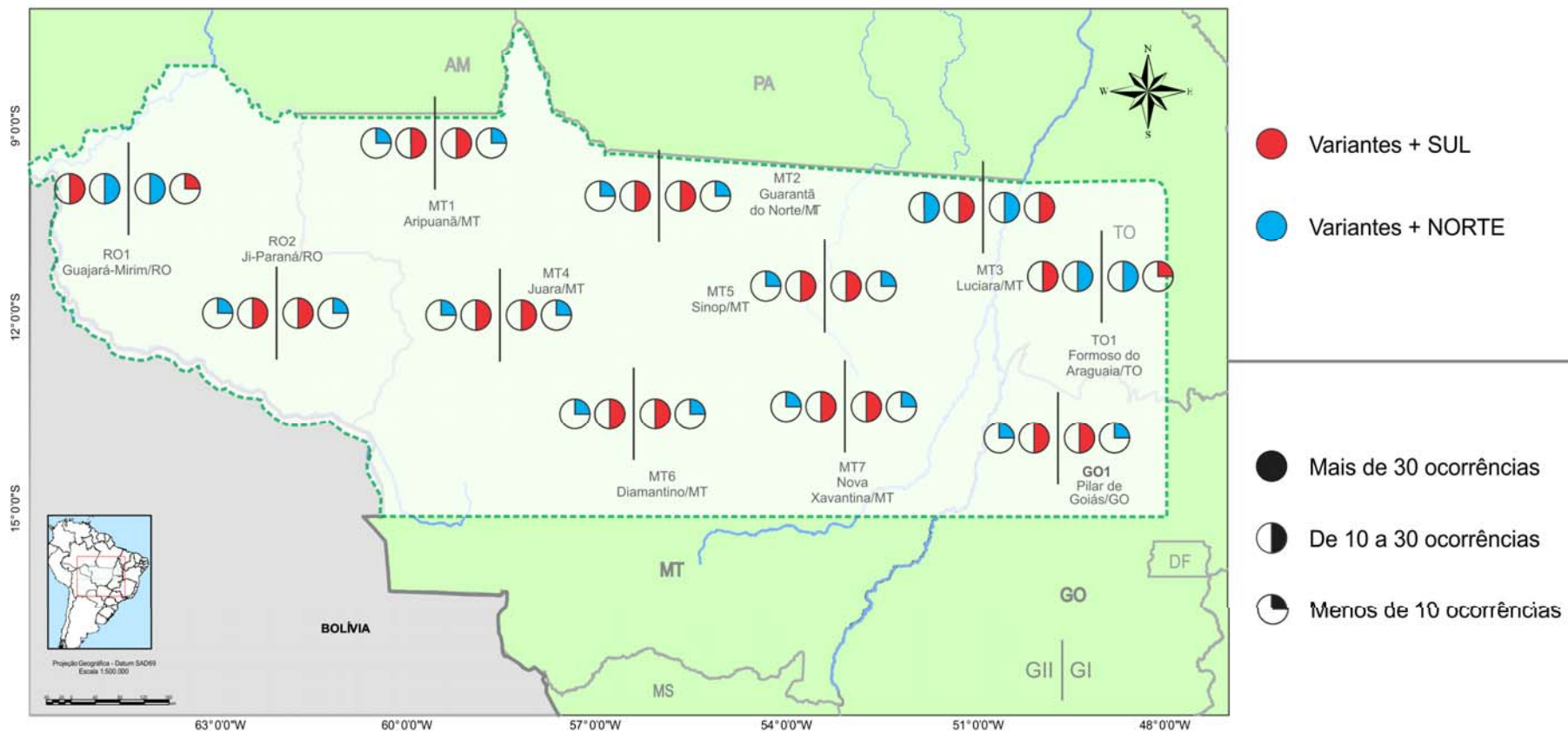
**Carta 101**

QSL	Carta	Variável	+ Norte	+Sul
1	16	Córrego/ corgo	Igarapé	Sanga
2	17	Ponte/ pinguela	Ponte	Pinguela
3	18	Temporal/tempestade	Tormenta	Temporal
4	19	Chuva de granizo	Chuva de granizo	Chuva de pedra
6	20	Garoa	Chuvisqueiro	Garoa
7	21	Orvalho/sereno	Neblina/ neve	Sereno/ orvalho
8	22	Nevoeiro/ cerração	Neblina/ neve	Sereno/ cerração
12	26	Tangerina	Tangerina	Bergamota; Mexerica
13	27	Penca	Palma	Penca
15	29	Umbigo da banana	Mangará	Umbigo
16	30	Mandioca	Macaxeira	Mandioca
19	32	Libélula	Cambito	Não há

QSL	Carta	Variável	+ Norte	+Sul
20	33	Pernilongo	Carapanã	
34	47	Calcanhar	Não há	Garrão
37	50	Menino	Não há	Guri; Piá
38	51	Menina	Não há	Guria
47	60	Cambalhota	Tiuba	Não há
48	61	Bolinha de gude	Peteca	Bolita; Burca
49	62	Estilingue	Baladeira	Bodoque
50	63	Pipa	Não há	Pandorga
58	70	Geleia	Não há	Chimia
60	72	Canjica	Não há	Munguzá
72	84	Bar	Não há	Bolicho

# ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO DO TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO

## Carta 101 Síntese lexical - dimensão diageracional



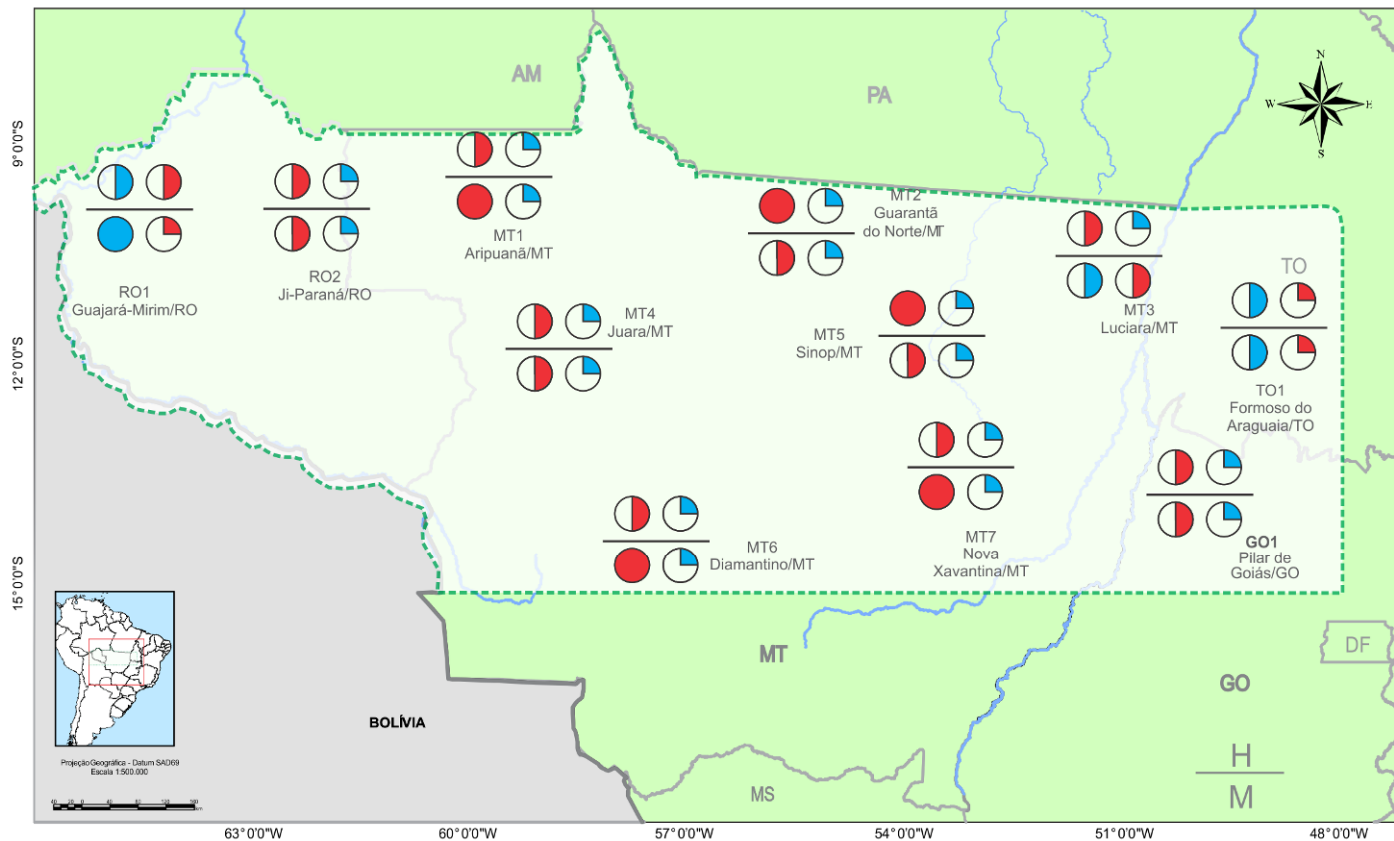
**Carta 102**

QSL	Carta	Variável	+ Norte	+Sul
1	16	Córrego/ corgo	Igarapé	Sanga
2	17	Ponte/ pinguela	Ponte	Pinguela
3	18	Temporal/tempestade	Tormenta	Temporal
4	19	Chuva de granizo	Chuva de granizo	Chuva de pedra
6	20	Garoa	Chuvisqueiro	Garoa
7	21	Orvalho/sereno	Neblina/ neve	Sereno/ orvalho
8	22	Nevoeiro/ cerração	Neblina/ neve	Sereno/ cerração
12	26	Tangerina	Tangerina	Bergamota; Mexerica
13	27	Penca	Palma	Penca
15	29	Umbigo da banana	Mangará	Umbigo
16	30	Mandioca	Macaxeira	Mandioca
19	32	Libélula	Cambito	Não há

QSL	Carta	Variável	+ Norte	+Sul
20	33	Pernilongo	Carapanã	
34	47	Calcanhar	Não há	Garrão
37	50	Menino	Não há	Guri; Piá
38	51	Menina	Não há	Guria
47	60	Cambalhota	Tiuba	Não há
48	61	Bolinha de gude	Peteca	Bolita; Burca
49	62	Estilingue	Baladeira	Bodoque
50	63	Pipa	Não há	Pandorga
58	70	Geleia	Não há	Chimia
60	72	Canjica	Não há	Munguzá
72	84	Bar	Não há	Bolicho

# ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO DO TERRITÓRIO INCARACTERÍSTICO

## Carta 102 Síntese lexical - dimensão diassexual



- Variantes + SUL
- Variantes + NORTE
- Mais de 30 ocorrências
- De 10 a 30 ocorrências
- Menos de 10 ocorrências

